

Camila Nascimento Silva



VOCÊ TEM MEIA HORA

SUBtítulo



VOCÊ TEM MEIA HORA

Copyright 2011 by Camila Nascimento Silva

ISBN – 978-85-8045-102-3

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do autor,
proprietário do Direito Autoral.

Proibida a venda ou reprodução parcial ou total sem autorização.

Diagramação e Editoração

Cris Cequeira

Capa

Crist Cerqueira

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, minha maior crítica, pelas lições de perseverança (se eu não aprendi, a culpa foi minha e não dela). Ao meu pai por me ensinar desde cedo o valor de uma piada, pois a vida só faz sentido quando a gente se diverte com ela.

Ao Vitor pela compreensão.

À minha querida amiga Lorena Gonçalves, por ter contado há quatro anos a estória que nunca mais me saiu da cabeça.

Ao meu amigo português, o comissário de bordo Diogo Ortega, pela imensa generosidade em orientar-me e fornecer esclarecimentos técnicos sobre sua profissão e a rotina nos ares.

À minha “irmiga” e companheira de jornada Ana Paula Mota pelo apoio e contribuição com detalhes sobre o Oriente Médio (não consigo imaginar minha vida sem você, querida!).

Obrigada a Feefee Ramone por dividir comigo todos os detalhes sobre a Austrália, australianos, footy e o estilo de vida em Sunshine Coast.

Obrigada também a Betty Martins, Marcia Vargas, Bianca Lupoli, Fabiana Reis, Carolina Krause e Mariana Blaser que me nortearam durante o processo criativo, lendo os capítulos e opinando sobre personagens e conflitos a medida que eu os escrevia.

Mas estes agradecimentos jamais estariam completos se eu não mencionasse os meus queridos companheiros do British Museum que tanto me inspiram, incentivam e ajudam a procurar os rascunhos, cadernos e pen drives que eu nunca sei onde botei, especialmente Ania Guioto, que lê (e compreende) meu livro sem nem falar português, Roberto Saas, pela seção de fotos, Cynthia Munhoz pelo incentivo,

*Joerg Elle Brunsendorf, pelos detalhes da (animada) vida gay
em Londres e Jabbar Madni, pelo ponto de vista masculino
sempre irresistivelmente sagaz.
A Grazielle Cler, Julia Calvão e NaraVidal pelo suporte
técnico e inesgotável aconselhamento.
A Cristiane Cerqueira que abraçou minha ideia e fez tudo
virar realidade.
E, finalmente, a todos os comissários de bordo que abordei
pelos voos da vida e que tão solícitamente responderam
minhas perguntas com entusiasmo e paixão, atribuindo assim
muito mais credibilidade à minha pesquisa.*

VOCÊ TEM MEIA HORA

POR

CAMILA NASCIMENTO SILVA

PRÓLOGO

Quando o avião aterrisso, o cansaço me vencia e a ansiedade jorrava litros de adrenalina na minha corrente sanguínea. Fim de ano era sempre a mesma coisa: Mais voos, aeroportos lotados, promoção das companhias aéreas, passageiros surtando e, conseqüentemente, muito mais trabalho. Eu vinha no ritmo frenético de uma rota de voos internacionais, nos quais pernoitara em Caracas, Bogotá e La Paz. Como de praxe, dormia uma média de três horas por noite e nessas raríssimas oportunidades acordava sobressaltada com pesadelos que envolviam uma forte turbulência e um trolley desgovernado pelo corredor, espalhando o pânico entre os passageiros.

Embora exausta e sob pressão, eu estava consciente o suficiente para saber que estava surtando. Começava a considerar com simpatia a hipótese de virar anoréxica a encarar mais um pãozinho com manteiga. Tudo o que eu queria era chegar em casa e ver Arthur e, convenhamos, depois de um ritmo de trabalho intenso, uma noite de réveillon fabulosa era o mínimo que eu merecia, não?

Veja bem, eu não estava reclamando por estar trabalhando em pleno 31 de dezembro. Muito menos da minha profissão que, aliás, eu adorava.

Desde os treze anos eu queria ser comissária de voo, – ou aeromoça, como dizia à época – mas naquele tempo eu achava que comissárias de voo eram apenas mulheres lindíssimas e podres

de chique, que falavam várias línguas e conheciam o mundo inteiro (eu não sabia que, na verdade, conhecia-se apenas aeroportos do mundo inteiro e que no pacote ia de brinde uma insônia crônica e uma grande, enorme, imensa, gigantesca dificuldade de se relacionar com homens que não fossem também comissários ou pilotos)

Porém devo confessar que minha gana pela aviação estava muito relacionada à independência com que a carreira me acenava. É que eu passei a adolescência toda desejando ser adulta e aos dezessete anos, quando finalmente terminei o segundo grau, tudo o que eu mais queria era ser dona do meu nariz. Tinha tanta vontade de ser dona do meu próprio nariz que recusava veementemente a hipótese de passar cinco anos enterrada numa faculdade para só então arranjar um emprego e só então virar adulta e só então...

Deus me livre!

Até o dia que descobri que nem toda moça podia ser aeromoça. Foi Mariana quem me alertou. Para mim não foi surpresa alguma.

- É claro que não! – respondi do alto da sabedoria adolescente. – Tem que falar inglês fluentemente também!

A língua inglesa jamais seria uma pedra no meu caminho. Inclusive, eu já tinha pensado nesse detalhe e as contas fechavam perfeitamente. Daria tempo suficiente para terminar o cursinho de inglês antes de começar a voar.

- Não, Bia, não basta falar inglês não. – Mariana explicou-me – Para ser aeromoça tem que ser alta.

Foi um balde de água fria nos meus 1,53m de altura.

Aos treze anos nada é cem por cento garantido em relação ao corpo que teremos aos vinte, mas o fato é que eu era a mais baixinha da classe. Ninguém poderia afirmar se eu seria gordinha, magrinha, peituda ou bunduda, mas uma coisa era certa: Eu não ia crescer muito mais que aquilo. Não ia mesmo.

Fiquei paranoica.

Aos treze anos já era completamente escrava dos padrões de aparência. Comecei a fazer seções de alongamento, usar ombreiras, saltos e listras verticais. Iniciei um ritual diário: Todas as manhãs ia até a porta do quarto me medir, fazendo um risquinho na madeira. Havia todo um sistema de acompanhamento mensal, com estimativas anuais que visavam calcular minha altura aos dezoito, aos dezenove e aos vinte anos, quando então imaginava começar a voar.

Com muita emoção me vi chegar aos 1,56, 1,57, 1,58 e então estacionar nos 1,59 aos dezoito. Crescer, fisicamente falando, era a meta da minha vida. Mas eu precisava pelo menos atingir os 1,63m para poder arredondar e preencher 1,65m nos formulários.

Porém, depois dos dezoito as coisas ficaram mais lentas e nem mesmo as seções de alongamento funcionavam.

Só me restou apelar para Deus. Então, antes de dormir eu rezava: "Meu querido Deus, conceda-me milagrosamente mais quatro centímetros! Tenha misericórdia da minha altura e faça com que até o dia da prova da ANAC eu esteja medindo 1,63m de altura. Amém."

A verdade nua e crua, entretanto, veio numa tarde de domingo assistindo ao programa do Gugu. Um ortopedista, convidado para falar sobre a nova linha dos tênis Kichute, afirmou que

a fase de crescimento – lamentavelmente – encerrava-se aos dezoito.

Foi a maior decepção da minha adolescência. Muito mais traumatizante do que ter perdido o show do Guns`and Roses no Rock in Rio 91.

Chorei copiosamente por uma semana até que, enfim, aceitei os fatos.

Não havia mais nada a fazer a não ser recorrer à cartada final: O salto alto.

Quando digo “salto alto” não estou aqui me referindo ao salto tradicional. Já estava tão na cara que eu era baixinha, usar sapatos de salto só ajudariam a reforçar a ideia de que eu tentava parecer alta. Eu não queria assumir meu tamanho. Eu queria realmente ser alta. Ou pelo menos enganar bem.

Portanto, pelo termo “salto alto” refiro-me na verdade a um sistema muito sofisticado, totalmente desenvolvido por mim, o qual me fazia parecer quatro centímetros maior, mesmo usando um All Star branco cano curto.

Eu explico.

Basicamente, o sistema consistia em amassar uma pequena pilha de guardanapos até formar uma maçaroca de uns três ou quatro dedos e então acoplá-la dentro do tênis, debaixo do calcanhar. Bem, não há como negar que esse método era extremamente dolorido. Eu desconfiava, inclusive, que no futuro teria sérias complicações na coluna, mas a sensação de ter 1,63m de altura compensava o sacrifício. De longe, qualquer um podia jurar que aquela era realmente a minha altura e eu ainda parecia – apenas parecia! – super confortável.

Assim, resolvido o impasse com as minhas medidas, fui atrás do sonho de ser comissária de voo. Enquanto os meus amigos entraram para o cursinho, eu enfiava a cara nas apostilas de aviação. Enquanto todos prestavam vestibular, eu fazia a prova da ANAC. E quando todos, finalmente, passaram para alguma faculdade eu recebia o meu primeiro salário que, mesmo não sendo lá grandes coisas, pagava o aluguel do meu conjugado no Flamengo e as noitadas de porre no Arco do Teles. Exatamente a vida adulta que tanto sonhei!

Sim, porque por mais incrível que pareça, as aeromoças também tomam porres.

Aliás, elas realmente existem fora dos aviões!

Muito embora, essa minha estória começa dentro de um.

1.

Entre por esta porta agora

E diga que me adora,

Você tem meia hora

Para mudar a minha vida...

Todos os passageiros já haviam desembarcado e eu cantarolava na galley, preparando-me para deixar a aeronave. Adorava véspera de ano novo! Me identificava muito com o clima de

renovação que antecedia a virada. Além disso, eu tinha uma razão especial para estar empolgada: As férias! Há dois anos eu sequer pronunciava esta palavra e agora finalmente teria vinte dias para não fazer nada. Vinte dias sem despertador, aviões, turbulências, malas, hotéis e uniformes só para mim e Arthur.

Desde que começamos o namoro, três anos antes, tentávamos tirar férias na mesma época, mas na véspera sempre entrava um caso milionário no escritório dele ou rolava uma mudança na minha rota, de modo que nunca conseguíamos um tempo só para gente. Dessa vez, então, marcamos as férias com um ano de antecedência e juramos não mudar os planos nem se ganhássemos na loteria.

Havíamos resolvido ficar em casa mesmo, – a última coisa que aeromoças querem fazer nas férias é viajar. De avião então, nem morta! – sem a loucura da rotina. Só nos dois.

- Eu gosto dessa música... – Mariana interrompeu meus pensamentos, enquanto eu terminava de preencher o relatório de checagem da aeronave.

Não me lembro se sorri ou se só balancei a cabeça, mas fiz um gesto assim bem automático. Estava louca para dar o fora dali e me jogar na noite de réveillon com Arthur.

A última vez que falara com ele fora dois dias antes no aeroporto de Bogotá. Ele não quis me contar o que havia planejado para nossa noite de ano novo e eu desconfiei que estivesse preparando uma surpresa ou algo assim.

- Escreve para mim? – lançou Mariana com uma calma, totalmente fora de contexto para um final de expediente em pleno trinta e um de dezembro.

- Tá bom. – respondi apressada, assinando o relatório e pegando minha Balenciaga, sabiamente adquirida numa liquidação na Recoleta, durante a última rota em Buenos Aires – eu te mando por e-mail, ok?

- Não, não... Escreve agora! – insistiu empolgada, bloqueando a minha passagem.

Mariana tinha cada uma... Embora fôssemos melhores amigas, as vezes sua falta de noção me intrigava.

- Fica sendo o meu presente de ano novo! – ela tentou me convencer.

- Ninguém dá presente no ano novo, Mariana. – tirei o braço dela do meio do caminho e segui pelo corredor – E mesmo que dessem, sua cota de presentes estourou no Natal. Ou você acha que foi fácil conseguir um perfume que a Chanel só vai lançar ano que vem?

- Eu te dei outras opções! – ela defendeu-se, vindo na minha cola – O que eu posso fazer se você foi na mais difícil?

Todos os Natais, eu e Mariana tínhamos um ritual que com o passar do tempo, carinhosamente, apelidamos de AAA. Traduzindo: Agrado de Amiga à Amiga. Basicamente, consistia numa listinha de sugestões de presentes que uma amiga fazia chegar ao conhecimento da outra para que esta então escolhesse um item e presentearse. Vinte anos antes, quando a AAA foi implantada entre nós, as opções de agrado eram apenas lembrancinhas simples, tão simples quanto o valor de nossas mesadas: Pacotinho de figurinhas dos Menudos, saquinho de dip`nlik sabor uva, papéis de carta, fita cassete gravada com as músicas preferidas. – muito mal gravadas, por sinal – Com o tempo, naturalmente, as listas evoluíram e se sofisticaram: Carteira Prada de couro marrom com fecho dourado fosco; Loção hidratante Lancôme com filtro solar fator 30 para área dos olhos; Pó facial MAC n.4 (tem no free shop de São Paulo!!!).

– Muitas vezes, a sugestão vinha acompanhada de indicações para facilitar. – O mais interessante, entretanto, era a forma como as listinhas eram trocadas entre nós: Enfiadas na mala da outra, pregadas no armário, colocadas no talão de cheque... A única regra é que jamais fossem entregues em mãos, porque isto sim seria uma tremenda falta de educação.

- Vai, Bia, escreve logo essa música para mim! Por favor!

Mariana não me deixaria em paz assim tão fácil, pressenti.

- Não dá, não tenho caneta. – respondi, já com a bolsa no ombro e um pé fora do avião.

Então, rápida como uma flecha, ela puxou uma caneta do bolso. Antes que eu pensasse em protestar a falta do papel, ela olhou para o lado, passou a mão no primeiro guardanapo amassado que viu e me entregou, com um sorriso vitorioso. Era o desfecho mais previsível porque eu sempre acabava fazendo as vontades dela.

- Só rindo, Mariana. – achei graça, porém um pouco contrariada. – Só rindo mesmo!

Pouquíssimos momentos da minha vida não estavam direta ou indiretamente ligados à Mariana. Eu diria que nossas vidas eram vinculadas como se fôssemos realmente irmãs.

Crescemos juntas na Tijuca, estudamos no Colégio Marista e fizemos absolutamente tudo que toda menina da época fez. Nos vestimos como a Madonna, tivemos mochilas – e agendas – emborrachadas da Company, sonhamos nos casar com um dos New Kids on The Block (eu com o Joe, ela com o Jordan), achávamos o máximo frequentar boates com banho de espuma e aos quinze anos, como toda classe média que se preze, fomos enviadas à Disney numa excursão da Stella Barros com mais quarenta adolescentes feias e cheias de espinha (essa foi a primeira vez que eu pisei num avião).

Durante nossa adolescência, se alguém quisesse convidar Mariana para uma festa, era subentendido que eu ia a reboque e vice-versa. Nossas vidas eram tão misturadas que perdemos a virgindade na mesma noite. Obviamente, que com meninos diferentes.

Enfim, não tivemos a opção de não sermos melhores amigas. Ou seríamos ou seríamos. E fomos. Numa época em que a barra pesou lá em casa, passei um bom tempo na casa de Mariana. Posso dizer até que tia Clarissa, a mãe de Mariana, foi também um pouco minha mãe.

Então aconteceu que aos vinte e um anos, quando eu me preparava para fazer meu primeiro voo, Mariana tentava, pela segunda vez, o vestibular para medicina da UFRJ, o de jornalismo da UERJ e o de arquitetura da UFF. Acabou passando para moda na Veiga de Almeida. Mas cursou apenas dois períodos. Muita gente esquisita, foi o que alegou na época. Rolou ainda uma ideia sobre um concurso público para o Tribunal de Contas, mas o plano acabou não vingando quando ela descobriu que teria de estudar contabilidade no cursinho preparatório.

Assim, numa bela noite de bebedeira na Mariozin, entre margueritas e bloody maries, Mariana muito bêbada virou para mim e disparou:

- *Eu zá tô cum vintizinco e num tenho nada nezza vida... Purexemplo, nem profissaum eu tenho! Minha mãe é maisi orgulhosa di vozê duquigimim, zabia? Comequié ezza porra di zer zaeromoza mesmo, heim?*

E a partir daquele dia Mariana empenhou-se com tanto afinco que tornou-se uma de nós. Fez o curso, passou nas provas e um ano e meio depois já estava contratada. Coincidentemente, na mesma empresa que eu – foi coincidência mesmo, juro!

- Tá vendo só? Nem doeu! – disse Mariana, lendo a letra da música que eu acabara de escrever.
- Fui! – falei, desvencilhando-me dela.
- Feliz ano novo, amiga! – Mariana me puxou pela mão.
- Feliz ano novo! – nos abraçamos.
- Amo você, viu?
- Eu também.

2.

Peguei minha bagagem na esteira e cruzei o aeroporto como uma bailarina em grand jetés. Mal podia esperar para chegar em casa e, enfim, sentir que realmente estava de férias.

Sem o menor pudor, lancei um olhar fulminante para a família de japoneses que ameaçou fazer sinal para o primeiro táxi da fila.

- Botafogo, por favor. – enfiei minha bagagem na mala do carro e me atirei no banco de trás.
- Orla ou Aterro? – indagou o motorista, jogando a guimba do cigarro pela janela.
- O que for mais rápido.

Era mesmo um privilégio morar numa cidade como o Rio de Janeiro. Especialmente no ano novo quando uma atmosfera de recomeço inundava o coração das pessoas e um placar zerasse em nossas vidas. Tão bom ver as pessoas de branco, os casais de mãos dadas, as crianças correndo pela praia... Só as mulheres carregando flores que me entristecia um pouco, porque eu sabia que à meia noite todas faziam o mesmo pedido: Homens. Posso ainda apostar que todas – absolutamente todas – estavam usando calcinhas vermelhas na esperança de uma paixão arrebatadora para o novo ano. Eu ficava imaginando a coitada da Iemanjá, na manhã do dia primeiro, contabilizando centenas de barquinhas e flores, estressada com a responsabilidade de resolver a situação das encalhadas que Santo Antônio não deu conta na festa junina.

De repente, essa constatação desencadeou em mim uma sensação de alegria tão confortável que nem mesmo o engarrafamento de quarenta minutos da Voluntários da Pátria me tirou a paciência.

Eu tinha Arthur. Era feliz e sabia.

O céu já começava a escurecer, mas o dia continuava quente quando o táxi finalmente estacionou na calçada do meu prédio. Saí do carro e Firmino veio correndo me ajudar a tirar a bagagem do porta-malas.

- Só viajando, heim, Dona Bia?! – disse com admiração. – Eita, vidão!

Coitado... Se ele soubesse...

Na sequência, Firmino me deu a cobertura completa dos últimos acontecimentos do “Solar Botafogo”. Eu desconfiava que se um dia perdesse o emprego, Firmino daria um ótimo paparazzo porque a velocidade com que tomava conhecimento de fatos íntimos da vida alheia era de dar inveja a qualquer estudante de jornalismo.

Assim, do caminho entre a portaria e o elevador, fui informada de que o Dr. Jarbas do 402 teve

o nome envolvido na CPI dos precatórios, que se mudara para o prédio uma família de ciganos ricos, mas por via das dúvidas era melhor não descuidar, que o 703 estava com um vazamento terrível e, por último, que Arthur havia saído com o “rapaz do cabelo gozado”. Na certa, Diogo que realmente abusava das propriedades modeladoras do gel.

- Obrigada pela ajuda, Firmino. – agradei, botando a mala no elevador – Se não nos encontrarmos novamente, feliz ano novo!

Abri a porta de casa e constatei que Firmino estava certo. Arthur de fato havia saído. No entanto, não achei isso ruim, pois era muito mais agradável me arrumar tranquilamente, sem alguém gritando que eu só tinha cinco minutos. Peguei um copo de água na geladeira, chequei os recados na secretária eletrônica e fui para o chuveiro concentrando-me nas promessas de ano novo. Quem sabe aquele não seria o ano do meu casamento? (Por “casamento” entenda-se a festa e o vestido porque eu já me sentia uma mulher casada. Podia ser bobagem minha, mas eu era esse tipo de mulher romântica e tola que gosta de celebrações.)

Enquanto fazia mil planos e me besuntava em óleos aromáticos, ouvi o barulho da chave na porta. Era ele! Meu coração deu duas cambalhotas.

Desliguei o chuveiro correndo, enrolei o cabelo na toalha, vesti o roupão e na pressa quase me esborrachei no piso do banheiro.

Apontei no corredor e ali, encostado na mesa de jantar, estava Arthur com as mãos no bolso da calça jeans e algo nas costas que só tempos depois, ao reconstituir a cena pela milionésima vez, percebi que vinha a ser uma mochila. Tinha no rosto uma expressão diferente, algo que não consegui identificar de pronto. Fiz menção de me aproximar, mas parei no meio do caminho. Por alguma razão não consegui dizer nada e a tensão que imediatamente impregnou o ambiente denunciou algo de estranho no ar.

O meu silêncio foi exatamente a deixa que ele precisava para começar o monólogo.

- Estou indo embora. – disse Arthur à queima roupa.

A informação me atingiu como um soco do Mike Tyson. Tão atônita, não consegui sequer coordenar os pensamentos com habilidade suficiente para montar uma frase. Ele prosseguiu:

- Caramba, Bia! Estou péssimo! – desabafou, parecendo arrasado – Juro que não queria estar aqui te falando isso, mas é que... – ele desviou o olhar, baixou a cabeça, tomou coragem e continuou, - mas é que não dá mais para continuar desse jeito.

Que jeito?, perguntei a mim mesma. Até onde eu sabia não havia absolutamente nada de errado com o jeito que vivíamos e se houvesse algo tão anormal assim seria impossível eu não ter percebido antes, não?

- Talvez você não consiga entender agora, mas vai ser melhor para nós dois. – disse Arthur com ar sombrio – Você pode ficar aqui pelo tempo que quiser. Depois a gente vê o que faz com esse apartamento. Vende, aluga, sei lá...

Do que ele estava falando? Fazer o quê com que apartamento?, me questionei perplexa, se realmente era trinta e um de dezembro ou primeiro de abril porque pela lei natural das coisas, deveríamos estar mortos de saudade um do outro, nos beijando desesperadamente, para então no instante seguinte decidirmos, entre milhões de opções, que festa teria a honra da presença de um casal tão bacana quanto nós.

Diferente disso, Arthur estava ali com uma conversa torta sobre me deixar e vender o apartamento.

- Mas o que foi que aconteceu? – se algo muito grave não estivesse por trás daquela loucura, eu ia acordar a qualquer momento e perceber que tudo não passara de um sonho. Um pesadelo, na verdade.

Arthur, entretanto, não disse nada. Deu três passos em direção à porta, me fazendo entender que o silêncio era a minha resposta. Ou eu fazia algo naquele instante ou o perderia para sempre.

Apelei e não deu para esconder o desespero. Atirei-me sobre ele e segurei seu rosto com força, suplicando por um olhar, uma palavra ou as duas coisas, de preferência. Eu tinha esperança de que isso prolongasse sua permanência junto a mim.

Ele, porém, manteve-se rígido, olhando para o teto, para o pé, para a televisão, para o teto de novo, para todos os cantos. Menos para os meus olhos, como se não pudesse me ver.

- Arthur, pelo amor de Deus, fala para mim o que houve! – implorei.

Mas ele encolheu os ombros e não reagiu.

- Não foi nada. – disse, esquivando-se – Simplesmente percebi que não era mais feliz... – ele buscou um pouco de ar para concluir – com você.

Outro soco do Mike Tyson. Caí na lona e o juiz começou a contagem. No quatro levantei cambaleante.

- Então você não me ama mais? – fiquei surpresa com a minha coragem ao fazer a pergunta.

- Amo, mas de outro jeito.

Nocaute.

A força da sinceridade dele era tão desconcertante, quase humilhante. O máximo que consegui fazer foi ficar inerte.

Embora aquilo fosse tecnicamente um diálogo, eu não tinha muita compreensão do que falávamos. De tão absurdo, era impossível. Sei lá porque, eu estava convencida de que terminada a conversa, ele iria tomar banho, eu botaria o vestido branco e nós realmente seguiríamos para alguma festa onde tomaríamos champanhe até o dia clarear, distribuindo votos de feliz ano novo a todos.

No entanto, diferente disso, Arthur se desvencilhou de mim, virou de costas e caminhou para a porta.

- Você vai me ligar?

- A gente vai continuar amigos, Bia – *“Amigos”??? Foi isso mesmo o que eu ouvi? Ele disse isso?* – Eu vou manter contato. – disse já de saída.

O tempo todo eu sabia que o perderia se ele atravessasse a porta.

E ele atravessou.

Continuei parada no meio da sala, como se fosse uma árvore presa ao chão, sem saber o que se faz quando o marido diz que está indo embora, mas que tudo bem, seremos bons amigos porque me ama, mas de outro jeito.

Finalmente alguma coisa aconteceu no meu cérebro. Uma suspeita! Fui para o nosso quarto e abri o armário dele. Suspeita confirmada. Estava vazio. Arthur já havia levado todas as coisas

dias antes, enquanto eu trabalhava.

Estávamos separados há dias e eu nem sabia.

Corri até a varanda ainda a tempo de vê-lo sair do prédio e esta foi a pior parte.

3.

A sequência de cenas que jamais se apagou da minha memória era mais ou menos assim: Arthur saindo do prédio, o carro de Diogo estacionado do outro lado da calçada, Arthur atravessando a rua, Diogo com o braço apoiado na janela e Arthur entrando no carro pela porta traseira.

Como num jogo dos sete erros, meu cérebro captou alguma inconsistência na imagem. Algo que não consegui definir de pronto, mas que estava lá em algum lugar, bem na minha cara. O que era?

Sem poder acreditar que as coisas podiam piorar, senti que a desgraça não estava completa. Foi então que o reforço de neurônios chegou e uma pergunta me ocorreu: Por que a porta traseira? Por que Arthur não se sentara no banco do carona, ao lado de Diogo?

A resposta era lógica. O banco do carona estava ocupado.

Havia uma terceira pessoa no carro e, convenhamos, uma mulher, é claro.

Antes de dar a partida, o olhar de Diogo correu os andares do prédio até encontrar o meu na varanda do 501. Num misto de deboche e compaixão, ele me sorriu um sorrisinho cínico. Eu sabia que por dentro, ele gargalhava.

Diogo era o melhor amigo de Arthur e, como ele mesmo já havia dito, não ia muito com a minha cara. Quer dizer, ele não falou assim com essas palavras (até porque comentários sinceros desse tipo só mulheres fazem), mas deixou escapar que eu abalara a amizade deles. Ora, para quem sabe ler um pinga é letra, no vocabulário feminino isso só queria dizer uma coisa: Diogo me odiava e faria qualquer coisa para me tirar de jogada. Eu não era boba e, sendo bem sincera, também não morria de amores por ele. Aliás, posso me abrir? Eu o detestava. Confesso, inclusive, já ter usado aquele mesmo sorrisinho cínico em muitas ocasiões, especialmente quando ele ia lá em casa insistir para Arthur aderir ao futebol de domingo e ele recusava porque queria passar mais tempo comigo.

Talvez, justamente por conhecer tão bem o cinismo escondido por trás daquele semblante, senti minha humilhação aumentar. Se a vida fosse um jogo, eu tinha que admitir a derrota.

O carro se foi.

Não tenho ideia de quanto tempo permaneci imóvel em estado de choque, sem saber o que pensar. Um vazio, um buraco, uma cratera, um sentimento com o qual eu não sabia lidar me invadiu. Me contorci sobre o tapete da sala, sentindo vontade de gritar, mas certamente nem isso aliviaria a minha dor. Me atormentava muito a sensação de não ter lutado e ter simplesmente permitido que ele partisse.

Meu Deus, como posso ser assim tão incompetente?, me perguntei arrasada, em plena noite de ano novo. Cogitei botar uma roupa e ir atrás dele, mas eu sequer sabia seu novo endereço.

De repente meus olhos bateram no celular sobre a mesa e instantaneamente recobrei a consciência. Eu tinha todo o direito de ligar e exigir maiores explicações, não tinha? Claro que tinha! Seria amigável e apenas perguntaria com toda a calma do mundo o que estava acontecendo. Ainda que ele me desse uma explicação sem pé nem cabeça, eu o perdoaria. Ele voltaria para casa e ficaria tudo bem outra vez.

A vizinha do bem me aconselhou a não ligar e esperar até que eu me acalmasse e tivesse condições de manter uma conversa equilibrada e racional. A vizinha do mal disse para eu ir em frente, afinal nada podia piorar o que já era péssimo.

É claro que não escutei a vizinha do bem.

O telefone tremia nas minhas mãos úmidas de suor.

Arthur vai voltar para mim, vai sim. Claro que vai! É óbvio que vai!, eu tentava me convencer, enquanto aguardava a chamada completar.

“O número que você discou está fora da área de cobertura ou desligado. Tente mais tarde. Obrigada”.

Eles deviam fazer uma seleção de vozes irritantes para escolher a voz da gravação telefônica...

Liguei mais uma vez, mais outra e mais outra e a maldita gravação não parava de me perturbar. Completamente atormentada e cega de desespero, atirei o celular contra a parede. Só me dei conta da insanidade do meu ato quando vi pedaços do meu telefone quicarem pelo piso branco. Eu havia perdido completamente o autocontrole.

Mas nem assim desisti. Vendo o celular espatifado pelo chão, recorri ao telefone da sala. Liguei uma, duas, três, quatro, cinco vezes! Depois da sexta, perdi a conta e já não sabia mais se aquela era a sétima ou a oitava tentativa. Liguei dezenas de vezes. Talvez centenas. Até que me cansei e chorei mais um pouco, encolhida no canto da sala com o som da gravação telefônica como fundo musical.

Tinha consciência de que minha atitude era prova do mais legítimo desespero, mas eu já não tinha mais parâmetros nem força de vontade. Desejei poder dormir um pouco, sair da realidade e voltar outra hora quando a poeira estivesse mais baixa.

Perambulei pela casa, remexendo gavetas e armários. Foi então que na caixinha de primeiros socorros, achei uns tranquilizantes. Na geladeira, a garrafa de vinho que sobrara do Natal.

Foi a mistura perfeita. Tão perfeita que apagou minha memória e aquele ano novo eu simplesmente não vi começar.

4.

A partir daí, o que lembro são imagens vagas e um tanto quanto desconstruídas. Lembro-me de um saco flutuante, um longo canudo e algumas vozes ao redor.

Por um segundo, achei que tivesse desencarnado. Esperei que anjinhos rechonchudos me dessem as boas-vindas, enquanto o famoso filme da vida se desenrolasse diante dos meus olhos. Porém, a cabeça latejando e o gosto de sangue na boca só podiam indicar que eu ainda não havia chegado ao céu.

Pouco a pouco, fui percebendo que as vozes eram apenas duas, uma feminina e a outra

masculina. A feminina, inclusive, pareceu-me bem familiar. Talvez, eu já tivesse ouvido antes... Mariana! Isso! A voz feminina era de Mariana.

Como quem acaba de acordar de um sono profundo, fui tomando consciência de mim e do meu corpo e então identifiquei pelo tom verde-água das paredes que eu só podia estar num hospital. *Hospital? Para tudo! Que diabos eu estava fazendo num hospital?*

Ante o meu reânimo, os dois me sorriram docemente e eu deduzi que a voz masculina fosse do Dr. Levi Gomes, segundo li no jaleco branco do senhor que conversava com Mariana. Será que eu estava doente? Fui atropelada? Tentaram me matar? O que quer que tenha acontecido, eu não tinha a menor lembrança.

Alguns segundos depois, lamentei que essa amnésia não fosse eterna, quando toda a estória de Arthur e sua mochila indo embora no banco de trás do carro de Diogo vieram a minha mente.

Dr. Levi disse a Mariana algo que não pude compreender e em seguida retirou-se, mas fosse o que fosse, ter as mãos dela para segurar me dava a sensação de que tudo estava sob controle, mesmo que isso não fosse possível na prática nem na teoria.

Pelo meu olhar, Mariana compreendeu que eu clamava por uma explicação.

- Você tá numa clínica porque não se sentiu muito bem ontem à noite – disse usando um sorriso motivador como vírgula – Mas agora tá tudo bem.

E essa clínica aceita o meu plano de saúde?, foi o primeiro pensamento que me veio à cabeça. O segundo foi: *Qual será o real significado de “não se sentiu muito bem ontem à noite”?*

Ainda faltavam muitas peças para montar o quebra-cabeça das últimas vinte e quatro horas. Mariana então prosseguiu.

- Digamos que você tenha... hum... – ela escolheu as palavras – assim, como vou dizer... hum... tomado remédios e vinho demais. Ao mesmo tempo.

Ah tá... Tudo muito mais claro!

Na verdade, enchi a cara de todo álcool e drogas manipuladas que estavam ao meu alcance e fui parar naquele hospital. Mas e ela? Como é que Mariana chegou ao meu apartamento? Eu não lembrava dela ter ido até lá... Será que eu saíra de casa?

Me ajeitei na cama dura do hospital, na tentativa de retomar as rédias do meu corpo e da minha vida. De repente me senti tão humilhada e arrasada que os detalhes já não me importavam mais. Queria apenas ficar só e chorar, queria agradecer Mariana por ser minha amiga e ter cuidado de mim.

Neste momento Dr. Levi apareceu na porta do quarto e chamou Mariana. Provavelmente me daria alta, receitaria alguns remédios e me liberaria.

Senti um calafrio percorrer a espinha só de me imaginar voltando para o apartamento vazio. E para piorar, lembrei que ainda tinha vinte dias de férias pela frente.

Mariana retornou e a animação em seu rosto não deixou dúvida.

- O médico disse que você já está liberada. – eu estava certa, o que era péssimo – Anda, levanta e vamos embora!

- Mariana... – chamei-a – É que... eu não sei se estou a fim de ir embora.

- Ah, essa é boa! – Mariana jogou a cabeça para trás, numa risada teatral e, desconsiderando totalmente a minha vontade, continuou recolhendo nossos pertences espalhados pelo quarto.

- É sério. Acho que eu queria ficar mais um pouco. – pedi humildemente.
- Bia, isso aqui é um hospital, não um hotel.
- Eu sei, mas talvez fosse melhor que eu ficasse um pouco mais para me recuperar completamente, entende? – tentei convencê-la.
- O doutor falou que você tá ótima. Pronta para outra. – ela nem olhava para mim.
- Mas é que...
- Você não vai ficar aqui nem mais um minuto, Bia. Aliás, pode levantando! – disse batendo palminhas feito uma dona de casa suburbana.

Em outra situação talvez eu fizesse valer minha opinião, mas naquele contexto eu me sentia derrotada demais. Apenas limitei-me a obedecê-la, arrastei meu corpo até o banheiro e tomei um susto ao me olhar no espelho. Sabe aquelas fotos de antes e depois? Pois é, eu era o antes, só que bem pior. Mas também podia ser aquele jaleco ridículo e mal acabado que até então eu só havia vestido em consultas ginecológicas. Aliás, os estilistas deviam dar umas dicas para as costureiras que confeccionam esses jalecos porque sinceramente...

Quando enfim deixei o banheiro, Mariana me esperava sentada na beirada da cama, com sua bolsa no ombro e a minha nas mãos.

- Pronta? – perguntou-me, sorridente.
- Não sei... – ainda me restava uma última esperança.
- Ótimo – e arrastada pelo braço, saí de cabeça baixa, pois queria evitar qualquer tipo de contato humano. Principalmente com as enfermeiras que deviam estar pau da vida por eu ter atrapalhado os comes e bebes do plantão de réveillon.

Mariana não me fez pergunta alguma. Jamais faria. Fomos no carro completamente mudas, até que no Flamengo não aguentei o silêncio sepulcral e lancei:

- Como foi que você chegou lá em casa ontem?
 - Arthur me ligou. – a naturalidade com que ela me respondeu contrastou com a minha expressão perplexa.
 - Arthur? – quis me certificar de que falávamos da mesma pessoa.
 - Sim. – ela afirmou, no exato momento em que paramos num sinal vermelho.
- Meu Deus, o que era aquilo? Uma charada? Um enigma? Eu tentara tanto falar com ele na véspera. Como foi que Mariana conseguiu? Porque haveria ele de ligar para ela? Eu nem sabia que eles tinham o número um do outro.
- Te ligou? Mas te ligou como? Onde é que ele estava? – perguntei aflita.
 - Onde ele estava não sei. Ele só me disse que vocês tinham terminado e...
 - Vocês não, ELE terminou. – interrompi só para esclarecer. – Mas continua.
 - Ah... Foi basicamente isso. – ela disse, sem dar muita importância.
 - Como assim “basicamente isso”? – questionei levemente irritada com a evasiva.

Mariana não topava muito com Arthur e a recíproca era totalmente verdadeira. Foi antipatia a primeira vista e só Deus sabe o quanto me esforcei para reverter esse cenário, porque não havia nada pior que o meu namorado e minha melhor amiga trocando farpas. Era deprimente. Lancei mão de todas as estratégias possíveis e imagináveis para aproximá-los. Inventei comentários

que jamais houveram do tipo “Mariana te acha o máximo, Arthur!” ou “Arthur disse que faz questão da sua presença no sábado, Mari.” Lutei incansavelmente para que eles, se não fossem amigos, pelo menos não rosnassem toda vez que se vissem, mas foi em vão. Desisti. Percebi que eu era impotente contra a vontade deles de se odiarem.

Suspeitei então que catucara a onça com vara curta. Havia dado a oportunidade dela extravasar e meter o malho em Arthur.

Putz, não era isso o que eu queria...

- Tudo bem. Vou ser mais clara então. – reconheci o tom ameaçador e me arrependi amargamente de não ter engolido o “basicamente isso” – Arthur me ligou ontem completamente bêbado e pela variedade de gritinhos femininos que ouvi ao fundo, arrisco dizer que ele estava numa orgia. Ele disse que vocês não estavam mais juntos e que você estava surtando, desculpa, mas foi exatamente a expressão que ele usou. Falou também que já não tinha mais nada para conversar, mas mesmo assim você estava ligando para o celular dele feito uma louca. Então ele disse que lavava as mãos e não se responsabilizava por nada que você viesse a fazer no auge da sua crise, mas que se eu quisesse ir te ver, era só pegar a chave do apartamento com o porteiro. Foi o que fiz. Tentei te ligar, mas você não atendeu. Então saí da festa que eu estava, fui até o seu prédio, peguei a chave com o Firmino e quando te encontrei desacordada, te levei para a clínica. Satisfeita?

Ouvi tudo em silêncio e apenas me ative ao esforço de equilibrar uma lágrima no canto do olho. Eu não queria chorar perto de Mariana. Não por vergonha, mas por saber que no meu lugar ela não choraria. Talvez ela tivesse razão e no dia que Arthur voltasse, eu perceberia que havia desperdiçado lágrimas à toa.

O problema é que eu não conseguia reconhecer Arthur, ele só podia ter se transformado em outra pessoa, sei lá. Não era possível que além do amor ele também perdesse por mim todo o respeito e consideração.

Me senti péssima, mais sem valor que uma moeda de um cruzeiro.

- Desculpa, Bia. – ela se arrependeu de ter sido tão sincera – Eu não devia ter falado assim.

- Sem problemas. – engoli o choro, um tanto quanto ressentida – Você não é casada, não tem mesmo como dimensionar o rombo que isso representa. – provoquei, ciente de que estava sendo desagradável.

- Nem você é casada, Bia.

- Sou sim!

- Não, não é.

- Claro que sou, Mariana! – rebati indignada – O que é isso aqui no meu dedo então? – aponte para minha aliança.

- O seu estado civil, assim como o meu, é solteira. E você devia dar graças a Deus, porque se casar com Arthur teria sido um grande erro.

Nesse momento, Mariana estacionou na porta do meu prédio.

- Para mim eu sou casada e é o que importa, ok? – declarei, soltando o cinto de segurança.

- O problema é esse, Bia. – ela rebateu – Esse casamento só existia para você.

Então, um fio de bom senso me ocorreu e eu botei um ponto final no bate-boca.

- Obrigada por tudo. – agradei seca, pegando minha bolsa no banco de trás. – Até mais.

- Espera! – Mariana respirou fundo, jogou a cabeça para trás e em cinco segundos voltou-se para mim com um olhar terno e compreensivo, daqueles que dá vontade de voar no pescoço da criatura. – Você quer que eu suba e fique um pouco com você?

- Imagina! – recusei, chateada e irônica – Já te dei trabalho demais esse ano. – saí do carro batendo a porta.

- Deixe de ser boba, Bia! – ela curvou-se na direção da janela do carona, falando comigo já na calçada. – Só não fico se você realmente preferir ficar sozinha.

Então sem olhar nos olhos dela, declarei:

- Prefiro ficar sozinha então.

- Tudo bem. – Mariana concordou, ligando o carro. – Você vai superar, Bia. Mesmo que agora você não consiga acreditar nisso. Você vai suprerar.

Ela se foi.

Estava tudo errado, eu me sentia péssima e nada fazia sentido.

Porém, enquanto via o carro desaparecer no trânsito, agradei a Deus por ter uma melhor amiga.

5.

Uma chuvinha fina caía apesar do calor escaldante de janeiro. Era a primeira chuva do ano, aquela que se dá às crianças para que comecem a falar cedo. Imaginei um monte de mães amorosas correndo com seus rebentos, sob a chuva. O afeto contido naquela imagem me fez lembrar que não apenas meu casamento fora para o espaço, mas também meu sonho de um dia ser mãe.

Me afundei um pouco mais na tristeza. Tive vontade de me isolar do mundo, sumir do mapa. Porém, para isto era necessário dar um pulo no mercado. Precisava me abastecer de suprimentos para os dias de clausuro que em outros tempos, eu, tão alegremente, chamara de férias. Vinte dias que eu sonhava transformar em lua de mel, agora se resumiam numa longa e angustiante espera junto ao telefone, com crises de choro compulsivo e embriaguez permanente.

Isso vai ser muito mais difícil do que eu posso imaginar...

Segui até o mercado da Rua Bambina e fui direto para a seção de bebidas. Sem pena nem dó, enfiar seis garrafas de vinho seco no carrinho. Só não peguei mais, porque as sacolas ficariam pesadas depois. Vinho seco nunca foi a minha bebida preferida, – aliás, eu tenho minhas dúvidas de que vinho seco seja bebida preferida de alguém – mas seria mentira demais levar uma bebida agradável e adocicada no estado depressivo em que eu me encontrava. Pessoas deprimidas não possuem o direito de apreciar bebidas saborosas, eu só estava levando vinho seco porque ainda não engarrafavam féu.

Angustuada, empurrei o carrinho com minhas seis amigas garrafinhas pelos corredores do mercado, quando de repente uma suspeita desconfortável me atingiu em cheio e eu tive a nítida impressão de que as pessoas me lançavam olhares de compaixão. Pior que isso, elas sabiam

exatamente que eu planejava ir para a casa encher a cara. Especialmente os funcionários do mercado que deviam estar carecas de ver mulheres abandonadas como eu, andando a esmo pela seção de bebidas, com a cara inchada de tanto chorar. Deviam até passar a mensagem pelo rádio para toda equipe de segurança: “mulher carente portando seis garrafas de vinho se aproxima do caixa 3, copia?”.

Senti vergonha de mim. Vergonha por ter fracassado com Arthur, por não ter sido bonita ou inteligente o suficiente, por ter passado a virada do ano me recuperando de uma intoxicação, por ter agido como uma desequilibrada, por ter discutido com minha melhor amiga e por estar ali, naquele mercado, empurrando pateticamente um carrinho repleto de álcool que eu pretendia entornar sozinha para compensar tanta incompetência.

Desejei que o chão rachasse e uma fenda me sugasse para a Tanzânia! Um lugar bem longe, onde eu pudesse adormecer e acordar no próximo mês, quando, provavelmente, Arthur já estivesse de volta e a minha vida, de novo nos trilhos, mas infelizmente isso não aconteceu.

Então a sensação de que as pessoas olhavam para mim, para o carrinho e depois para mim novamente, com pensamentos de “coitadinha, foi largada!” mexeu com os meus brios. Uma última raspinha de orgulho se pronunciou dentro de mim e para tentar remendar a colcha de retalhos que se encontrava a minha confiança, fui até a seção de doces e sem culpa nenhuma lotei o carrinho de Toblerones.

Castanha de caju, nozes, ao leite, chocolate branco... Seria minha dieta de férias: Vinho seco e Toblerones.

Perfeito para uma depressão.

Paguei minhas compras sem nem olhar para a moça no caixa, porque tive medo que ela me dissesse algo gentil do tipo: “Deseja uma sacola plástica, senhora?”

Sinceramente, não sei se resistiria a um gesto tão afetuoso sem me sensibilizar.

Então, parecendo um avestruz, deixei o mercado de cabeça baixa e segui pelas ruas de Botafogo, sentindo-me totalmente perdida, porém, com a esperança de que as coisas iam acabar se acertando. Era só uma questão de tempo.

A chuva já havia cessado e o sol voltava a brilhar no fim de tarde. O clima de ano novo ainda estava no ar, contagiando as pessoas pelas ruas.

Exceto eu.

Embora eu soubesse que Firmino me alugaria, resolvi jogar com a sorte e entrei no prédio pela entrada social. Não deu certo, é claro.

- Dona Bia, que bom ver a senhora! – exclamou Firmino com tanta empolgação que eu me perguntei se o pessoal no Catete conseguiu ouvi-lo.

Eu tinha muita simpatia por Firmino e normalmente conversávamos bastante. Naquele momento, entretanto, eu precisava ficar sozinha, na companhia apenas do meu vinho seco. Esbocei a expressão mais simpática que pude e fiz menção de seguir em frente, mas ele não se tocou e praticamente obstruiu minha passagem. Jamais me deixaria subir sem antes concluir seu interrogatório.

- Então, como foi a virada de ano, Dona Bia? Não vejo a senhora desde o ano passado, heim! –

disse com o dedo em riste, achando graça da piada mais sem graça do mundo.

Me faltou sorriso.

- Aquela amiga da senhora esteve aí ontem, né? – perguntou com interesse, rodando um molho de chaves nos dedos. – Agora, Sr. Arthur mesmo ainda não vi. Como vai ele, Dona Bia?

Sorri com vontade de chorar. Não bastasse o fardo que eu carregava, ainda tinha que parecer bem.

Botei as sacolas no chão, arrumei o cabelo atrás da orelha, engoli um suspiro e busquei a melhor entonação para iniciar meu discurso.

- Eu e Arthur estamos atravessando uma fase difícil, Firmino, então ele vai ficar fora por uns tempos. – disse de maneira calma e segura, como a mãe que comunica o divórcio às crianças. Sem conseguir acreditar em mim mesma, continuei – Mas logo as coisas vão se resolver e ele estará de volta.

Foi a vez dele empalidecer, completamente mudo e sem graça. Se eu soubesse que a revelação teria o efeito imediato de calar-lhe a boca, teria entrado no prédio declamando que eu e Arthur estávamos em crise.

Até a porta do elevador se fechar, não ouvi mais a voz de Firmino, tamanha fora o seu embaraço.

Porém, no lixo de emoções em que eu me encontrava, a reação dele me agradou. Era sinal de que não apenas para mim, mas também para as pessoas do nosso convívio, nossa separação era um absurdo, o que só reforçava a tese de que logo Arthur estaria de volta e as coisas ficariam bem outra vez.

Bom, era o que eu esperava.

6.

Não sei o que foi pior: O dia primeiro ou o dia trinta e um.

Só sei que perceber o apartamento vazio causou-me uma sensação tão sombria que custei a acreditar que algum dia já tivesse sido feliz.

De relance, alguma coisa roubou a minha atenção. Foi a luz da secretária eletrônica piscando. Para minha alegria, havia um recado e só podia ser de Arthur.

Apertei o botão do play, zonzinha de ansiedade.

Lá estava:

“Desculpa pela forma como me comentei com você. Não gosto de te magoar. Te amo muito, viu? Beijo.”

Poderia ter sido um recado de Arthur, mas não era.

Era Mariana se desculpando pelo lance no carro.

O gesto de carinho num momento em que eu tanto precisava deveria ter dado uma levantada no meu astral, certo?

Errado. Me senti ainda pior. Frustrada por não ter sido uma mensagem de Arthur e péssima por perceber o tipo – horrível – de amiga que eu era.

Então, a vontade de chorar acumulada nas últimas horas explodiu de uma maneira tão intensa

que me faltou forças para continuar de pé. Foi um choro super estranho que começou como uma agonia escandalosa, mas aos pouco transformou-se numa angústia contida. Jogada no sofá, eu olhava a minha volta e percebia que tudo ao meu redor se dissolvia.

Como pude ter falhado tanto?, perguntei em voz alta, sem que nenhuma resposta viesse ao meu socorro.

Eu podia jurar que estava tudo tão bem entre nós...

E só podia mesmo, afinal eu não media esforços para fazer as vontades de Arthur. Tudo bem que eu passasse muito tempo viajando, mas era o meu trabalho! E para falar a verdade, eu nem achava isso assim tão mal porque ficar longe fazia aumentar a saudade e eu acreditava que esse era o segredo.

Talvez eu estivesse enganada. Certamente eu estava. Pensando bem era confiar demais na sorte ficar três, quatro, as vezes cinco dias fora de casa. Dei espaço para que Arthur encontrasse outra mulher e ela, muito mais presente, o roubou de mim. O erro era meu, tinha de admitir. Quanta ingenuidade...! Qualquer mulher que ouvisse minha estória, me chamaria de louca e eu só podia mesmo ser uma louca para jamais ter voltado para a casa um dia antes. Uma colegial teria sido muito mais sagaz.

Porém, de todos os sentimentos aterrorizantes que me rondavam, nada se comparava ao desespero de não saber o que pensar. Cair na real de que as coisas aconteceram bem debaixo do meu nariz e eu simplesmente não vira, foi constrangedor, vergonhoso aliás.

Se bem que, fazendo uma retrospectiva, talvez eu vira sim. Festas que não me incluíam, telefonemas de trabalho às dez da noite, hora extra na sexta-feira. Mas eu me sentia tão culpada por passar muito tempo fora, que preferia bancar a compreensiva. Me convenci de que era bom termos nosso próprio espaço e acabei não vendo o espaço crescer além da conta, preferi varrer para debaixo do tapete a poeirinha que sujava minha casa de bonecas.

Nem sei quantas horas passei ali chorando, jogada no sofá, cansada de especular situações e fazer perguntas que eu não sabia responder. Lembro-me apenas de ter olhado pela janela e visto o céu estrelado. Já era noite e o dia seguinte prometia bastante calor, mas e daí? Sol ou chuva, que diferença fazia?

Então garimpando coragem sei lá de onde, me levantei do sofá e zanzei pela casa, com a sensação de que uma lente de aumento fora implantada nos meus olhos, pois tudo parecia-me terrivelmente maior, vazio e incompleto. O espelho sem os respingos da espuma de barbear, o cabideiro sem a toalha azul, a prateleira sem a caneca do Vasco, a mesa sem o código tributário jogado... Era como se a presença de Arthur enchesse tanto o apartamento que agora ele tornara-se grande demais.

Tive mais uma crise de choro e de repente entendi o que estava acontecendo. A ausência de Arthur estava começando a me enlouquecer.

Abri uma garrafa de vinho e no primeiro gole senti todos os pelos do meu corpo se eriçarem. Aquele vinho era seco mesmo. Seco não, desidratado. Possivelmente o vinho mais seco do mundo.

Ótimo, pensei voltando para a sala com a taça de vinho e um tablete de Toblerone nas mãos. Castanha de caju.

Eu e Arthur já estávamos juntos há seis meses quando resolvemos morar juntos – Abrindo parênteses: A ideia foi dele, a qual, não vou mentir, aceitei prontamente – porque àquela altura estávamos tão apaixonados e tínhamos tanta necessidade um do outro que queríamos romper toda a distância entre nós.

Talvez por ter crescido sem uma presença masculina forte, sempre preferi relacionamentos longos. Nunca curti a ideia de não ver a pessoa no dia seguinte ou vê-la azarando outra mulher – ou, pior, uma amiga minha. Eu gostava mesmo da continuidade, do namoro. Talvez seja meio ridículo assumir isso assim, mas sempre alimentei a ideia de um dia me casar na igreja, de branco, com um homem pelo qual eu fosse apaixonada... (Desculpe! Sei que agora fui longe demais... por favor, não parem de ler)

Mas *péra aí!*

Eu também não era nenhuma encalhada, dessas que tem o enxoval guardado no armário a espera do primeiro desavisado não! Tinha que ser o homem certo. Um cara legal, bonito, alto, forte, fiel, interessante, charmoso, inteligente, culto, sexy, divertido, com um bom emprego – o que inclui, um bom salário – gentil, carinhoso, leal, mais ou menos da minha idade, honesto e confiável.

Era pedir muito?

Enfim, Arthur era esse cara.

Estávamos voando quando nos vimos pela primeira vez.

Nós, aeromoças, temos alguns códigos de procedimento que, embora não ensinados no curso preparatório, são essenciais para o exercício da profissão. Por exemplo, a classificação dos passageiros. Primeiramente, temos os MMC (Malas do Mundo Corporativo), facilmente encontrados nas pontes aéreas. São chatos até não poderem mais e sempre acham que sabem mais sobre a sua Cia. que você mesmo. Os MMC, invariavelmente, pedem whisky e possuem uma barriga protuberante – mesmo os magros – devidamente esculpida pelos coffee breaks e almoços de negócio; Na segunda categoria temos os FF (Frasqueiras Fashionistas), compostos por modelos, estilistas, celebridades e ex BBBs. Os FF geralmente pesam menos que suas bagagens, jamais sorriem e não são simpáticos em hipótese alguma. Também não é possível saber se estão acordados ou dormindo porque, faça chuva ou faça sol, usam óculos escuros. De qualquer forma, não precisamos nos preocupar com eles porque nunca aceitam nada do serviço mesmo; Há também os MB (Maletas de Brasília) compostos por políticos, assessores de políticos, aspirantes a políticos, mulheres de políticos, amantes de políticos, filhos de políticos e todo o pessoal que por alguma razão frequente a Câmara, o Senado ou o Planalto. São todos absurdamente mal humorados e por estarem bastante acostumados a um escândalo, não fazem a menor cerimônia para iniciar um barraco. Os MB sempre elevam o tom de voz ante uma resposta negativa e a maioria sofre de crise de identidade, portanto é muito comum um MB contrariado disparar frases como: "Você sabe com quem está falando?" ou "Você sabia que é só eu dar um telefonema e você perde o seu emprego?"; E por último, temos os PV (Primeiro voo) que, como o próprio nome diz, são os passageiros voando pela primeira vez. Os PV são

envergonhados e normalmente se sentem intimidados dentro do avião. Tem muito medo de fazer algo errado ou quebrar alguma coisa, portanto são os únicos que prestam atenção nos procedimentos de segurança. O problema dos PVs é que eles gostam muito de brindes e lembrancinhas, então costumam levar talheres, mantas, revistas, travesseiros e head-phones como souvenir do voo. Uma vez, Mariana teve que pedir a uma senhora PV que gentilmente devolvesse o braço do assento que ela enfiara na bolsa.

Da mesma forma, dispomos também de uma complexa classificação de sorrisos sem a qual jamais sobreviveríamos na profissão. São cinco tipos básicos, senão vejamos: Sorriso tipo 1, o mais comum de todos, aquele em que você sorri de boca fechada, é usado para atender o chamado de um passageiro (até saber exatamente o que ele quer); O sorriso tipo 2 já é um sorriso mais largo. Mostra-se os dentes e aperta-se um pouquinho os olhos, mas não muito. É sempre utilizado na recepção dos passageiros. (Um "bom dia" caloroso às seis e quarenta da manhã só pode ser dado com um sorriso tipo 2); O sorriso tipo 3, na essência não é um sorriso, mas uma boa aeromoça é aquela que se sai bem com um tipo 3 em situações que envolvam ironia, sarcasmo e insatisfação do passageiro. Basicamente, mostra-se a pontinha dos dentes e levanta-se levemente uma das sobrancelhas para mostrar o quanto você e sua empresa são superiores. (É com este sorriso que a gente ouve frases como "É a última vez que eu voo nessa espelunca, tá ouvindo!"); O sorriso tipo 4 merece atenção especial porque já evitou muitas catástrofes aéreas, deve ser utilizado em situações de pânico e perigo, onde todos os passageiros buscam confiança na comissário – mesmo que este esteja uma pilha de nervos. – É obrigação do comissário ter um sorriso tipo 4 estampado no rosto durante todo o período de turbulências; E por fim, o mais raro de todos: O sorriso tipo 5, que tem por objetivo encantar o destinatário. É o mais genuíno, verdadeiro e carismático, mas pode também ser falso ou forçado desde que a intenção seja verdadeira. É aceitável o tipo 5 para dar uma *conferida* num passageiro (que valha a pena, obviamente).

Assim, dando apenas uma ideia de como as coisas funcionam dentro do avião, imagine um voo atrasado, lotado, com dois bebês chorando – um no início e outro no fim da aeronave – a fila do banheiro maior que a do INSS e a coitada da aeromoça tentando desempacar o trolley que enganchou no urso de pelúcia gigante de uma garota de dezessete anos. Uma comissária grita para a outra: “Poltrona 3A chamando!” – Ah sim, devo informar que para nós passageiros não são pessoas e sim poltronas. – A outra então replica: “Que tipo: MMC ou FF?” Ao que a colega responde: “MB”. Daí já é possível definir se vai ser caso de um sorriso tipo 1 ou tipo 3 – porque dificilmente será tipo 2 ou 5 – e calcula ainda quanto tempo levará para atendê-lo. Um minuto? Cinco minutos? Meia hora? Havendo sempre a possibilidade de simplesmente ignorar o 3A, deixando-o com o pescoço duro de tanto se esticar toda vez que você passar por ele, fingindo estar ocupada demais para atendê-lo.

Pois bem. O fato é que dentre todas as pontes aéreas voando do Rio para São Paulo, Arthur pegou justamente a minha. Era o primeiro voo de uma segunda-feira nublada de julho. E eu ainda me recuperava da ressaca de sábado. Meu cabelo não estava cooperando, o corretivo havia se recusado a cobrir minhas olheiras e o sorriso faltou porque o bom humor ligou dizendo que não ia trabalhar, ou seja, nada conspirava para um encontro amoroso.

Eu já era comissária há uns cinco anos quando conheci Arthur e juro que até aquela data, jamais havia me envolvido com um passageiro.

As pontes aéreas de segunda-feira eram sempre repletas de MMC, mas numa análise rápida Arthur tinha a barriga reta demais para ser classificado como um – embora, lamentavelmente, fosse. – Foi impossível não reparar em sua figura compenetrada e enigmática. Além do que, Arthur foi a única pessoa que prestou atenção nas minhas instruções do voo porque geralmente não há PVs nas pontes aéreas de segunda de manhã.

Lembro-me como se fosse hoje, ele estava sentado na poltrona 15C, que ficava no corredor. Ao passar por ele, minha perna encostou sem querer em seu cotovelo. Me desculpei, usando um sorriso tipo 1 e segui caminho. Quando novamente passei pelo corredor, houve outro esbarrão. No entanto, daquela vez tive certeza de que passara a distância suficiente para não tocá-lo. Só para tirar a prova real passei uma terceira vez.

Foi então que entendi.

Os contatos físicos estavam sendo, propositalmente, provocados por ele que deixava o braço para fora do banco toda vez que eu passava.

Eu deveria ter achado aquilo ridículo, mas por alguma razão, não achei. Aliás, gostei. Achei excitante aquele jogo e o simples toque do braço dele nas minhas pernas me deixou super ligada. Havia algo de muito erótico em estar num avião, flertando com um desconhecido.

Salvo o meu pedido de desculpas inicial, não trocamos nenhuma palavra. Portanto, eu estava cheia de expectativa para o momento do desembarque. Sentia que alguma coisa ia acontecer. Já podia até vê-lo me entregando discretamente um guardanapo com o número do telefone.

Enfim, eu estava super curiosa para conhecer a pessoa por trás daquele cotovelo.

Mas como pão de pobre só cai no chão com a manteiga virada para baixo, fui chamada às pressas, na cabine de comando exatamente no momento do desembarque.

Ah... não! Essa não!

Por nada nesse mundo eu queria perder a chance de me despedir dele. Mas quando finalmente fui liberada, a maioria dos passageiros já tinha desembarcado.

Tarde demais..., pensei alto ao me deparar com a aeronave praticamente vazia.

Então uma lampadazinha brilhou sobre a minha cabeça. Talvez ele tivesse deixado o guardanapo com o número do telefone no assento onde estava!

Corri para a 15C e comecei a vasculhar tudo, dentro dos bolsões, entre as revistas, dentro do cinzeiro... até no compartimento superior eu chequei. Infelizmente, não encontrei nada. Quer dizer, encontrei vários guardanapos amassados, mas nenhum com o número dele. Continuei revirando cada cantinho até me achar ridícula e cair na real de que estava tendo uma atitude nada profissional.

Alôôôôu, você tá trabalhando, Bia!, lembrei a mim mesma.

Depois desse episódio, voei mais três pontes aéreas.

O tempo continuava nublado e a neblina que acompanhava a chuva fina havia provocado um atraso de mais de quatro horas nos voos com destino ao Rio. O Aeroporto de São Paulo era a sucursal da Torre de Babel. Passageiros querendo agredir funcionários; Funcionários querendo agredir a imprensa; A imprensa querendo agredir a Polícia; E a Polícia querendo agredir todo mundo. Eu nem precisava agredir ninguém. Chegar em casa cedo já estava de bom tamanho.

Até que finalmente veio o anúncio mais esperado da tarde: O Aeroporto foi liberado.

Então a tripulação embarcou naquele que seria o último voo do dia e na fila dos passageiros – MMC em sua grande maioria – quem vi surgir? O desconhecido. Era o raio caindo duas vezes no mesmo lugar!

Ele já tinha me visto no momento em que meus olhos bateram nos dele. Ante minha reação de surpresa, ele deu um meio sorriso e eu senti meu rosto corar com o olhar penetrante que ele me lançou. Mas para o meu azar o bilhete dele marcava 23A. Janela. Droga! Não daria para dar nem uma esbarradinha nele. Uma oportunidade desperdiçada, pensei na hora. Como ganhar um vale em compras para gastar num ferro velho.

Pela segunda vez, fiz as instruções só para ele, tentando ser o mais sexy que eu podia ao mostrar como se vomita dentro do saquinho de papel, vestindo sensualmente o colete salva-vidas amarelo gema.

Porém, com o desconhecido na janela, o segundo voo não foi tão animado quanto o primeiro. Além disso, já eram quase sete horas da noite, o avião estava lotado e os MMC só sabiam pedir uma coisa: Whisky. Ninguém estava nem aí se era apenas uma segunda-feira nublada.

Quando o desembarque então aconteceu, eu não estava tão empolgada quanto de manhã e, portanto, não esperava nada de especial.

Ainda bem.

Porque quando ele desembarcou não houve nada além do “muito obrigado”, ao qual eu obviamente retribui com um sorriso tipo 5 e nenhum cartão, bilhete ou guardanapo amassado com telefone foi enfiado nas minhas mãos já não tão ávidas assim.

Tudo bem, eu não estava esperando mesmo..., pensei.

Com a aeronave vazia, segui o procedimento de rotina: Troquei todos os cabeçotes, – quer dizer, apenas 5 dos 185 – e preparei a aeronave para entregá-la à próxima tripulação. Em seguida, me despedi da equipe e, finalmente, me liberei.

A caminho do vestiário, passei na banca de jornal e comprei uma Marie Claire porque eu estava super interessada numa matéria sobre a revolucionária e infalível dieta do alfabeto. – Não tenho a menor idéia se funciona porque já na letra A desisti de seguir uma dieta cujo primeiro dia determinava alcachofra no café, aipo no almoço e acelga no jantar – Depois fui ao Vienna e comprei o meu jantar: Um saquinho de pão de queijos.

Missão cumprida, eu e minha malinha nos posicionamos na fila dos táxis, maior do que nunca por conta do mau tempo.

Inesperadamente, uma voz surgiu detrás de mim:

- Bia.

Mal pude acreditar no que os meus olhos viram. O desconhecido! Que me vendo pela terceira vez naquele dia, já nem era mais tão desconhecido assim.

- Como é que você sabe o meu nome? – perguntei meio assustada começando a suspeitar que ele fosse um maníaco ou coisa assim.

- Beatriz? – ele deu um sorriso provocante, de quem está no comando da situação – Bom, “Bia” foi só um palpite... mas, como toda Beatriz é Bia, achei que com você não seria diferente... – *será que já conheci esse cara antes?*, tentei lembrar – Beatriz Felizardo. Li no seu crachá.

- Ah... claro. – eu podia ter ficado sem essa.

Mas já passavam das sete da noite, o voo dele tinha desembarcado há pelo menos uma hora, não entendi o que ele ainda fazia por ali.

- Arthur. – apresentou-se, marcando bem os erres do seu nome – Muito prazer.

- Bia. – apresentei-me, esquecendo que ele já sabia o meu nome e sobrenome – Prazer.

A partir do momento em que fomos oficialmente apresentados, confirmamos imediatamente o que já tínhamos percebido no avião. Realmente havia uma química muito forte entre nós.

- Quase não te reconheci. – ele me olhou dos pés a cabeça – Você fica diferente sem o uniforme. – comentou sem disfarçar que reparava na minha aparência.

Sorri, mas sinceramente não interpretei o comentário como um elogio, até porque o uniforme era muito feio e não seria exatamente uma vantagem parecer melhor sem ele.

- Onde você mora? – quis saber com um tom simpático.

- Flamengo. – informei.

- Bem, se você estiver indo para a casa agora, poderíamos pegar o mesmo táxi. Eu moro em Laranjeiras, é caminho. O que acha?

- Tudo bem. – concordei, fingindo não ter achado aquela a melhor ideia do planeta.

Já no avião a beleza meio misteriosa de Arthur me chamara a atenção, mas agora de perto eu percebia que seu jeito charmoso é que fazia toda diferença. Alto, mas não muito, forte mas nem tanto e com os cabelos pretos e brilhantes, ele era lindo. Além disso, teve um outro detalhe que eu amei de cara: Ele tinha o nariz meio grande! Eu sempre tive uma quedinha especial por narigudos.

Arthur transbordava força e confiança, o tipo de homem seguro que sempre consegue o que quer. Com certeza na agenda dele havia muitos números de mulheres.

- Coincidência ter voado com você na ida e na volta, não acha? – perguntou-me casualmente.

- É verdade. – concordei.

Ele deu uma risadinha maliciosa. Apesar de não ser um cara sorridente, Arthur sabia muito bem usar um sorriso – podia até ser comissário de voo, se quisesse. – Eu estava impressionada com o seu poder de sedução.

- Para falar a verdade, não foi tanta coincidência assim... – admitiu, dando uma piscadinha com o olho direito e inclinando a cabeça levemente para o lado.

- Não? – eu realmente havia achado que fora.

Arthur balançou a cabeça em sinal negativo, criando um tom de suspense.

- Hum, hum – negou orgulhoso por ter me deixado curiosa.

- Como não? – perguntei com cara de boba.

- Quando eu cheguei em São Paulo, fui direto ao check-in trocar minha passagem de volta. Pedi que marcassem meu retorno com a sua tripulação. – Ele fez uma pequena pausa e eu fiquei tão desconcertada que não soube o que dizer. – Não custa nada dar uma forcinha para o destino, né? – concluiu divertido.

Nesse instante, o nosso táxi chegou. Ele gentilmente botou minha bagagem na mala e entramos no veículo.

- Flamengo, por favor. – ele disse ao motorista, achando que era mais esperto que eu.

- Não, não, motorista. – reagi mostrando que estava atenta – Você desce primeiro. – avisei-o. Eu não ia deixá-lo saber meu endereço assim de mão beijada. – Laranjeiras, por favor.

Então ele percebeu que me subestimara e me sorriu encabulado.

- Ok, 1 X 0 para você. – disse, dando a mão à palmatória – Há algum motivo especial que me impeça de saber seu endereço? Alguém te esperando, por exemplo.

- Não estaríamos dividindo este táxi se houvesse alguém me esperando. – fiz o jogo dele.

- Isso quer dizer que eu tenho chance. – ele era de uma agilidade impressionante.

- Chance de quê? – me perdi.

- De conseguir o seu número.

- Nossa, que rapidez...

- Não mude de assunto.

- Vamos fazer melhor. – propus – Você me dá o seu número e eu te ligo. – eu não podia deixar que ele desse as cartas.

- Ótimo. – ele não tinha achado nada “ótimo”, mas escondeu bem a contrariedade – E se por acaso você perder o meu número e não ligar? Por precaução, não seria melhor que eu também tivesse o seu?

- Eu não vou perder. – garanti com convicção, olhando dentro dos olhos dele que mesmo à pouca luz, eram muito envolventes.

Até chegarmos em Laranjeiras, eu já tinha colhido boas e importantes informações para arquivar na ficha de Arthur. Vejamos: (1) Ele era dois anos mais velho que eu. Bom; (2) Sagitariano. Hummm... não era exatamente bom, mas descobrindo o ascendente havia uma chance de melhorar... Médio; (3) Profissão: Advogado – Tributarista, ele fez questão de ressaltar – e eu entendi que isso o colocava num patamar superior da advocacia. Bom; (4) Morava com os pais e a irmã mais nova. Ruim; (5) Não era casado, não pagava pensão alimentícia e, pelo que pude apurar, também não tinha nenhuma ex-namorada psicótica. Ótimo!

Quando o táxi estacionou em frente ao número 156 da Maria Angélica, ele não tentou me beijar, ao contrário do que imaginei. Mas enquanto nos despedíamos, apoiou a mão – assim meio que sem querer – sobre a minha coxa, exatamente na parte onde, mais cedo, nos esbarráramos tantas vezes.

- Quando? – interrogou-me.

- Quando o quê? – fingi não ter compreendido.

- Você entendeu.

- Eu te ligo. – era a minha vez de criar expectativa.

- Tudo bem, mas não demora não, tá? – disse com um ar mais sério e intenso – Tem que ser logo.

Cheguei em casa completamente impressionada por aquele homem tão... tão... tão... sei lá. O jeito meio etéreo e ao mesmo tempo decidido de Arthur me balançou. A mistura da atitude forte com os olhos castanhos e o nariz irresistivelmente sexy aguçou minha imaginação. Só de lembrar do nosso contato físico, das minhas pernas em atrito com seu braço másculo, eu perdia

o fôlego.

Tive vontade de telefonar naquela noite mesmo, mas consegui me controlar e não liguei. Achei por bem esperar pelo menos mais um dia.

Entretanto, no dia seguinte achei que ainda não era tempo suficiente e adiei a ligação para mais vinte e quatro horas, então adiei de novo, adiei de novo... e fui adiando. A desculpa que eu me dava é que não sabia os horários dele e tinha medo de ser inoportuna.

Sete horas!, decidi.

Sete horas da noite é o horário perfeito para ligar para alguém que não se conhece muito bem. Ninguém trabalha, ninguém está em reunião, ninguém dorme, ninguém faz nada de realmente importante às sete horas da noite.

Mas foi só resolver este impasse para um novo fantasma começar a me assombrar: E se ele não lembrar de mim? Já haviam se passado oito dias. Talvez ele tivesse por hábito sair por aí distribuindo o número dele. Pude imaginá-lo dizendo: “Bia? Que Bia? Bia da onde?”. Seria desastroso! Na dúvida, continuei adiando.

Somente dez dias depois, numa quinta-feira, é que tomei coragem.

Seja o que Deus quiser!

- Alô. – identifiquei a voz dele no ato.

- Arthur? – perguntei sentindo meus batimentos cardíacos dispararem.

- Pois não. – prosseguiu educado.

Putamerda! Não reconheceu minha voz...

- Oi, sou eu, Bia, a aeromoça da ponte aérea da semana passada. Eu moro no Flamengo, nós dividimos um táxi... – forneci a maior quantidade de subsídios possíveis à memória dele.

Graças a Deus ele lembrou e quase pude ouvi-lo sorrir do outro lado da linha.

- Eu já tinha perdido as esperanças, sabia?

- Falta de tempo.

- Quero te ver.

- Sim, podemos marcar.

- Agora.

- Agora?

- Quem mandou demorar tanto para me ligar? Eu avisei, não avisei? – disse como se a culpa fosse minha.

- Mas já são quase oito e...

- Você já jantou?

- Não... mas é que...

- Vou reservar uma mesa para gente em algum lugar então.

Olhei para a minha figura, vestida dentro de um conjunto de moletom listrado, com meias de cor indefinida por já terem sido arremessadas na máquina de lavar de qualquer maneira, então passei a mão pelo meu cabelo oleoso e desgrehado, preso com uma piranha de plástico verde e entrei em desespero.

- Oito e meia eu te pego. – informou-me.

- Oito e meia? – repeti incrédula, sentindo ondas de pavor.
- Em que parte do Flamengo você mora?
- Mas já são sete e quarenta... – como é que eu ia explicar para ele que meu cabelo estava há dois dias sem lavar, eu não tinha feito as unhas e a depilação estava marcada só para sábado?
- Você precisa de mais tempo?

Uma semana, pensei.

- Não... quer dizer...
- Tudo bem. Oito e quarenta então. – Oba! Eu fora contemplada com incríveis dez minutos! Dez minutos não era nem o tempo do Kérastase agir no meu cabelo.
- Me passa o seu endereço.
- Não precisa me pegar. – eu ia acabar enfartando se tivesse que me arrumar com ele me esperando lá embaixo – Eu te encontro em algum lu...
- No Gero, em Ipanema. – ele definiu, sem nem esperar eu terminar a frase.

Desliguei o telefone passada.

Tinha apenas uma hora e dez minutos para ficar linda, alta, magra, elegante, sexy e com cabelos brilhantes e sedosos. Surtei. Joguei todo o meu armário em cima da cama e não consegui escolher o que vestir. Minhas roupas fizeram greve e se recusaram a me cair bem. As calças duplicaram o tamanho da minha bunda. As saias se uniram para mostrar o quanto eu estava em falta com a academia e as blusas, de má vontade, limitaram-se a cobrir o meu peito, deixando bem claro que eles não tinham nada de especial.

Eu precisava vestir alguma coisa que me deixasse incrível, mas que não denunciasse que eu havia passado os últimos setenta minutos envolvida na produção. Eu queria parecer divina e ao mesmo tempo dar a ideia de que tinha vestido a primeira coisa que vi no armário. Nossa, que coisa impossível!

Eu não tenho roupa!, conclui histérica, a beira das lágrimas. Era um péssimo momento para descobrir que, embora o meu cartão de crédito estivesse estourado e o guarda-roupa repleto de roupas, nada, absolutamente nada me caía bem. Será que dá tempo de ir ao shopping e comprar alguma coisa correndo?, perguntei a mim mesma.

Não, não dava, meu bom-senso respondeu.

Entre os milhares de candidatos que se apresentaram, o selecionado foi o pretinho básico, por razões óbvias. Vestidos pretos sempre são candidatos muito qualificados, dinâmicos e saem-se muito bem em situações de pressão. A vaga era dele.

Não me preocupei muito com o detalhe da calcinha porque em hipótese alguma, eu transaria com Arthur no nosso primeiro encontro. Jamais. – Não duvidem disso, ok? Se estou falando que não, é não! – Mas como se tratava de um encontro romântico, achei por bem vestir uma calcinha nova, ainda que eu fosse a única a vê-la.

O problema é que fiquei tão aturdida na missão de me tornar deslumbrante, que me enrolei completamente.

A não ser botar e tirar roupas de maneira frenética e insana, não fiz nada de produtivo com os setenta minutos que me foram dados. Quando dei por mim, olhei para o relógio. Já eram oito e quarenta e eu ainda estava em casa.

Para me deixar um pouco mais tensa, o celular vibrou. Era uma mensagem de Arthur que àquela altura já tinha o meu número gravado.

kd vc?

Eu então respondi nervosa, por acumular mais uma ação: Digitar uma mensagem no teclado minúsculo do celular.

Tô chegando.

Droga! Com um atraso monumental, todo o meu plano de parecer casual ia por água abaixo.

Às nove e vinte, finalmente, consegui chegar em Ipanema. Acho que foi um milagre.

Entreguei a chave do carro ao manobrista e quando o maitre perguntou-me se eu tinha reserva para aquela noite, avistei Arthur sentado numa mesa ao canto. Ele levantou-se para me receber e de longe senti sua ansiedade.

- Desculpe pelo meu atraso. – me adiantei.

- Não tem problema. – disse sem disfarçar que conferia meu cabelo, minha roupa e minha maquiagem. – Você pode. – sussurrou ao meu ouvido.

Sentamo-nos lado a lado, mas sem mantermos nenhum contato físico. Ele pediu nossas bebidas e minutos depois o garçom nos trouxe duas taças de vinho.

- Está tudo bem? – perguntou-me atencioso. – Quer mais alguma coisa?

- Está tudo ótimo. Obrigada. – agradei, sentindo um elevador subir e descer na minha barriga. Então Arthur me sorriu um sorriso curto e sensual. Suavemente, senti suas mãos me tocarem e ele se moveu para junto de mim. De repente o calor do seu corpo me aqueceu. Estávamos tão próximos, que pude ver com nitidez a pupila dos seus olhos dilatando-se e os minúsculos pelos de sua barba feita. Respirávamos o mesmo ar e sua boca estava a menos de um centímetro da minha. Minha visão apagou-se. Nos beijamos.

O jantar transcorreu às mil maravilhas. Eu pedi carpaccio de atum com limão e ele, ravióli com recheio de brie. Além de lindo e charmoso, Arthur era inteligente e tinha senso de humor. Conversamos sobre trabalho, amigos, viagens, aviões – por alguma razão as pessoas sempre puxam papo sobre aviões com aeromoças. – Quando o garçom retirou nossos pratos, eu já estava completamente encantada por ele. Morta de arrependimento por não ter ligado antes.

Então, conta pedida e paga, – por ele – deixamos o restaurante. Enquanto aguardávamos o manobrista trazer nossos carros, Arthur passou seus braços pela minha cintura e me puxou contra si.

- Você tem certeza mesmo de que vai para casa agora? – sussurrou ao meu ouvido – Talvez pudéssemos ir para outro lugar...

Eu sabia muito bem o que ele queria dizer com aquela conversa. Aliás, conversa coisa nenhuma. Aquilo era uma proposta. Não! Nem pensar! Afaste de mim esse cálice, pai! Não há a menor possibilidade de eu transar com esse cara no primeiro encontro, avisei a mim mesma. O que ele pensaria? O que todos os homens do mundo pensam, mas não assumem nem sob tortura. Tudo bem que Arthur era um homem especial e que eu estava totalmente a fim, mas transar com um cara no primeiro encontro era um tiro no pé. Eu não ia botar tudo a perder assim. Sem condições. Se ele realmente quisesse, ia ter de esperar.

- Pode ser... – me traí.

Pensando bem, se contarmos com os dois voos e a corrida no táxi. Aquele já era o nosso quarto encontro. No quarto encontro não tem problema nenhum.

E daquele dia em diante não nos desgrudamos mais. A ideia de ficarmos longe um do outro por mais de um minuto tornou-se tão insuportável, que seis meses depois juntamos todas as nossas economias e demos entrada no apartamento 501, do “Solar Botafogo”.

8.

Comecei o dia dois rezando para Deus se tocar.

Se ele não consertasse a zona que fizera na minha vida eu ia entender que estava sendo castigada, embora não me lembrasse de ter feito nada assim tão pecaminoso. Só o de sempre mesmo: Uma mentirinha aqui, um veneninho ali, um comentário da vida alheia acolá... Mas nada que me custasse o marido, em plenas férias, quando eu deveria estar na verdade estirada numa cadeira de praia, tomando água de coco, com Arthur passando protetor solar nas minhas costas.

Por falar nisso, lembrei-me que ele também estava de férias. *Será que Arthur já tinha em mente se separar de mim seis meses antes, quando pedimos as férias?*, a questão foi inevitável. Eu devia estar chorando há algum tempo, quando percebi a fronha molhada de lágrimas, mas nem me abalei. Continuei olhando para o teto, com o olhar perdido e o choro calmo de quem já entregou os pontos e se acostumou à tristeza.

Não lavei o rosto, não tomei café, não levantei da cama. Fiquei o dia inteiro passando e repassando as cenas da partida de Arthur na cabeça e ainda assim elas não faziam sentido. Por horas tentei decifrar o real significado da frase “Te amo, mas de outro jeito”. Será que era o mesmo que dizer “amo, mas não muito” ou talvez “não te amo, mas quero que você supere”? O que me intrigava, entretanto, era como eu podia amá-lo com tanta intensidade depois dele dizer que não era mais feliz comigo. Certamente, já não me restava nenhum átomo de amor próprio mesmo...

Porém, conforme se repetiam na minha cabeça, as falas de Arthur se perdiam. Eu já não era mais capaz de lembrar exatamente se ele havia dito que não “estava” mais feliz ao meu lado ou que não “era” mais feliz ao meu lado e esse detalhe fazia toda a diferença porque se ele não “estava” era bem melhor do que se ele não “era”.

Embora os detalhes me escapassem, o sentimento doloroso da perda eu revivia na íntegra, com precisão absoluta e nem no meu pior pesadelo eu podia imaginar que nosso casamento fosse terminar assim.

Quem diria que naquela manhã de sábado chuvoso, dois anos e meio antes, ao voltarmos da assinatura da escritura do apartamento, nossa relação tão feliz, tão promissora terminaria de uma maneira tão sofrível? Quem diria que eu assistiria minha própria vida se transformar numa

tragédia grega sofocliana?

Desculpe o lugar comum, mas eu realmente acreditara que Arthur fosse minha outra metade. Achava que um sentimento muito forte nos unia para sempre. E, embora ele relutasse à ideia do casamento, eu nos imaginava casando com uma festa de arromba e já tinha, inclusive, nomes para os filhos fictícios que teríamos. – Vitória e Pedro – Sim, como uma família feliz, certamente teríamos um casal. Imaginava que tipo de pai ele seria, imaginava-nos velhinhos andando pelo calçadão de Copacabana e fazendo hidroginástica.

Arthur era o homem da minha vida e eu o amava com todas as minhas convicções. Desejara tanto que o nosso casamento fosse para sempre. O que deu errado então?

Foi muito triste constatar que coisas que por tanto tempo acreditei serem sólidas, simplesmente, sem mais nem menos, deixaram de existir.

Obviamente, eu já tinha visto muitas amigas se separarem antes e sabia que era uma experiência dolorosa, mas quando acontece com a gente é isso elevado ao cubo. Quando Daise, uma colega do trabalho, terminou o noivado de anos lembro que emagreceu oito quilos, entrou em depressão e teve até que tirar um período de licença. Eu a consolei, garanti que ela ia superar e discursi um monte de tolices crente que sabia o que dizia.

Eu não tinha noção... Falava na mais completa ignorância e nem por um segundo me ocorreu estar um dia na situação dela. Eu podia jurar que mesmo Arthur preferia que nossa relação tivesse dado certo. Provavelmente, deixar de me amar não foi exatamente uma escolha, mas sim uma fatalidade. Aconteceu. Porque nem sempre a vontade é forte o suficiente para combater o inevitável.

Detestei a mim mesma por ser tão sonhadora e dependente. Se eu fosse uma mulher forte, moderna e segura como Mariana, por exemplo, o tipo de mulher que vai ao cinema sozinha, lê – e entende – o manual do carro, troca lâmpada e faz sessões de spinning sem precisar de ninguém para levantar a autoestima, não estaria passando por tamanho sufoco.

Mas fazer o quê se eu não era?

Vencida muito mais pelo cansaço de tanto chorar do que pelo efeito do álcool, peguei no sono depois do Super Cine.

Às quatro da manhã, no entanto, eu já estava super desperta.

Sono, onde está você? Pelamordedeus, Sono, vem! Só um pouquinho!, implorei baixinho.

Da rua não se ouvia muito a não ser espaçadas sirenes de ambulância, latidos de cachorro e o barulho dos ônibus. Olhei para o relógio: Quatro e dezessete. Não eram nem cinco horas da manhã e eu já estava completamente acordada. E infeliz.

Fui até a varanda em busca de algum sinal de vida humana, mas a banca de jornal ainda estava fechada e a família de mendigos que morava na esquina do meu prédio adormecia em paz. Que inveja senti deles...

Sem nenhuma outra opção, concluí que tomar banho era a coisa mais demorada que eu podia fazer. Então, debaixo do chuveiro, lavei o cabelo cinco vezes, esfreguei com uma esponjinha cada um dos meus dedos dos pés, usei todos os cremes, géis e sabonetes que havia no boxe e mesmo assim quando saí do banho o dia nem havia clareado.

E agora?

Que loucura, meu Deus, como é que eu vou fazer para encher a cabeça e não sucumbir à depressão?

Eu estava à beira do abismo, à um passo da loucura e foi só abrir o armário do banheiro para toda tristeza acumulada se irromper num colapso. Lá estava ela, minha escova de dente, solitária no enorme copo branco sem a escova de Arthur para lhe fazer companhia. Me identifiquei tanto com a coitadinha ali naquele cenário de abandono, tão frágil, tão sozinha, com suas cerdas macias e haste redonda continuando sua missão de escovar os meus dentes mesmo tendo sofrido uma ruptura irreparável. Pobrezinha...

Abracei minha escova de dente com todo afeto porque só nós duas sabíamos o perrengue que passávamos, só nós duas sabíamos o que era a solidão. Fechei o armário e olhei-me ao espelho apreciando calmamente as lágrimas grossas e quentes que escorriam pelo meu rosto.

Mas apesar de não acreditar que as coisas podiam piorar, elas pioraram.

Voltei para o quarto arrasada, me sentindo o ser humano mais fracassado do novo milênio. Me joguei sobre a cama, agarrei o travesseiro e de repente percebi que o cheiro de Arthur ainda estava lá.

Uma paulada na cabeça teria doído menos.

Fechei os olhos e apertei o travesseiro contra o peito, aspirando o cheiro com toda intensidade, feito uma dependente química abstinente, como se daquilo pudesse tragar Arthur e ter um pouquinho dele dentro de mim, num gesto perturbado e totalmente degradante.

Do que adiantava me esforçar para esquecê-lo se o universo esfregava a ausência dele na minha cara a todo instante? Eu não tinha mais orgulho próprio para lutar e dar a volta por cima. Eu assumia a derrota, a impotência e a fraqueza sem a menor vergonha.

Quando deu sete horas da noite, fui até a cozinha e abri mais uma garrafa de vinho. Enchi a cara, fiquei bêbada, chorei mais um pouco e dormi.

Com fé, logo, logo será ano que vem, desejei.

9.

Pior que ter uma depressão é ter uma depressão nas férias (se as férias forem em janeiro então...) Eu não sabia mais o que fazer com aquela enorme quantidade de tempo que me sobrava. Havia horas demais nos meus dias e minutos demais nas minhas horas, de maneira que o tempo simplesmente não passava. Uma hora, por exemplo, as vezes durava três e teve um dia que dez minutos levou duas horas e meia para passar.

De uma maneira impressionante, os dias iam, vinham e nada, absolutamente nada, acontecia.

Aquela primeira semana de janeiro fez dias de sol maravilhosos. Da varanda, eu via pessoas felizes, carregando cadeiras de praia em direção ao mar. O sol realmente estava comparecendo e eu percebi que era muito mais fácil ser infeliz no inverno que no verão porque o meu olhar desapaixonado pela vida, contrastando com a euforia das pessoas lá fora, me fazia sentir pena de mim mesma. Além disso, o calor me deixava meio inerte. A única coisa que eu realmente me animava a fazer era pensar, repensar e tentar buscar explicações para o inexplicável. O

movimento mais extravagante que eu fazia era apertar o botão do controle remoto e ir até a cozinha me abastecer de vinho seco.

Os Toblerones já haviam acabado.

Quando o telefone tocava, eu quase enfartava. Corria para atender atropelando mesas, cadeiras e estantes. Mas além de Mariana, ninguém ligava.

A televisão, que normalmente eu não dava a mínima, mostrou-se uma grande companheira. E embora eu tivesse a impressão de ser a única telespectadora do Telecurso 2º grau, às cinco e quarenta e cinco da manhã, a verdade é que eu vinha aprendendo bastante. Havia aprendido, por exemplo, que as borboletas provam com as patas, que a cadeira elétrica fora inventada por um dentista e, pasmem, que o sêmen humano, além de transportar o espermatozoide para o óvulo, tinha uma outra propriedade muito interessante: Auxiliava no combate à depressão (quem não sabia disso?)

Assistia à tudo. De “Globo Rural” à reprise do “Castelo Ra-tim-bum”. De “Vale a pena ver de novo” à “Grandes empresas, pequenos negócios” e em pouquíssimo tempo eu já sabia toda a programação das emissoras de TV.

Graças ao álcool eu dormia algumas horas por noite, mas nunca conseguia um sono ininterrupto. Adormecia às onze, acordava à uma, dormia às duas, despertava às três, cochilava lá pelas quatro, acordava novamente às cinco... até que então perdia o sono de vez e só voltava a dormir à noite.

Não suportava mais a solidão, mas também não me animava de estar com ninguém e para piorar minha situação, Mariana voou todos aqueles dias. Desisti de lutar porque não havia mais saída. Tudo conspirava contra, soava errado, triste e vazio. Estava deprimida e só uma coisa seria capaz de me salvar do terror. Ele.

Já era tarde do dia sete de janeiro e eu continuava enclausurada no meu apartamento, assistindo da minha varanda a vida lá fora. O álcool, àquela altura, já não me entorpecia mais. No entanto, eu já estava bem adaptada à melancolia da prostração e não via problema algum em passar o resto da minha vida assim, embriagada sobre a cama.

Lá pelas duas da tarde, atormentada por um silêncio cruel, fui até a sala checar o telefone.

Na mosca!

Fora do gancho. Surtei ao imaginar a quantidade de ligações de Arthur que eu perdera naqueles últimos minutos. Como eu conseguia ser tão imbecil? A autopiedade que normalmente eu sentia, deu lugar a um ódio mortal.

Mas foi só colocar o maldito no gancho para ele tocar.

Atendi com a excitação de uma vítima prestes ao resgate.

- Alô! – disparei ansiosa para reconhecer a voz de Arthur do outro lado da linha. Alguma coisa me dizia que era ele! Só podia ser! Tinha que ser!

- Caramba, já estava indo aí! Você não atende esse telefone mais não? – não, não era ele...

- Ah... Oi. – foi um pouco frustrante ouvir a voz de Mariana, devo confessar. – Desculpa, acho que da última vez que você ligou, eu não desliguei direito. Só vi agora.

- Tudo bem? – ela quis saber.

- Tudo.

- Bem, eu tenho uma notícia ótima para você! – disse Mariana entusiasmada – Assunto do seu interesse!

Uma centelha de alegria que nem eu mesmo acreditava existir se acendeu dentro de mim e eu senti meu coração dar uma pirueta de empolgação. Arthur já havia ligado para ela uma vez, podia muito bem ter ligado a segunda.

- Fala, Mari, pode falar. – eu realmente precisava de uma boa notícia. Era caso de vida ou morte.

- Pelo telefone não tem graça... – disse fazendo rodeios.

- Mari, fala para mim, por favor. Que notícia é essa? – insisti nervosa, mas com muita cautela, porque sabia que qualquer passo em falso ela acabava inventando de me contar pessoalmente.

- Escute, tenho que dar um pulo no shopping para trocar um presente de Natal. Vou passar aí e te pego.

- Não, Mari, eu tô a fim de ficar em casa. Só me conta a notícia, por favor, vai. – era como estar negociando com um sequestrador que podia a qualquer momento desligar o telefone.

- Bia, eu não perguntei se você quer ir ao shopping comigo. Eu disse que estou passando aí para te pegar.

- Mari, se você não se importar...

Tu-tu-tu-tu.

Ela desligou e eu fiquei sem saber. Muita tolice minha pensar que convenceria Mariana a fazer algo que ela já havia decidido não fazer.

Enfim, mesmo com a autoestima em frangalhos, tentei me animar porque pelo menos eu teria uma notícia dele. E não havia de ser uma má notícia porque Mariana foi clara: Era uma notícia ótima e do meu interesse.

Minha cabeça começou a trabalhar em ritmo acelerado e eu desenhei o cenário completo: Arthur tentara falar comigo, mas com o telefone fora do gancho, recorreu à Mariana para transmitir um recado. Na certa estava com vergonha de vir pessoalmente. Talvez estivesse sofrendo tanto quanto eu, sem a mínima ideia de como se reaproximar. Eu o perdoaria, é claro.

Meu coração disparou de alegria!

O telefonema de Mariana definitivamente me botou para cima. Porém, ir ao shopping estava fora de cogitação. De maneira nenhuma eu pretendia me juntar à muvuca que lotavam os shoppings engalfinhando-se pelas ofertas de verão. Além disso, shopping com Mariana era coisa que eu não suportava nem quando estava bem porque ela era aquele tipo de pessoa que compra na emoção e isso me irritava um pouco. Não que eu não gostasse de ir às compras, mas digamos que eu primasse mais pela objetividade. Em cada loja, ela experimentava pelo menos cinco peças, ficava indecisa entre três, mas acabava levando tudo. Na semana seguinte voltava para trocar as cinco, experimentava mais cinco, ficava indecisa entre três, levava tudo e então voltava na semana seguinte para trocar as cinco... um círculo vicioso que a fazia ter sempre uma peça para trocar em alguma loja. Sinceramente, eu achava esse comportamento meio doentio.

O fato é que a esperança mudou completamente o ritmo das coisas. A iminência de uma notícia de Arthur foi um bálsamo na minha ferida. Pela primeira vez ao longo daqueles dias, me olhei no espelho, abri um sorriso e tive uma súbita sensação de felicidade.

Então recobrei as forças e tomei uma decisão importantíssima: Vou tomar banho!

10.

Impressionante a desproporção entre o tempo que a gente leva para se embelezar e a rapidez com que a gente embaranga. Por alto, eu devia ter emagrecido uns três quilos, o que teria sido sensacional se minhas pernas não estivessem moles como uma gelatina, minhas olheiras não me fizessem parecer um urso panda, e o meu cabelo... bem, eu preferia não entrar no detalhe do cabelo.

Incentivada pelos óleos aromáticos na prateleira do banheiro, tomei um banho maravilhoso. Lembrei que a primeira semana do ano já havia passado e eu sequer me dera conta que o ano havia realmente começado. Aquela semana tinha sido péssima, talvez a pior da minha vida, mas Mariana estava me trazendo notícias de Arthur e finalmente as coisas começavam a se acertar. Portanto, eu precisava urgentemente me envolver com aquele clima de boas vibrações das primeiras semanas de janeiro porque se não, sei lá.

Arthur ia voltar para mim, eu sabia, era só uma questão de tempo e paciência.

Assim que o interfone tocou, fui até a sala abrir a porta para Mariana e sua ótima notícia. A minha ansiedade era tão latente que quase podia ser considerada uma outra pessoa ali. Poucos minutos depois, vi Mariana surgir linda como sempre, num vestidinho branco de cintura marcada (totalmente up! totalmente tendência!, segundo a vendedora que lhe vendeu). Os cabelos dourados, as unhas pintadas de branco e o bronzeado em dia só endossavam ainda mais seu visual de mulher bem resolvida.

Quando então ela adentrou a sala, descobri que minha ansiedade não podia ser considerada exatamente uma outra pessoa, mas sim um cachorro, um pit bull, que avançou em Mariana no instante em que a viu.

- Conta logo! – ordenei, quase pulando sobre ela.

- Gente! Que isso?! Bom dia para você também. – disse antes de me cumprimentar com um beijo e se esparramar no sofá. – Nossa! Que calor! O ar condicionado dessa casa está liga...

- Fala logo, Mariana, ele te ligou? – Mariana adorava um suspense, mas ela que guardasse para outra hora.

- Ele quem? – Ai, meu Deus, as vezes ela dificultava tanto...

- Arthur! – disse afoita.

E numa fração de segundos, percebi por sua expressão desconcertada que a ideia de um recado de Arthur existira apenas na minha fantástica imaginação. Imediatamente, senti na boca um gosto de ferro. Acho que era gosto de desilusão. Mas para a falar a verdade eu já estava ficando bem familiarizada com esse sabor.

- Não. – Mariana disse sem graça.

- Mas você disse que tinha uma ótima notícia para mim! – insisti, sentindo que a vontade de

chorar estava atravessando a rua, entrando no prédio, subindo as escadas e logo, logo me tomaria de assalto.

- E tenho, – explicou – mas não tem a ver com Arthur. – emendou constrangida.

É verdade. Mariana em momento algum mencionara o nome dele. Mas é que para mim estava implícito que qualquer boa notícia só podia ser mesmo uma boa notícia se estivesse relacionada a ele. Do contrário, jamais seria do meu interesse. Foi então que Mariana se sentiu culpada por perceber a expectativa criada.

- Me desculpa, amiga. Não pensei que você fosse entender as coisas assim.

- Não se preocupe.– dei um sorriso amargo – Tá tudo bem.

Houve então um silêncio desconfortável. Tentei, mas dessa vez não pude evitar. Sentei no sofá, botei as mãos no rosto e afundei a cabeça entre os joelhos, chorando baixinho a mesma desilusão de uma criança que descobre no mesmo dia que Papai Noel e o Coelhoinho da Páscoa nunca existiram. Não havia nenhuma notícia de Arthur para mim. Simplesmente, nada mudara. Naturalmente que a culpa não era de Mariana, mas dessa vez eu não pude deixar de chorar e ela não pode deixar de se sentir culpada.

- Você ainda tá muito mal, né? – Mariana me abraçou – Arthur foi um canalha!

Não concordei, mas também não disse nada.

- Você tá com ódio dele, não tá? – ela pressentiu a hipótese meio remota de que, apesar de tudo, talvez, assim meio que por acaso, eu ainda quisesse Arthur de volta. Desesperadamente.

- Não, não estou. – desapontei-a – Talvez o mais sensato fosse estar com ódio dele, mas não estou.

Fiquei esperando que Mariana insistisse que eu só podia estar ficando louca, que Arthur nem ninguém tinha o direito de me fazer sofrer, que eu não podia me botar em segundo plano por causa de um homem, que um pouco mais de amor próprio me faria bem... e foi exatamente o que ela fez.

- Você vai esquecer esse cara, Bia. – o que ela, no entanto, não compreendia era que eu simplesmente não queria esquecê-lo.

Arthur era meu modelo de homem perfeito. Bonito, charmoso, gentil, inteligente... ele reunia todas as qualidades que eu esperava de um homem. Eu não queria esquecê-lo – e mesmo que quisesse, jamais conseguiria – Eu queria era que ele voltasse para mim. Só isso. Era pedir muito?

- Eu amo Arthur, Mari. – expliquei entre lágrimas – Mesmo que ele não me quisesse mais, será que o meu amor não era grande o suficiente para nós dois? – essa pergunta vinha me martelando há dias.

- Seu amor era grande, mas não era dois. – ela explicou.

- O que foi que eu fiz de errado então?

- Nada. – tranquilizou-me – O problema é que você não chegou a fazer a trajetória completo do amor, indo do encantamento ao tédio sem fim. Agora você fica fantasiando a continuidade de coisas que poderiam ter sido e não foram. Nem serão.

- Por favor, não diga isso. – pedi.

- Bia, sinceramente, eu acho que até um pé na bunda te empurra para frente, sabia?

Mariana tinha um talento incrível, na verdade irritante, de ver sempre o lado bom das coisas. Aquele discurso todo de superação e amor próprio podia funcionar para ela que era uma mulher bem resolvida, mas não para mim. Eu não passava de uma mulher insegura e carente, com uma autoestima tão baixa, tão baixa que, no meu caso, era baixaestima.

- Eu estou sozinha. – lembrei-a.

- Então você precisa descobrir sua força pessoal. – afirmou reprovando meu sofrimento e, em tom de suspeita, levantou do sofá e foi até a cozinha. – Olhem só para isso! Seis garrafas de vinho vazias! – ouvi o tilintar das garrafas sendo manuseadas na cozinha – Meu Deus, nem na quadra da Mangueira se consome tanto álcool! Você acha que se embriagar dessa maneira vai te ajudar no quê? – ela gritou do corredor – A gente já conversou tanto...

Fiquei calada porque nem tudo na vida possui uma explicação lógica.

- Ai, Bia, você não pode se entregar dessa forma! – ela disse retornando à sala. – Você já viu a sua cozinha? Desculpa dizer, mas tá impraticável!

- Não mais que a minha vida.

Óbvio que eu concordava. Não me alegrava nem um pouco a situação caótica que eu estava vivendo, eu sabia muito bem que minha casa já vira dias melhores. Aliás, a minha vida já vira dias melhores. Mas fazer o quê? Quando se está frágil, vulnerável e não se tem forças para lutar, o que resta é se entregar mesmo.

- Você é uma mulher tão linda, tão especial, tão inteligente...

- Ah, para...! – cortei o papo dela porque eu sabia que era uma mulher absolutamente comum e elogios de consolação só iam me *baixastralizar* ainda mais. – Você já viu alguém ganhar um prêmio e recusar? Se eu fosse isso tudo, Arthur estava aqui comigo.

- Péra lá também, agora você já tá valorizando muito... Cá para nós, Arthur era meio esquisito, né? Caladão...

- Era o jeito dele. – expliquei, mantendo o rosto sem expressão.

- Me desculpe, mas eu tenho um pé atrás com gente muito calada...

- Deve ser porque você fala demais. – afirmei ligeiramente provocativa.

- Pode ser. – ela concordou, dando de ombros – Mas tinha também aquela mania dele de chamar os outros de “velho”: “Pô, velho!”, “Fala aí, velho!”...

- Ele é mineiro, Mariana, lá em Belo Horizonte as pessoas falam assim. – esclareci com toda paciência do mundo.

- Enfim, daqui a pouco você vai conhecer outro cara e nem vai mais lembrar de Arthur. – profetizou.

Com toda certeza do mundo eu não ia conhecer outro cara. Quer dizer, conhecer eu até poderia, mas não alguém realmente especial como Arthur. Eu afirmava isso com a mesma segurança que eu afirmava que jamais viajaria para a Lua, nem receberia uma herança milionária. Não era pessimismo, era só algo que eu sabia que jamais aconteceria.

- Não, não vou. – eu tinha poucas certezas na vida, mas essa era uma delas.

- Como é que você sabe? – perguntou Mariana incrédula.

Minha voz embargada quase não me permitiu falar.

- Porque... hummm... – funguei – porque isso seria como ganhar na loteria duas vezes. –

funguei mais uma vez.

- Supondo então que eu estivesse mesmo trazendo um recado dele. – Mariana fez uma pequena pausa para que eu assimilasse a possibilidade que, infelizmente, era apenas isso, uma possibilidade – Vamos supor que ele tivesse dito que se arrependeu. Você esqueceria tudo o que houve e o aceitaria de volta? – perguntou Mariana testando até onde ia meu altruísmo.

- Com certeza. – A rapidez da minha resposta deixou-a levemente irritada, da mesma forma que nos irritam mulheres que não denunciam seus maridos espancadores por no fundo acreditarem que são bons homens. – Mas não pense você que sou burra ou que não tenho amor próprio não, viu? – entre lágrimas, catei as migalhas de orgulho que me restava.

- Pois é exatamente isto que estou pensando.

- Só por Arthur eu agiria assim. – soluzei – Não faria por nenhum outro homem. Só por ele. – tive esperança de que a justificativa tornasse o meu masoquismo um pouco mais compreensível. – Talvez você não possa me entender, mas Arthur é um homem por quem vale a pena se submeter a sacrifícios.

- Não, realmente não entendo.

Então nosso diálogo caiu no vale do silêncio. Mariana aproximou-se de mim e me abraçou. O gesto de carinho fez com que eu chorasse ainda mais. Meus nervos continuavam em frangalhos, minha vida continuava lamentável, minha cozinha continuava o caos, mas por alguma razão a presença dela tornava as coisas um pouco mais suportáveis.

- Bom, – disse Mariana levantando-se do sofá – mas eu ainda não contei a ótima notícia que tenho para você!

11.

Quando eu era pequena minha mãe dizia: “Para toda porta fechada, sempre há uma janela aberta”. Na minha imaginação infantil, a interpretação se dava ao pé da letra e durante uns dois anos, tive um sonho recorrente em que me via trancada num quarto escuro, tentando desesperadamente sair. Subitamente, um velho de cabelos longos aparecia com um molho de chaves na mão, mas não me abria a porta. Eu me debatia assustada até que, do nada, as janelas se escancaravam. Era Mariana quem as abria.

Tudo não passava de uma metáfora tola, um devaneio infantil. Nunca contei à ninguém. Mas mesmo depois de adulta, essa idéia permaneceu e a figura de Mariana continuou representando para mim uma janela aberta. A irmã que a vida me deu.

- Mas, enfim, esquece isso porque tenho algo muito mais interessante para contar. – Mariana andava de um lado para o outro, parecendo fiscal de prova.

Duvido, pensei.

Esperei educadamente que ela completasse o raciocínio, mas fosse o que fosse, eu só tinha uma certeza: Não seria nada tão extraordinário assim.

- Minhas suspeitas se confirmaram, Bia! – disse empolgada, jogando-se no sofá e quase caindo no meu colo – A Cia. comprou parte das ações da Jet-air e o acordo com o mercado europeu saiu!

Não falei?

Quando que assunto de trabalho poderia ser uma ótima notícia para mim? Aquele alarme todo para isso! Mariana tinha cada uma...

- Você sabe o que isso significa, não sabe? – me perguntou dando ela mesma a resposta – Isso significa que a Cia. vai começar a voar para a Europa e Oriente Médio! – cantarolou sílaba por sílaba com grande entusiasmo – Não é maravilhoso?

- Realmente. Maravilhoso! – ela estava tão empolgada com aquela droga que me vi na obrigação de demonstrar algum entusiasmo também.

Ao contrário de mim, Mariana adorava estórias corporativas de acordos milionários com empresas que compravam empresas, Cias. que iam à falência e reabriam no ano seguinte com os mesmos acionistas e um nome diferente, fusões, incorporações... Mariana tinha muito mais detalhes sobre a falência da Varig que a própria ANAC. E o interesse dela era diretamente proporcional ao montante envolvido. Quanto mais grana, melhor.

- Mas eu ainda não terminei! A melhor parte vem agora!

E isso lá tem melhor parte, Jesus?

- Ainda não é oficial, mas é quase certo. Minhas fontes me contaram que a Jet-air vai ter que ampliar a base operacional lá na Europa! – falou com os olhos brilhando.

Pela pausa, senti que era hora de incluir um comentário.

- É mesmo? – falei qualquer coisa.

- Sim. – Mariana assumiu um ar misterioso como o da feiticeira que sabe o passado, presente e futuro – Londres. É lá que a Jet-air vai ficar baseada!

- Nossa...! – disse, tentando copiar seu tom de mistério.

- E eles não vão poder simplesmente reaproveitar os funcionários da Jet-air não. – declarou Mariana cheia de sabedoria, balançando o dedinho indicador em sinal negativo.

- Não?

Ela balançou a cabeça, deliciada por ter tantas informações sigilosas.

- Por causa dessa ampliação, a Cia. vai ter que abrir recrutamento.

- Jura? – Meu estoque de reações estava se esgotando e eu já não sabia mais o que inserir nas pausas.

- Só não se sabe ainda se o recrutamento será interno ou externo. – falou deixando transparecer a expectativa.

- Sei...

Um curto silêncio seguiu enquanto Mariana divagava com um olhar apaixonado.

Tudo bem, vá lá. De fato aquilo era sim uma novidade e não dava para negar que em outros tempos, eu ficaria interessada. Até então, a Cia. só voava dentro do Brasil e alguns países da América do Sul. Comprar ações de uma empresa europeia e ampliar as rotas para outros continentes era um boato que já existia desde quando comecei a voar, quase dez anos antes. Embora toda essa euforia não me contagiasse nem um pouco, eu devia concordar que de fato era uma novidade. Não MARAVILHOSA, mas tinha lá seu valor.

De repente como se estivesse saindo de um transe. Mariana lançou:

- Melhor voltar à realidade... Bem, vamos dar um pulo lá no shopping comigo?

- Que shopping?
- Norteshopping.
- Nem pensar.
- Mas é que eu tenho que trocar o presente que tia Graça me deu de Natal. – Mariana encolheu os ombros – Que culpa tenho eu se ela mora em Del Castilho?

Toda vez que eu ia ao Norteshopping, sentia como se tivesse ido ao centro da cidade. Barulhento e lotado, o Norteshopping para mim era uma feira livre disfarçada de shopping, onde os vendedores fingiam intimidade, indo à caça de suas presas na vitrine das lojas com perguntinhas do tipo “quer dar uma olhadinha lá dentro, amor?”. Além disso, o Norteshopping era cheio daquelas lojas que a pessoa compra no Natal para começar a pagar na Páscoa, num crediário de trinta e seis vezes sem juros no cartão. Eu desconfiava que até loja de R\$ 1,99 era possível encontrar por lá.

Não, nem pensar. A minha ideia de shopping estava um pouquinho mais relacionada com conforto.

Por outro lado, eu havia ficado em casa todos aqueles dias sem nenhuma notícia de Arthur, ou seja, estar ali de prontidão não estava adiantando. Quem sabe se eu saísse? Por experiência própria, eu sabia que o universo era regido por uma espécie de programação contrária, portanto, era altíssima a possibilidade de o telefone tocar se eu pusesse os pés fora de casa.

- Só um minuto que vou trocar de roupa. – decidi acompanhá-la por fim.

Foram quarenta e cinco minutos (contados no relógio) para achar uma vaga no estacionamento. Quando finalmente encontrei, era daquelas que você deixa duas rodas no canteiro e as outras duas na rua, o que significava grandes chances de não encontrar o meu retrovisor quando voltasse. Mas também o que eu esperava indo ao Norteshopping em pleno período de férias?

Um arrependimento lento e quente – quente em virtude dos quarenta e dois graus marcados no termômetro – percorreu o meu corpo em forma de gotículas de suor que se iniciavam na lateral do meu rosto, ganhavam força na descida pelo pescoço onde então manobravam pelo vão central, indo terminar entre os meus seios, amortecidos pelo elástico do sutiã. Não tinha ar condicionado que desse vazão. O calor de janeiro era infernal.

Mas a pior parte ainda estava por vir: A troca da mercadoria.

Mariana adorava grifes e era aquele tipo de cliente que tem o nome anotado na agenda das vendedoras, de modo que cada vez que a estação virava, ela ficava super ocupada atendendo aos inúmeros telefonemas de vendedoras que ligavam para avisar que a nova coleção “estava liiiiinda” e que tinha um monte de modelos “Suuuper glam!”.

Então quando Mariana apontou na loja, a vendedora clone de Lady Gaga, abriu um sorriso de orelha a orelha. – creio que muito mais pela gorducha comissão que anteviu do que pelo prazer de revê-la – As duas cumprimentaram-se com beijinhos, *Muah, Muah*, e então teve início a maratona: Mariana experimentou praticamente todo o estoque da loja. Lady Gaga, por sua vez, se desdobrava em atender três clientes, se esgoelar para a pobre coitada do estoque: “desce uma floral azul 40”, “ribana branca 38!”, “manda duas pantacour, uma M lilás e uma cinza P, quer dizer, uma M cinza e uma P lilás, entendeu?” e passar dois cartões de crédito. Tudo ao mesmo tempo, sem respirar.

Percebendo que meu senso consumista estava muito abaixo dos limites aceitáveis para mulheres, Lady Gaga veio em minha direção:

- E para você, amor, o que vai ser?

- Ah, tô só dando uma olhadinha mesmo... – eu disse simpática.

- Como assim, amor? – como eu ousava dizer tamanho absurdo? Se era só para olhar, ficava na vitrine então, porra!, foi o pensamento dela, tenho certeza – Já viu essas batas aqui, amor? – ela atirou sobre mim a pilha de roupas que a lourinha da terceira cabine não havia gostado e acabara de devolver – tudo em rosa, amor. Experimenta! A cor do verão, amor! – arrematou.

Eu me lembrava de ter ouvido a mesma coisa no verão anterior de uma outra vendedora em um outro shopping.

- Mas o rosa também não foi a cor do verão passado? – perguntei humildemente.

Lady Gaga então arqueou uma sobrancelha e me lançou um olhar assassino que poderia ser traduzido por “nunca mais repita essa merda, garota!”.

- Claro que não! – retrucou, de cara fechada – A cor do último verão foi o pink!

- Ah...

Então me vi no meio da loja sem saber o que fazer com tanta roupa rosa nas mãos enquanto Lady Gaga continuava sua maratona três metros rasos, trombando nas colegas que, por sua vez, também brincavam de bingo com a pobre coitada do estoque. A CLT devia prever um adicional de insalubridade para as criaturas que trabalham no estoque das lojas femininas.

Por fim, muito mais para agradar Lady Gaga do que a mim mesma, comprei uma porção de roupas, sem experimentar nada. Tudo rosa, evidentemente. Eu precisava muito comprar alguma coisa. Qualquer coisa. E a vendedora precisava muito vender alguma coisa. Qualquer coisa. Foi o casamento perfeito.

Em seguida, Mariana insistiu que fossemos conferir uma loja de cosméticos que se tornara febre entre as celebridades, a T.Q.T., uma loja com ar esnobe e moderninho obtido pela combinação piso porcelanato, muito vidro e aço escovado. As vendedoras eram todas atrizes ou modelos desempregadas e o altíssimo preço dos produtos dava toda credibilidade à marca. A estratégia de marketing da T.Q.T. também era bem arrojada, baseada no conceito de beleza sustentável com produtos obtidos das mais inusitadas matérias primas.

Diferente de Lady Gaga, nenhuma vendedora veio nos receber na T.Q.T. Aliás, nem olharam para a nossa cara. Logicamente, não nos reconheceram de nenhum comercial, novela ou filme nos quais fizeram figuração e, obviamente, por não sermos nem minimamente famosas, não éramos dignas de atenção.

Então, como ninguém nos apresentou a produto nenhum, tivemos que nos virar sozinhas para entender a composição – e a utilidade – de cosméticos como o protetor solar para unhas feito a base de agrião, nos fatores 20, 30 e 50; O leite hidratante a base de sêmen bovino para ser utilizado três vezes ao dia; O exfoliante corporal feito de fezes de pássaros que prometia maciez e renovação celular; O batom à base de lama nos tons terracota e argila; E, por fim, uma linha de perfumes composta de urina animal engajados na luta contra o desperdício de água no planeta.

Eu, para falar a verdade, não consegui compreender bem a filosofia da T.Q.T., mas é claro que pessoas mais modernas compreendiam. Pessoas como Mariana, por exemplo, que deixou

metade do salário numa máscara de hidratação capilar à base de saliva suína, que garantia brilho intenso e o fim das pontas duplas, dentro de uma bolsinha de papel pardo onde lia-se “T.Q.T. Beleza levada a sério”.

Depois do shopping, almoçamos e eu a dei uma carona à Mariana até a academia. Ela insistiu muito para eu fazer uma seção de spinning, mas eu recusei veementemente e arranquei com o carro para não correr o risco dela me convencer. No caminho de volta, passei na lojinha de conveniência, mas pensei bem e resolvi abandonar aquela estória de vinho seco que realmente não estava me fazendo bem.

Investi no Martini.

Antes de abrir a porta rezei cinco pai nossos e cinco ave marias para que houvesse algum recado de Arthur. Prometi a Deus que nunca mais seria rabugenta, falaria palavrão ou botaria uma gota de álcool na boca. Garanti até que ele poderia contar comigo na primeira fila da missa de domingo se eu tivesse pelo menos um recadinho. Unzinho que fosse.

Então preendi a respiração, abri a porta e caminhei lentamente até o telefone fazendo aquela cena parecer ter sido extraída de um filme de Hitchcock. Deu até para ouvir a musiquinha de suspense ao fundo.

Lá estava ela! A luzinha vermelha piscando marota.

Quase desmaiei de tanta emoção!

Eu estava certa no meu palpite, era só sair de casa para o telefone tocar. E dessa vez não podia ser Mariana, porque estivéramos juntas a tarde toda.

Muito obrigada, meu Deus! Fico devendo essa pro Senhor!

12.

- Alô, alôôôô, alôôôôuuu. Beatriz, você está me ouvindo? Sou eu, seu pai. Você está aí, minha filha? Não? Tá bom então. Quero só saber como você está. Ah... Feliz ano novo, viu?! Vê se me liga! Meu celular ainda é o mesmo: 987653... – desliguei.

Sacanagem de Deus!

Ele sabia muito bem que eu me referia a uma mensagem de Arthur quando implorei por um recado, não servia de qualquer pessoa. E ainda por cima me mandou uma mensagem do Jonas. Mais uma decepção entre as tantas que eu já vinha colecionando. Não que receber uma mensagem do meu pai fosse exatamente uma decepção, mas, sendo franca, também não era algo animador.

Embora Jonas tivesse pedido que eu ligasse, no fundo ele esperava de mim exatamente o contrário. Era o nosso o código de ética, um acordo tácito: Ele passava meses sem dar sinal, então nas datas comemorativas, tipo meu aniversário, Natal, ou Ano Novo – a Páscoa normalmente ficava de fora – ele aparecia, sempre renovando os pedidos para que eu fosse mais presente, ao que eu ignorava solenemente e ele por sua vez deixava quieto. Até a próxima data festiva.

Jonas não era exatamente um mau pai, nem eu uma má filha, simplesmente não tínhamos nada

em comum e a presença dele me remetia a um passado que não era dos mais agradáveis. Aliás, era péssimo. Eu não tinha mágoa e achava, sinceramente, que éramos ambos vítimas das fatalidades da vida, porém não havia como voltar no tempo e colar o que há muito havia quebrado. O que não tem remédio, remediado está. Não havia nada a fazer, certo? C'est la vie. Hora de molhar a garganta, decidi abandonando a secretária eletrônica e indo até a cozinha abrir uma garrafa de Martini.

Percebendo a dificuldade de se arranjar um copo limpo, fui obrigada a admitir que Mariana tinha razão. Minha cozinha estava impraticável. Não havia sequer um copo, um prato ou um talher limpo dentro dos armários. Estavam todos sujos e entulhados entre restos de comida dentro da pia. Foi inclusive por causa disso que dias antes eu começara a usar os copinhos e pratinhos descartáveis que sobrara do aniversário de Arthur. Os descartáveis eram mais práticos porque depois de usados, era só jogar fora – ou largar em um canto qualquer. – Sem dúvida nenhuma, o avião foi a maior invenção humana, a segunda, porém, foram os descartáveis.

O problema é que com o passar dos dias, uma montanha assustadora de copinhos, pratinhos e talheres plásticos começou a se formar na cozinha. Eu só me dei conta disso quando a embalagem dizendo “contém 500 unidades” acabou-se.

Assustada, olhei para a lixeira transbordando de lixo e imaginei que em algum momento aquela sujeira toda ganharia vida e se voltaria contra mim, na forma de uma criatura, um monstro talvez, que me atormentaria aos gritos ameaçadores de “Vai lavar a louça, sua porca!”

O cheiro de comida passada misturado com cebola exalando da geladeira era nauseante. Pior que isso só os panos de prato encardidos, os três sacos de lixo que jaziam há dias sob o chão engordurado e a orquestra sinfônica das moscas varejeiras.

Parada na porta, admirei aquela imagem do pós-guerra com um olhar contemplativo e angustiado porque me faltava disposição para resolver o problema. Eu já tinha tantos... Não dava para botar mais um na fila.

Além disso, eu vinha alimentando a esperança de ser abençoada pelo milagre da faxina. Um dia, se Deus quisesse, eu adentraria a cozinha e encontraria a louça completamente limpa, seca e guardada, a geladeira cheirosa e impecável, o chão brilhando, sem nenhum saco de lixo, os tapetes limpos e os panos de prato branquinhos. Eu passaria o dedo indicador na superfície da pia comprovando não haver nenhum vestígio de gordura, daria um rodopio de alegria segurando a pontinha da minha saia e com os olhos levemente fechados, abriria um enorme sorriso, aspirando o agradável cheirinho de limpeza no ar, tudo exatamente como no comercial do Veja.

Contudo, enquanto esse dia não chegava, eu ia mantendo a porta da cozinha fechada, afinal já dizia o ditado: O que os olhos não vêem o coração não sente.

Abri uma garrafa de Martini – que por falta de copo, bebi no gargalo mesmo – me esparramei no sofá e liguei a televisão. Estava passando um programa para donas de casa, onde a apresentadora parecia qualquer coisa, menos uma dona de casa.

Linda, loura, magra e rica, ela falava para as câmeras como quem detém o segredo da felicidade, ensinando truques para tirar mancha de molho de tomate e macetes para descascar uma cebola sem chorar. Sentei para assistir porque o programa estava acabando e era

justamente a parte final que eu mais gostava, quando a apresentadora declamava, com olhar compenetrado e profundo, a mensagem que ela, descaradamente, lia embaixo da câmera, ao som dos pianos de Richard Claiderman.

Como não poderia deixar de ser, as mensagens eram sempre de autoajuda e a lição de moral daquele dia foi “O jardim e as borboletas”, que ressaltava a importância de dar a volta por cima em momentos ruins e ressurgir fortalecida depois de um fracasso. Num close tão perto que denunciava sua última aplicação de botox, a apresentadora linda-loura-magra-e-rica então falou pausadamente feito cerimonialista de festa de quinze anos: “Não cace as borboletas, amada! Apenas cuide do seu jardim e elas lhe farão uma visita!”.

Meu bom-senso classificou a frase como pobre, cafona e batida, mas para quem não tinha nada como eu, até que era um bom conselho. Me envolver com alguma coisa era realmente uma opção razoável para sair da depressão. Para minha sorte – ou azar – lembrei imediatamente da infinita quantidade de louça na pia. Lembrei ainda que eu estava usando a calcinha do lado do avesso porque não encontrara nenhuma limpa na gaveta. Nem na pilha de roupas para passar.

Além disso, em dois dias as férias – graças a Deus – acabariam e eu estaria de volta ao trabalho, voando numa escala de cinco por sete.

Não perdi mais tempo.

Botei Alcione para tocar no DVD, vesti um shortinho jeans velho que um dia fora uma calça jeans, enfiei uma camiseta preta aposentada por tempo de serviço – e uns respingos de água sanitária – e me joguei na faxina. Tirei a poeira dos móveis, sacudi os tapetes, botei as cortinas para lavar, lavei a montanha de louça, desci com os sacos de lixo, arrumei meu armário, organizei minhas roupas por cores, separei as roupas que não serviam mais, troquei a roupa de cama, mudei a posição do sofá, tirei as manchas de molho de tomate dos panos de prato – usando o truque que a apresentadora linda-loura-magra-e-rica ensinara – e, por fim, botei minhas calcinhas de molho no amaciante.

O telefone não tocou nenhuma vez, mas eu pensei em Arthur absolutamente todo o tempo. (era bem verdade que em momento algum foi prometido que enquanto eu cuidasse do jardim, deixaria de pensar nas borboletas...) Compreendi que se enganavam redondamente as pessoas que enfiavam a cara no trabalho para se livrar de uma decepção, porque se manter ocupado definitivamente não diminui a dor. Senão vejam só o meu caso, eu tinha me mantido extremamente ocupada durante todo o dia e mesmo assim, Arthur não saía do meu pensamento nem sequer por um segundo. E, cá para nós, como é que limpar o banheiro, trocar o lixo e varrer a casa poderiam me fazer sentir melhor?

A faxina de nada adiantou para aliviar minha cabeça. Mas eu também não podia negar que a atitude tivera sim um lado positivo. Primeiramente, pelas razões óbvias de ver minha casa limpa e salva da desordem. Depois porque, embora eu não tivesse deixado de pensar nele, a verdade é que eu também não derramara nenhuma lágrima. Aliás, me dei conta de que já não chorava mais, ou pelo menos não mais como no início, e não era porque eu havia desidratado não. Eu havia na verdade aceitado o sofrimento, havia incorporado a tristeza de tal forma que nada poderia me deixar mais triste do que eu já era.

Suspeitei que estivesse me tornando uma pessoa infeliz.

As férias, enfim, se passaram e Arthur não deu sinal.

De repente, percebi que minha última noite de férias era uma noite de sábado.

Sábado sempre foi o meu dia preferido, sábado à noite então significava para mim um momento de êxtase supremo. Algo que tinha a ver com tarde no salão, cabelos esvoaçantes, make up perfeita, roupa nova e um programa super alto-astrol com Arthur, é claro. Quase sempre fazíamos o triatlo: cinema, jantar e festa.

Porém, agora a realidade era outra, bem diferente.

Se eu não sabia o que fazer com a enorme quantidade de tempo que me sobrava durante a semana, o que falar de um sábado à noite? Pular do quinto andar até me pareceu uma opção tentadora.

Foi então que minha ficha caiu e eu me dei conta de uma realidade terrível: Eu era novamente uma mulher solteira, encalhada, a caça e na pista. Para onde vão mesmo as mulheres solteiras sábado à noite, heim? O que elas fazem mesmo, heim? Lembrei com o mais profundo pesar da crueldade que é o mundo das mulheres solteiras, com a procura muito maior que a oferta, num mercado super competitivo com pelo menos quinhentas mulheres maravilhosamente produzidas para um único homem livre e desimpedido – isso porque eu estava considerando os feios de doer. – Proporcionalmente falando, era mais fácil passar no vestibular de medicina da USP do que desencalhar.

Há tanto tempo eu não pertencia àquela classe, há tanto tempo eu havia abandonado aquela vida de sair de domingo a domingo, na expectativa de encontrar alguém interessante e passar os próximos sete dias ansiosa por um mísero telefonema para então – caso ele ligasse – descobrir que o fulano tinha um relacionamento de cinco anos ou era absolutamente surtado.

Ninguém admite isso, mas a verdade é que ser solteira aos vinte e poucos vá lá, é divertido, mas aos vinte e muitos, fala sério!

Essa não sou eu!, disse em voz alta percebendo a realidade macabra que me aguardava.

Para onde tinha ido a minha vida real? Eu senti que Arthur era O cara desde o primeiro momento em que o vi. Juro que senti! Achei que finalmente encontrara aquele que me amaria desesperadamente, incondicionalmente, eternamente e mais um monte de outras palavras terminadas em mente, mesmo nos meus dias de TPM, mesmo ao me ver acordar, antes de pentear o cabelo.

Enfim, eu não aguentaria assistir televisão mais uma noite, encarando a afronta do telefone calado, apesar da tomada estar devidamente plugada e o fone no gancho, detalhes que eu checava a cada dez minutos.

Talvez, eu pudesse chamar uma amiga para sair, pensei. Mas me dei conta de que eu não tinha mais amigas solteiras porque toda vez que se começa um namoro dá-se início um fenômeno natural também conhecido como “afastamento das amigas solteiras”, é uma espécie de ventania forte que sopra para longe todas as amigas que não possuem uma companhia fixa. Só

as amigas comprometidas sobrevivem ao vendaval que, por sua vez, numa espécie de compensação, traz novas amigas: As namoradas dos amigos do seu namorado.

Não fui eu que inventei a regra, ela existe desde que mundo é mundo. Está lá no artigo quinto da Constituição dos Relacionamentos. Comigo não foi diferente. A única amiga solteira que eu tinha era Mariana, mas infelizmente ela estava voando.

Além do mais, tinha uma outra lei que tornava minha situação um pouco mais grave: A Lei de Murph. Porque depois de uma separação, mesmo uma cidade grande como o Rio de Janeiro reduz consideravelmente de tamanho, e as chances de você esbarrar no ex-namorado são enormes. Crescem ainda mais se você ainda estiver sofrendo e completamente apaixonada por ele.

Ligar para uma amiga comprometida também estava fora de cogitação porque segurar vela só ia aumentar minha vontade de cortar os pulsos e afinal de contas era sábado à noite, ou seja todas estariam estressadíssimas em frente ao espelho, numa dúvida hamletiana, sobre o que vestir: Um jeans justo ou um vestido curtinho.

Eu tinha que respeitar aquele momento, não tinha o direito de atrapalhar uma hora sagrada, como as do sábado à noite. Das lembranças de um passado muito, muito distante – talvez, de outra vida – eu sabia exatamente como era aquilo.

Então movida por um misto de ousadia e desespero, considerei a possibilidade de sair sozinha, mas desisti no minuto seguinte ao imaginar o meu diálogo com a hostess na porta de algum barzinho:

Hostess: Mesa para quantos?

Eu: Só para mim mesma.

Hostess: No mínimo dois.

Eu: Como?

Hostess: Aqui só entra acompanhado. São normas da casa.

Eu: Ah...

Hostess: Te largaram, né?

Eu: Hã...? Sim, quer dizer... Não. Como é que você sabe?

Hostess: Experiência. Tá escrito na sua testa. Arranja alguém aí na fila e volta. Próximo!

Não, não, não e não! Eu não ia me deixar ser humilhada por nenhuma hostess, afinal em algum lugar dentro de mim ainda havia uma raspinha de amor próprio.

Peguei minha agenda telefônica e comecei a vasculhar na esperança de encontrar alguém, alguma alma amiga que pudesse me estender a mão naquela noite de sábado. Eu estava topando qualquer programa, qualquer lugar, qualquer coisa por mais esdrúxula que fosse, desde que não fosse uma festa de casamento, por mim estava ótimo.

Bem, vejamos... Aline, estava namorando, Amanda também, Ana nem pensar, era muito deprimida, Andrea havia se casado em novembro, Bianca havia virado evangélica, Bruna estava grávida, Carol... Bem, Carol era uma boa opção. Há um tempo eu não a via, mas éramos amigas da academia e ela era uma pessoa legal, quer dizer, tirando o fato dela ser cleptomaníaca e eu sempre voltar para casa com um batom a menos na nécessaire, ela até que era uma pessoa divertida.

Enfim, eu estava tão desesperada para sair de casa que nem me importei de perder aí um par de brincos, uma pulseira ou um relógio. Se o preço fosse esse, eu estava feliz em pagar.

- Alô. – ela atendeu de primeira.

- Oi, Carol, sou eu Bia.

- Biiia! Quanto tempo! – falou animada para em seguida emendar um tom de desculpas – Olha, será que a gente pode falar outra hora? É que o carinha que estou saindo está passando aqui para me pegar e eu ainda nem decidi o que vestir...

Não falei?

- Vai de vestido.

- Você acha? Ai, Bia, valeu! Você é uma fofa. Beijo. Tchau.

Fiquei olhando para o telefone boquiaberta, sem acreditar. O mundo só podia estar de sacanagem comigo. Até a destrambelhada da Carol tinha uma companhia masculina para aquela noite de sábado! Desliguei convicta de que definitivamente eu era a única pessoa sozinha em todo o estado do Rio de Janeiro.

Voltei duas casas.

Vou sair sozinha mesmo, resolvi. Vou para qualquer lugar, nem que seja uma volta no quarteirão, mas dentro de casa eu não fico.

E foi o que eu fiz. À noite estava fresca e o céu todo estrelado com uma lua cheia que mais parecia o sol. Era uma linda noite de janeiro, meu último dia de férias e de repente me toquei que o primeiro mês do ano já estava indo embora. Da última vez que eu vira Arthur, naquele fatídico trinta e um de dezembro, ele garantiu que seríamos amigos e que manteria contato, mas simplesmente sumiu desde então.

Por outro lado, entre não ter notícia alguma e ter uma desagradável, – tipo ele estar saindo com alguém – eu preferia a ignorância. É que o passar dos dias me deixou fraca e covarde, eu havia perdido completamente o ímpeto inicial de procurá-lo e, por conta disso vivia esperando que algum sinal caísse do céu.

Vaguei imperceptível pelas ruas de Botafogo, testemunhando a alegria eufórica das noites de verão, que só reforçava a minha tese de que sofrer no inverno era bem mais apropriado. Do lado de fora dos bares, filas e mais filas de clientes. Do lado de dentro, garçons desdobrando-se para atender mesas lotadas de pessoas gargalhando e brindando à vida. Quantos romances, quantas aventuras não estavam marcados para começar naquela noite de janeiro?

Passei em frente à Cobal, mas amarelei. Melhor não entrar, decidi dando um passo para trás e preferindo evitar o lugar que tantas vezes frequentara com Arthur. Não estava num bom momento, seria péssimo encontrar pessoas conhecidas e fingir estar ótima.

Segui andando até a Rua Humaitá, onde uma pizzaria cafona com o letreiro em néon piscou para mim. Pessoas solitárias como eu podiam até ser desprezadas nos barzinhos da moda, mas nas pizzarias cafonas com néon piscando ainda estávamos com a bola toda.

Para não me alongar nas descrições e apenas dar uma ideia do tipo de espelunca que era a pizzaria, nas paredes pichadas do banheiro feminino haviam frases como a seguinte: “Feliz é a jabuticaba que nasce no pau e morre sendo chupada”. Preciso dizer mais alguma coisa? Pois é.

Assim que entrei, fui logo sentando numa mesa qualquer, para não dar a nenhum engraçadinho a chance da pergunta “Mesa para quantos?”. Ter passado batida e saber que nenhum conhecido me encontraria naquele buraco bombou minha autoconfiança.

- Poderia me trazer um suco de laranja, por favor? – pedi ao garçom.

- Serve Fanta?
- Tudo bem. – concordei – E uma pizza de presunto também.
- Brotinho ou média?
- Brotinho, por favor.

O lugar não estava muito cheio. Além da minha mesa, contei mais cinco, sendo que três eram ocupadas por uma família de gordinhos que comemorava o aniversário da filha gordinha, numa espécie de festinha improvisada pelos amigos gordinhos, com direito a participação de todos os clientes da pizzeria no coro do Parabéns para você.

Adorei aquilo!

Cantei com vontade, (normalmente, eu só batia palmas e cantava a parte do Ehehehe...) entoar depois o “É big, é big, é big” foi uma oportunidade maravilhosa de voltar a interagir com as pessoas. Estava tão empolgada que por pouco não puxei o “Com quem será”, só para ter mais uma chance de continuar me socializando com outros seres humanos.

Então, quando finalmente a pizza e a Fanta laranja chegaram me peguei lançando um sorriso cheio de carinho ao garçom porque depois de tanto tempo, era a primeira vez que um homem era gentil comigo. Fiquei tão comovida com o gesto, que uma lágrima quase rolou quando ele me ofereceu o ketchup.

Ainda era cedo quando saí da pizzeria, mas a temperatura estava um pouco mais amena. Se pegasse um táxi, em cinco minutos estaria em casa, se fosse andando, em quinze. Como o objetivo era justamente passar o tempo, optei pela caminhada, escolhendo, entretanto, o caminho mais longo e o passo mais lento.

No fundo, isso foi só a desculpa que inventei para passar mais uma vez, devagarzinho, na porta da Cobal.

Já pensou se encontro Arthur agora? Já pensou se ele está por aqui? Já pensou se ele também está andando nesta rua?

Aquele tipo de especulação era uma baita perda de tempo, eu sabia, mas eu precisava me agarrar a alguma esperança para não surtar de vez, porque por mais que a sensatez me aconselhasse a arquivar Arthur na pasta “Esquece isso”, era humanamente impossível apagar da mente os últimos três anos da minha vida e agir como se nada tivesse acontecido. Tão impossível quanto deixar de respirar.

Subitamente, uma voz familiar me sintonizou à realidade.

- Bia!

Putá merda!

Tudo que eu não queria que acontecesse, aconteceu: Alguém me viu! Fiquei tentando localizar de onde vinha voz quando então avistei Raquel, uma colega de trabalho de Arthur que se tornara também minha amiga. De dentro de um barzinho, ela acenou para que eu a esperasse e segundos depois, saiu pela porta de vidro com os olhos arregalados e a cara de quem acabou de ver uma assombração.

- Nossa, como você tá magra! – ela exclamou.

Ou deprimida, dependendo do ponto de vista, pensei.

- Eu já tô sabendo... – ela continuou parecendo mortificada – Você e Arthur terminaram, né? Meu coração estourou de dor e eu me esforcei para sorrir, mesmo sentindo a vontade de chorar me arreentar por dentro. Eu queria o quê também? Haviam se passado vinte dias, era óbvio que àquela altura todo mundo já estava sabendo. Provavelmente, Raquel e Chima, o namorado de Raquel, – O apelido vinha de Maquinho Chimarrão, por ele ser gaúcho – já haviam até saído com Arthur e sua nova companhia.

- Ele terminou comigo na noite de Ano Novo. – foi tudo o que consegui dizer, sentindo uma pontada de ciúme não só por Arthur, mas também pelos amigos que de certa forma eu perdia.

- Eu sei. – ela afirmou cabisbaixa.

- Como foi que você soube? – Desde que Arthur partira, aquela era a primeira vez que eu tinha alguma notícia dele, eu precisava, portanto, aproveitar a oportunidade para colher o maior número de informações possível.

- Bom, Arthur está de férias lá do escritório, mas Diogo contou pro Chima.

- Como ela é? – me senti ridícula por fazer essa pergunta, mas precisava saber tudo sobre a mulher pela qual eu fora trocada. Tudo mesmo. Nome, idade, profissão, endereço, CPF, título de eleitor e, principalmente, se ela era mais alta e mais magra do que eu. Queria detalhes do inimigo. Detalhes!

- Ela quem? – desconfiei que Raquel estava sendo sonsa e escondendo o jogo. Pelo visto já tinha passado para o outro time.

- Você entendeu muito bem, Raquel. – desarmei-a – A mulher que Arthur está saindo. Desembucha. Quero a ficha toda dessa mulher. Agora! – determinei com autoridade sentindo meu rosto esquentar.

- Que eu saiba não tem mulher nenhuma, Bia. – disse transparecendo sinceridade, mas sendo ela advogada sempre havia a chance de estar me enrolando.

- Hã? – perguntei espantada. – Como não tem?

- Não tendo, ora. Ele não terminou com você por causa de uma outra mulher – me senti ligeiramente aliviada com a revelação, mas isto foi só até ouvir o resto da frase – ele terminou por causa de várias.

- Do que você tá falando? – fiquei uma pilha de nervos.

- O papo que rola é que você era muito controladora, então ele se sentiu preso e preferiu terminar tudo para curtir a vida de solteiro.

- Controladora? Eu? Que absurdo! Quem falou isso? – fiquei indignada.

- Não importa quem falou. – ela desconversou – O fato é que ele surtou de vez. A vida dele agora se resume a festas, mulheres e boates. Ele e o mala do Diogo, você sabe. Eu já avisei ao Chima para abrir o olho porque eu não vou engolir nenhum vacilo.

- E onde é que ele tá morando? – interrompi nervosa.

- Aí eu não sei... Mas olha, eu posso levantar essa informação para você, posso te arranjar o endereço completo, com Cep e tudo. – falou em voz baixa como se negociássemos o contrabando de uma droga ilegal – Eu torço sinceramente para que vocês reatem, Bia, porque eu não acho nada bom essa má influência para Chima às vésperas do nosso casamento. Aliás, vou marcar a data do casamento essa semana! – afirmou contente.

Fiquei calada, amargando um sentimento de tristeza misturado com uma pontinha de inveja. Aliás, pontinha coisa nenhuma, foi inveja braba mesmo.

- Mas e você, como está? – perguntou-me Raquel, por fim.

Como é que eu poderia estar...?

- Vou ficar bem, não se preocupe. – falei com a maior dignidade.

- Você não quer entrar e tomar alguma coisa com a gente? – Raquel inclinou a cabeça em direção ao bar – Só estamos eu, minha irmã e Chima.

- Não, obrigada. – recusei porque não estava no clima – Eu já estava indo para casa. Volto a trabalhar amanhã cedo.

- Tudo bem então. – Raquel compreendeu.

- Te ligo assim que estiver com a data do meu casamento marcada, tá?

- Tá bom. Manda um beijo para o Chima e para Ruth – Ruth era a irmã gêmea de Raquel. Sim, é isso mesmo. Dona Salete, a mãe delas, era fã incondicional da primeira versão de Mulheres de Areia em 1973. Então, quando as gêmeas nasceram, anos mais tarde, ela nem pensou duas vezes e batizou as filhas de Ruth e Raquel.

Dei uns três passos, sentindo um buraco no lugar do peito, quando então Raquel me chamou de volta.

- Bia!

Virei-me.

- Esqueci de te falar... – Ai, meu Deus...! – Arthur e Diogo vão para Ibiza mês que vem.

- Bom para eles, – comentei civilizada – bom para eles.

Ok, vamos encarar os fatos: Eu não gostei nada de ser taxada de controladora nem tampouco achei que o fato de Arthur não estar envolvido com outra pessoa facilitava minha situação. É claro que eu não preferia que ele estivesse com outra mulher ou – pior – que tivesse me traído, mas também não amenizava o problema ele estar feliz da vida, aproveitando sua nova condição de solteiro no Rio de Janeiro, porque no final das contas o resultado era o mesmo, ele não estava comigo, e pelo que eu conseguira apurar, estava muito bem assim.

Refiz o caminho de volta sentindo-me arrasada. Como é que Arthur ousava ser feliz longe de mim? Como assim ele estava se divertindo a beça e saindo com um monte de mulheres? Eu controladora? Que desculpa esfarrapada! Como podia ser controladora uma mulher que passava dias fora de casa?! Se tinha uma coisa que aeromoças jamais poderiam ser acusadas era de serem controladoras.

Abri a porta de casa e estava tão furiosa que nem lembrei de invocar os deuses das mensagens telefônicas. Mesmo assim a luz da secretária eletrônica estava piscando. E dessa vez haviam dois recados.

Se fosse de Arthur, ele ia ouvir poucas e boas.

- *Bia, sou eu.* – Era Mariana falando apressadamente como se a ligação pudesse cair a qualquer momento – *Agora está confirmado, quer dizer, ainda não é oficial, mas eu fiquei sabendo por fontes seguras e logo, logo vai ser divulgado. A Cia. vai mesmo abrir processo seletivo para o início das operações lá na Europa. Já estou com todos os detalhes! Precisamos conversar.*

Agora eu tenho que embarcar. Chego aí no Rio na terça. Beijo.

Que chatice esse papo de Mariana também!

Impressionante como ela estava obcecada por essa estória. Dane-se se eles iam fazer recrutamento interno ou externo. Como é que eu podia me preocupar com isso na bagunça que andava a minha vida pessoal?

Prendi a respiração a espera do segundo recado, mas aconteceu uma coisa inédita naqueles dias. O telefone tocou. Meu coração disparou e eu senti de uma forma que jamais sentira antes que finalmente estava prestes a falar com Arthur. Dessa vez eu tinha certeza. Tudo fazia sentindo: Ele esperara as minhas férias acabar para então me procurar. Era chegada a hora que eu tanto aguardava.

Deixei o telefone tocar cinco vezes e então atendi com a voz mais tranquila e serena que consegui fingir.

14.

- Alô.

- Oi, minha filha! Até que enfim consegui falar com você!

Não, não e não! Mil vezes não!

Não era possível que meu sexto sentido tivesse errado tão feio.

- Oi, Jonas, como vai? – disse totalmente brochada.

- Tudo bem, filha. E você?

- Tudo indo.

- A Clarissa me falou que você está de férias, então pensei que podíamos nos encontrar, fazer alguma coisa... Faz tempo que não te vejo.

- Minhas férias acabaram, amanhã volto ao trabalho.

- Sei... Bem, então quando é que você está de folga?

- Sem previsão.

- Tudo bem. – pelo tom de voz, saquei que Jonas estava disposto a forçar a barra – Eu passo lá no aeroporto então.

- Você quer falar alguma coisa em especial?

- Não. Quer dizer, queria apenas te ver.

- Quinta-feira fica bom para você então?

- Perfeito! – ele exclamou animado – Essa quinta?

- Não, quinta que vem.

- Que horas?

- Às sete, no Gula Gula do Rio Design. – decidi, porque se fosse deixar por ele acabaríamos numa carrocinha de caldo de cana no Largo do Machado.

- Ótimo.

- Bom, Jonas, agora eu realmente preciso dormir porque amanhã acordo cedo.

- Claro. Nos vemos na quinta-feira que vem então.

- Até lá.

Estou sozinha!, constatei há muito tempo atrás, aos oito anos de idade para ser mais precisa, assistindo meu pai quebrar a mesa da cozinha com um soco, se machucar e depois chorar de arrependimento com as mãos toda ensanguentadas, em meio a uma de suas crises de alcoolismo. Eu sabia que, no fundo ele era um bom homem, mas naquela época eu já havia aprendido também que bondade nem sempre significa força.

Algumas vezes é necessário maturidade para entender certas coisas, mas sentimentos como alegria e tristeza são instintivos e é possível compreendê-los mesmo quando se é recém-nascido. Assim, aos oito anos de idade eu sabia que papai sofria, e sabia também que tínhamos apenas um ao outro. Portanto, eu vivia preocupada em ser uma boa filha, em comportar-me bem e agradá-lo de todas as formas, porque temia que uma onda botasse por terra o castelinho de areia que era a nossa relação.

No entanto, papai submerso em amargura não era capaz de notar meu esforço. Na verdade, papai sequer podia notar a presença de uma menina naquele enorme apartamento de luxo. *Se pelo menos eu fosse menino...*, era um pensamento recorrente.

Contudo, sob o efeito do álcool tudo mudava. Papai se tornava um homem muito mais legal, brincalhão e até engraçado. Me pegava no colo, me fazia cócegas, desenhava, cantava e dançava pela casa. É claro que depois da euforia, toda a alegria dava espaço à agressividade. Mas, no meu entendimento simplificado, papai era um cara muito mais legal quando bebia. Então, assim que eu chegava da escola, fazia minhas lições e passava a tarde esperando-o com uma dose de whisky sobre a mesa. Quando aproximava-se da hora dele aparecer, eu adicionava duas pedrinhas de gelo, pois acreditava que assim estava sendo uma boa menina.

De fato, eu o agradava, porque papai jamais recusava meus drinques. Aliás, na maioria das vezes bebia tudo num gole só, me enchendo de satisfação. Eu, na minha lógica infantil, fazia isto para que pudéssemos interagir melhor, porque sem a bebida, papai era apenas um homem triste, calado e completamente indiferente a mim, mesmo que eu lhe mostrasse um elogio da professora no caderno ou ganhasse a primeira medalha na natação, numa competição em que ele, obviamente, não apareceu para assistir. Preparar-lhe um copo de qualquer bebida alcoólica era, definitivamente, a única oportunidade que eu tinha de me relacionar com ele. E, modéstia à parte, eu aprendi tudo bem rápido. Aos oito anos já podia identificar pelo olfato uma dose de conhaque de uma de whisky.

Quando saíamos o ritual também se repetia. Eu arrumava minha mochila com uma peça de roupa, uma Barbie, um pacotinho de biscoito e 300ml de qualquer bebida alcoólica que eu levava na garrafinha térmica para o caso de papai se sentir triste. Cuidava para que o combustível dele jamais faltasse e eu, conseqüentemente, não deixasse de sentir o seu amor.

E papai incentivava minha independência, achava que não havia nada demais em me atribuir tarefas como esquentar a comida, passar o uniforme da escola ou ir ao supermercado comprar o leite que acabara. Até porque aos oito anos de idade, muitas crianças no Nepal davam duro trabalhando quinze horas por dia para sustentar suas famílias, como ele sempre enaltecia quando eu demonstrava não passar de uma menina mimada que naquela idade ainda não conhecia o “outro lado da vida”, como ele também muitas vezes frisava.

Materialmente falando, justiça seja feita, papai nunca deixou a desejar. Tive brinquedos, bicicletas, viajei e participei de atividades extracurriculares que poucas crianças da minha faixa etária tiveram oportunidade. Viajar, em especial, era uma coisa que papai achava muito recomendável para mim e quase todo fim de semana, me mandava para uma colônia de férias diferente. No início eu chorava, não queria ir e insistia para que ele fosse comigo, mas ele explicava que só crianças eram permitidas e eu acabava aceitando.

Para falar a verdade, eu odiava aquelas viagens que papai me inventava, com um monte de estranhos e crianças desconhecidas. Também não me agradava o fato de ficar tanto tempo longe dele. Mas com o passar do tempo, fui me acostumando e gostando tanto dos passeios, das atividades recreativas e das gincanas que contava os dias no calendário, ansiando pelo próximo fim de semana só para ouvir o ônibus da colônia de férias buzinar e me levar. Tomei gosto por viajar, fazer malas, tomar café da manhã de hotel, dormir em camas diferentes... viajar para mim tornou-se uma excitação tão grande que eu tinha sempre a mala pronta. Acho que foi nessa época que comecei a querer ser comissária de voo.

Embora não demonstrasse, eu sabia que no fundo papai se orgulhava de mim. Nas conversas de adultos, ele comentava: “Bia é uma menina muito madura para sua idade”.

E era mesmo.

Fazia a minha matrícula na escola, cuidava da minha roupa, encapava meus cadernos, comia beterraba mesmo sem gostar – porque mamãe falara-me que era bom para a saúde – e, em hipótese alguma, fazia bagunça. Só não ia eu mesma às reuniões dos pais porque a escola não permitia.

Um belo dia a diretora da escola me deu um bilhete para que fosse entregue a papai.

Eu assim fiz, mas papai enfiou o envelope no canto da estante, junto com as contas de luz e telefone que, àquela altura, já começavam a atrasar. Disse que leria quando tivesse tempo. As semanas, no entanto, se passavam e o envelope fechado ficou juntando poeira. A diretora sempre me perguntava se havia alguma resposta de papai, mas eu tinha vergonha de contar a verdade e respondia que ele estava viajando.

Quinze dias se foram e a diretora então me entregou um novo bilhete que papai também atirou no canto da estante sem dar a menor importância, aos brados de: “O que é que essa filha da puta quer dessa vez? O ano letivo já está todo pago, porra!”

As semanas iam e vinham e eu fugia da diretora como o diabo da cruz. Morria de vergonha de encontrá-la porque sabia a pergunta que ela me faria e sabia também que não a convencia com as minhas desculpas. Por várias vezes, lembrava papai sobre os bilhetes amarelando na estante, mas ele sempre me respondia a mesma coisa: “Quando tiver tempo, eu vejo!”.

Um dia sentindo-me pressionada pela diretora, tomei coragem e abri os bilhetes. Apesar de não compreender exatamente o significado de palavras como “denúncia” e “juizado de menores”, o teor da mensagem ficou muito claro para mim e eu entendi que a barra ia acabar pesando para o meu lado. Basicamente, a diretora informava que se papai não entrasse em contato com a escola no prazo de quarenta e oito horas, ela o denunciaria ao Juizado de Menores e ele poderia, inclusive, perder a minha guarda. “Perder a guarda” eu sabia muito bem o que queria dizer.

Entrei em pânico ao me imaginar morando num orfanato, longe de papai, longe de casa, com

peessoas que jamais vira na vida. Decidi que não tinha outra escolha a não ser mostrar os bilhetes e pedir que ele ligasse para a diretora de uma vez por todas.

Então quando meu pai chegou em casa, logo depois de lhe oferecer uma dose de vodca, reapresentei-lhe os bilhetes que, por falta de tempo, ele não abrira.

Papai ficou furioso. Talvez não exatamente comigo, mas eu era a única pessoa em quem ele podia descontar a raiva. Não me bateu, mas me deu um empurrão para que eu saísse do seu caminho e blasfemou por eu ter aberto correspondências que não me pertenciam, chamou-me de trombadinha, gritou comigo, xingou-me de palavrões que por sorte esqueci e quebrou a mesa da cozinha com um soco que lhe cortou a mão, enquanto eu assistia a tudo paralisada de medo, engolindo o choro e me sentindo infeliz por ser completamente sozinha.

É claro que não fui levada para orfanato nenhum. Mas esse episódio coincidiu exatamente com a época em que começamos a nos afundar em dívidas. Papai era um jogador de futebol muito promissor e vivíamos muito bem instalados num confortável apartamento no Jardim Botânico. Eu tinha um quarto rosa digno de contos de fadas e mamãe, uma vida de princesa. Mas depois dos problemas com o alcoolismo, nenhum clube queria contratar papai porque sua performance já não era mais a mesma.

Endividado até o último fio de cabelo, papai me mandou passar uns tempos em Brasília e depois em Curitiba, na casa de tios e avós que eu mal conhecia, enquanto ele tratava da venda do nosso apartamento e se desfazia de carros e móveis para pagar nossos credores. Com o dinheiro que restou, nos mudamos para um dois quartos na Tijuca. Foi quando então, providencialmente, tia Clarissa e tio Walter, os pais de Mariana, entraram na minha vida e mudaram a minha sorte.

15.

Por incrível que pareça, tive uma noite de sono maravilhosa. Cinco horas ininterruptas!

Eu vinha fazendo grandes progressos na minha depressão.

No entanto quando o despertador tocou, eu já estava acordada há tempos. Minha cabeça rodava e tirando o fato de poder usar tanto rosa quanto azul, tanto saia quanto calça, não consegui encontrar nenhuma outra vantagem em ter nascido mulher. Pensei em Arthur e na enorme quantidade de coisas que eram muito mais fáceis para os homens que para as mulheres como, por exemplo, superar uma rejeição.

Mas, enfim, as férias haviam acabado. E uma maluca, muitos anos antes, teve a ideia de girico de queimar o sutiã em praça pública, exigindo direitos iguais. Moral da estória: Era domingo e eu tinha que acordar para trabalhar.

Porém, voltar ao trabalho, à rotina dos voos, aeroportos e passageiros até que me faria bem. Lá no fundo – bem lá no fundo mesmo – eu estava até com saudade. Encher a cabeça certamente faria o tempo passar mais rápido, porque mais cedo ou mais tarde eu sabia que Arthur voltaria para mim.

Ok, cento e oitenta e sete passageiros aguardam suas instruções dentro de um Boeing 737/800, Bia!, avisei a mim mesma, respirando fundo e buscando coragem para levantar da cama porque não tinha jeito, eu tinha que ir.

O dia amanhecera úmido e enevoadado, parecendo muito mais uma manhã de julho que de janeiro. Quando o táxi passou pela orla, o mar estava agitado, exibindo um tom entre verde escuro e cinza. Os banhistas não deram as caras e as ruas estavam vazias. De pedestres, quero dizer, porque o trânsito no Rio de Janeiro era engarrafado a qualquer hora.

Mesmo assim, cheguei cedo demais ao aeroporto e apesar de me sobrar tempo suficiente para um café da manhã, preferi não esperar. Chacoalhei a bolsa em busca das moedinhas perdidas que eu ia jogando na pressa de contar o troco e fui enfiando-as na máquina de café. Ao final, me arrependi amargamente. Literalmente. Pois o café estava amargo e a desgraçada da máquina engoliu uma moeda de R\$ 1,00.

Então depois do breakfast reforçado, fui ao banheiro, vi as vitrines das lojas fechadas e, em passos de formiga, me encaminhei ao DO, o lugar onde a tripulação se reúne e faz o briefing antes do voo.

Apresentei o crachá e toda minha documentação para checagem: Carteria de voo – Ok; Carteira de Saúde – Ok; Passaporte – Ok; Vacinação – Ok.

Liberada.

Sentei no sofá e me pus a aguardar a tripulação. Olhei o relógio na parede. Droga! Ainda faltava mais de uma hora.

Pelo visto, ter horas e minutos sobrando era o meu desafio do ano.

A rota para aquele primeiro dia pós-férias incluía três etapas, sendo Rio/Campinas, Campinas/Curitiba e, por último, Curitiba/Assunção, onde eu pernoitaria. Claudia e Daise seriam minhas companheiras de voo e eu não encontraria Mariana em nenhum trecho porque ela estava escalada para três bate-volta Rio/São Paulo.

Claudia era recém-contratada na Cia. Aliás, ela só escolhera a profissão porque convencera-se de que ser aeromoça era a melhor forma de comparecer ao Carnasampa, Carnabelô, Carnatal, Carnambuco, Carnazonas, Carnagrossodosul e em todos os carnavais fora de época economizando na estadia e passagem aérea. Tinha pelo menos uma “transa fixa” – era assim que ela chamava – em cada estado do Brasil e era na casa desses pobres homens que ela buscava asilo quando ficava bêbada demais para voltar para o hotel. Em outras palavras, a vida de Claudia era um grande carnaval fora de época, no qual as vezes, muito raramente, ela trabalhava.

Já Daise tinha uma estória muito peculiar. Havia sido noiva de um cara por onze anos até que um dia ela o encostou na parede com a pergunta crucial: a data do casamento. Ele franziu a testa, num semblante indecifrável e disse que para dar um passo importante como esse, eles precisavam se conhecer um pouco melhor. “Depois de onze anos, se você não me conhece o suficiente, me desculpa, mas você é um parvo, meu filho!”, foram as palavras que antecederam a bofetada. Na semana seguinte, Daise rifou o enxoval e a partir de então radicalizou tanto que fez Frida Kahlo parecer uma freira. Daise não perdoou mais ninguém. Nem as mulheres. Há dois anos virou bissexual.

Quando as duas chegaram para o briefing, Claudia contava para Daise as peripécias da primeira transa do ano a bordo do iate de um ricoço, numa festa regada a champanhe e cocaína

no meio da Baía de Guanabara. Entretanto, no momento em que ambas me viram, hesitaram automaticamente. Os sorrisos se desfizeram e uma pausa meio incômoda pairou no ar. Elas levaram algum tempo para disfarçar o clima descontraído.

- Bom dia, meninas. – cumprimentei com toda naturalidade que consegui.

- Bom dia, Bia. – responderam as duas juntas, como se eu fosse uma viúva.

Na aeronave, fiz algumas tentativas de me enturmar, congelei um sorriso no rosto magro e maquiado, mas o silêncio fúnebre persistiu. Pensando bem, piorou. Além de me evitarem, elas inventavam desculpas para não ficar no mesmo metro quadrado que eu por mais de dois segundos e se refugiavam pelos cantos da aeronave onde, livres da minha presença moribunda, conversavam descontraídas e gargalhavam sem dor na consciência. Eu sabia que não faziam por mal. O que elas, no entanto, não sabiam é que isso só me deprimia ainda mais.

Então na segunda etapa do voo, quando íamos de Campinas para Curitiba, perdi a paciência, entrei na galley e desapareci:

- Gente, *pelamordedeus*, dá para vocês pararem de se esquivar de mim como se eu fosse uma enlutada! – respirei fundo – Ninguém morreu, quer dizer... o pior já passou.

Claudia e Daise ficaram beges.

- Ai, Bia, desculpa! – suplicou Claudia – A Mari contou para gente que... humm... – gaguejou.

- A gente não quis ser inconveniente. Foi isso. – Daise foi ao socorro de Claudia – Achamos que você estava querendo ficar na sua.

- Tudo bem. – tranquilizei-as.

Testando a solidez do meu terreno psicológico, Claudia arriscou.

- Então você prefere falar sobre o assunto?

- Quem me dera eu tivesse o que falar... – suspirei melancólica – Ele simplesmente disse que não estava feliz, pegou as coisas e foi embora.

- Mas assim do nada? – Claudia indagou.

- Assim do nada. – repeti sentindo o peso do desânimo.

- É por isso que eu prefiro mulheres... – declarou Daise – Muito mais confiáveis.

- E vocês não se falaram depois? – Claudia insistiu.

Com muita vergonha, balancei a cabeça em sinal negativo.

- Mas ninguém deixa de ser feliz assim da noite para o dia! – Daise deu à frase um tom de revelação, como se fosse um detetive. Mal sabia ela que eu passara os vinte dias de férias remoendo a mesmíssima questão. – Você não vinha reparando nada de diferente?

- Nada. – será que ela achava que estava sendo original?

- Alguma coisa que ele tenha falado, sei lá... – ela persistiu no lugar comum – Ele fez as malas na sua frente? – por um momento fiquei sem saber se Daise estava de sacanagem ou imitando o James Bond.

- Não, ele arrumou tudo antes com a ajuda de um amigo e... – imediatamente, lembrei-me que Claudia conhecia Diogo. Aliás, conhecia no sentido bíblico. Pouco tempo antes, havia rolado um lance rápido entre eles – Diogo! Lembra do Diogo, Claudia? Aquele amigo de Arthur que você ficou aquela vez na...

- Tá bom, tá bom, já lembrei! – Claudia fechou o parêntese rapidamente.

De repente, Daise deu um pulo como se tivesse acabado de fazer uma grande descoberta.

- Já sei! – alardeou com a voz esganiçada. – Já sei, já sei!

- Já sabe o quê? – perguntei alarmada com o susto.

- Como ninguém pensou nisso antes...? – Daise fez o suspense aumentar.

- Do que você tá falando? – perguntei curiosa.

- É claro, gente, tá tudo tão na cara... – insistiu.

- Helloooo! Dá para falar com a gente, sua lunática? – Claudia apelou.

Daise lançou-nos um olhar triunfante, tipo aquele do Sherlock Holmes antes da frase “Elementar, meu caro Watson” e continuou:

- Gente, acompanhem meu raciocínio. – eu e Claudia assentimos ávidas por ouvir a revelação extraordinária que ela e sua grande sapiência estavam prestes a fazer ao mundo – Ele disse que não estava feliz, certo?

- Sim, foi o que ele disse – concordei.

- Mas em tese ele não tinha nenhuma razão para estar infeliz, certo? – perguntou-me.

- Aparentemente não. – concordei novamente, mas até aí nada demais.

- Então isso indica que o motivo da infelicidade dele era alguma coisa muito íntima. – supôs Daise.

- Possivelmente. – assenti mais uma vez, acompanhando a linha de raciocínio que não ia para lugar nenhum.

- Você concorda que repressão é uma coisa que deixa qualquer um infeliz? – questionou arqueando a sobrancelha e esbanjando autoconfiança.

- Sim, concordo. – disse, sem, no entanto, entender onde ela queria chegar.

A esta altura Claudia perdeu a elegância, que por sua vez nunca foi muita.

- Dá para falar logo essa droga?

Mas Daise estava tão envolvida no suspense criado que se limitou a fazer uma careta e então prosseguiu na tese mirabolante.

- Quem estava com Arthur na última vez que você o viu?

- Ninguém, ele estava sozinho. Quer dizer... – e então finalmente captei a mensagem. Respirei fundo, engoli seco e continuei calmamente – Por acaso você está querendo insinuar que Arthur me trocou por Diogo?

- Sinto muito, Bia. – Daise deu o devaneio por certo, enquanto Claudia, com rugas na testa, analisava minha reação para daí tirar suas conclusões.

- Você precisa urgentemente de uma terapia sexual, Daise. – foi tudo o que consegui dizer.

Graças a Deus nesse momento a luz da poltrona 35E acendeu-se e mesmo que eu fosse até lá para o passageiro me pedir um copo d`água, mesmo que o passageiro ao lado também me pedisse um copo d`água e mesmo que a coisa se alastrasse de tal modo que, subitamente, eu me visse entregando copinhos d`água a todos os passageiros do voo, ainda assim seria melhor que continuar conversando com as duas destrambelhadas.

Enfim, missão cumprida.

O primeiro dia de trabalho transcorreu normalmente, sem nada de especial. Quer dizer, tirando a conversa pervertida de Daise e a minha cabeça totalmente nas nuvens, literalmente, eu diria que o primeiro dia de trabalho foi bem melhor do que eu esperava. Nenhum passageiro bêbado, nenhum casal transando no banheiro, nenhuma turbulência insuportável. Tudo na mais perfeita ordem.

Em Assunção, a tripulação inventou de ir a um festival de dança típica, mas, apesar da insistência, eu não fui. Preferi ficar no hotel, ver alguns filmes e curtir um pouco mais a solidão. Se saísse, eu sabia que ia ficar contando os minutos para voltar para o hotel, então... Fiquei.

Pelas minhas contas, ainda faltavam mais três dias de trabalho naquela semana, mais uma semana naquele mês e mais doze meses naquele ano. Com fé, talvez eu conseguisse sobreviver.

Na terça-feira voamos de volta para o Brasil, mas passamos quase cinco horas no aeroporto de Curitiba aguardando passageiros em conexão. Para passar o tempo, fui à banca de jornal e comprei a Vanity Fair que trazia uma entrevista bombástica com a Madonna – embora eu estivesse mesmo interessada no novo namorado dela – e segui para o DO quando de repente avistei Mariana no saguão do aeroporto.

MARIANA?!

Será que eu estava vendo miragem? Não fazia o menor sentido ela ali em Curitiba uma hora daquelas. Pela lógica ela devia estar chegando ao Rio.

Então Mariana veio andando na minha direção e ainda de longe, reparei que trazia algo nas mãos, uma pasta azul. A expressão de ansiedade em seu rosto me sugeriu que ela estava a minha espera há algum tempo. Apertei o passo e antes mesmo que eu pensasse em dizer alguma coisa, ela me puxou pelo braço e falou num tom quase inaudível, deixando claro o caráter de confidencialidade:

- Preciso te mostrar uma coisa.
- O que você tá fazendo aqui? – perguntei sem entender nada.
- A gente tem que conversar. – ela disse como se carregasse uma bomba-relógio na bolsa.
- Então fala, ué.
- Não dá para ser aqui. Muita gente. Para onde você tá indo?
- Eu ia comprar uma revista...
- Não quero que ninguém me veja! Dá um tempinho e aparece lá no Café, ok?
- Tudo bem. – concordei rapidamente, tomada pelo clima de mistério.
- Mas vai rápido porque eu tenho que voltar para o Rio no voo das três e quarenta.

Então Mariana seguiu na direção dos restaurantes, me deixando num misto de curiosidade e aflição. Eu já não alimentava mais esperanças de uma notícia de Arthur e intuía que o assunto

“seríssimo” tivesse a ver com a tal compra das ações da Jet-air lá na Europa. Mesmo assim, fiquei em estado de alerta dado o caráter de urgência que a fizera se deslocar até Curitiba. Sinceramente, eu não conseguia entender o porquê daquela estória mexer tanto com a cabeça dela.

Cinco minutos depois lá estava eu no Café e Mariana a minha espera, com duas xícaras de cappuccino sobre a mesa.

- O seu tá sem açúcar. – me avisou.

- Obrigada. – agradei – Agora me fala, o que foi que aconteceu? – iniciei, pingando três gotinhas de adoçante.

- Você ouviu o meu recado no sábado? – Mariana me respondeu com outra pergunta.

- Ouvi, – disse provando o café – mas não entendi porque você...

Ela me interrompeu.

- Agora é oficial, Bia! Daqui a pouco todo mundo só vai falar nisso. – profetizou.

- Ainda a estória da compra das ações da Jet-air? – tentei me situar na conversa, ao mesmo tempo em que pingava mais três gotas de adoçante.

- Não, as ações já foram compradas há muuuuito tempo. – Mariana descartou, inclinando a cabeça para trás e estalando os dedos no ar para demonstrar como aquilo era notícia velha, muito embora nenhum de nós, pobres mortais, soubesse ainda – A notícia da aquisição das ações só não vazou porque a Cia. foi obrigada a assinar um termo de confidencialidade e está proibida de divulgar a informação antes de fevereiro. É o tempo que eles lá na Europa precisam para remanejar funcionários, pagar indenizações, finalizar processos jurídicos... Essas coisas, entende? – explicou com a segurança de uma executiva, enquanto eu continuava achando o capuccino meio amargo – O que eu estou falando agora é outra coisa.

- Que outra coisa? – perguntei pingando mais três gotinhas de adoçante.

Eu tinha uma ideia muito vaga de como as coisas funcionavam no mundo corporativo. Mas Mariana discorria sobre o assunto com tanta propriedade, tanto conhecimento... Será que eu faltei no dia em que tivemos essa aula?

- Eles já tomaram a decisão, Bia. Não vão contratar recurso de fora para as vagas que vão abrir na Europa! O recrutamento vai ser interno mesmo. – afirmou com seriedade profissional – Você tem noção do que isso significa? – questionou buscando o meu olhar, enquanto eu novamente pingava mais três gotinhas do adoçante no café.

- Claro que tenho. Que bom, Mari, é a sua chance, né? – disse sentindo-me um pouco falsa. É claro que eu desejava todo o sucesso do mundo para Mariana, mas é que, à primeira vista, imaginá-la longe de mim não me pareceu assim boa ideia. Adicionei mais três gotas de adoçante, mas dessa vez de nervoso.

- Não. Não é. – respondeu desapontada para logo em seguida, explodir num rompante – Pelamordedeus, dá para você parar de pingar essa droga?! Que agonia!

Dei de ombros e nem me importei. Pinguei mais duas gotinhas só para finalizar.

- Mas como assim? Porque não? – Eu podia jurar que voos internacionais era tudo o que Mariana mais almejava na vida. Ela mesma me falara isso várias vezes.

- Eles vão operar na Europa de Airbus 330 e 340. A minha CHT só cobre Boeing 737/200,

300, 700 e 800. – informou-me desanimada.

Era verdade, eu estava tão desligada que nem atentei para o detalhe. Para operar voos intercontinentais, a Cia. teria necessariamente que utilizar aviões de longo curso. Mariana, de fato, só tinha especialização para aviões de médio. Ao contrário de mim, que, vez ou outra era escalada para aviões de longo curso e a cada seis meses, renovava a qualificação nessas aeronaves através de aulas práticas.

- Poxa! Que pena... Mas não dá para você fazer o treinamento? Já procurou saber com a Direção de Pessoal de Cabine se...

- Já sondei. Não tenho chance. – afirmou taxativa – Eles não vão contratar uma pessoa e esperar que ela seja treinada. É política internacional, não há exceções. Além do mais, eles estão com pressa, precisam contratar alguém já treinado.

- Entendo... Sinto muito, Mari, mas não desanime não! – tentei motivá-la – Com certeza haverá uma próxima vez.

Subitamente, Mariana mudou o tom de frustração para uma expressão descontraída.

- Eu não desanimo não! – declarou, passando o dedo indicador na borda da xícara em círculos – Aliás, eu nem me importo se você quer saber.

- Não? – indaguei sem entender o que vinha por trás do tom ambíguo.

- Eu já me dou por satisfeita se minha melhor amiga estiver lá.

Eu ri pelo absurdo da possibilidade.

- Sinto muito decepcioná-la, mas eu não sou a pessoa mais indicada para essa oportunidade, Mari. – honestamente, eu não era mesmo. Nem de longe.

- É sim, Bia, você é a pessoa ideal. – incentivou-me.

- Não sou não, amiga. – neguei convicta, entre um gole de capuccino e outro.

- Claro que é! Você voa Airbus 330 e 340, está na empresa há mais de cinco anos, tem inglês fluente, já é chefe de cabine... Será que você não percebe que é a sua chance?! – Mariana criara para si uma verdade e estava convencida dela. – Sem contar que seria uma grande oportunidade na sua vida pessoal também!

- Mas não é o meu perfil e, para falar a verdade, eu sou feliz sendo chefe de cabine aqui mesmo. – afirmei com humildade.

- Aloou! “Eu sou feliz sendo chefe de cabine aqui mesmo” – ela repetiu minhas palavras com deboche – Sinceramente, Bia, se você realmente acha isso, a gente precisa ter uma conversa séria sobre ambição de vida!

- Mariana, eu sei exatamente o que é melhor para mim. – afirmei tranquila, sem me alterar.

- Não parece! – exclamou contundente – Você quer o quê? Virar uma aerovelha?

- Sim! É exatamente isso o que eu quero. Virar uma aerovelha. Posso? – engrossei.

Eu não queria que os ânimos esquentassem e sabia reconhecer muito bem quando estava prestes a falar algo do qual poderia me arrependar depois. Além disso, eu odiava o pós-discussão com Mariana porque era exatamente como brigar com um namorado: Ficávamos sem nos falar por dias, numa espera angustiante até que ela resolvesse me ligar ou eu tomasse coragem de ir até ela, usando um pretexto ridículo tipo o batom incrível que saiu na Marie Claire ou o novo professor de body combat da academia, cuja intenção era puxar assunto e

voltar às boas como se nada tivesse acontecido. Então, passado algum tempo, ressuscitávamos o assunto e trocávamos pedidos de desculpas, sentindo-nos mortificada pelo ocorrido. Pronto. Aí sim ficava tudo bem outra vez.

- Não é isso... é que... – respirei fundo antes de resgatar nossa conversa encalhada nos recifes do bate-boca – é que eu tenho que pensar em Arthur também.

Essa era justamente a justificativa que ela não queria ouvir.

- Ah, Bia, tenha a santa paciência! Esse cara sumiu. Desapareceu. Se escafedeu. Vazou. Meteu o pé. Há um mês você não sabe dele. – Mariana desdenhou, exagerando na sinceridade.

- QUASE um mês. – corrigi. Contar a ausência de Arthur em “dias” fazia a coisa parecer menos grave do que tratar por “meses” – Mas ele vai voltar, eu sei. – afirmei com veemência, muito mais para convencer a mim mesma que a ela.

- Posso ser franca? – Pressenti que lá vinha bomba – Eu já estava esperando o fim do namoro de vocês há uns seis meses. Desde julho para ser bem precisa, quando ele foi assistir a uma partida do Friburguense e Madureira bem na noite do seu aniversário – Mariana estava entrando numa zona de perigo e sabia disso.

- Era oitavas de final do Campeonato Carioca. – me defendi para não ficar por baixo. – Além disso, eu também não pude estar presente no aniversário dele!

- Claro! Você estava trabalhando e não conseguiu ninguém para trocar folga com você. Razões bem diferentes, Bia. – percebendo a delicadeza do assunto, Mariana respirou fundo e voltou atrás. – Enfim, eu acho uma chatice ver você reclamando da vida sem conseguir enxergar uma oportunidade bem debaixo do seu nariz. – ela fez uma pequena pausa antes de prosseguir – Além disso, se você quer saber, eu acho que você merecia um cara bem melhor que Arthur.

- Muito obrigada pela sua preocupação, mas eu estava muito satisfeita com ele. – rebati. Era estranho e paradoxal como a síndrome de Estocolmo porque, embora eu reconhecesse que Arthur não agira corretamente comigo, eu recusava terminantemente a ideia de deixá-lo no passado.

Então fez-se uma pausa pungente repleta de remorso, vergonha e censura. Se a garçonete não tivesse aparecido naquele momento para recolher as xícaras sujas sobre a mesa não sei como teria sido.

- Ok, tudo bem então. – graças a Deus, ela desistiu – Não vou mais dar opinião sobre esse assunto. Mas pensa um pouco, já pensou você gastando o seu salário inteiro em perfumes, batons e sapatos na Selfridges? – os olhos dela brilharam.

A tensão automaticamente evaporou-se. Eu ainda tentei segurar o riso, mas não deu. Nós duas caímos na gargalhada. Que tolice... esse era o tipo de coisa que fazia muito mais a cabeça de Mariana que a minha.

- Nada mal, né? – concordei ainda achando graça – Mas o Fashion Mall me atende muito bem. Então a expressão de Mariana voltou a ficar séria.

- Eu quero apenas que você me prometa uma coisa. Só uma coisinha bem pequena. – eu já podia esperar um enorme sacrifício tipo correr uma maratona, pular de bung-jump ou qualquer outra coisa fora de cogitação.

- Tudo bem. – *ai, meu Deus... por que eu disse isso?*

- Primeiro você me diz que promete. – Mariana adorava ditar regras, desde pequena era assim. Eu desconfiava que em outra encarnação ela fora Napoleão Bonaparte.

- Tá bom, prometo. – concordei só porque estava curiosa.

- Você vai se candidatar para a vaga.

Achei graça.

- Você tem cada uma... – balancei a cabeça em negação – Eu não vou perder tempo preparando currículo e preenchendo formulários intermináveis para uma coisa que eu não tenho a menor intenção de...

- Não precisa. – Rapidamente, Mariana me passou às mãos a pasta azul que eu antes vira – Eu já fiz tudo para você, fofinha. Pode conferir aí. – disse dando uma piscadinha de olho que na verdade queria dizer “admita, eu sou perfeita!”.

Na sequência, Mariana chegou o corpo para frente, sentando-se bem na pontinha da cadeira, segurou minha mão com suas mãos geladas e olhou bem dentro dos meus olhos. Esperei que ela tirasse um pêndulo do bolso para me hipnotizar, mas ela apenas prosseguiu – Bia, escuta só. Eu já fiz tudo, está tudo salvo no meu computador. Você não precisa fazer nada. Nem mesmo enviar a aplicação. Basta você me autorizar e eu encaminho, entendeu?

A determinação de Mariana era algo impressionante. Inspirador mesmo.

- Você é impossível, Mariana Goulart. – meu sorriso encheu-a de confiança – Mas, sejamos francas, há dezenas de pessoas com as mesmas condições que eu na Cia. Desculpa te desapontar, mas eu não tenho tanta chance assim quanto você pensa, amiga.

- Estou apenas te pedindo para tentar. – o argumento dela era bom. Tentar realmente não me custaria nada.

- Não sei... Não sei se quero. Mas o recrutamento ainda nem abriu, não é mesmo? – desconversei para ganhar tempo e amenizar a pressão – Aliás, a notícia do acordo internacional sequer foi confirmada. Vamos ver como as coisas acontecem e até lá prometo decidir. – obviamente, já estava tudo para lá de decidido na minha cabeça. Eu não ia me aplicar para vaga nenhuma. Nem em Londres, nem na Conchinchina. Eu precisava estar por perto para quando Arthur voltasse. Me ausentar do Brasil, aliás me ausentar do meu apartamento, era algo totalmente descartado, mas eu compraria uma briga feia se admitisse isso assim. Portanto, respeitando o nosso código de ética, apenas dei falsas esperanças de algo que jamais faria.

- Você é quem sabe. – ela deu de ombros, um pouco decepcionada com a minha relutância.

- De qualquer modo, muito obrigada por acreditar em mim e ter se dado ao trabalho. – agradecei carinhosamente, com a pasta azul nas mãos.

- Me agradeça aplicando-se. – Mariana desafiou-me.

É ruim, heim...!, pensei.

- Vou ver. – dei esperanças, ou melhor, falsas esperanças. – Juro que vou.

17.

As fontes de Mariana eram realmente quentes porque poucos dias depois, o zum-zum-zum do acordo internacional com a aquisição das ações da Jet-air veio à tona.

Para nós, os peões, a coisa ganhou força uma semana antes, quando boatos deram conta de que o Dr. Charles Couracy, o presidente da Cia., fora visto na primeira classe de uma ponte aérea. Ninguém confirmava a estória, mas ninguém também desmentia, e esse é sempre o cenário perfeito para uma boa fofoca se propagar no tempo e no espaço.

O burburinho rolou solto.

Por questões de segurança, poucas pessoas na Cia. tinham acesso ao Dr. Charles. Alguns diziam que ele morava nos EUA, outros diziam que ele morava na Inglaterra e havia também quem jurasse que ele morava no Brasil mesmo e as vezes se disfarçava nos voos econômicos só para avaliar o nosso trabalho.

Se bobeasse, eu nem seria capaz de reconhecer o Dr. Charles. Havia o visto tão poucas vezes que talvez não conseguisse distingui-lo fora do contexto da presidência, sem os seguranças, as secretárias e os assessores ao redor. Apenas sabia que era um senhor baixinho, gordinho e que – segundo a lenda – usava peruca. Talvez por esse detalhe, a única lembrança que eu tinha dele era de parecer com o Zacharias dos Trapalhões.

Para falar a verdade, ao contrário de Mariana, eu não tinha o menor interesse nesses figurões e concordava plenamente com as teorias freudianas de que tanto poder só podia ser uma forma de lhes compensar o pau pequeno.

Eu estava pouco me lixando sobre onde morava, o que fazia ou deixava de fazer o Dr. Charles. Como ele também não fazia a menor ideia de quem eu era, estávamos quites.

Entretanto, por mais que eu não me importasse, o fato é que o Dr. Charles na área só podia significar alguma coisa de muito importante acontecendo. A pergunta era: Que coisa?

A questão dividiu a peãozada.

Os otimistas preferiam acreditar na estória do tão sonhado acordo internacional que ampliaria as rotas e traria enormes benefícios para o Brasil. Já os pessimistas – diga-se de passagem, a maioria – juravam que o Dr. Charles estava ali para divulgar um pacote de corte de custos e uma lista de demissões sumárias.

Eu, particularmente, confiava nos palpites de Mariana que eram sempre quentes e em todos aqueles anos, jamais falhara.

Assim, com o passar dos dias e com a pressão da imprensa, a versão dos otimistas foi ganhando espaço e as especulações sobre o tão idolatrado, salve, salve, acordo internacional já eram dadas como certa.

Até que na quinta feira, cinco de fevereiro, antes de começarmos mais um dia de batente, todos os funcionários presentes no aeroporto internacional do Rio de Janeiro foram convocados para um aviso especial da presidência. Finalmente, o mistério seria desvendado.

Em meio à cotoveladas, empurra-empurra e falatório, rumamos para o auditório do aeroporto a fim de ouvir o discurso do Dr. Charles. A enorme mesa com biscoitinhos, pãezinhos e chás evaporou num piscar de olhos e sob a promessa – jamais cumprida – de que a rodada de canapés estaria a caminho, o pronunciamento do Excelentíssimo Senhor Doutor Presidente iniciou-se graças ao poder da tecnologia, porque, embora a expectativa fosse grande, Dr. Charles não apareceu e assistimos o tal anúncio através de dois enormes telões.

Eu fiquei imaginando que uma hora daquelas, ele devia estar vestido numa samba canção de oncinha, tropeçando em algemas, calcinhas e chicotinhos jogados pelo chão da suíte

presidencial de algum hotel bacana, com três garotas de programa que, àquela hora da manhã e sem o efeito do absinto, tinham a voz um pouco mais grossa.

Mas, enfim, como já era esperado, Mariana acertara na mosca.

No telão, a figura carismática e poderosa do Dr. Charles confirmou o já tão comentado acordo internacional, com a compra das ações da inglesa Jet-air e, conseqüentemente, a expansão das linhas aéreas do Brasil para a Europa e Oriente Médio, iniciando-se assim uma próspera conexão com o futuro, num investimento de sei lá quantos bilhões de dólares e blá, blá, blá.

Quando o pronunciamento encerrou-se, minha conclusão foi a seguinte: Eu estava redondamente enganada sobre o Dr. Charles. Ele não parecia nada com o Zacharias.

Era a cara do Didi.

Com toda a agitação pós-pronunciamento, o dia começou mal e depois piorou. Também pudera, tendo o Sr. Figueira como comandante dos voos para os quais eu estava escalada a coisa não podia ser diferente. Ainda no briefing ele fez jus à fama de excêntrico e deu a ordem do dia: Apenas dois dedos de refrigerante para cada passageiro. Segundo ele, tratava-se de um novo procedimento de segurança aérea. Todo mundo se entreolhou, com cara de descanso de tela, mas ninguém ousou contestar porque o Sr. Figueira era louco de pedra e não tinha a menor credibilidade entre nós, então apenas utilizamos a técnica do entra por um ouvido e sai pelo outro e fizemos nosso trabalho.

Contudo, no avião, no aeroporto, no DO, na internet... Em todos os lugares o assunto era sempre o mesmo: A droga do acordo internacional. Bastava que duas ou mais pessoas se esbarrassem para o assunto fluir.

Fulano: Oi, sicrano, tudo bom?

Sicrano: Tudo ótimo, fulano.

Fulano: E aí, gostou do pronunciamento do nosso presidente?

Sicrano: Gostei sim, fulano. Estava só esperando este acordo sair para mandar minhas filhas à Disney.

Ou então:

Beltrana: Ai, fulaninha, estou com uma dor de cabeça...

Fulaninha: É, beltrana, parece que esse acordo internacional já começou a mexer com a gente, heim...

Que chatice! Qualquer coisa era motivo para alguém puxar o assunto!

Assim que terminei minha última etapa de voo, voltei para o Rio de Janeiro com a leve suspeita de que Mariana estaria à minha espera no aeroporto, só para ter a chance de lançar-me o sorriso vitorioso que não teve a chance na hora do pronunciamento, porque assistira de São Paulo.

Não deu outra.

Lá estava ela me esperando na fila do táxi.

- E aí, o que me diz? – ela perguntou triunfante.

- Eu? Sobre o quê? – não quis botar mais azeitona na empada dela.

- Não te disse? – ela rebateu inabalável.

- Ah... Você tá falando do acordo internacional que o Dr. Charles anunciou hoje cedo? – me fiz de desentendida.

Ela deu de ombros.

- Agora eles vão anunciar a necessidade de expandir a base da Jet-air lá na Europa e em seguida, o pacote de transferência para Londres. – calculou metódica – É aí que você entra.

- Meu Deus... Você ainda não esqueceu essa estória? – indaguei impressionada.

- Claro que não. – respondeu – E não se esqueça que você me prometeu se aplicar. – disse crente que me enrolava.

- Não senhora! – me adiantei – Eu falei que eu ia pensar e que te dava uma resposta.

- Então, foi o que eu disse.

- Não, não foi.

- Tá bom então, Bia... – desconversou – Escuta, vamos à academia hoje?

- Vamos. – afirmei sem certeza, sentindo o inconsciente me catucar – Quer dizer, espera aí... Acho que eu tinha alguma coisa para fazer mais tarde... Não estou me lembrando... – Putz, lembrei! – Não vou poder, Mari. Marquei de jantar com o Jonas mais tarde.

- Com o seu pai?! – se o encontro soava estranho para mim, imagine para ela?

- Pois é, foi ideia dele. Eu devia ter dado uma desculpa na hora, mas acabei concordando.

- Ele foi lá em casa mês passado jantar com os meus pais. Acho que você não faz ideia do quanto ele está bem. – senti um tom de censura na frase.

- Eu sei, mas é que... sei lá. – disse confusa – É claro que eu amo meu pai, mas... Ah, meu Deus, é tão ruim dizer isso... mas acho que amo meu pai à distância, entende?

- É ruim mesmo, Bia. É péssimo! – ela me fez sentir ainda pior. – Você sabe que uma hora vai ter que resolver essa encrenca com ele, não sabe? – avisou-me – E, sinceramente, acho que a sua relação com os homens e com o álcool vai melhorar muito no dia que você fizer isso.

Fiquei calada. Era tão chato quando Mariana dava uma de psicóloga...

- Tudo bem. Não está mais aqui quem falou. – ela se tocou – Manda um beijo especial para ele, tá? – ela disse com voz de atendente do disk-sexo.

- Oferecida!

- Ele tá bonitão, sabia? – informou-me – Até minha mãe reparou.

- Me poupe, Mariana! – recusei-me a saber.

- Liga depois para contar como foi?

Provavelmente eu não teria nada para contar, mas prometi que ligava mesmo assim.

Fazia um calor abafado naquela quinta-feira, o céu estava meio acinzentado e pelo rádio do taxi, ouvi o serviço de meteorologia prever uma pancada de chuva para o final do dia. O trânsito também não estava dos melhores. Como sempre, lento. Lento não. Parado. Se eu tivesse ido a pé, chegava mais rápido.

Com vinte minutos de atraso cheguei no Leblon. Jonas já estava lá. Tinha pego uma mesa de frente para a porta e olhava fixamente para o lado de fora, creio, suspeitando que eu não fosse aparecer. Verdade seja dita, vontade para isso não me faltou.

Pela segunda vez naquele dia, Mariana deu outra dentro. Jonas estava bem. Ou pelo menos parecia. Certamente ele tinha um vasto fã-clube feminino, pensei e morri de vergonha no instante seguinte em que a vida amorosa do meu pai me passou pela cabeça. *Ai, que horror...!*, recriminei a mim mesma. Jonas exibia uma aparência jovem e bronzeada pelas partidas diárias de futevôlei na praia, estava bem arrumado e tinha aquele aspecto saudável típico dos esportistas.

Trocamos um beijo tão tímido que nossas bochechas nem se encostaram e eu me sentei no lado oposto da mesa redonda.

Papai e mamãe tinham a mesma idade quando se conheceram, embora ele fosse um mês mais velho que ela. Na época em que papai era um jogador de futebol muito bem sucedido e com um futuro brilhante pela frente, mamãe era uma moça baixinha, de cabelos cor de mel que frequentava a faculdade perto do clube onde ele treinava. Eu nunca soube muito bem dos detalhes, sabia apenas que ambos foram tomados por uma paixão avassaladora e que papai não se intimidou nem mesmo quando o namoro foi proibido pelo vovô Felizardo, um general linha dura e viúvo que preferia a morte a ver sua única e bem criada filha se envolvendo com um jogadorzinho de futebol sem berço.

Por sua vez, também não era compreensível que papai, sempre cercado de belas mulheres, fora cismar justamente com a mocinha da flor no cabelo que passava para as aulas de literatura. Mas, enfim, como as coisas do coração são mesmo inexplicáveis, a estória foi mais ou menos assim. E então, contrariando vovô e mais um bando de gente, no peito e na raça, eles conseguiram levar o namoro às escondidas e se casaram dois anos depois, aos vinte anos de idade. Eu nasci no ano seguinte, quando eles tinham então vinte e um e eram um casal lindo, jovem e feliz.

Comemora-se as bodas de bronze no nono aniversário de casamento. Bem, vá lá, bodas de bronze não é nenhuma data assim tão especial. Mas papai era um homem tão devotado à esposa e éramos uma família tão intensamente feliz, que para ele todos os dias deveriam ser celebrados.

Assim, sem que fosse exatamente uma surpresa, fui deixada com a babá enquanto eles passavam um fim de semana romântico na serra em comemoração ao nono aniversário de casamento. Mas todos os dias mamãe ligava para saber se eu estava me comportando bem com a Miriam, se tinha comido, se tinha dormido, se tinha tomado o xarope... No domingo, no entanto, ela não ligou e Miriam falou-me que eles já deviam estar a caminho. Então arrumamos a mesa do almoço e passamos a esperá-los.

Miriam estava certa, papai e mamãe estavam mesmo a caminho. Aquele inverno fora bem frio e agosto fora um mês de muitas chuvas. Com a pista escorregadia, papai não conseguiu evitar a derrapagem e acabou chocando-se na traseira de um ônibus.

Coisa boba. Nada grave. O carro só teve uns arranhões e ninguém sequer saiu ferido, exceto mamãe que morreu na hora.

Às treze horas e trinta minutos, como fez constar no atestado de óbito, ela partiu levando um pedaço de mim que ninguém jamais conseguiu devolver. Levou também a nossa alegre relação familiar – embora eu e papai naquela época ainda nem soubéssemos disso – e até hoje me

pergunto se eu seria uma pessoa diferente se ela ainda estivesse por aqui. Talvez sim... Talvez não... Jamais saberei.

Papai pirou. Eu diria até que ele também morreu um pouco. Enlouqueceu de culpa quando leu o laudo médico: “Parada Cardíaca”. Botou as mãos na cabeça, chorou, gritou, urrou desesperado e acabou sedado pelos enfermeiros.

Mas de nada adiantou, mamãe se fora e a verdade era uma só: A não ser autorizar a doação de órgãos, não havia mais nada a ser feito.

Dias depois a perícia foi concluída. Papai não foi culpado pelo acidente. Não estava em alta velocidade, nem cometeu nenhuma imprudência. Foi uma fatalidade. Uma triste e dura fatalidade.

Mas mesmo que a perícia, a polícia, a justiça ou o Papa lhe exculpassem da responsabilidade, nada seria capaz de atenuar nossa perda. A pior de todas as acusações quem lhe fazia era a sua própria consciência e de acordo com ela, ele era sim um assassino. O pior de todos, porque provocara a morte da própria mulher, deixando sem mãe a própria filha.

Não havia outra pessoa a culpar se não ele mesmo e nenhum argumento nesse mundo era forte o bastante para diminuir a dor que sentíamos na alma, nem tampouco suavizar o vazio que a tragédia representava em nossas vidas.

Naqueles tempos, eu sempre era proibida de permanecer no ambiente durante as conversas de adultos, mas detrás das cortinas eu assistia as pessoas explicarem a papai, completamente alcoolizado e transtornado, que algumas coisas na vida eram assim mesmo. Simplesmente aconteciam. Ao que ele respondia a brados fortes:

- Deus é um grande filha da puta! Sacanagem! Sacanagem eu ter sobrevivido para assistir minha própria morte! – gritava transbordando amargura.

O garçom entregando-nos os cardápios me resgatou das lembranças trágicas.

- Como é que você está, minha filha?

- Cansada. Inclusive, peço desculpas, mas não vou poder demorar muito, Jonas.

- Não, tudo bem. Eu só queria mesmo te ver.

De fato fazia um tempo que não nos víamos. Um pouco mais de um ano e mesmo assim, a última vez fora por acaso, na fila de um banco no centro da cidade. Jonas nem chegara a conhecer Arthur, quer dizer, ele sabia de sua existência, sabia que morávamos juntos, mas não tivera oportunidade de conhecê-lo. Aliás, Jonas jamais conhecera nenhum dos meus namorados.

- Então quer dizer que sua Cia. comprou uma empresa europeia, heim? – perguntou cheio de entusiasmo crente que estava agradando.

- Pois é, você também ficou sabendo? Ninguém aguenta mais ouvir essa estória... – cortei o mal pela raiz.

- Ah sei... mas, enfim, como vai a sua vida, minha filha? – Como a primeira tentativa não deu certo, Jonas partiu para a segunda chance de emplacar uma conversa.

- Tudo indo. – disse olhando para os lados a procura do garçom – Jonas, ouvi no rádio que vai cair um toró mais tarde. Vamos fazer logo nossos pedidos? – cuidei de tornar aquele jantar o mais breve possível. Para mim e para ele.

Sinalizei para o garçom que no instante seguinte chegou com seu bloquinho.

- Um suco de laranja – Em outra companhia, eu teria pedido uma taça de vinho, mas na presença do Jonas, até um bombom de licor era perigoso – E uma salada primavera, por favor.
- O mesmo para mim – copiou-me. Ele jamais se atreveria a botar uma gota de álcool na boca. Pelo menos, não na minha frente.

O garçom se retirou e ele tentou, pela terceira vez, engatar um assunto.

- Mas então, você estava me contando sobre a sua vida.
- Estava? – indaguei.
- Sim, foi a pergunta que eu te fiz antes do garçom chegar, lembra? – recordou-me.
- Não tenho nada de especial, Jonas. Tudo na mesma. – informei.
- E o seu namorado? Arthur o nome dele, né?
- Nós tivemos uns probleminhas aí... Nada demais, enfim, coisas de casal. – disse com certa formalidade para evitar questionamentos.

Eu realmente adoraria que meu pai e eu tivéssemos uma boa relação e pudéssemos conversar abertamente sobre tudo. Adoraria se pudesse lhe contar sobre minhas experiências amorosas e até mesmo pedir conselhos sobre os homens, seria bom se pudéssemos mesmo tomar umas cervejas juntos, como dois amigos. E isso nem seria tão absurdo assim, já que Jonas era um homem jovem, apenas vinte e um anos mais velho que eu. Mas infelizmente, não era desse jeito que as coisas funcionavam entre nós. Não havia uma barreira, mas sim um buraco. Largo e profundo. Era difícil, na verdade impossível, apagar o sentimento de abandono que amarguei ao longo de todos aqueles anos. Da mesma forma, não podia simplesmente passar uma borracha e fingir a relação bem resolvida que não tínhamos. Eu compreendia o esforço que ele vinha empreendendo nos últimos tempos para tentar se reaproximar de mim, mas faltava naturalidade, me parecia uma super forçação de barra. A verdade é que não nos conhecíamos bem. Intimidade? Sim, era essa a palavra. As coisas não fluíam entre nós porque faltava-nos intimidade.

Depois da morte da mamãe, papai se afundou em dívidas e me mandou passar uns tempos na casa da tia Joana lá em Brasília e depois, mais uns tempos com meus avós em Curitiba. Vovô Felizardo não pode cuidar de mim porque àquela altura o alzheimer já estava bem avançado.

Esses “uns tempos”, que inicialmente deveriam ser dois meses, foram tantas vezes prorrogados enquanto papai resolvia os detalhes práticos da nossa vida – e se afogava ainda mais no alcoolismo – que acabei passando um ano e meio longe do Rio e esse fato me custou um ano letivo perdido. Quando finalmente, conseguiu comprar nosso apartamento na Tijuca, eu voltei a morar com papai. Mas ele não aguentou a barra de cuidar sozinho de uma menina de onze anos e caiu no mundo. Passou um bom tempo internado numa clínica de reabilitação no interior de São Paulo e por lá mesmo ficou quando anos mais tarde conseguiu um emprego de treinador num clube da segunda divisão. Eu, por sorte, fui acolhida como irmã de Mariana e só tinha notícias de papai através de Tia Clarissa que mantinha contato com ele regularmente por conta da mesada que ele depositava para pagar minhas despesas.

Jonas não esteve por perto em natais, aniversários, dias dos pais, competições da escola... Momentos importantes que eu realmente precisei dele. Por muitas vezes busquei seu rosto ausente no meio da plateia de pais que aplaudiam a apresentação do ballet ou fiquei acordada

nas noites dos meus aniversários, até ser vencida pelo sono esperando que a campainha tocasse ou que pelo menos o telefone tocasse. E nada.

Acabei me tornando independente. Entendi que o meu pai era diferente dos outros, aprendi que simplesmente não podia contar com ele, mas que isso não necessariamente o tornava uma pessoa ruim. Perdi todas as minhas expectativas e dele passei a não esperar nada. Foi ótimo porque a partir daí sua ausência deixou de me entristecer.

Passados tantos anos, não era fácil modificar esse sentimento cristalizado. Jonas não me viu crescer e conhecia muito superficialmente a pessoa adulta que eu havia me tornado. Eu não podia simplesmente negar esse fato e fingir que éramos a família feliz do comercial do Molico porque infelizmente não éramos. Não bastasse isso, a presença dele me remetia à perda da minha mãe e a um monte de lembranças tristes que eu guardava numa caixa preta dentro de um baú no fundo do armário do sótão da minha consciência. Estar com Jonas me obrigava a lidar com uma parte da minha vida que eu preferia que nem tivesse existido.

- Beatriz, você ouviu o que eu falei?

- Hum? – não tinha nem ideia de quantos minutos de conversa eu tinha perdido – Me desculpe, Jonas. Estou realmente muito cansada. Vamos pedir a conta?

Como esperado, o jantar com Jonas estava sendo um fiasco assim como todos os outros durante aqueles vinte e um anos sem mamãe.

Exceto por um detalhe.

Terminado o jantar, papai esfregou as mãos nos olhos deslizando-as na direção dos cabelos lisos. Em seguida, deu um curto suspiro e disparou:

- Beatriz, esse ano eu vou fazer cinquenta anos.

- Eu sei – disse reparando que nenhum fio branco ousara surgir entre os castanhos.

- Sabe, eu estava pensando... Eu tenho tanta saudade de nós...

Quase não acreditei que ele estava dizendo aquilo.

Então houve um longo e perturbador hiato, provocado pela lembrança da época em que realmente tínhamos do que sentir saudade.

Por sorte, o garçom chegou com a conta e eu agradei a Deus por ter enviado aquele anjo.

O problema não era o comentário, o problema era o comentário partir de Jonas. Fui pega de surpresa e não pude negar o nó na garganta. No fundo, talvez eu até sentisse saudade de alguma coisa também. Alguma coisa que eu nem sabia o que era, mas que estava lá, perdida em algum canto. Talvez o amor paterno que me fora racionado ou a família que ainda assim poderíamos ter sido e não fomos.

Aquela cena me transportou a um passado tão longe, tão distante. Como voltar à primeira escola ou rever o primeiro amor. Involuntariamente, senti uma inexplicável e rápida vontade de chorar. Acho que era o calor. O calor sempre me dava vontade de chorar.

18.

Quando as vagas para chefes de cabine em Londres foram finalmente divulgadas, deu-se início uma série de picuinhas, disse-me-disses e cri-po-pós entre os outros comissários. Digo “os

outros comissários” para que vocês entendam que essa droga de vaga não me enchia mesmo os olhos. Muito pelo contrário, eu já estava de saco cheio daquela atmosfera de rivalidade e da obsessão de Mariana, que ficou ainda mais psicótica com a ideia de que eu tinha porque tinha que me aplicar.

Estávamos à beira de um ataque de nervos. Não aguentava mais ouvi-la repetir as mesmas frases: "E aí, já posso encaminhar sua aplicação?", “Pensa rápido, só temos mais tantos dias!”. Num surto de compulsão, Mariana não deu um minuto de trégua ao meu juízo. Ligava, mandava mensagens e e-mails pelo menos quinze vezes por dia, querendo me convencer a todo custo de algo que era incrivelmente extraordinário na opinião dela, não na minha. Ela botou na cabeça que eu tinha que me aplicar e pronto. Era isso.

Mas eu ainda tinha esperanças de reatar minha estória com Arthur, embora já estivéssemos em meados de fevereiro e eu não tivesse nenhum sinal dele. De qualquer modo, se as coisas estavam difíceis comigo por perto, imagina se eu botasse o Oceano Atlântico entre nós! Além do mais, o que é que eu ia fazer em Londres? Eu sequer tinha amigos por lá, quer dizer tinha um, o Olli, que fora trabalhar como maquiador na Itália e agora morava em Londres, mas mesmo assim era muito pouco. Eu não tinha motivação nenhuma para tentar e por mais que eu pensasse na ideia, ela não me parecia tão sensacional quanto todo mundo achava. Sem contar que eu jamais me adaptaria a um clima tão frio... Seria um erro monumental. Se pudesse, sinceramente, eu negociava, dependendo da pessoa até doava as minhas qualificações e treinamentos só para dar aos que queriam e não podiam, a chance de se candidatar à vaga.

Basicamente, todos os chefes de cabine se achavam preparadíssimos para o desafio de começar as operações da Cia. no velho continente. Nas rodinhas, o veneno rolava solto e era mais fácil comer um Big Mac de maneira elegante do que encontrar duas pessoas juntas que não estivessem malhando uma terceira.

Chefe de cabine A: Você já viu a fulana de tal falando inglês?

Chefe de cabine B: Não.

Chefe de cabine A: Nossa, o Joel Santana fala muito melhor!

Porém, como a grande maioria, de fato, não preenchia os requisitos básicos, muitos causos nasceram frutos da inveja e do despeito alheio. Dizia-se, por exemplo, que uma colega, a Ana Glória, de olho no futuro, começou a sair com um suposto manda chuva do RH e ficou inconsolável quando descobriu que o cara não passava de um estagiário; O Renato Aguiar, outro chefe de cabine, dando como certa sua transferência para Londres, torrou o salário inteiro em suéteres, sobretudos e cachecóis, tudo combinando.

E assim as pessoas foram surtando...

Eu não surtei porque já estava surtada, mas no meu caso a questão atendia por outro nome. Adivinha. Exatamente. Passado um mês, o DIRAF – Departamento de Inteligência Recuperador de Amores Fracassados – começou a disparar o alarme de emergência na minha consciência. Chamando todos os carros! Chamando todos os carros! Era hora de mudar de estratégia. Se o plano A - “dar tempo ao tempo” - não estava funcionando, eu precisava de uma estratégia mais agressiva, tipo “vâmo que vâmo!”. Era hora de partir para o ataque e botar o plano B em prática, “ou vai ou racha”.

Aquela segunda semana de fevereiro foi caótica, eu estava de péssimo humor por conta da falta

de notícias de Arthur, exausta devido ao ritmo puxado dos voos internacionais e querendo matar um – qualquer um – por causa do ti-ti-ti da vaga de Londres. De quebra, o carnaval estava chegando e só de ver a Globeleza na chamada de carnaval da Globo, eu sentia um calafrio de pavor, por não ter nenhuma viagem engatilhada, nenhum programa combinado, nem sequer um retiro espiritual de igreja evangélica.

Nada. Nadica de nada. Absolutamente nada.

Segundo as fontes fidedignas de Mariana, a Cia. tinha apenas três meses para começar a voar em território europeu. O problema é que até lá, ainda existia o longo caminho da implementação que, basicamente, consistia no período de recrutamento de mão de obra, requerimento de vistos de trabalho junto ao consulado inglês e demais destinos, execução dos testes de equipamento e segurança, treinamento de pessoal até, finalmente, o início das operações.

“Atraso” era palavra riscada do dicionário, afinal um único dia que esse cronograma fosse adiado importava em um prejuízo de muitas mil libras esterlinas que a Cia., obviamente, não estava disposta a arcar. Sendo assim, a palavra de ordem era ganhar tempo e o período de aplicação para a vaga foi de apenas cinco improrrogáveis dias úteis. Uma semana em que pairou no ar o sentimento de agora ou nunca.

Sem exagero nenhum, se eu e Mariana tivéssemos nos visto naquela semana era bem provável que tivéssemos chegado às vias de fato. Eu, já farta de dizer sim para tudo, encasquei que não ia me aplicar para aquela porcaria de vaga nem por um decreto. E mesmo que eu mudasse de ideia, não ia me aplicar só de sacanagem. Só para mostrar que quem mandava na minha vida ainda era eu.

Durante aquela maldita semana de fevereiro, fiz uma coisa da qual me arrependi amargamente: Mandeí consertar o celular que eu havia quebrado no auge do meu surto psicótico na noite de reveillon. Mas com Mariana me ligando freneticamente, mandando mensagens de hora em hora, me vi tão perturbada que por pouco o celular não voltou para o conserto.

Entretanto, de uma maneira geral, eu passava a impressão de estar bem. Muito melhor do que de fato estava. Sendo bem franca, eu me surpreendia com a minha própria resistência. Se não fosse uns deslizes bobos tipo temperar a salada com detergente vermelho pensando ser vinagre, guardar a pasta de dente na geladeira (e só perceber depois de achar o litro de leite no armário do banheiro), fazer saques no caixa eletrônico e esquecer o dinheiro na máquina, botar três colheres de açúcar no café da passageira diabética... Eu vinha me recuperando muito bem. A não ser todas as noites, quando antes de pegar no sono, eu me questionava se Arthur realmente voltaria e sentia vontade de chorar – só vontade mesmo, porque chorar eu já não chorava há séculos – eu ia tocando minha vida com bastante resignação.

Estava infeliz, mas seguia em frente. Parara de chorar, mas não de sofrer.

Finalmente, a sexta-feira chegou. Graças a Deus! Com ela passaria também o prazo para aplicação e com fé os ânimos no trabalho se acalmariam.

Porém, eu ainda tinha uma outra batalha pessoal. Lutava para que com o passar dos dias, não fossem também minhas esperanças.

Arthur vai voltar para mim! Vai sim! Vai voltar!, eu acreditava que repetindo esse mantra

cinco mil vezes por dia, uma hora ele ia acabar voltando.

Após uma escala de quatro dias de voo, desembarquei no aeroporto do Rio de manhã cedo, peguei o táxi e fui direto para a casa. Embora tivesse passado a noite em claro, estava cheia de disposição, decidida a virar o jogo e resolver o imenso mal-entendido que se tornara a minha vida.

O dia estava ensolarado e uma brisa fina batia no meu rosto quando desci do táxi. No instante em que botei o pé na portaria, uma gritaria me levou a crer que os sem-teto haviam invadido o prédio.

- O que tá acontecendo aqui?! – perguntei alarmada a Firmino.

- É essa tipinha aí que jogou um monte de lata de chalchicha na lixeira verde – explicou Firmino indignado com a diarista do 603 que não observara as regras de reciclagem do prédio e jogara cinco latas de alumínio na lixeira verde (papéis e derivados) quando o certo teria sido a vermelha (metais e alumínios).

- Lixo é lixo, meu filho! – esbravejou a diarista, com as mãos na cadeira.

Fiz sinal para que ela se retirasse, encerrando assim o arranca-rabo na comunidade.

- Ai, ai... danta não, Dona Bia, eu dividi tudo por cores, coleí uma etiqueta em cada lixeira, mas o pessoal não bota reparo não...!

- Se estressa não, Firmino. – botei panos quentes enquanto ajudava-o a catar as latas de salsicha da lixeira verde – Agora já tá tudo certo, olha aí.

- Gradicido, Dona Bia.

- Por que você não conversa com a Dona Mízia? Pede para ela passar uma circular explicando que tem multa para quem não respeita a reciclagem. Ela é a síndica, ela resolve. – aconselhei tentando acalmá-lo.

- E Dona Mízia lá resolve alguma coisa? Quer saber de nada não...

Pior que era verdade. Firmino levava aquele prédio nas costas.

- Escuta, Firmino, – mudei de assunto, assim como quem não quer nada – Sabe dizer se alguém me procurou esses dias que eu fiquei fora?

Que ridícula! É claro que eu queria saber se Arthur havia me procurado.

- Não, Dona Bia, ninguém veio aqui não... – Firmino respondeu tão embaraçado, coitado, ele sabia exatamente o que eu queria dizer.

- Certo – disse escondendo a frustração – Tá certo então.

Mas eu estava decidida a dar um basta. Nada me demoveria da ideia de partir para o tudo ou nada e ir atrás de Arthur. Não dava mais para me manter passiva, na expectativa da boa vontade do telefone.

Vou atrás de Arthur e vai ser agora!, decidi. Vou ligar para o trabalho dele!

A decisão já estava tomada. A garrafa de Martini só abri para compor a cena.

Me convenci de que alguém precisava tomar a iniciativa do primeiro passo e orgulho era coisa que há muito eu já não me dava ao luxo. Desde que as coisas se resolvessem e Arthur voltasse para casa, por mim estava ótimo.

Avaliando friamente os fatos, já tinha mais de um mês que não nos falávamos, quarenta e

quatro dias para ser exata. – a única vantagem de terminar um namoro no dia trinta e um de dezembro é que depois fica bem mais fácil fazer os cálculos de tempo – Portanto, eu teria um ótimo pretexto: O apartamento. Podia inventar um cano quebrado, uma obra para fazer, qualquer coisa.

Haviam, porém, algumas regras a serem obedecidas porque em hipótese alguma ele poderia perceber a saudade e o desespero que eu me via atolada. Tinha de conduzir as coisas com perfeição absoluta, sem titubear, chorar ou parecer triste. Escrevi minhas falas num papel e ensaiei-as, prevendo as alternativas de resposta dele, de modo a ter todas as possibilidades daquela conversa mapeada. Por fim, simulei uma voz simpática que passasse a ideia do quão maravilhosamente bem eu estava.

Uma hora depois, quando finalmente peguei o telefone para ligar, minhas mãos tremiam de medo, nervoso, ansiedade, pavor, pânico, aflição... e todos os demais meliantes dessa quadrilha. Digitei os números e achei que estivesse enfartando quando ouvi o primeiro toque. Me senti sem ar e meio tonta, com fisgadas de agonia atingindo o meu corpo feito finas agulhas. Tive a sensação de estar embarcando numa montanha-russa. O telefone chamou pela segunda vez. Meu corpo tremeu, as pernas fraquejaram e uma onda de calor intenso me deixou zozza. A montanha-russa engrenou na subida. O telefone chamou a terceira vez. O aparelho escorregava das minhas mãos molhadas de suor, a falta de ar se intensificou, minha garganta ficou seca e uma espécie de vertigem me atingiu como uma traulitada certa. A montanha-russa já estava no topo. O telefone chamou a quarta vez, todos aqueles sintomas se transformaram numa dor de barriga fulminante.

Não! Não dá para ser assim!, desliguei o telefone.

Eu estava nervosa demais, ia acabar metendo os pés pelas mãos.

Fui ao banheiro, molhei o rosto, respirei fundo, contei lentamente até 27 e quando olhei no relógio, cinco minutos haviam se passado. Julguei que ainda não era tempo suficiente para ligar de novo sem levantar suspeitas de que fora eu a autora dos quatro toques fantasma. Eu tinha que fazer tudo parecer perfeitamente normal, não tinha? Ok, melhor esperar mais cinco minutinhos então. Cinco minutos nos quais fui tomada por tonturas, ondas de pânico, dores de cabeça, mais dores de barriga e dor na canela – esta última causada por uma topada que dei bem na quina da mesa da sala, na pressa de correr para o banheiro.

Plano B, “ou vai ou racha!”, declarei a mim mesma.

Novamente dei início à maratona. Peguei o telefone, digitei os números com as mãos trêmulas e, quase que por um milagre, consegui completar a ligação. Mal podia acreditar na minha façanha. O telefone tocou a primeira vez e o meu intestino deu três nós. Tocou a segunda e por uma fração de milésimos de segundo, considerei desligá-lo novamente. Só de imaginar que estava a poucos instantes de ouvir a voz de Arthur, um desespero febril me tomou por dentro. No terceiro toque, ouvi o barulho do fone saindo do gancho.

A sorte estava lançada.

- Escritório de Advocacia, boa tarde. – Não foi ele quem atendeu e eu reconheci a voz. Era Raquel.

- Boa tarde – disse titubeante, fingindo não ter reconhecido a voz dela. – O Arthur, por favor?

- Bia? – *Droga!*, ela me reconheceu. – Sou eu, Raquel.

- Ah, tudo bem, Raquel? – manteve a pose, segurando a sensação de que eu engolira uma placa de aço.

- Puxa, o Arthur acabou de sair para o almoço. Se você tivesse ligado uns cinco minutos antes ainda o pegava aqui!

Inexplicavelmente um alívio delicioso percorreu o meu corpo. Era como se eu tivesse feito a minha parte e isso por si só fosse válido. Se ele não estava, não era mais culpa minha.

Raquel prosseguiu:

- Eu estava mesmo querendo falar com você. – senti seu tom amigável dar espaço a um ar cauteloso – Bem, eu queria te contar que eu e Chima marcamos a data do casamento.

- Que boa notícia, Raquel! – por que algumas pessoas eram tão sortudas feito Raquel e outras assim, feito eu? – Para quando?

- Final de marco, dia 27. – informou-me um pouco tensa – Eu vou te mandar o convite, mas é claro que entendo se você não aparecer.

- Imagina! Jamais deixaria de ir ao seu casamento. Aliás, muito pelo contrário, vai ser uma ótima oportunidade para estar com Arthur. Se bem que até lá, a gente já vai ter se acertado... – lampejos de alegria brotaram no meu pobre coraçãozinho – Já vou até começar a pensar no vestido!

- Bia, é que tem uma outra coisa que eu queria te dizer – Raquel transbordava constrangimento – É que... quer dizer... sabe como é... Arthur tá namorando.

Pu-ta-que-o-pa-riu!

Demorei uns cinco segundos para digerir a informação.

- Oi? – balbuciei atordoada.

- Ai, desculpa ter que te dar esta notícia, mas ele está namorando sim. – repetiu super sem graça.

- Mas você não falou que ele estava apenas aproveitando a vida de solteiro e que...

- Disse, mas não tá mais. – explicou-me.

- Eu não acredito... – minha voz falhou e numa fração de segundos a decepção deu lugar à raiva – Quem é a piranha? – acusei tremendo de ódio.

- Não é piranha, Bia, é a minha irmã. – ela afirmou com dignidade.

Valha-me Deus!

- Bia você ainda tá aí?

- Ahãm. – Eu tinha outra opção?

- Então fala comigo, querida! – pediu quase em tom de súplica.

- O que você espera que eu te fale? – eu estava completamente passada.

- Sei lá, eu só não queria perder sua amizade por causa do namoro deles. – disse transparecendo humildade.

- Não tem como, Raquel.

- Mas eu não tenho culpa, Bia! – ela parecia, ou pelo menos tentava parecer, mortificada.

- A sua irmã roubou o meu marido e você ainda quer ser minha amiga? – a medida que o choque inicial se estabilizava, meu sangue borbulhava de ódio. – É isso mesmo?

- Ruth nunca olhou para Arthur enquanto você estava com ele, Bia! – esclareceu provocando sobre mim uma tsunami de irritação.
- Você acha mesmo que eu vou acreditar que já não rolava um clima entre os dois? Aliás, pensando bem, clima uma ova! Os dois já deviam vir se pegando há muito tempo. E eu que considerava a Ruth uma amiga...
- Eu posso jurar que não foi assim, Bia. Juro pelo meu casamento. Ela não faria isso com você.
- “Não faria isso com você” – debochei – Essa é boa... Ela fez, Raquel!
- Bia, por favor, entenda que...
- Não dá! – respirei fundo – Eu só quero te pedir um favor. Não conta para ele, aliás, não conta para ninguém que eu liguei, tá? Eu quero que vocês todos vão para a... – pensei rápido – Eu quero que vocês todos sejam muito felizes! – desejei estarecida de ódio.
- Tudo bem, Bia, eu entendo. Se algum dia você achar que podemos ser amigas novamente, me liga, tá?
- Tchau, Raquel – disse batendo o telefone.

O martírio jamais teria fim, concluí com as palavras de Raquel ecoando na minha cabeça feito um gongo. A decepção foi tão grande que me faltou o chão. Senti como se nada na minha vida valesse mais a pena.

É claro que desde o início passara pela minha cabeça a hipótese de Arthur ter conhecido outra pessoa, mas uma coisa é achar e outra bem diferente é ter certeza.

Senti o instinto assassino invadir meus pensamentos. Eu queria matar Arthur. Não! Eu queria torturá-lo primeiro. Arrancar-lhe todos os pelos do corpo com cera quente, enfiar palitinhos em cada uma de suas unhas, queimar-lhe o corpo com a minha chapinha de cabelo e depois esquartejá-lo com o meu alicatinho de cutícula. Eu estava completamente possuída.

Pior do que ser trocada por outra mulher, é conhecer esta outra mulher e já ter um dia considerado-a uma amiga.

Sinceramente, as vezes ignorar é muito melhor que saber.

Ruth e Raquel faziam parte do nosso ciclo de amigos. Mas eu sempre fora mais ligada à Raquel. Muitas vezes, no entanto, Ruth saía conosco e teve, inclusive, uma vez que eu e Arthur a deixamos em casa depois de uma festa... Aliás, espera aí, teria sido naquela noite que o clima começou a rolar entre eles? Ou, pior, será que naquela época eles já estavam me traindo? Não perceber coisas de tamanha gravidade acontecendo bem debaixo do meu nariz já não era mais imprudência, era dolo!

Com o corpo dormente de raiva, percebi que eu precisava de respostas. Precisava não, exigia! Arthur me rejeitara e fora em busca de sua felicidade nos braços de outra. Outra essa que circulava sob o meu teto. Levando em consideração as milhões de oportunidades que tive de cortar o mal pela raiz e simplesmente não fiz nada, a situação toda era muito difícil de engolir. Contudo, nem assim eu podia dizer que meu amor por Arthur se dissipara. Eu estava soterrada em crises. Crise conjugal; Crise existencial; Crise de identidade; Crise de nervos... sentia um ódio profundo, mas não era só dele, era de mim também. Como é que eu podia continuar tão

ligada a alguém que não me dava a mínima? Alguém que me provava dia após dia o quanto me desprezava. Aquilo não era amor. Era masoquismo.

Eu realmente amava Arthur ou estava viciada em sofrer?

Se eu fumasse, aquele seria um ótimo momento para um cigarro.

Então a raiva deu lugar a uma tristeza profunda que logo depois se transformou em culpa. E novamente veio a raiva, a tristeza e, por fim, a culpa. Uma ciranda maldita. Eu tinha noção de que estava passando por um processo, mas me desesperava o fato de não conseguir enxergar o fim.

Meu Deus, quando é que isso tudo vai acabar?

Desejei ter algum super poder para me transformar numa formiga e me suicidar pulando do sofá.

Queria pelo menos a chance de me vingar, dar o troco, esnobá-lo também. Só um pouquinho. Para que de alguma forma eu saísse por cima. Mas o que eu podia fazer? Ficar de tocaia na porta do escritório e furar os quatro pneus do carro dele? Fazer-lhe uma serenata cantando “Ou ela, ou eu” da Alcione? Ligar para o disk-denúncia e denunciá-lo por adultério? Enfim, não havia nada que eu pudesse fazer...

Tive vontade de sumir. Fugir. Ir para qualquer lugar.

Pasárgada seria ótimo.

Se bem que...

Péra ai...

Pensando bem...

19.

- Eu sabia que você não ia me desapontar, amiga! – Mariana comemorou – Você está tomando a decisão certa! – encorajou-me – Mas depois você me conta essa estória de Ruth, Raquel, Dalua... Agora eu preciso correr para mandar sua aplicação porque hoje é o último dia. A gente se fala mais tarde. Beijo. – Mariana desligou o telefone toda empolgada e eu fui direto na garrafa de Martini, toda arrasada.

Virei o primeiro copo, o segundo, o terceiro, o quarto, no quinto fiquei sóbria.

Quando a desgraça bate na porta, a possibilidade de novos desastres são ilimitados. Quarenta e quatro dias de pura esperança derrubados por um telefonema de cinco minutos.

Foi a gota d'água. Com aquela notícia percebi que não tinha saída, era o fim da linha, o fim do mundo, o fim da picada! Aliás, já tinha sido há muito tempo. Era hora de outra decisão: Recuar. Porque não havia mais degrau para eu descer. Não dava para continuar investindo energia e esperança se Arthur simplesmente estava em outra. Enquanto eu me arrebatava de saudade, Arthur aproveitava feliz a nova fase de sua vida. Vida essa que incluía Ruth, não eu. Experimentei um sentimento meio amargo, uma mistura de ciúme e inveja, e me senti derrotada, com a sensação de que eu sempre fracassava.

Eu não queria ir para Londres. – e juro, não era só por causa de Arthur. – Tudo bem que eu nunca tinha estado lá, mas mesmo assim... Eu sabia que não rolava. Autorizar minha aplicação

para a vaga na Jet-air fora apenas uma decisão tomada por impulso, no calor da raiva. Foi a forma que encontrei de me vingar, a maneira inconsciente de dizer a Arthur que eu estava ótima e dando a volta por cima.

Mas era tudo mentira e de mais a mais, Arthur nem tomaria conhecimento da minha atitude. A menos que eu realmente fosse selecionada e me mudasse para Londres, mas espera aí... Isso era exatamente o que eu não queria que acontecesse, não era?

Ah... não! Meti os pés pelas mãos!, atestei ao concluir o alto grau de estupidez da minha vingança fajuta.

Por outro lado, não havia garantia nenhuma de que eu seria de fato escolhida. Tudo não passava de uma ideia tresloucada da cabeça lunática de Mariana. Só isso. Era apenas uma aplicação de emprego, para qual havia uma centena de outras pessoas se aplicando. Dezenas delas realmente aptas ao cargo, eu não era a única pessoa com um bom inglês e um CHT para aviões de grande porte. Sendo bastante realista, as chances de eu ir para Londres eram menores que as chances de paz no Timor Leste.

Ufa! Relaxei ao perceber que meu futuro ainda estava bem fincado no Brasil.

Entretanto, a partir daquele telefonema eu fiquei num mau humor insuportável. A notícia de que Arthur estava namorando Ruth minava todas as minhas chances. A ideia de que eles deviam estar indo ao cinema de mãos dadas, chamando-se por apelidos melosos e ridículos como “mô” ou “baby”, dando pipoca um na boca do outro me deixou insana. O pior de tudo era imaginar que todos os nossos amigos deviam estar abençoando a união deles. Malditos!

Não consegui me decidir entre pegar um ônibus e dar um pulo lá na Pavuna, para tomar um banho de comigo-ninguém-pode no terreiro da mãe-de-santo da Dagmar, minha diarista, ou pegar o trem para Cascadura, na igreja “Só Jesus Salva do Reino da Glória”, para bater um papo com as irmãs em cristo da Taciane, minha manicure.

Com a ajuda das forças ocultas, quem sabe as coisas não comesçassem a melhorar?

Mas contra fatos não ha argumentos. Com Ruth ou sem Ruth a realidade era mesma: O jogo acabara para mim. Arthur me esquecera e eu não podia continuar me debatendo contra algo imutável. Não havia nada que eu pudesse fazer, a não ser o óbvio: Aceitar.

Quase seis horas da tarde, Mariana me ligou.

- Oi, amiga, desculpa a demora. Acredita que eu fiquei até agora tentando mandar a sua aplicação? É essa internet daqui de casa... Mas, olha, acabei de enviar, viu? Você tomou a decisão certa!

- Você já falou isso! – resolvi testar a paciência de Mariana e ser desagradável.

Ela nem se importou e prosseguiu em sua tese.

- Oportunidade não aceita desaforo, Bia. Ela bate na porta da gente uma vez só. E, cá para nós, perder uma chance dessas por causa de...

Nem deixei ela terminar a frase porque sabia exatamente onde aquele discurso ia parar.

- Ai, Mariana, quebra meu galho só hoje, tá? – eu estava de péssimo humor.

- O que me conforta é saber que um dia você vai me agradecer por isso. – ela era sempre inatingível - O que você fez o dia todo?

- Além de descobrir que meu marido me traía, nada. – respondi irritada.

- Eu rebolei até o chão na Central do Brasil se depois de ligar para Arthur você não perdeu o apetite, choramingou pelos cantos e virou uma garrafa de vinho. – provocou-me – Se quiser, posso ir aí te levar um CD da Ângela Rô Rô, quer?
- Tudo errado! Comi um pacote de Ruffles e não entornei nenhuma garrafa de vinho. – corrigi – foi Martini mesmo.
- Bia, você não toma jeito... – repreendeu-me – A gente já não tinha conversado que você ia dar uma maneirada?
- Mas eu dou uma maneirada. – respondi azeda – Na sua frente, eu dou! Sozinha, eu bebo o quanto eu quiser!
- É, deve ser sua herança genética...

Botar meu pai na estória era golpe baixo e ela sabia bem disso. Fez conscientemente.

- Seja direta, Mariana, o que é que você está querendo dizer? Que eu sou uma bêbada deprimida feito Jonas?
- É assim que você está se comportando, não é? – ela me voltou a pergunta.

Era no mínimo injusto me comparar ao Jonas. Ele era um alcoólatra, clinicamente diagnosticado como tal, com carteirinha de sócio executivo do AA. Eu era apenas uma pessoa que apreciava uma bebidinha de vez em quando. Agora não era culpa minha se nos últimos tempos a vida me dava mais motivos para se aproveitar dos benefícios terapêuticos do álcool, era?

- Bom, então tá. Já vi que você tá de ovo virado, tô indo para aí. – Mariana era completamente imune à minha rabugice.
- Ah não! Não vem não! – despachei-a sem a menor cerimônia – Hoje é sexta-feira, liga para alguém, faz qualquer coisa, mas, por favor, não apareça...
- Tá bom, já tô chegando. – ela disse sem me dar ouvidos – E não se esqueça que na minha frente tem que manear, ok?

Quando o interfone tocou, dois minutos depois, tive a impressão de que Mariana ligara da portaria do prédio. (mas também podia ser minha noção de tempo totalmente afetada pelo álcool.)

- Bóia para academia? – ela perguntou empolgada assim que eu abri a porta.

Posso confessar? Eu nunca gostei de academia. Eu sei que isso é uma das coisas mais horríveis, imorais, indignas e repugnantes que uma pessoa (principalmente uma pessoa carioca) pode afirmar, mas era também a mais verdadeira para mim. Se eu não gostasse de crianças, as pessoas aceitariam. Se eu fosse atea, as pessoas entenderiam, mas não gostar de academia era imperdoável. Portanto, quando eu afirmava que gostava de malhar, me referia na verdade, às coisas envolvidas no contexto de malhar, como comprar um monte de tops e shortinhos na Track & Field, encher a cara de Gatorade de tangerina, comprar a Boa Forma todo mês... Mas, sinceramente, afirmar que eu malhava por prazer era uma mentira deslavada. Eu tinha a impressão, inclusive, que eu não era a única. Mas era difícil saber porque obviamente as outras pessoas também mentiam.

No entanto, o acúmulo de energia – más energias, quero dizer – no meu corpo era tanto que eu realmente precisava encontrar uma forma de canalizá-las. Além disso, devia também levar em consideração o fato de que minha bunda mais pareciam as bochechas do fofão.

Mariana me convenceu e eu topei dar o ar da graça na academia aquela noite.

Sexta-feira era um dia especial na academia. Spinning o dia inteiro. Justamente a aula que eu mais odiava. Na minha opinião, fazer spinning era algo comparado ao ato de comer beterraba: Ninguém gosta, mas todo mundo faz por obrigação.

Tirando o esforço desumano que requer uma seção de spinning, havia uma outra coisa em particular que me revoltava muito: A professora de spinning.

A desgraçada passava os sessenta minutos da aula gritando “Vamos lá, Dani!”, “Não para não, Carol!”, “Garra, Marcinha!”, “Não quero ninguém de moleza!”. MOLEZA??? Eu pedalava como uma louca parada no mesmo lugar, com meio metro de língua para fora, morrendo de sede, sentindo todos os músculos do meu corpo retesados para ainda ouvir uma maluca berrando?! A gota d`água era quando ela falava assim: “Quando estiver queimando, não para não. Deixa queimar!”.

Fala sério!

Eu preferia mil vezes as formas mais pacíficas de se entrar em forma como o pilates e hidroginástica. Ioga não, porque eu me sentia meio idiota fazendo a posição do arqueiro.

Mas, enfim, nas noites de sexta só rolava spinning... Paciência.

Concentrei nas minhas pernas toda a vingança, toda a ira e toda a raiva encubada. Botei minha garrafinha de isotônico na frente da bicicleta, me alonguei e fiz a lista de chamada dos meus mais recônditos sentimentos malignos: Ódio. Presente. Mágoa. Presente. Ciúme. Presente. Desesperança. Presente. Dor de cotovelo. Presente. Ótimo, todo mundo veio. Agora podemos começar.

Pedalei furiosamente. Cheguei a achar que minha bicicleta fosse voar, quebrando as vidraças e atropelando todo mundo pelas ruas até passar por cima de Arthur e Ruth em algum canto da cidade.

- Pedalem rumo à felicidade! – gritou a professora e eu lancei-lhe um olhar tão fulminante que esta foi a única frase de incentivo que ela berrou a noite inteira.

Minha expressão era focada, minhas pernas haviam ganho vida própria, o suor que escorria do meu corpo formava uma poça d`água no chão. A partir de um determinado momento, senti minha visão obscurecer. Acho que era a raiva porque isso me deu ainda mais disposição. Pedalei com tanto afinco, tanto fôlego, tanta garra que ao fim da aula recebi um salva de palmas.

Morri de vergonha.

Saí da bicicleta como se tivesse acabado de tomar uma ducha, mas fui para a casa me sentindo outra. Muito mais leve, muito mais suave.

Pensando bem, eu estava redondamente enganada. Spinning é uma coisa maravilhosa. Uma experiência libertadora e transcendental.

Toda mulher precisa de umas boas sessões de spinning por semana.

Diz o ditado: “Se cair sete vezes, levante-se oito”.

A vida tinha que seguir, não tinha? Em frente, de preferência. Então que assim fosse. Eu não estava dando pulinhos de alegria, mas ia superar. Ia sim.

O fim de semana passou da maneira mais tediosa possível. A rota para aquela segunda-feira nublada incluía três pontes Rio/São Paulo com Claudia, Daise e Mariana na tripulação, ou seja, pelo menos boas horas de riso estavam garantidas.

Eu disse riso? Bem, se disse foi só modo de falar porque aquela segunda-feira foi de matar. Era a final de um campeonato brasileiro, estadual ou qualquer outro desses, com Corinthians e Palmeiras disputando a final no Morumbi. Para piorar, a Cia. havia feito uma promoção de cinquenta por cento de desconto no preço da ponte aérea, ou seja, o aeroporto de São Paulo, assim como o trânsito, parou. Tudo o que podia dar errado, deu. Começando pelo comandante que foi substituído às pressas pelo Sr. Figueira, o diabo em forma de comandante, com mestrado em ciências da pentelhação pela Universidade Federal das Raposas Velhas.

Os passageiros também não cooperaram e todos os problemas possíveis e imagináveis aconteceram.

Só um detalhe básico: Eu estava na TPM.

Abrindo o dia, na entrada da aeronave, cumprimentávamos os passageiros com balinhas que agarram no dente e sorrisos tipo 3, quando um maldito MB – só podia ser – me devolveu com autoridade: “leva um copo d`água no meu assento agora, viu?”. Maldito escravocrata! Depois foi a vez de um MMC resolver encrascar com o tamanho da comida. Vê se pode! Segundo o gordo, quer dizer, o passageiro, a porção era muito “pe-que-ni-ni-nha”. contei até 33 e expliquei que a quantidade de comida era calculada levando em consideração o horário e a duração do voo. Por isso é que não servíamos carne seca com abóbora, numa ponte Rio/ São Paulo, às nove e quarenta e cinco da manhã. Mas nem assim o MMC se deu por satisfeito. Anotou o nome de toda a tripulação e disse que ia publicar uma carta denunciando o desrespeito das empresas aéreas e seus cortes de custos. *Ora, no avião é tudo pequenininho mesmo! A comida é pequenininha, o banheiro é pequenininho, o assento é pequenininho... Quem não gosta de coisa pequenininha não anda na classe econômica, porra! Todo mundo sabe disso, merda!*, pensei e graças a Deus só pensei mesmo. *Droga!, Estou surtando... Não pode ser assim. Não pode ser assim! Preciso encontrar meu equilíbrio! Cadê meu equilíbrio?! Equilííííírio, cadê você?*, pensava comigo mesmo, me contorcendo de dor numa das piores cólicas que já tive na vida.

Fui até a galley, tomei quinze amargas gotinhas de Atroveran – por que será que ainda não inventaram a versão tuti-fruti desse remédio? – e voltei para a atividade porque faltavam apenas vinte minutos para o avião descer e o serviço de bordo estava todo enrolado. Aliás não podia ser diferente tratando-se de uma ponte Rio/ São Paulo, onde temos exatamente trinta minutos para servir – e servir bem – mais de cento e cinquenta passageiros.

Monta trolley, serve os passageiros, recolhe tudo, desmonta trolley, guarda tudo... E passar o trolley com uma garotinha de cinco anos brincando no meio do corredor é realmente um

grande desafio na carreira.

“Tripulação, pouso autorizado”

No segundo trecho, Mariana trouxe uma novidade.

Ai, meu Deus! Será que esse dia nunca vai acabar?

– É isso mesmo que você ouviu. O passageiro chama de cinco em cinco minutos, mas quando eu chego lá, ele se recusa a falar comigo. Você que é a chefe aqui, vai lá e resolve. – esquivou-se, jogando a batata quente no meu colo.

Eu mereço!, pensei enquanto avançava no corredor e percebia que já era hora de mais umas gotinhas de Atroveran.

Mas era aquilo mesmo. O infeliz negava-se à comunicação com palavras. Mímica era o jogo que ele queria brincar. E morria de rir quando arriscávamos timidamente algum gesto. Um palhaço! Não sabia o risco que corria com a minha paciência num dia tão impróprio.

Ufa...! Dei graças a Deus quando cheguei ao aeroporto de Guarulhos no fim daquele dia infernal.

De volta ao hotel, nos encontramos às oito lá embaixo para o de sempre: Jantar + vinho + papo furado.

- Nossa, a lasanha está maravilhosa! – disse, oferecendo um pedacinho à Mariana que comia uma salada super sem graça – Prova só!

- Nem ouse! – ela me ameaçou com o garfo.

- Por que? – indaguei sem entender a razão do chique.

- Comecei uma dieta nova. Quero ver se até o carnaval eu perco os trezentos gramas que ganhei no Natal.

- Eu também comecei uma dieta nova! – disparou Claudia toda animada – Tô fazendo a dieta do ar.

- Dieta do ar? – repeti curiosa, sem entender que maluquice poderia ser aquela.

- Os estudiosos descobriram que a gente come menos quando a comida tem mais ar. – Claudia explicou catedrática – Posso comer praticamente tudo nessa dieta: Pastel, cheetos, bolo, chocolate aerado...

- Claudia, você tem que ir na minha médica ortomolecular. – Mariana sugeriu com experiência no assunto – Todas as atrizes se consultam com ela, sabia? – esse detalhe dava muito mais credibilidade que os cinco anos de medicina propriamente ditos.

- Pois para mim não há melhor dieta que uma boa decepção amorosa. – disse tentando rir da minha própria desgraça, mas nenhuma das duas riu e o comentário ficou pendurado no ar.

Para minha sorte, poucos segundos depois, Daise desligou o telefone e voltou à conversa.

- Perdi alguma coisa? – Daise quis saber.

- Quem era no telefone? – Claudia perguntou indiscreta.

- Minha namorada.

- Você tá namorando?! – perguntamos as três em uníssono, alarmadas com a novidade.

- Ai, gente, que que tem? – Daise fez charme. Ela sabia que o lance era digno daquela euforia

toda – É uma japonesinha linda... Acho que a gente tá naquela fase de fazer planos para o futuro, sabe?

- Como assim? – Mariana franziu a testa com desconfiança.

- Ah, a gente tá pensando em morar juntas. – Daise falou com a mesma naturalidade com que se diz “amanhã vai chover” ou “são dez para as oito”.

- Espera aí, quando foi que você conheceu ela? – A desconfiança virou suspeita na expressão de Mariana.

- No sábado.

De que ano?, pensei com os meus botões.

Um curto silêncio pairou sobre a mesa até que a revelação foi digerida por todas nós.

- Mas sábado foi anteontem. – Todo mundo já tinha sacado isso, mas só Mariana teve coragem de afirmar.

- Foi? Nossa...! Parece que já faz anos... – Daise estava toda orgulhosa da intensa relação que construíra com a japonesinha há menos de quarenta e oito horas.

Não deu para segurar e eu também tive que meter o bedelho.

- Vem cá, eu estou entendendo mal ou você tá falando que vai se casar com uma mulher que você conheceu anteontem?

- Bem, casar eu não sei... – Daise se esquivou, mas depois voltou atrás – Se bem que se ela quiser, eu caso sim!

Por um triz quase toquei no nome de Arthur. Embora naquele caso a intenção não fosse exatamente falar dele, mas sim do relacionamento que tivéramos. Felizmente, o bom senso mostrou um cartão vermelho à força do hábito e o pensamento se perdeu no meio do caminho.

- Ai, meninas, sabe o que é? – Daise retomou sonhadora – Acho que tô cansada de conhecer um monte de gente toda noite. Tô querendo sossegar, encontrar alguém especial, sabe? Um príncipe ou uma princesa encantada, tanto faz, alguém para amar, respeitar e ter três poodles.

Caramba!, pensei com franca admiração. E se eu também virasse bissexual? Os bi tem muito mais chances que os héteros e os homos.

- Posso falar a verdade? Estou morrendo de inveja. – confessei porque não deu para esconder.

- Quando o meu noivado acabou, prometi a mim mesma que tudo ia ser diferente. – explicou Daise – Eu ia me divertir mais, me entregar mais sem que para isso fosse preciso depositar minhas esperanças em alguém. – Deu para sentir que ela não falava da boca para fora. – É isso que estou fazendo. Não sou carente, nem frustrada. Sigo os meus impulsos e se tenho vontade de fazer uma coisa, vou lá e faço. Porque sou única e posso tudo o que eu quiser!

- Nossa! Que bonito...! – Claudia elogiou, traduzindo o quanto estávamos maravilhadas com tanta autoconfiança.

- Gostaram? Ouvi no comercial da Avon.

- Ah... – suspiramos desapontadas.

Outro curto silêncio se fez na mesa enquanto comíamos e fazíamos nossa auto análise.

- E você, Bia, como está? – Daise quis saber.

- Sobrevivendo. – respondi.

- Queria o quê? – Claudia saiu em minha defesa, embora eu preferisse que ela não tivesse feito

– A pior coisa que pode acontecer numa separação é a fila do seu ex andar antes que a sua.

- Ai, gente, esse assunto vai acabar baixastralizando o nosso jantar. Vamos falar de outra coisa, por favor? – Mariana pediu encarecidamente.

- Deixa ela falar, Mariana! – Claudia contestou – Nessa fase faz muito bem se sentir mal. Além disso, ela não vai conseguir esquecer Arthur agora porque leva-se a metade do tempo do namoro para se esquecer um ex-namorado. Quanto tempo mesmo vocês estiveram juntos? – perguntou-me, entre um gole de vinho e outro.

- Três anos e dez meses.

- Deixe me ver... – disse fazendo os cálculos – arredondando para quatro... - Claudia não era boa em matemática – E considerando que já se passaram quase dois meses, eu diria que daqui a um ano e dez meses você terá esquecido Arthur de verdade.

Puxa, que animador!, pensei.

- Sabe qual é o seu problema, Claudia? Excesso de revista feminina. – ralhou Mariana.

- Pois eu gosto de teorias. – Daise defendeu-a – Às vezes, são bem mais simples que a prática.

- Outra que... – Claudia deu continuidade ao raciocínio – para esquecer um homem, definitivamente, de uma vez por todas, só existe uma técnica.

- Ai, quanta bobagem, meu Deus... – disse Mariana após um longo suspiro, entre uma garfada de salada sem graça e outra.

- Não é não. É uma técnica infalível! – Claudia garantiu – Se quer mesmo esquecer Arthur, primeiro você tem que sofrer muito, se sentir muito mal. Ir ao fundo do poço mesmo, entende? Como não? Quisera eu não entender...

- Meio óbvio, né? – Daise não estava levando fé.

- Calma! Eu ainda não terminei... – explicou-se – Bom, depois que você tiver concluído a primeira fase, você já vai estar preparada para o segundo passo que consiste em fazer uma lista de todos os defeitos dele que mais te irritavam. Escreva tudo e leia essa lista três vezes ao dia, depois das refeições.

- Interessante. Desenvolve mais. – Mariana interessou-se.

- E aí vem o terceiro e último passo, – lecionou Mestre Claudia – mas esse você só deve dar se tiver realmente certeza de que quer esquecer o cara, porque é irreversível. Uma vez executado, você não consegue gostar da pessoa novamente nem com reza! – fez suspense.

- Conta logo! – ordenou Mariana, cheia de curiosidade.

- Bem, vou contar então... Mas olha lá, heim?! Depois não vão dizer que não avisei. – Claudia alertou, se ajeitando na cadeira e passando as mãos no cabelo de forma a criar mais expectativa para as instruções do terceiro passo – Bem, por último você tem que mentalizar a pessoa fazendo cocô. – disparou por fim – Uma semana com a imagem da pessoa sentada no vaso sanitário é bater e valer, minha amiga. Nunca mais você vai querer esse homem! – garantiu-nos.

Por um instante, Mariana e Daise olharam-se intrigadas. De repente a expressão de ambas começou a contorcer-se na tentativa de controlar espasmos de algo que identifiquei ser uma risada. Mas foi em vão e a gargalhada escapou evoluindo para uma reação totalmente fora de controle. De tanto rir, elas perderam o fôlego. Claudia também entrou no lance e as três riam

tanto que lacrimejavam. A cada tentativa de retomar a seriedade, uma olhava para a outra e a crise voltava ainda mais forte. Todas as pessoas no restaurante olhavam curiosas em nossa direção.

Até eu ri, mesmo sentindo que aquilo poderia acabar se transformando num acesso de choro.

- Não sei se vai adiantar... – falei indecisa, quando a comédia pastelão terminou – Arthur é o homem da minha vida.

- Para ser o homem da sua vida, tem que estar na sua vida, Bia. – Mariana ponderou, ainda entre risos.

- Eu sei... – reconheci.

- Você tem é que voltar para o jogo, isso sim. – opinou Daise.

- Boa! – aprovou Mariana.

- Eu não tenho o know-how da Claudia sobre regras de comportamento, mas também tenho minhas dicas. – lançou Daise – Não importa quanto você vai sofrer, nem quanto tempo vai demorar para se recuperar, a mais importante de todas as regras pós-separação é: Esteja com os seus amigos. Ninguém jamais supera coisa alguma na vida sem a ajuda deles.

Taí, de tudo o que eu ouvira, essa fora de longe a coisa mais sensata, embora não exatamente original, pois há tempos eu já havia descoberto que quando se tem um amigo, se tem praticamente tudo.

- Então, bóra fazer alguma coisa hoje à noite? – propôs Daise animada – Shiva, que tal? Segunda-feira é o melhor dia!

- Era exatamente o que eu ia propor. – Claudia aderiu toda serelepe.

- Ai, não sei... Depois do dia de hoje acho que estou meio cansada. – rejeitou Mariana.

- Então vou falar uma coisa que vai te fazer mudar de opinião. – garantiu Claudia – O Andre vai estar lá.

- Andre Góes ou Andre Molina? – Subitamente Mariana pareceu interessada.

- O Góes. – Claudia pronunciou a letra “s” como se fosse “x”, fingindo um gemido.

Pelo visto, isso realmente mudava tudo.

- É claro que eu vou! – Mariana decidiu.

- Esse Andre é piloto da TAM? – indagou Daise interessada.

- É, mas tira o olho. – cortou Mariana – Se concentra na sua japonesinha.

- Sabe como é... – disse Daise com olhar sugestivo – Não é porque eu estou de dieta que eu não olho o cardápio, né?

Eu ouvia a conversa delas, como quem assiste ao Sex and the City. Achava interessante elas se entusiasmarem tanto com uma simples noite de segunda-feira.

- Você vem com a gente, né, Bia? – perguntou Claudia, dando por certa minha adesão.

- Não, fica para a próxima... O dia foi puxado, eu estou na TPM, acho que não estou muito para boate não.

- Mas a Shiva não é boate. É barzinho. – explicou-me Daise.

- Sei. – isso não mudava coisa alguma, para falar a verdade – Mas eu tenho um livro para ler...

- Fala sério, Bia, estamos em São Paulo! – Claudia repreendeu-me – Nessa cidade, é

praticamente um pecado passar a noite no hotel. Além do mais, você nem vai trabalhar amanhã...

De fato, eu não ia. Mas estava pretendendo ir embora na primeira ponte para chegar em casa de manhã cedinho.

- Vamos, você vai se divertir. – disse Mariana sabendo que sua opinião valeria mais que todas.

Por um momento me passou pela cabeça que talvez eu estivesse desperdiçando uma noitada super divertida. Aliás, oficialmente, a primeira de todas desde que eu me separara de Arthur. Se eu não ia trabalhar no dia seguinte, não seria então uma boa ocasião para enfiar o pé na jaca? Não é isso que fazem as mulheres solteiras, livres, desimpedidas, independentes e bem resolvidas?

- Ai, gente, será?

- Já é. – definiu Daise.

- Às dez na recepção, ok? – alguém propôs.

- Fechado. – todo mundo concordou.

Nenhuma de nós chegou à recepção às dez porque éramos todas cariocas. Assim, pontualmente, – para um encontro marcado às dez – Claudia e Daise apareceram às dez e meia, deslumbrantes e muito parecidas, com cabelos lisérrimos, calças justíssimas e saltos altíssimos. Eu também não estava de se jogar fora num micro-vestido listrado – listras verticais, obviamente – e uma sandália toda trançada que eu havia botado na mala para a eventualidade de uma saída à noite. Como não tive tempo para o escovão e sempre tinha uma caixinha de grampos na bolsa, recorri ao infalível coque “cara-de-rica” – aquele baixo a lá Olívia Palermo, com uma risca no centro da cabeça – e fui.

Mariana, no entanto, não apareceu e só às onze e dez, quando demos um intervalo no papo Barbie sobre sapatos e escovas definitivas, foi que notamos que ela já estava quarenta minutos atrasada.

- Gente, alguém vai chamar a Mari. – Daise sugeriu.

- Eu vou! – me candidatei, mas não foi necessário porque quando virei as costas, Mariana saiu do elevador.

- Vão indo na frente, meninas! – ela determinou – Desculpa atrasar vocês, mas é que meu pai resolveu instalar um programa no computador lá de casa justamente agora e eu estou ajudando pelo telefone. Ainda vou levar um tempo.

- Tudo bem. Eu te espero! – me ofereci.

- Não, não precisa não. Vão indo vocês na frente que eu já chego lá.

- Então tá. – concordamos e fomos.

Quando o táxi estacionou na porta da Shiva, relutei um pouco. Por um momento pensei em pedir para o motorista me levar de volta ao hotel.

- Eles dão alguma coisa lá dentro? – perguntei esforçando-me para enxergar o final da fila na porta.

- Não falei que as noites de segunda bombavam? – Daise se vangloriou.

- Ai, gente, que filão... Acho que eu vou voltar... – preparei o terreno para a minha fuga. As duas me olharam perplexas, depois desmancharam-se numa imensa gargalhada.
- Você acha mesmo que somos mulheres de ficar em fila? – Daise arqueou a sobrancelha interrogativa.
- Bia, mulher que pega fila em boate ou é feia, ou é burra ou está acompanhada. Não é o nosso caso. Relaxa e vem com a gente. – Claudia puxou o cós da calça jeans dois números menor que ela, deu uma reboladinha de modo a ajustá-la melhor ao corpo e tomou a frente. – Daise, você consegue ver daí quem está na porta hoje?
- Não, péra aí... Acho que é o Paulão. É, é o Paulão sim.
- Ótimo! Bia, vê daí detrás se minha bunda tá esquisita.
- Esquisita como?
- Esquisita tipo uma Aspirina.
- Não. Sua bunda parece um Doril.
- Ótimo. Paulão me deve muitos favores.
- Sexuais, você quer dizer. – completou Daise.

Um minuto depois, adentrávamos à Shiva, passando a frente de centenas de pobres criaturas na fila sabe se lá há quanto tempo.

Mentiu quem disse que a Shiva era um barzinho. A Shiva era sim uma boate, com todas as características de boate: Fila na porta, gente bêbada, música alta e todo mundo tentando passar uma imagem de algo que não era. A diferença é que a Shiva era toda tematizada em estilo indiano, com pinturas de elefantes, deuses e chacras tipo Mughal, em perfeita harmonia com as cadeiras de ratã e a fumaça dos nargiles sobre as mesas. O verdadeiro contraste ficava mesmo por conta da música eletrônica que nada tinha a ver com os pacíficos ensinamentos de Buda.

- Vamos beber alguma coisa? – gritei, tentando soar mais alto que a música.
- Quê?
- Vaaaamooooos beeeebeeeeer aaaalguuuumaaaa coooooiiiiisaaaaaaaaaaa? – insisti.
- Não dá para ouvir! Faz mímica.

Era a segunda vez naquele dia que eu me comunicava por mímica.

Para começar, bebi um mojito, Daise uma tequila e Claudia – claro – um sex on the beach. Há tanto tempo eu não saía sozinha que já havia esquecido algumas regras básicas de sobrevivência em boates como, por exemplo, a da “boca que não beija, bebe”, já que estabelecer diálogos com a música a muitos decibéis do tolerável ao ouvido humano era impossível.

Mantínhamos o olhar atento nos homens ao nosso redor, demarcando o território e analisando as melhores opções da noite. Quando uma fazia um comentário, a outra dava uma risada teatral, não necessariamente pelo comentário em si – na maioria das vezes sequer ouvíamos – mas sim para mostrar aos homens ao nosso redor o quão divertida e interessante éramos.

Era só uma questão de prática e logo eu estaria por dentro daqueles macetes todos novamente. Vez ou outra, elas mandavam tchauzinho para alguém perdido na multidão ou então alguém – homens, no caso de Claudia; Mulheres e homens, no caso de Daise – vinha cumprimentá-las. Ao que elas travavam um dialogo de três ou quatro falas, muita risada e algumas jogadas de

cabelo. Então a pessoa sumia pela fumaça e a fila andava para que fosse dada a vez ao próximo.

Conforme os níveis de luxúria iam aumentando – por luxúria, entenda-se a vontade de terminar a noite na cama da pessoa – os diálogos iam ficando mais longos e nessa eu acabei sobrando, porque ao contrário delas não conhecia ninguém por ali e Mariana ainda não havia chegado.

- Vou dar uma volta! – articulei para que elas fizessem minha leitura labial.

Pois bem, eu estava em São Paulo, na noitada mais bombada da cidade, com uma sandália altíssima, um vestido lindo, um coque “cara-de-rica” e...? O que é que isso tudo mudava? Deveria eu estar me sentindo melhor?

Bem, se deveria tinha alguma coisa errada, porque eu continuava me sentindo triste e vazia. Mas a julgar pela artificialidade de tudo ali na Shiva, eu provavelmente não era a única triste e vazia da noite.

Baixo teor alcoólico na corrente sanguínea, detectei meu problema.

À cotoveladas e pedidos de licença, furei a muvuca e em vinte minutos consegui andar dez metros e chegar ao balcão. Ali, em pé, de frente para o bar, fiquei maravilhada com a enorme quantidade de bebidas que meus olhos percorreram. Um detalhe em particular levantou o meu astral instantaneamente e me fez começar a gostar muito da Shiva.

Eles tinham uma prateleira inteira só de batidas.

Eu amava batidas!

- Por favor, me vê uma dose daquela rosinha ali. – pedi ao barman.

Estou ótima!, afirmei a mim mesma depois de botar para dentro o quarto cálice de batida de amendoim. Antes já tinha passado pela de pêssago, pela de morango e pela da abacaxi. Aquela noite, eu estava mais para bebidas doces. Eu tinha tara por batida, mas eram as cores delicadas e vibrantes que mais me apraziam. Beber batidas era como tomar cores. “Me vê um amarelo, por favor?”, “Por gentileza, uma dose da verdinha?”, “Um cálice de azul-bebê para mim, ok?”, era como eu pedia.

E assim, de cor em cor, espremida entre os marmanjos que disputavam comigo a atenção do barman, fui me sentindo mais tranquila, relaxada e inserida no contexto. Estava realmente gostando dali. Estava realmente gostando da minha nova condição de solteira.

De repente, levantei os olhos e me deparei com um olhar fixo em mim, na outra ponta do balcão. Dividida entre o impulso e o descaramento, mal pude acreditar quando me vi dando um sorrisinho cheio de malícia para o cara, mas ele simplesmente me virou as costas e sumiu na multidão.

Nem liguei.

Ainda bem, porque dois minutos depois olhei para o lado esquerdo e quem estava lá? O tal sujeito, esfregando seu atrevimento na minha cara. Não era lindo, mas tinha uma aparência bem máscula e eu gostei do que vi.

Não trocamos nenhuma palavra, mas de rabo de olho fiz algumas constatações básicas. Ombros largos. Gostei. Mãos grandes. Adorei. Maxilar quadrado. Passei mal.

Minha linguagem corporal não escondeu que a presença dele me agradava.

Até ele abrir a boca e botar tudo a perder.

- Oia aí mina, tem jeito da gente si cunhecê mió?

Tive vontade de sumir! Sério mesmo.

Eu só podia estar no meu inferno astral. Com tanto homem bacana, porque fora me sobrar justamente um caipira? O pior é que eu esvaziara todo o copo de lilás – ou batida de uva – e sequer tive onde afundar a mágoa. Nem respondi, apenas fiz sinal para o barman, que a esta altura já era meu amigo de infância.

- Dose dupla da branquinha. Urgente! - pedi e por alguma razão o caipira se irritou.

- Oh, meu, tá me tirano, é?

Respirei fundo e lembrei da diversidade e das riquezas culturais do Brasil.

- Desculpe, não foi minha intenção.

- Cê veim sempre aqui?

Não tinha uma perguntinha mais batida, meu filho?

- Não.

- Eu taméin não qui eu moro lá em Pira. – ante a minha expressão petrificada de incompreensão, ele esclareceu. – Pirassununga! – completou festejando.

- Ah, claro. Pirassununga.

- Eu vim vê o Curintcha jogá cum o Parmera hoje a talde lá nu Murumbi, mas tô voltano para Pira de madrugada que eu trampo amanhã cedo.

Graças a Deus, neste momento o barman posicionou na minha frente o copo de branquinha. Ao que eu dei cinco goladas diretas para ver se ficava logo bêbada e apagava a imagem diante dos meus olhos: Um imenso cinto de cowboy devidamente combinado com botas bico fino na mesma tonalidade.

Tudo o que eu queria era restaurar a graça que eu vira naquele sujeito minutos antes, ou melhor, antes de ele abrir a matraca.

- Tá um puta calor aqui, né não? - disse pronunciando o “r” de calor como se a palavra fosse inglesa.

- É verdade.

- Oh, meu, se cê tive quereno dá um rolé, minha perua tá lá perto do minhocão.

Ah não! Minhocão não...

- Obrigada, estou bem aqui mesmo.

Acho que o barman leu meus pensamentos e antes mesmo que eu pedisse, ele botou mais uma cor na minha frente. Amarela.

- Vamos dar uma volta. – sugeri, bebericando a batida de limão.

Então quando desencostei do balcão e dei o primeiro passo em direção à pista de dança cheguei a uma conclusão que raramente eu chegava. Estava completamente bêbada. Sim, só podia estar porque no instante seguinte me vi fazendo algo inacreditável. Segurei o rosto do caipira – porque ele rodava na minha frente – e beijei-o. Mas, pensando bem, não posso garantir se fiz isso por vontade genuína de beijá-lo ou apenas como forma de calar-lhe a boca.

Vamos dar a César o que é de César? O caipira era bom. E não pensem que estou falando isso só porque estava mais carente que um filhotinho de vira-lata de vila não.

Inegavelmente, a sensação de estar novamente beijando um homem me pareceu tão libertadora, tão ousada... Eu estava transgredindo e – sim! – estava adorando! Me senti plena e poderosa no papel de dominadora. Compreendi perfeitamente o que Daise quis dizer sobre estar de volta ao jogo. E ali, escorados no balcão do bar, em meio aos empurrões e o palavreado chulo dos bêbados estressados com o barman, me joguei na sensação daquele beijo e nada mais importava. Era como se existissem dois tempos paralelos correndo simultaneamente.

- Teim celteza qui num qué dá um rolé? – insistiu mordendo vagarosamente o meu lábio inferior.

- Absoluta. – respondi segura, no controle da situação.

Então o barman me serviu mais um copo de azul, – dessa vez não faço a menor ideia do que vinha a ser. Aliás, não lembro nem de ter pedido essa cor... – enfiei o dedo indicador no cinto do cowboy e o arrastei para a pista de dança.

A realidade estava tão maquiada pelo álcool que, num passe de mágica, o caipira transformou-se em cowboy e, analisando mais de perto, o cinto marrom de quatro dedos de largura com um touro preto desenhado na fivela até que era bem fashion. Será que não?

Na pista de dança transbordei autoconfiança imitando a coreografia da Beyoncé em Single Ladies. Mãos para o alto, uma ondulação de corpo em forma de S, depois outra no sentido contrário, duas reboladinhas com dois tapinhas no traseiro, uma chicotada com o cabelo para frente (o coque “cara-de-rica” já não existia mais), um rodopio... All the single ladies, all the single ladies... Perna direita entrelaçando a perna esquerda, mãos sensualmente deslizando pelos cabelos, rosto, pescoço e seios suados, depois uma rebolada comprida até o chão e, de repente... A pirueta! I got a gloss on my lips, a man on my hips... Rosto contraído numa expressão séria, boca meio-aberta-meio-bico tipo atriz de filme pornô. Eu era a própria Beyoncé e sentia-me maravilhosa com o meu poder de sedução. Tão magicamente poderosa que as pessoas ao meu redor nem reclamavam quando eu derramava a bebida delas – mas podia ser também que já estivessem bêbadas demais para perceber isso.

O tesão estava no limite máximo. Nos beijávamos loucamente, quer dizer, beijar não era a palavra mais apropriada. Nos atracávamos, ou melhor, nos engolíamos no meio da boate completamente entregues ao prazer das sensações. Eram tantos apertões, amassos e mãos por debaixo do vestido que em algum momento me perguntei se ele não seria um polvo.

Mas eu estava adorando.

Vou dar para esse cara!, decidi.

Não acredito que ele tenha pensado a mesma coisa porque acho que desde o início esse já era o plano dele.

Estávamos super envolvidos no impulso do momento até que, de repente, ele gritou alguma coisa no meu ouvido, fazendo cosquinha no meu tímpano.

- Tem celteza que num qué dá um rolé na minha perua?

- Zenho. Eu zó vô dar um rolé ali no banheiro. – respondi mais para lá do que para cá – Com vozê!

As vezes tudo o que uma mulher precisa na vida é se sentir um pouco devassa.

Bem, não houveram preliminares. – a menos que possamos classificar o ato de botar a

camisinha como uma preliminar – Aliás, para falar a verdade, foi a camisinha que me alertou para a gravidade da minha atitude. Nos trancamos num dos inúmeros cubículos vermelhos decorados com motivos indianos, ele me posicionou contra a porta, levantou meu vestido, arrastou minha calcinha para o lado, abriu o zíper da calça – o cinto cafona já não estava mais lá – e subitamente senti tudo tremer ao meu redor. Estava tão excitada e ligada no prazer que nem levei a mal quando entre gemidos ele avisou "Vou gozar, potranca! Vou gozar, potranca!". Mas junto com o êxtase veio, por engano, um sentimento que nunca é convidado para as orgias: A lucidez. *Que diabos eu estava fazendo ali com aquele cara?*, me perguntei. E, num estalar de dedos, toda a ousadia e atrevimento que provocaram meu desejo de aventura se dissiparam como a fumaça dos nargiles da Shiva. Não me reconheci naquela cena. Aquela não era eu. Suspeitei que dera um passo maior que a perna, mas a gente só percebe que está indo longe demais, quando já foi. Como toda persona non grata, ignorei a lucidez e tentei retomar o clima de luxúria.

Estávamos ensopados de suor e secreções, super entusiasmados para um segundo tempo – o cowboy bem mais que eu, para dizer a verdade. – Eu me sentia meio tonta, precisava dar uma circulada, tomar um ar. Precisava esclarecer na minha cabeça a razão do meu ato.

- Vamozzz daruma volta? – sugeri meio tonta.

- Vamos. Minha perua tá aqui peltinho... – Eu não aguentava mais ouvir falar na porcaria da perua.

- Zô falano uma volta lá fora meixmo.

De mansinho, abri o trinco e empurrei a portinha para checar se a área estava limpa para o cowboy sair. Neste momento, três mulheres adentraram o banheiro. Três mulheres que por acaso vinham a ser Claudia, Daise e Mariana. Não teve como disfarçar. Fiquei sóbria na hora. Tudo bem que todo mundo já transou no banheiro da boate, mas daí a ser pego no flagra são outros quinhentos.

Tentei não deixar a peteca cair.

- Oi!!!, miniiiiinas, que goinzidênzia, né? – foi a primeira frase que passou pela minha cabeça embriagada.

Pude ver o absurdo da cena estampado no rosto das três. Pareciam três corvinas abrindo e fechando a boca. Não sabiam o que dizer vendo apenas o meu rosto e a pontinha dos meus dedos pregados na porta que eu, ridiculamente, tentava manter fechada. Estava na cara que tinha mais alguém ali comigo, mas nem em sonho elas podiam me imaginar protagonizando um episódio daqueles.

Silêncio total.

Não tive saída.

- Vô apresentar meu zamigo a vozês, tá? – disse, abrindo a porta do cubículo para o cowboy sair. E me lembrei imediatamente que eu sequer sabia o nome dele. Mas ele também não sabia o meu – Como é mesmo o seu nome, heim?

- Arthur.

Putá merda!

Eu estava me esforçando tanto...

Por que logo esse nome, meu Deus? Por que o infeliz não se chamava Zezim ou Toim? O nome “Arthur” saído da boca do cowboy, naquelas circunstâncias foi tão ultrajante, quase humilhante. Estar atrelada a Arthur era uma maldição *ad eternum* e por mais que eu lutasse, a realidade sempre daria um jeitinho de ressurgir como um corpo que retorna a superfície após ter sido jogado nas profundezas do oceano. Não era como ter o nome no SPC ou alguns pontos na carteira de motorista que depois de um certo tempo prescrevia. Não, Arthur na minha vida era como uma bola de ferro amarrada ao corpo para a eternidade. Busquei o olhar delas e então li outra mensagem no rosto das três: Compaixão. Não dava para ser diferente, eu mesma tive pena de mim. Foi sofrível me trancar com um completo desconhecido no banheiro de uma boate. Um homem que em situações normais nem chamaria a minha atenção.

- Precisamos ir embora, Bia! – Mariana tomou a iniciativa.

- Ah, agora não... – argumentou o cowboy, temendo perder a diversão da noite.

Foi então que Mariana assumiu a direção da cena.

- Escuta aqui, – ela deu um passo, cheia de atitude – eu se fosse você caía fora daqui agora porque o segurança vai ficar bem nervoso se souber que tem um homem no banheiro feminino!

– O cowboy pareceu diminuir na frente dela.

- Ih, dá liceinça, meu! Já tô saindo! – disse intimidado.

Ao vê-lo sair com o rabinho entre as pernas, detectei que o ator esquecera uma fala muito importante do script.

- Zê num vai pegar meu zeleeeefone não? – perguntei com estranhamento. É claro que eu jamais daria meu número para o caipira. E se desse, daria errado. Mas mesmo assim era obrigação dele me perguntar. Que bagunça era aquela?

Foi aí que eu compreendi a falta de conteúdo daquilo tudo.

- Para quê? Nem eu vô te ligar, nem cê vai me dar o número certo mesmo. – esnobou-me com sua quilometragem rodada – Tô indo nessa então. Tchau. Foi um prazê te cunhecê.

O caipira retirou-se sem qualquer objeção. Sentei-me na privada do banheiro imundo, joguei a

cabeça para baixo e, por um momento, tive vontade de chorar. Não por causa dele, mas por mim, por tudo. Pelo nível tão baixo que vi minha autoestima chegar.

Felizmente, Mariana agiu rápido.

- A gente estava te procurando feito loucas! – disparou.

- Aiiii, gente, eu sabia que izzo não ia zacabar bem... – lamentei sentindo-me muito mais lenta que o mundo a minha volta.

- Deixa para lá, Bia! – Mariana ajoelhou-se na minha frente – Escuta, eu tenho uma coisa importante para te falar e você tem que prestar muita atenção, ok? – Segurou minha cabeça, olhou bem dentro dos meus olhos e falou vagorosamente sílaba por sílaba, como se falasse com uma criança – Sua aplicação para vaga em Londres foi escolhida e você foi selecionada para a entrevista. Eles mandaram a mensagem durante o dia, mas eu não tive como acessar a Internet e acabei não vendo. Então quando eu estava vindo para cá, chequei o status da sua aplicação e estava lá a sua convocação para a entrevista!

- Zerto. – meus dois únicos neurônios sóbrios de plantão conseguiram assimilar a mensagem. Mas naquele momento ela não tinha a menor importância. – Azzo qui eu bebi muizas corezzz!

- Cores??? – As três perguntaram ao mesmo tempo, sem entender nada.

- Do que você tá falando, Bia? – Mariana perguntou enérgica – Você entendeu o que eu disse?

- Zim. – tranquilizei-a – A zente vala zobre izzo depoizi...

- Aí que tá, Bia, não dá para ser depois. – Mariana engoliu seco – Eles marcaram a sua entrevista para amanhã, – disse estalando discretamente todos os dedos da mão – às oito – gaguejou – Da manhã.

Não. Isso não podia estar acontecendo...

- Vozê zá me dizendo que zaqui a poco eu zenho uma zentrevista de trabalho? – Eram quase três da manhã, o simples fato de saber que eu precisava estar bem em poucas horas, no estado letárgico em que eu me encontrava, foi o bastante para me deixar ainda mais sonolenta e sem forças, se é que isso era possível.

- Basicamente, sim. – disse Mariana com a voz esganiçada pelo desespero.

- Num vô conzeguiiiii. Num zenho a menor condizão... – Entreguei os pontos.

Estava além de mim o controle das minhas pernas, meu corpo estava dormente, minha mente estava exausta. Também pudera, depois de litros de batidas coloridas, frenéticas coreografias e, de quebra, uma transa com um desconhecido no banheiro da boate, eu queria o quê?

- Se esforça, Bia. – Mariana foi até a pia – Fiquem de olho nela que eu vou pegar um pouco d'água.

Impotentes, meus olhos apagaram, minha cabeça foi perdendo o equilíbrio e se inclinando para o lado direito, levando junto o pescoço e todo o meu corpo.

- Segurem a cabeça dela! – Mariana gritou para as duas que por um minuto se distraíram observando-a na pia.

Tarde demais. Nem mesmo o barulho oco da pancada certa que minha cabeça deu na parede azulejada me abalou. A embriaguez amorteceu a traulitada e eu adormeci como uma plantinha dormideira.

- Depois das oito! Depois das oito, você dorme, Bia! – Mariana me sacudiu histérica, passando

as mãos molhadas pelo meu rosto.

- A Shiva vai fechar, a gente tem que ir embora agora. – informou Daise.

- Certo. – disse Mariana – Então vai indo na frente e chama um táxi que eu e Claudia levamos Bia daqui.

- Zó me zá um zegundinho que eu pre... – Nem pude terminar a frase e fui interrompida por um som brutal vindo das profundezas do meu eu e dois longos jatos de vômito amargo e quente foram lançados do meu estômago, fazendo um degradê degradante marrom escuro no meu lindo vestido listrado. Eu jamais poderia imaginar que a mistura de todas aquelas cores fosse resultar em marrom.

- Ah não...! – lamentou Claudia – Eu não posso ver ninguém vomitando que me dá logo vontade de... – ela ainda tentou botar as mãos na boca, mas uma sequência de sonoros espasmos gástricos deu-se início e o vômito começou a escorrer-lhe por seus dedos.

- Acabou! – Mariana esbravejou – Ninguém mais vomita aqui, tá legal?!

- Espero vocês lá fora. – foram as últimas palavras de Daise antes de fugir do banheiro. Tive a impressão de que ela seria a próxima.

Descabelada, toda vomitada, com a cara pegando fogo e manca – sim, o salto da minha sandália quebrara em algum momento da minha performance na pista – eu era de longe a figura mais trash da noite, botando Amy Whitehouse no chinelo. Ainda tive que aguentar a maledicência de duas mulheres que também aguardavam um táxi na Avenida Augusta.

Mulher de cabelo liso: Isso é que dá não saber beber!

Mulher de cabelo enrolado: É mesmo. Não sabe beber, não bebe!

Mulher de cabelo liso: Vamos sair de perto.

Mulher de cabelo enrolado: É. Vamos para lá.

Vão se foder!, quis gritar, mas ficou só na intenção porque sequer tinha forças para ser desagradável com alguém. Meu estado era lamentável. A deselegância discreta tinha ido para o saco. Eu era o escracho, a piada, o pé na jaca.

Senti pena de mim. Senti mesmo.

Obviamente, que nessas condições não foi nada fácil arranjar um taxista disposto a nos levar ao hotel. Ao constatarem o meu estado deplorável e, pior, a latente ameaça de uma mancha como a do meu vestido em seus impecáveis estofados, todos inventavam uma desculpa.

Felizmente, Mariana teve uma ideia brilhante.

- Eu vou me esconder com a Bia atrás da banca de jornal, enquanto vocês param um táxi. Quando o taxista aceitar a corrida, vocês entram no carro e fazem sinal para a gente, ok?

Essa foi realmente a solução.

Mas para sorte do taxista, eu não vomitei nenhuma vez. E foi por sorte mesmo porque quando chegamos na porta do hotel, a primeira coisa que fiz ao botar os pés para fora do carro foi vomitar toda a calçada. Pelo visto, meu fígado estava de péssimo humor.

Já no quarto, as três batiam cabeça. À Claudia coube a missão de me manter acordada enquanto Daise e Mariana me preparavam um café forte e um banho frio. Eu presenciava a cena, como se não estivesse ali, como se fosse um espírito, incapaz de me manifestar ou intervir nos acontecimentos.

- Olha aí! Presta atenção! Ela tá quase dormindo! – gritava Mariana para Claudia, de dentro do banheiro.

- Você quer que eu faça o quê? – Claudia irritou-se. Ela já havia experimentado músicas, caretas, cosquinha... Nada vinha apresentando resultados eficientes.

- Conversa com ela! Faz qualquer coisa! – sugeriu Daise contagiada pelo histerismo.

- Eu tô fazendo! – E estava mesmo, coitada.

- Abre o olho dela! – Mariana determinou curta e grossa.

- Como assim? – perguntou Claudia.

- Com o dedo, ué!

- Pronto. A banheira já tá cheia, vamos enfiar Bia lá. – Daise declarou.

- O café também já está pronto. Coei com Red Bull. – Informou Mariana inventando uma nova bebida.

Então fui levada para a banheira e juro que tentei colaborar com o trabalho delas, porque eu entendia a gravidade do problema. Compreendia que tinha que estar desperta e pronta para uma entrevista de trabalho em poucas horas. Apenas não conseguia fazer o link entre a minha cabeça e o meu corpo, que continuava lento e pesado demais. Daise se encarregou de fazer o café-bull descer pela minha garganta, de maneira que não posso dizer se achei aquele troço bom ou ruim. Mas certamente era ruim.

Eu era uma boneca, completamente a mercê delas. Enquanto Mariana escovava os meus dentes, Claudia me secava e Daise penteava meu cabelo. Depois me vestiram e calçaram-me os sapatos. Era um trabalho em equipe. Um verdadeiro mutirão da solidariedade para que às oito da manhã eu pudesse estar bem.

- Ninguém merece isso, gente! – consegui balbuciar, deixando-as alegres com uma reação mais sóbria e menos sonolenta.

- Fica tranquila que vai dar tudo certo! – uma delas me acalmou. Não lembro quem.

Às sete horas, Claudia e Daise tiveram que ir cuidar de suas vidas e eu já estava pronta para a entrevista. “Pronta” modo de dizer, uma vez que estava vestida, penteada, maquiada e aparentando ser uma comissária de voo de respeito, não a figura horrenda de horas antes. Porém, psicologicamente falando, eu estava muito longe de estar pronta para alguma coisa.

Mariana despediu-se de Claudia e Daise, fechou a porta, veio em minha direção e sentou-se na cama.

- Bia, fala comigo. Como é que você se sente?

- Mal. – admiti esparramada sobre a cama, parecendo uma estrela do mar – Não dá para tentar adiar essa entrevista para amanhã? – Era minha última esperança.

- Não sei. É muito cedo, não sei se consigo achar alguém lá na diretoria uma hora dessas. Minha expressão implorava para que ela pelo menos tentasse.

- Deixa comigo. Vou ver o que consigo.

Mariana pegou o telefone na bolsa e discou.

- Alô, bom dia! – ela cumprimentou alegremente a fim de ganhar a simpatia da pessoa do outro lado – Estou ligando em nome de Beatriz Felizardo. Ela tem uma entrevista marcada para

agora de manhã, mas o caso é que ela não está se sentindo muito bem, então eu gostaria de saber se haveria possibilidade de adiar a entrevista dela para outro dia. Amanhã, por exemplo, seria ótimo. – Pela expressão dela, suspeitei que o tiro saíra pela culatra. – O Dr. Charles vai para Londres hoje à noite? Entendi... Bem, neste caso será que não daria então para adiarmos para o final do dia? – Mariana pensou rápido e uma curta pausa se seguiu – Ah, sei... O Dr. Charles é muito “organizacional” – debochou discretamente – ele quer fazer as entrevistas em ordem alfabética... Tô entendendo. Faz todo sentido, é claro que faz. Todo sentido do mundo! – Era o fim da linha, não tinha mais o que negociar. Mariana tentou. – Ta ótimo então, querida. Muito obrigada e um bom dia para você. – desligou irritada.

Eu não estava bem, mas Mariana não estava muito melhor. Seu rosto transparecia o sentimento de fracasso de quem nada, nada e morre na praia. Estávamos ambas esgotadas, arrasadas e frustradas, apenas víamos a situação por ângulos diferentes.

- Não teve jeito, né? – perguntei já sabendo a resposta.

- O imbecil quer fazer as entrevistas em ordem alfabética! – reclamou e calou-se. De repente, um silêncio esquisito se fez entre nós – Bia, escuta, esquece essa estória, vai! Foi tudo culpa minha. Eu devia ter checado o status da aplicação ontem durante o dia, não ter visto em cima da hora. Você não estava interessada nessa vaga mesmo, eu que forcei essa barra toda... Então, olha, você não tem que ir à entrevista nenhuma. Pronto. Vai dormir e quando acordar, você pega um avião e volta para o Rio. – Mariana tentou me reanimar, mas nós duas sabíamos que não era assim.

E nós duas nos surpreendemos também com a frase que saltou da minha boca. Não exatamente pelo fato de ser uma frase completa e com sentido, mas pela sinceridade que a acompanhava.

- Mari, eu quero ir.

- Hã???

Eu poderia não conseguir, eu poderia simplesmente não passar na entrevista, mas sabia que pelo menos tinha que tentar.

Mariana me deu um abraço apertado e eu senti que tinha chances. Mais uma vez, eu estava no jogo.

- Tem certeza? – Mariana certificou-se.

- Absoluta. – garanti.

- Então, vamos logo para você não chegar atrasada.

A sede da Cia. ficava no Jardim Aeroporto, num prédio enorme com quinze andares, próximo ao aeroporto de São Paulo. A presidência ficava justamente na cobertura que nós, a peãozada, vulgarmente denominávamos de “céu” dada a importância e a inacessibilidade do lugar porque até chegar ao “céu”, o sujeito tinha que passar por uma robusta barreira de seguranças, recepcionistas e secretárias, com direito a preenchimento de formulários, passe para identificação, fotos instantâneas e longos minutos de espera. O objetivo era justamente cansar o inimigo, mantendo-o firme no purgatório. A decoração também era algo muito peculiar, totalmente destoante do estilo clean do resto do prédio. Enquanto os demais andares ostentavam muito vidro fume e alumínio, no andar da presidência reinavam absolutos o mogno, a tapeçaria e as esculturas renascentistas. Tudo sofisticadamente ladeado por plantas

frondosas. Era como se o décimo quinto andar fosse um outro prédio. Um lugar a parte. O céu. Proibido, portanto, para pobres mortais como eu.

Em todos aqueles anos, eu só pisara no “céu” uma única vez e assim mesmo para receber uma advertência. Foi por causa de um cantor de axé que cantava uma musiquinha dessas cheias de epizeuxe, que eu já não lembro mais se era “tchan, tchan, tchan” ou “tum, tum, tum” ou “pê pê rê rê rê”. O fato é que depois de voar com a Cia., o infeliz foi a todos os veículos de comunicação afirmando ter sido vítima de preconceito racial durante um voo. Voo este em que eu fora a chefe de cabine.

De acordo com a estória do sujeito, os comissários teriam deixado de lhe servir o almoço sob a alegação de que ele era “preto e fedorento”. Vê se pode?! O agente dele sequer deu-se ao trabalho de elaborar uma estória razoável.

O mais surpreendente, entretanto, foi que a mídia deu a maior credibilidade ao caso e caiu de pau na Cia., porque o politicamente correto sempre foi um prato cheio para a imprensa.

Nunca houveram testemunhas e o circuito de câmeras provou que a estória sem pé nem cabeça jamais aconteceu. Mas a esta altura a notícia já tinha ganho a capa de todas as revistas sensacionalistas do país e a Cia. ficou com fama de preconceituosa. Vendo-se em maus lençóis e de olho na imagem, a diretoria resolveu então seguir a linha o-cliente-tem-sempre-razão, aplicando uma advertência na tripulação – nós – mesmo convicta de que não fizéramos nada de errado. Depois veiculou um manifesto de repúdio a todo tratamento discriminatório nas mesmas revistas sensacionalistas que publicaram o caso e, é claro, distribuiu passagens gratuitas para alguns editores e jornalistas bam-bam-bans como forma de cala boca. No final da estória, o cantor – que já não emplacava uma epizeuxe há sei lá quantos carnavais – ganhou seus quinze minutinhos de fama, um monte de profissionais da imprensa conseguiu passagens de graça, a Cia. voltou a ficar bem na foto e nós, tripulantes, entubamos a advertência.

Fazer o que se éramos os últimos da cadeia alimentar?

Quando me anunciei à secretária, estava tão tensa que parecia que eu ia fazer uma entrevista de emprego. Aliás, salvo engano, era isso mesmo que eu fora fazer ali, não?

- Aguarde na ante sala que o Dr. Charles já vai lhe chamar.

Fiquei imaginando o que impedia o Dr. Charles de me atender naquele momento se eu tinha horário marcado. O que estaria ele fazendo por detrás daquela porta?, pensei. Jogando paciência no computador? Cortando as unhas dos pés? Palavras-cruzadas? A regra das entrevistas de emprego é a mesma dos médicos e advogados: A pessoa chega na hora marcada, mas eles atrasam no mínimo vinte minutos, independentemente ou não de estarem ocupados. O atraso é só para agregar um pouco mais de solenidade e reverência à pessoa deles. Eu sabia exatamente como essas coisas funcionavam, mas mesmo assim não pude deixar de ficar nervosa. Estava uma pilha de nervos. Minha boca estava tão seca que parecia que eu tinha uma meia na língua. Minha mente estava tão vazia, que a melhor coisa que me ocorreu foi negociar uma promessa com Nossa Senhora Desatadora dos Nós.

Mentalmente, garanti à Santa que se eu conseguisse desatar aquele nó, nunca mais botaria uma gota de álcool na boca. – Só em ocasiões especiais. Ocasões especiais e fins de semana somente. A menos que fosse um copinho de nada. Com exceção para o champanhe, afinal

champanhe é champanhe... – Não! Nada disso!, retomei à concentração. *Nossa Senhora Desatadora dos Nós, me dê essa força e eu nunca mais bebo para me embriagar*, jurei.

Finalmente, após vinte e cinco minutos de espera, recebi a permissão.

- Pode entrar, o Dr. Charles te aguarda.

Seja o que Deus quiser.

21.

O toque insistente do telefone me resgatou das profundezas do sono pesado. Trôpega e cambaleante, minhas mãos foram apalpando todos os objetos da mesinha de cabeceira até que finalmente consegui calar o maldito com um apertão certo no botão do play. Não tive nem tempo de dizer alô.

- CARACA!!! – Mariana disparou em dó maior e foi preciso afastar levemente o telefone do ouvido – Você tem noção que eu tô te caçando desde cedo? Eu acho que descarreguei a bateria do seu celular de tanto que te liguei!

- Desculpa. Peguei a ponte aérea às onze e cheguei aqui em casa no início da tarde. Estava tão cansada que desmaiei de sono... – Consegui incluir um comentário e um bocejo – Que horas são? – perguntei espreguiçando-me.

- Cinco e quarenta da tarde! – exclamou.

- E quarenta? – mal pude acreditar – Poxa, sacanagem, perdi o spinning das cinco!

- Mas me conta logo que eu tô ansiosa, como foi a entrevista?

Pensando bem, foi um vacilo não ter ligado para Mariana quando saí de São Paulo. Deveria, pelo menos, ter escrito uma mensagem, mas é que eu estava tão cansada, tão ansiosa para voltar para a casa que a ideia nem me ocorreu.

- Foi legal. – respondi dando outro bocejo.

- Mais detalhes! – ordenou.

- Bom, quando eu entrei na sala do Dr. Charles meu olho bateu direto na mesa dele. Boa parte da floresta amazônica foi derrubada só para fazerem aquela mesa. Falando sério, eu acho que a mesa do Dr. Charles é do tamanho da minha sala, Mariana.

- Foca na entrevista, Bia, eu quero saber da entrevista.

- Tá bom, a entrevista. Primeiro o Dr. Charles pediu para que só falássemos em inglês já que alguns representantes da Jet-air estavam presentes, daí ele me apresentou ao... – Subitamente, o telefone acusou uma chamada em espera – Me dá só um minutinho, Mari, que tem alguém me ligando. Vou te botar em espera, mas não sai daí não que eu já volto.

Todos os dias há um instante, um único instante, em que é possível mudar tudo de vez, principalmente as coisas que nos aborrecem. Esse instante mágico é o segundo exato em que um fato, um ato, um sim ou até mesmo um não alteram o rumo da nossa existência para sempre.

Foi exatamente isso que aconteceu naquela tarde e aquela chamada em espera mudou para

sempre o curso dessa estória.

Quando retomei à conversa com Mariana, perdi a fala. Estava chocada, atônita, atordoada. Minha ficha demorou a cair.

- Bia, você tá aí? – Mariana certificou-se do outro lado da linha.

- Mari... – minhas palavras se desencontraram dos meus pensamentos e eu não soube por onde começar.

- O que foi? – ela perguntou-me intrigada.

- Eu... quer dizer... essa ligação agora... é que a secretária... sabe a secretária...?

- Quê?!

- A secretária. Era a secretária agora...

- Não tô entendendo nada, Bia!

Nem eu estava.

Respirei fundo e organizei meus pensamentos embaralhados.

- Mari, era a secretária da presidência dizendo que eu fui aprovada na entrevista e tenho que estar lá em São Paulo amanhã cedo. Me mudo para Londres em duas semanas!

Foi a vez dela perder a fala.

- Você o quê? Meu Deus...! Então eles te escolheram... – não foi uma pergunta, foi uma constatação. Mariana falou num tom lento e baixo, como se estivéssemos acabado de presenciar uma cura paranormal. Ela nunca confessou, mas àquela altura já não acreditava mais que eu tivesse alguma chance. – E você fez a entrevista completamente bêbada!

- Ela disse que tenho uma reunião com a presidência amanhã às dez. Meu nome já não está mais na rota dos voos programados.

- Puxa, Bia, você conseguiu! – celebrou festiva – É sério mesmo! Você conseguiu!

- É... – concordei meio lerda – Parece que sim.

- Que pena que eu vou ter que pernoitar aqui em Belo Horizonte. – lamentou – Não marca nada para sexta não, tá? Vou organizar um bota-fora!

- Tá. – Eu teria concordado com qualquer coisa que ela dissesse.

Ela percebeu isso e preocupou-se.

- Bia, você tá feliz com a notícia?

- Acho que sim.

Eu estava era completamente aérea.

- Vai ser bom para você, amiga, confia em mim.

- Eu sei.

- Já vou pedir minhas férias amanhã mesmo para ir te visitar no meio do ano! – há tempos não via Mariana tão empolgada – Bia, agora você tem que pesquisar lugares para morar lá em Londres, viu? A Cia. vai te pagar uma espécie de auxílio moradia, mas é sua responsabilidade achar um lugar para se instalar. Veja alguma coisa em Notting Hill... É tão chique!

Enquanto Mariana falava, eu tentava formar na minha cabeça a ideia de que dali a alguns dias eu moraria numa outra casa, numa outra cidade, num outro país, falaria outra língua,

conheceria outras pessoas, faria novos amigos... Há mais de um mês aquela estória de ir para Londres vinha rolando, a diferença é que agora ela era verdade.

Simplesmente, eu estava prestes a fazer a mudança mais radical da minha vida.

- Ah! Tive uma ideia... Por que você não entra em contato com aquele seu amigo, o Olli? Ele mora lá em Londres, não mora?

- Sim. – procurar Olli era realmente uma boa ideia. – Vou fazer isso.

- Bem, agora eu tenho que ir. Você não imagina o quanto estou feliz por você, amiga! Eu tenho certeza de que vai ser uma fase ótima da sua vida!

- Vai sim. – profetizei – Vai sim.

Desliguei o telefone, levantei da cama e fui até a cozinha me empanturrar de Neosaldina na esperança de exterminar a ressaca de uma vez por todas. Depois fui à varanda, voltei para a cozinha, entrei no banheiro, andei até a sala, olhei pela janela... Fiquei zanzando pela casa, sem objetivo nenhum. De repente, parei no meio da sala e me pus a observar milimetricamente todas as coisas ao meu redor: O controle remoto em cima do sofá, o tapete precisando ser aspirado, os porta-retratos na estante, o vaso de cerâmica sobre a mesa... Reparei cada objeto, cada detalhe, como se precisasse registrar as imagens na minha cabeça.

Estou indo embora, pronunciei em voz alta para que o som da minha voz me ajudasse a assimilar a realidade. *Vou embora para Londres!*

Me esforcei a compreender que em breve aquela não seria mais a minha vida porque num outro lugar, uma outra estória só estava me esperando para começar. Como se estivesse abandonando um trem para pegar outro.

Por ora, uma caminhada na praia era o que eu precisava para clarear as ideias, decidi.

22.

Como é que a gente tem certeza de que está fazendo a escolha certa?

Quando a roleta gira, a sorte está lançada e nunca se sabe...

Vaguei pela praia, admirando a perfeição minimalista do universo. Das ondas do mar que iam e vinham ininterruptamente, dos grãos de areia finos e infinito, da supremacia da lua em relação às estrelas... Milhões de pensamentos, ideias e constatações voavam pela minha mente, mas no fim desembocavam no mesmo lugar, na minha insegurança por suspeitar estar dando um passo em falso.

Tudo o que eu queria era um sinal, uma mensagem do além, uma estrela cadente, a bandeira da Inglaterra desenhada na areia, um soldado da guarda real britânica surfando... Qualquer coisa de anormal que me confirmasse que eu realmente estava no caminho certo. Até mesmo minha mãe lá de cima poderia me dar uma luz.

Mas infelizmente, de acordo com o existencialismo de Sartre, o homem está condenado a ser livre, recorrer a uma suposta ordem divina para auxiliar nas minhas escolhas nada mais era que a minha incapacidade em arcar com as responsabilidades.

Londres não fora inicialmente uma ideia minha. Muito pelo contrário. Começou como um devaneio sem importância de Mariana que aos poucos foi crescendo, tomando forma, espaço

até que, do nada, se tornou realidade sem que eu tivesse tido muita escolha.

Eu não tinha certeza se queria mesmo ir, por outro lado não suportava mais a angústia e a tristeza dos meus dias. Temia que me mudar para Londres fosse o mesmo que fugir dos problemas, mas encará-los, por sua vez, eu também não era capaz.

Quem dera que a vida fosse como nos filmes que a gente pressiona a tecla “avançar” e já fica sabendo o que acontece no final... Infelizmente – ou felizmente – na vida real é proibido ter certeza e os caminhos nunca se apresentam de forma bem definida tipo preto ou branco. As escolhas variam numa ilimitada gama de cinzas claros e escuros e é sempre arriscando que fazemos decisões, porque sofrer também faz parte do processo ou, como diria Eça de Queiros, a cada viver corresponde um sofrer.

Entre a cruz e a espada, decidi não mudar o fluxo das coisas e acatei o palpite do destino. Se a vida estava me sugerindo ir para Londres, tudo bem, eu ia. Até porque ainda que eu ficasse, jamais conseguiria eliminar o fator risco das minhas escolhas.

Concluí que eu apenas estava fazendo o que deveria ser feito.

Uma fagulha de esperança agitou-me por dentro.

Olhei para o relógio, já eram quase nove horas. O sibilar do vento sobre a areia da praia me alertou de que já estava ficando tarde. O céu lotado de estrelas prometia dia de sol para a manhã seguinte, fiz as contas no calendário e me toquei que não havia muitos dias pela frente. Era pouquíssimo tempo para encerrar minha vida prática no Brasil e arranjar um lugar para morar na Inglaterra.

Olli, lá de Londres, me daria uma mão.

Sabe aquele tipo de amigo que você conhece há anos, mas que passa tempos sem falar e quando então se falam, parece que foi ontem a última vez que estiveram juntos? Olli era esse tipo de amigo.

Havíamos nos conhecido no cursinho de inglês lá pelos quatorze anos, quando Olli ainda atendia pelo nome de Juninho, ou melhor, Jaime Olliveto Junior.

Naquela época, qualquer um já podia ver que Juninho, quer dizer Olli, era gay e PHD em moda, o que lhe rendera um apelido do qual ele muito se orgulhava, “Homem-passarela”.

Para se ter uma idéia do potencial de Olli, quando ainda estávamos lendo na Capricho as novidades do frizz-easy, Olli já tinha três tubos na nécessaire, quando os shakes de emagrecimento surgiram no Brasil, ele já almoçava diet shake sabor frutas silvestres e quando ainda estávamos ouvindo falar da calça corsário, Olli apareceu na formatura do cursinho vestindo um modelo branco, plissado – que eu pedi emprestado e quis morrer quando a maldita não passou na minha bunda. – Falava de tendências, modelos, estilistas, backstage e truques de make up com know-how profissional. Aliás, foi Olli quem me ensinou a enorme diferença entre um lápis de olho marrom e um preto.

E desde aquela época, Olli já falava em sair do Brasil porque obviamente não era fácil ser gay e bancar unhas pretas, sobancelhas finas e chapéu numa cidade tropical como o Rio de Janeiro.

Então, anos mais tarde, Olli foi para a Itália, passou o pão que o diabo amassou fazendo *freelas* como maquiador de grifes de quinta categoria e editoriais de moda para jornal de bairro até que

se cansou e trocou Milão por Londres, onde já vivia há seis anos.

Há tempos não nos falávamos, eu sequer tinha seu número em Londres. Esporadicamente conversávamos pelo MSN, mas no fundo eu não sabia muito mais sobre ele. Sabia apenas que ele trabalhava com moda, tinha um namorado francês e há tempos não vinha ao Brasil.

Naquela noite mesmo, assim que cheguei da caminhada na praia, escrevi um e-mail para Olli contando a novidade e informando que a partir de então estaria todas as noites no MSN, aguardando-o para conversarmos.

Acho que era meu dia de sorte. Olli leu a mensagem quase que em tempo real e naquela noite mesmo, nos falamos.

C@tw@lk boy diz:

Q baphooooo!!!! Qd vc vem?

BiaRJ diz:

Em duas semanas, mas ainda não sei o dia.

C@tw@lk boy diz:

\o/

BiaRJ diz:

Tá mt frio?

C@tw@lk boy diz:

- 4 ta bom p vc?

BiaRJ diz:

JURA?

C@tw@lk boy diz:

O inverno e posh, gatinham! :-{ E as jaquetas desestruturadas dessa season estao superglam!

BiaRJ diz:

Posso te fazer uma pergunta?

C@tw@lk boy diz:

no caso, outra ne?

BiaRJ diz:

É sério

Tô precisando de uma mãozinha...

C@tw@lk boy diz:

Eu tb.

Preciso que vc me traga umas encomendas dai do Brasa.

Coisa pouca.

BiaRJ diz:

Manda

C@tw@lk boy diz:

8 cx de Rivotril e 5 de Prozac.

BiaRJ diz:

Como é q eu vou arranjar isso sem receita????

C@tw@lk boy diz:

Vc nao tem amigos?

BiaRJ diz:

Depois a gente vê isso.

Tô precisando sério da sua ajuda.

Tenho q achar um apê pra alugar aí em Londres...

Notting Hill é legal?

C@tw@lk boy diz:

Over :-(

BiaRJ diz:

Não tem nada p alugar aí pela sua área?

C@tw@lk boy diz:

Tem. O meu quarto de hóspedes.

Ambiente arejado, limpo, tranquilo, casa de família.

Não fumo, não bebo, sou do babado e sem vícios.

Interessa?

BiaRJ diz:

Sem vícios????

Ahahahah

C@tw@lk boy diz:

Faz a phyna e deixa de ser desagradavel, vai.

BiaRJ diz:

Ahahaha

C@tw@lk boy diz:

Nao me obrigue a ser deselegante e te dizer fock of!!!!

BiaRJ diz:

Falando sério, me ajuda a arranjar um canto aí!

C@tw@lk boy diz:

Eu to falando serio, gentem!

Vem morar comigo!

Eu tenho um quarto grande sobrando e tb to precisando d grana para pagar meu mortgage...
pra mim seria perfect!

BiaRJ diz:

Sei não... e o seu namorado?

C@tw@lk boy diz:

Que namorado?

BiaRJ diz:

O francês.

C@tw@lk boy diz:

Morreu ha mt tempo.

Muda de assunto.

BiaRJ diz:

Mas será q dá certo a gente morando junto?

C@tw@lk boy diz:

Vem p ca e a gente ve.

BiaRJ diz:

Vou pensar e te mando um e-mail, ok?

C@tw@lk boy diz:

Qd vc tiver a data me diz q eu vou te pegar no airport.

BiaRJ diz:

Obrigada : -x

C@tw@lk boy diz:

To botando na conta.

BiaRJ diz:

Cretino!

C@tw@lk boy diz:

Vc nao viu nada...

BiaRJ diz:

Me comunico.

C@tw@lk boy diz:

See you

X

BiaRJ diz:

;-x

Morar com Olli... Nunca imaginei isso!

Seria mesmo uma boa ideia?

Ele era um amigo querido, uma pessoa de confiança, mas... não sei, as vezes ele era tão afetado. E se brigássemos? E se começássemos a implicar um com o outro? E se acabássemos nos odiando e botando nossa amizade em risco?

Por outro lado, Olli era uma figura divertidíssima. Eu sabia que jamais me sentiria só sob o mesmo teto que ele. Sem contar que eu economizaria uma boa grana rachando as despesas com alguém. Pensando bem, pelo menos nos primeiros meses, morar com Olli era uma ótima opção. A melhor de todas, aliás.

Tomei a decisão naquela noite mesmo.

Se a minha vida fosse um livro, o capítulo daquela semana poderia se chamar: “Correndo contra o tempo” porque era exatamente assim que eu me definiria naquela última semana de fevereiro.

Eu começava o dia escrevendo listas intermináveis de prioridades e acabava a noite descobrindo que não apenas não tinha feito nem a metade da lista, como novos itens haviam sido adicionados. Me sentia como a equilibrista de pratos do circo.

O fato é que a viagem já estava marcada e eu não tinha tempo a perder. Domingo, vinte e sete de fevereiro, às sete horas da noite, quando as escolas de samba abrissem o desfile na Marques de Sapucaí, meu avião levantaria voo rumo a Londres.

Pagar contas, me reunir com a presidência, ir ao consulado britânico, cancelar o telefone, vender o carro, trancar a matrícula da academia, suspender todas as cobranças em débito automático, marcar consultas médicas, trocar dinheiro na casa de câmbio, ir ao banco, preencher formulários algébricos e chatíssimos, mandar a declaração do imposto de renda...

Pior do que ter um monte de coisas para resolver é tentar resolvê-las na época do carnaval, quando o ritmo de feriadão já está no ar e a má vontade reina absoluta. Quem não está só contando as horas para pegar a Niterói-Manilha rumo à casa de praia alugada, preocupa-se com a programação dos blocos, tentando achar um jeito de estar no Cordão do Bola Preta e no Simpatia É Quase Amor ao mesmo tempo. Um sujeito que entra numa repartição pública em véspera de carnaval para resolver um problema só pode estar pedindo para ser enrolado. Pelo estagiário, ainda por cima.

- A gente está com um probleminha no sistema, querida. – a funcionaria da Receita Federal disse, na verdade, “querieeeeeda” – Dá um pulinho aqui depois da quarta-feira de cinzas, sim? – a desgraçada não se dignou nem a olhar para mim, com a cara enterrada no computador estava, com a cara enterrada no computador continuou.

- Eu bem que gostaria, mas não será possível porque eu estou viajando no domingo.

- Ah, então dá um pulinho aqui quando você voltar de viagem. – ela me ignorou sem pena nem dó e virou-se para o grupinho de três outras funcionárias públicas gordinhas que beliscavam alegremente batatinhas do Mc Donalds espalhadas sobre a mesa de uma quarta – Margarete, chega aqui! Achei o site da loja que eu te falei! – Margarete provavelmente era a gordinha lourinha, precisando urgentemente de um retoque de raiz.

Se tivesse que classificar o grupo das gordinhas, a coisa seria mais ou menos assim: Gordinha-boia, era a mais alta de todas e dava-nos a impressão de ter uma boia e um colete salva-vidas acoplados ao vestidinho de javanesa estampado; Gordinha-pochete, que seria até magra se não fosse a enorme quantidade de tecido adiposo concentrada na região umbilical, devidamente comprimida pela calça bailarina; Gordinha-gorda, auto-explicativo, era a mais baixinha e redondinha de todas e parecia um O minúsculo; e, por fim, Margarete, a gordinha-lourinha.

Eu não ouvia bem o que conversavam, mas pelo que deu para pescar era um assunto muito importante relacionado à melindrosa que elas iam usar na Banda de Ipanema.

Ao perceber que eu continuava parada na sua frente, feito uma vitrine viva do Largo da

Carioca, a infeliz finalmente me lançou um olhar. De desprezo, como não poderia deixar de ser.

- Entendeu o que eu disse, querieeeeda? Dá um pulinho aqui quando você retornar de viagem, sim? Margarete, chega aqui na minha mesa, garota!

- Mas se eu vim aqui justamente fazer uma declaração porque eu estou me ausentando do país! – me irritei – Que lógica tem eu fazer isso quando eu já estiver de volta?

- Dá uma olhadinha no site da Receita, querieeeeda. Tá tudo lá. – informou-me com aquela cara de pouco caso que só os funcionários públicos sabem fazer. Eu desconfio até que eles já estejam ensinando essa cara nos cursinhos preparatórios para concurso – Oh, Margarete, eu não vou te esperar mais não, heim!

- Olha, eu sinto muito, mas é urgente e eu tenho que resolver este problema hoje, ok? – disse da forma mais estraga prazer possível.

Ela bufou.

- Se é urgente porque você não resolveu isso antes?

- Por que é urgente, ué! De última hora! Eu não estava esperando fazer essa viagem!

- E a culpa é minha, por acaso? – ela abriu a gaveta de forma tão agressiva que achei que ela fosse puxar um trinta e oito. Felizmente, foi só uma folha com o timbre da Receita Federal. – Nome, CPF e data de nascimento! – grunhiu para mim enquanto metia a folha na impressora – Agora espera, Margarete! Em cinco minutos eu acabo isso aqui e já te mostro o troço que eu te falei! – voltando-se para o computador, continuou resmungando – Ninguém mais respeita o funcionalismo publico no Brasil...

Me segurei.

Era preciso muita resignação, determinação, autocontrole até mesmo autoconfiança para resolver qualquer assunto burocrático na véspera de carnaval.

O dia em que recebi a ligação do consulado britânico avisando que o meu visto fora expedido, foi o mesmo dia do meu chopp de despedida. Uma sexta-feira.

Sexta-feira de carnaval, para ser mais exata.

O Belmonte do Flamengo fervilhava no clima de folia, com a concentração dos primeiros blocos de carnaval rolando nas redondezas.

Entre colombinas e pierrôs fui escalando a montanha de gente já mais para lá do que para cá que se aglomerava nas mesas do bar.

De repente, ouvi gritinhos e uhuus familiares vindos da muvuca ao fundo.

- Um brinde à Bia!!! – festejou Barack Obama, também conhecido como Gilmar do check-in, que ostentava a máscara do presidente dos EUA e um colar de havaiana.

- Vivaaaa! – a mesa gritou uníssona e todas as tulipas de chopp se ergueram.

Agradei lisonjeada. Até os controladores de pista apareceram.

Eu vinha numa sobrecarga tão frenética de reuniões e compromissos que nem sequer tivera tempo para pensar nas coisas que estava deixando para trás.

Subitamente, ali, olhando para todos aqueles rostos familiares me dei conta do que, de fato, estava fazendo: Estava me despedindo.

O clima, no entanto, não era de tristeza – até porque já estavam todos na terceira rodada de chopp quando eu cheguei – e pelo menos quatro de cada cinco frases que eu ouvi naquela noite foi “pode esperar que eu apareço lá em Londres, heim?”. Se todo mundo fosse realmente aparecer, eu ia ter que me mudar para um albergue.

- Silêncio! Silêncio! – uma voz gritou e aos poucos as demais se calaram.

Em nome de todos, Mariana passou-me às mãos um cartão preto e branco do tamanho da mesa, com uma foto de Audney Hepburn, em Bonequinha de Luxo, embarcando num avião. – na cara que fora ela mesmo quem comprara – Dentro havia centenas de recadinhos escritos com canetas coloridas pelos meus, agora, ex-colegas de trabalho.

Talvez fosse preciso horas, ou quem sabe dias para ler todas as mensagens, mas passando os olhos rapidamente, reparei que uma palavra se repetia na maioria dos recados. Saudade.

Sem que eu mesma soubesse, foi ali também que a minha saudade começou.

- Um chopp para você, Bia? – perguntou-me Fabio, um piloto da Gol, com quem eu tivera um rápido affair antes de Arthur entrar na minha vida.

- Um guaraná, por favor. – surpreendi a todos.

- Está tudo bem com ela? – Karina, comissária da Azul, cochicou com Mariana.

- Acho que não, deixe-me ver se a febre está muito alta. – Mariana fingiu verificar-me a temperatura pousando a mão sobre minha testa.

- Na sua frente eu tenho que manejar, esqueceu? – lembrei-a.

Eu e Mariana sorrimos docemente e uma pausa muito tranquila se instalou entre nós, embora a agitação pré-carnavalesca entre os demais só aumentasse. Senti-me em paz e confiante. Ninguém mais no mundo era capaz de me transmitir aquele tipo de sensação. Só Mariana.

- Obrigada pelo cartão e por tudo. – agradeci sinceramente.

Ela segurou minha mão de uma maneira tão carinhosa e protetora, que me fez entender exatamente porque éramos melhores amigas.

- Escuta, eu estava querendo falar com você... – iniciei meio sem jeito – É sobre aquele lance lá do banheiro, na boate... – com a correria dos últimos dias, não tínhamos tido tempo para conversar sobre o assunto.

- Esquece isso. – Mariana desconversou e eu notei que ela desviara o olhar, tentando disfarçar o riso – Caramba, Bia, você devia estar muito bêbada mesmo para ficar com um cara de bigode!

- Ele tinha bigode?! – Perguntei chocada.

Jamais poderia lembrar-me desse detalhe horrendo.

- E costeleta também. – adicionou, piorando as coisas.

- Meu Deus! Eu me lembro de quase nada naquela noite e o pouco que eu lembro, preferia esquecer.

Tentei parecer envergonhada ou chateada, mas não consegui. Subitamente, o que era para ser trágico virou cômico e nós demos uma longa gargalhada. Já de muito tempo, eu e Mariana cultivávamos a estranha mania de rir das nossas próprias desgraças.

Quando recuperamos o fôlego, um outro assunto pediu licença para se expor.

- Não avisei a Arthur que estou indo embora. – eu estava só informando, mas Mariana

entenderia que eu buscava uma opinião.

- Para que avisá-lo? – rebateu.

- Por causa do apartamento.

- Que que tem o apartamento?

- Ah, tem o IPTU, as contas... Eu não vou mais estar morando lá, né?

- Eu sou sua procuradora, esqueceu? Qualquer problema, a administradora vai entrar em contato comigo.

- Eu sei, mas...

- A administradora já está avisada, não está?

- Sim.

- Então pronto.

Refleti por um minuto, bebendo mais um gole de guaraná.

- Você tem razão, sabia? Dois meses se passaram e ele não me procurou nem para saber se eu estava viva. Não tem cabimento eu ir atrás dele agora.

- Assim que se fala, garota. – arrematou orgulhosa.

Eu e Mariana trocamos um olhar cheio de camaradagem. Ela me conhecia completamente como ninguém mais no mundo. Era a primeira vez na vida que nos separávamos. É claro que não ia ser fácil, eu sabia que não ia. Jamais existiria outra pessoa no mundo com a qual eu conseguisse estabelecer uma comunicação sem palavras e um entendimento só de olhares.

Então todo aquele sentimento de cumplicidade ganhou um verniz de tristeza e nós quase flutuamos de tanta nostalgia.

- Quem foi que disse que para estar junto tem que estar perto? – ela me perguntou, lendo meus pensamentos. Tinha no rosto uma expressão engraçada, meio contorcida e meio trêmula.

- Você tá chorando?

- Não, tô rindo.

- Mas não era para gente estar chorando de saudade uma da outra?

- Eu não. – Mariana blefou – Não tô triste.

- Nem eu. – declarei, analisando-nos por um instante – Será por que escorrem lágrimas dos nossos olhos então?

Como que unidas por um magnetismo irresistível e inabalável, nos abraçamos.

- Ai, Mari, vai ser tão difícil... – eu funguei.

- Vai nada! Vai ser o paraíso! – ela fungou.

- E desde quando eu sou mulher de paraíso? – nós fungamos – O conflito do purgatório tem muito mais a ver comigo.

- Vai ser uma ótima oportunidade para você se conhecer de verdade, sabia? – Mariana disse segurando minha mão – Mas em julho estou lá. – fez uma curta pausa e prosseguiu – Você tem certeza que não quer que eu te leve no aeroporto amanhã?

- Prefiro que não.

Com um leve sorriso e o rosto todo vermelho, Mariana concordou.

- Não quero ter a sensação de que estou me despedindo, entende?

- Mas quem é que tá se despedindo aqui? – mais uma fungada – Nem quando eu morrer! – exagerou – As malas já estão prontas?

- As malas não. A mala. – corrigi – Segui o conselho do Olli e estou levando o mínimo possível.

- Já falou com o seu pai?

- Falei hoje. – o ar questionador dela requereu mais detalhes. – Ah, foi o de sempre, quer dizer, foi legal... Foi do jeito que é mesmo. – descrever qualquer situação que envolvesse meu pai, era sempre complicado.

- Você sabe que eu quero o seu bem tanto quanto quero o meu, não sabe?

- Sei sim. – Putz, era justamente esse clima que eu estava querendo evitar... – Você vai fazer uma falta desgraçada...

- Vou ficar te esperando no MSN.

- Todos os dias.

- Sempre.

- Se cuida, amiga.

- Se cuida você aqui também.

- E não se esqueça: Em caso de despressurização, coloque primeiro a sua máscara de oxigênio para depois ajudar os outros, ok?

Mariana adorava pensar que sabia das coisas...

24.

O dia estava raiando quando o avião adentrou solo inglês. Do alto, Londres parecia uma cidade de mentirinha, daquelas que eu desenhava quando estava na quarta série: Um monte de quadrados margeado por ruas curtas e estreitas. Não era possível identificar nenhuma autoestrada ou rodovia. Somente uma enorme planície mineral pela qual serpenteava o Tâmis, numa espécie de padrão que, tempos depois descobri, distinguia o “west-end” do “east-end”.

Caramba! Que loucura!

Me bateu um pânico.

Dez dias antes eu sequer era capaz de conceber a ideia de uma mudança. Agora, olhem só para mim pousando em Londres de mala e cuia (mais mala do que cuia)!

Era quase inacreditável estar aterrissando em outro país como passageira e não como comissária.

Levantei para pegar minha bolsa no bagageiro e ao puxar a nécessaire, meu passaporte caiu no meio do corredor. Por milésimos de segundos que me pareceram anos, meus olhos ficaram pregados no chão e nenhum pensamento sensato veio ao meu socorro.

Que diabos eu estava fazendo ali?, perguntei a mim mesma.

Nenhuma mudança de ares daria certo se eu trazia na bagagem uma estória tão mal resolvida e inacabada. Eu nem tinha chegado e já estava querendo ir embora. Por mais difícil que fosse, tinha que reconhecer: Estava começando a me arrepender. Mas seria um vexame completo voltar para o Brasil no mesmo dia.

Fiquei imaginando o que eualaria para as pessoas: “Pois é, dei um pulinho lá em Londres ontem à noite e voltei para o carnaval”. Qualquer desculpa soaria tão infantil, tão ridícula... No fundo eu sabia que devia pelo menos tentar. Além do mais, havia muita gente torcendo por mim, apostando no meu sucesso. Foram tantos parabéns, palavras de incentivo e votos de boa sorte – tudo bem que nem todos eram verdadeiros, eu sabia – Mas o fato é que todo mundo aprovava minha mudança para Londres. Porém nem sempre pelos mesmos motivos.

- Vai ser ótimo! Já imaginou a quantidade de festas raves que você vai poder ir a cada fim de semana? – me perguntou Valéria, uma colega comissária.

Ou então:

- Aproveite que Londres é um lugar multicultural e transe com a maior quantidade de nacionalidades que puder. Depois me mande um e-mail contando quem são os melhores do mundo, tá? – sugeriu a maluca da Claudia, já meio mamada, na fila do banheiro.

Minha cabeça divagava em pensamentos conflituosos até que de repente vi minha realidade por um ângulo que jamais vira antes: Eu estava solta no mundo e não tinha a menor ideia de como viviam as pessoas soltas no mundo.

A única certeza que eu tinha, no entanto, é que eu não iria me envolver com ninguém. Nem que eu esbarrasse com o Hugh Grant em Notting Hill ou com o Orlando Bloom vestido de pirata. Eu estava completamente fechada para balanço.

- Excuse me, madam!

A voz firme da aeromoça me trouxe de volta ao Planeta Terra, peguei o passaporte no chão e saí do meio do caminho pedindo desculpas pela minha distração. Sentei na poltrona e com os olhos fixos na página do visto britânico, deixei minhas vistas percorrerem cada detalhe brilhante e imponente do documento com a mente voando para qualquer direção, tão abstratamente quanto uma tela de Lee Krashner.

Lentamente, fui concluindo que não podia me arrepender de uma coisa que ainda nem tinha feito. Eu havia tomado uma decisão e não ia amarelar.

Londres me recepcionou com uma chuvinha fina e chata que deixava a pista de pouso uns três tons de cinza mais escuro que o céu. Na saída da aeronave, fui bem simpática com a equipe de comissários porque sabia exatamente como aquelas pobres criaturas desejavam me ver pelas costas e ir bater perna na Oxford Street.

O voo não viera muito cheio do Brasil, então quando desembarcamos, eu e meia dúzia de gatos pingados seguimos em procissão para o setor de imigração, onde aguardamos numa fila que não durou nem cinco minutos.

- Welcome to London. – disse-me o policial mal humorado e visivelmente irritado por não ter encontrado nada de errado na minha documentação.

Sorri da forma mais adorável que pude, mas isso só fez aumentar-lhe a fúria e eu temi que ele deixasse um rombo no balcão com o carimbo que deu no meu passaporte.

Pelo saguão do Heathrow segui até a esteira ouvindo apenas o ritmo compassado dos meus sapatos (scarpin preto, Camem Steffens, R\$ 199,90 na liquidação) ecoando no piso de lajota branco.

Na esteira, minha mala foi a primeira a chegar e eu achei esse fato incrível, porque em todos os meus anos na aviação, a minha mala jamais chegara antes que as outras. Talvez eu pudesse até interpretar esse detalhe como um sinal. Um bom sinal de que a partir dali tudo na minha vida seria mais eficiente. (Será que eu deveria levar em consideração o fato de que o voo estava vazio e que não havia mesmo muitas malas para passar na esteira? Não, claro que não. A estória do sinal era muito melhor!).

Na quinta-feira à noite eu havia mandado um e-mail para Olli informando o dia, o horário e o número do meu voo, mas na odisseia dos últimos preparativos, não consegui checar minha caixa de mensagens. Não era certo, portanto, que ele estaria à minha espera.

De qualquer forma, eu tinha o endereço dele e sabia que não teria dificuldade nenhuma para chegar até lá.

Atravessei o corredor arrastando minha mala, passei por lojas de souvenir, casas de câmbio e aluguel de automóveis – todos sedentos por turistas desavisados – com a cabeça e o coração cheios de expectativa. Quando finalmente as portas do desembarque se abriram, todas as atenções voltaram-se para mim como flashes que espocam sobre as celebridade na saída da cerimônia de entrega do Oscar.

Famílias segurando bandeiras do Brasil, crianças com seus rostinhos pintados e dezenas de homens de terno segurando papéis com nomes de pessoas garranchados me olhavam ansiosos na esperança de que eu fosse a pessoa aguardada. A medida que percebiam que eu não era a Mrs. Pereira ou Miss. Conceição D'Ajuda, fechavam a cara e voltavam os olhos para o próximo ser humano cuspidos pela porta da esperança.

Levando-se em consideração que o avião viera vazio, até que havia bastante gente aguardando pelos passageiros do voo, mas infelizmente dentre aquela pequena multidão contida atrás das barreiras de isolamento não havia nenhum rosto conhecido, muito menos o de Olli.

Never mind, um táxi qualquer me levaria a Camden Town rapidinho.

Péra aí!

Rosto, de fato, eu não havia identificado nenhum, mas prestando bem atenção, havia alguma coisa se movendo atrás da pilastra... Era um óculos! Um enorme óculos wayfare amarelo que pulava em minha direção, como se estivesse sobre um pogobol.

Óculos amarelo me deu um abraço tão apertado que quase morri asfixiada.

- Nossa, não tô crendo que você tá aqui, Bia!

Nem eu...!

Foi uma sensação muito agradável reencontrar Olli depois de tanto tempo. Me agarrei com todas as forças ao sentimento bom de rever um velho amigo e tentei relaxar, afinal eu já estava lá, não tinha outro jeito.

- Puxa, você tá ótimo! – disse aprovando seu visual super descolado.

O rosto fino e o olhar vivo não tinham mudado absolutamente nada. O cabelo é que talvez estivesse um pouco mais ralo. De corpo, entretanto, eu diria que Olli ganhou pelo menos uns três quilos nos últimos anos.

- Pena que não posso dizer o mesmo de você, néam? – Olli me revistou criteriosamente com

um olhar de reprovação. – Scarpin já foi, malôca! Não se usa mais não! – disse baixinho, no meu ouvido.

Achei graça.

Era o meu bom e velho amigo de sempre, ácido e debochado.

A razão do modo sarcástico de Olli se traduzia na própria história de vida dele que, assim como eu, havia perdido a mãe cedo.

Infelizmente, os primeiros passos na carreira como maquiador foram dados por uma triste razão.

- O que houve com o seu olho, mãe?

- Nada, menino, você tá vendo coisas...

- Posso fazer uma maquiagem para esconder?

Dos seis aos dezesseis anos, Olli assistiu a mãe ser agredida pelo pai, Sr. Olliveto, um capitão da Polícia Militar muito truculento e arrogante que tinha uma amante no Meier, uma namorada em São Cristóvão, uma noiva no Engenho de Dentro e três paqueras em Copacabana.

Dona Marlene e Olli nunca chegaram a conversar abertamente sobre a questão da homossexualidade dele. Não tiveram tempo. Mas sempre que a Lucinha Araujo aparecia na televisão, ela afirmava para quem quisesse ouvir:

- Essa mulher é um exemplo! Eu tô com ela: Não roubando, não matando, cada um faz o que quiser da sua vida. Eu nunca renegaria um filho gay!

Era a forma que Dona Marlene tinha de mostrar apoio ao filho.

Olli compreendia o recado, ao que Sr. Olliveto, entretanto, rebatia:

- Pois eu preferia um filho morto que um filho marica!

Durante quase doze meses, Olli viu a mãe definhando na quimioterapia, vítima de um câncer de mama. Praticamente, todos os dias Olli ia ao hospital maquiá-la. Era a única alegria dela que aguardava o dia inteiro por aquele momento. Sr. Olliveto, porém, torcia o nariz e achava tudo uma palhaçada, mas como os médicos viam o hábito com bons olhos, ele era obrigado a fazer vista grossa.

Foi de cortar o coração.

Primeiro foram-se os cabelos, depois um seio, depois o outro. Ela foi ficando magra, magrinha, magérrima, esquelética, inconsciente e então partiu. Numa noite de Natal. Quando Olli tinha apenas dezessete anos.

Ainda hoje, me lembro de Dona Marlene... Especialmente do empadão de frango que ela preparava quando íamos lá estudar. Me recordo também do dia do seu enterro.

Eu conhecia muito bem a dor que Olli sentia. Abracei-o com todo o meu afeto e ele me disse:

- Minha mãe não morreu de câncer, Bia, ela morreu de tristeza.

Acho que ele queria dizer que aquilo tudo poderia ser evitado. Mas não sei...

Sr. Olliveto não compareceu ao velório da esposa, disse que estava de serviço. Pensando bem, foi melhor assim. Entretanto, a primeira providência que tomou ao chegar em casa foi jogar fora a maleta de maquiagem de Olli, sob a alegação de que com a morte da mãe, ele não precisava mais daquela boiolicia, palavras dele.

Até hoje Olli não sabe explicar como conseguiu conviver sob o mesmo teto que o pai pelos três anos que se seguiram à morte de Dona Marlene. Sabe apenas que sentiu um alívio profundo no dia em que comprou a passagem para Itália e a atendente perguntou:

- Ida e Volta?

- Não. Só ida, graças a Deus.

O metrô seguia pelos subúrbios de Londres e meus olhos tentavam ansiosos registrar os detalhes da paisagem lá fora, enquanto Olli contava a epopeia do fim do namoro com o francês que rendeu nada mais, nada menos que três pratos quebrados, um celular rastreado e uma camisa de seda pura – presente do último Valentine`s day – incendiada.

Eu me esforçava para não perder a estória, mas aproveitava toda a brecha para correr o olhar ao redor. Nos outdoors coloridos nas estações, nas plataformas artisticamente decoradas, na extravagância das pessoas que entravam e saíam... Tudo muito improvável e ao mesmo tempo real.

- Na próxima a gente desce. – Olli avisou-me, já levantando-se.

A sensação de botar o pé na rua foi a mesma de estar entrando num frigorífico com ventilador de teto.

Droga, devia ter colocado mais uma meia calça!, pensei sentindo os ossos congelarem. Porém, um minuto depois a rua movimentada, os prédios antigos, as lojas hi-tec e uma feira cyberpunk adaptada num estábulo desviaram a minha atenção da baixa temperatura.

De cada três lojas, duas eram restaurantes e de cada três restaurantes, dois tinham sujeitos grandalhões, fatiando lascas de uma carne gorda enfiada num espeto.

- Nossa, o que é aquilo?

- É kebab. Não faz essa cara não que depois das três da manhã é só o que resta para co... – Vindo sei lá de onde, a trilha sonora eletrizante de Tubarão III se intrometeu na conversa – Ai, não acredito que essa insana já tá me ligando... – Olli tirou um telefone microscópico do bolso e atendeu – Fala Lacuena. – disse com ar cansado e levemente irritado – Está na sua gaveta, exatamente como você pediu. – era possível ouvir os grunhidos da voz do outro lado – Se você abrir a gaveta, tenho certeza que vai... – a julgar pela expressão dele, Olli estava bem aborrecido – Tá bom, Lacuena, quando eu chegar aí a gente conversa.

Não houve sequer despedidas.

- O que foi?

- Fui demitido.

- O quê??? – arregalei os olhos de susto.

- Tudo bem, semana passada ela me demitiu cinco vezes.

- Como é que pode?

- Podendo. Os estilistas podem tudo! – lamentou – Ser assistente pessoal de estilista não é fácil não... Uma amiga minha ficou um ano na reabilitação depois de trabalhar com o Karl Lagerfeld, na Chanel.

- Que loucura!

- O duro é que eu não precisava estar passando por isso...

- Como assim? – perguntei confusa.

- Esse não é o meu trabalho. – Olli explicou – Eu sou maquiador, esqueceu? Quando fui contratado para trabalhar na Bryon, a marca da Lacuena, o combinado é que eu ia dar suporte ao time de criação no desenvolvimento dos looks da coleção. Mas para o meu azar, exatamente no dia em que cheguei, a assistente pessoal de Lacuena saiu de licença, parece que ela teve uma overdose de heroína na noite anterior, uma coisa assim... O fato é que faltava uma semana para a virada da coleção e estava todo mundo com os nervos à flor da pele. Como eu era o mais novo da equipe, fui escolhido para ser temporariamente o assistente pessoal da megera.

- E quando foi isso?

- Dois anos atrás.

- Há dois anos você trabalha para essa tal de Lacuena fazendo um trabalho que não é o seu?

- Exatamente.

- Na época eu achei que estava fazendo bom negócio, pensei que assim teria oportunidade de ganhar a confiança dela. O problema é que o feitiço virou contra o feiticeiro. Agora ela confia demais em mim e não aceita outro assistente.

- Mas e sua carreira como maquiador?

- Pois é, já conversei com ela inúmeras vezes, mas ela sempre me pede um prazo para entrevistar outras pessoas e acaba dizendo que não gostou de ninguém.

- Por que você não procura outro emprego como maquiador então?

- Aí é que tá, Lacuena dobrou meu salário. Seria muito difícil conseguir a mesma grana trabalhando como maquiador em qualquer outro lugar... E para piorar eu me endividei comprando o apartamento.

- Sei... – lamentei sermos tão escravos do sistema capitalista.

- Mas depois da London Fashion Week as coisas vão melhorar. – Olli afirmou sem muita convicção – Até lá eu sei que vou trabalhar para dedéu.

Como Olli estava fora do Brasil há quase dez anos, ele era completamente atrasado em matéria de gírias e expressões, de modo que usava um linguajar que nem vovô Felizardo usaria se estivesse vivo, tipo “chocante”“, “tá maus” e “é o bicho!”. Salvo a dor que eu sentia nos ouvidos quando ele utilizava a expressão “rapeize” para designar “rapaziada”, o que de qualquer maneira seria trash, eu relevava, fazer o quê...?

- E quando vai ser a fashion week?

- Esse ano será dois meses antes, em julho. – animou-se.

Não querendo botar água no chopp de Olli, mas ainda faltavam bons quatro meses até julho. Comecei a desconfiar que o mundo da moda não tinha o glamour que eu supunha.

Continuamos andando em silêncio, Olli sempre a três passos de mim, de maneira que eu precisava dar mini corridinhas para acompanhá-lo. Eu e minha mala de trinta e dois quilos.

Uns três quarteirões adiante, toda aquele clima de centro da cidade desapareceu. Os prédios imponentes e a agitação urbana deram lugar a uma vizinhança pacata e residencial cheia de casinhas e predinhos baixos, colados um aos outros, que se repetiam no estilo vitoriano, com muito tijolinho e janelinha branca.

Olli fez as honras locais, me bombardeando de informações.

- Ali tem uma Boots, caso você precise de farmácia. Descendo aquela rua lá tem um Waitrose e um Marks & Spencer, mas se você estiver sem grana, tem um Tesco no cruzamento, tá vendo? E tem também a quitanda do indiano aqui na esquina. Ele bota o preço de acordo com a cara da pessoa, mas pelo menos fica aberto 24 horas.

Eu ainda tentava absorver a onda de imagens quando Olli declarou:

- Chegamos!

Olhei para o alto, estávamos em frente ao número 86 da Wood Street. Um predinho simpático que, no entanto, não tinha absolutamente nada de diferente dos que eu vira até ali: Tijolinho e janelinha branca. Talvez o padrão fosse ordem da Rainha, pensei. Ninguém devia ser autorizado, por exemplo, a construir uma casa amarela com janelas azuis. Ou era tijolinho ou não era.

Quando Olli enfiou a chave na fechadura, a portaria já estava aberta.

- Quebrada de novo! Não acredito. Estava boazinha quando eu saí para te buscar... – irritou-se – É sempre assim: Uma semana conserta, uma semana escangalha... Vá se acostumando.

Então Olli adentrou o prédio e eu o segui imediatamente atrás. Subitamente, ele virou-se para mim, com um brilho de escárnio.

- Tenho duas notícias para você. Uma ruim e outra pior ainda. Qual você quer primeiro?

- A pior ainda.

- Eu moro no último andar. – anunciou divertido.

- Por favor, não me diga que a ruim é que não tem elevador.

- Você é boa nisso, heim!

Àquela altura, a minha mala de trinta e dois quilos já pesava sessenta e quatro. Isso sem falar nos meus dedinhos esmigalhados no maldito scarpin preto, que nem na moda estava mais.

- Tudo bem. – engoli em seco – A propósito, são quantos andares mesmo?

- Três.

- Jura?

Retomando o papel de cicerone, Olli foi me ambientando à vizinhança.

- Aqui no primeiro andar mora uma família de judeus. Eles tem seis filhos pequenos, mas são praticamente invisíveis porque nunca saem de casa. A última vez que os vi foi há três anos.

Aos trancos e barrancos, consegui arrastar minha mala até o segundo andar, mortificada de arrependimento por não ter ido só com a roupa do corpo.

- No segundo andar moram Marrie e Kate, elas são escocesas e casadas. Tirando o fato delas se chamarem de “minha coelhinha” e “minha ursinha”, são gente boa, mas raramente aparecem. – Olli explicou – Ah, tome cuidado com Kate porque ela dá em cima de todo mundo.

Eu estava tão sem forças engrenando minha subida para o terceiro – e graças a Deus! – último andar que nem comentei. Deixei para lá.

- E aqui no terceiro, além de nós, mora Dyllan. Ai, Bia, esse cara é um pedaço de mau caminho! Mas, que pena, é hétero.

Nesse exato momento, Olli abriu a porta e eu me atirei na sala botando os bofes para fora. Só deu tempo de tirar o sapato e perceber meus dedinhos já mudando a anatomia. Estava tão exausta por ter subido os três andares com a mala peso-pesado que nem reparei no

apartamento.

- E aí, gostou?

Gostou de quê?

- Ah, sim. Muito – falei automaticamente enquanto reparava nas paredes cor-de-nada decoradas com cortinas cor-de-nada que combinavam com os sofás cor-de-nada e a mesinha cor-de-nada ao canto, ostentando um lindo abajur nada-de-cor.

- Nude! – Olli disse exibindo um sorriso orgulhoso – Eu quis criar no ambiente um tom próximo à pele, que não podia ser bege, nem rosa, nem branco. Nude é A tendência!

- Claro. – comentei boquiaberta porque nunca sequer passara pela minha cabeça que cor-de-nada fosse também uma cor. Cor-de-nada. Muito menos sabia que cor-de-nada tinha nome, nude.

- Venha, vou mostrar o seu quarto.

Tomara que não seja nude, tomara que não seja nude, tomara que não seja nude...

Seguimos pelo corredor, ele na frente e eu atrás. Quando finalmente adentrei o recinto, foi com uma grata surpresa que descobri que não, meu quarto não era nude. Quer dizer, não era em termos. Salvo pelas paredes (brancas), pelo carpete (verde escuro) e pelo armário (de madeira) tudo mais era cor-de-nada.

Mas numa análise geral, o ambiente me pareceu bem agradável. Amplo, quentinho e organizado. Imediatamente fiquei empolgada em arrumar o espaço e deixar tudo com a minha cara.

- Bem, o apartamento não é grande e eu acho meio brega essa coisa de ficar mostrando a casa. Tá tudo aí. Mexa, abra, fuce... A partir de agora você também mora aqui, então eu acho bom você se sentir em casa. – lembrou-me – Não tem outra opção mesmo, néam?

- Obrigada.

- Ah, já ia me esquecendo! Eu tenho que te explicar umas coisas: O chuveiro está com um probleminha no gás e eu ainda não consertei. Vem aqui que vou te mostrar. – segui Olli pelo corredor até a cozinha – Você tem que ligar este interruptor aqui para água esquentar, uns dois minutos antes de entrar no banho, entendeu?

- Sim senhor.

- A senha da internet esta pregada no modem.

- Certo.

- Ah, a cópia da sua chave está em cima da geladeira.

- Ótimo.

- Deixe-me lembrar o que mais...

Novamente a trilha de Tubarão III surgiu no meio de nossa conversa.

Novamente, Olli tirou do bolso a miniatura de celular.

- Mas será o Benedito?! – ele exclamou, olhando o visor do telefone – É a insana de novo... Dessa vez não vou atender! – de forma decidida, Olli desligou o aparelho e enfiou de volta ao bolso – Como você pode ver, eu trabalho em regime de semiescavidão, só deu para tirar a manhã de folga, vou ter que voltar para o ateliê agora à tarde e apagar os incêndios que Lacuena criou. Mas à noite estou de volta, botei uma garrafa de vinho branco na geladeira, a

gente conversa melhor. – Olli catou uns desenhos que estavam espalhados pela mesa, enfiou tudo na Miu Miu vermelha e encaminhou-se para a porta – Você fica bem sozinha, malôca?

- Não se preocupe.

- Té já então.

- Té.

25.

Eu tinha um monte de coisas úteis e importantes a fazer como, por exemplo, desfazer minha mala, organizar meu quarto, avisar às pessoas no Brasil que eu havia chegado bem... Porém, involuntariamente fui invadida por uma enorme vontade de não fazer nada disso.

Vou para a rua!, decidi.

É que foi só desembarcar em Londres para acontecer exatamente o contrário do que eu previra. Estar, de fato, numa realidade diferente me causou, instantaneamente, uma espécie de agitação por dentro. Empolgação? Sim, era esse o sentimento.

A chuva transformara-se numa garoa quase invisível, mas o mau tempo continuava.

Munida de um guarda-chuva e um mapinha do metrô, zanzei de ônibus em ônibus sem noção e sem destino pelas ruas de Londres.

Nessa, conheci a igreja de St. Paul's, as Casas do Parlamento, o Big Ben – que poderia tranquilamente se chamar Medium Ben – a Trafalgar Square, Piccadilly Circus e Oxford Street.

Eu transbordava excitação.

Enfim, era a primeira vez que eu botava os pés em Londres, mas eu teria identificado a cidade mesmo que tivesse chegado lá por engano. E não era por causa dos lugares que eu já vira por foto. Era a imensa diversidade de pessoas arrastando sua excentricidade pelas ruas que tornava Londres uma cidade ímpar. De árabes a judeus, de asiáticos a africanos, de engravatados a hare krishnas, de muçulmanas à mulheres seminuas, Estar em Londres era estar no mundo.

Gostei disso!

Ergui a cabeça, abri um sorriso, sacudi o cabelo e virei à direita, na Regent Street, sentindo-me mais uma habitante do planeta, uma mulher muito independente e de bem com a vida, consciente do seu lugar no mundo.

Tudo besteira, é claro.

Dias antes eu estava surtando com a certeza de que era uma fracassada e nada voltaria a dar certo depois do pé na bunda que eu levava. Porém, eu começava a perceber que o fracasso era apenas uma oportunidade para recomeçar. Só que com mais prática. Embora eu não tivesse o poder de voltar no tempo e mudar situações que me faziam sofrer, eu tinha a chance de começar uma nova estória. Ser bem sucedida ou frustrada era uma questão de ótica, só dependia da minha maneira de encarar a vida.

Uma brisa fina e gelada bateu no meu rosto e eu tomei uma decisão. Resolvi ali, naquele momento, que voltaria a ser feliz, apesar de todos os meus defeitos, problemas e frustrações. Não ia mais esperar que alguém me amasse porque eu mesmo estava me dando uma segunda

chance. Ali, parada no meio da Regent Street, voltei a acreditar em mim. Me senti em paz, um pouco alegre até. Não era só Londres que se descortinava para mim, também a minha nova condição me acenava com as mais calorosas boas-vindas.

Mas por outro lado, nem tudo eram flores.

A razão para eu estar ali era a Jet-air e tudo ia depender de como eu renderia trabalhando em outro país, em outro idioma, num cenário completamente novo. Eu jamais experimentara desafio semelhante e sabia, obviamente, que não seria fácil. Porém, fosse lá como fosse a perspectiva de um lugar desconhecido caía-me como uma luva, um segundo tempo com muito jogo pela frente. Eu estava disposta a dar meu sangue para que a Jet-air fosse um projeto bem sucedido.

Mariana tinha razão, respirar novos ares – ainda que o ar poluído de Londres – ia me fazer muito bem. Aliás, falando nela, senti falta de um telefone para ligar para o Brasil...

Um e-mail!, decidi ao avistar um internet café em Totenham Court Road.

Haviam oito mensagens não lidas no meu inbox. A primeira era de Olli confirmando que me buscaria no aeroporto. A segunda era a propaganda de um medicamento similar ao Viagra que prometia cinco horas de ereção ininterruptas ou o meu dinheiro de volta. Depois uma corrente do Santo do Impossível ameaçando detonar minha vida se eu não passasse a mensagem para trinta pessoas em dois minutos e meio. Quatro spams. E o último, inacreditavelmente, era um e-mail do meu pai – eu nem sabia que Jonas tinha e-mail – desejando-me boa sorte e sucesso.

Mais inesperado que a mensagem de Jonas, foi, entretanto, o fato dele ter realmente escrito algo e não simplesmente copiado um texto qualquer – talvez, ele não conhecesse o Ctrl X + Ctrl V – porque nos poucos cartões que eu recebera dele durante toda a vida, a única coisa escrita era a assinatura debaixo da mensagem impressa.

De qualquer forma, tenho que admitir que até a mensagem de Jonas deu uma bombada na minha autoestima. O e-mail que escrevi para Mariana deu exatamente essa dimensão.

De: bia_felizardo@hotmail.com

Para: marimari21@yahoo.com

ASSUNTO: Cheguei!

Amigaaaa,

Acabei de chegar e to mt, mt, mt feliz! :-D

Olli foi me buscar no aeroporto e o apartamento dele parece o da Monica, de Friends!

Queria dizer que vc tinha razao, todos os dias podemos mudar nossa vida, ou nao. Eu to fazendo a minha parte.

Nunca imaginei que ainda fosse capaz de sentir tanta alegria e disposicao.

Sei que tenho sido uma mala... desculpa, ta?

Agradeço por vc ter insistido para eu vir ;-)

To num cyber cafe, vou indo porque so paguei por meia hora.

Te amo ate acabar os numeros.

Saudades mil

Beijo

Bia

P.S 1: Vi aquele batom da M.A.C que vc gosta por £15! Acredita?

P.S 2: Desculpa a acentuacao, mas nao sei onde ficam os acentos no teclado ingles.

Continuando minha caminhada pelo centro de Londres, perguntei a mim mesma se já vira outra cidade com tanta Zara por metro quadrado. Obviamente eu entrei em todas. Aliás, entrei em tudo que era tipo de loja, desde aquelas que a gente só entra para mexer em tudo e não compra nada, tipo as lojas da Disney, até aquelas mais chiques, onde as vendedoras – que só não são mais magras que os manequins da vitrine – ficam atrás da gente ajustando milimetricamente todas as coisas que botamos de volta no lugar.

- Por gentileza, você poderia me trazer essa saia no tamanho 38? – pedi educadamente à vendedora com cara de quarenta e corpinho de quinze que me atendeu na Fenwick.

- Desculpe, mas não trabalhamos com tamanhos grandes. – A carinha dela de desdém confirmou meu maior temor: Eu era a cliente mais gorda da loja. Talvez a cliente mais gorda da história da Fenwick.

Mas vejam só como são as coisas. Se isso fosse um mês antes, certamente eu teria pensado em suicídio. Naquele momento, entretanto, nem me abalei. Tudo o que fiz foi agradecer gentilmente e sair rebolando meu manequim 38.

Dando continuidade ao desbravamento, entrei nas lojas high-tec que vendem a última geração do MP4, MP5, MP6, MP7, MP8, MP9, MP10... seja lá onde isso vai parar, e celulares que também são câmera fotográfica, filmadora, faca elétrica e secador de cabelo.

A maioria das lojas ostentava faixas vermelhas nas vitrines indicando o início da liquidação de inverno. O diabinho consumista ficou todo assanhado e me instigou a comprar tudo o que eu visse pela frente, afinal eu precisava de coisas novas para a minha nova vida. Balancei. Por sorte o anjinho da economia chegou a tempo.

Aproveita, sua boba, tudo com até 70% de desconto...! Melhor não, mês que vem você terá muitas contas para pagar... Mas mês que vem a liquidação de inverno já terá acabado... É mais prudente deixar para depois... Depois pode ser tarde demais...! Amanhã, volta amanhã... E se amanhã for tarde demais...? Não! Se esse vestido tiver que ser seu, ele vai ficar quietinho aí no cabide te esperando... E se não estiver? Nunca mais você encontrará outro igual...

Fugi.

No final das contas, venceu a sensatez. Não era de bom tom sair torrando o dinheiro assim, logo no primeiro dia. Por que não esperar até o segundo? Enfim, me contentei com um telefone celular minúsculo, tipo o do Olli, afinal de contas celular é gênero de primeira necessidade.

A tarde caía e o frio aumentou chamando minha atenção para um pequeno detalhe: Eu não almoçara.

Nossa, esqueci de comer...!

Já eram quase cinco da tarde e eu estava em jejum porque simplesmente não lembrara de almoçar, tamanha excitação. No avião eu não botara nada no estômago – aquela eterna preocupação de aeromoça: Será que vai sobrar para todo mundo? – e antes de sair de casa, tudo que achei na geladeira de Olli, além de muitas latas de cerveja e garrafas de vinho branco, foi um tubinho de cola super bonder todo retorcido, um peito de frango vencido há uma semana e um litro de soro fisiológico.

A chuvinha fina começou a apertar na mesma velocidade que senti as paredes do meu estômago colando.

Como que por um milagre, um restaurante italiano foi enviado dos céus bem na minha frente e meus anos de experiência como comissária de voo já haviam me ensinado que quando não se sabe onde comer, um restaurante italiano é a melhor opção porque só sendo muito ruim um chef conseguiria errar num espaguete a bolonhesa.

- Mesa para quantos? – me perguntou a hostess com o mesmo ar de desdém da vendedora da Fenwick.

Oh, raça!

Muito segura de mim, dei um sorriso vitorioso e respondi.

- Só para mim mesmo!

O céu já estava completamente escuro, apesar dos relógios marcarem apenas cinco da tarde. De volta às ruas, percebi que o movimento acelerado das pessoas estava ainda mais veloz. Certamente, eu seria atropelada pela manada se não incorporasse a velocidade ao meu ritmo.

Melhor voltar para casa, pensei.

Mas nem por um momento me passou pela cabeça o meu apartamento no Brasil. Era para a casa de Olli que eu queria voltar.

Então, após sair da estação de Camden Town, entrei no supermercado, – aliás, eu adorei os supermercados de Londres! Explico melhor depois – enchi a cestinha de produtos diet, light, zero caloria e todos os demais integrantes dessa estirpe, dei uma parada básica na seção de hortifruti e segui para a casa toda orgulhosa de mim, da minha nova fase e da minha dieta saudável.

Tarde da noite, mal apaguei o forno, Olli irrompeu alucinado pela porta. Quase enfartei de susto.

- Hoje foi dose para leão! – Olli atirou as chaves sobre a mesa.

- O que foi? – perguntei perplexa, segurando a travessa quente de salmão com três panos de prato enrolado nas mãos porque não consegui encontrar as luvas.

- Você não faz nem ideia do mundaréu de pepinos que eu tive que resolver... – Olli deu um longo suspiro e arrancou os sapatos, um pé ficou na porta de entrada e o outro dois passos adiante – o resultado da pesquisa de tecidos que Lacuena encomendou lá em Tóquio não ficou pronto e isso deu um ba-fa-fa-fá danado... O pior de tudo foi falar com os japoneses pelo telefone. Carácolas! Eu fiquei igual um panaca tentando entender. – Olli sumiu pelo corredor – Você não pode nem imaginar o pega para capar que foi explicar isso para Lacuena! – gritou do

banheiro.

- Para que vocês precisam dessa pesquisa? – botei o salmão, a salada de rúcula e o arroz sobre a mesa.

- Para a coleção de verão do ano que vem.

- Mas a gente ainda nem chegou no verão deste ano! – disse, trazendo os pratos e talheres.

Olli deu uma gargalhada com vontade.

- Eu disse algo engraçado? – perguntei na direção do banheiro, sem entender o espírito da coisa.

- Disse. – respondeu Olli, já de volta à sala – Disse que a gente ainda não chegou no verão deste ano.

- E não chegamos mesmo, ué.

- Bia, na indústria da moda a gente já está na primavera de 2020!

Hã?

- Mas uma semana a mais ou uma semana a menos não vai fazer tanta diferença assim! – argumentei, sentando-me à mesa.

- Quero ver você falar isso para Lacuena! – Olli pegou uma garrafa de vinho e procurou o abridor pelas gavetas – A mulher ficou tiririca da vida! Mandou a equipe de criação refazer todos os desenhos baseado no resultado da pesquisa do verão passado, que na verdade é o verão do ano que vem e a cambada tá lá até agora, fazendo serão. – Olli abriu a garrafa e finalmente sentou-se à mesa – Hummm, vejamos então o que temos aqui... Salmão com arroz e salada!

- De rúcula! – completei. Era fonte de vitamina C, um detalhe importantíssimo – Espero que esteja bom. – me servi, toda orgulhosa.

- Pela cara deve estar supimpa! – disse Olli, levando a primeira garfada à boca – Uau! Arrebentou a boca do balão, Bia! Esse salmão está nos trinquês!

- Também com a fome que você chegou, qualquer coisa seria uma delícia. – me fiz de modesta.

- Nem me fala... Passei a tarde inteira a base de café, acredita? By the way, e a senhorita? O que fez o dia todo?

Então contei a Olli minhas peripécias de ônibus em ônibus, meu apurado senso de direção, meu passeio pelas lojas, o almoço no restaurante italiano... Depois ele me contou sobre o primeiro dia dele em Milão e como tudo foi mais fácil cinco anos depois em Londres até que o vinho foi batendo, batendo... o cansaço foi baixando, baixando... e Olli disse:

- Vai para cama, Bia, mas uma cochilada dessa e você cai de cara no prato.

Dormi maravilhosamente bem aquela primeira noite em Londres e acho que até sonhei, mas não lembro bem. No entanto, acordei super cedo com o barulho da chaleira na cozinha. Era Olli de saída para o trabalho. Vagarosamente, levantei, fui até a janela do meu quarto e abri a persiana com a pontinha dos dedos. Lá fora estava o clima standard: Céu cinza, nuvens acinzentadas e chuva cor-de-prata.

Vesti o roupão (de vaca), presente de Olli, calcei as pantufas (também de vaca) – Sim, a

intenção dele foi me sacanear – e fui à cozinha.

- Nossa! Caiu da cama? – Exclamou ele, tomando o café da manhã na pia.

- Não – disse bocejando – Vou voltar para a cama.

- Obrigada pelas compras, viu? – agradeceu afundando um pedacinho de torrada no pote de geleia de morango que eu compara no dia anterior.

- Imagina.

- Como vai ser seu dia hoje?

- Vou ao banco abrir uma conta corrente e depois ao consulado brasileiro atualizar meu endereço e tentar resolver uns problemas que não deu tempo de resolver no Brasil.

- Boa sorte! – desejou-me, lavando a louça do café – Por que você não aproveita e compra umas roupas de frio? – sugeriu – Só não vá me aparecer aqui com um sobretudo, *pelamordedeus!*

- Ah, por que não? – era justamente isso que eu estava pretendendo!

- Compre um blazer desestruturado que vai te cair muito melhor.

- Mas eu estou em Londres, poxa! Se eu não usar sobretudo aqui, vou usar onde?

- Ai, ai... Nem a Burberry aguenta mais essa estória de sobretudo, Bia. – Olli lamentou atravessando sua Miu Miu no ombro – Vou indo nessa.

Depois que a porta fechou-se, fui até a janela dar mais uma espiada no tempo lá fora. Quem sabe naqueles dez minutos, as nuvens não haviam ido embora e um sol radiante não teria raiado!

Abri a cortina...

Melhor voltar para a cama.

O clima frio sempre me deixou mais sonolenta. Além disso, eu ainda estava meio zureta por conta do fuso horário. Não o fuso horário Rio/ Londres, mas o meu próprio. Sentia-me uns dois meses atrasada em relação ao mundo. Botando de quebra todas as noites em claro que eu passara nos últimos tempos, só à uma da tarde consegui convencer o meu corpo a ir para debaixo do chuveiro. Em compensação, quarenta minutos depois eu entrava toda saltitante na agência do HSBC.

Quando Malafac, uma figura franzina e morena, cujo crachá o intitularava “GERENTE DE RELACIONAMENTOS” perguntou-me se eu aceitava mais uma xícara de chá entendi perfeitamente porque Olli me desejara boa sorte. Mais que isso. Compreendi que gerente de banco é igual em qualquer lugar do mundo e até conseguir o que eu queria, abrir uma conta bancária, tive que ouvir que o HSBC é um banco diferente e que é o único banco capaz de oferecer apoio de emergência em qualquer lugar do mundo e que seus gerentes estão sempre buscando as melhores oportunidades de investimento para seus clientes e que há pacotes exclusivos de primeira linha criados sob medida e que o HSBC quer simplificar suas necessidades bancárias hoje e ajudá-lo a alcançar seus objetivos financeiros amanhã e que... Malafac declamava num ritmo tão retilíneo e competente que foi impossível interrompê-lo. Mesmo assim, tentei.

- Eu gostaria de abrir uma conta básica porque...

- Sendo cliente Master Gold, você terá benefícios incríveis como...
- Sei, mas a conta básica...
- Isso sem falar na anuidade do cartão de crédito que o cliente só paga se...

Desisti.

Malafac era muito profissional e como todos os gerentes de banco, devia ter muitas cotas para bater naquele mês.

Quando finalmente chegamos ao estágio das assinaturas e rubricas, ele lançou a questão aterradora:

- Gostaria de mais uma xícara de chá?
- Não! – exclamei com pavor. Mais quarenta minutos de palestra eu não ia suportar.

Mas era pura ilusão achar que ele me deixaria escapar.

- Permita-me uma pergunta rápida, Miss Felizardo? A senhorita já tem plano de saúde?
- Sim! – me apressei em responder.
- E seguro de vida, Miss Felizardo? – Malafac era um homem muito persistente. – Sabe como são essas coisas, não é mesmo? A senhorita é aeromoça, vai que...
- Eu tenho! Eu tenho! Já tenho todas essas coisas que se faz em banco!
- Ah sim, vou lhe falar então sobre os planos que temos disponíveis no perfil da senhorita. Sem compromisso, claro.

Ah Não...!

Tirando o fato curioso de Malafac substituir a palavra “morte” pelos termos “sinistro” e “evento desafortunado”, não prestei atenção em nada. Somente muitas ofertas de xícaras de chá, planos de saúde e seguros de vida depois é que consegui sair do banco com a conta aberta e – o mais perigoso – um cartão de crédito novinho na carteira.

Como toda mulher normal eu era louca por cartões de crédito.

Na sequência dos compromissos burocráticos, a próxima parada foi o consulado brasileiro.

Então, desci na estação de Bond Street, segui em direção a Marble Arche e a enorme bandeira verde e amarela indicou que eu chegara ao meu destino.

Foi só botar os pés dentro do consulado brasileiro para perceber, pela segunda vez naquele dia, que Olli sabia das coisas. Realmente era necessário uma boa dose de sorte.

Quando a saudade do Brasil apertar, eu vou dar um pulo aqui!, pensei depois de vinte minutos numa fila de gente insatisfeita, com direito à criança esperneando no chão e turista desesperado com o passaporte roubado. Rapidinho a saudade vai passar. Então quando chegou a minha vez, uma surpresa! A atendente era portuguesa.

- Vais precisar de duas fotos 3×4, a cédula de identidade e o CIC – ela ainda chamava CPF de CIC.
- Está tudo aqui comigo. – Fiquei feliz por ela não ter mencionado nada que eu não tivesse, tipo o meu boletim da quarta série ou meu atestado de vacinação contra a poliomelite.
- Já tens os documentos consigo?
- Sim.

- Então podes pegar aquela bicha ali.

Comequié?

- O que foi mesmo que a senhora disse?

- Disse que podes ir para aquela bicha ali.

Nossa...! Quanta intimidade para um ambiente profissional! Me imaginei trabalhando com Daise e informando ao passageiro: “O senhor gostaria de mais uma xícara de café? Pede para aquela sapatão ali”, mas enfim eu estava em Londres, o lugar das possibilidades, e a portuguesa falara com tanta naturalidade que só me restou olhar ao redor e tentar identificar qual dos funcionários tinha mais cara de gay. Talvez, o rapazinho de blusa amarela fosse a bicha do consulado. Por via das dúvidas, me certifiquei.

- A senhora se refere aquele rapazinho ali, né?

- Que asneira estás a dizer, menina? – de maneira alguma era minha intenção irritá-la! – A bicha está lá, um atrás do outro.

- Ah....

Fila, ela quis dizer!, compreendi por fim.

- Próximo! – a portuguesa gritou.

Após cerca de quarenta minutos de espera na “fila de triagem”, recebi uma guia de cobrança que precisava ser paga na “fila do pagamento” no segundo andar.

Lá fui eu. Meia hora depois, chegou a minha vez.

- Eu posso pagar com cartão de crédito? – perguntei na boca do caixa.

- Cartão de crédito é naquela outra fila ali, senhora.

- Nem pensar. Tem troco para £50?

Finalmente, guia paga e protocolo em mãos, encaminhei-me para o terceiro andar, ou melhor, para o setor de expedição.

Antes, porém, um desafio: A senha.

889, foi o meu número. 832, era o do painel.

Cinquenta e sete pessoas na minha frente. Três minutos em média para cada um. Cento e setenta e um minutos de espera. Em duas horas e cinquenta e um minutos eu seria atendida.

Tudo bem, eu sou brasileira e não desisto nunca!

26.

Com o passar do tempo, fui gostando cada vez mais da ideia de ter um flatmate. Olli era tão divertido, engraçado e cheio de vida que, de certa forma, eu absorvia boa parte da vitalidade dele. Por outro lado, nós dois reconhecíamos que éramos péssimas influências um na vida do outro porque só ingeríamos líquidos que nos embriagassem, torrávamos o dinheiro com futilidades e a alimentação saudável dos primeiros dias dera lugar à latas de Pringles e macarrões instantâneos.

De qualquer forma, estava sendo uma experiência legal dividir o espaço com alguém com quem eu não era afetivamente envolvida. Era bom ter alguém para rachar a pizza, o vinho e

jogar conversa fora até tantas da madrugada.

Aliás, jogar conversa fora era algo que fazíamos com primor absoluto. Principalmente depois que entornávamos umas duas ou três garrafas de vinho, quando nossos diálogos tornavam-se muito mais fluidos e deliciosamente vazios.

Era libertador, terapêutico mesmo.

- Tanto tempo que eu não vou ao Brasil...
- Tempão mesmo.
- Ainda fazem o Chokito?
- Ainda.
- E o Diamante Negro?
- Também.
- O Galak acabou, né?
- Não, foi o Lolo que acabou.
- Ah é. Isso mesmo. O Lolo. Muito tempo eu não vou ao Brasil...
- Maior tempão...
- E o Bis?
- Ainda fazem. Agora inventaram o Mini Bis.
- Mas, gente, o Bis já era tão pequeno...!
- Pois é.
- O tempo passa...
- O tempo voa...
- E a poupança Bamerindus continua numa boa.

Algumas vezes o nível intelectual das nossas conversas elevava-se e nossos papos evoluíam para o campo da política.

- A Dilma me surpreendeu, sabia?
- A mim também.
- Eu nunca imaginei que ele fosse vestir tão bem um Versace.
- É?
- Cai melhor nela que na Carla Bruni.
- Sério?
- Não sei...

Na sexta-feira à noite, voltei para a casa cheia de bolsas depois de passar a tarde batendo perna nas lojas do centro. Comprei um casaco azul e uma calça colada na Topshop, uma bota vermelha alta e outra preta altíssima, – que com certeza machucaria muito meus pés – um vestido lilás de um ombro só e um marrom de renda na Benetton, uma saia balonê preta que eu provavelmente jamais usaria e realizei um sonho: Arrematei um sobretudo de lã xadrez. Eu não estava nem aí para o que Olli dizia.

Isso tudo, sem contar os produtos de banho da Body Shop e a infinita quantidade de meias-calças coloridas que eu comprei por apenas quatro libras na promoção de inverno da H&M.

Normalmente, eu tinha uma relação de amor e culpa com o dinheiro, portanto toda vez que eu gastava muito – e isso para mim significava voltar para a casa com mais de cinco sacolas – eu me sentia tão culpada que levava tempo para usar o que havia comprado. Sentia-me envergonhada e fútil por saber que no mundo tanta gente passava dificuldades enquanto eu gastava com supérfluos. Jurava para mim mesmo que nunca mais seria leviana, mas a promessa não durava nem sete dias.

O fato é que dessa vez, nem sequer por um minuto me senti culpada. Voltei para a casa carregando minhas sacolas, convicta de que eu, mais do que ninguém nesse mundo, realmente as merecia. E fui logo tratando de encher a banheira, pingando gotas de sândalo e botando um CD da Sade porque eu queria um banho de princesa com todos os hidratantes, sabonetes líquidos e géis relaxantes que eu havia adquirido. O meu objetivo era sair do banho cheirando à calçada da Body Shop. Arrumei os esfoliantes e óleos essenciais na ordem em que eu os usaria e me preparei para o prazer quase sexual que é um banho aromático.

Mal me enfiei na banheira, o celular tocou. Era Olli.

- Tá a fim de ir a um desfile?
- Quando?
- Agora.
- Agora?! – exclamei – Mas eu estou tomando banho.
- Ué, você pretendia vir sem tomar banho?
- É que é um banho com óleos aromáticos...

- Bia, as vezes você é meio tantam, né?!
- Onde é?
- Mayfair.
- Que horas?
- Às oito.

Tirei o telefone do ouvido e olhei para o visor. Já eram quase sete.

- Tudo bem. – foi a curiosidade de assistir a um desfile de verdade que me encorajou a renunciar o banho de princesa.
- Encontra com a Pá na saída do metro.
- Pá? O que é isso?
- É uma pessoa.
- Mas eu sei lá quem é Pa!
- Ela também não sabe quem é você.
- Então...?

- Pá é uma amiga, a menina que morava comigo antes de você. Ela vai ao desfile também. Vou dar suas características para ela e digo que você vai estar esperando em frente à saída 3 da estação de Green Park às quinze para as oito, ok?

Foi com dor no coração que esvaziei a banheira.

Mas era por uma boa causa porque tirando os concursos Garota Verão Arraial do Cabo e Miss Cabo Frio eu jamais assistira um desfile com modelos de verdade.

Imediatamente, senti uma vontade louca de pegar o telefone e ligar para Mariana, porque eu sabia que ela daria a vida por um programa daqueles em Londres.

Mas não dava, eu não podia me atrasar.

27.

Sorri para todas as pessoas com cara de Pá que vi passar pela saída 3 de Green Park. Por um momento, pensei em fazer como os caras do aeroporto e segurar um cartaz escrito “PÁ”, mas não foi preciso.

Pontualmente, às quinze para as oito, vi se aproximar uma mulher muito bonita, muito branca, muito alta e muito, mas muito magra. Será que “Pá” vinha de Palito? Ou de Papel? Ou de Parede? Ela tinha os olhos azuis turquesa e cachos tão perfeitos quanto um fio de telefone, aquele tipo de cabelo cacheado espetacular que Deus só concedeu à duas pessoas nesse mundo: Sarah Jessica Parker e Pá.

- Bia?
- Pá?

Na porta do Mayfair Hotel, fileiras de limusines e carros caríssimos que eu jamais vira antes faziam fila dupla. Uma muvuca de gente linda, cheirando a Chanel n. 5 se engalfinhava por um minuto da atenção dos seguranças que não tinham para onde serem mais musculosos e marrentos, com seus walk-talks encaixados na orelha a la Madonna.

Embora Pá fosse alta e transpirasse autoconfiança, ainda do outro lado da calçada saquei que não seria tarefa fácil furar o bloqueio e adentrar o hotel.

Mesmo assim ela foi categórica ao me afirmar o contrário.

- Está vazio... A Crash ainda é uma marca pequena. – opinou – É o primeiro ano deles no circuito europeu, esse desfile é inexpressivo.

- Inexpressivo? E esses carros todos na porta? – perguntei admirada. Se aquilo era inexpressivo, sinceramente...

- Tudo alugado só para chamar atenção da imprensa.

- E essas pessoas todas tentando entrar? – não me dei por convencida.

- Metade são modelos desempregados querendo aparecer, metade são atores contratados querendo aparecer.

- Atores contratados...? – repeti debilmente, como se Pá me contasse sobre a vida em Marte.

- Sim, as marcas em ascensão contratam atores para ficarem na porta fingindo que querem entrar. Isso dá muita credibilidade a um evento de moda, entende? – Pá respirou fundo e assumiu um tom de pesar – Para dizer a verdade, já fiz muito isso.

- Sério?

- Infelizmente.

- Mas isso é loucura!

- E Londres é o quê? – Pá perguntou, dando ela mesma a resposta – Essa cidade é louca...

- Puxa...

- Fiquei um tempão batendo cabeça como modelo-e-atriz... Passei o pão que o diabo amassou e acabei tendo que voltar para a França. Arranjei um emprego na Chanel que foi um desastre e passei um ano deprimida numa clínica de reabilitação.

Pá entrara na vida de Olli três anos antes, quando Olli ainda namorava Pierre, o tal francês. Naquela época, enquanto Olli fazia freelance como maquiador e Pierre tentava se firmar como estilista de moda masculina na Ted Blacker, em outro canto do mundo, mas precisamente no sul da França, naquela mesma época, Pá tomava uma decisão muito importante. Ia dar a volta por cima e pôr um ponto final na depressão que lhe custara nove meses de internação e um interesse crescente pelo campo da astrologia. Então, Pá resolveu se redescobrir, se repaginar e se reinventar. – não necessariamente nesta mesma ordem – Mas para isto, logicamente, precisava ir para o lugar onde todo mundo vai quando dá essas loucas: Londres.

O problema é que após nove meses de internação, Pá estava completamente fora do seu ciclo de amigos e não conhecia mais ninguém em Londres, a não ser um antigo ex-namorado. Pierre. O mundo quase acabou no dia em que Pierre informou a Olli que uma “pessoa amiga” vinda de Lyon iria ficar hospedada na casa deles por uns tempos. Pessoa amiga que por acaso vinha a ser uma mulher, que por acaso vinha a ser linda, que por acaso vinha a ser uma ex-namorada. Deu trabalho explicar isto tudo a Olli.

- Você tá querendo dizer que vai botar uma piranha aqui dentro?

- Não, Olli, tô querendo dizer que vou ajudar uma amiga que está passando por um momento difícil e precisa de apoio.

- Ex-namorada não é amiga! – do primeiro andar deu para ouvir os berros dele – Aliás, você nunca me contou que já namorou mulheres!
- Foi há muito tempo atrás, eu ainda nem sabia que era gay.
- Faz me rir! – Olli deu uma gargalhada diabólica – Achei que isso só tivesse acontecido com o Rick Martin!

Faltou muito pouco para que Olli borrifasse os perfumes caríssimos no guarda-roupa impecável de Pierre e ateasse fogo em tudo.

Quando então Pá chegou a Londres e eles finalmente se conheceram, Olli percebeu que estava enganado: Olli a odiava ainda mais! Talvez a beleza e a magreza de Pá tenham dificultado um pouco as coisas. Por meses a fio, Olli fez questão de ser desagradável e mal-educado em todas as oportunidades que teve. Pá, por sua vez, com tanta terapia nas costas e já aprofundada nos estudos astrológicos, tinha aprendido a superar problemas muito mais graves que o ciúme de uma bicha louca. Além disso, naqueles primeiros meses, Pá só conseguia focar energia numa coisa: Formas de ganhar dinheiro. Porque nem para uma sessão de lifting ela tinha grana. – a comida, ela já tinha aberto mão há muito tempo – Porém, com o passar do tempo, Olli foi caindo na real e percebendo que Pá era gente boa: Chegava em casa bêbada, – e no dia seguinte jurava que jamais voltaria a beber – ficava com uns caras estranhos, tomava laxante um dia antes de uma festa bacana e estourava o limite do cartão de crédito todos os meses, como qualquer pessoa normal e – o mais importante – não tinha realmente o menor interesse em Pierre.

A implicância então transformou-se em simpatia e não demorou muito até evoluir para o amor eterno, quando então Olli e Pá tornaram-se unha e cutícula.

Tanto foi assim que no dia em que Pierre saiu de casa, Olli decretou:

- Você vai. A Pá fica!

Embora tenha sido tomada no calor da raiva, a decisão não poderia ter sido mais acertada porque, àquela altura, Lacuena já tinha dobrado o salário de Olli na Bryon e com a conta corrente mais gorda, Olli fez uma proposta ao dono do imóvel que aceitou vender-lhe o apartamento em suaves sei-lá-quantas prestações. O aluguel que Pá pagava pelo quarto, portanto, era uma ajuda e tanto na quitação do imóvel.

Mas o senso empreendedor acabou contagiando Pá e, um ano e meio depois, quando ela se estabilizou no mercado da moda – se é que isso é possível – trabalhando na produção das mais importantes campanhas, a primeira coisa que fez foi dar entrada na caixa de fósforo, ou melhor no estúdio flat de 43m² que ela assim carinhosamente chamava, lá em Wood Green.

Em menos de dois minutos, o segurança primo-do-Maguila identificou o nome de Pá na lista VIP – constava apenas Pá mesmo, eu conferi – e nós finalmente entramos no Mayfair Hotel.

Já no hall, o primeiro baque.

- É isso mesmo que eu tô vendo? – Espremi os olhos para me certificar de que realmente via o que via – As recepcionistas estão nuas?
- Parece que sim – essa possibilidade não surpreendeu Pá nem um pouco.
- Bom, tomara que elas estejam pelo menos ganhando um adicional de insalubridade. – desejei

– Porque tirar a roupa nesse frio é praticamente arriscar a vida.

Mais de perto, porém, vi que as peladas usavam joias caríssimas e sandálias de strass tão lindas que, se eu tivesse a chance, também topava tirar a roupa para ter uma igual nos pés.

Peguei minha sacolinha brinde das mãos de uma delas e subindo a escadaria chegamos até um salão todo decorado com bananas, onde uma banda cover do Take That cantava Shine.

Eu nunca tinha ido a um desfile de verdade até então, mas como uma mulher bem informada eu sabia que ganhava-se muitos brindes nestes eventos, sabia, porém, que era um pecado mortal, praticamente uma heresia, conferi-los na hora. A etiqueta social dizia que ao receber um brinde, a mulher devia reagir com verdadeiro desdém, pegando a sacolinha com a pontinha dos dedos, como se fosse uma calcinha alheia.

- Você sabe o que tem aqui dentro? – perguntei à Pá discretamente, como se acabasse de adquirir uma substância que eu não tinha bem certeza se era cocaína ou LSD.

- Não faço a menor ideia. – ela me respondeu no mesmo tom.

Disfarçadamente, dei uma balançadinha na sacola e saquei que era algo comprido e meio macio. Talvez um...

- Estou borbulhando de ódio! – Olli apareceu do nada, soltando fumacinhas pelo nariz – Adivinha quem fez o make up da Crash! – por certo, a pergunta não era para mim. Olhei ansiosa para Pá a espera da resposta.

- Não me diga que foi o... – ela nem completou a frase de tão bestificada.

- Ele mesmo.

- Que sacanagem! Onde é que ele tá?

- Já foi embora, deve ter fugido pela janela. Quase caí duro quando vi a maquiagem das modelos lá no backstage! Ele copiou aquele vermelho esfumaçado que eu criei para a Prada em 2008, lembra?

- L'imbécile! – Pá comentou estarecida.

- Se bobear até o batom era o meu! – ressentiu-se.

Então numa pausa de segundos a tensão dissolveu-se.

- Oi, Bia, desculpa. Nem falei com você... Tô com as macacas...

- De quem vocês estão falando? – eu quis saber.

- De um crápula que me apunhalou pelas costas. Conta para ela, Pá.

- Nem sei por onde começo...

- Começa pela parte que ele roubou todos os meus clientes, me meteu numa baita fofoca e quase me deixou na miséria.

- Nossa...! – exclamei.

- Vou resumir então. – propôs Pá – Quando Olli ainda trabalhava como maquiador, Fred fazia maquiagem e caracterização cênica...

- Sangue artificial para filminho de quinta, ela quer dizer. – Olli fez um adendo.

- Exatamente – Pá concordou e então prosseguiu – O Fred também é brasileiro e naquela época precisava urgentemente de trabalho porque era recém-chegado em Londres. Pois bem, Olli ajudou, arranjou boas oportunidades, indicou o nome dele em campanhas importantes... Até que um belo dia, Olli precisou ir às pressas para Itália e deixou com Fred todos os

compromissos que tinha agendado para as três semanas que ficaria ausente. Quando voltou...

- Ninguém mais me procurou! – Olli tomou a palavra – Meu telefone simplesmente não tocava. Ninguém me chamava nem para maquiar defunto! Fiquei sem trabalho e sem dinheiro. Então descobri que a Vogue ia fazer uma matéria sobre maquiagem minimalista. Seria impossível eles não me chamarem porque eu já tinha feito vários trabalhos daquele tipo antes, inclusive para a própria Vogue. Aí eu liguei para uma conhecida lá na revista e sabe o que ela me contou?

Aguardei ansiosa.

- Que Fred inventou para todo mundo que eu havia ido embora para o Brasil. De vez! E que eu tinha repassado todos os meus clientes para ele.

- Que sacanagem!

- Ganhei fama de irresponsável – lamentou desgostoso – Nesse meio, você leva anos para construir a reputação e um minuto para botar tudo abaixo. Passei semanas desmentindo a estória e recuperando clientes.

- E vocês não conversaram? – perguntei estupefata.

- Nunca. Eu tentei várias vezes, mas o desgraçado fugia.

Os olhos castanhos de Olli se injetaram de amargura anunciando que era hora de mudarmos de assunto.

- Mas, enfim, você já superou esse trauma! – Pá desconversou – Ih, não é Catriona ali?

- É. Preciso falar com ela...

Apesar de tudo me parecer uma grande diversão, para eles estar ali significava trabalho.

- Bia, agora você faz cara de granfina e senta ali. – Olli apontou – Tem uma cadeira com o meu nome.

- Uau!!!! Na primeira fila? – delirei.

- Não. Na quarta. E dê-se por satisfeita.

- Eu só tava brincando! – mentira, eu não estava nada.

- Vou lá puxar o saco daquela mocreia e já te encontro.

Botando a pontualidade britânica à prova, o desfile da Crash começou com quinze minutos de atraso. – para mim, sinceramente, isso não era atraso – Então às oito e quinze as luzes se apagaram, a banda se retirou e o DJ assumiu as picapes com uma versão eletrônica de Suspicious Mind.

Da minha cadeirinha aguardei ansiosa a entrada das modelos na passarela.

A primeira entrou glamourosa vestindo uma capa de botijão amarela com correntes e espelinhos ao redor do pescoço, algo totalmente incompreensível e bizarro, mas não perdi a empolgação. Cravei meu olhar na portinha de onde elas entravam e saíam a espera da segunda que, por sua vez, trajava uma jaqueta de veludo azul e dourada com ombreiras e as malditas correntes (algo no modelito me remeteu às Paquitas). Não desanimei e aguardei ansiosamente pela terceira que vestia uma blusa de saco de batata e uma calça de sarja amarrada na cintura adivinha com o quê? Exatamente. Correntes. Ankle boots amarelo e um chapéu em formato de cone que ninguém em sã consciência usaria. A quarta não vai decepcionar, pensei no momento

em que ela apareceu vestindo uma saia balonê amarela imitando uma penca de bananas com um brinco que era ao mesmo tempo um colar, um top e um cinto.

A partir da quinta, desisti de compreender.

Entre eu, Pá e Olli a coisa funcionava mais ou menos assim: Tudo que eu achava esquisito e impraticável, Olli e Pá achavam “super tendência”. Tudo que eu pensava “taí, esse até que eu usava”, eles achavam “over”.

É claro que eu sabia que num desfile, as modelos não usavam as roupas que iriam para a loja. Entretanto, as peças da Crash eram completamente inacessíveis para uma mulher normal. Mesmo Lady Gaga teria dificuldade de usá-las. Quando a parte de cima era pequena, a de baixo era grande. Quando a de cima era grande, cobria a de baixo. Tudo sem corte e sem forma, parecendo ter sido confeccionado de última hora no corpo das modelos que já não eram mais magras, eram desnutridas.

Quando o desfile acabou, aproveitei que Olli e Pá tinham muito o que conversar e dei um jeito de fugir para o banheiro porque a curiosidade estava me corroendo. Eu precisava desesperadamente saber o que havia na sacolinha brinde. Talvez fosse um creme, um perfume, uma lingerie... Passei o trinco no primeiro cubículo desocupado que avistei, sentei no sanitário, descolei cuidadosamente o adesivo de lacre com a unha e retirei o embrulho de papel seda de dentro da embalagem.

Não acreditei!

Uma banana.

Uma banana?

Qual poderia ser, meu Deus, a explicação desassisada para uma banana ser dada como brinde num evento fashion? Que sentido podia ter? Tantas coisas interessantes e eles nessa de inovar...

Completamente decepcionada, frustrada e P da vida, voltei carregando minha banana, como se não soubesse de nada. Ao chegar no salão principal, Olli e Pá me aguardavam com a novidade: Fôramos convidados para a festinha particular na cobertura do hotel.

Esqueci na hora a estória da banana.

Ainda dentro do elevador, dava para ouvir Fatboy Slim nas alturas. Quando as portas então se abriram, fomos despejados no hall de uma suíte luxuosíssima onde dezenas de mulheres enormes e magérrimas dançavam lânguidas sob o piso de granito rústico, decorado com plantas artificiais. Num canto, um leão alado com cabeça humana esculpido em ônix, e no outro, homens tatuados e magnatas conversando em grupinhos. Aposto que escolhiam as mulheres que participariam da orgia pós-festa. As escolhidas, provavelmente, seriam as capas de revista da próxima temporada, previ. A atmosfera de luxúria era tão intensa, quase visível a olho nu.

Até então, eu achava que nessas festas só serviam champanhe, mas um garçom aproximou-se e eu percebi que ele trazia uma bebida diferente na sofisticada bandeja de prata. Algo transparente que só de olhar, meu know-how em manguaça detectou não ser vodka.

Elegantemente, me servi de uma taça.

Ao primeiro gole meu fígado rejeitou de pronto, por pouco não cuspi no chão.

- Isso é água! – exclamei horrorizada.

- Água saborizada. – Pá esclareceu com requinte – Se você reparar tem um gostinho de frutas no final.

- Mas cadê o álcool? – *que mané gostinho de frutas o quê!* – Não me diga que é só isso que servem por aqui? – perguntei perplexa.

- Não. Daqui a pouco o garçom vai passar uma bandeja de coxinha e risole. – Olli ironizou.

- Não é risole. – corrigi – É rissole!

- As vezes servem água com gás também. – Pá esclareceu.

- Mas... Como assim...? Cadê o álcool, gente? – que diabos de festa era aquela?!

- É uma festa de modelos, Bia, você já parou para pensar quantas calorias teria uma taça de champanhe?

Beber água em festa era completamente contra a minha religião.

Mil vezes festa de gente normal!, concluí entornando disfarçadamente a água saborizada no vaso de planta artificial atrás de nós, enquanto Olli e Pá esbarravam em conhecidos e engatavam conversas profissionais que mais pareciam competições de quem tinha mais criatividade para encaixar a palavra “atitude” nas frases. “O gancho grande nas calças se firma com muita atitude na coleção”, “Tô achando meio sem atitude essa remontagem do japonismo dos anos 80” ou “É atitude total a aposta no look street”. Atitude de moda, atitude de estilo, atitude disso, atitude daquilo... Em meia hora, contei a palavra “atitude” vinte e quatro vezes no diálogo deles. Quase uma “atitude” por minuto!

Mas que estória é essa de atitude, gente?, tive vontade de perguntar. Isso aqui é a maior celebração da futilidade que eu já vi! Mas fiquei na minha e dei um jeito de dar uma circulada para ver qual era a da festa. Eu queria na verdade investigar onde é que estava rolando a sacanagem, porque afinal de contas aquilo era uma festa de modelos. Em algum canto devia ter garçons servindo heroína na bandeja, mulheres elegantíssimas cheirando cocaína em canudinho de ouro, orgias estilo anos setenta... Em algum canto devia estar rolando uma sacanagem das boas e eu ia descobrir.

Revistei os quartos, fui até a varanda, chequei a cozinha e nada. Pelo visto, a coisa estava bem enrustida porque, tirando um baseado que vi passar discretamente de mão em mão, não detectei nada demais.

Então, na fila do banheiro instalei minha antena parabólica na conversa de duas modelos para captar maiores pistas.

- O problema do Xenical é que toda hora eu venho ao banheiro...

- Já sei. Você tem foto de biquíni amanhã?

- Acertou.

- Isso não é nada... Pior é essa cratera que se abriu no meu rosto, olha só! Por que essa espinha não podia aparecer semana que vem no meu nariz!?

- Passa o bastão secativo da Clinique.

- Já tentei, não resolveu.

- Então, só pasta de dente mesmo.

- Tentei também. Minha mãe disse que ano que vem, quando eu fizer 17, minhas espinhas vão acabar.

- Que saco! Para mim ainda faltam três anos então!

Desisti na hora de procurar por indícios de sacanagem e entendi perfeitamente porque os garçons só serviam água. Aliás, mais correto seria que eles servissem leite. Aquilo não era uma festa, era uma matinê. E eu era uma idosa de vinte e nove anos no meio da pirralhada. Saí da fila sem nem olhar para trás com medo de ouvir um “obrigada, tia” porque eu também já fui adolescente e sei que nessa fase, passou dos trinta a pessoa já é coroa.

De volta ao lounge, o assunto de Olli e Pá ainda girava em torno de simetrias, tendências, alfaiatarias, clássicos, looks, opacos, cintilantes, datados, convencionais, monocromáticos, conceituais, côncavos, arremates, geometrias, ombreiras, proporções... Engraçado era o nome que eles usavam para definir as cores. Ao invés de marrom, amarelo, bege e branco, eles falavam terroso, gema, champanhe e neve.

Então, algumas “atitudes” e taças de água saborizada depois, um homem moreno todo tatuado, usando rabo de cavalo e uns trinta *piercings* se aproximou de nós. Eu o reconheci na hora. Era o mesmo homem que entrara na passarela, ao final do desfile, para os aplausos. Certamente, era ele o lunático responsável pela banana e pelas roupas medonhas.

Olli e Pá se desmancharam em sorrisos e só faltaram se jogar no chão feito dois tapetes. Ele também foi muito cordial e tinha no semblante o ar das pessoas arrogantes que tentam parecer simpáticas.

- Estou felicíssimo que vocês vieram! – tive minhas dúvidas que ele sequer soubesse os nomes de Olli e Pá.

- Sua coleção está divina! – Olli elogiou – Cheia de personalidade!

- Parabéns! – Pá jogou mais confete – Tudo muito contemporâneo e inspirado.

- Pois é, eu apostei numa simplicidade complexa.

Hã?

- Isso ficou claro na simetria e nas estampas que você usou. Seu desfile foi magistral, bem conceitual! – será que Olli estava zoando da cara dele?

- Bem, foram meses de pesquisa, mas o resultado até que não ficou mal. – disse piscando o olho para mim, numa tentativa ridícula de esconder a modéstia. – Eu inspirei minha coleção na banana, que na minha opinião é a origem da elegância. A banana veste uma roupa, no caso uma casca, como nenhuma outra fruta. Então eu usei essa coisa da banana e do primitivismo abstrato da casca que de certa forma remonta a coisa do simbolismo efêmero do declínio do século XXI. Por isso a coisa do amarelo, entendem? Eu e minha equipe passamos os últimos seis meses estudando profundamente essa coisa das bananas para captar todas as nuances dessa coisa do amarelo e das formas nesgadas, com cavas e decotes justos.

Alguém interna esse homem, gente!, tive vontade de dizer, mas fiquei na minha.

Durante todo o discurso destrambelhado, Olli e Pá disparavam “ahs” e “ohs” extasiados de admiração, como se ouvissem algo genial. Eu não estava bem certa se eles estavam de sacanagem ou falando sério.

- E você o que achou? – O desmiolado me perguntou do nada.

Olli passou a mão na testa e olhou para baixo, esperando pela minha bola fora.

- Eu? – *pensa rápido, pensa rápido, pensa rápido, pensa rápido...*- Ah, o que eu achei...? Bem... Eu achei... Eu achei... Eu achei que o seu desfile teve muita atitude!

28.

Acordei no sábado com a versão remix de “Just dance” martelando na cabeça.

Tirando xixi, não fiz mais nada o dia inteiro.

Eu não havia bebido uma gota de álcool na noite anterior, mas sentia uma ressaca das boas. Fiquei rolando na cama de um lado para o outro, lendo revistas para mulheres de trinta, com tratamentos de beleza testados por modelos de dezesseis, assistindo filmes e pensando na vida. Pensando em como eu estava me divertindo, em como a agitação de Londres me preencheria e em como era bom não ter minhas suspeitas de uma adaptação fracassada confirmada.

Só agora que as coisas começavam a entrar nos eixos, é que eu podia analisar as dimensões da depressão em que me afundara no início do ano. Era como ter sido mantida em cativeiro, refém de um sequestro inexistente. Vez ou outra, eu pensava em Arthur e na forma como ele me rejeitara, porém de uma maneira distanciada e bem mais branda, que já não me perturbava mais.

Definitivamente, eu estava sobrevivendo e encontrando a melhor maneira de lidar com o passado.

Entrei no MSN, Mariana estava online.

MaRi diz:

Oiiiiiiii!

BiaRJ diz:

Fui a um desfile ontem!!!!!!!

MaRi diz:

NÃO CREIO!!!!

Como foi?

BiaRJ diz:

Legal.

Conheci uma amiga do Olli, chamada Pa.

Muuuuito magra!

MaRi diz:

Mt magra tipo como?

BiaRJ diz:

Tipo corpo-dos-nossos-sonhos

MaRi diz:

Sério?

BiaRJ diz:

So pra vc ter nocaio, ela estava usando um vestido justo branco.

MaRi diz:

Caramba, MUITO magra!

BiaRJ diz:

E o Olli disse que ela come feito um pedreiro.

MaRi diz:

Eu sinto um ódio de gente assim, sabia?

Já era quase fim da tarde quando desliguei o computador porque Mariana teve que ir para aula de biodança – também não sei o que isso significa. – Estava um friozinho agradável e eu não tive dúvida, fui à cozinha fiz uma caneca de chá e voltei para debaixo do edredom.

Estava quase adormecendo, quando Olli bateu na porta do quarto.

- Acorda, Brasil! – bradou animado.

- Boa noite. - murmurei.

- Você passou o dia inteiro aqui? – Olli concluiu analisando as revistas jogadas pela cama, a lata de diet-coke vazia, o prato de miojo no chão e a caneca de chá.

- Esse friozinho me dá um sono... – bocejei.

- Nem vem! – Olli cortou o meu barato – Hoje eu estou a fim de balançar o esqueleto! – ele segurou a pontinha do edredom e ameaçou me descobrir – Bóra, nega!

- Chama Pá. – tirei o corpo fora.

- Pá viajou com o tio Sukita, deve estar no vigésimo orgasmo uma hora dessas.

- Que inveja...

- Para de show e levanta, malôca! – insistiu ele.

- Onde a gente vai? – temi que ele sugerisse uma boate gay.

E foi exatamente o que ele fez.

- Na Shampoo.

Eu não conhecia a boate, mas com esse nome, não podia dar outra. Por via das dúvidas, me certifiquei.

- E onde é isso?

- No Soho.

Pronto. Imediatamente me vi num lugar todo decorado com padronagem de oncinha, dançando “It’s raining man” com as mãozinhas para o alto.

Mas, enfim, eu não tinha muita escolha. Olli puxou o edredom e sumiu porta afora. Apenas sua voz ecoou em algum canto do apartamento.

- Acelera que eu já estou entrando no banho! – como se os banhos dele fossem rápidos...

Quarenta minutos mais tarde, a sala transformou-se nos bastidores de uma sessão de fotos, com direito a cabides pendurado na janela, secador, esmaltes e maquiagem espalhados pelos quatro cantos da sala nude. Olli botou Ella Fitzgerald para tocar no DVD e, do alto de sua infinita generosidade, dividiu comigo alguns de seus artifícios.

- Humm, vejamos... – Olli analisou-me dos pés à cabeça. – Tenho uma coisa aqui que vai te cair como uma luva. – ele foi lá dentro e voltou com um par de sapatos Chanel bicolor – Qual é mesmo seu número, heim?

Escorreu uma lágrima de emoção. Aqueles sapatos eram o sonho de consumo de qualquer mortal, ou pelo menos de qualquer mulher.

- Não importa! Me passa isso aqui! – arranquei os sapatos das mãos dele. Era a primeira vez que eu me relacionava tão intimamente com um par de Chanel fora da loja.

Perfeitos! Me caíram divinamente, como sempre imaginei. Não fosse o detalhe irrelevante de serem dois números maior que o meu pé, os sapatos ficaram excelentes.

Segundo Olli, os sapatos foram surrupiados por Pá quando ela ainda trabalhava para a Chanel lá em Paris. Entretanto, durante a terapia pós-depressão, a psicóloga disse à Pá que o primeiro passo para a superação era desfazer-se de todas as peças Chanel que ela tivesse no armário – a psicóloga, muito solícita, ofereceu-se, inclusive, a receber as peças rejeitadas.

E assim foi feito. Numa segunda-feira, Pá chegou ao consultório com uma bolsa enorme, parecendo uma muambeira. A diferença é que nada era falsificado. Maquiagem, carteira, bolsas, lenços, perfumes, sapatos e até calcinhas. Tudo Chanel.

Para minha sorte, o sapato fora esquecido e quando Olli os achou – procurando um dia pelo pé esquerdo do seu all star azul – decidiu não comentar nada com Pá e guardou o Chanel no próprio closet, onde o mesmo adormeceu em berço esplêndido aguardando pelo dia em que eu chegaria para resgatá-lo.

Olhei-me no espelho admirada. Dona Coco Chanel sabia mesmo das coisas quando inventou o sapato bicolor. Minhas pernas pareciam tão mais longas...

- Agora experimenta isso aqui. – Olli voltou do quarto com uma enorme caixa nas mãos.

Uau!!!, quase caí para trás quando ele abriu.

Uma peruca ruiva!

Sempre tive curiosidade sobre outras possibilidades de cabelo e taí, até que ruiva eu não ficava mal.

A verdade é que eu acreditava no glamour e nunca fui louca de contar apenas com os meus genes, portanto eu estava adorando o momento mulherzinha. Para mim a noite já havia começado e estava valendo muito a pena. Foi então que Olli abriu seu estojo de maquiagem e eu delirei com a explosão de cores.

- Senta aí que eu vou fazer seu make up, malôca.

De dentro do estojão, ele abriu vários estojinhos e vestiu um avental com mais de 150 tipos de pincéis diferentes.

Muitas pinceladas, delineadas e esfumaçadas depois, ele disparou:

- Prontinho. Mais perfeito que um afresco de Michelangelo.

Olli passou o espelho às minhas mãos e a pessoa que vi definitivamente não era eu, mas foi exatamente isto que eu gostei. Fiquei fascinada com a transformação.

- Agora vambora, ruivona!

A Shampoo nada mais era que um enorme galpão decorado com andaimes, enxadas e cordas de maneira a criar no ambiente a ideia de um canteiro de obras. As mesas eram feitas de caixotes e os bancos, sacos de cimento empilhados. Porém a cereja do bolo ficava a cargo da enorme pista de patinação instalada em frente à cabine do DJ.

O clima rústico da Shampoo era completamente diferente da peruagem toda que eu havia imaginado, exceto por um detalhe: Os frequentadores. Homens e mulheres preocupadíssimos em ostentar as roupas e acessórios mais bacanas da temporada.

Eu, particularmente, tinha outra preocupação. Temia que algum segurança me convidasse a se retirar do ambiente sob a acusação de ser heterossexual numa boate gay, muito embora Olli houvesse me garantido que vários héteros – inclusive homens maravilhosos – frequentassem a Shampoo.

Então Olli ligou seu gaydar e para todo homem com cara de homem que eu via, perguntava:

- Esse é?

- É.

- E aquele?

- Também.

- Mas como é que você sabe?

- Tá na cara, quer dizer no peito. Depilado.

- Ah...

- E aquele ali de preto?

- Meu Deus...! – Olli espantou-se.

- O que foi? – fiquei curiosa.

- Não pode ser...

- Fala logo!

- O mundo está acabando!

- Me conta, Olli!

- Aquele ali é uma mulher!

- Sério? Não creio...! – realmente não podia ser, porque a mulher em questão era um moreno lindo, bronzeado, todo musculoso, de cavanhaque.

- Nossa... mas é um gato, né? – disse Olli passado – Será que eu tô virando lésbica?

A Shampoo fervilhava de gente saracoteando seus corpíchos e a medida que adentrávamos, eu entendia exatamente porque gastáramos tanto tempo em nossas produções. Era todo mundo tão montado que não havia a menor possibilidade de reconhecer no dia seguinte uma pessoa que você conheceria na Shampoo. Por um momento, me pus a imaginar a foto 3 x 4 de cada um ali dentro.

- Olli, sua bicha cretina! – Alguém gritou na multidão.

Olhamos ambos para o lado e Olli identificou o autor da agressão.

- Joerg, sua despeitada! Te liguei a semana inteira!

- Eu sei, eu fugi de você. – confessou Joerg com ar coquete – Você acha que eu não sei que aquela bruxa da Lacuena está atrás de um espaço na edição de abril? Se depender de mim, ela não tem publicidade nem no rodapé da última página.

Olli respirou fundo e foi educado.

- Não vamos falar de trabalho hoje, né? – desconversou – Essa aqui é Bia, uma amiga minha. Bia, Joerg. Joerg, Bia.

De perto, reparei que Joerg também usava um aplique no cabelo e esse detalhe me fez sentir super integrada à comunidade.

- Brent está aqui. – Joerg informou cauteloso e Olli torceu o nariz – Estamos numa mesa ali perto da pista. Vamos para lá? – convidou-nos.

- Ele está sozinho ou trouxe o xarope do Marcel? – Olli perguntou.

- Você não ficou sabendo? Eles terminaram. O Marcel saiu com outro cara.

- E desde quando ele se importa com isso? – Olli tripudiou – Não me diga que ele virou moralista?

- Não. O problema é que o “outro cara” é o Juan, aquele cubano que fez umas fotos para Bryon ano passado, lembra?

- Sim, sim, eu lembro! – Nitidamente, Olli se divertia com a desgraça alheia – Brent e ele já tiveram um arranca-rabo poderoso. Os dois se odeiam!

- O pior você não sabe. Só para provocar Brent, Juan ficou com a cueca de Marcel e depois anunciou no e-bay por cinco libras.

- Sério? Que máximo!

- Brent ficou pocco...

- Azar o dele! – Olli deu de ombros e logo em seguida buscou meu olhar – Bia, vamos lá para a mesa deles que eu estou doido para ver a cara de derrota desse bofe!

- Claro. – concordei, até eu estava doida para ver a cara de derrota desse bofe.

Foi difícil contornar a pista de patinação e chegar até a mesa porque a cada minuto, cem novas pessoas adentravam a Shampoo. Nem no índice demográfico da China havia tanta gente e toda vez que alguém esbarrava em mim, meu sangue gelava de medo da peruca cair.

Quando então chegamos à mesa dos amigos de Olli, o tal Brent não estava mais sozinho. Havia com ele mais quatro pessoas, sendo três mulheres e um homem – super interessante, por sinal.

- Oi gente. Essa aqui é minha amiga Bia. Bia, esses aqui são Zoe, Betty, Alisson, Brent e Francesco.

- Muito prazer!

Trocados beijinhos e sorrisos simpáticos, alguém me entregou uma taça de marguerita que me lembrou o sacole de groselha da Dona Lourdes – a senhora que vendia doce na porta do meu colégio na Tijuca – e eu me pus a me enturmar.

Ok. Vamos falar do pessoal da mesa. Zoe era ex-modelo e trabalhava como assistente de produção na Vogue. Foi ela quem bateu para Olli a estória de Fred tentando roubar-lhe os clientes. Betty, a mais velha, já na casa dos quarenta, era estilista de acessórios da Bryon, marca da toda poderosa Lacuena Bryon, para quem Olli também trabalhava. Alisson, a mais falante, não tinha muito a ver com moda, apresentou-se como cineasta de curta-metragens e era amiga de Zoe (num lance rápido, meu instinto feminino detectou que Alisson estava a fim de Betty que por sua vez não tirava os olhos de Zoe, mas essa porém não tenho muita certeza...) Brent, um dos milhares ex-namorados de Olli, era fotógrafo alimentício, – até então eu nem sabia que diabo era isso – tinha contrato fixo com marcas como Pizza Hut e Burguer King e era, portanto, o responsável pela fotogenia de pizzas e hot-dogs. Melhor explicando, a função dele era fazer o queijo do cheeseburger parecer muito mais amarelinho, assim como transformar um donut em objeto de desejo até para uma anoréxica. Por fim, o homem interessante era Francesco. Um italiano com traços bem latinos, olhos amendoados, pele queimada, barba rala e ar tão sedutor que até uma samambaia chorona se apaixonaria por ele.

Então o burburinho geral deu lugar às conversas paralelas e Alisson engatou comigo um papo sobre a relação do cinema com a política, discorrendo empolgadamente sobre a síntese godardiana – seja lá o que venha a ser isto – enquanto movimento estético e político. Mesmo sem entender, ouvi tudo atentamente. Do outro lado da mesa, porém, Olli me fazia sinais que por nada eu conseguia compreender.

Subitamente, ele deu um jeito de me arrastar dali.

- Cuidado com Alisson que ela tem carteira de sócia fundadora do clube dos chatos! – ele me advertiu – Se você não cortar, ela te aluga a noite inteira.

- Bem que eu estava achando ela meio estranha...

- Tô te falando. Daqui a pouco ela vai começar a querer debater sobre filmes.

- Já começou.

- Tá vendo só? Até hoje ela tá tentando entender “O sexto sentido”.

- Sério...?

Fiquei profundamente grata a Olli, mas antes que pudesse agradecê-lo, o assunto mudou.

- Ele tá te olhando.

- Quem? – perguntei.

- Aposto que ele vai vir aqui, quer ver?

- Quem? – insisti.

- Até parece que você não sabe.

Então, notei Francesco vindo em nossa direção. Quando abri a boca para fazer um comentário, Olli disparou:

- Fui.

E eu fiquei no vácuo, meio sem graça, quase cara à cara com Francesco.

- Bia. Beatriz. Beatrice. Beata. – ele declamou, sorrindo-me sugestivo de uma maneira quase

invasiva - Do latim “bem-aventurada”, aquela que faz os outros felizes!

Não pude evitar a vaidade.

Pela forma como me encarou, saquei que Francesco definitivamente gostava de mulheres, – mulheres sempre sabem identificar essas coisas – ele tinha um sotaque italiano forte com erros muito marcados e um tom grave e entoadado que o fazia parecer estar cantando e não falando.

De repente, uma voz vinda sei lá de onde cortou totalmente o clima.

- Estava te procurando! – Putz, Alisson me achou. – Tô indo lá no bar, quer vir comigo?

Antes mesmo que eu comesse a me debater desesperadamente, Francesco me salvou.

- Alisson, você já viu a Suzy por aí? – ele questionou tranquilamente.

- O quê? Tá brincando! Suzy tá aqui? – Alisson animou-se automaticamente.

- Sim. E ela estava justamente perguntando por você.

- Poxa, Bia, foi mal! Vou ter que ir então, daqui a pouco eu volto, tá?

- Claro. – respondi aliviada e feliz.

Quando ela sumiu na multidão, nós dois rimos.

- Posso pelo menos saber quem é Suzy? – perguntei.

- Nossa salvadora. – ele respondeu, piscando o olho.

Então senti algo gelado tocar de leve o meu braço e percebi que Francesco tinha duas taças de vinho nas mãos.

- Arrisquei o palpite de que você é uma mulher de vinhos. – disse, encarando-me da maneira mais penetrante possível – Vinho tinto. Acertei?

Ah, meu filho, nem te conto o meu passado...

- Vinho tinto? É, pode ser. – aceitei a taça, fazendo o jogo dele.

Para ser bem sincera, Francesco era muito baixinho para o meu padrão ideal de homens, mas era, inegavelmente, um cara muito envolvente.

- Vamos patinar? – alguém propôs e novamente fomos interrompidos.

Concordei no ato.

Francesco que me desculpasse, mas fazia mais de dez anos que eu não patinava.

Então, acompanhada de Zoe, Betty, Francesco e Joerg, deixei o Chanel-bicolor-dois-números-maior-que-o-meu-pé no guarda-volumes e calcei os patins.

Brent e Olli não aderiram à patinação porque preferiram discutir a relação. Aliás, pelo visto a coisa não estava nada boa entre eles...

Levou umas cinco voltas até eu ganhar confiança e não precisar mais das barras. Mesmo assim, caí uma vez e meia. “Meia” porque a segunda, na verdade, não foi uma queda, foi uma quase queda – Já conto a vocês!

O primeiro tombo não foi culpa minha. Joerg, que puxava a fila, tropeçou no vento e caiu de bunda. Betty, que vinha imediatamente atrás, não conseguiu evitar e também se esborrachou. Completando o efeito dominó, veio eu. Zoe, ainda tentou nos ajudar, mas foi atingida por um ataque de demência e ficamos os quatro embolados no chão, bem no meio da pista, rindo feito hienas loucas. Francesco foi o único que se manteve de pé, portanto coube a ele a árdua tarefa de nos resgatar do chão e da crise de bobeira. Ninguém se machucou, mas foi com muito custo

que conseguimos nos reerguer.

Alguns minutos depois, estávamos de volta ao circuito.

- E então, Bia, para qual revista você trabalha? – Francesco me perguntou, patinando ao meu lado.

- Eu? – achei graça só de imaginar. – Nenhuma.

- Você é estilista então?

- Também não.

- Personal Stylist?

- Errou.

- Produtora?

- Dependendo do ponto de vista...

Tive esperanças que ele chutasse modelo, mas ele não fez isso. Obviamente que não.

- Ok. Desisto. Qual sua função na selva de pedra?

- Consumidora. – disse sorrindo e Francesco inclinou a cabeça com estranhamento. Acho que para ele estar em Londres significava obrigatoriamente trabalhar com moda. – Eu trabalho na aviação, sou comissária de voo.

- Que sexy! – comentou com certo atrevimento.

O sotaque italiano de Francesco era tão envolvente que nem vi alguém me cortar pela direita. Só percebi quando me desequilibrei. Mas Francesco foi mais ágil e me segurou.

Essa foi justamente a minha quase queda.

Foi um lance muito rápido e preciso. Até que eu recuperasse novamente o equilíbrio, nossos olhares não se desconectaram nem por um segundo. Quer dizer, no último milésimo de segundo meus olhos bateram num detalhe muito importante: O pingente que ele ostentava no cordão. Um cristal em formato hexagonal com a letra J lapidada.

Entendi tudo.

Se eu fosse uma mulher elegante e fina, teria ficado na minha. Mas como não era o caso, alfinetei na primeira oportunidade, ou melhor, um segundo depois.

- Então esse J aí no seu pescoço é de Julie, Jennifer, Jeane...?

Ele compreendeu onde eu queria chegar.

- É de John, meu ex-namorado.

Cuma?

Não consegui disfarçar o choque.

- Eu disse algo de errado?

- Errado? – arrisquei uma risada para encobrir minha gafe, mas exagerei e acabei soando meio falsa. – Magiiiina! Nada de errado. – dei outra risada, que, por sinal, soou ainda mais falsa que a primeira – Aliás, o que é errado nessa vida, não é mesmo? – completei parecendo uma retardada.

Me vi numa saia justa tão justa que me ocorreu até simular um ataque cardíaco.

Felizmente, neste momento uma sirene começou a tocar estridentemente. Eu já estava pronta para correr, convicta de que a Shampoo ardia em chamas.

Graças a Deus!, pensei na hora. Não teria hora mais perfeita para um incêndio.

Porém, percebi que todo mundo continuava parado, apesar do barulho aumentar e tornar-se ensurdecedor.

De repente, do meio da pista de patinação, emergiu um mini palco e cinco caras com corpos perfeitos começaram um streap-tease ao som de Alicia Bridges, em I love the nightlife.

Foi um vuco-vuco só!

A Shampoo foi ao delírio e eu estaria mentindo se dissesse que também não fui. Embalada pela multidão enlouquecida, endosseí o coro dos gritinhos para cada peça de roupa que os caras tiravam porque, justiça seja feita, eles eram bons naquilo e não eram muito reboativos nem musculosos, como normalmente. Olhei para o lado e avistei Olli sem camisa, pulando feito uma mola maluca, com as mãos para o alto, entre gritinhos que não pude compreender. A única coisa que ficou muito clara é que ele já estava meio chapado.

Quando então ele ficou a uns três passos de mim, pude finalmente compreendê-lo e fiquei passada.

- Ah, eu tô maluco! Ah, eu tô maluco! Ah, eu tô maluco!

Nossa!!! Ele tirava cada uma do fundo do baú.

29.

Estou bem. Estou muito bem.

Foi o meu primeiro pensamento na manhã de domingo.

O segundo foi uma leve desconfiança de que talvez ainda fosse muito cedo, cedo tipo duas horas da tarde. A patinação me deixara completamente quebrada e na segunda-feira eu era esperada às sete da manhã lá no Heathrow, para início dos treinamentos, portanto eu tinha muita coisa para organizar e não dava para passar o dia largada na cama, como eu tanto gostaria.

Dei um jeito no meu quarto, botei as roupas para lavar e fui tomar banho.

Putz! Esqueci de ligar o interruptor da água quente!

Saí do banheiro enrolada na toalha, liguei o maldito interruptor na cozinha, voltei para o banheiro e folheeí uma Cosmopolitan até dar o tempo da água esquentar.

Olli ainda estava dormindo e, dado o fato de não estar sozinho, – Brent, acabara a noite na cama dele – achei por bem fazer o maior silêncio possível.

Quando estava saindo de casa, a caminho do supermercado, meu celular tocou.

Era Pá.

- Alô, Bia?

- Oi, Pá, tudo bem?

- Tudo. Tô ligando há um tempão... onde é que você e Olli estavam?

- Dormindo. Fomos os últimos a sair da Shampoo ontem, quer dizer, hoje. Olli ainda tá na cama, o Brent tá lá em casa com ele.

- O Brent? Pode preparar os ouvidos então. Olli vai se arrepender disso a semana inteira.

- Ah, Pá, eu usei seu sapato ontem, tá? O Chanel bicolor.
- Deus me livre! Esse sapato me traz péssimas recordações. Pode ficar se quiser. Escuta, tá a fim de ir num pub lá em Holborn? É aniversário de um amigo meu.
- Ué, pensei que você estivesse viajando...
- Já cheguei. Heim, vamos?
- Sem chance, Pá. Tô indo ao supermercado fazer compras e vou direto para casa porque amanhã começo a trabalhar.
- Ah, vai ser legal...
- Hoje não rola. É meu primeiro dia de trabalho, quer dizer, de treinamento. Eu tenho que tá cem por cento.
- Você é quem sabe. Se mudar de ideia me liga.
- Tá bom. Divirta-se.

Conforme eu mencionara antes, uma coisa que eu estava amando fazer em Londres era ir ao supermercado. Achava o máximo comprar salada em saquinho e Häagen-dazs por duas libras. Ok, eu admito que sempre fui chegada a um supermercado mesmo, mas é que em Londres eu comecei a desenvolver uma dependência química super esquisita: Eu cheirava toda a seção de sabão em pó feito uma viciada em crack, depois ia para a dos amaciantes e dos detergentes. Eu gostava de ler todos os componentes químicos dos produtos e as vezes acontecia de eu passar horas e horas escolhendo entre uma maçã gala ou uma argentina.

Pegar um carrinho, pesar os produtos, escolher aqueles lá de trás que sempre tinham o prazo de validade mais longo me dava uma sensação de conforto familiar tão grande. Um enorme prazer.

Obviamente, eu sabia que esse gosto por supermercados não depunha ao meu favor, mas o que eu podia fazer se eu não passava de uma classe média?

Depois de muito perambular pelos corredores, saí do mercado quase cinco da tarde com o céu escuro como se fosse meia-noite. Dei um pulo na Starbucks e pedi um sanduíche de salmão com um balde de capuccino.

No The Independent não havia nenhuma notícia sobre o Brasil.

Brasil... o efeito da palavra repetida na minha cabeça se propagava como uma pedra atirada num lago. Não fazia tanto tempo assim que eu estava em Londres, mas minha vida no Brasil parecia tão distante, tão perdida no passado. Pequenos flashes começaram a piscar na minha mente. Quem terá sido promovido no meu lugar? Como estará meu apartamento? E, claro, a pergunta que não poderia faltar nesta sequência: Arthur. Será que ele sabia que eu havia me mudado para Londres? Fiquei pensando nas formas pelas quais a notícia poderia ter chegado ao conhecimento dele, até que de repente me dei conta da total falta de propósito daquela especulação toda. Seria tão bom se a medicina inventasse uma cirurgia capaz de pinçar do cérebro toda a memória referente a ex-amores. Eu me submeteria feliz a uma lobotomia que apagasse da minha mente todo o passado envolvendo Arthur e a depressão que ele me fizera amargar.

O bolso do meu casaco vibrou. Era uma mensagem telefônica.

Oi, aposto q vc ja ta metida no mercado. Ontem perdi a camiseta e a dignidade. O que este homem ta fazendo do meu lado? Minha cabeça ta estourando... Uma aspirina, please! Olli

Bem que Pá me alertou...

Chuviscava e a noite estava bem fria, o vento atravessava minha touca de lã fazendo um zumbido assustador nos meus ouvidos. Segui a rua deserta carregando as sacolas de compra e observando as casas de tijolinhos, havia algo de muito saudosista na composição muro baixinho e jardim florido. Para cada casinha, eu tentava achar uma diferença em relação às demais, como num jogo dos sete erros, mas elas eram praticamente idênticas.

Ainda faltava um quarteirão e meio para eu chegar no prédio e a chuva transformou-se num pé d'água. Perdi toda a minha classe e corri desvairadamente com as sacolas chacoalhando. Quando finalmente cheguei no prédio, a lei de Murph funcionou ao reverso e a portaria que vivia escancarada, estava fechada.

Droga! Justamente quando eu mais preciso desse portão quebrado, ele conserta!

Larguei as sacolas no chão de qualquer maneira, tirei as luvas e comecei a procurar a chave minúscula dentro da minha bolsa maiúscula. A chuva apertou em pingos e granizo. Revirei tudo procurando a maldita e nada. De repente notei que alguém atrás de mim abrira o portão.

Que sorte!

Agradei a gentileza sem nem olhar para a cara da criatura. Joguei tudo de volta na bolsa, catei minhas compras do chão e me atirei no prédio fugindo do toró. Eu estava pingando, completamente ensopada.

No hall de entrada, tirei o casaco molhado, a touca de lã e só então quando levantei a cabeça e preendi os cabelos num coque é que me dei conta da pessoa que me abrira a porta.

Nossa!!!! O que será que acontece ao cérebro quando vemos alguém extremamente bonito?

Fui atingida por uma onda de calor e não tive a menor dúvida. Ele só podia ser o tal vizinho que Olli mencionara.

Eu sabia que não pegava bem olhar tanto, mas quis aproveitar a oportunidade dele não ter me notado, enquanto recolhia algumas correspondências do chão, para reparar bem em sua figura que não era loura nem morena e era as duas coisas ao mesmo tempo, tinha a pele naturalmente bronzeada e um brilho dourado nos cabelos castanhos, como se ao nascer Deus tivesse mergulhado-o numa calda de caramelo. Era alto, forte e tinha olhos num tom de verde claro que eu jamais vira antes, meio fluorescente.

Foi então que ele se deu conta da minha presença e eu tive aquela sensação de desconforto que a gente tem quando está diante de uma celebridade.

- Chuvas de março! – ele disse num meio sorriso, passando a mão pelos cabelos molhados que lhe caíam pela testa.

Olhando de frente, constatei também que duas covinhas agregavam um efeito avassalador ao seu sorriso.

- Ah, pois é... – disfarcei a total falta de jeito.

- Dyllan. Muito prazer – ele deu um passo a frente e me estendeu a mão.

- Bia. Prazer. – o simples ato de tocar-lhe a mão me causou uma espécie de tontura, como uma

queda de pressão, só que leve.

Eu, heim! Coisa mais estranha...! Melhor ver isso...

- Acho que nunca nos vimos antes. – apurou.

É claro que não! Eu jamais esqueceria se o já tivesse visto antes, ainda que de relance.

- É, parece que não.

Ligeiramente atordoada, catei minhas sacolas porque sabia que não estava sendo nada natural e precisava me mandar dali antes que ele me achasse meio tantam, como diria Olli.

- Bem, eu vou indo então. Obrigada por me abrir a portaria. – agradei apressada.

- Espera. Eu levo para você. – ele ofereceu, vindo na direção das minhas sacolas.

- Não. Pode deixar.

- Mas eu também tô subindo.

- Ah, não precisa...

- Não faz o menor sentido você levar tudo sozinha e eu não levar nada, não acha? – disse divertido e em fração de segundos, já tinha nas mãos todas as minhas bolsas – Qual é mesmo o seu andar?

- O terceiro.

- Somos vizinhos de porta então.

Dyllan me deu passagem na escada e veio atrás carregando minhas coisas. Só de imaginar que ele podia estar olhando para minha bunda, fiquei mortificada.

Quando chegamos lá em cima, ele lançou:

- Escuta... posso perguntar uma coisa?

- Claro.

- De onde vem esse sotaque?

Percebi que a onda de calor que eu sentira minutos antes, subira toda para o meu rosto. Imaginei um tomate gigante no lugar da minha cabeça. Que bandeira, meu Deus...!

- Do Brasil.

- Brasil? – ele repetiu com entusiasmo e isso me encorajou um pouco mais – Eu sou comissária de bordo e a minha companhia me transferiu para cá.

- Comissária de bordo... – ele repetiu como se analisasse a informação – Deve ser legal passar a vida viajando por aí...

- No início é. Depois perde um pouco a graça.

- Bom, eu aposto que é bem mais legal que o meu trabalho.

- O que você faz?

- Sou jornalista.

- Parece legal.

- No início é. Depois perde um pouco a graça.

Nós rimos.

Ele divertido e eu, de nervoso.

Então o dia D finalmente chegou.

Eu estava ansiosíssima para aquele primeiro dia, queria saber logo quando começaria a voar, como era a equipe, a nova empresa, ou melhor, o braço europeu da Cia.

Ainda no Brasil, eu havia recebido muitas instruções da diretoria e estava comprometida a dar meu sangue para aquele projeto decolar, tanto que não conseguira pregar o olho a noite inteira. Abri o armário e chequei se o tailleur azul marinho estava bem passado umas duzentas vezes, lustrei os sapatos mais de quatrocentas, revi as apostilhas em inglês umas oitocentas, organizei meu material sei lá quantas. Estava tudo certo. Impecável. Mas toda vez que eu acabava de conferir uma coisa, um pensamento macabro vinha me assombrar e eu levantava da cama para refazer as mesmas ações de minutos antes como vítima de um transtorno obsessivo compulsivo.

Às cinco horas da manhã, portanto, eu já estava prontinha no sofá da sala, esperando o relógio dar dez para as seis para então seguir meu caminho em direção ao Heathrow.

A julgar pela louça limpa e pela ordem aparente – ordem aparente é só força de expressão – Olli não dormira em casa. Aliás, eu não o via desde a madrugada de sábado quando voltamos da Shampoo.

Dez para as seis, os ponteiros finalmente marcaram.

Olhei-me no espelho pela última vez, conferindo se nenhum fio de cabelo tivera o atrevimento de sair do lugar, peguei minha bolsa e parti rumo ao aeroporto com as mãos, as pernas e o coração trêmulos de ansiedade.

Tanta coisa dependia daquele dia...

Quarenta minutos mais tarde eu chegava na porta da Jet-air.

Então é aqui?, avaliei com admiração o prédio de cinco andares anexo ao aeroporto de Heathrow. Um filminho com imagens de Mariana insistindo na minha aplicação se desenrolou no meu inconsciente, me impulsionando a entrar com o pé direito e dar tudo de mim. Eu precisava tanto me sair bem. Estava gostando tanto de estar em Londres. Não queria falhar, não podia!

O sujeito grandalhão na portaria pediu que eu posasse para a polaroide no balcão e em seguida entregou-me um crachá provisório com minha foto meio desfocada. Talvez, fosse a tensão indisfarçável.

Apesar de toda minha experiência, ainda assim eu estava uma pilha de nervos. Então, ele me indicou o caminho da presidência no quinto andar e lá fui eu na direção dos elevadores.

Por que será que a presidência de todas as empresas fica sempre no último andar?

Então, afundando meu salto no carpete marfim que mais parecia a areia fofa da praia de Ipanema, cheguei à ante sala da presidência e me anunciei à recepcionista de cabelos grisalhos, aparentando a minha idade.

- Bom dia. – cumprimentei gentil, escondendo o nervosismo.

- Cedo demais. – Cabelos grisalhos murmurou de costas para mim, guardando algo no arquivo

– Nunca se chega cedo no primeiro dia de trabalho, sabia? – seu tom era de repreensão.

- Eu posso esperar... – fiquei sem graça por perceber que estava incomodando.
- Agora você sabe o que vai acontecer? – identifiquei a questão como aquele tipo de pergunta que o questionado nunca deve responder – Eu vou ter que te anunciar e interromper uma reunião cujo assunto era justamente como receber você e seus colegas!
- Ah... Me desculpe... Eu não quis...

Cabelos grisalhos resmungou alguma coisa num tom baixo, mas audível o suficiente para me fazer entender que minha presença a irritava.

- Sente-se aí que eu vou avisá-los que a primeira já chegou.
- Não precisa não. Eu posso esperar, sem problemas.
- Você por acaso está querendo ensinar como devo fazer meu trabalho?

Ai, meu Deus...

- Não, não, não... De maneira nenhuma...

Esse impasse todo me desestabilizou completamente. Quando cabelos grisalhos saiu arrastando sua figura antipática para a sala da presidência, eu fechei os olhos e comecei a negociar com Deus, envergonhada por incomodá-lo toda vez que as coisas apertavam para o meu lado.

Mas Deus foi misericordioso e mandou a providência divina: Dez minutos depois, os outros comissários começaram a chegar, de maneira que a ante sala lotou e eu já não me sentia tão embarçada por ter sido a primeira.

- Podem entrar. – ela rosnou às oito em ponto, abrindo-nos a porta para uma sala envidraçada, com vista para a pista de pouso do aeroporto. Na parede, uma imensa pintura expressionista de um Jumbo 747 me lembrou um pênis com asas. No canto, um pequeno buffet com biscoitos, torradas, chá e café, enquanto que ao redor da mesa de mogno, nossos nomes repousavam impressos em pastas de couro muito elegantes (Mariana ficaria louca por uma pasta daquela) ao lado de uma garrafa de água mineral Evian e uma taça de cristal.

“Miss Felizardo”, encontrei meu nome escrito em letras garrafais bem ao centro da mesa. Ótimo. Qualquer rodada de perguntas ou apresentações, eu não seria a primeira nem a última.

Então assim que nos instalamos, os quatro homens e as cinco mulheres que nos aguardavam na sala iniciaram as apresentações. O primeiro deles, o mais alto e magro de todos, apresentou-se como Michael Blurt, o gestor do grupo empresarial.

- Sejam bem-vindos à Jet-air. – ele tinha um gogó protuberante que se esticava e encolhia, como se ele fosse um peru, a medida que falava.

Em seguida, foi a vez dos demais apresentarem-se. O homem de bigode e cabelo repartido na orelha, era Simon Hosler, o piloto-chefe da frota, responsável máximo por todos os pilotos da Jet-air. O rapaz de óculos que provavelmente atingira a maioria na semana anterior era James Willians, o gerente de operações do projeto. A mulher baixinha que me lembrou um playmobil, com o cabelo cortado por uma tesoura de jardim cega, chamava-se Jane Smith, era a gestora de pessoal de cabine e, portanto, a pessoa com quem mais teríamos contato. E, por fim, Ania Wood, uma senhora distinta e elegante, gestora de recursos humanos.

Os demais eram só assistentes que, como tal, entraram mudos e saíram calados.

O sistema corporativo inglês era tão “projetizado”, que não existia as figuras do chefe ou diretor. Todos se intitulavam gestores de alguma coisa, portanto eu pensava se, trabalhando na

Inglaterra, ao invés de “Chefe de Cabine”, eu teria no crachá “Gestora de Cabine”.

A tensão era evidente. Apesar disso, ou talvez por causa disso, a rodada de apresentações foi relativamente descontraída com as pessoas dando risadinhas nervosas após dizer o nome e o tempo de experiência na aviação.

Quando então o último comissário se apresentou, cabelos grisalhos apareceu, – acho que ela estava com o ouvido colado na porta só esperando a deixa para entrar – enfiou energicamente uns papéis na frente do Sr. Michael Blurt que, obediente, tirou a Mont Blanc do bolso e assinou tudo sem nem conferir. Finalmente, cabelos grisalhos botou a papelada debaixo do braço e saiu da sala do mesmo jeito que entrou, de cara amarrada.

Pelo olhar submisso do Sr. Michael Blurt, notei que ele também tinha medo dela.

Nas quase oito horas de indução que se seguiram, assistimos à apresentação sobre a política de RH, incluindo informações salariais e planos de carreira para os funcionários de cabine; Fomos informados sobre os altos investimentos do projeto de expansão das linhas aéreas para a América do Sul e Oriente Médio; Vimos gráficos e mais gráficos sobre a expectativa de lucro em relação à ampliação do mercado; E, de quebra, assistimos dois vídeos de oitenta minutos sobre testes e procedimentos de segurança que já estávamos carecas de saber.

Como todo primeiro dia de trabalho, bombardearam-nos com informações, porém nenhuma realmente útil. Eu me limitei a aprender onde ficava o DO e a máquina de café porque a informação mais importante, aquela que realmente nos importava, simplesmente não veio. Quando começaríamos a voar?

Ninguém mencionou. Ninguém nem sequer tocou no assunto.

Exceto pela forma polida dos ingleses, nada foi novidade e tenho certeza que tampouco para os meus colegas.

No fim das contas, todo aquele discurso poderia ser traduzido em três mensagens básicas:

- 1 – Estamos com dinheiro e a empresa está crescendo.
- 2 – Tem trabalho pra caramba e nós vamos arrancar o couro de vocês.
- 3 – Não, vocês não vão receber nenhum centavo a mais por isso.

Às oito e meia da noite cheguei em casa morta de cansaço e me deparei com Olli escarrapachado no sofá pintando as unhas de preto.

- Olá! – cumprimentei da porta, impregnando o ambiente com o meu bom humor.

- Oi.

- Deu tudo certo, Olli! – tirei os sapatos, pendurei o sobretudo e larguei a bolsa em cima da mesa – Quer dizer, foi um dia cheio. Vídeos, reuniões, apresentações... Mas me saí bem e deu tudo certo! – disse, encaminhando-me à cozinha – Quer um copo d'água?

- Não.

Pelas respostas monossilábicas, saquei que Olli não estava num bom dia.

- Hei, que bicho te mordeu, heim? – gritei na direção da sala.

- Não foi um bicho. Foi uma bicha!

- Por acaso Brent tem alguma coisa a ver com isso? – de volta à sala, me sentei com os pés no sofá e peguei uma lixa de unha na caixinha de esmaltes dele.

- Ai, desculpe, Bia. Estou feliz por ter dado tudo certo lá no seu trabalho, mas é que eu tô grilado.

- Por que?

- Porque eu não devia ter trazido Brent para cá no sábado.

- Talvez você goste dele...

- Aí é que tá, eu não quero gostar dele. Aliás, de ninguém. Quero focar na minha carreira, na fashion week que está vindo daqui há três meses. – Olli desabafou – A gente já tentou antes e não deu certo. Brent é fotógrafo, sem rumo, inconstante, imprevisível... Não quero essa lenga-lenga toda de novo.

Imediatamente, lembrei-me que Arthur era advogado e fora igualmente imprevisível. Porém, não fiz comentário algum e me impressionei com a naturalidade que o pensamento veio e deu meia volta.

Joguei a lixa de unha de volta na caixinha de Olli, levantei-me do sofá e segui para o quarto, quando então me lembrei de um detalhe e voltei.

- Olli.

- Humm? – ele balbuciou com o pauzinho de laranjeira na boca.

- Conheci o nosso vizinho de porta.

- O Australiano? – ele perguntou empolgado.

- Ele é Australiano?

- É. Quando foi que você esbarrou com ele?

- Ontem à noite.

- E aí?

- E aí o quê?

- O que você achou?

- Ah...

- Que homem, né? – comentou Olli, esperando minha concordância.

- Que homem! – eu só podia concordar mesmo.

De repente, Olli parou e me analisou atentamente.

- O que foi? – perguntei sem entender.

- Já vi tudo... – ele deu uma risadinha meio irônica – Aposto o meu ovário esquerdo se você não vai cair na lábia dele.

- Bom, para começo de conversa você não tem ovário e para terminar, eu tô amando a solidão, tudo o que eu menos quero e preciso nesse momento é me envolver com um vizinho mulherengo.

- Nem se ele for lindo de morrer? – Olli desafiou.

- Nem se ele for lindo de morrer. – esclareci segura. – Aliás, para mim esse é justamente o problema: Ele é lindo de morrer.

- Ele deve ter algum defeito...

- E tem, de caráter. Aposto.

Mas Olli não se deu por convencido.

- Eu tô no páreo também, viu malôca? – ele disse em tom de ameaça – Dyllan é hétero, mas, você sabe, eu tenho as minhas armas e essas coisas mudam...

Dei uma gargalhada de perder o fôlego.

- Se enxerga, Olli!

31.

Março chegara ao fim e com ele se fora também os dias de frio intenso.

Nossa equipe estava reunida há apenas três semanas, mas já tínhamos bastante entrosamento e toda uma rotina de trabalho esquematizada. O início das operações fora finalmente divulgado e aguardávamos aquele dia como crianças esperam pelo Natal.

Basicamente, a implantação das novas linhas da Jet-air fora definida para acontecer em duas etapas. A primeira, prevista para a segunda semana de abril, seria apenas a expansão dos voos para o Oriente Médio, incluindo então destinos como Emirados Árabes, Israel, Omã, Jordânia, Arábia Saudita e Iêmen. A segunda, prevista para o segundo semestre do ano, englobaria a América do Sul com voos para o Brasil, Argentina, Colômbia, Chile e Venezuela.

Os dois Air bus 340-600 novinhos em folha e recém chegados do hangar de Toulouse, já estavam na zona de decolagem apenas aguardando a tripulação para os testes preliminares no solo.

Além disso, vínhamos de uma rígida bateria de entrevistas junto aos consulados dos países do Oriente Médio para aquisição dos vistos de voo naqueles destinos.

Enfim, eu estava completamente atolada de trabalho. Eram tantos compromissos que respirar me deixava exausta.

Apesar disso, eu estava motivada e encarava tudo como um grande desafio. Desde que aceitara a transferência para Londres, eu tinha a mania de querer compensar na vida profissional toda frustração que sentia no campo afetivo. Minha vida sentimental tinha ido por água abaixo e, à beira dos trinta, convenhamos, eu precisaria de uma boa dose de sorte para conhecer um homem – solteiro, honesto, apresentável, heterossexual e com menos de setenta anos – que se interessasse em se casar, ter filhos e todas essas coisas que os homens fogem mais do que o diabo da cruz. Ou seja, só milagre mesmo. O mais provável é que quando a coisa comesse a apertar, eu acabasse recorrendo à internet para me relacionar com homens que mentem a idade, a profissão e a foto, jurando de pés juntos para as minhas amigas que ser solteirona foi opção minha, mesmo saindo no tapa pelo buquê nas festas de casamento.

Enfim, a minha vida sentimental podia até ser um fracasso, mas no campo profissional eu ainda tinha o meu valor e sentia que era capaz de realizar muitos projetos. Muitos mesmo. A Jet-air era um deles. Eu recuperara toda a minha autoconfiança, voltara a acreditar em mim, no meu talento e na minha capacidade de desenvolvimento. Vinha me saindo muito bem no treinamento individual e sabia que caíra nas graças da cúpula internacional.

Mas ainda assim não era o bastante.

Eu queria mais. Precisava me ver voando e cheia de responsabilidades para provar a mim mesma porque eu fora escolhida naquela entrevista – mesmo bêbada feito uma alcoólatra – e

agregar mais sentido à minha vida em Londres.

A fase de treinamento também me criou uma rotina pessoal. De segunda a sexta eu acordava às seis, pegava o metrô em Camden às seis e quarenta e seguia para o Heathrow. Na remota possibilidade de conseguir almoçar, jamais fazia isto antes das duas. Passava o dia envolvida nos treinamentos e só lá pelas sete da noite voltava para casa. Algumas vezes eu passava no supermercado, mas já não tinha mais tempo para cheirar toda a seção de sabão em pó. Tinha saudade do tempo em que eu me dava ao luxo de pegar um carrinho, porque agora era tudo na cestinha mesmo e olhe lá.

Mas eu preferia a energia da agitação ao ócio, a utilidade ao ostracismo. Adorava a sensação de ter um monte de coisas para fazer e me sentir sempre em cima da hora para uma reunião.

Então, passada a maratona das duas primeiras semanas de treinamento, terminei a sexta-feira com três ligações perdidas e duas mensagens de texto no celular.

Indo para o Shakespeare Heart tomar um chopp. Topas? Olli

Oi, Bia, marquei nosso cabeleireiro para o primeiro horário de amanhã. Te espero na saída de Covent Garden às 11. XXX Pa

Eu estava exausta, meu cabelo estava imundo, minhas unhas um desastre, – a depilação não era problema porque naquele marasmo que andava a minha vida sexual, eu era a única pessoa que me via pelada – não havia em mim nenhum pinguinho de ânimo para encarar uma noite inteira num lugar apinhado de gente e voltar para casa rouca depois de passar a noite competindo com o DJ.

No way.

Eu estava com muita saudade do meu edredom!

Decidi tirar aquela sexta-feira só para mim. Nada de pubs, nada de extravagâncias, nada de boate gay. Ia para casa tomar banho de óleos aromáticos, assistir um filminho na TV e hibernar feito uma anja.

Entrei na Marks & Spencer, botei na cestinha um saco de pipoca de microondas, uma garrafa de Dr. Peper, um pote de Häagen-Dazs (sabor pralines) e, só para quebrar a abstinência, me encaminhei para a seção do sabão em pó.

De repente, tomei um susto! Senti algo tocar a minha cintura, virei-me imediatamente e quase desmaiei quando dei de cara com Dyllan.

- Oi, – ele sorriu com os olhos – reconheci você de longe!

Cuidei para que ele não percebesse, mas eu estava absolutamente encantada por revê-lo. Que sorte a minha ter ido ao Marks & Spencer!, pensei. Já pensou se eu tivesse ido ao Waitrose?

- Ah... Oi – titubeei.

- Nunca mais te vi. – na frase estava subliminarmente inserida uma pergunta, portanto, me coube um comentário em resposta.

- É o trabalho.

- Viajando muito?

- Na verdade não. Devo começar a voar só daqui a duas semanas. Por enquanto tenho feito apenas treinamentos.

Enquanto eu falava, Dyllan olhava fixamente para a minha boca, deixando-me absurdamente perturbada.

- Sei... – ele pareceu um pouco hesitante, mas depois prosseguiu – Algum plano para hoje à noite? – perguntou como quem não quer nada. A blusa de gola pólo branca fazia suas costas parecerem ainda mais largas que no dia da chuva.

- Não, como você pode ver pelo meu carrinho. – as minhas compras falavam por mim – Tive uma semana cheia, vou ficar em casa mesmo.

Então ele me sorriu de uma forma super sedutora e eu tentei não dar tanta bandeira como no dia da chuva, mas acho que foi em vão. Dyllan era impactante como uma escultura. Quer dizer, não como as esculturas de Giacometti. Tinha a beleza simples e imponente de um deus grego, mas não Baco. Enfim, Dyllan era lindo e único como ele mesmo.

No dia da chuva, quando eu entrei em casa fiquei me perguntando se Dyllan era realmente aquilo tudo ou se não fora eu, com meu critério de avaliação capenga que maquiara a realidade. Talvez Dyllan não passasse de um homem normal e eu é que exagerara na análise. Mas não. Agora eu tinha a prova real e decididamente ele tinha um brilho diferente. Qualquer mulher concordaria comigo, haja vista a seção de doces e chocolates que repentinamente ficou congestionada. Como em Londres, a seção dos diets era muito mais badalada que a dos chocolates e eu nem estava usando o Chanel bicolor de Pá, só pude supor que era Dyllan a razão do olhar de cobiça que as mulheres ao redor lançavam contra mim.

Ah, quem me dera!, pensei bem-humorada ao perceber que ali, no meio do mercado, dávamos a ideia de um casal.

- Em casa sexta-feira à noite... – Dyllan ponderou – Seu namorado é um cara de sorte.

Eu não era boba e sabia muito bem que aquele comentário era um verde para colher maduro.

- Eu não tenho namorado. – dei de bandeja a informação que ele queria.

Homens muito bonitos sempre me deixaram com um pé atrás. Não que estivesse passando pela minha cabeça ter alguma coisa com Dyllan, porque eu tinha noção da realidade e sabia que ele era muita areia para o meu caminhãozinho, mas supondo – e apenas supondo – que ele estivesse interessado em mim, eu desanimava só de imaginar o trabalho que daria administrar um homem extremamente bonito como ele. Além disso, eu sabia por experiências de amigas que homens estonteantes são sempre uma grande dor de cabeça porque nunca, jamais, em tempo algum, levam uma mulher normal – no caso, como eu – a sério. Aliás, caras como Dyllan não levam a sério nem as mulheres lindas de morrer como ele.

Então se alguma coisa viesse a rolar entre nós, o máximo que eu poderia esperar eram uns beijos ou, com sorte, algo mais – enfim, não preciso explicar, né? – mas o problema é que eu ainda estava vulnerável demais para correr o risco de me apaixonar por alguém. E me envolver com Dyllan seria minha maior desgraça porque eu jamais teria equilíbrio emocional para suportar as crises de ciúme que eu me veria acometida quando desse de cara com outras mulheres saindo do apartamento dele.

Resumindo, Dyllan era carta fora do meu baralho, maçã demais para minha cesta, chuva

demais para minha horta, fubá demais para o meu angu. E de desilusão eu já estava expert.

Sim, ele era um gato. Mas não, não era para o meu bico. Tudo bem, já valia o colírio.

Achei por bem cortar aquele clima de flerte que não ia dar em nada mesmo e me apressei.

- Bom, agora eu tenho que ir andando. Tchau. – fiz menção de seguir caminho, mas ele me surpreendeu com um beijo de despedida (no rosto, acalmem-se!). O que eu podia fazer? Recusar? Também não sejamos assim tão radicais. Além do mais, eu acabaria perdendo a chance de, por três segundos, sentir suas mãos quentes nos meus ombros, enquanto seus lábios firmes tocavam o meu rosto de um jeito muito envolvente – entendam que na seca que eu estava, esse fora o contato mais íntimo que eu tivera com um homem de verdade desde que chegara em Londres.

Então, segui para a fila do caixa sentindo as pernas bambas e o coração na boca. De tão desnorteada, até desisti de ir cheirar a seção de sabão em pó.

Subitamente, Dyllan veio atrás de mim.

- Bia! Amanhã vai rolar o aniversário de uma amiga lá no Gloucester`s, aqui em Camden mesmo. Aparece lá! – Será que eu podia considerar isso um convite para sair?, fiquei eufórica – Ah, e leva o Olli também. – Putz, botou Olli na jogada... Infelizmente, não era um convite para sair.

Cheguei em casa e fui direto para o computador. Só com muita sorte, eu encontraria Mariana online em plena sexta-feira à noite. Bem, considerando que no Brasil eram quatro horas mais cedo. Talvez, a sorte estivesse a meu favor.

Entrei no MSN e o perfil de Mariana apareceu “away”.

BiaRJ diz:

Vc tai?

MaRi diz:

Tô + já vou sair.

Tudo bem?

Quero saber como foi a primeira semana na Jet-air.

BiaRJ diz:

Ritmo puxado...

A gente começa a voar esse mes.

MaRi diz:

Só p/ oriente médio?

BiaRJ diz:

Yes

MaRi diz:

Quero saber +, mas tenho que sair agora... me escreve um email contando.

BiaRJ diz:

Sure.

Ah... so uma coisinha... vc nao tem nocao do meu vizinho!

Gato, gato, gato!

MaRi diz:

Sério?

BiaRJ diz:

Serissimo!

Alto nivel, Mari! Perfeito.

MaRi diz:

Vc vai investir?

BiaRJ diz:

Nao, homens bonitos nao sao do bem.

MaRi diz:

E homens do bem não são bonitos.

BiaRJ diz:

Homens bonitos e do bem sao gays.

MaRi diz:

Homens bonitos, do bem e não gays, são casados.

BiaRJ diz:

Homens bonitos, do bem, nao gays e solteiros, sao galinhas.

MaRi diz:

Ou pior, homens bonitos, do bem, não gays e solteiros não acham a gente tão interessante assim.

BiaRJ diz:

Que sacanagem, ne?

MaRi diz:

Agora preciso ir.

Ah, já ia esquecendo...

Você tem que mandar o dinheiro da taxa de condomínio do seu apartamento.

Já recebi o boleto de abril.

BiaRJ diz:

:-(

Tá bom. Vou depositar na sua conta.

MaRi diz:

Parece que mês que vem tem a primeira parcela do IPTU também.

BiaRJ diz:

Quanto?

MaRi diz:

Não sei.

Te ligo no domingo.

BiaRJ diz:

ok.

Love you.

MaRi diz:

Eu tb.

32.

Acordei na manhã de sábado com uma tragédia: Estava menstruada!

Só há uma coisa pior do que ficar menstruada. É ficar menstruada e descobrir que o absorvente acabou.

Graças a Deus, eu não morava sozinha.

- Olli! – enfiei a cabeça para fora do banheiro e chamei-o – Olli! – insisti educada, mas ele continuou se fingindo de morto e não respondeu. Eu sabia que ele já estava acordado – OLLIIIIIIII! – berrei e ele apareceu num segundo.

- Mas que bodega é essa, minha gente?! – ele exclamou – Que foi?! Pirou?

- Preciso da sua ajuda! Me traz uma caneta e um papel, por favor! – esbravejei de dentro do banheiro, com a porta trancada, totalmente alucinada pela cólica.

- Jura que você me chamou aqui só para isso?! – retrucou – Por que você mesma não sai e pega?

- Por que eu estou impossibilitada. – esclareci.

- Que foi, heim? Tá de chico? – se Olli soubesse o quanto eu repudiava, odiava, detestava e repugnava essa expressão, ele jamais teria usado-a para mim.

Muito a contragosto, Olli passou uma caneta e um bloquinho de papel por baixo da porta do banheiro.

- Quem ficava de chico era a sua vó! – engrossei – Eu estou menstruada. – falei, enquanto escrevia no bloquinho a palavra “OB mini”.

- Ainda bem que eu não nasci mulher... – percebi que do lado de fora, a voz dele se distanciara.

- Hei, volta aqui Olli, por favor! Eu preciso da sua ajuda!

- Oh, Jesus, livrai-me dessa mulher chata... – reclamou de volta. – Fala. O que mais você quer? Passei o bloquinho com a palavra “OB Mini” escrita, por baixo da porta.

- Eu preciso que você pegue esse papelzinho e dê um pulo lá na farmácia, por favor.

- Ih, vai dar não... – Olli tirou o corpo fora, eu sabia que ele ia fazer isso!

- Olli, você não tá entendendo a gravidade do problema. – eu estava entrando em desespero – O meu absorvente acabou e eu tô praticamente tendo uma hemorragia.

- Ah, Bia, vai você na farmácia e compra, ué!

- É caso de vida ou morte, Olli! – botando as coisas assim, dramaticamente, talvez eu o convencesse.

- Não vem não que eu também sei um monte de frases de efeito!

Respirei fundo.

- A Pá tá me esperando às onze lá no centro! Quebra esse galho, por favor...

Percebi que ele pegou o papelzinho do chão.

- Nossa, que garrancho! Não dá para ler necas de pitibiriba! – Olli estava botando dificuldade só para cair fora.

- OB MINI! – gritei.

- Se gritar eu não vou. – ele chantageou.

- Ok. O tempo que estamos aqui discutindo, você já poderia estar de volta, Olli. *Pelamordedeus*, faz esse favor para mim! – supliquei – Só hoje.

- Ai, tá bom. Mas olha, não vai se acostumando não, heim! – graças a Deus ele aceitou.

- Não, eu juro que não. É a última vez. Tem dinheiro na minha bolsa. Eu vou tomar banho e você pode deixar aí na mesa da sala que eu pego quando sair daqui.

- Mais alguma ordem, sinhazinha?

- Não. Quer dizer, só mais uma coisinha. Você pode pegar minha touca plástica aí no quarto, por favor?

- Eu mereço...

- Ai, Olli, deixa de ser assim, é só um favorzinho, eu não posso molhar o cabelo porque vou ao

salão e... – fui abruptamente interrompida.

- Toma aqui essa merda! – ele jogou a touca pela fresta da porta.

- Obrigadinha.

Apesar das primeiras horas do dia um tanto quanto conturbadas, eu ainda acreditava numa virada e tinha muitas esperanças de um sábado legal. Mesmo tendo que contar com a boa vontade de Olli, mesmo me contorcendo de cólica, a minha fé era inabalável.

De qualquer forma, não custava nada dar uma força ao plano astral. Então acendi umas velinhas aromáticas e me besuntei com o óleo de lótus que, segundo a vendedora atraía energias positivas e favorecia o equilíbrio espiritual. Exatamente o que eu precisava!

Mas por mais que eu tentasse relaxar, a dor me impedia. A cólica daquele mês veio com tanta força que eu senti vontade de chorar.

Lentamente, escorreguei o corpo na parede de ladrilho e me abaixei até deitar-me, joguei as pernas para fora da banheira e posicionei minha barriga bem na direção da ducha. A pressão do jato d'água morno no meu ovário deu uma trégua na dor e eu fiquei pensando que tanta cólica só podia ser um motim, uma rebelião de óvulos descontentes com a escassez total de espermatozoides para fecundá-los. Eles me atacavam daquela forma cruel para reivindicar melhores oportunidades de trabalho. Mas o que eu podia fazer? Eu compreendia perfeitamente o quanto o meu aparelho reprodutor se sentia subaproveitado, coitado, e lamentava profundamente o fato de todos os meses desperdiçar óvulos saudáveis que logo começariam a envelhecer, mas não havia absolutamente nada que eu pudesse fazer por eles.

Então, mais relaxada, porém um pouco deprimida com a situação dos meus óvulos, saí do banho cambaleante enrolada na toalha de vaca, esperando encontrar uma linda caixinha de OB Mini sob a mesa da sala.

Mas o destino não quis assim e a droga do OB não estava lá.

Nem Olli.

No entanto, levei o maior de todos os sustos.

Tinha um homem sentado no sofá.

Era Dyllan.

O inusitado de sua presença exuberante no meio da sala foi um impacto tão grande que no choque, dei um passo para trás. Num gesto mais ágil que a velocidade da luz, arranquei a touca plástica que eu tinha na cabeça e esqueci por completo a cólica e a picuinha com Olli. Foi impressionante a rapidez com que toda essa sequência de ações aconteceu.

Meu Deus, esse cara deve estar muito a fim de mim para ir invadindo assim meu apartamento..., pensei envaidecida.

Lutei por um pouco de ar quando ele levantou-se do sofá e interrompeu meus pensamentos libidinosos.

- Desculpe entrar assim... - ele começou.

Tudo bem que não houvesse a menor chance de Dyllan me levar a sério, mas não chovia na minha horta há muito tempo. Comecei a achar que, de repente, quem sabe...

- Você... hum... quer falar comigo? – tentei parecer sensual, embora isso fosse quase impossível enrolada numa toalha de vaca e tendo uma touca nas mãos.

- Sim, vim entregar o seu OB Mini. – disparou ele me entregando duas caixinhas de absorvente que no meu surto de luxúria nem notara.

Meu Deus... isso não está acontecendo!

Eu não soube onde enfiar a cara. É claro que ele não fora ali por minha causa. Que viagem a minha, pensar diferente! Quase desmaiei de tanto constrangimento.

Eu não sabia bem o que tinha acontecido, mas uma coisa era certa: Tinha dedo de Olli naquela confusão.

Eu ia matar aquela bicha!

- Ah, claro. – disse passada de vergonha.

- Eu fiquei meio na dúvida quanto ao tamanho porque você escreveu aqui “OB Mini” – disse mostrando-me o papel que eu escrevera para Olli – e eu fiquei sem saber se era o mini ultra seco ou o mini super. Enfim, na dúvida comprei os dois, mas a mulher na farmácia me disse que o mini super é um pouco maior que o mini ultra seco. Bem, se não for nenhum desses, pode falar que eu desço lá agora mesmo e trago o seu preferido.

Não estamos tendo essa conversa. É tudo um devaneio. Eu vou fechar os olhos e ele não estará mais aqui.

Olha só a situação ridícula em que Olli me colocara discutindo ali, seminua, enrolada numa toalha, o tamanho da minha vagina com o vizinho. Sério, eu ia esfaquear Olli!

- Está ótimo. Muito obrigada, mas... hum... você por acaso sabe do Olli? – perguntei tentando parecer calma, porém ligeiramente histérica.

- Não. Eu estava saindo de casa na mesma hora que ele, então ele me perguntou se eu podia dar um pulo na farmácia para comprar uma caixa de absorventes para você. Ele me deu esse papel aqui e disse que deixaria a porta encostada para quando eu voltasse, mas quando voltei ele já não estava mais e eu fiquei aqui esperando alguém aparecer.

- Puxa, desculpe ter te dado tanto trabalho. – eu estava possuída de ódio.

- Não foi trabalho nenhum. – Dyllan disse prestativo.

Ai, meu Deus, o dinheiro! Eu podia apostar que Olli sequer dera o dinheiro do OB.

- Só um minuto que eu vou pegar o dinheiro.

- Por favor, não faça isso!

- Bem, obrigada mais uma vez então. Eu tenho um compromisso agora. – informei completamente sem graça.

- Claro, claro. Eu já vou indo também. – disse dirigindo-se à porta. – Tchau.

- Tchau.

- Ah, não se esqueça... Aparece lá no Gloucester's mais tarde. Vai ser legal.

Obviamente que depois daquele mico eu não ia a lugar nenhum.

- Claro. Vou sim. – menti. – Tchau.

- Só vou aparar e escovar, ok?

- *Oui*. Pode sentar-se na *cadeirra*.
- Só aparar mesmo, tá? Um centímetro.
- *Comperrendi*.
- São só as pontinhas. Você tem uma régua aí para eu te mostrar?

Por algum motivo que foge à compreensão humana, cabeleireiros não tem o mesmo conceito de medida que o resto da humanidade. É por esta razão que muitas vezes quando a gente fala “aparar as pontas” eles entendem “me deixe careca”. Eu tinha trauma por já ter engolido o choro várias vezes ao me olhar no espelho, depois de um corte. Portanto, levando em consideração que eu jamais vira Fleur na vida (se pronuncia Flô) e que aquela era a primeira vez que eu pisava em seu ateliê de beleza (Pá havia me alertado que em hipótese alguma eu poderia usar a expressão “salão de beleza”, sob o risco de Fleur ter uma síncope nervosa e cair duro no chão) achei por bem ser o mais repetitiva possível quanto a minha intenção de ter apenas as pontas, e não o cabelo todo, cortado.

Fleur era aquele tipo de gente baixinha e gordinha que usa um monte de echarpe e roupas de seda porque acha que parecer esvoaçante emagrece.

Apesar do forte sotaque oriundo dos pirineus franceses, Fleur era albanês e guardava esse detalhe no mais absoluto sigilo. Obviamente, ele sabia que a elegância francesa impressionava a clientela e dava muito mais respaldo à quantidade de zeros que ostentava a lista de preços na entrada de seu salão de b... ops! De seu ateliê de beleza!

- Confia no Fleur que ele é poderoso, Bia. – Pá aconselhou-me.
- *No ter porroblemá. Je comperreendê la TePeMê.*
- Como é que você sabe que eu estou na TPM?
- *Je possô ver pelô seu cabelô.*

Hã?

- Dá para ver essas coisas pelo cabelo? – perguntei surpresa porque isso não fazia o menor sentido, onde já se viu... cada uma... pensando bem, será que dava mesmo para ver essas coisas pelo cabelo?

- *Absolument! Las madeichas parllez comigô, mon chéri.* – gabou-se Fleur, ajustando em seu corpo roliço um avental de couro, cheio de bolsinhos com tesouras e navalhas – E as suas *nom* estão *satisfait*.

- Elas te disseram isso também, suponho. – lancei meio desconfiada.

- *Oui*. Seu *cabelô* está *perrecisandô* de um *up agorra!* – ele exclamou cheio de pompa e esplendor, como se definisse o cabelo de Scarlett Johansson para o próximo filme de Woody Allen.

- Desculpa dizer, mas eu também acho, Bia.

Me olhei no espelho com ar crítico. Realmente, tive que concordar. Com o cabelo repartido no meio em maria chiquinhas presas com piranhas coloridas de cada lado da cabeça eu precisava mesmo de um up. *Agorra!*

- Um *repicadô laterral deixarria* seu *rostô tré-bien!* – Fleur bateu uma palminha no fim da frase, como se fosse o ponto final.

- Também acho. – Pá concordou de pronto. Se Fleur tivesse sugerido raspar minha cabeça e fazer um implante de fios nas sobrancelhas, ela teria concordado da mesma forma. Eu conhecia bem o fenômeno, era a famosa síndrome do companheirismo feminino, que se desenvolve nos salões de beleza.

Por alguma razão que a ciência nunca explicou, no salão de beleza as mulheres ficam mais unidas e vulneráveis. Como se a presença do cabeleireiro exterminasse nelas todo o instinto de disputa natural, despertando um corporativismo que se manifesta através de opiniões – que ninguém pediu – no cabelo da colega ao lado, sempre encorajando-a à mudança mais radical possível, independente de conhecê-la há um minuto ou um ano.

- Repicadô? Nem pensar! Meu cabelo vai armar. – recusei no ato.

- *J'ai la technique, mon chéri.* – disse Fleur afetado, tocando o peito com a pontinha dos dedos.

- Mas meu cabelo sempre foi assim...

Silêncio total.

Nenhum dos dois disse uma palavra. Fleur elevou as sobrancelhas, baixou a cabeça e balançou o corpo gorducho para trás e para frente, enquanto Pá olhou para o chão, analisando as unhas dos pés.

- Eu já fiz varias mudanças, gente! – me apressei em explicar – Mas é que ultimamente só... – por alguma razão, me senti embaraçada em admitir – só aparo as pontinhas.

Fleur transferiu o peso do corpo de uma perna para a outra e olhou para a janela. Pá passou a analisar as unhas das mãos.

- Olha, se vocês estão achando que eu sou o tipo de mulher que não experimenta novidades, fiquem sabendo que eu já fiz cortes muito radicais, viu? Teve até uma vez que eu cortei o cabelo curtinho... – obviamente, não mencionei que isso foi aos sete anos de idade, na segunda-série, depois de um surto de piolho na escola.

Fleur botou as mãos para trás e coçou a nuca com a tesoura enquanto Pá voltou a analisar as unhas dos pés.

O silêncio deles me balançou.

Me toquei que o costume era a maior de todas as justificativas para uma quebra de rotina.

Então Fleur estendeu o avental branco ao meu redor e virou a cadeira de costas para o espelho, de modo que eu não pudesse me ver durante o corte. Segundo ele, minha ansiedade podia “perrejudicar todo o tarrabalhê”.

Minha testa começou a transpirar quando vi mechas do meu cabelo plainando pelo ar no ritmo louco dos click-claks da tesoura dourada de Fleur. Olhei para baixo e intuí que pela quantidade de cabelo no chão, devia haver muito pouco na minha cabeça.

Entrei em pânico.

- Chega, Fleur!
- Já está *parraticamente porronto, mon chéri*.
- Pode parar! Para mim já tá bom.
- Só mais um *peu*.
- Tá cortando muito, Fleur...
- Como é que você sabe? Você nem tá vendo! – questionou Pá e eu lhe lancei um olhar fulminante.
- Estou vendo sim! Olha quanto cabelo no chão!
- *Voilà! Finalisé!*

Então Fleur posicionou-se na minha frente e começou a medir matematicamente as pontas dos meus fios de um lado para o outro, como um engenheiro diante de um viaduto recém-construído. Depois de alguns minutos de tensão, análise e nenhuma palavra, ele disparou:

- Ainda tá faltando alguma *chose*.

Ai meu Deus...

- Também acho. – adivinha quem disse?
- Uma balayage... – Fleur falou num tom de voz bem baixo, como se não estivesse falando e sim pensando. – É isso mesmo! Você *perrecisa* de *un* balayage!

Olha só a ideia!

- Pode esquecer! – rejeitei veementemente – Eu vou ficar loura, Fleur. Não vai dar certo. – fui me levantando da cadeira, já pronta para retirar o avental.
- *Non* vai *non*. – com uma precisão cirúrgica, ele me empurrou com a pontinha do pente e eu caí de volta na cadeira – *Petit, mon chéri!* – Fleur girou num pé só e retirou da gaveta um mostruário de cores que enfiou no meu colo – Está vendo esta cor aqui?
- Sim. Dourado 6.2.1 – li exatamente como estava escrito.
- *Est-ce ce* que você *perrecisa*.
- Vai ficar maravilhoso, Bia! – Pá estava vibrando com mais uma transformação diante de seus ávidos olhinhos.

Depois do corte repicado e da balayage, Fleur me convenceu que era impreterível uma hidratação. Por que será que cabeleireiros são figuras tão persuasivas?

Então, quando Fleur terminou de secar meu cabelo, sua assistente girou minha cadeira e eu fui apresentada a uma nova Bia.

Fiquei completamente atônita, boquiaberta com a imagem que vi refletida no espelho. Segundos de silêncio seguiram-se à espera da minha reação.

- Amei! – a palavra finalmente saiu e dessa vez eu não estava mentindo para ser educada. Era a mais pura verdade. Meu cabelo continuava castanho e comprido, mas as camadas, o franjão e as mechas me deram um ar cintilante. Ultra moderno.

Pá também estava esplendorosa depois do banho de brilho nos cabelos louros. Mas ela era francesa e isso por si já a colocava numa categoria superior das mulheres. Ser divina estava intrínseco à sua natureza.

Deixei o salão sentindo-me muito mais leve. Leve mesmo. Literalmente. Devido às duzentas e

setenta libras que tive de deixar no ateliê de beleza de Fleur. Isto porque o salão do Fleur era aquele tipo de estabelecimento comercial em que nada custa o preço que está na lista. Aliás, em geral, tudo custa pelo menos o dobro, mas a gente só descobre isso quando já está digitando a senha do cartão de crédito na maquininha.

Com um discurso bem decorado de assistente de telemarketing, a recepcionista me explicou que a razão para minha conta ter custado quase o valor de uma passagem para o Japão é que todos os meus serviços foram feitos pelo próprio Fleur e os preços da lista referiam-se ao preço dos serviços feitos pelos outros cabeleireiros.

Ahhhh... tá!, eu ainda tive que fazer cara de que a explicação era convincente e tudo fazia mais sentido depois dela.

Enfim, apesar de toda a minha apreensão, o cartão de crédito passou.

Ufa...!, como tudo na vida tem sempre dois lados, além de estar feliz com minha aparência, a visita a Fleur significara também uma outra coisa muito importante: Eu estava durinha da Silva.

- Vamos comer alguma coisa. – Pá sugeriu na saída do salão.

- Só se for no Mc Donalds e eu puder pagar com o meu Nectar card.

- Vem, estou te convidando.

Lá fomos nós com nossos novos cabelos balançando ao vento em direção ao Café Rouge. Duas saladas de endívia – a minha com molho de mostarda, a dela com molho de ervas – e duas diet-cokes foi o nosso almoço.

Durante a sobremesa – torta de maçã com canela – contei à Pá sobre o episódio do OB Mini. Porém, ao invés de tomar minhas dores, Pá se acabou de rir, jorrando diet-coke pelo nariz. Fiquei meio cabreira.

- Ai, ai, ai... – suspirou Pá, com os olhos lacrimejando, depois de ter passado cinco minutos numa gargalhada contínua – Essa estória me lembrou uma outra...

- Qual?

- Dei um tempo com o Lido.

Lido e Pá não eram exatamente namorados, mas já estavam juntos há anos. Ele era mais velho, já na casa dos cinquenta, divorciado e super charmoso, mas eu quase tive uma convulsão de tanto rir quando fui apresentada a ele. “Muito prazer, Lido”, ele disse e eu não consegui me conter. Achei que Pá e ele formavam o casal mais engraçado do novo milênio, o casal “Pálido”, o que fazia total sentido já que ele era nórdico e Pá, francesa.

Como já estava começando a pegar mal ter uma crise de riso toda vez que o nome de Lido era mencionado, eu e Olli demos um apelido a ele, tio Sukita.

Mas vejam só como são as coisas, para mim terminar uma relação era um sofrimento terrível. Para Pá era algo simples, até engraçado.

- Puxa! Que pena... O que houve? – perguntei realmente sentida.

- Ele me pediu para fazer xixi nele.

- E você?

- Fiz ué.

- E...?

- Ah, não curti não... fiquei imaginando que isso podia evoluir, entende?

- Perfeitamente.

Pá era aquele tipo de mulher que sabia cozinhar os homens e, embora Lido (olha aí... eu não posso nem tocar no nome que já me dá vontade de rir... Vou começar outra vez:) Embora tio Sukita fosse uma presença masculina fixa na vida dela, havia sempre um otário livre no sábado à noite disposto a levá-la para jantar no restaurante mais bacana da cidade, mesmo sabendo que seria solenemente descartado no dia seguinte. Em outras palavras, se tio Sukita levava um cartão vermelho, naquele momento havia pelo menos uns dois reservas se estapeando pela lista de convocação.

Ah... a vida é tão injusta...

- Logo, logo você vai conhecer outra pessoa. – opinei.

- Já conheci! – Estão vendo só...? – Ontem eu saí com um gordinho. Antes eu era super exigente, mas com a crise no mercado masculino, já comecei a abrir exceções.

Me preocupei.

Se a crise masculina já tinha afetado o mercado de Pá, imagine quais não eram as minhas chances.

O garçom recolheu nossos pratos e eu olhei para o relógio.

- Bom, já são quase quatro. Acho que vou andando... – avisei.

- Vai fazer alguma coisa mais tarde?

- Não sei. – respondi – Você vai sair com o gordinho?

- Não, ele me dispensou ontem mesmo quando eu disse que morava em Wood Green. – Pá contou com a maior tranquilidade do mundo – Ele falou que o travel card dele só tem crédito para as zona 1 e 2, então ia acabar saindo do orçamento se relacionar com uma pessoa da zona 3.

- Que pão duro!

- Isso não foi nada. Pior era ele ter Saturno em semisextil com Plutão.

Embora eu não fizesse a mais vaga ideia do que isso representasse, reagi indignada.

- Totalmente absurdo!

- Tudo bem, deixa pra lá... Escuta, tá a fim de ir a uma festa comigo?

- Não dá, tô sem grana... Onde?

- Hakney.

- Sei... e que festa é essa?

- É de uns caras aí.

- Que caras?

- Uns lutadores de vale tudo que eu conheci...

- Sei...

- Ah, não faz essa cara. Vai ser legal. Vamos?

- Sei não...

Resolvi não ir à festa de Pá porque detectei indícios suficientes de uma furada.

De acordo com o roteiro, portanto, eu deveria voltar para a casa. Quando muito, bater ponto no supermercado. Mas não fiz uma coisa nem outra.

Sob a desculpa de que precisava comprar umas presilhas para o meu franjão, perambulei pelas redondezas do Camden Market, mais precisamente nas imediações do pub que Dyllan mencionara mais cedo, mas, obviamente, não entrei.

Ok, eu confesso que me ocorreu sim a ideia de entrar, mas com que cara eu ia olhar para um homem que sabia exatamente o tamanho do OB que eu usava naquele momento?

Sem condições. Olli ia pagar muito caro por esse vexame.

E também eu nem conhecia Dyllan direito. Talvez, ele só tivesse me convidado por educação. Além disso, estava calor, o pub estava lotado, eu estava dura... Fiquei parada em frente ao pub contabilizando a infinita quantidade de motivos para não entrar até que me convenci e virei as costas. Atravessei a rua e já do outro lado da calçada, tive a impressão de ouvir chamarem meu nome. Impressão não, havia de fato alguém me chamando.

Mas não era Dyllan. Aliás, não era uma pessoa. Eram várias. Vozes trêmulas e desconhecidas vindas de algum lugar que não consegui identificar.

“Biiiiiia!!”, “Biaaaa!!”, “Biiiiiiaaaaa!!”

Espremi meus olhos na direção do pub e avistei um grupo de senhores bêbados do lado de fora. O mais jovem devia ter cento e quinze anos. Estranhamente, eram eles que me gritavam, mas a julgar pelo estado etílico em que se encontravam, podia ser também que estivessem apenas pedindo mais uma cerveja: Beer!, Beer!, Beer!

Fiquei meio confusa, olhando na direção deles, sem saber se virava as costas e ia embora ou tentava entender a charada, até que de repente, invadindo a cena, avistei Dyllan saindo do pub lotado e agradecendo aos bêbados por terem chamado a minha atenção enquanto ele chegava à porta.

Fiquei gelada assistindo-o atravessar a rua e vir ao meu encontro.

Ele estava sorrindo, mas era um sorriso meio sério.

- Você não ia entrar?

- Ia, claro. – menti.

- Então o que você tá fazendo aqui do outro lado da calçada?

- É que eu... hum... eu ia entrar mais tarde.

- Você tá indo a outro lugar?

- Não, não...

- Então vem. – ele me puxou pela mão e eu gostei da sensação da mão dele, quente e um pouco áspera.

O Gloucester naquele primeiro sábado ensolarado do ano – em abril – tinha mais gente que o Carnaval de Salvador. Era um típico pub irlandês com mesas de madeira, junkbox e carpete no banheiro. Embora não fosse permitido fumar lá dentro, era tanta gente fumando do lado de fora que o cheiro de cigarro impregnado no ar fazia parte da decoração (e grudou no meu cabelo por três dias.)

Como verdadeiros alpinistas, escalamos a multidão até chegar a mesa dos amigos de Dyllan. A última e mais afastada, próxima à janela de onde, do lado de fora, os bêbados haviam chamado

minha atenção.

- Pessoal, esta é Bia.

- Bia, esta é Lisa, a aniversariante, e aqueles são Mark, Chris, Phil, Andy, Donna, Claire e Fiona.

Eu, obviamente, já não lembrava mais o nome da primeira pessoa. Aliás, não me lembrava o nome de ninguém, mas correspondi a todos os acenos com sorriso de Miss Simpatia.

- Por sua culpa, me endividei. – Dyllan acusou-me – Agora vou ter que ir lá fora pagar uma rodada para os bêbados. – ele sorriu divertido e de repente passou a mão de leve no meu cabelo – Ficou ótimo. – disse chegando um pouco mais perto.

- Obrigada. – agradei sem graça feito uma caipira sem dente.

- O que você vai beber?

Dei uma geral rápida na mesa e verifiquei que todas as mulheres bebiam vinho.

- Vinho, pode ser. – “em Roma, faça como os romanos”

- Espera aqui, tá? Já volto. – prometeu-me antes de sumir na direção do balcão.

Longe da presença de Dyllan, me senti como a aluna nova no primeiro dia de aula, deslocada e inibida, esperando que alguém viesse me perguntar “quer ser minha amiga?”.

- Senta aqui. – disse a ruivinha aniversariante que eu já não me lembrava mais se era Chris ou Lisa. Mas também podia ser Donna ou Claire.

- Obrigada. – agradei, sentando-me.

- Tenho certeza que você não lembra mais o meu nome. – ela disse lendo os meus pensamentos e estendendo a mão de forma amistosa – Lisa. Muito prazer.

- Bia. O prazer é todo meu. Parabéns pelo aniversário! – cumprimentei.

Lisa sorriu e eu achei engraçado o jeito dela sorrir fechando os olhos.

- Então você mora no prédio de Dyllan?

- Sim. – fiquei surpresa por ela ter essa informação, porém achei bandeira demais perguntar como ela sabia.

Mas Lisa foi com a minha cara e facilitou as coisas.

- Ele falou de você. – Putz, será que ele estava contando a estória do OB Mini para todo mundo?! – Legal sua presilha. – ela elogiou.

- Gostou? Comprei aqui em Camden agora há pouco. – rapidamente, tirei o pacotinho cheio das presilhas que eu havia comprado – Olha só essas...

- Lindas! – suspirou Lisa encantada.

Definitivamente, moda e compras são as melhores formas de se socializar com outras mulheres.

- Escolhe uma para você. – ofereci gentilmente.

- Não, imagina... – Lisa recusou encabulada.

- Por favor, hoje é seu aniversário!

- Na verdade, meu aniversário foi na quarta.

- Não importa, eu faço questão!

- Tem certeza?

Fiz que sim e Lisa pegou justamente o par que eu mais gostara, mas tudo bem. Fiquei satisfeita por vê-la colocar as presilhas imediatamente no cabelo.

- Gente! – Lisa chamou a atenção de todos – Olhem só o que eu ganhei da Bia!

Os homens fizeram cara de descanso de tela por ignorarem tudo em matéria de acessórios e as mulheres manifestaram anuência com frases como “Que fofa!”, mas nem todo mundo aprovou. A loura fatal sentada na ponta da mesa foi do contra, a única que eu decorara o nome, Fiona.

- Não sei se você me lembra mais uma criança ou uma anã com essa borboleta no cabelo. – disparou Fiona, de uma maneira irônica e levemente agressiva. – Acho que uma criança! – decidiu-se.

- Puxa, que coisa maravilhosa de se ouvir no meu aniversário de trinta e um! – Lisa rebateu e todos riram, exceto Fiona.

Então Dyllan voltou trazendo duas pints de cerveja e uma taça de vinho para mim. Antes que ele pensasse em puxar a cadeira vaga próxima a nós, Fiona do outro lado da mesa se adiantou:

- Guardei seu lugar aqui, Dyllan! – Lugar este que, por acaso, vinha a ser do lado dela.

Saquei tudo.

Fiona e Dyllan tinham algum tipo de relacionamento e ela devia estar me achando uma ameaça. Coitada. Se ela soubesse o fracasso de mulher que eu era...

O fato é que nunca havia acontecido nada demais entre eu e Dyllan, ele sequer havia insinuado algum interesse ou coisa assim. Eu é que ficava flertando, viajando, achando que de repente... Mas é claro que não. Dyllan era apenas um cara gentil e simpático que devia agir assim com todo mundo. Eu jamais tentaria me colocar na relação deles porque sabia muito bem reconhecer uma situação de desvantagem.

Dei três longos goles de vinho para não deixar a peteca cair e continuei conversando com Lisa como se nem tivesse percebido que Dyllan já tinha dona. Mark e Phil juntaram-se a nós e isso me deixou mais a vontade.

Meia hora depois eu já mapeara toda a rede de relacionamentos: Mark, Phil e Dyllan se conheceram na faculdade. Anos depois, quando Mark arranhou o emprego no The News, a versão “The Sun” do The Daily Mail, chamou Dyllan para trabalhar na redação do jornal. Lá, Dyllan conheceu Fiona e os dois começaram um namoro que durou um ano, mas vez ou outra eles tinham uns flashbacks. Phil e Lisa eram namorados e ambos fotografavam para um grupo editorial. Donna, Chris e Claire eram flatmates de Lisa e Andy era namorado de Claire.

Eu estava achando o máximo as histórias de Lisa e Phil que, em nome do trabalho, frequentavam festas de arromba e tinham histórias fabulosas sobre porres e surtos psicóticos de personalidades internacionais como Paris Hilton, Jean Galtier e Madonna. Lisa uma vez, por exemplo, fora obrigada a mergulhar, com roupa e tudo, na piscina de um hotel de luxo só para salvar a cadelinha de estimação de Elton John durante uma coletiva.

Ela me contava essa e outras histórias divertidas quando num dado momento, percebi que da outra ponta da mesa Dyllan me olhava. Tentei disfarçar, mas ele não fez a menor questão de esconder e nossos olhares acabaram se esbarrando mais de uma vez.

Então foi só Fiona ir ao banheiro para ele aproveitar a deixa e se chegar a nós.

- Por favor, vejam bem o que vocês vão falar para Bia... – disse Dyllan divertido, trazendo a

cadeira em nossa direção. – Ainda é cedo demais para ela saber toda a verdade.

- Você ainda não tinha contado? – Phil deu corda.

- Sobre a maçonaria? – Dyllan fingiu falar sério – Eu estava esperando o melhor momento.

- Temo que agora seja tarde demais...

- Não tem problema, – tranquilizei Dyllan – eu também deixei escapar que estou aqui a mando do FBI.

- Droga, o FBI de novo! – Dyllan exclamou – Eu sabia que eles estavam tentando se infiltrar na nossa sociedade secreta.

- Bom, eu vou lá no bar pedir a mesma bebida que vocês estão tomando... – informou Mark – Por falar nisso, outra taça de vinho para vocês, meninas?

- Hei, para mim você não pergunta? – Dyllan protestou.

- Claro que não. Você acha que eu vou trazer bebida para homem? – Mark grasnou – Se você ainda fosse boa pinta eu até pensava...

- Ah, boa pinta ele é sim, Mark...! – Lisa saiu em defesa de Dyllan.

- Alôôôôu, eu estou aqui, tá? – Phil fingiu ciúmes.

- Ai... Bia, me salva! Estou falando alguma mentira?

Pronto. Eu já devia ter imaginado que essa estória ia acabar sobrando para o meu lado. Olha a saia justa!

- Ah... não... não está. – Falei meio tímida, sentindo o rosto corar.

- Muito obrigado! – Ele me agradeceu com uma piscadinha de olho e por baixo da mesa encostou a perna de leve na minha. Eu entrava ligeiramente em pânico toda vez que ele tocava em mim ou olhava tempo demais para minha boca. Uma sensação deliciosamente adolescente.

- Bom, vai ficar todo mundo na seca se continuarem enchendo a bola dele. – ameaçou Mark.

- Isso aí! – Phil apoiou.

- Não! – eu e Lisa suplicamos.

De repente todo o clima de descontração foi para o saco. Olhei para o lado e lá estava ela. Fiona. Pedindo espaço para sentar-se entre nós.

A partir daí a conversa não foi mais a mesma.

- Pelas risadas, imagino que esteja acontecendo algo muito engraçado por aqui. – Apesar dos cabelos quase brancos de tão louros, Fiona me lembrava a Malvada Cruela. Era alta e peituda com quadris muito estreitos. Os lábios muito finos ajudavam a compor o visual aristocrata que ela sustentava dando-nos a ideia de já acordar maquiada, penteada e de salto. Mas o mais impressionante de tudo, foi a antipatia instantânea que senti assim qe botei os olhos nela. E, juro por Deus, não foi dor de cotovelo.

- Estava contando para Bia as estórias lá da redação... – Lisa não conseguiu nem terminar a frase.

- Ah, claro, deixe-me ver se adivinho: Você deve ter contado sobre a vez que você ficou presa no elevador com o Enrique Iglesias e ele vomitou no seu sapato. – alfinetou Fiona.

- Veja você, esta eu ainda não contei. – Lisa retrucou irônica.

Percebi que Fiona era naturalmente desagradável. Era porque gostava de ser, simplesmente.

- Ah, mas eu aposto que ela te contou sobre a vez em que mergulhou na piscina para salvar a cadelinha do Elton John, não contou? – Fiona perguntou-me.

Eu não respondi e também não sorri, apenas tentei bloquear a energia negativa que ela radiava.

- Ela não conhecia, Fiona! – Lisa foi ríspida.

- Hei, hei... Vamos parar vocês aí. – Phil botou panos quentes aproveitando que Mark voltara do bar com uma garrafa de vinho e duas pints de cerveja: Uma para ele e outra para Dyllan.

- E para mim? – Fiona perguntou a Mark.

- Ué, sei lá! Você não estava aqui quando eu fui pegar as bebidas...

- Não tem problema. Eu bebo com Dyllan. – Fiona tirou-lhe o copo das mãos e bebeu de maneira insinuante. – Essas pessoas que trabalham na imprensa se acham muito divertidas, sabe... Qual é mesmo o seu nomezinho, darling? – perguntou-me.

Pressenti que a metralhadora giratória estava agora na minha direção.

- Beatriz. – respondi seca.

- Você é de onde, darling? – ela notou meu sotaque e quis me diminuir. Foi nítido.

Com a rapidez do fogo ateado em papel, o clima na mesa pesou. Eu podia ver as pupilas de Fiona completamente dilatadas, mas mesmo assim ela me lançou um enorme sorriso.

- Do Brasil. – me adiantei em esclarecer.

- Ah, do Brasil... Que legal! E era muito difícil viver no seu país, darling?

- Claro que não. – respondi recrutando toda a calma e paciência de plantão naquele sábado – Inclusive eu estou aqui no seu país, trabalhando para uma empresa do meu país, entende? – rebati com calma, mas sentindo que podia perder o jogo de cintura a qualquer momento.

- A Bia é comissária de voo. – Dyllan falou para todos, tentando abrir a conversa e tirar o foco de Fiona.

Mas ela foi mais rápida.

- Uau! – Fiona exclamou – Então você é a famosa “garçonete de avião”?

Contei até 735 em um segundo. É claro que eu já havia ouvido comentários semelhantes, mas eles sempre aconteciam por ignorância ou brincadeira. Aquela era a primeira vez que alguém falava para me menosprezar.

- Bem, tirando o treinamento de sobrevivência, os primeiros socorros, os conhecimentos meteorológicos, as línguas estrangeiras e todos os procedimentos de segurança, eu diria que sim, realmente minha profissão é semelhante a de um garçom.

Todas as conversas paralelas se encerraram imediatamente.

- Claro. Brasil, Brasil... não é lá que os policiais assassinam as criancinhas nas ruas?

O clima que já estava pesado, despencou feito uma jaca do pé. A atenção era toda sobre mim. Pensei rápido numa boa resposta para Fiona, mas nada me ocorreu. Era sempre assim, toda vez que eu precisava de uma boa resposta ela só me surgia meia hora depois.

- Fiona, acho que você bebeu demais. – Mark proferiu, quebrando o silêncio.

- Nós vamos ignorar o seu comentário, porque você está sendo inconveniente. – disparou Dyllan transtornado.

Eu continuei muda sem saber se devia xingá-la, se fazia um panorama político e social do

Brasil, se simplesmente ignorava... Sem que fosse exatamente uma decisão, segui a última hipótese, mas obviamente, Fiona não se deu por satisfeita.

- Ai gente, o que é que tem demais? – disse para todos – Darling, conta para a gente, você sabe dançar como aquelas mulheres nuas que a gente vê no Carnaval?

Para mim chega!, decidi naquele momento.

Eu não precisava passar o sábado ouvindo comentários recheados de preconceito de uma patricinha que pensava que o mundo se resumia ao seu reino. Olhei ao meu redor, eram todos alourados ou provenientes de países ricos. Eu não ia entrar no jogo de me sentir inferiorizada. *Burguesinhos filhos-da-puta!*, pensei cheia de ódio. Então abri um largo sorriso, peguei minha bolsa e levantei-me.

- Gente, lembrei de uma coisa super importante que eu tenho para fazer nesse momento. Vou ter que ir andando, infelizmente. – tentei dizer isso da maneira mais natural possível, mas não sei se convenci. – Foi uma tarde maravilhosa! Muito obrigada. – dei um tchau geral e fui.

- Espera! – Dyllan se levantou também.

Mas eu aproveitei o falatório do pub e fingi que não ouvi. Virei as costas e me misturei à massa.

Na saída ainda dei de cara com os bêbados que àquela altura estavam trêbados: “Biaaaa!., Beer!., Me dá mais uma Biiiiiiiiia, please”.

Vão para o inferno!, pensei alto e em português.

Eu sabia que não era para ter ido até ali! Por que eu não segui minha intuição e fui para a casa mais cedo?

Do lado de fora, ouvi a voz de Dyllan me chamando, mas eu estava tão irritada que nem olhei para trás. Segui marchando até que de repente senti alguém tocar o meu ombro.

- Bia! – ele insistiu.

Não respondi.

- Bia! – repetiu.

Continuei andando, muda, sem virar para ele. Tudo bem, ele não tinha culpa pela agressão gratuita de Fiona. Mas e eu tinha?

Então Dyllan agarrou o meu braço e eu mal pude acreditar que aquela cena estava acontecendo.

- Me escuta um pouco! – não consegui nem olhar para a cara dele – Eu queria me desculpar pelas besteiras que Fiona disse. Só isso.

- Tudo bem. – disse, olhando para baixo.

- Eu sei que não tá tudo bem. Estou vendo que não tá!

Olhei friamente para a mão dele no meu braço, depois para o rosto dele e mais uma vez para a mão dele no meu braço até que ele se tocou e me soltou.

- Tô falando que tá tudo bem, não tô?

- Me desculpe, Bia. Eu faria qualquer coisa para que isso não tivesse acontecido. – ele pareceu profundamente chateado.

Respirei fundo e, finalmente, consegui olhar para ele.

- Não se preocupe, eu só estou a fim de ir para casa.

- Tudo bem, eu vou com você então.

- Não precisa.

- Mas eu quero.

E seguimos andando na direção de casa.

O Gloucester`s ficava perto da estação de Camden Town, quatro quarteirões depois do nosso prédio. Já passava das oito da noite e o céu estava escuro. A temperatura quente do início da tarde dera lugar a uma ventania chata que trazia de brinde uma chuvinha fina.

- Toma o meu casaco. – Dyllan ofereceu-me.

- Não precisa. – recusei tremendo de frio, mas não queria dar confiança.

- Pega logo, anda. – ele disse disfarçando o riso.

O casaco de Dyllan em mim virou um sobretudo e minha raiva se dissipou automaticamente no momento em que senti o cheiro dele sobre mim. Era um perfume bom e familiar que eu já havia sentido antes, mas não conseguia me lembrar... sim, lembrei! Era cheiro de bala de limão.

Com o passar da raiva, senti vergonha. Foi ridícula a minha cena. Um mico! Ou melhor, outro mico! Eu jamais deveria ter ido embora do nada, só porque alguém foi desagradável comigo. Fui infantil e protagonizei uma cena ridícula de tão surreal. Eu devia ter ficado e enfrentado Fiona como uma pessoa adulta.

Mas àquela altura também não dava mais para chorar o leite derramado...

Andamos lado a lado pelas ruas de Camden e subimos as escadas do prédio sem dar uma palavra até que chegamos na porta de nossos apartamentos.

- Ainda tá aborrecida comigo? – ele perguntou.

- Não se preocupe. Tá tudo bem. – falei mais calma, acho que dei até um sorriso. – Eu é que peço desculpa por ter feito você voltar cedo.

- Eu vim porque eu quis. – ele pareceu verdadeiro – Não entendi o que deu em Fiona...

Mas as palavras de Dyllan entravam na minha cabeça com o significado trocado. Era como se na verdade ele e todos os outros se achassem superiores, mas só Fiona tivera a indelicadeza de se expor. Mesmo assim, não era justificativa para o meu teatro.

Fiquei calada, irritada demais comigo mesma para fingir o contrário. Dyllan então passou o braço ao meu redor, me puxou para junto dele e eu relaxei a cabeça sob o seu ombro. Não estava esperando por aquele abraço, mas estaria mentindo se dissesse que não gostei.

Fechei os olhos e simplesmente deixei-me levar quando ele começou uma seção de leves carícias pelo meu cabelo, carícias essas que se estenderam pelo meu pescoço e se aprofundaram até a minha nuca, fazendo com que todos os meus fios de cabelo se arrepiassem. Era tudo tão envolvente, tão excitante. Assim, de pertinho, Dyllan tinha um perfume ainda mais marcante, quase um entorpecente. Suspirei e me senti completamente relaxada e envolvida por ele.

De repente me toquei que a história toda de Fiona tinha ficado para trás. No lugar dela, um ligeiro calor. Fiz menção de me desvencilhar de Dyllan, mas, cá para nós, não me esforcei o suficiente.

As carícias então foram tornando-se insuportavelmente excitantes e eu pressenti que aquilo não

ia acabar bem... Novamente tentei me afastar, dessa vez com mais força de vontade.

- Não adianta. – Dyllan falou bem baixinho no meu ouvido – Você está presa.

Ai, meu Deus...!

Prendi a respiração.

Então eu não estava enganada e havia sim uma atração muito forte rolando entre nós desde a primeira vez que nos vimos, quer dizer, pelo menos da minha parte. Mas eu me sentia emocionalmente insegura demais para me envolver com um homem como Dyllan. Bem, mas quem foi que falou em envolvimento? Se agisse com a cabeça, dava um basta naquilo e entrava em casa. Se agisse com a emoção, simplesmente pagava para ver.

Não consegui agir com a cabeça.

Dyllan então levantou meu rosto na direção do dele, deslizou sua mão em direção a minha boca e arrastou o polegar no meu lábio inferior fazendo uma leve pressão. Vagarosamente, fui vendo os olhos dele crescerem e ficarem ainda mais verdes diante dos meus. Minha visão apagou. Senti um frio na barriga e minhas pernas fraquejaram... Não dava mais para aguentar.

Quando então achei que desmaiaria de tanta tensão se ele não me beijasse no próximo segundo, senti os lábios de Dyllan tocarem os meus. Eram lábios firmes e quentes.

Foi um beijo lento, muito envolvente. Aliás, foi O beijo. Talvez, ele tivesse feito algum curso, pensei na hora, ou talvez fosse apenas muitas horas de voo mesmo.

Enquanto o beijava, notei todas aquelas coisas que só se percebe quando se beija um homem pela primeira vez. Seus braços eram firmes e suas costas, muito largas. A pele era morna, suas mãos, enormes e ele tinha um sinalzinho que parecia uma folha, entre o pescoço e o ombro direito.

No momento em que pensei que o beijo tinha acabado, rezei para estar enganada.

E estava, graças a Deus.

Dyllan desceu uma das mãos até a minha cintura e com a outra recomeçou as carícias na minha nuca. Só que dessa vez com um pouco mais de velocidade.

Minha Nossa Senhora dos Homens Irresistíveis!

Dyllan era incrível! E olha que só estava me beijando. Eu teria transado com ele ali na escada mesmo, se ele tivesse tentado (e eu não estivesse tecnicamente impedida). Mas ele não avançou nenhum sinal e eu, sinceramente, tive lá minhas dúvidas se isso fora realmente bom.

Quando finalmente nos afastamos, ele segurou meu rosto, deu um meio sorriso e disse:

- Tô pensando nisso há muito tempo, sabia?

Cara de pau!, pensei.

É claro que aquilo era frase feita com o claro objetivo de encorajar otárias – como eu – a entrar no calabouço das pobres coitadas capturadas e desprezadas no dia seguinte. Com tantos talentos, Dyllan certamente era aquele tipo de homem que as mães aconselham as filhas evitar. Mas era muito convincente e bom ator. Sabia exatamente como fazer tudo parecer especial e intenso. Seus olhos verdes brilhavam e sua expressão de desejo realmente combinava com aquele papo furado todo.

Impressionante!

Dava para entender perfeitamente porque ele não se prendia a mulher nenhuma. Para que se ele

poderia ter todas? Quase tive pena da surtada da Fiona.

Um barulho vindo da portaria nos afastou automaticamente, embora meu corpo continuasse tremendo de excitação. Olhei para Dyllan querendo poder acreditar nele, mas sabia que não podia. Tinha plena consciência de que aquilo não passava de um momento, um prazer tão passageiro e equivocado quanto uma barra de chocolate no meio da dieta. Dyllan não era de ninguém porque era de todas e eu não estava a fim de pegar a senha e encarar a fila. Embora a mercadoria valesse a pena, eu não podia pagar o alto preço do desgaste emocional que uma paixão por ele envolveria.

Me senti meio idiota ali com ele no hall do prédio.

- O que foi? – ele sacou que algo estranho se passava.

Era um cínico de primeira. Já devia estar careca de ver aquele tipo de reação partindo de outras mulheres inseguras e carentes e ainda assim conseguia manter o tom de surpresa.

- Vou entrar. – informei friamente.

- Tem certeza que tá tudo bem? – ele perguntou, segurando minha mão um pouco mais forte.

Ah, tenha a santa paciência, né?!

Bati a porta.

34.

O desejo acumulado se irrompeu numa avalanche de irritação e eu entrei em casa me sentindo uma completa idiota por me deixar impressionar tão facilmente por um homem.

Que tipo de mulher eu era? Onde é que estava o meu amor próprio quando eu mais precisava dele?

Não fazia muito tempo eu estava atolada numa depressão profunda causada pela rejeição de Arthur. O que eu queria agora? Uma nova rejeição? Eu sabia qual era o jogo de homens como Dyllan, sabia que passado um tempo, o suficiente para conhecer outra mulher, ele teria orgasmos múltiplos ao me esnobar.

Atirei a bolsa sobre a mesa e me deparei com Olli deitado no sofá, assistindo à semi-final do X-Factor. A julgar pela quantidade de latas de cerveja vazia e caixas de pizza espalhadas sobre a mesa, ele também não tinha muitos planos para a noite de sábado.

Eu estava tão indignada com a minha falta de inteligência emocional que passei pela sala feito um furacão e nem sequer cumprimentei-o.

- Hei, boa noite para você também! – Olli disse ao me ver entrar alterada.

- Depois, Olli! – repliquei em tom de poucos amigos.

- Olha, se quiser tem uma caixa de Prozac na minha bolsa...

Nem respondi.

Bati a porta do banheiro com tanta força que as paredes tremeram. Sentei no vaso sanitário e abaixei a cabeça sentindo meu corpo formigando de raiva. Ou seria de desejo? Eu queria poder tirar aquele beijo de mim. Queria voltar no tempo e não ter permitido que ele tivesse acontecido. Ao mesmo tempo tinha sido tudo tão perfeito que eu me envergonhava por, no fundo, ter gostado. Por que, meu Deus? Por que tanta inabilidade para lidar com os homens?

Minha esperança havia passado os primeiros meses do ano foragida no LINS – Lugar Incerto e Não Sabido –, eu estava tão feliz por reencontrá-la, para quê botar tudo a perder? Por que eu procurava sempre um jeito de me machucar?

Um banho. Banhos têm o poder da purificação. Banhos de banheira então são capazes de milagres!

Fiquei de molho dentro da água quente tentando reorganizar os pensamentos. Dyllan era lindo, sexy e muito atraente, eu jamais conseguiria ficar com ele só por curtição. Minha porção devassa era muito frouxa. Eu desconhecia completamente as regras desse jogo em que ninguém é de ninguém e as pessoas se relacionam só pelo calor do momento, sem entrega emocional. Nunca soube como me envolver só um pouquinho. Se fosse para mergulhar, então que fosse de cabeça. Mas se fosse de cabeça, logo, logo, quando ele me descartasse com a naturalidade de uma criança que enjoa do brinquedo, eu, sem dúvida, iria sofrer. Pra caramba! Com o agravante de que continuaríamos vizinhos.

Alguma coisa naquela onda de pensamentos, me remeteu a Arthur e à angústia dos primeiros meses do ano. Tive vontade de chorar. Eu havia superado a depressão uma vez, mas não era bom facilitar uma recaída.

Podia estar perdendo a oportunidade de conhecer homens interessantes? Sim, talvez. Mas pelo menos estava blindada contra uma nova desilusão.

Passei então a pensar em como deveria me comportar na próxima vez que visse Dyllan. Fingir que nada tinha acontecido? Corresponder caso ele tentasse me beijar novamente? Evitá-lo?

Concluí que para uma estória que não ia a lugar nenhuma, aquela já tinha ido longe demais. Na categoria das “coisas a serem evitadas”, botei Dyllan no mesmo patamar que um Big Mac, ou seja, terminantemente proibido.

De repente, olhei para as minhas mãos e quase não as reconheci. Meus dedos de tão brancos, murchos e enrugados pareciam pés de galinha refogado. Eu havia perdido completamente a noção do tempo pensando em Dyllan.

Então, sentindo-me um pouco mais leve, constatei que eu já não representava mais um perigo à sociedade e estava novamente apta ao convívio social. Botei o roupão de vaca e saí do banheiro.

Olli continuava deitado no sofá, mas ao me ver, levantou a cabeça muito desconfiado e me acompanhou com o olhar em estado de alerta. Provavelmente avaliava a necessidade de um reforço policial.

- Desculpa pelo meu mau humor. – pedi humildemente – Não foi nada com você. Me desculpe mesmo.

Pensando bem, era Olli, na verdade, quem me devia um pedido de desculpas pelo papelão que me fizera passar com o lance do OB Mini, mas tanta coisa havia acontecido que àquela altura esse era o menor dos meus problemas.

- Será que dava pelo menos para eu saber o que houve? – Olli perguntou, pisando em ovos. – Não entendi bulhufas.

Dei um longo suspiro e desfiei meu rosário.

- Um monte de coisas... Eu me estressei com uma mulher lá no pub.

- Que mulher? Que pub?
- Uma tal de Fiona, ela falou na minha cara que eu devia voltar para o meu país – tudo bem, eu sei, Fiona não falou exatamente isso, mas eu aumentei só para dar mais emoção e fazê-la parecer ainda pior.
- Ah, Bia, eu já ouvi tanta coisa pior... nem ligo mais.
- Mas não foi só isso não.
- O que mais então?
- Eu beijei o Dyllan, aqui do lado.
- O Dyllan?!?! – Olli deu um pulo do sofá e arregalou o par de olhos – Você passou o rodo no Australiano?
- Rodo...? – dei uma curta risada – Quem me dera eu passasse o rodo em alguém... – lamentei.
- Qual foi o problema então? Ai, meu Deus... Não vá me dizer que ele tem o pau pequeno?! – perguntou Olli chocado e cheio de expectativa, quase nervoso.
- Achei graça. Olli era completamente desmiolado, mas conversar com ele sempre – quer dizer, quase sempre – me divertia.
- Sei lá. Não vi. Foi só um beijo mesmo. – expliquei.
- Ruim? – ele perguntou receoso.
- Não, aí que tá o problema. – declarei – Foi bom.
- Então...?
- Ah, é que esse cara é um galinha, né? – atestar isso me fez sentir mais ódio de mim mesma – Eu não devia ter cedido tão facilmente a um homem qualquer e o pior é que agora eu vou ter que dar de cara com ele o tempo todo... – reclamei.
- Ele não é um homem qualquer não... – Olli disse com os olhos faiscando de luxúria.
- Quero dizer um Homem Havaianas, todo mundo usa. – expliquei melhor – Aposto que esse apartamento aí do lado é o maior entra-e-sai.
- E daí? – ele questionou malicioso – Vai dizer que você também não gostaria de dar um pulinho lá no entra-e-sai?
- Tô falando sério, Olli. Não quero ser mais um nome na lista de um cara mulherengo, entende? Tô bem sozinha, prefiro ficar assim.
- Ai, você é tão complicada, néam? Bebe um pouquinho que passa. – Olli me passou uma latinha de Foster – Bom, se isso levantar o seu astral... seu cabelo ficou chocante! – Conseguir um elogio de Olli, ainda que “chocante”, era mais difícil que contar purpurina por grão.
- Gostou?
- Amei.
- Obrigada. – agradei – Você não vai sair?
- Tô sem dinheiro.
- Putz, eu também!

Então eu e Olli ficamos reclamando da nossa situação financeira, especialmente do fato de nos matarmos de trabalhar e nunca termos dinheiro suficiente para gastar com todas as roupas, maquiagens, noitadas e luxos que gostaríamos. Não que eu e Olli fôssemos dois consumistas

inveterados, mas, convenhamos, se o dinheiro não traz felicidade, a pobreza muito menos. Até que caímos no sono e dormimos ali no sofá mesmo.

Entretanto, às nove da manhã de domingo eu já estava acordada, zapeando os canais da televisão sem prestar atenção em nada. O lance do beijo rodava minha cabeça como um hamster em sua rodinha e, embora eu soubesse que era um tiro no pé alimentar qualquer ilusão com Dyllan, eu estava tão carente que era impossível resistir.

Fiquei tanto tempo com a cabeça trabalhando em alta velocidade que num dado momento cometi a insanidade de passar a mão no telefone e ligar para Pá às dez da madrugada.

Ela atendeu com a voz sonolenta.

- Desculpa. Você tá dormindo? – perguntei.

- Tô.

- Tudo bem. Quando você acordar, você não vai lembrar deste telefonema, ok?

- Ok.

- Eu quero saber se quando você morava aqui com Olli, Dyllan e você tiveram alguma coisa.

Fiquei atenta à reação dela, se ela vacilasse eu saberia que estava mentindo.

Pá ficou muda.

- Pá?

- Hã... oi?

- Você ouviu o que eu falei?

- Não...

- Eu perguntei se quando você morava aqui, Dyllan e você saíram juntos alguma vez.

- Acho que sim.

- Você acha ou tem certeza?

Pá, mais uma vez, não respondeu e eu juro ter ouvido um barulho parecido com ronco.

- Pá!

- Hã...?

- Eu quero saber se Dyllan dava em cima de você?

- Aham.

- Ok. Era só isso. Volta a dormir. Tchau.

- Tchauzzzz.

Então minhas suspeitas faziam sentido..., concluí assim que desliguei o telefone, o que em outras palavras significa dizer que eu realmente não tinha a menor chance. Dyllan era mesmo um galinha de marca maior e eu era apenas mais uma. Mais uma idiota, quero dizer.

Sem ter muito para onde canalizar minha raiva naquela manhã de domingo, resolvi me mimar com um super café da manhã.

Fui até o mercadinho do indiano que ficava aberto também aos domingos – a gente falava “indiano”, mas na verdade ele era paquistanês – e gastei todo o dinheiro que me restava em torradas, pães, muffins, frutas, geleias, nutella, cereais, leite, café, sucos, biscoitos e tudo mais que meu bom senso enxergou como essencial num breakfast de hotel cinco estrelas.

Chegando em casa, fiz um bolo rápido, preparei uma omelete de presunto e queijo, botei para fora os talheres de prata de Olli, desentoquei a porcelana chinesa do armário e no DVD a voz de Frank Sinatra deu o toque final juntamente com o vaso de rosas vermelhas.

Em seguida, tomei banho, botei um vestido novo e à uma da tarde chamei o único homem da minha vida para desfrutar comigo todo o trabalho da manhã: Olli.

- Uau! – ele lançou, meio acordado, meio dormindo assim que deu de cara com a mesa arrumada – Não tô acostumado a ser bem tratado assim não.

- Então senta aí e me faz companhia. – ordenei.

Depois do café da manhã na hora do almoço, Brent apareceu lá em casa para levar Olli ao cinema. Apesar da insistência dos dois, preferi ficar esperando o telefonema dominical de Mariana.

- A gente promete que faz o sacrifício de comer na Pizza Hut depois do filme. – Foi a última tentativa de Olli para me persuadir.

- Obrigada, mas vou ficar.

Devido ao fuso-horário, Londres estava quatro horas à frente do Brasil, portanto cabia à Mariana a obrigação dos telefonemas de domingos – Essa regra foi imposta por ela mesma logo nas minhas primeiras semanas de Londres, num dia em que esqueci o detalhe do fuso e liguei para o Brasil às seis da manhã de um sábado. Mariana ficou uma arara... – O problema era que, ao contrário de mim, ela dormia demais e eu passei a tarde inteira ansiosa por seu telefonema porque precisava desesperadamente conversar com alguém que me amasse de verdade.

Então quando o telefone finalmente tocou, às cinco da tarde, Mariana tinha uma novidade: A administradora entrara em contato perguntando se eu gostaria de alugar o apartamento, caso aparecesse alguém interessado.

De fato era uma bom negócio. Ótimo, aliás! Pois já estava pesando no meu bolso as despesas de um imóvel fechado no Brasil. Me cortava o coração a quantidade de perfumes, bolsas e sapatos que eu podia comprar com a grana que eu mandava todo mês para pagar minha parte no condomínio e nas contas. Definitivamente, a renda mensal de um aluguel era muito bem vinda, ainda que eu sentisse um frio na espinha só de imaginar um estranho morando no meu apartamentinho querido.

Mas se fosse alguém legal que cuidasse direitinho, por que não? A ideia de vender me assustava, mas alugar até que era bom.

Desde que Arthur sumira, eu sabia que mais cedo ou mais tarde o assunto “apartamento” viria à tona e tinha plena consciência de que quando isso acontecesse, eu teria de tomar uma decisão.

- Com certeza Arthur está de acordo. – ela opinou segura – Caso contrário, a administradora não teria nem entrado em contato comigo.

Fazia sentido.

Óbvio que Arthur era favorável à locação do apartamento porque ninguém em sã consciência ficaria feliz de bancar os custos de um imóvel vazio. Arthur, como um homem prático e

totalmente ligado em estratégias econômicas, muito menos.

Num ímpeto de maldade, quase não resisti ao impulso de discordar da locação só para contrariá-lo, só para ser pentelha e atrapalhar os planos dele. Friamente falando, eu tinha nas mãos a oportunidade única de sair do esquecimento e me fazer presente, ainda que de uma maneira desagradável.

Mas a pergunta era: O que eu ganhava com isso?

Nada.

Sem dúvida nenhuma, alugar o apartamento era bom negócio para mim também. Seria burrice discordar só de implicância. Além do que, verdade fosse dita, era preferível que Arthur quisesse a locação a ir morar lá com Ruth. Isso sim eu jamais aceitaria.

Enfim, autorizei Mariana a assinar em meu nome todos os papéis que fossem necessários e a mandar para um depósito os móveis que eu deixara lá assim que aparecesse alguém interessado no apartamento. Mas acima de tudo, Mariana estava intimada a me dar notícias caso falasse ou encontrasse com Arthur.

Já no final da conversa, quando estávamos prestes a desligar, assim sem dar muita importância, joguei a estória de Dyllan no ar. Ao que Mariana reagiu com certa desconfiança:

- Bia, Bia... olha lá o que você vai arrumar...

Mais tarde, naquela mesma noite, fui dormir com as imagens de Arthur e Dyllan embaralhadas na cabeça. Embora não estivesse a fim de analisar os fatos de maneira racional, duas mensagens piscavam no meu painel de controles:

1 – Arthur já não me tirava mais a paz.

2 – Se eu não ficasse de olho, Dyllan poderia se tornar um assunto preocupante...

De qualquer maneira, não perdi o sono por nenhum dos dois e adormeci feito um bebê.

35.

Com a primavera os parques renasceram do longo e tenebroso inverno e os dias ensolarados aumentaram ainda mais meu nível de otimismo e disposição para o trabalho.

O fato de estar em outro país, envolvida num novo desafio profissional se consolidava cada dia mais como uma dádiva, a única e imperdível chance de um recomeço.

Londres não era a minha cidade, mas também não era de ninguém e era ao mesmo tempo de todo mundo uma vez que acolhia, abrigava, protegia e apontava novos caminhos para refugiados como eu. Cosmopolita e impertinente, pacífica e tumultuada, Londres era um lugar cheio de dualidades que libertava e sufocava.

Eu me adaptara perfeitamente ao estilo de vida londrino, achava super normal atravessar a rua almoçando (um sanduíche), comendo a sobremesa (uma bala de morango) e escovando os dentes (um chiclete de menta). Já nem conseguia mais imaginar uma caneca de chá sem leite e quando via o painel da plataforma do metrô informando o próximo trem para três minutos, bufava de irritação como qualquer britânico, pois no ritmo acelerado de Londres três minutos era uma eternidade.

Só o ambiente de trabalho inglês é que requereu de mim um pouco mais de habilidade. É que a competição acirrada era tão velada e impregnada de palavras educadas que a primeira vista ficava uma dúvida.

Apesar da equipe já estar reunida há um mês, o clima de timidez ainda pairava sobre nós, chefes de cabine. Estivéramos tão dedicados àquele projeto, tão sedentos por agarrar a oportunidade que ninguém sequer se preocupou em fazer maiores aproximações. Eu, no entanto, sabia que era só esperar o primeiro voo para o pessoal se soltar.

Então após uma sucessão de trinta dias frenéticos de muita prática de emergência, simulação de fogo, evacuações e primeiros socorros, chegou a hora da verdade: As provas de capacitação. Passei a semana toda trancada no quarto, soterrada entre apostilas e manuais.

Aprender coisas novas e reaprender as antigas em inglês era tarefa árdua. Não vi Olli a semana inteira, apenas ouvia o barulho da televisão e a porta batendo quando ele chegava e saía de casa.

Então, na sexta-feira, depois do intervalo do almoço, após disputar o elevador de dois metros quadrados com trinta pessoas desesperadas para chegar em suas mesas dois minutos mais cedo, me juntei à equipe na sala da presidência onde Jane Smith, uma hora depois, adentrou rebolando seu quadril invisível.

Era oficialmente o fim do período de treinamento.

A partir dali, estávamos aptos para o início das operações da Jet-air no Oriente Médio.

Senti um frio na barriga.

Em clima de muito suspense ela divulgou a notícia mais aguardada daqueles dias ansiosos: Nossas rotas.

Até que enfim!, pensei e duvido se todo mundo não pensou a mesma coisa.

Omã, Emirados Árabes, Catar e Israel eram os meus destinos no primeiro mês de trabalho em Londres.

Às seis e meia da tarde, na saída do trabalho, meu telefone vibrou. Era Olli.

- Oi. Quanto tempo? Tá morando aonde?

- Nem me fale... essa última semana de treinamento foi difícil, mas a partir de hoje estou livre.

- Então vem para cá. – Olli me convidou – Eu e Pá estamos tomando uma cerveja quente aqui em Brick Lane.

- Como é que chego aí?

- Liverpool Street.

- Tá bom, tô indo.

Olli não mencionara que Brick Lane ficava a uns quinze minutos da estação de Liverpool Street. Se eu soubesse disso, teria passado em casa para trocar de sapato.

Alguns calos e bolhas depois, encontrei os dois boêmios.

- O que a gente tá celebrando hoje? – perguntei erguendo uma pint de Stella, afinal em Londres todo dia era dia de celebrar alguma coisa.

- À testosterona! – Pá sugeriu alegremente, erguendo sua tulipa de cerveja no ar. Parte desta alegria dava-se ao fato dela ter reatado com tio Sukita.

- Bom, neste caso vou ter que ficar de fora do brinde. – declarei, sentando-me à mesa com eles.
- Ah, deixa de mentira que você não tem do que reclamar... – Olli sugeriu de modo indiscreto.
- Do que é que eu não tô sabendo? – A curiosidade de Pá aguçou.
- Não sei de nada. Pergunta para quem beijou na boca sábado. – Olli era muito fofoqueiro.
Eu fiquei sem graça.

- Pode me contando tudo, Bia. – exigiu Pá – Agora!
- Foi uma coisa tão sem importância... – despistei na esperança de fazer o assunto morrer ali.
- Ah... Espere aí... Essa estória de beijo tem alguma coisa a ver com Dyllan? – ela concluiu por si – Ahhhh...! Agora entendi... Então foi por isso que você me ligou no domingo perguntando se eu já tinha saído com ele. E eu achando que tinha sonhado aquele telefonema...
- Bia, não acredito que você ligou para Pá perguntando isso! – Olli recriminou-me.
- Liguei sim e daí? – assumi com a maior cara de pau – Liguei e ela me disse que sim.
- Disse? – Pá pareceu surpresa.
- Disse. – confirmei.
- Eu devia estar dormindo...
- Como assim? – ligeiramente, a possibilidade de ela ter se enganado me reanimou – Então nunca rolou nada entre você e Dyllan?
- Que importância tem isso se foi uma coisa tão sem importância – Pá piscou para Olli, crente que me deixara sem saída.

Entre um gole de cerveja e outro, Olli deu uma risada má.

Nem dei trela.

Felizmente, o garçom com corpo de jogador de rugby, bigodinho fino e sotaque do leste europeu chegou trazendo mais uma rodada de cerveja, bem a tempo de me salvar.

- Gostariam de fazer os pedidos?

Num gesto preciso, catamos os cardápios jogados sobre a mesa e os abrimos sem a menor noção do que escolher. Nesse momento, dois casais apontaram na porta do bar, sendo que um terceiro já aguardava na fila. O pessoal ao lado botou o dinheiro sobre a mesa e os caras da mesa cinco acenaram com o cartão de crédito em visível irritação pela demora da conta pedida a mais de meia hora. Resumindo: Era noite de sexta-feira, o bar estava bombando e bigodinho fino não podia se descuidar com a gorjeta, perdendo tempo com uma mesa de indecisos como a nossa.

- Eu já volto para pegar a ordem de vocês, ok?

No instante em que ele virou as costas, abandonamos os menus e a conversa prosseguiu.

- Eu estou falando sério, gente, não tô nem aí para esse cara. – menti, porque eu precisava me convencer disso.

- A gente finge que acredita... – Pá provocou-me, dando um longo gole de cerveja – Mas pode ficar tranquila que nunca aconteceu nada entre a gente não.

Embora esse detalhe não mudasse coisa alguma, tenho que admitir, gostei de saber.

- Tudo bem, eu assumo. – confessei – Eu até queria sim conhecer alguém especial, mas tinha que ser um homem legal, não um galinha clássico como Dyllan, entendem?

Pelos olhares inquisitivos de ambos, percebi que precisava ser mais detalhista. Então, dei mais uma golada na cerveja e emendei:

- Sabe aquele momento “ou vai ou racha” que antecede os trinta? Pois é, estou nele. Não posso desperdiçar tempo com aventuras.

- Me expliquem uma coisa: – Olli se ajeitou na cadeira e olhou atentamente para nós – Por que os trinta anos é uma idade tão importante assim para vocês, mulheres? Por que é duas vezes quinze?

Essa era mole de responder. Eu sabia a resposta de cor e salteado.

- Porque aos trinta o que era para ter dado certo, já tinha que ter dado. O que deu errado, não dá mais tempo de consertar e o que a gente quer que aconteça, talvez não vá mais acontecer. – esclareci categórica.

Na confusão do bar cheio, uma nova rodada de cerveja foi deixada na nossa mesa pela colega de bigodinho fino. Não havíamos pedido nada, mas também não mandamos voltar.

Num só gole, Pá botou para dentro quase 300 ml de cerveja e em seguida me olhou de forma questionadora.

- Resumindo: A minha vida profissional vai ser essa merda mesmo. Se Lido não for o homem da minha vida, não vai aparecer outro. E se eu não comprar um cachorro agora jamais serei mãe.

- Basicamente isso. – confirmei sombria.

Todas as mesas do bar estavam ocupadas, mas a fila do lado de fora já estava menor, então bigodinho fino lembrou-se de nós, os indecisos, e a cena se repetiu.

- Já decidiram o que gostariam de pedir para esta noite? – ele perguntou de maneira profissional, tentando esconder a pressa.

Nós três, automaticamente, enterramos a cara no cardápio, sem, no entanto, decidir nada.

- Quem começa?

- Vai você primeiro.

- Não, pede você que eu acompanho.

- Eu estou com fome, mas não sei de quê...

- Anda, gente, o garçom tá esperando.

- O que a gente pede então? Salada ou comida de verdade?

- Uma pizza caía bem...

O rosto impassível de bigodinho fino indicou-nos o quão tédiosos éramos.

- Poderia nos trazer mais uma rodada de cerveja, por favor, enquanto a gente decide? – Olli disse tentando amansá-lo.

Mas foi só ele sumir do nosso campo de visão, para esquecermos os menus e retomarmos o assunto.

- Sabe qual é o x da questão? – perguntou Pá com a voz arrastada.

- Não. Conta para gente qual é o x questão? – Olli debochou de Pá, que depois de algumas cervejas já estava mais para lá do que para cá.

- O trânsito de Plutão no nodo lunar que acontece no vigésimo nono aniversário. – ela

esclareceu com sabedoria bêbada – Deixa a nossa vida num estado de calamidade tão grande que parece que vai levar mais vinte e nove anos para tudo dar certo outra vez.

Como sequele da depressão, para todos os problemas Pá sempre buscava uma explicação na astrologia, cabala, tarô, runas... Nos últimos tempos, apresentada por Olli, Pá vinha despertando grande interesse pela macumba também.

- Ahhhh...! – exclamei com surpresa – Agora já sei a quem culpar pelo meu casamento falido! – murmurei, cheia de razão como qualquer pessoa que já bebeu quatro pints de cerveja – Tudo culpa de Plutão, aquele filho da puta! – disse antes de irrompermos numa gargalhada escandalosa.

- Pior que é, sabia? – Olli concordou – Aos vinte a gente corre desesperadamente atrás da tão sonhada realização profissional, emocional, pessoal, financeira... faz tudo direitinho, aí aos trinta vem Plutão, do nada, e sacaneia a porra toda? – Na empolgação, Olli gesticulava e falava tão alto que chamou a atenção do pessoal da mesa ao lado.

- Isso não é justo! – fiz coro a Olli e reclamei com Pá – Um planeta não pode ser irresponsável assim não, sabia? Tanto incenso, tanta vela, tanto banho aromático para atrair boas energias para quê então?

Naquele momento jurávamos estar fazendo muito sentido.

Novamente, bigodinho fino trouxe mais uma rodada de cerveja e batucou impacientemente sua caneta bic no bloquinho.

- Gostaria de avisar que a cozinha vai fechar em meia-hora. Se quiserem pedir alguma coisa, é melhor fazerem agora.

- A gente quer pedir uma coisa sim. – Olli afirmou no calor da emoção – A gente quer pedir que Plutão vá para...

- A gente quer pedir mais uma rodada, é isso. – a educação francesa de Pá foi mais ágil.

Ainda nem havíamos bebido nossas cervejas e bigodinho fino trouxe mais três. Com seis cervejas na mesa, o nível intelectual aumentou.

- Mas dizem que aos quarenta a coisa acalma. – Pá continuou – Até mesmo na questão da maternidade.

- Ah, quanto a isso já está tudo resolvido! – declarei entusiasmada, sentindo o meu rosto pegar fogo – Se eu não encontrar nenhum homem legal em dois anos, vou partir para a inseminação artificial feliz da vida. – afirmei com a tranquilidade das pessoas programadas e organizadas, que nem de longe era o meu caso.

- Excelente ideia! – Olli elogiou, arrebatado pela alegria da embriaguez – Se estiver precisando de um doador, faço um preço baratinho no meu esperma.

- Deus me livre! – recusei de imediato – Já pensou um filho nosso? Nós não temos esse direito... Imagine todas as nossas neuroses numa só pessoa! Um filho seu já vai nascer tomando Rivotril de 2mg.

- E um filho seu, Bia, já vai nascer tomando mamadeira de Caninha 51.

Demos outra gargalhada tão escandalosa que eu senti vergonha quando reparei o olhar das pessoas a nossa volta. Tudo bem que o bar já estava vazio, mas nos comportávamos de maneira lamentável, como se fôssemos três bêbados.

Nós não éramos três bêbados. Éramos?

- Também estou com umas ideias aí... – Pá iniciou – Tô pensando em virar gay aos quarenta.
- Bissexual é melhor, sua boba, bivolt. – sugeri porque aquela ideia também já tinha me ocorrido.
- E vocês acham que isso facilita o quê? – Olli fez um gesto tão largo que quase derramou três das inúmeras tulipas de cerveja que tínhamos sobre a mesa.
- Muita coisa! Para começar que os homens-gays são muito mais sarados e bonitos que os homens-homens. – atestou Pá, cheia de razão.
- Isso é verdade. – concordei, lembrando-me dos caras malhados e maravilhosos que eu vira na Shampoo.
- É que vocês confundem o homem-gay com o gay-homem.
- Hã? – eu e Pá não entendemos nada, mas podia ser também nossos neurônios com a capacidade já meio comprometida.
- Eu, por exemplo, sou um gay-homem, mas está cheio de homens-gay por aí. – Olli ilustrou para facilitar nossa compreensão prejudicada – Basicamente, os homens-gay usam cremes anti tudo, passam chapinha no cabelo, depilam o corpo, vão à manicure e na maioria das vezes cozinham muito melhor que vocês, mas no final das contas são homens mesmo.
- São? – Pá perguntou com desconfiança e depois voltou atrás – Pensando bem, acho que eu não ia curtir ir à manicure com um namorado não...
- Pois eu acharia o máximo. – opinei sonhadora.
- O que eu estava querendo dizer é que os relacionamentos gays são mais verdadeiros. – disse Pá.
- Porque a gente sabe que homem perfeito não existe. Isso foi um mito que vocês inventaram. Além disso, a gente também não acredita na monogamia.
- Então Brent não se importa que você durma com outros caras? – perguntei curiosa, protelando a vontade de ir ao banheiro só para não perder nenhum minuto da conversa.
- Se não tiver envolvimento emocional, tudo bem.
- Puxa...!
- Somos realistas, meu bem, afinal não se pode conseguir tudo que se espera de um homem só.
- Faz sentido...
- Mas isso é uma gota no oceano. – Olli deu um suspiro pesaroso, mudando totalmente o rumo da prosa – A gente também tem nossas crises, fiquem vocês sabendo. Ontem, por exemplo, eu e Brent tivemos um quebra pau daqueles.
- O que houve?
- Ele não consegue entender que o meu trabalho é diferente do dele e eu não posso me dar ao luxo de passar uma semana na Tailândia, a menos de três meses da fashion week.
- Por falar nisso, você conversou com Lacuena? – perguntei interessada.
- Não, ela tá num mau humor danado por causa de um cara que ela saiu e ainda não ligou.
- Espera aí, quantos anos tem Lacuena? – perguntei cabreira.
- 56. – Olli respondeu, virando o último gole de sua cerveja.

- Meu Deus do Céu! – exclamei, botando as mãos na cabeça – Eu tinha esperanças de que com o passar do tempo, esses problemas se resolvessem, mas pelo visto...
 - Nunca. – Olli debochou – A eterna espera por um telefonema é o carma de vocês.
 - Não muda de assunto não. – Pá encostou Olli na parede. Acho que o álcool deixava-a mais combativa – Me desculpe dizer, mas você está acomodado profissionalmente.
 - É claro que não estou! – Olli reagiu com um soco na mesa.
 - Você tá abrindo mão da sua carreira como maquiador para se aposentar como braço direito da Lacuena na Bryon! – Pá disparou de forma acusatória e embriagada, botando o dedo na cara de Olli.
 - Você sabe muito bem que as coisas não são assim! – Olli se alterou – O que você quer que eu faça, heim? – gritou.
 - Que você peça a direção de maquiagem do desfile de lançamento. Pelo menos! – sugeriu Pá provocativa, com os olhos pequeninhos.
 - E você acha que eu não vou fazer isso? – resmungou Olli, dando outro soco na mesa – Eu também não posso sair chutando o pau da barraca porque tenho a droga das prestações do meu apartamento para pagar! Jamais vou abrir mão da minha carreira como maquiador, ouviram? – Olli levantou e gritou para todos os clientes do bar. Ninguém deu atenção. – A Bia vai até fazer um favor para mim!
 - Eu? Que favor? – suspeitei que lá vinha...
 - Preciso que você seja minha modelo no curso de maquiagem egípcia que eu vou fazer sábado que vem.
 - O que eu tenho que fazer?
 - Ficar parada feito uma estátua.
 - Tudo bem, acho que consigo.
- Então pela milésima vez naquela noite, bigodinho fino veio à nossa mesa. Porém, agora, sem caderninho, sem caneta e sem uniforme.
- Gostaria de avisar que encerramos o expediente. Aqui está a conta de vocês. Podem pagar ali no caixa que os garçons já não estão mais trabalhando. – avisou carrancudo, praticamente nos expulsando do bar.

Entre gargalhadas bêbadas e indecorosas, arranjamos um táxi. Pá desceu primeiro, em Bethnal Green, porque tio Sukita ligou chamando-a para passarem a noite juntos. Eu e Olli seguimos para casa.

Quando o táxi estacionou, Olli saiu na frente, trocando as pernas, enquanto eu pagava o motorista e seguia cambaleante e alegre pela portaria do prédio. Falávamos alto e relembrávamos coisas imbecis achando uma graça infinita.

- Isso não é nada, Olli... pior foi a moda da calça boca-de-sino. Lembra?! – perguntei, virando-me para fechar a portaria que para variar estava aberta.

Olli não respondeu e eu então repeti.

- Heim, Olli, se lembra?

Quando finalmente fechei a portaria – o que levou certo tempo dado meu grau de etilismo –

virei-me para Olli e compreendi o motivo de sua mudez. Fiquei sóbria na hora. Dyllan, que provavelmente vinha descendo as escadas, estava parado no último degrau para nos dar passagem. Meu sorriso se desfez automaticamente.

- Boa noite. – Olli cumprimentou-o e seguiu pelas escadas.

- Boa noite. – Dyllan respondeu e ficou parado, aguardando minha reação.

Pela forma como estava vestido – jeans escuro e camisa de tecido preta – provavelmente estava indo para alguma festa. Pelo perfume que se espalhou no ar, devia ser uma festa muito bacana.

Eu hesitei quase sem fôlego e lembrei do meu juramento. Tive medo de petrificar se olhasse nos olhos dele, então passei batida e apenas fiz eco à sequência de boas noites, apertando o passo para alcançar Olli já no segundo lance de escada.

Dyllan, por sua vez, não disse nada e, em resposta, tudo que recebi foi o estrondo do portão batendo.

Impressão minha ou ele ficou irritado?, perguntei ao meu sexto sentido.

Claro que ficou, devia estar crente que eu correria atrás dele... Quebrou a cara. Melhor mesmo ele perceber que comigo o buraco era mais embaixo.

Os homens são todos iguais, só muda a nacionalidade.

36.

A minha primeira rota de voo tinha como destino Mascate, em Omã, com uma conexão em Amsterdam, onde aguardaríamos passageiros de outros voos. De lá seguiríamos a bordo de um Airbus 330 para o Oriente Médio, onde passaríamos quarenta e oito horas até voltar para Londres, num voo com escala em Viena, finalizando assim quatro dias longe de casa.

O maior trecho durava quase nove horas e o maior problema nem era o desgaste físico, mas sim o fuso horário de lugares tão diferentes.

Os horários que chegávamos e saíamos dos aeroportos – duas da manhã, meia noite, quatro e meia da tarde... – simplesmente não combinavam com o horário do meu organismo, de modo que o sono batia ao meio dia e a fome às três da manhã.

Por se tratar de um voo com destino a um país islâmico, eu e todas as demais mulheres da tripulação tivemos de usar burca.

Checa equipamentos, checa livro de bordo, checa vídeo, checa jornais, checa o embarque, checa as travas dos trolleys, checa os cintos de segurança, checa o café, checa a temperatura do lanche, checa as bebidas... Bebida alcoólica e carne vermelha estavam terminantemente proibidos.

“Tripulação portas em automático. Decolagem autorizada”.

Que saudade eu estava daquela adrenalina toda...

O barulho das turbinas aceleradas sempre me lembrava o quanto eu gostava de voar. Mesmo com o sono completamente destrambelhado por conta do jet leg, da pressurização do oxigênio... ou qualquer outra dessas teorias. A verdade é que eu estava sentindo muita falta de tomar café numa cidade e jantar em outra.

O avião foi lotado todos os trechos. Na classe econômica não havia nenhum assento vago para contar a estória. Eu não parei nenhum minuto – o que na verdade foi ótimo – e ainda sobrevoando o espaço aéreo holandês, fui chamada à cabine para a informação de que ao chegar em Amsterdam, a tripulação teria de se apresentar com duas horas de antecedência para o próximo voo. Em outras palavras, isso significava dizer que teríamos apenas três horas para chegar no hotel, dormir e voltar para o aeroporto.

Sinceramente, eu invejava as pessoas que tinham a capacidade de dormir – e descansar – por tão pouco tempo.

Então, quando finalmente chegamos em Mascate, toda a tripulação foi aconselhada a não deixar o hotel, por conta de um ataque terrorista ocorrido semanas antes. De qualquer forma, a alta temperatura me causou um ardor nos olhos tão insuportável que sequer cogitei a hipótese. Só de fazer o caminho do estacionamento à recepção do hotel, pude sentir o chão pelando, mesmo estando de meia e sapato. E, segundo o motorista da van que nos buscara no aeroporto, o verão ainda nem tinha começado.

Depois de pegar a chave com a recepcionista, subi para o quarto me sentindo meio mole. A primeira coisa que fiz foi providenciar um banho gelado. A segunda foi ligar o ar condicionado no máximo. Fechei até as cortinas para parecer que era noite e capotei de sono. Acho que tive uma queda de pressão.

Dormi nada mais nada menos que doze horas, com apenas um intervalo de quarenta minutos para o café da manhã. A não ser pelo hotel e pela janela do avião, não conheci Mascate.

Tudo bem, eu ainda voltaria ali muitas vezes.

Quando pousei em Londres no sábado de manhã, foi só botar o pé em terra firme, ligar o celular para o dito cujo tocar. Eu não precisava nem atender para saber quem era: Olli, O histórico.

- Caramba, até voando você se atrasa! – esbravejou – Tô te esperando aqui na aula de maquiagem egípcia, esqueceu? A modelo de todo mundo já chegou, menos você. Já era para eu estar com a sua pele preparada, sabia?!

Vejam só como a intimidade é uma viagem sem volta. Eu estava fazendo um favor e Olli ainda se via no direito de reclamar.

- Acabei de pousar. – tranquilizei-o – Estou aí em quarenta minutos.

- Você sabe onde é?

- No British Museum, né?

- Na galeria egípcia. Vem logo! – vociferou.

O curso de maquiagem egípcia foi a maior roubada que eu podia me meter, mas só percebi isso tarde demais, depois de correr desvairadamente pelas ruas de Holborn arrastando minha mala pesada.

- Por gentileza, o senhor poderia me dizer onde fica a galeria egípcia? – perguntei esbaforida ao segurança do museu.

- Qual das sete?

Caramba... Olli vai me matar...

- Bom, na verdade eu estou procurando uma aula de... – um assobio agudo cortou a minha frase e eu avistei Olli acenando enérgico do alto de uma escadaria de mármore branco, no centro do saguão – Acho que já achei. Obrigada.

Toda desengonçada, subi os três andares com minha mala.

- Carácolas! Que demora... Veio como? De jegue? – foi a maneira carinhosa como Olli me cumprimentou, depois de todo o meu esforço.

- Desculpa. Vim o mais rápido que pude.

Mais adiante, uma mulher alta e super-ultra-mega-maquiada saiu detrás de um balcão todo espelhado e me recepcionou com um sorriso de comercial de pasta de dente. Por um instante achei que ela estivesse me confundindo com outra pessoa, algum VIP na certa.

Sob o balcão espelhado, havia um vaso em estilo otomano, uma palheta de cores terrosas e as credenciais dos participantes do curso.

Só havia uma credencial sobrando. A minha.

- Beatriz Felizardo? – perguntou-me a mulher-girafa, com uma voz muito educada.

- Sim, sou eu. – respondi. A sensação de falar com ela era a mesma de ir ao cinema e assistir ao filme da primeira fila.

- Aqui está. – ela entregou-me a credencial – Vocês estão na baia número quatro. – disse a Olli – O mestre vai chegar em dez minutos. Por favor, fiquem à vontade.

- Obrigada. – agradei aliviada, por voltar meu pescoço à posição original.

O ambiente milimetricamente decorado era outro detalhe à parte. Em meio à esfinges, múmias e sarcófagos, um verdadeiro ateliê de maquiagem artística foi instalado com direito a cadeiras reclináveis, espelhos e uma enorme bancada de granito capaz de fazer a festa de qualquer mulher normal que assim, como eu, era louca por um estojo. Estojo de bases, estojo de pincéis, estojo de blushes, estojo de sombras, estojo de batons e tudo mais que fosse necessário à maquiagem de Cleópatra.

O ambiente era tão sofisticado que até o ar cheirava à coisa cara.

De fato, os outros maquiadores e suas respectivas modelos já estavam preparados e a postos, só aguardando o professor. Então nos encaminhamos à baia de número 4, a única vazia, e as vitrines repletas de produtos de beleza à venda flertaram descaradamente com o meu instinto consumista. Graças a um solavanco de Olli – muito bem dado, por sinal – eu consegui me controlar.

- Depois, Bia. Agora eu preciso preparar a sua pele.

Obediente, sentei na minha cadeirinha – de couro branco com uma estrela dourada bordada no lugar da cabeça – e a partir daí Olli abriu os trabalhos: Corrigiu minhas sobrancelhas com uma pinça, passou um lencinho umedecido no meu rosto e pescoço, usou um chumaço de algodão com um produto mais leitoso tipo uma loção, usou uma base, um pó compacto e outros tantos produtos que já nem sei mais.

Todo esse processo levou o tempo exato do “Mestre” chegar (acreditem se quiser, mas o cara realmente pediu para ser chamado assim, de “Mestre”. Eu achei que a recepcionista tivesse usado o termo só por uma questão de respeito, mas não). Se fosse para defini-lo em linhas

rápidas, eu diria que ele era o cruzamento do Maradona (atualmente) com o Boy George (nos anos 80). Um sujeito baixinho, não exatamente gordinho, mas chegando lá, todo tatuado e com um corte de cabelo, digamos, pouco usual que consistia numa franja despenteada, um lado careca e o outro comprido, cheio de trancinhas.

Então, depois de fazer sua entrada triunfal, mestre cabelo estranho informou que o segredo da maquiagem não estava nos produtos, mas sim na quantidade e na forma de aplicação.

- A maquiagem também tem seus mistérios, sabiam? – ele disse com um ar tão seguro, quase arrogante – Quer dizer, tinha. Pois eu os revelarei agora!

Então após nos abrilhantar com sua magnânima sabedoria, mestre cabelo estranho propôs que cada aluno criasse através de nós, modelos, sua própria “Cleópatra” baseada na combinação sensual das técnicas e cores que ele demonstrara.

Até aí tudo lindo.

Olli resolveu buscar sua inspiração “trabalhando no azul”.

- Olhos. Ressaltem os olhos! – mestre cabelo estranho instruiu a um dos alunos, mas os demais prontamente anotaram a dica.

Nós, reles modelos, só tínhamos um direito: O de permanecer calada porque acompanhar o andamento da maquiagem no nosso próprio rosto era terminantemente proibido. Cada vez que eu me ajeitava na cadeira, Olli rosnava para mim. Aliás, a cadeira foi outro problema porque, embora ela tivesse me parecido super pomposa e confortável no primeiro momento, duas horas depois eu preferia estar deitada num tapete de cacos de vidro.

Enquanto os maquiadores preparavam suas modelos, mestre cabelo estranho, andava de um lado para o outro, com as mãozinhas para trás, caçando um defeito para apontar e criticar. Porém nem sempre na maquiagem.

- Meu Deus! – exclamou assustado, quando passou pela nossa baia – A pele da sua modelo está tão seca que me deu sede. Além disso ela não tem nenhuma profundidade de côncavo! Você vai ter que destacar mais o ossinho da órbita! – recomendou a Olli em tom de emergência.

Seja lá o que isso fosse, da maneira como ele falou, quase pedi desculpas. Ele então prosseguiu.

- Desista desse tom. Só um azul mais fechado, tipo âmbar, vai funcionar nessa pele opaca. – aconselhou.

“Pele opaca”? Foi isso mesmo que ele falou?, perguntei a mim mesma.

Submisso como uma mulher muçulmana, Olli sacou seu pacote de lencinhos umedecidos do bolsinho do avental e nem contestou. Removeu completamente a maquiagem dos meus olhos e começou tudo outra vez. Assim como os demais alunos, ele estava tão compenetrado que achei melhor, especialmente para minha segurança, continuar quietinha.

Mais uma volta no salão, dando ordens e botando defeito no trabalho e na modelo alheia, mestre cabelo estranho voltou à nossa baia, parou na minha frente e me analisou atentamente, por cinco minutos, como se eu fosse uma aberração da natureza. Por fim, decretou com carinho de nojo e voz mole:

- Humm, vejamos... para erguer um olhar como esse, você vai ter que trabalhar de dentro para

fora usando pelo menos cinco tons diferentes. – “Olhar como esse” como assim?, me controlei para não deixar a indignação me escapar – Tira essa tonalidade translúcida central e experimenta um preto na pálpebra móvel.

- Qual preto? – Olli questionou – O preto com brilho ou o preto opaco?

- O preto super-extra-mega-brilho. – ele respondeu, já analisando sua próxima vítima, ou melhor, a modelo da baia número 5. *Coitada...!*

Olli, obediente, removeu a maquiagem dos meus olhos e foi correndo pegar o preto extra-brilho que Seu Mestre mandou.

Mala!, gritei bem alto, na minha consciência.

Uma hora depois, sem a menor cerimônia, mestre cabelo estranho voltou à nossa baia para mais uma das suas. Bracinhos roliços para trás, corpinho de bola para frente e com o olhar de estranheza que lhe era peculiar, me analisou não mais como se eu fosse uma aberração da natureza. Agora ele me olhava como se eu fosse um ET com dois narizes e cinco bocas.

- Não tem jeito... nada funciona muito bem em olhos inexpressivos... – Nunca soube que meus olhos fossem inexpressivos, eu achava, inclusive, que eles fossem grandes e destacados – Você vai ter que usar aí umas cinco camadas de delineador. No mínimo! Deixa eu te mostrar a direção da linha que você deve traçar.

Então, Olli deu um passo para trás e, basicamente, entregou o meu rosto para o mestre. Gelei de medo. Esfregando suas garras esmaltadas nas minhas pálpebras, ele mostrou a Olli a tal da linha.

- É daqui para cá, tá entendendo? Não de lá para cá, mas sim daqui para lá, compreendeu?

Mais uma demonstração daquelas e eu ficaria cega.

Para Olli, todas essas intervenções basicamente significavam remover a maquiagem e refazê-la. Para mim, no entanto, significava a sensação traumatizante de um chumacinho de algodão embebido em demaquilante esfolando a minha pele um pouco mais.

- Já que sua modelo tem cílios caídos, você precisa corrigir isso recorrendo aos “postigos especiais para olhares abatidos”. – Ele disse sem pena nem dó, antes de dar as costas e azucrinar outra.

- Qual é a desse cara, Olli? – perguntei irritada.

- Cala a boca, Bia. – Olli abafou minha boca com as mãos – Ele é O Mestre!

- Mestre da pentelhação, né?

- Você sabe quanto eu paguei para ter aula com esse cara? Não, né? Então fica quieta. – Olli esbravejou entredentes.

- Fala a verdade: Eu tenho a pele opaca? Os meus olhos são inexpressivos? Os meus cílios são caídos? Pode dizer a verdade, eu tô preparada.

- Acho que não, mas se ele tá falando... Agora deixa eu continuar. – Olli sussurrou.

Foram tantas camadas de base, corretivo, blush, sombra e delineador que eu tinha a nítida sensação de que mais uma pincelada e meu rosto ficaria em carne viva. Então, após quatro horas – que me pareceram quatro décadas – a tortura finalmente acabou e eu fui liberada para me ver no espelho.

Foi difícil controlar a vontade de chorar, mas segurei a lágrima porque ela certamente arderia

em contato com a minha pele fina e esfolada.

Difícilmente eu conseguiria ficar mais medonha. A Elke Maravilha, no entanto, teria adorado. Parecia que eu tinha no rosto uma máscara do carnaval de Veneza. Azul.

Mesmo odiando, tive que fingir ter adorado e fui obrigada a posar para fotos junto com às demais modelos, – tão medonhas quanto eu – fazendo cara de Cleópatra. O tempo todo eu me perguntava se em Alexandria, na época do Império Romano, Cleópatra realmente aprovaria minha maquiagem e me deixaria fazer parte de seu grupinho de amigas. Será que maquiada daquela maneira tosca eu teria alguma chance com Júlio César? Será que Marco Antônio ficaria a fim de mim?

Só não tirei o durepox do rosto ali mesmo por dois motivos: Primeiro para não desapontar Olli que estava todo orgulhoso e satisfeito; Segundo, porque eu estava tão traumatizada que não podia nem olhar para o pacotinho de lenços umedecidos. De mais a mais, eu estava em Londres, se eu saísse na rua pintada de azul, de ouro ou pelada ninguém nem notaria mesmo, então...

Depois do curso, a mulher-girafa fez uma demonstração da maquiagem à venda, ou melhor, da linha de tratamento disfarçada de maquiagem à venda que incluía batons com colágeno, bases com filtro solar, blushes com agentes rejuvenescedores... O problema é que minha situação financeira estava o caos e eu havia jurado para mim mesma que não gastaria nem mais um tostão com supérfluos.

Comprei apenas o essencial: Um kit com dez pincéis de cerdas naturais, três corretivos redutores de linhas de expressão, um batom a base de ginkgo biloba e outro de aloe vera, afinal de contas pincéis, corretivos e batons são itens de primeira necessidade.

- Vem comigo que eu tenho uma bomba para te contar.

Desci esbaforida as escadarias e atravessei o saguão de mármore branco atrás de Olli. Lá embaixo ele anunciou:

- Preciso fumar um cigarro.

- Ué, mas você não fuma...

- Hoje eu fumo. – Olli tirou da bolsa um maço de cigarro e eu não entendi nada – Droga, lembrei que não tenho esqueiro...

- Acende no daquela mulher ali. – apontei para a varredora de rua sentada no banquinho do parque, fumando tranquilamente seu cigarrinho depois do almoço.

Quando Olli voltou com o cigarro aceso, deu uma tragada tão forte que foi metade do cigarro.

- Pá tá grávida. – disparou do nada.

Por uma fração de segundos me faltaram palavras e eu nem soube o que dizer.

- Do tio Sukita, certo?

- Exatamente. – confirmou – Mas ele tá viajando e ela quer esperar ele chegar para contar que ele vai ser papai. – Olli foi meio sarcástico – Pela quinta vez.

Rapidamente fiz um panorama da situação: Pá tinha 30 anos, era livre, independente e pagava as próprias contas, – o fato dela estar devendo o cartão de crédito não contava – tio Sukita era divorciado, tinha um bom emprego e já não era mais nenhum garotinho – aliás, há muito tempo já não era... – Ambos se gostavam e viviam uma fase relativamente estável, ou seja, a

chance de alguma coisa dar errado era ínfima. Comemorei.

- Que notícia ótima!

- Bia, você entendeu o problema ou ficou lelé de vez? – Olli me repreendeu.

- Mas qual problema?

- Todos. Pá está crente que tio Sukita vai dar pulinhos de alegria e eles serão felizes para sempre com o trombadinha que ela tá esperando dele.

- Para falar a verdade, eu também acredito nisso, Olli.

- Jura? E em mais o quê você acredita? No mundo perfeito, sem guerra, sem fome, sem celulites e sem depilação de virilha?

- Deus me livre, um mundo sem depilação de virilha...

- Pá vai cair do cavalo e vai ser um tombo feio. – Olli previu, com ar preocupado – O meu medo é que ela não resista e se afunde em outra depressão.

Achei que Olli estava sendo muito negativo.

- Mas, Olli, homens mais velhos são mais experientes, conhecem bem as mulheres... O que te leva a crer que ele vai fugir da responsabilidade?

- Exatamente isso. Eles são mais experientes em fugir das responsabilidades.

- Você é tão pessimista...

- Sou? – ele arregalou os olhos, fingindo surpresa, puxou o maço de dentro da bolsa e acendeu um cigarro no outro – Guarda bem isso que você tá me dizendo e daqui há uns meses eu quero ver se você não vai me dar razão.

- Vamos ver. – topei o desafio. – Eu vou esperar ela me contar.

- Isso. – afirmou com segurança – E agora você vai para onde, malôca?

- Vou para a casa. E você?

- Vou ver um cara aí.

- Brent?

- Não. Um ex-namorado.

- Outro? – perguntei impressionada com a falta de criatividade de Olli.

- Esse vale a pena! – ele se apressou em explicar.

- Sei...

- É muito saudável não perder contato com ex-namorados, sabia?

- Imagino...

Olli via ex-namorados da mesma forma que via o air-bag num carro. Ninguém quer precisar, mas numa situação de emergência é bom saber que pode contar com um.

- Bóra na Shampoo mais tarde? – ele propôs.

- Pode ser. Vou lá em cima pegar minha mala e vou embora que tô morrendo de fome. A gente se fala à noite.

Era início de tarde e o sábado estava lindo. Não havia nenhuma nuvem no céu e a temperatura oscilava agradavelmente na casa dos 25 graus, comprei um sanduiche no Pret e fui para a casa pensando em Pá e na enorme felicidade que ela devia estar sentindo com a maternidade.

Ao contrário de Olli, eu estava contente por ela e, mesmo sabendo que em pouco tempo Pá se

tornaria uma chata, falando de experiências e sensações completamente desconhecidas para mim, me esnobando com frases do tipo “Ah, não tem como explicar. Só quando você for mãe vai entender”, eu fazia questão absoluta de acompanhar sua gravidez, bem de pertinho.

A portaria escancarada me trouxe de volta à realidade. *Preciso falar sobre isso com Olli, qualquer dia seremos assaltados...*, e de repente fui abruptamente interrompida dos meus pensamentos pela constatação de que um raio pode sim cair duas vezes no mesmo lugar!

Não sei vindo de onde, Dyllan surgiu na entrada do prédio. Foi quase um flashback da semana anterior, a única diferença é que dessa vez nós dois estávamos chegando.

Cumprimentei-o com um “oi” praticamente inaudível e nem ousei olhar para ele. Ele, por sua vez, não me respondeu e também não me ofereceu nenhuma ajuda com a mala. Seria bem melhor se não fôssemos vizinhos, pensei. O pior é que daquela vez, não havia o respaldo de Olli. Éramos apenas eu, ele e minha mala.

Seguimos mudos até o terceiro andar sem dar uma palavra.

Mas Dyllan era australiano, joguinhos e rodeios não faziam parte de seus métodos.

- Bia. – meus ouvidos mal acreditaram no que ouviram. – Tem um minuto?

Fui soterrada por uma avalanche de incertezas.

- Sim. – respondi, sentindo o coração bater na garganta.

Ele então abriu a porta de seu apartamento e me deu passagem. Era a primeira vez que eu pisava ali, mas estava tão aflita que nem reparei nada. Tudo o que eu queria era me livrar o quanto antes daquela situação.

Quando a porta se fechou atrás de mim, senti que havia caído na armadilha e não havia escapatória.

- Qual é o problema? – ele disparou do nada, parecendo-me bastante chateado. Quase irritado, podia-se dizer.

- Nenhum. – respondi sobressaltada e cínica.

- O que foi que eu te fiz?

- Nada. – tentei manter o tom calmo, mas eu era péssima atriz.

De acordo com o código protetor das pessoas encurraladas, naquele momento Dyllan deveria desistir do interrogatório, abrir a porta e deixar tudo por isso mesmo. Mas quem disse que ele queria tornar as coisas fáceis para mim?

- Por que você tá fingindo que não me conhece? – Inacreditavelmente, ele perguntou assim, na cara, sem anestesia.

- Não... não... – comecei a gaguejar. – É... é... impressão sua.

Eu não havia previsto aquilo. Não imaginei que Dyllan poderia me cobrar satisfações, portanto, eu não tinha em mente nenhuma saída de emergência para a situação. Continuar negando era ridículo porque realmente não era verdade. Mas afirmar o quê? Que eu sabia que ele era um galinha de renome na praça e que eu não ia ser mais uma a cair no papo dele? Não, eu também não podia falar assim.

- Eu não devia ter te beijado, é isso?

A espontaneidade dele era desconcertante.

- Não... não... não é nada disso – garanti completamente perturbada – É impressão sua.

- Se é impressão minha porque você não olha para mim? – Realmente não dava para encará-lo. Dyllan então se aproximou, segurou meu queixo e levantou meu rosto lentamente até que os meus olhos encontraram os dele – Heim? Me diz porque você tá me tratando como um canalha se eu não fiz nada?

Pior que é... Por que? Sabe que eu não sei...! Ah, lembrei! Porque eu conheço o seu tipo. Você não fez nada, mas logo vai fazer.

Uma ideia rápida era tudo o que eu precisava, entretanto nenhuma luz veio ao meu socorro. Eu estava mais enrolada que político em CPI.

- Se você quiser eu sei pedir desculpa em dezessete idiomas. – achei que falar algo engraçado era a única saída para quebrar o clima. Mas ele não achou a menor graça.

Então Dyllan chegou ainda mais perto, de maneira que não havia como eu desviar o olhar dele. Estávamos tão próximos que eu podia sentir sua respiração e para qualquer direção que eu olhasse, era só o rosto dele que eu via.

- Eu só quero que você não fuja de mim. Só isso.

- Desculpa. – falei baixinho.

Ele riu.

Ufa! Que alívio!

Dyllan deslizou as mãos pelos meus cabelos, ajeitou-os atrás das minhas orelhas e curvou-se para me beijar. Senti as pernas completamente moles. Eu já havia experimentado aquela sensação antes. Então no exato momento em que ele me beijou uma realidade ficou muito clara: Eu estava morrendo de vontade de beijá-lo novamente e mal podia acreditar que, de fato, isso estava acontecendo.

Quando nossos rostos se afastaram, ele olhou fixamente para mim e lançou de uma maneira muito sedutora:

- Posso te perguntar uma coisa?

- Claro.

- O que é isso no seu rosto? – Meu Deus, a maquiagem egípcia! – Você tá parecendo um personagem do Avatar.

Nossa! Me esqueci completamente...!

- É que eu fui modelo num curso de maquiagem... Depois te explico... Preciso tirar esse troço do rosto agora! – me apressei, embaraçada de vergonha.

- Espera! – Dyllan me puxou de volta – Você vai fazer alguma coisa mais tarde?

- Não – se Olli tivesse me ouvido, teria ficado pau da vida.

- Então fica comigo.

- Tudo bem. – concordei às cegas – Só preciso tomar um banho.

- Te espero lá embaixo daqui a meia hora.

- Para onde vamos?

- Qualquer lugar.

Dyllan me esperava dentro do carro, quando eu saí do prédio quarenta minutos depois.

- Você tá linda! – Mentira. Eu estava de jeans, camiseta e sandálias. Podia estar linda? Pois é... Havia, inclusive, uma forte suspeita de que meus olhos ainda estivessem meio azulados, mas com o tempo curto não deu para fazer milagre.

De qualquer forma, fingi que acreditei e sorri em agradecimento.

Metade do caminho passei olhando pela janela porque era quase doloroso de tão excitante estar no mesmo metro quadrado que Dyllan, sem tocá-lo. Era absurda a atração que eu sentia por ele. Do retrovisor, eu percebia que ele me olhava. Então, num dado momento ele passou a marcha e esbarrou a mão na minha perna assim como quem não quer nada. Na hora, algo dentro de mim se derreteu feito manteiga no pão quente. Uma mulher sempre sabe que há química na parada quando o toque dele é eletrizante mesmo sem querer.

- Vou te levar num dos meus lugares preferidos.

- Onde?

- Você vai ver.

Acostumada a me deslocar pela cidade usando o metrô, eu não tinha muita noção de direção quando estava de carro. Sequer sabia se íamos para o sul ou para o norte. Mesmo lendo as placas, me faltava conhecimento geográfico local para me situar. De qualquer forma, eu estava tão tensa com a proximidade de Dyllan que realmente não me importava o nosso destino.

Quando finalmente descemos do carro, me deparei com um parque tão grande que minhas vistas não conseguiram enxergar o fim. Havia muitas pessoas espalhadas pelo gramado e as árvores frondosas faziam um lindo contraste de cores com o céu azul claro. Na entrada, cavalos tão bem tratados que pareciam usar maquiagem.

- Duvido você me dizer onde estamos, aeromoça? – Dyllan desafiou-me.

- Realmente não sei. – confessei procurando alguma pista ao redor.

- Estamos no centro do mundo! – Dyllan falou com entusiasmo, me puxando contra si.

Matei a charada!

- GREENWHICH! – falei encantada ao descobrir. Eu era louca para ir até lá. Desde que chegara a Londres, ensaiava passar uma tarde em Greenwich. Havia planejado tantas vezes, mas nunca dera certo. Fiquei muito feliz por estar lá finalmente. – Muito Obrigada por me trazer aqui!

- Vem! Vamos lá em cima! – Dyllan tomou a frente e me puxou pela mão.

A tarde estava ensolarada, mas não tão quente, quer dizer, para os padrões ingleses podia-se dizer que estava um calor de rachar. O extenso gramado emprestava ao ar um cheirinho gostoso de flores que se intensificava a medida que avançávamos pelo parque.

Quando chegamos lá em cima, no observatório, eu e Dyllan ficamos hipnotizados. De mãos dadas, admiramos em silêncio toda a imensidão da paisagem que se desenrolava na nossa frente feito um tapete.

- Uau! – Meus olhos levaram alguns segundos para registrar a série de imagens e cores simultâneas.

Debrucei-me na sacada maravilhada com a grandiosidade da vista no horizonte. Além dos edifícios de Norman Foster, para qualquer direção que eu olhasse a cidade se estendia numa infinita gama de cores e detalhes.

Então é assim que o mundo se parece visto do centro..., pensei.

- É bom esse vento no rosto, não é? – Dyllan me perguntou, abraçando-me por trás.

Concordei. Era mesmo uma delícia. Especialmente, quando você fecha os olhos.

- A vibração aqui em cima é diferente. – ele continuou.

- Do alto tudo é diferente. – opinei.

- Engraçado é pensar quantas milhões de pessoas estão à nossa volta sem que nem possamos vê-las. – ele disse, saindo de perto de mim e encaminhando-se para a outra extremidade do observatório.

Esse era exatamente o meu pensamento quando eu sobrevoava uma cidade. *Quantas vidas há lá embaixo?*, eu sempre me fazia essa pergunta.

Próximo a nós, entretanto, a vida se materializava em centenas de pessoas deitadas na grama, inclusive mulheres de biquíni, aproveitando a tarde de sol pouco comum em Londres. Naquele clima de tranquilidade, avistei um lugarzinho debaixo de uma árvore e o mormaço quente me fez um convite irresistível.

- Vamos deitar na grama? – propus a Dyllan.

Agora vejam só como o mundo dá voltas!, atestei surpresa comigo mesmo ao me ver ali, no cenário bucólico de Greenwich, tomando sol ao lado de um homem lindo de morrer, capaz de virar a cabeça até de uma novica.

- Já que você tá no centro do mundo faz um pedido. – Dyllan sugeriu divertido, emaranhando suas pernas nas minhas – Qualquer coisa.

- Ah... Quem me dera.

- Tenta.

- Meu pedido é impossível...

- As vezes você pensa que é, mas não é.

- Esse é.

- Vai que o universo está de bom humor...

- Você acha que o universo pode trazer minha mãe de volta?

Mal pude acreditar que eu tocara naquele assunto. A falta que eu sentia da minha mãe era uma área tão delicada da minha intimidade. Pouquíssimas vezes na vida mencionei a alguém o vazio que a ausência dela representava para mim. Sinceramente, não entendi porque ali, naquele contexto, puxei minha mãe na conversa e expus um sentimento tão íntimo e dolorido para mim.

- Nossa! Nem sei porque falei isso... – tratei de consertar no minuto seguinte – Normalmente, não comento esse assunto com qualquer pessoa...

- Vai ver eu não sou qualquer pessoa. – interrompeu-me, fitando-me com seus imensos olhos verdes.

Então, sem nem perceber, contei a Dyllan tudo sobre minha vida. Falei de Mariana, do Brasil, do meu apartamento, da minha convivência com Olli, da minha infância no Rio e até Arthur entrou na dança – obviamente, os detalhes mais horrendos da minha depressão foram censurados. – Falei sobre minha paixão por voar e como já era acostumada a viajar desde os nove anos de idade. Contei sobre minha relutância em ir para Londres e como Mariana armara

tudo para que eu estivesse ali naquele momento.

- Acho que tô devendo um favor para essa sua amiga Mariana, né? – disse, jogando o corpo sobre o meu e passando a mão no meu rosto – Já pensou o trabalhão que eu teria para te achar lá no Brasil?

- Se tivéssemos mesmo que nos conhecer, você me encontraria de uma maneira ou de outra. – garanti.

- Será? – ele duvidou.

- Você não acredita em destino?

- Não. Acho que são só coincidências.

- Pode ser...

- Tudo que precisamos saber está a nossa volta. – ele opinou – Quem escolhe somos nós mesmos.

Depois foi a vez de Dyllan me contar sobre sua adolescência em Queensland e de como era difícil para uma pessoa nascida num lugar chamado Sunshine Coast se adaptar ao frio europeu. Falou que quando terminou o colegial, escolheu cursar a faculdade em Londres porque estudar em outro país já era praticamente tradição da família. Seus outros dois irmãos fizeram a mesma coisa, porém com destinos diferentes: O mais velho morava na África do Sul e o mais novo, nos Estados Unidos.

Será que os irmãos de Dyllan são tão bonitos como ele?, pensei curiosa enquanto ele me contava sobre sua família.

- Meu pai nem liga, mas minha mãe, coitada, cada filho num continente... Só no Natal nos reunimos.

Dyllan contou também que morria de saudade de jogar *footy* na praia, mas *footy*, na verdade, não era futebol, e sim rugby – bem foi o que eu entendi das regras do jogo que ele tentou me explicar. – Falou que Mark era seu melhor amigo e que, embora já se conhecessem há quase dez anos, ele só havia descoberto isso três anos antes, na final emocionante do Arsenal e Manchester, do Campeonato Europeu, quando Mark topou assistir o jogo na torcida do Arsenal, mesmo sendo fanático pelo Manchester, só para não perder a companhia de Dyllan. Em algum momento desta estória, o nome de Fiona foi mencionado e ele esclareceu os fatos.

- Eu e Fiona namoramos por um tempo, mas vimos que éramos muito diferentes. Nos vemos todos os dias porque trabalhamos juntos, mas agora ela é só uma amiga.

Eu só vira Fiona uma vez na vida e a impressão que tive dela foi a pior possível. Eu podia, inclusive, afirmar que detestava Fiona. No entanto, na condição de ex-namorado, Dyllan não podia falar mal dela em hipótese alguma. Ter mencionado a relação deles de maneira respeitosa, fez Dyllan subir dois pontos no meu conceito.

Enquanto ele falava, me senti tão envolvida por sua presença devastadora que nem prestei atenção no que dizia. Passei a olhar fixamente para o seu rosto, tentando registrar cada detalhezinho para poder lembrar depois. As maçãs do rosto proeminentes, a pele naturalmente bronzeada, os cílios enormes, o sorriso escancarado combinando com o par de covinhas, o tom levemente dourado dos cabelos castanhos. Será que ele fazia highlights com o Fleur?, pensei encantada pela harmonia com que tudo reluzia nele. Por outro lado, visto assim tão de pertinho, Dyllan não era perfeito. Dois dos seus dentes inferiores eram ligeiramente

desalinhados, sua sobrancelha direita era meio falhada e ele tinha uma pequena cicatriz no queixo, porém percebi que eram justamente os defeitos que davam o acabamento à beleza estonteante.

Subitamente, Dyllan percebeu minha atenção presa em seu rosto e muito longe da estória que ele contava.

- Que foi? São as minhas sardas? – perguntou meio tímido. Olhando de perto, ele tinha mesmo umas manchinhas discretamente espalhadas pelas bochechas. – É herança dos Vikings.

- São lindas. – disse encantada, porque eram mesmo. E isto foi pretexto para mais um beijo longo e cheio de desejo, com Dyllan passando a mão pela minha barriga por baixo da blusa.

Com a proximidade dos nossos corpos, senti quando o telefone dele vibrou e ele enfiou a mão no bolso da calça desligando sem nem identificar. Ele tentou disfarçar, mas eu percebi e fiquei levemente apreensiva porque afinal de contas era sábado e eu podia imaginar a quantidade de convites para festas e programas bacanas que ele devia receber todo fim de semana. Me ocorreu que talvez ele tivesse algo muito mais interessante para fazer do que estar comigo em Greenwich.

Quando o sol começou a se pôr, uma brisa fina e gelada nos deu boa noite. Já não havia mais mulheres de biquíni e metade das pessoas já haviam ido embora. Eu não levava o casaco e estava, portanto, morrendo de frio, mas preferia congelar a fazer um comentário e correr o risco dele sugerir irmos embora. Eu estava gostando tanto de estar ali, na presença dele, não queria perder aquele momento por nada. Além disso, eu não sabia quanto de si Dyllan estava disposto a me dar. Então se minha cota fosse só aquele encontro, era melhor que eu tirasse o máximo proveito.

- Você tá com frio... – ele afirmou, passando a mão nos meus braços.

Ah não... Ir embora não, por favor não...!

- Nem um pouco. – garanti, parecendo sincera.

- Claro que tá! – Dyllan achou graça e me envolveu em seus braços.

Pronto, agora eu já não estava mais mentindo. O calor do corpo dele me aqueceu instantaneamente, provocando-me uma sensação indescritivelmente boa, mas no minuto seguinte uma fisgada de frustração pela olhada que ele deu no relógio botou tudo a perder e Dyllan propôs.

- Vamos?

Era tudo o que eu não queria ouvir, mas fazer o quê...?

- Claro. – fingi que concordara plenamente.

Em silêncio e esforçando-me ao máximo para camuflar a contrariedade, segui de mãos dadas com Dyllan na direção do estacionamento. Quando, finalmente, chegamos no carro, arrisquei um comentário.

- Foi legal. – afirmei meio tímida.

- Foi legal ou está sendo legal? – ele perguntou. – Porque se está sendo, eu acho que a gente não devia ir embora agora.

Meu sorriso me entregou.

- Posso te levar para jantar? – Dyllan convidou-me – Tem um restaurante mexicano que eu gosto muito. Você tá a fim?

Se o restaurante fosse afegão ou iraniano, minha concordância imediata, quase desesperada, teria sido a mesma. Eu estava absolutamente encantada por ele e qualquer coisa que esticasse o nosso encontro estava valendo.

Então no restaurante o papo ficou mais intimista.

- Agora fala, por que você ficou com tanto medo? – ele me perguntou do nada, assim que o garçom trouxe nossos mojitos.

- Te respondo se você me disser porque você cismou comigo. – rebati, mostrando que eu estava atenta.

- Você acha que dá para explicar essas coisas assim de uma forma objetiva? – ele me voltou a pergunta.

- Não foge do assunto. – ordenei.

- Bom... não sei, acho que olhei para você numa hora que era a certa para mim.

- Como é que você sabe? – desafiei-o – Você nem me conhece.

- Seja quem você é e eu descubro o que eu quiser. – ele sorriu astuto.

Foi uma pena não termos conseguido pegar uma das mesas do canto, onde ficavam as poltronas, porque agora minha pele implorava por um toque de Dyllan, mas ele estava longe demais para isso e eu tive que me contentar com a mão dele sobre a minha pelas quatro inacreditáveis horas que levamos para jantar uma enxilada, com suflê de banana de sobremesa.

Não dava mais para postergar, porque éramos a última mesa do restaurante e os garçons já estavam todos em volta do balcão mandando vibrações para que pedíssemos a conta, que, por sua vez, já estava prontinha na mão da gerente, só aguardando nossa solicitação.

- Acho que agora temos que ir embora. – ele disse.

- É verdade. – Lamentavelmente, tive que concordar, observando no relógio que já passava muito da meia-noite.

Na volta, viemos no carro em meio a risadas, conversas e beijos nos sinais vermelhos. Ganháramos intimidade e o clima de descontração nem se comparava à tensão da ida. Entretanto, ao passo que nos aproximávamos de casa, a leveza deu lugar a uma pergunta: Será que eu e Dyllan vamos...? Automaticamente, essa pergunta foi substituída por outra: Será que eu estava querendo que eu e Dyllan...?

Estava... Estava sim... E como!

Em fração de segundos, a expectativa convidou o nervosismo que chamou a ansiedade que de quebra trouxe a aflição e os quatro amiguinhos foram brincar no jardim dos meus nervos à flor da pele. Do nada, o clima entre nós pesou. Dyllan percebeu o lance porque subimos as escadas do prédio num silêncio sepulcral, sem dar uma palavra. Eu estava muito ansiosa pelo desfecho

da noite.

O que será que vai acontecer quando chegarmos lá em cima?, eu me perguntava sem parar. Será que vai ser no meu apartamento ou no dele? Mais um lance de escada e eu descobriria...

Quando então chegamos na porta de nossos apartamentos, ele me deu um beijo lento, porém, curto, muito diferente das amostras eletrizantes que eu recebera durante a tarde.

- Então... tá. – ele disse, transferindo o peso de uma perna para a outra.

- Então tá. – concordei sei lá com o quê.

Ele hesitou um pouco.

- Boa noite então. – Dyllan abriu a porta.

- Boa noite. – respondi, pegando minha chave na bolsa e botando-a na porta.

- Até mais. – ele me disse já do lado de dentro.

- Até. – respondi e fechei a porta.

Ok, confesso. Eu estava sim na expectativa de que algo mais rolasse, mas atire a primeira pedra a mulher que no meu lugar não estaria.

Havia sido uma tarde tão fantástica e o jantar tão maravilhoso que se eu soubesse, tinha levado uma câmera escondida. Dyllan mostrara-se extremamente gentil e carinhoso, achei que irmos para cama era apenas uma consequência.

Tudo bem. Se ele sequer mencionou a possibilidade de nos vermos uma próxima vez, tudo bem. Se no fundo isso só quer dizer que ele não me achou fisicamente atraente o suficiente para querer dormir comigo, tudo bem também... Resolvi que daquela vez eu não ia perder o bom humor, não ia ficar deprimida e muito menos ia abrir a primeira garrafa de vinho que eu visse pela frente – quer dizer, não por esse motivo.

Eu estava bem. Talvez estivesse finalmente aprendendo a viver.

37.

Entrei em casa sentindo-me plena. As muralhas da resistência haviam caído completamente e eu me sentia tão leve que mais um pouco flutuava.

Dona Alegria resolveu dar uma festa de arromba no meu coração e convidou personalidades ilustres como a Senhora Empolgação, Senhor Entusiasmo e Senhorita Esperança.

Esqueçam o fato de que Dyllan era um homem maravilhoso e de que a tarde fora perfeita. Eu estava feliz pela imagem de mim mesma que vi naquela mulher de bem com a vida.

Olhei a garrafa de água vazia que Olli, mais uma vez, esqueceu dentro da geladeira e pensei: “Que mal há nisso?”. Abri as correspondências sobre a mesa e descobri que pelo segundo mês consecutivo eu estourara o limite do cartão e falei para mim mesma: “É só mais um chequinho especial. Um mês a mais, um mês a menos...”. Avistei uma montanha do tamanho do Everest de roupas para passar e agradei a Deus por ser tão próspera e ter tantas roupas.

Estava me sentindo revigorada e feliz. Não cantarolei porque temi que Dyllan pudesse me ouvir através das paredes finas, mas dancei pela casa inteira como se fosse a estrela de um musical de West End, daqueles em que até a respiração dos artistas é coreografada.

Tomei banho fazendo movimentos sinuosos com o corpo e fingindo que o tubo do shampoo era o meu microfone, atravessei a sala em piruetas, abri a geladeira com um movimento expressivo e interagi com uma maçã como se dançássemos uma valsa.

Entrei na internet, mas Mariana não estava online. Claro que não, afinal era sábado à noite.

Escrevi um email, anyway.

De: bia.felizardo@hotmail.com

Para: marimari21@yahoo.com

Assunto: Ai, ai...

Parafraseando Fernando Pessoa, tudo que vem eh grato.

Beijo

Bia

OBS: Nao entendeu? Depois te explico...

Na secretária não havia nenhum recado de Olli e provavelmente ele não ia aparecer em casa porque devia estar se dando bem na cama de alguém por aí.

Eu estava absolutamente radiante e feliz. Acendi umas velinhas aromáticas, botei a camisola mais larga que eu tinha e fui dormir achando a vida bela.

Fiquei pensando em Dyllan, lembrando dos detalhes e de todas as coisas que falamos até que enfim adormeci.

Então no estado intermediário de inconsciência que precede o sono, ouvi ao longe um som suave, como se fosse um sonho. Não tinha imagem nenhuma, era só o som mesmo. Um som meio oco e ritmado que parecia... parecia algo comum.... tipo batidas na porta.

Opa! Tem alguém batendo na porta! , despertei de sobressalto.

Ou Olli tinha esquecido a chave ou...

Corri para a sala e ao abrir a porta, me deparei com Dyllan encostado no batente e uma caneca do Arsenal na mão.

Não entendi nada.

- Oi. Será que você tem um pouco de café para me emprestar?

Olhei para a parede, na direção do relógio. Eram quase três da manhã.

- Café? – questionei com estranheza – Você vai tomar café agora?

- Não, mas não consegui arranjar outra desculpa para vir bater na sua porta uma hora dessas. – falou, dando um passo a frente.

Achei graça.

- Quem disse que você precisa de desculpas?

Então, Dyllan me olhou de uma maneira irresistivelmente sexy e eu me dissolvi feito um tablete de Redoxon na água.

- Não consegui pregar o olho sabendo que você estava aqui tão perto. – ele disse ligeiramente

ofegante. Havia um quê de emergência em sua voz, como se o mundo fosse acabar nos próximos minutos.

Com a agilidade de um gato, ele me puxou pela cintura e me deu um beijo tão quente que me deixou sem fôlego.

Antes mesmo que eu pudesse pensar em pronunciá-las, ouvi as palavras saindo da minha boca:
- Vamos para o meu quarto.

Eu estava morrendo de desejo.

Foi tudo tão rápido que nem tive tempo de esconder minha coleção de livros de autoajuda. Assim que fechei a porta do quarto, Dyllan veio por trás, emaranhou as mãos nos meus cabelos e me girou contra si, mordendo de leve meu lábio inferior, minha orelha, minha nuca, meu pescoço... Quando menos percebi minha camisola estava jogada no chão. Ele tinha uma pegada perfeita.

- Você me deixa louco, sabia? – ele me olhou de uma forma tão contemplativa que fiquei até acanhada, porém muito a fim.

Depois, ele pôs-se a beijar demoradamente os meus seios e eu achei que fosse explodir com a sensação alucinante de sua boca quente explorando meu corpo. Nunca na vida me senti tão conectada a alguém. Então, devagarinho, senti a calcinha deslizar minhas pernas abaixo.

Perdi a linha.

Dyllan surpreendeu-se.

Num gesto preciso, tomei o controle da situação. Empurrei-o na cama, que estava logo atrás dele, puxei-lhe a camisa branca, mas no final das contas acabei meio tonta com a imagem que vi: Sua barriga firme e lisa.

Nossa, Dyllan era muito mais gostoso do que eu imaginava...! Como se estivesse em transe, beijei seu corpo inteiro, percorrendo toda região próxima ao cócs da calça, mas precisamente ali onde fica o cadarço. No entanto, a maneira firme como ele me segurou pelo cabelo e sua expressão toda contraída, fizeram meu desejo elevar ao limite máximo do prazer. Na minha opinião nunca houve nada mais erótico que a expressão de um homem cheio de desejo.

Devagar, fui puxando-lhe a calça de algodão e sua ereção projetou-se por debaixo da cueca branca. Deus foi muito gente boa com Dyllan... Sem roupa, ele era de tirar qualquer uma do sério, com pernas fortes, barriga reta, costas largas, quadril estreito e um... Enfim, tudo deliciosamente curtido pelo sol da Austrália. Estranho seria se eu não me sentisse fortemente atraída por ele.

Então após explorar todas as extremidades do meu corpo trêmulo de excitação, Dyllan subiu pelas minhas pernas, foi eletrizante o simples encaixe de nossos quadris. O som de sua respiração ofegante no meu ouvido era mais estimulante que as palavras mais ousadas que eu já tinha ouvido.

Meu Deus do Céu, como eu queria aquele homem...

De algum lugar, uma camisinha apareceu e muito, muito lentamente, fui sentindo Dyllan por completo, de uma maneira intensa e arrebatadora. No calor da sensação cheguei a desejar que aquele momento congelasse. Então como num passo de dança, ele aumentou o ritmo com que se lançava e a agitação iminente do êxtase foi crescendo, crescendo, crescendo... Nos

abraçamos com toda a força, como se pudéssemos transcender o corpo do outro. Eu estava enlouquecida pelo prazer absurdo de senti-lo pulsar cada vez mais e mais e mais e mais... Até que de repente, num instante mágico e inexplicável, não deu para segurar e eu explodi de prazer com Dyllan sussurrando meu nome num gemido sufocado.

Foi tudo tão avassalador, tão extremo que não consegui me mover nos minutos que se seguiram. Nem Dyllan. Era o estágio máximo da sensibilidade humana e porque nos faltava força para qualquer ação, ficamos largados um nos braços do outro, ouvindo apenas o barulho de nossa respiração arquejante. Não dissemos absolutamente nada porque nenhuma palavra expressaria a profundidade da nossa entrega.

Muitos minutos depois, foi Dyllan quem quebrou o silêncio.

- O seu corpo tá dormente?

- Sim.

- Você tá com a impressão de que o seu coração tá inflando?

- Isso mesmo. – Incrível, mas era exatamente isso que eu sentia!

- Dá vontade de esticar essa sensação como se fosse um chiclete?

- Exatamente.

- Estranho, né?

- Muito.

- O quê? – ele perguntou.

- Essa sensação. – respondi. – Muito estranha.

- Não, não é a sensação que é estranha. – ele corrigiu – Estranho é eu nunca ter sentido isso antes.

Então nos vestimos porque o fato de ter um flatmate implicava necessariamente em não poder andar sem roupa pela casa – se bem que Olli adoraria a chance de ver Dyllan nu – e fomos até a cozinha beber um pouco de água.

Era incrível a quantidade de assuntos que tínhamos em comum, como se fôssemos amigos de longa data. – quer dizer, pensando bem, amigos não fariam o que acabáramos de fazer, mas...

- Sabia que você não é a primeira brasileira da minha vida?

Olhei para ele com desdém.

- Ah não?

- Calma! Eu posso explicar... – ele riu e me abraçou enquanto eu abria a geladeira – Quando eu tinha cinco anos, tive uma gata chamada Ipanema.

E então, com mais intimidade, relembramos fatos da nossa mini-estória, como se realmente tivéssemos uma. Trocamos confissões sinceras sobre todo o período pré-beijo como, por exemplo, o episódio do OB.

- É claro que eu sabia que você ficaria sem graça, mas eu não podia desperdiçar uma chance daquelas.

- Eu te achei tão bonito... – admiti.

- Mas você fez muito jogo duro! – ele protestou – Mesmo assim eu entendi os seus sinais.

- Que sinais?
- Ah... eu saquei que dava para chegar.
- Convencido!
- Convencido por que? Por que sou ligado? – Dyllan botou a garrafa de água de volta na geladeira e veio na minha direção – Eu fiquei imaginando você vestida de aeromoça, falando coisas no meu ouvido, com esse seu sotaque... – disse descaradamente – Acho que esqueci uma coisa lá no seu quarto, vamos lá comigo buscar?

Então quando voltamos para a cama, fizemos amor pela segunda vez com o sol lá fora avermelhando esplendorosamente no céu azul escuro, tudo tão magnífico como numa tela de Turner. E, lânguidos de êxtase, caímos nas profundezas de um sono relaxado e aconchegante. Um nos braços do outro.

38.

Ao acordar no domingo, senti minha mente leve e tranquila, nem cheguei a abrir os olhos e todo o lance com Dyllan surgiu como um balde de tinta colorida atirado na parede branca. Reviver todo o prazer da noite anterior foi tão bom que tive medo de me mexer e perceber que ele já não estava mais ao meu lado.

Pelas histórias das minhas amigas, eu sabia que “o dia seguinte” era o momento mais perigoso de todos. A hora da verdade, em que a máscara das gentilezas caía e o sujeito mostrava a verdadeira face, escapando na ponta do pé, antes mesmo do dia raiar.

Devagarinho, fui abrindo os olhos.

É claro que comigo não seria diferente, atestei ao cair na real que Dyllan já tinha se mandado.

Quer dizer, ainda havia uma remota possibilidade dele estar no banheiro. Esperei mais um pouco e em seguida levantei da cama. Pé ante pé, segui pelo corredor, com a sensação de déjàvu. Infelizmente não havia ninguém em casa. Nem Olli.

Dyllan provavelmente levantara-se mais cedo e fora embora como acontecia na história de 99% das mulheres. Por que comigo seria diferente?

Lavei o rosto e escovei os dentes, sentindo um gostinho meio amargo na boca.

Então é assim que funciona esse jogo, né?, refleti, olhando-me no espelho e percebendo, porém, que minha pele estava radiante e sem o menor sinal de olheiras. *O que uma boa noite de sexo não faz por uma mulher, heim?*, pensei.

Fui até a cozinha sentindo-me meio desapontada, mas ainda assim bem disposta e viva. Dyllan mostrara-se carinhoso e especial, mas no final das contas, era homem, ou seja, nada confiável. Por outro lado, ele não me fizera nenhuma promessa ou jura de amor. A gente se curtiu, foi um lance único e intenso, mas ninguém disse que a coisa passaria daquilo. *Está tudo sob controle!*, falei em voz alta para me tranquilizar.

Procurei uma fatia de pão para botar na torradeira, mas o armário estava vazio. *Putz, preciso passar no mercado!*, concluí. Botei a água da chaleira para esquentar e, de repente, reparei que a porta da sala estava encostada.

Fui até ela e por algum motivo, ao invés de fechá-la, abri e ao sair no hall notei que a porta do

apartamento de Dyllan também estava encostada.

Deveria eu abrir a porta do apartamento dele? Não, é claro que não.

Mas e se considerarmos que a porta já estava aberta e que eu apenas daria um empurrãozinho de nada? Isso muda alguma coisa?

Bem, foi o que fiz.

- Já te vi aí! – ele exclamou lá de dentro – Pode entrar!

Cautelsamente, abri a porta de mansinho.

De repente meu coração disparou e eu quase não consegui acreditar na cena diante dos meus olhos: Dyllan preparando a mesa do café da manhã.

Empolgação como aquela, só lembro de ter sentido na manhã de 25 de dezembro de 1989, quando encontrei o “Meu Primeiro Gradiente” debaixo da árvore de natal.

- Bom dia, aeromoça! – ele me cumprimentou, botando as xícaras na mesa.

- Bom dia. – respondi surpresa e desconfiada.

- Como um bom menino eu deveria ter preparado o café da manhã lá no seu apartamento, eu sei, mas na geladeira de vocês só encontrei cerveja.

- É que eu não fiz compras ontem... – expliquei meio sem graça.

- Sente-se que eu vou te servir – ele disse, todo cheio de si. – Chá ou café?

- Me dá só um segundo?

- Vai aonde?

- Já volto.

Eu não podia dizer que estava indo desligar a chaleira que eu ligara certa de que ele dera no pé.

O apartamento de Dyllan era exatamente como o de Olly em termos de espaço, porém, o dele parecia ter sido decorado por um decorador louco. Na sala não havia uma parede sem estante e todas as estantes estavam entulhadas de livros, fotografias, jornais, papéis, cds, videos, ingressos antigos, lápis quebrados, canetas velhas, cargas de canetas velhas... Do lado oposto à janela, havia um alvo amarelo e vermelho com cinco dardos espetados, enquanto que no centro, um jogo de estofado de couro marrom destoava completamente do rack de ferro cinza. Aquela bagunça toda, confortadoramente, só podia indicar uma coisa: Realmente não havia mulher na parada.

Então depois do café, fomos à lojinha do indiano e eu fiquei abismada com a quantidade de jornais que Dyllan lia. Seis! Voltamos para a casa, cada um carregando sua pilha e nos aboletamos no sofá da sala, contagiados pela preguiça dominical.

Enquanto líamos as notícias, ficamos em silêncio por um longo tempo. De vez em quando, sem que ele percebesse, eu o olhava de rabo de olho, por cima do jornal, admirando-o e conversando comigo mesmo “Agora ferrou, como é que eu vou fazer para não me apaixonar por esse cara? Vou ter que segurar minha onda!” Numa dessas, eu esqueci o olhar por mais tempo que devia e ele me pegou no flagra. Sorri embaraçada, tentando disfarçar o lance, mas ele sacou que eu já devia estar secando-o há algum tempo.

Não olhei mais.

Às duas da tarde, com a agilidade de um jabuti, começamos a planejar o almoço. Sugeri

pedirmos alguma coisa pelo telefone, Dyllan deu a ideia de irmos a algum lugar.

Neste momento, meu celular tocou e era um número não identificado.

- Comissária Beatriz Felizardo, por favor. – disse a voz do outro lado.

- Pois não, é ela.

- A Srta. foi nomeada para fazer um voo hoje a noite, apresentação 17h25 no Heathrow terminal 5.

Ah... não! Justo hoje?

- Qual destino?

- Dubai.

- E retorno para quando?

- Em quatro dias.

- Estarei lá. Obrigada.

Enquanto eu falava ao telefone, Dyllan me olhava atentamente com as sobrancelhas franzidas e um olhar questionador. Quando então expliquei que o nosso almoço tinha subido no telhado porque eu fora acionada para um voo de última hora, pude ver a decepção estampada na expressão dele. Talvez isso devesse me envaidecer, mas não. Fiquei extremamente tensa com a impressão de estar lhe dando uma mostra do quão difícil seria se relacionar com uma comissária de voo. – caso essa possibilidade tivesse passado pela cabeça dele, é claro. Não que eu estivesse torcendo para que sim, mas...

- Então você tem que ir agora para o aeroporto? – ele questionou incrédulo.

- Não exatamente agora. – maquiei a realidade para não detonar ainda mais minhas chances – Daqui a uma hora mais ou menos.

- Mas eles podem simplesmente te ligar assim, avisando que você tem que sair correndo para o aeroporto? – a curiosidade o deixou perplexo.

- Se for uma emergência e se o comissário estiver de assistência como eu estava, pode. – expliquei. – Mas é muuuuito raro acontecer. – me adiantei em esclarecer.

- E você volta quando?

- Na quinta-feira.

Ele hesitou um pouco e eu interpretei aquilo como um péssimo sinal. Talvez até houvesse a possibilidade de algo mais acontecer entre nós, mas definitivamente aquela estória de eu ter que voar às pressas não caiu bem e eu temi que ela pudesse botar tudo a perder.

- Bom, então vê se quando voltar não me esnoba de novo.

- Pode deixar, eu nunca cometo o mesmo erro mais de três vezes.

Tranquilamente, eu e minha malinha saímos de casa às três da tarde, pegamos o metrô na estação de Camden Town e rumamos para o Heathrow Terminal 5. Eu tinha mais de duas horas para chegar lá. Tempo de sobra.

Era domingo de sol e apesar de todo mundo ter resolvido sair de casa na mesma hora, a northern line funcionava bem. Desci em Leicester Square para fazer a baldeação para a piccadilly line e acabei perdendo dois trens na disputa ombro a ombro com todos os turistas de Londres. Só no terceiro trem, é que consegui embarcar com minha mala.

A partir de Knightsbridge o trem começou a esvaziar e eu por um milagre consegui um assento. Embora Dyllan não saísse da minha cabeça, abri um livro para passar o tempo, mas dez minutos depois eu não conseguia terminar nem o primeiro parágrafo. Que livro o quê! Minha mente não conseguia se concentrar em outra coisa que não fosse a noite anterior. Ato contínuo, percebi que o trem estava lento, parando diversas vezes entre as plataformas e nem sequer chegara na estação seguinte, South Kensington. Olhei no relógio, já eram quase quatro, eu tinha mais de uma hora para chegar no aeroporto. Apesar de haver tempo suficiente, fiquei preocupada e não consegui retomar a leitura porque agora não conseguia me concentrar em outra coisa que não fosse a velocidade do trem.

Nem ousei cogitar a vaga e remota possibilidade de chegar atrasada para o voo.

Deus me livre!

Eu tinha tempo, ia dar tudo certo.

Finalmente, depois da estação de Gloucester Road o trem recuperou a velocidade normal e não parou mais entre as estações.

Ufa!, relaxei.

Ainda restavam bons cinquenta minutos para chegar ao aeroporto. Uma boa margem, calculei. Retirei novamente o livro da bolsa e retomei a leitura de fachada, com os pensamentos lá no apartamento de Dyllan.

Até que na estação de Osterley veio o anúncio do pânico:

- Senhoras e senhores, por motivo de força maior este trem termina o trajeto aqui.

O quê? Não creio...

A tensão não só voltou como aumentou consideravelmente quando percebi que ainda faltavam mais de cinco estações até Heathrow.

Santos Dumont, quebra esse galho para mim aí em cima, vai!, pedi com fé.

Assim como os demais passageiros, desci do metrô e fiquei na plataforma esperando o próximo trem com destino ao aeroporto. Mas passaram-se mais de cinco minutos e nada, embora o painel anunciasse “train approaching”.

Eu não posso chegar atrasada de jeito nenhum! Não posso!

Avistei um fiscal na outra ponta da plataforma e fui correndo até ele.

- Por gentileza, daqui a quanto tempo chega o próximo metrô?

- Três minutos.

- Obrigada.

Pessoas e mais pessoas se aglomeravam na plataforma, porém, três minutos se passaram e nada do trem. O fiscal continuava lá. Meu tempo resumira-se em meia hora. O trem tinha que chegar em pelo menos cinco minutos ou eu estava em maus lençóis.

Voltei lá no fiscal.

- Desculpe incomodar, mas o senhor havia dito que o próximo trem chegaria em três minutos...

- Estamos com problemas técnicos na linha, senhora, mas há uma composição a caminho. Em dois minutos estará na plataforma.

Ai meu Deus! Se eu não chegar a tempo vou levar uma advertência!

O desespero se instalou completamente e o pior é que eu não tinha nem como ligar e me

explicar, pois o celular não funcionava na estação de metrô.

De repente, outro anúncio:

- Senhoras e senhores, pedimos desculpas pelo inconveniente, mas a estação deverá ser evacuada neste momento. Por favor, pedimos a compreensão de todos para que deixem a estação imediatamente. Deixem a estação imediatamente! Deixem a estação imediatamente!

Não, não, não! Mil vezes não!

Um táxi! Eu precisava de um táxi para me levar ao aeroporto e me salvar da agonia e da advertência. Subi as escadas rolantes, carregando minha malinha na maior velocidade que minha saia justa permitiu. Eu estava desesperada. Ou arranjava um táxi que me deixasse no aeroporto em vinte minutos ou estava encrocada.

Quando então saí da estação, fui assolada por uma onda de choque! O trânsito estava completamente parado, só um táxi com asas poderia me deixar no aeroporto em vinte minutos.

E agora? O que eu faço?

A sensação de uma iminente advertência bloqueou todos os meus pensamentos lógicos, entrei em pânico só de imaginar que eu teria de me explicar com o comandante e, pior, com Jane Smith. Eu podia apostar que ela não ia sequer me ouvir...

Não tem jeito, vou ter que ir correndo!, concluí no auge do desespero.

Arranquei o salto, me meti entre os carros e comecei a correr com a mala. Ouvi buzinas e pessoas gritando, mas nem sei o que falavam, simplesmente tracei um ponto e fui, como Tom Hanks em Forrest Gump.

Eu estava completamente sem fôlego, os braços doloridos pelo peso da mala e as pernas no limite, mas o desespero me incentivava a continuar.

Só por um milagre!

Eu tinha quinze minutos para chegar lá correndo. Pensando bem, nem por um milagre eu tinha tempo de esperar!

Mas a providência divina veio. De moto.

Por entre os carros, um entregador de pizza buzinou para mim.

- Hei, garota, você quer uma carona?

Nem respondi e fui direto para a garupa dele. Ele permitiu que eu colocasse a mala dentro da caixa de entrega que, por sorte, estava vazia, me entregou o capacete e lá fomos nós sob a salva de palmas da torcida de quem acompanhava a cena.

Enfim, pontualmente, às dezessete horas consegui chegar no terminal de tripulações do Heathrow.

A temperatura marcava quinze graus, mas eu sentia o suor escorrer por todo o meu corpo como se fosse quarenta. Prendi o cabelo num coque, respirei fundo, engoli a adrenalina, fiz cara de aeromoça e entrei correndo pelo portão de passageiros mesmo. Graças a Deus, ninguém notou. Cheguei esbaforida no DO, sentindo as bochechas queimando. O comandante já estava à minha espera, mas graças às boas maneiras inglesas a palavra “atraso” sequer foi mencionada. Alinhamos os detalhes do voo: Duração, número de passageiros, previsão de turbulência, acesso ao cockpit... E quando o restante da tripulação chegou, concluí o briefing e fui voar como se nada tivesse acontecido.

Imagine um carro em alta velocidade passando por uma rua toda esburacada e cheia de quebra-molas. Agora imagine isso por seis horas seguidas. Pois é, aquele voo foi assim, cheio de turbulência. Servir bebida aos passageiros era como se equilibrar sobre uma prancha de surf. De quebra, havia uma excursão de cento e vinte adolescentes das nacionalidades sushi e yaksoba que fizeram a maior algazarra no avião, correndo pelos corredores, entoando musiquinhas, dando cambalhota nos assentos... Por mais que eu, Kate, Laura e Tom nos revezássemos na vigília, eu não via a hora daquele avião pousar. Quando então comecei a me sentir enjoada e exausta, precisando urgentemente de uma cama para esticar as pernas, as costas e os pensamentos, o avião finalmente aterrisou em solo árabe.

Abrir a porta da aeronave foi como verificar uma fornada de pão de queijo dentro de um fogão industrial. O bafo quente que soprou no meu rosto foi tão intenso que, se bobear, me bronzeou. O aeroporto de Dubai parecia a Central do Brasil, quer dizer, a Central do Brasil era bem mais organizada. É que os voos com destino a Beijing, Tóquio e Sydney estavam atrasados há mais de cinco horas e os passageiros insatisfeitos e ansiosos esturricavam sob o calor causticante. Era exigir muito que o ar condicionado desse vazão. Jogados pelo chão do aeroporto, entre malas, garrafas d'água e leques improvisados, as pessoas aguardavam por seus voos como ex-combatentes de guerra.

Coitados...! A maioria vinha de lugares com temperatura abaixo de zero e jamais havia sido submetido a calor semelhante.

Segui para o estacionamento mortificada por aquelas pobres criaturas e, felizmente, o motorista do micro ônibus que levaria a tripulação para o hotel já estava à nossa espera com toalhinhas umedecidas e garrafinhas d'água a postos. Tomei duas de uma vez só! Não sei ao certo quantos graus fazia, mas a sensação térmica era certamente mais de cinquenta. Então o micro ônibus percorreu as ruas largas de Dubai e o carro mais popular que avistei foi uma BMW Cabriolet. Vinte minutos depois, chegávamos à recepção do hotel seis estrelas. Eu estava tão ansiosa para falar com Mariana que peguei a chave do quarto e fui direto para o computador.

Entretanto, ainda era cedo demais no Brasil.

Desfiz a mala, separei uma roupa e, com o calor insuportável, fui tomar uma ducha. Quer dizer, essa foi a minha intenção porque eu sequer consegui entrar no banheiro. Havia mais água jorrando pelas paredes que na Cascata do Niágara.

Minutos depois a recepção mandou um encanador lá no quarto.

- Bom dia. – cumprimentou-me o sujeito alto e narigudo, com um turbante na cabeça – Recebi um chamado aqui do 307.

Levei-o ao banheiro e ele, com a mesma disposição que eu, ou seja, nenhuma, olhou para o teto, encostou o dedo indicador na parede molhada, levando-o em seguida ao nariz, abriu e fechou a torneira, deu descarga, ligou o chuveiro e depois de todos estes procedimentos de alta precisão e perícia, diagnosticou com genialidade:

- É, realmente é um vazamento. A senhora vai ter que trocar de quarto, moça.

Então, com a chave de um novo apartamento, o 507, eu e minha malinha pegamos o elevador e nos mudamos para o quinto andar.

Era uma suíte exatamente igual a anterior, mas por precaução, antes de desfazer minha mala e me instalar, fui direto ao banheiro me certificar de que lá também não havia uma cachoeira artificial. Tudo em ordem, confirmei. Mais uma vez, liguei o computador, organizei minhas coisas no armário, separei uma peça de roupa para vestir e fui para o chuveiro. Qual não foi minha surpresa quando, completamente nua, rodei a torneira até o fim e nenhuma mísera gota de água caiu sobre mim?

Isso só pode ser uma pegadinha...

Mais uma vez, lá fui eu ligar para a recepção.

Enquanto eu aguardava na linha, a recepcionista falou com alguém em árabe e deu para ver que ela soltava os cachorros.

Enfim, o inevitável aconteceu: Pela terceira vez, me trocaram de quarto. Dessa vez para uma coluna diferente, no 809, porque toda a coluna 7 foi interditada para reparo no encanamento.

Como seguro morreu de velho, cheguei no 809 fazendo todas as checagens possíveis e imagináveis: Testei as torneiras, o chuveiro, a descarga, verifiquei se o ar condicionado estava funcionando, liguei e desliguei a tv, até debaixo da cama eu olhei por via das dúvidas.

Mas foi só o tempo de eu constatar que estava tudo ok, ligar o computador e pegar uma garrafinha de suco de laranja no frigobar para o telefone tocar.

- Senhorita Beatriz Felizardo?

- Pois não.

- Em nome do nosso grupo hoteleiro, eu gostaria de pedir as minhas mais sinceras desculpas, mas houve um engano... A senhora se importaria de trocar de quarto? – perguntou-me a recepcionista da maneira mais educada possível.

- Mas vocês já me trocaram de quarto três vezes hoje! – protestei desanimada.

- Nós sabemos disso, Dona Beatriz. Aliás, para tentar compensar todo o transtorno que lhe causamos, o hotel gostaria de lhe oferecer a suíte presidencial na cobertura.

Opa...!

- Eu poderia, pelo menos, saber o porquê da troca? – perguntei só para manter a pose e não deixar tão claro que eu estava simplesmente adorando a ideia de ir para a suíte presidencial. (Essa tática aprendi com os passageiros que nunca demonstram empolgação quando lhes ofereço um assento na primeira classe para tentar contornar um problema de duplicidade de assento)

- É que o 809 precisa passar por uma dedetização. – Juro, quase deu para ver o sorriso amarelo da recepcionista pelo telefone. – Hoje. – ela alertou-me, deixando clara a possibilidade de eu olhar para o lado e encontrar uma barata dividindo o quarto.

Enfim, a pergunta era simples: Vai pegar ou largar?

Para o céu e avante! Lá fui eu e minha mala para a suíte presidencial.

Após duas horas, quatro mudanças e várias tentativas de uma ducha, consegui tomar banho em Dubai. Só que numa jacuzzi com sais de mandarim e lima, ao som ambiente de arpas e flautas doce, contemplando o céu azul através do teto solar do banheiro. Impressionante como há males na vida que vem para o bem, né?

Muito tempo depois, com muito sacrifício, me forcei a sair da jacuzzi. Liguei o computador e

Mariana acabara de entrar.

MaRi diz:

Oiii!

BiaRJ diz:

مرحبا

MaRi diz:

Bia???

BiaRJ diz:

لوحة المفاتيح في مسرحيات

MaRi diz:

???

BiaRJ diz:

أن ال أعر ف كي ف لتغي ر ذلك

MaRi diz:

Bia, é vc?

BiaRJ diz:

، نفس ي

MaRi diz:

Bia, se for vc fala comigo?

BiaRJ diz:

CONSEGUI!!!!

O teclado eh arabe e eu nao estava conseguindo converter...

MaRi diz:

Onde é q vc tá??????

BiaRJ diz:

Dubai.

Eu estava home standby e a chefe de cabine quebrou a perna.

Fui nomeada de ultima hora, acredita?

MaRi diz:

Q M, heim?!

Aliás, falando em M... Fiz uma!

Fiquei c/ o Paulo lá em Porto Alegre.

BiaRJ diz:

Q Paulo?

MaRi diz:

Esse mesmo q vc tá pensando.

BiaRJ diz:

Paulo piloto?

Nao creio...

MaRi diz:

Tb não. Ele é um idiota, Bia, mt + do q parece.

Sabe o que ele me falou na hora H?

BiaRJ diz:

What?

MaRi diz:

“ pensei que esses daki tb fossem lourinhos”

BiaRJ diz:

Ele disse de brincadeira?

MaRi diz:

Não, ele disse tentando ser sexy.

BiaRJ diz:

Putz!

MaRi diz:

Deixa para lá, só mais uma derrota para catalogar.

BiaRJ diz:

Eu tb fiquei com um cara.

MaRi diz:

O Australiano?

BiaRJ diz:

Como eh que vc sabe?

MaRi diz:

Vc me mandou um e-mail todo enigmático e eu saquei.

BiaRJ diz:

Ai, Mari, ele eh tudo...

MaRi diz:

Não tente me influenciar!

Eu é que decido se ele é realmente tudo ou não!

BiaRJ diz:

Vc vai conhece-lo la quando for me visitar em Londres.

MaRi diz:

Mas e aí?

BiaRJ diz:

Ai, amiga...

Então contei tudo tim-tim-por-tim-tim, com toda a riqueza de detalhes que só as mulheres contam suas histórias. Tudo floreado com muito “aí eu disse” e “então ele falou”. A cada conclusão eu inseria “você não acha que se ele falou isso é porque ele está a fim?”, ao que Mariana respondia reticente: “Achar eu acho, mas não vá com muita sede ao pote”.

Desconfio até que ela tenha ficado um pouco preocupada com a minha empolgação, porque quando eu garanti que estava tudo sob controle e não ia criar nenhuma expectativa em relação a Dyllan, ela escreveu assim: “Bia, Bia... eu tenho tanto medo qd vc se apaixona...”.

Desconectei da internet, me sentindo nas nuvens, naquele estágio de só querer pensar e falar da “pessoa”. É que o fim de semana com Dyllan fora tão especial, tão mágico. Ele me pareceu um cara tão legal, tão divertido, tão sexy... Inegavelmente eu estava encantada por ele. Ao mesmo tempo, o fato dele ser assim tão especial era justamente o que me deixava com a pulga atrás da orelha. Sem contar, é claro, o detalhe dele ser extremamente bonito, afinal muita esmola o

santo desconfia.

É que a beleza acima do normal sempre me deixou intrigada, pois aspectos como caráter e inteligência precisam ser construídos e postos à prova diariamente para tornarem-se legítimos. Mas a beleza não, ela se impõe naturalmente de maneira inquestionável. É quase uma benção divina. Alguns têm, outros não.

O enigma que pairava na minha cabeça era: Se Dyllan era assim tão bonito e especial, por que diabos estava sozinho então?

Para essa pergunta, no entanto, eu encontrava mil respostas. Nenhuma plausível, é claro.

Podia até parecer loucura, mas eu sempre desconfiava da sorte quando ela me era favorável demais.

- Bia, você tá aí? – Alguém bateu na porta do quarto.

Reconheci a voz. Era Kate.

- Entra! – gritei do banheiro.

- Uau! Como foi que você descolou essa suíte? – ela disse admirada – Um dia também vou ser chefe de cabine!

- Poxa, você nem sabe...

- Escuta, tá o maior calor lá fora... – ela comentou por detrás da saída de praia verde fluorescente – O pessoal tá indo para a piscina. Vamos?

Então botei o biquíni num piscar de olhos e ao chegar à piscina, uma questão seríssima levantava polêmica: Se no momento da queda do avião, Deus nos concedesse um último desejo, o que pediríamos?

Kate, Laura, Richard e Tom debatiam o tema, divididos entre a lógica e a paixão.

- Se eu tivesse direito a um pedido, ia pedir para ser salvo ora! – respondeu Richard, apoiando o cotovelo na borda da piscina.

- Não, esse é o único pedido que Deus não concede. – Laura descartou, me entregando um copo de Pimm's.

- Eu ia pedir para assistir uma partida da NBA pela última vez. – Tom opinou. – Mas não queria de arquibancada não. Tinha que ser lá da frente, com o ingresso mais caro.

- Bom, eu ia pedir uma garrafa de vodca então. – arriscou Richard novamente, voltando de um mergulho rápido. – Para eu morrer sem nem perceber.

- Só isso? – Laura menosprezou. – Alguém me empresta o filtro solar?

- Pode pegar o meu aí na bolsinha branca. – ofereci, entrando na piscina.

- Ok, eu pediria duas garrafas de vodca então. – Richard corrigiu, pensando melhor.

Quando chegou a minha vez, me senti pouco criativa diante de pedidos tão originais. Mesmo assim, insisti na simplicidade.

- Eu ia pedir um telefone para avisar que estava bem.

- Ah, essa é boa. – Tom me zoou – Imagina o telefonema: Oi gente, só para avisar que eu acabei de morrer, mas deu tudo certo!

E todos riram, inclusive eu.

- Bom, eu ia pedir para aparecer de surpresa para o meu namorado lá no Canadá. – Kate

declarou.

- Tá louca? – perguntei séria, voltando para a borda da piscina onde todos estavam – Homens não gostam de surpresa!

- Não gostam mesmo. – Laura concordou comigo – Uma vez eu fiz uma surpresa para o meu namorado e agora ele é meu ex-namorado.

De nós cinco, eu, Laura e Richard éramos solteiros, Tom era casado e Kate tinha um namorado morando em outro país, ou seja, nem bem uma coisa nem outra.

- Neste caso então, eu ia pedir a Deus para me revelar quantas vezes já fui traída. – Kate disse com rancor.

- Mas se você já sabe que ele te trai, porque não parte para outra então? – lógica tipicamente masculina que só podia ter partido de Richard.

- Porque ele só tem 30 anos e eu sei que aos 35 ele vai mudar.

- Que teoria é essa? – perguntei curiosa.

- Os trinta anos da mulher equivalem aos 35 do homem. – Kate explicou – É quando os homens realmente se cansam da sacanagem e acertam a vida.

- Quem te enganou? – Laura perguntou sombria – Homens não acertam a vida nunca, meu bem.

- Acertam sim. Que mania que vocês têm de falar mal da gente! – Richard nos repreendeu – Mas, Kate, eu realmente tenho que te alertar que essa teoria está furada sim porque eu, por exemplo, era todo certinho aos 30. Tinha uma namorada, um apartamento, planejávamos casar, ter filhos... tudo direitinho. Lá pelos 34, bateu um pânico, comecei a me sentir sufocado. Moral da estória: Terminei o namoro, vendi o apartamento e voltei a ser adolescente.

Deu até pena da coitada da Kate. Ficou nítido que ela não contava com um efeito rebote.

Depois dessa, o clima pesou de tal forma que cada um arranjou um telefone, um banheiro, um mergulho, qualquer desculpa só para dar uma sumida rápida. O fato é que todo mundo se compadeceu pela ilusão de Kate, mas ninguém soube exatamente o que dizer.

39.

De volta a Londres, saindo da estação de Camden Town, o artista do metrô vestido a la John Lennon, cantava Don't Let Me Down na subida da escada rolante. A canção foi a trilha sonora do meu dilema: Em que categoria eu podia classificar Dyllan na minha vida? Eu nem sabia se queria realmente embarcar numa nova relação porque, de fato, vinha muito bem levando minha vida sozinha. Entretanto, haviam se passado apenas quatro dias e eu estava morrendo de saudade dele. Sentia uma vontade louca de beijá-lo mais uma vez e, quem sabe, tomar café da manhã com ele novamente. Ainda que ficássemos só na amizade, eu queria pelo menos ter a chance de revê-lo.

Como consolação, ganhei um sorriso de John Lennon após deixar uma moeda de uma libra no seu chapéu encardido.

Entrei no prédio rezando para esbarrar com Dyllan saindo ou chegando, mas olhei para o relógio, onze e meia da manhã, não havia a menor possibilidade disso acontecer. Uma hora

daquelas, ele certamente já estava no Jornal.

No entanto, ao chegar no terceiro andar, me deparei com a cena mais bizarra de todas: Olli todo amarrotado, tentando abrir a porta. Detalhe: Ele estava completamente bêbado.

- O que você tá fazendo em casa uma hora dessas? – perguntei perplexa porque pelas minhas contas, ele também deveria estar trabalhando.

- Tô desempregado, briguei com Brent e meu Prozac acabou. Você teria aí uma arma para me emprestar?! – Quase me embriaguei com o bafo de cachaça que se propagou no ar quando ele abriu a boca – Não queria ter que cortar os pulsos... E acho tomar chumbinho tão pobre!

- Calma, Olli, você só está tendo um mau dia. Brigar com o namorado e ser demitido são coisas absolutamente normais na sua vida, esqueceu?! – tentei reanimá-lo

- Dessa vez é diferente. – Olli me informou pesaroso – Lacuena não me demitiu. Fui eu mesmo que me demiti. E eu não volto para a Bryon nem se ela triplicar o meu salário! – ele desabafou enquanto tentava enfiar a chave muito longe do buraco da fechadura – Cadê a porra do buraco?!

Depois que abri a porta, Olli foi direto para o quarto trocar de roupa e eu para a cozinha lhe preparar um café forte, mas quando entrei no quarto com a xícara na mão, ele já tinha apagado. Olli podia ter um parafuso a menos, mas em relação ao trabalho ele era bastante responsável. Algo de muito grave devia ter acontecido para ele ter se demitido.

Em todo caso, aproveitei que ele estava dormindo e fui preparar o almoço, quando então o telefone tocou.

- Alô. – respondi.

- Me chame o Olli. – ordenou uma voz rouca e austera que, pelo visto, desconhecia a expressão “por favor”.

- Quem fala?

- Lacuena Bryon.

Tremi só de ouvir o nome dela. Eu já tinha escutado tantas estórias, todo cuidado era pouco.

- Como vai, Dona Lacuena? – perguntei cordial e doce como uma lata de leite condensado.

- Chame o Olli! – se tinha uma coisa que eu sabia bem, era reconhecer uma ordem.

- Olli está descansando, Dona Lacuena. A senhora gostaria de deixar recado?

- Pois então acorde-o! – ela não valorizou minhas boas maneiras tijucana.

- Se a senhora não se importar...

- CHAME-O AGORA! – ela me interrompeu aos gritos.

- Eu vou chamá-lo sim, Dona Lacuena. Só um instantinho, por favor.

Entre no quarto, sacudi, gritei, chacoalhei, cheguei até a esbofeteá-lo, mas nada. Olli estava no décimo quinto sono e nem se mexeu. Tive medo de voltar ao telefone sem algo factível para dizer.

Caramba! E agora? Essa mulher vai acabar com a minha raça...!

- Dona Lacuena, a senhora ainda está aí? – Ela rosou em resposta e eu compreendi que, infelizmente, sim, ela ainda estava na linha – A senhora sabe que eu tentei, mas não consegui acordá-lo?

- Você falou que era Lacuena ao telefone?

- Falei sim senhora.

- Ele não quis me atender mesmo assim?

- Não se trata disso, Dona Lacuena, é que...

Ela bateu o telefone na minha cara. Graças a Deus! Que alívio!

Então, refeita do susto, retornei à cozinha, retirei um peito de frango do congelador, botei uma panela de arroz no fogo e não deu nem quinze minutos o telefone tocou novamente. Se eu reconhecesse a voz de Lacuena, estava decidida a dizer que era engano.

- Alô.

- Oi, Bia, sou eu, Brent, posso falar com o Olli? – pelo menos dessa vez, era alguém mais educado.

- Oi, Brent, ele tá dormindo.

- Desculpe insistir, mas é super importante... Você pode tentar acordá-lo, por favor? – ainda bem que ele usou a palavra “tentar”.

- Claro, vou tentar. – Fiz questão de frisar.

Lá fui eu na jaula do leão mais uma vez.

- Olli! – chamei-o – Brent no telefone para você.

- Não quero falar com ninguém. – Olli murmurou sonolento.

- O que está acontecendo, heim? – insisti.

Olli não me respondeu e eu retornei ao telefone, ensaiando o que dizer a Brent.

- Então, Brent, infelizmente Olli está num sono pesado. Não consegui acordá-lo.

- Tudo bem – a voz dele pareceu desanimada – Quando ele acordar, diga que eu liguei então.

A julgar pelo congestionamento telefônico lá de casa, Pá diria que Olli atravessava seu inferno astral. Vou me mandar para rua, pensei meio cansada de apagar tanto incêndio.

Mas no momento em que voltei para cozinha, o telefone tocou pela terceira vez.

Atendi já sem paciência.

- Bom dia. – disse a voz empostada do outro lado.

- Hã? – murmurei.

- Quem fala?

- Beatriz.

- Olá. Você é brasileira?

- Aham.

- Bom, então podemos falar em português...

- Fala aí.

- Eu estava precisando conversar com o Olli, ele está em casa?

- Tá.

- Posso falar com ele?

- Vai dar não. Ele tá dormindo.

- Será que você poderia dizer a ele que é o Fred?

- Quem?
 - O Fred.
 - Mas ele tá dormindo.
 - Eu sei, mas é que realmente preciso falar com ele, você poderia chamá-lo, por gentileza?
- Ai caramba...!
- Olha... é Fred seu nome, né? – me certifiquei – Sinceramente, eu não acho uma boa ideia não...
 - Eu tenho certeza que se você disser que sou eu, ele vai atender. Ele tá esperando esse meu telefonema há tempos...
 - Ok, vou tentar, mas não prometo nada, tá?
 - Muito obrigado.

Abri a porta do quarto de Olli com a ligeira impressão de que eu me arrependeria de ter feito aquilo.

- Olli! – chamei-o – Telefone para você, acho que é aquele Fred que era seu amigo.

O cara tinha razão, Olli despertou na hora.

- Diz para esse filho da puta rasgar o número do meu telefone, rasgar não, queimar! E diz também que eu mandei ele se foder! E você, Bia, pelamordedeus, me deixe ter minha crise em paz!

Botei o rabinho entre as pernas e saí porque Olli tinha lá sua razão.

Voltei ao telefone.

- Olha só, Fred, com todo o respeito que você merece, aliás eu nem te conheço, mas Olli mandou você se foder.
- Tudo bem então. Obrigada.
- Não há de quê.

Nem dei a chance do telefone tocar novamente. Botei o peito de frango de volta no freezer, peguei minha bolsa, bati a parta e parti para a rua.

Com o cair da noite, voltei para a casa com uma luminária, – em formato de coração – um sapato Manolo Blahnik que raspou todos os limites do meu limite bancário e a adrenalina a mil, pois eu sabia que uma hora daquelas Dyllan já estaria em casa.

Subi as escadas do prédio com o coração acelerado, sentindo a mesma expectativa de um jogador prestes a uma cobrança de penalty. Quando então parei em frente a porta do apartamento dele, a coragem se dissipou. Juro que tentei. Por três vezes, me forcei a bater na porta, mas fiquei com a mão parada no ar e fraquejei. Tive a nítida impressão de que ir até ele era o mesmo que me oferecer e forçar a barra. Não era assim que eu queria que as coisas rolassem. Se fosse para ser, que fosse naturalmente, da mesma forma que fora tudo até ali, quase que por acaso.

Talvez ele tivesse que sair novamente, ir à academia, ao supermercado, sei lá, pensei. A melhor estratégia seria então ficar de tocaia e esbarrar com ele “sem querer” quando ele saísse de casa.

Olli, por sua vez, continuava trancado no quarto e nem era preciso ir até lá para saber que ele

estava dormindo. O ronco grave e ritmado, tipo serra elétrica, não deixava dúvida.

No entanto, percebi que ele acordara durante as horas em que estive fora porque havia louça suja e no DVD, a Maísa não parava de repetir “Meu mundo caiu...”.

Ao lavar o copo na pia, mal pude acreditar na ideia que me ocorreu. Aliás, mal pude acreditar quando me vi executando-a.

É vergonhoso admitir, mas após secar o copo de vidro cuidadosamente, levei-o à sala e encostei-o na parede na intenção de ouvir o som do apartamento de Dyllan, feito um médico com seu estetoscópio.

Meu Deus, que ridículo...!

A estratégia, entretanto, não funcionou e no silêncio absoluto, tudo o que consegui ouvir foi a sinfonia do ronco de Olli vindo do quarto.

Então parti para a apelação.

Bati a porta com força, subi e desci as escadas lá fora, liguei a televisão no volume máximo, fiz todos os barulhos possíveis para chamar a atenção de Dyllan no apartamento ao lado, mas já estava quase acordando Olli e Dyllan que era bom não saiu da toca.

Não bata na porta dele, não bata na porta dele, não bata na porta dele!, implorei a mim mesma.

A grande verdade, contudo, é que eu estava super a fim de ir até lá, só não ia por falta de coragem e medo de parecer interessada demais. Além disso, o fantasma de uma decepção estava sempre me rondando. E se ele estivesse com alguém? E se ele estivesse com Fiona?

Por outro lado, em quatro dias eu estaria voando novamente, ou seja, talvez eu estivesse desperdiçando a chance única de estar com ele mais uma vez.

Lutei bravamente contra os meus instintos.

Fiz uma panela de pipoca doce, assisti Hollyoaks, assisti ao telejornal, assisti à reprise de Hollyoaks, fiz uma hidratação no cabelo, instalei a luminária em formato de coração no meu quarto, arrumei meu armário... mas a sensação de que eu podia estar jogando fora uma oportunidade valiosa de revê-lo não me deixou em paz nem por um segundo.

Quase onze horas da noite, entreguei os pontos. Levantei do sofá sem nem pensar no que estava fazendo, abri a porta da sala e saí decidida pelo hall. Bati no apartamento dele com o coração na mão. Dane-se o que ele vai pensar, dane-se o que eu vou dizer, dane-se que ele esteja com alguém! A saudade estava me sufocando, eu precisava pelo menos olhar para elede novo.

Quando então Dyllan abriu a porta, fui engolida pelo nervosismo.

- Já estava achando que você não ia aparecer... – ele disse com um meio sorriso.

É óbvio que batendo na porta dele, eu só podia esperar vê-lo. Mas a figura de Dyllan parada na minha frente me deixou tão intensamente feliz que eu não segurei a onda e me atirei para cima dele como se não o visse há séculos, porém, mesmo abraçados era como se não tivéssemos próximos o suficiente. Nenhum de nós entendeu nada e apenas nos deixamos levar pelo momento, mas no final das contas sua mão firme acariciando os meus cabelos me causou um nó na garganta daqueles que a gente sente quando tem vontade de chorar, só que não era choro, era empolgação. Foi muito esquisito! Posso até jurar que Dyllan também sentiu algo diferente

porque quando me olhou novamente, sua expressão estava meio séria. Mantivemos o olhar fixo um no outro até que de repente ele falou:

- Eu acho que tô completamente...

- BIAAAAAAAAA! – o grito estridente de Olli vindo das profundezas, broxou o lance todo e eu fiquei sem saber se ria ou se chorava – Onde você enfiou a bodega do telefone?!

- Só um minuto – disse, meio sem graça – eu já volto.

40.

Influenciada pela literatura de Jean Sasson, eu imaginava o Oriente Médio como um lugar conflituoso, mas também de homens misteriosos e mulheres deslumbrantes por detrás de seus véus transparentes. Tudo repleto de tradições étnicas e uma fragrância mística no ar.

Porém, o que é a globalização, não?

Ao andar pelas ruas dos maiores exportadores de petróleo do mundo, eu esbarrava sim com mulheres cobertas dos pés à cabeça. Cobertas de maquiagem Dior, jeans DKNY, óculos Gucci, sapatos Armani e bolsas Prada, na maior ostentação ao consumismo ocidental. Os homens também não ficavam atrás e exibiam a virilidade dos cifrões através de sapatos italianos e relógios de ouro que davam para pagar a dívida externa de um país africano. Tudo para mostrar “olha só, como sou mais rico que você.”

No ar, entretanto, prevalecia o cheiro de sovaco mesmo.

Enfim, a opulência em si não me decepcionava. De certa forma até mostrava a real possibilidade da tão sonhada tolerância entre os povos, mas é que eu era tão apegada à ideia de que tínhamos muito a aprender com a cultura oriental... A gota d’água para mim foi um dia, no Catar, quando percebi que o slep-slep atrás de mim vinha das Havaianas coloridas do grupo de muçulmaninhas caminhando no shopping centre.

Nesse dia perdi completamente o respeito. Entrei num bar e pedi uma Coca-cola.

Semanas depois do lance com Dyllan, percebi que eu havia monopolizado completamente o terceiro andar da Wood Street, 80. O meu quarto continuava sendo no apartamento de Olli, mas eu já tinha tanta coisa espalhada pela casa de Dyllan que um dia tive que pegar uma cueca emprestada com Olli para ir trabalhar porque Dyllan não estava em casa e todas as minhas calcinhas estavam no apartamento dele.

Exceto pelo episódio da chave, – não posso esquecer de contar isso depois – eu e Dyllan tínhamos uma sintonia perfeita, nos divertíamos muito e vínhamos descobrindo inúmeras afinidades, como, por exemplo, o fato de na infância termos gostado muito mais do Esqueleto que do He-man e torcido loucamente para que os Thundercats jamais retornassem ao reino de Thundera porque o Moon-rá sim merecia se dar bem.

- O He-man era tão clichê... – Dyllan deu seu parecer – O cabelo dele era mais feminino que o da She-ha.

- Por isso que nossa geração cresceu equivocada, os vilões eram muito mais interessantes que os heróis. – endossei com minha tese de mestrado em psicologia infantil dos anos 80, pela

Universidade de Harvard.

- Agora somos adultos confusos, olha só... – ele finalizou.

Mas nossas afinidades não paravam por aí.

No dia em que cozinhei feijão preto, a vida de Dyllan nunca mais foi a mesma. Ele viciou-se, virou dependente químico. Segundo Dyllan, na Austrália o feijão não era preto e cozinhava-se de maneira completamente diferente. Talvez por esse motivo tenha sido tão difícil para ele compreender que feijão é algo que se come e não que se bebe.

- Dyllan, feijão se come no prato, não no copo.

- Mas assim é mais gostoso.

- Se você quiser comer no copo, tem que usar uma colher então. Não pode simplesmente beber como se fosse suco de feijão.

- Mas por que se é líquido?

Ele ficou tão obcecado que, segundo sua teoria, era o fato de o feijão preto ser um alimento básico na mesa do brasileiro que fazia do Brasil um país tão superior no futebol (enfim, também não entendi...)

Com a convivência, eu continuava achando-o extremamente bonito e sexy, mas para ser bem sincera isso já não me enchia mais os olhos. Era seu bom humor e a forma como se divertia com tudo a sua volta que tornava Dyllan um homem tão incrível. Aliás, para ser mais precisa, era a risada dele que me fazia perder a cabeça. O simples fato de ouvi-lo rindo me dava um prazer indescritível, a certeza de que eu o queria sempre por perto.

Mas embora a gente combinasse em tudo, a insegurança não saía do meu pé, me assombrando como a alma penada de um filme de terror. Pode parecer meio paradoxal, mas era justamente porque eu me sentia tão feliz que eu desconfiava tanto que uma hora ia cair do cavalo. Além disso, eu conhecia de trás para frente a estória do Don Juan que abandonava as mulheres depois de deixá-las perdidamente apaixonadas. Foi assim com Arthur e, embora se tratasse de duas pessoas completamente diferentes, o sentimento era bem parecido.

No dia que comentei isso com Mariana ela me chamou a atenção.

- Bia, aí você já tá generalizando! – ela disse, quer dizer, escreveu num de nossos papos virtuais.

Talvez eu estivesse mesmo, mas o que eu realmente temia era que, depois que a empolgação passasse, Dyllan perdesse o interesse por mim e sumisse do mapa. Eu ficaria tão devastada que certamente acabaria me mudando, pois seria insuportável esbarrar com outra mulher entrando no apartamento dele depois que as coisas esfriassem entre nós.

A minha grande luta, portanto, era tentar não me machucar no momento da queda, ou pelo menos, não me machucar tanto. Obviamente, eu escondia essa desconfiança a sete chaves, mas um dia, contra a minha vontade, ela veio a público.

Foi, justamente, o dia do episódio da chave.

Eu acabara de chegar da Líbia, depois de uma rota super cansativa, com quinhentas escalas, infinitos atrasos e muito trabalho. Desfiz minha mala, tomei banho e, ao chegar no apartamento de Dyllan, ele gritou da cozinha:

- Tá vendo essa chave aí na mesa? É sua.

- Como? – perguntei sem entender bem.
- Eu fiz uma chave daqui de casa para você. Taí na mesa.
- Uma chave? – repeti.

Dyllan veio até a sala, sentou-se no sofá e, sem dar muita importância, pegou o controle remoto sobre a mesa.

- Bom, eu tinha pensado em fazer um buraco na parede, mas achei que Olli pudesse não gostar, então fiz uma chave mesmo. – ele disse, zapeando os canais da tv.

É claro que achei legal Dyllan ter me dado a chave do apartamento dele, contudo não me soou muito bem a maneira banal com que ele conduziu a coisa. Poxa, ele estava me dando A Chave Do Apartamento Dele! Não era um objeto qualquer, sem importância. À primeira vista, me ocorreu que dar a chave do apartamento dele para alguém, ou melhor, para uma mulher, era algo absolutamente corriqueiro para Dyllan, quase quanto para a recepcionista do hotel que entrega a chave do quarto ao cliente.

- Mas uma chave... O que você quer dizer com isso? – insisti, dando-lhe a oportunidade de atribuir um pouco mais de relevância ao ato.

- Eu quero dizer o que eu estou dizendo, Bia: Que eu fiz uma chave para você. Pronto.

- Essa parte eu entendi... Mas é que chave de casa envolve tantas outras coisas... É uma espécie de símbolo até... – procurei a melhor maneira de me fazer compreender.

- Não tô entendendo... – ele desligou a televisão e virou-se para mim. – Qual o problema? – Notei que ele ficara levemente irritado.

- Nenhum. Eu só acho que chave de casa é uma coisa importante. Só isso.

Ele deu uma respirada profunda e prosseguiu.

- Você não disse que outro dia teve que pegar uma meia emprestada com Olli porque eu não estava em casa? – eu não contei que foi, na verdade, uma cueca – Então, esse problema acabou porque agora você tem a chave daqui.

- Ok.

O assunto deveria ter morrido aí, certo?

Errado. Eu resolvi pagar para ver.

- É que acho muita responsabilidade ter a chave da casa de alguém. – catuquei a ferida.

Agora era oficial, ele estava realmente irritado.

- Fica fria, Bia, eu só tô te dando a chave da minha casa, não tô te pedindo em casamento não.

- Agora você já tá sendo grosso! – me alterei.

- E você não? – ele também se alterou.

Não teve mais clima.

Levantei do sofá e voltei para a casa de Olli muito pau da vida. Chegando lá, porém, pensei que aquela discussão jamais deveria ter começado, mas já que tinha, então que ela fosse até o fim.

Dez minutos depois, bati novamente no apartamento dele, resolvida a deixar tudo em pratos limpos.

- Para quantas mulheres você já deu a chave da sua casa antes de mim? – disparei à queima-

roupa assim que ele abriu a porta.

- Do que você tá falando? – ele fez uma expressão de espanto.

- Anda. Eu quero saber! – insisti.

- Você quer que eu te diga o quê? – Dyllan perguntou exasperado e irônico – Que você é a minha primeira namorada? Não, você não é!

- Claro que não. Aliás, nem dá mais para fazer essa conta, suponho!

- Olha só, eu fiz essa droga de chave porque achei que tivesse a ver! Você passa mais tempo aqui que no Olli, você esquece um monte de coisa aqui em casa... Achei que ia ser legal se você tivesse a chave do apartamento. Só isso.

- Eu NÃO ESQUEÇO um monte de coisas aqui! – me descontrolei – Eu DEIXO de propósito, para todo mundo ver!

- Todo mundo quem? – ele perguntou com firmeza.

- As mulheres que você traz quando eu tô viajando! – essa ideia estava encasquetada na minha cabeça há tempos.

Por alguns instantes, Dyllan perdeu a fala.

- Sabe qual é o seu problema, Bia? – ele desceu um tom de voz para dar a exata dimensão de sua ira – Você complica coisas simples.

- E sabe qual É O SEU problema, Dyllan? – revidei – Você não é confiável!

A força do impulso me deixou cega, falei completamente sem pensar.

- Repete. – os olhos de Dyllan faíscaram na minha direção e eu balancei, mas as palavras já estavam lançadas, não dava mais para voltar atrás.

- Foi isso mesmo que eu disse. – não repeti, mas também não dei o braço a torcer.

Dyllan me olhou sombrio, com os olhos entreabertos e a boca meio torta, numa expressão que eu ainda não conhecia.

- Se você acha isso, então é melhor a gente ficar por aqui.

Num milésimo de segundo, toda a minha autoridade se evaporou. Meu radar identificou que aquela conversa tinha entrado numa zona de instabilidade muito perigosa, se eu seguisse o conselho da sala de controles, recuava naquele momento e fazia um pouso de emergência.

Não disse mais nada e fui embora.

Entrei na casa de Olli me sentindo pesada e com um sentimento super esquisito. Não era raiva, não era remorso, mas tinha um pouco a ver com vergonha... Levei quase uma hora para decifrá-lo: Era arrependimento. Bebi um pouco de água, fui até a janela, lavei o rosto, liguei a televisão, abri a gaveta da cozinha... Eu não devia ter despejado sobre Dyllan toda a minha insegurança, não devia ter me exposto daquela maneira, mas, por outro lado, não tive como esconder.

Imediatamente, uma questão começou a me perturbar: O que foi que ele quis dizer com “parar por aqui”? Será que ele quis dizer parar a conversa ou parar o namoro?

Pirei. Eu não queria perder Dyllan de jeito nenhum, mas embora não houvesse exatamente um motivo, a verdade é que eu me sentia absurdamente desconfortável na nossa relação. Era como estar pulando de um avião e esperar apenas pelo momento da queda, porque que eu ia me esborrachar no chão, eu ia. Era fato.

Eu sabia, porém, que a culpa não era de Dyllan. A minha relação com os homens é que estava prejudicada. De qualquer forma, ainda que os pensamentos fossem incontrolláveis, a minha onda eu podia ter controlado sim.

Bati na porta da casa dele pela terceira vez naquela noite.

- Desculpa. – pedi com toda a minha humildade, quando ele abriu.

Ele não falou nada. Aliás, nem olhou para mim. Virou as costas e andou até o outro lado da sala, numa espécie de rejeição. Eu senti uma vontade louca de chorar, mas aguentei firme.

- Me desculpa, Dyllan, por favor. – tentei mais uma vez e novamente foi em vão.

Droga...!, não seria fácil dobrá-lo, percebi.

Fiquei completamente desorientada ante a atenção que ele não me deu. Continuei parada na porta, sem saber se entrava ou se dava meia volta e aparecia outra hora. Concluí que deixar a poeira baixar talvez fosse a atitude mais inteligente porque Dyllan continuava me ignorando solenemente e pelo visto ia levar algum tempo até que topasse conversar comigo outra vez. Olhei para ele de costas, olhei para o chão e quando eu já estava convicta de que era melhor voltar outra hora, ele virou-se para mim.

- Por que eu não sou confiável? – ele ainda estava com muita raiva de mim, seu tom de voz deixou isso bem claro.

- Você é confiável sim. – afirmei sem vergonha nenhuma de voltar atrás e reconhecer meu erro

- Desculpa pelo que eu disse... algumas vezes eu me enrolo e imagino coisas que não tem a ver... – confessei.

- Que coisas?

- Bobagem, Dyllan. Desculpa.

- Eu quero saber! – ele foi firme.

- Mas não é nada. Já falei.

- Se você não me contar, eu nunca vou saber.

Definitivamente, ele não estava nem um pouco a fim de simplificar as coisas. Respirei fundo como se assim pudesse ganhar coragem.

- Eu tenho medo de que tudo seja um desastre. É isso. – por falta de uma boa mentira, arrisquei falar a verdade.

- Por que?

Eu sabia a resposta, mas achei mais prudente retomar a estratégia original de botar panos quentes e encerrar o assunto.

- Esquece o que eu falei, Dyllan, por favor. – desconversei – Eu disse sem pensar. Não tem a menor importância. Eu nem sei porque...

- Fala! Eu tô esperando. – ele foi taxativo.

Me vi numa sinuca de bico.

- Porque eu já vi esse filme antes. – disse baixinho e morrendo de vergonha por estar falando o que realmente pensava.

- Nossa...! – ele soltou o ar pela boca, num riso meio sério, meio amargo – Isso é muito ruim de se ouvir, sabia?

- Desculpa, Dyllan. Sério mesmo. Desculpa se eu não sou a pessoa segura e bem resolvida que

você pensava que eu fosse.

- Não adianta você pedir desculpa, Bia.

Ai... Caraca...! Só tô piorando as coisas!

- Eu não sei com quem você viu esse filme, mas com certeza não foi comigo. – Dyllan declarou parecendo cada vez mais chateado.

- Não. Claro que não. Olha, vamos fazer o seguinte: Você esquece o que eu disse e eu nunca mais falo isso. – propus, desesperada para botar um ponto final naquela agonia.

Enquanto eu falava, Dyllan, no entanto, me olhava com a expressão intrigada de um mecânico da NASA que acaba de descobrir que a falha do motor do ônibus espacial é apenas um fio desencapado.

- Eu já entendi... Já entendi tudo! Você precisa de palavras, né? Tudo bem. – de alguma forma, o tom dele me pareceu ameaçador e eu temi por mim – Quando você viaja, eu fico perdido aqui dentro dessa droga de apartamento contando os dias para você voltar. O seu cheiro me deixa alucinado, o seu umbigo, o jeito que você fala...! Eu gosto das histórias malucas que você conta, da maneira como você dorme, do jeito que você sorri... E de tudo isso, o que eu mais gosto é do jeito que eu fico quando tô com você! – apesar do significado das palavras em si, Dyllan estava bastante aborrecido.

Senti um desejo estranhíssimo me queimar por dentro, como se o meu corpo, as minhas mãos, a minha boca e todos os meus sentidos implorassem por ele, mas quase que como uma punição, eu não pudesse tê-lo.

Dyllan continuou imóvel, do outro lado da sala e eu me senti ridícula.

- Bia, a maioria dessas coisas eu percebi desde a primeira vez que te vi.

Baixei a guarda.

Foi a vergonha que fez rolar a primeira lágrima. Mas até que foi bom, porque isso comoveu Dyllan e ele aproximou-se de mim.

- Se eu quero e você também, para que complicar?

Colocando as coisas assim, realmente ficava fácil. Só que a realidade não era assim tão simples. Por outro lado, era tudo tão difícil de explicar que era melhor deixar para lá mesmo.

- Eu devo ser doida... – admiti, enxugando o rosto.

- Você É doida. – ele enfatizou, caso eu ainda tivesse alguma dúvida – As mulheres são doidas em geral. Mas você é mais doida do que todas as doidas que eu já vi na minha vida. E olha que eu já conheci foi doida por aí... Mas você bate qualquer uma!

Sem nem compreender o que estava fazendo, abracei Dyllan com toda a minha sinceridade. É que quando se gosta de alguém do jeito que eu estava gostando dele, a coisa muda totalmente de figura.

- Eu também queria pedir desculpas. – ele disse – Não pensei que a chave fosse assustar tanto.

- Não, não você não me assustou não! – me apressei em esclarecer – Aliás, cadê a chave? – perguntei ao notar que ela não estava mais sobre a mesa – Eu quero muito essa chave!

- Tarde demais.

- Como assim?

- Joguei fora.

- Aonde? No lixo? – eu realmente queria a chave e estava disposta a qualquer coisa – Não tem problema, eu pego de volta. – me dirigi à cozinha, disposta a revirar a lixeira toda atrás do objeto da discórdia.

- Não está aí. – Dyllan informou-me quando eu já levantava a tampa de metal – eu troquei o lixo. Está lá embaixo, na lixeira do prédio.

Ah não...

Mas eu não podia amarelar. Depois daquele dramalhão todo, eu tinha que provar que realmente merecia a chave do apartamento dele e que faria qualquer coisa por ela.

- Tudo bem, eu vou lá embaixo buscar então. – prometi.

- Boa sorte. – Dyllan foi levemente sarcástico.

Quando eu já estava nas escadas, ele disparou.

- Se eu fosse você, levava umas luvas.

41.

Enquanto isso, numa galáxia muito distante dali, mais precisamente no apartamento vizinho, Olli Pirando Surtado da Silva ia ficando cada vez mais maluco. – pois é, eu também não achava que isso fosse possível, mas era.

Passado o inferno astral, finalmente, compreendi o ba-fa-fá da demissão. Foi o seguinte: Após descobrir que Fred, o amigo da onça, fora contratado para fazer a maquiagem da Bryon na fashion week, Olli deixou sua carta de demissão sobre a mesa de Lacuena declarando ter considerado sua atitude uma profunda falta de profissionalismo e respeito. Primeiro, porque afinal de contas ele era o maquiador da marca; Segundo, porque Lacuena sabia muito bem o quanto Olli queria aquela oportunidade; E terceiro por ela ter mantido a negociação na surdina para que Olli não descobrisse.

Entretanto, após duas semanas sem Olli na Bryon, Lacuena viu-se num mato sem cachorro e percebeu o óbvio: Não seria nada fácil encontrar um novo braço direito.

Muito viva, ela concluiu que era mais inteligente dar a Olli a bendita direção de maquiagem que ele tanto perseguia e continuar tendo-o como assistente pessoal do que contratar um desconhecido. Até porque, com a fama que tinha, só inexperientes respondiam seu anúncio. Quem era do ramo sabia bem a boa víbora que ela era e achava que o dinheiro não compensava o estresse.

Por duas semanas Olli se isolou do mundo. Lacuena ligava todos os dias, até que num rompante de humildade, numa sexta-feira, ela apareceu por lá. – Graças a Deus, eu não estava em casa – Malandramente, Olli só topou conversar depois de garantir-se que ela estava disposta a ouvir – e acatar – suas condições. Sim, porque a esta altura o sucesso subira-lhe totalmente a cabeça e Olli tinha lá suas condições. Condição n.1 – Fred, o maquiador contratado e inimigo fidagal de Olli, deveria ser sumariamente descartado da Bryon; Condição n. 2 – A maquiagem de todo o desfile, fotos e campanhas da Bryon a partir dali deveria ficar sob a direção absoluta de Olli; Condição n. 3 – ele só trabalharia como assistente pessoal de Lacuena meio expediente, a outra metade do dia deveria ser dedicada à parte criativa, ficando

claro que Olli teria autonomia para fazer o que bem entendesse; Condição n. 4 – Passada a fashion week, Lacuena ia se virar para contratar outro assistente pessoal, do contrário ele estava fora.

Ou seja, Olli não queria grana. Olli queria batons e blushes.

Na última quinta-feira de junho, ao voltar de viagem num calor de rachar, tropecei num monte de filmes espalhados pela sala. Um detalhe importante: Todos de terror. O bebê de Rosemary, Psicose, Nosferatu, Manicômio Suspeito, Colheita maldita, A noite dos mortos vivos, O Chamado... Havia caixas e mais caixas de filme pelo tapete, pelo sofá, sobre a mesa, o apartamento parecia uma locadora de filmes falida. Só de curiosidade, liguei o DVD e Sexta-feira treze – Parte 9 começou a rodar na tela.

Me preocupei.

Deus do Céu, o que será que Olli está aprontando desta vez?, pensei com os meus botões. *Será que ele está planejando assassinar alguém?*

De fato, a proximidade da fashion week abalara completamente as estruturas de Olli. O coitado vinha ralando duro para finalizar a criação dos looks do desfile e provar à Lacuena que dava conta da direção de maquiagem, mesmo acumulando o cargo de assistente pessoal da presidência.

Como eu também vinha num ritmo acelerado e já fazia mais de uma semana que não nos víamos, liguei para ele, mas a ligação caiu na caixa postal e eu deixei um recado:

“Oi, Olli, sou eu, Bia. Tô em casa. Quando ouvir esta mensagem me dá uma ligada porque eu tive uma ideia e queria sua opinião. Beijo. Me liga.”

Talvez, Olli estivesse em Paris, deduzi. Ultimamente, ele ia a Paris com mais frequência com que ia ao banheiro e na maioria das vezes, acabava nem voltando para casa. Dormia lá pelo escritório mesmo. Nos comunicávamos apenas por bilhetes, mensagens de texto e telefonemas rápidos, porque Olli sempre estava atrasado para uma reunião, uma prova ou uma passagem de luz.

Fui tomar um banho e no instante em que liguei o chuveiro, o telefone tocou. Me enrolei na toalha e corri para atender.

- Qual é a ideia? – era Olli. – Vai dizer que você roubou meu plano de relançar a dupla Luan e Vanessa com um CD Acústico?

- Saudade de você! – exclamei feliz por ouvi-lo. – A gente não se vê mais...

- Você me trocou por Dyllan, ué... Aliás, valeu por ele ter consertado nosso chuveiro! Está ótimo. Ah, pergunta também se não dá para ele botar um prego aí na sala. Comprei um quadro maravilhoso lá em Montmartre!

- Tá bom, eu pergunto. Você vem para a casa hoje?

- Acho que não... – ele respondeu com um tom melancólico – Tô trabalhando tanto, malôca...! Mas tá tudo tinindo! Inspirei os looks naquele filme “O massacre da serra elétrica”. – tá explicado... – É a minha chance, Bia, não posso falhar.

Eu entendia perfeitamente.

- Você e Lacuena estão se entendendo melhor? – sondei com todo cuidado.

Olli pensou um pouco antes de responder.

- Acho que sim... mas como maquiador, sinto que ela ainda não confia em mim plenamente. – reconheceu pesaroso e eu achei melhor não nos aprofundarmos na questão.
 - E a gravidez de Pá? – mudei de assunto rapidamente – Não falo com ela há séculos...
 - Também não tenho notícias. Deve estar lá com o tio Sukita... Vamos ver até quando.
 - Vou ver se ligo para ela...
 - Bom, nem vou perguntar se você está bem porque estar mal com Dyllan, só se você fosse louca. – ele recuou – Se bem que você é meio biruta, néam?
 - A gente tá bem sim. – esclareci, achando graça – Mas, Olli, eu liguei para te dizer duas coisas. Uma é que Mariana tá chegando dia 15. Algum problema ela ficar aqui em casa?
 - Pelamor, né? Claro que não! Pena que nessa época eu vou estar no meio da temporada... quanto tempo ela fica?
 - Uns vinte dias.
 - Ótimo. Na última semana quero sair com vocês.
 - Legal! A outra coisa é que o meu aniversário tá chegando, eu tive uma ideia e quero a sua opinião... O que você acha de eu comemorar num pub brasileiro?
 - Uau! Tô precisando mesmo de um porre de caipirinha!
- Algo que agradasse Olli, dificilmente não agradaria aos demais.
- Perfeito. Vou reservar uma mesa bem grande para a sexta, dia 18, então.
 - Mas seu aniversário não é dia 10?
 - É, mas eu vou estar chegando de um voo nesse dia. – esclareci – Além disso, vou esperar Mariana.
 - Ok. Apareço lá com meu esplendor e minha sandália plataforma então.
 - Menos, Olli, não se esqueça que é o meu aniversário de trinta...
 - Por isso mesmo... Ih, malôca, preciso desligar que estão me chamando.
 - Ok. Beijo
 - Beijunda.

42.

Após tantos fins de semana voando, finalmente consegui um sábado e domingo de folga. Era o último fim de semana antes do meu aniversário, dia 10 de julho.

Acordei na manhã de sábado, com um furacão atravessando a porta do quarto, dele surgiu Dyllan.

- Escuta essa, Bia!

Não eram nem nove da manhã e ele já estava a mil. Eu, meio sonolenta, me esforçava para manter os olhos abertos e assimilar a cena: Dyllan vestido com a camisa do Arsenal, chacoalhando um jornal na minha frente.

- Vou ler para você. – ele sentou-se na beira da cama e dobrou a página – “Jet-air bate as gigantes Emirates Airlines e Quatar linhas aéreas na preferência do cliente”. – disse pausadamente e ao final olhou-me – Não acabou aí não. Tem mais. Ouve só essa parte:

“Operando no mercado há pouco mais de três meses, a Cia. aérea Jet-air foi eleita a melhor empresa aérea para voos com destino ao Oriente Médio na opinião do passageiro, por aliar tarifas reduzidas e excelente atendimento!”.

Ajeitei-me na cama e continuei ouvindo Dyllan, mas agora a sonolência dera lugar ao deslumbramento. A empolgação dele era tão fascinante, eu olhava-o e sentia aquele tipo de felicidade simples, das coisas que estão ao nosso redor o tempo todo e a gente nem percebe, tipo banho de mangueira em dia quente e pudim de leite condensado na geladeira. É claro que gostei da notícia, embora ela pudesse muito bem ter sido encomendada, principalmente por ter sido publicada num sábado, mas gostei mesmo foi de ver Dyllan festejando um sucesso meu.

- Legal, né? – comentei sem deixar ele perceber que seu entusiasmo me fascinava muito mais que a notícia em si. – Agora imagine quando a gente começar a voar para América do Sul! – arrematei.

- Por falar em América do Sul, mais tarde tem o jogo Brasil e Inglaterra na televisão. – era mesmo, um dia antes eu tinha ouvido no metrô um grupo de paulistas inconformados com a escalação da seleção – Vamos assistir juntos?

- Claro. Que horas?

- Às seis. – ele informou, deitando-se ao meu lado – Mark e Phil estão passando aqui para irmos à Holloway.

- Holloway? – perguntei sem compreender.

- É, hoje tem jogo do Arsenal também, esqueceu?

Há semanas Dyllan e os amigos só falavam naquela bendita final Arsenal e Tottenham. Aliás, não só eles. Todos os homens do meu convívio estavam alucinados com o clássico. Lá no trabalho, Richard – fanático pelo Tottenham – apostou com David – maníaco pelo Arsenal – que quem perdesse teria de tirar uma xerox da própria bunda e pendurar na máquina de café do DO. Quando Kate soube da aposta perguntou: “Mas vai ser uma cópia normal ou frente e verso? Se for frente e verso eu vou querer ver esse jogo. Aliás, qual é mesmo o time do Richard, heim?”.

- Depois da final, a gente vai lá para Angel assistir Brasil e Inglaterra no Red Lion. – Dyllan esclareceu – Você podia me encontrar lá. O que acha?

Neste momento a campainha tocou histericamente, como se alguém tivesse esquecido o dedo no botão. Blim-blom-blim-blom-blim-blom... Isso era super normal quando Mark e Phil apareciam por lá.

- São eles. – Dyllan levantou da cama num pulo – Vou abrir a porta.

- Ok, já vou lá.

Lavei o rosto, escovei os dentes, troquei de roupa e do banheiro mesmo pude ouvir a bagunça que eles faziam na cozinha. Isso também era super normal quando Mark e Phil apareciam por lá. Eu nem ligava porque curti muito a presença deles, muito embora Mark fosse meio folgado e adorasse implicar comigo.

- Oi rapazes! – cumprimentei apontando no corredor.

Mark levou um susto ao me ver

- Por que ninguém me avisou que a Bia estava aqui? – perguntou, bebendo algo meio

esverdeado direto da jarra do liquidificador.

- Eu falei. – Dyllan afirmou.

- Falou mesmo, você é que não presta atenção. – Phil endossou, mas só deu para ver a pontinha de seus pés por detrás da geladeira aberta. – Fala aí, Bia! – ele levantou, deixando à mostra sua cabeça também – Lisa te mandou um saquinho de frescura. Taí na minha mochila, pode abrir.

(O que vem a ser um saquinho de frescura?, vocês devem estar se perguntando. Eu explico. Desde o dia em que eu e Lisa nos conhecemos lá no pub, quando eu ainda nem pensava em sair com Dyllan – quer dizer, não pensava em termos porque na verdade... enfim, continuando... – desde aquele dia tivemos uma forte afinidade e com o início do namoro, a coisa se intensificou. Por conta das presilhas de cabelo que eu lhe dei naquele dia, criamos o hábito de trocar mimos como batons, esmaltes, grampinhos, caderninhos perfumados e muitas outras inutilidades. Os meninos, ou melhor, Dyllan e Phil apelidaram nossos presentinhos de “saquinhos de frescura” e a coisa pegou.)

Nós quatro, quer dizer, nós cinco contando com Mark, ou melhor, nós seis, afinal Mark sempre tinha uma acompanhante diferente, formávamos um grupo de amigos super divertido e planejávamos uma viagem para o Brasil no Carnaval. Quando saíamos, nossa diversão preferida era inventar histórias e destinos inusitados para as pessoas ao nosso redor – Aquela loura ali marcou um encontro com alguém pela internet e está esperando o cara chegar; O casal daquela mesa ali vai fazer um ménage à trois mais tarde... – Quando, porém, jantávamos na casa do outro, a falta de estranhos ao redor não nos tirava a inspiração, simplesmente mudávamos o alvo e focávamos em Mark, O encalhado. Aliás, falando nisso, inicialmente, foi difícil ele me aceitar no grupo. Embora ele negue veementemente, rolou sim um ciúme básico. E não era para menos, afinal aguentar sozinho o posto de único solteiro do grupo não foi fácil. Inclusive, justamente por causa disso, nós já havíamos empreendido várias tentativas de lhe arranjar um par, – fixo, quero dizer – mas todas fracassaram. Quando a garota era legal, ele dizia que era boazinha demais, quando não estava nem aí, não tinha química.

- Eu também tenho um saquinho de frescura para Lisa, mas entrego mais tarde lá no Red Lion. – avisei, desembulhando o pacotinho rosa que peguei na mochila de Phil. – Nossa, que lindo...! – era uma tiara de renda marrom e bege toda bordada.

- Nossa, que liiiiindo! – Mark me remedou, saindo da cozinha com um sanduíche de presunto, queijo, geleia, atum, manteiga, maionese, peito de peru, uva passa e tudo mais que ele encontrou na geladeira.

Não dei trela e continuei:

- Meninos, vocês estão sabendo da minha festa de aniversário no dia dezoito?

- Bom, eu só vou se você me garantir que vão ter umas aeromoças gostosas por lá. – Mark vivia insistindo na ideia de conhecer uma aeromoça. Um dia perguntei o porquê e ele disse que estava cansado de pagar caro nas passagens aéreas.

- Trinta anos heim, Bia? – Phil comentou, preparando um sanduíche irmão gêmeo do de Mark.

- Ai, nem me fale... – esse fato tinha um peso considerável.

- Qual é, Bia, trinta anos é legal, pô! – Mark protestou – Eu tô com trinta e dois e acho perfeito: Ainda consigo pegar as garotas de 17 e continuo gatinho para as coroas de 50. É uma idade tão estratégica que Jesus só morreu aos trinta e três. Não acha, Dyllan?

- Concordo. Não pelas mesmas razões, mas concordo. – esclareceu – Eu também estou bem feliz com os meus trinta e dois. – disse, amarrando o cadarço do tênis.
- Onde é que eu acho leite nessa casa, heim? – Phil perguntou, vasculhando a geladeira.
- Se não tiver aí, tem no armário em cima da pia. – informei.
- Que isso, cara! LEITE? – Mark perguntou estupefato – Você vai beber leite? Foi isso mesmo que eu ouvi?
- Todo jogo contra o Tottenham, eu tomo leite e o Arsenal ganha.
- Já tô pronto. – disse Dyllan levantando-se do sofá no mesmo instante – Vamos?
- Péra aí, pô, deixa eu só tomar um copo de leite! – pediu Phil.
- Bóra, macacada! As stripers já estão lá embaixo esperando a gente. – Mark falou para me provocar.

Eu ri. Era engraçado como ele achava legal ser implicante.

- Dyllan vai passar por uma rigorosa investigação olfativa quando voltar para casa. – esclareci a Mark.
- Dá para ser gustativa também? – Dyllan vibrou, dando-me um beijo rápido – Te espero lá em Angel mais tarde.

Ficamos os três parados à porta, esperando Phil sair.

- Ah, Bia, já ia me esquecendo... sabe quem te mandou um beijo? – da escada, Mark virou-se para mim, tentando disfarçar o sarcasmo.
- Fiona! – disse alegremente – Ela falou que vai na sua festa de aniversário também, tem problema?

Ressuscitar Fiona e a relação cordial que jamais tivéramos, era a sacanagem preferida de Mark. Vários meses haviam se passado desde o fatídico dia do pub, mas ele não esquecia o assunto e jamais perdia uma oportunidade de tripudiar. Como ele também convivia com Fiona no Jornal, eu ficava me perguntando se Mark fazia o mesmo tipo de piada com ela, mas nunca perguntei para não dar cartaz, é claro.

Finalmente, Phil conseguiu sair da cozinha – levando consigo a caixa de leite – e eu desejei boa sorte aos três, embora soubesse que Mark torcia, na verdade, pelo Manchester.

Voltei para a cama, mas não consegui mais dormir. Às dez e pouca da manhã, Pá me ligou aos prantos pedindo que eu a encontrasse em uma hora, no Liberty.

Pelo telefone, ela me pareceu muito nervosa, mas não quis adiantar o assunto. Dada a elevada produção de progesterona na gravidez, havia uma forte possibilidade da crise ter sido desencadeada por uma criança chorando num comercial de shampoo infantil ou por um vídeo na Discovery Chanel mostrando o parto de uma elefoa.

Enfim, meio dia em ponto, lá estava eu na Regent Street, parada na porta do Liberty, quando de repente Pá surgiu esplendorosa com sua juba harmoniosamente cacheada envolta por um lenço de seda branco e os olhos camuflados num enorme par de Gucci marrom. A barriguinha de três meses ainda era pequena, mas já fazia volume na bata de tecido branco.

Enquanto ela caminhava na minha direção, percebi que a gravidez havia deixado-a ainda mais bela.

- Ai, Bia, que bom que você veio... Eu quero morrer.

- O que houve? – perguntei alarmada.

- Eu quero morrer, mas primeiro eu quero vomitar! – Pá levou as duas mãos à boca e eu compreendi que tínhamos uma situação de emergência.

Pá precisava de um banheiro naquele instante.

Segurando a porta do cubículo onde ela botava os bofes para fora, me pus a sorrir sem graça para todas as outras mulheres que aguardavam na fila e olhavam para nossa direção, aterrorizadas com os ruídos que ecoavam lá de dentro. “Ela está grávida”, eu dizia com um sorrisinho sem graça, mesmo sem ninguém ter perguntado nada, buscando a condescendência daquelas desalmadas que me respondiam com o olhar de “ainda bem que não é comigo!”.

Depois que o estômago de Pá se acalmou, sentamos num Café e ela me contou o drama.

- Ele terminou tudo!

- Ué, mas tio Sukita não estava super empolgado com a sua gravidez?

- Pois é, estava. Mas mudou de ideia, sei lá. Ontem ele disse que pensou bem e não se sente preparado para a responsabilidade de criar uma criança.

- Mas, espera aí, tio Sukita já não tem filhos?

- Quatro.

- Que cara de pau!

- Foi horrível, Bia... – Pá lamentou chorosa – e o pior é que a Zoraia me alertou.

- Zoraia?

- A minha astróloga.

- Ah...

- Ela disse para mim que a lua dele estava entrando na casa 5!

- E a casa 5 é muito ruim? – fiquei preocupada de, de repente, estar entrando na casa 5 também e nem saber.

- Não é que seja ruim, mas não estava em conjunção com a roda da fortuna, entende?

- Claro.

Houve uma pequena pausa preenchida com fungadas e soluços.

- Agora me diz, Bia, o que pode ser pior na vida que ouvir “eu não te amo mais” do cara que você ama?

Pensei um pouco e lembrei.

- Ouvir “eu te amo, mas de outro jeito”.

Pá respirou fundo e baixou a cabeça.

Presenciando o sufoco dela, tive um flashback do meu próprio desespero e consegui dimensionar exatamente a tragédia que ela vivia. Era horrível mesmo, eu sabia.

- Nunca mais vou me envolver com ninguém. – ela garantiu – Juro!

Nossa! Se não me engano já ouvi essa frase antes, em algum lugar... Não lembro onde... Ah sim, é claro, de mim mesma! Sete meses antes.

Depois do almoço, tomamos um milk shake no Mc Donald's e andamos mais um pouco, mas nada parecia entreter Pá.

- Vamos na Zara? – sugeri animada.

Enfim, eu reconheço, foi uma sugestão estúpida, considerando a gravidade do problema, mas essa foi a melhor ideia que tive.

Então, entramos na loja e fizemos aquele tipo de coisa inteligente que só as mulheres fazem: Compramos um monte de roupas que não combinavam com absolutamente nada que tínhamos no guarda-roupa, só porque estavam marcadas com 70% de desconto.

- Puxa, Bia, o meu bebê nem nasceu e já sofreu uma rejeição... Olha que saia linda. – Pá lamentava enquanto fuçávamos as araras em promoção.

- Calma, Pá, você não tá sozinha não, viu? Eu estava procurando um vestido exatamente assim. – tranquilizei-a, com um vestido preto de jersey nas mãos.

- Eu sinto que não vou ter condições psicológicas de criar um filho sem pai... Vou experimentar esse amarelo aqui. – Pá lastimou-se arrasada.

- Nesse momento você tem que pensar apenas em você e no seu bebê. Vamos, eu vou provar esses aqui também.

A moça dos provadores nos deu um quadradinho de plástico com a quantidade de cabides que tínhamos e nós nos encaminhamos para as últimas cabines do corredor. Experimentei uma blusa que mais parecia uma tatuagem e não tinha absolutamente nada a ver comigo, uma saia rodada que fez minha bunda parecer maior que as Grandes Planícies, uma calça plissada inspirada em Charles Chaplin até que de repente um susto.

- MEU DEUS!!! – Pá deu um grito de pavor na cabine ao lado e o meu corpo estremeceu inteiro. Imaginei um sangramento, um desmaio, a bolsa estourando (eu sei, a bolsa estourando com três meses de gravidez foi muita ignorância da minha parte...) Com o coração disparado, saí do meu provador e num só ato escancarei as cortinas da cabine de Pá.

- Olha só para a minha barriga! Eu pareço uma baleia!

Botei a mão no peito de alívio e respirei fundo, tentando recuperar o ritmo do meu batimento cardíaco todo destrambelhado. Era muita emoção conviver com uma grávida.

- Mas a sua pele está linda, querida, seu cabelo está brilhante e suas pernas continuam longas. – confortei-a, embora eu tivesse que concordar que a barriga de fato já não era mais a mesma. – Além disso, você vai ser mãe, Pá! Isso compensa qualquer coisa.

- Ai, Bia, eu tenho sentido umas vontades tão estranhas... hoje mesmo, por exemplo, acordei enlouquecida para comer uma fatia de panetone com mostarda.

Tá explicado..., pensei. Até o meu estômago embrulhou.

- Ora, ora, vejam só como este mundo é pequeno! – fomos surpreendidas por uma voz feminina vinda do outro lado do corredor dos provadores. Era Alisson.

Eu e Pá entramos em pânico.

A vontade desesperada de fugir e nos ver livre dela, nos fez gaguejar um monte de desculpas esfarrapadas. Obviamente, nenhuma colou. Alisson era uma chata profissional, jamais conseguiríamos escapar dela assim facilmente.

- Que bom ver vocês! – ela veio para cima da gente, nos sufocando com abraços e beijos molhados.

- Puxa, que pena que já estamos de saída, né? – Olhei para Pá, em busca de ajuda.

- É verdade. – Pá concordou – Estamos mesmo de saída.

- De saída? – Alisson olhou para as peças jogadas no chão dos nossos provadores – Mas vocês ainda nem pagaram.

- Pois é, então... Foi isso que eu quis dizer... A gente estava justamente de saída para a fila do pagamento.

- Ah, suas brincalhonas! – Alisson piscou o olho para mim, me deu uma catucada com o cotovelo e riu como se realmente houvesse algo de engraçado para rir – Bom, vamos para a fila porque neste caso eu também estou “de saída” – disse animada, abrindo aspas com os dedinhos.

Ah não... eu não mereço essa pessoa abrindo aspas com os dedinhos!

Quando a moça no caixa falou o valor da minha compra, abri a carteira e me dei conta de uma tragédia anunciada: Minha situação financeira. contei quantos cartões de crédito eu tinha e, sei lá como, a conta deu Oito. Oito! Eu tinha nada mais, nada menos que oito cartões de crédito na carteira, já havia estourado o limite de todos e continuava com o compromisso de mandar dinheiro ao Brasil porque o apartamento ainda não estava alugado! Meu Deus do céu...! Minha situação estava mais preocupante que a recessão dos países do G-20. Definitivamente, não dava para continuar gastando.

Ao sairmos da Zara, carregadas de bolsas, Alisson virou-se para nós e disse:

- E então, meninas, o que vamos fazer agora?

Tudo bem, vá lá, eu também tinha os meus dias de chata, mas Alisson tinha os dela todo dia!

Foi a vez de Pá tomar a iniciativa e sair em nosso socorro.

- Hoje não vai dar, Alisson, mas foi muito bom te ver.

- Ah... Vamos fazer alguma coisa, gente! Eu preciso contar a vocês o roteiro do meu novo curta. – Alisson nos segurou pelo braço, nos impondo sua chatice.

- Não vai dar mesmo. – Pá deu um sorriso amarelo – Fica para a próxima.

- Para onde vocês estão indo?

Como num exercício de telepatia, eu e Pá intuímos a mesma coisa: Se não déssemos uma boa desculpa, ela ia arranjar um jeito de grudar na gente. Apavoradas, eu e Pá falamos juntas, porém, diferentes informações: Eu disse que íamos para a casa. Pá disse que tínhamos um compromisso. Pareceu até uma brincadeira.

- Vocês são tão engraçadas... Será que dava para falar uma de cada vez?! – Alisson pediu rindo.

Completamente desoladas, eu e Pá buscamos a saída no olhar da outra. Uma de nós precisava ter uma ideia fabulosa e não podia demorar.

- Então, Pá, explica você. – passei a bola para Pá porque não me veio nada à mente.

- Claro. – ela concordou, ganhando tempo para que algo brilhante lhe surgisse – Nós... estávamos... indo para aaaaa.... reunião de condomínio do meu prédio! É isso! Nós estamos indo para a reunião de condomínio do meu prédio!

Nossa, que genial!, fiquei orgulhosa de Pá. Alisson podia ser chata, mas não era maluca. Ninguém em sã consciência toparia uma reunião de condomínio no fim de semana.

- Sábado? Putz, que programa mais chato! – Alisson decretou.

- Pois é, para você ver... – me vangloriei animada.

- Ah, me desculpem, mas eu não vou com vocês não, meninas. – desculpou-se.

Ufa!

Olhei para Pá e pude ver minha expressão de alívio refletida em seu par de Gucci.

Nos despedimos rapidamente, simulando uma pressa não-sei-de-quê e seguimos na direção contrária a de Alisson.

- Essa foi por pouco, heim?! – Pá respirou aliviada.

- Caramba! De onde você tirou essa ideia de reunião de condomínio? – perguntei impressionada com o talento de Pá – Muito boa!

- Sei lá. Agora vamos tomar um café num lugar qualquer. Não acho seguro ficarmos circulando com Alisson à solta.

Pá tinha toda razão.

A primeira porta que vimos aberta foi um Café Nero. Pá continuava deprimida, mas por alguma razão tive a impressão de que o seu humor melhorara. Ligamos para Olli e ele, inacreditavelmente, atendeu. Mais que isso, falou que não estava trabalhando e que em meia hora nos encontraria no centro.

Então, para fazer hora, cada uma de nós tomou um balde de capuccino e quando os mini muffins acabaram, o relógio marcava cinco e dez. Mesmo assim, nenhum sinal de Olli.

- Eu tenho que ir andando, Pá.

- Mas Olli tá vindo!

- Tá nada... Faz quase duas horas que falamos com ele.

Pá concordou e conhecendo-o tão bem quanto eu, sabia que ele era capaz de dizer qualquer coisa só para criar expectativa sobre sua presença.

- Para onde você vai? – Pá perguntou-me.

- Para a reunião de condomínio do meu prédio.

A risada de Pá confirmou minhas suspeitas, de alguma forma o astral dela melhorara. Ainda que minimamente, mas melhorara. Talvez tenha sido os 70% de desconto da Zara ou, quem sabe, depois de tantos anos de terapia, florais e estudos astrológicos, Pá tivesse realmente se tornado uma pessoa superior.

- Hoje à noite tem jogo Brasil e Inglaterra, eu vou assistir num pub lá em Angel. Dyllan está lá com uns amigos me esperando.

No clima que Pá estava, não tinha a menor chance dela topar um pub lotado, muito menos para assistir a uma partida de futebol. Mesmo assim, convidei-a por educação.

- Vamos?

- Tudo bem. – ela concordou de primeira e eu fiquei impressionadíssima com seu desprendimento e capacidade de superação. Se eu tivesse um terço da força de vontade dela, minha depressão não teria durado nem uma semana – Pintaram meu apartamento ontem e eu preciso ficar um pouco fora de casa mesmo. O cheiro forte ataca minha rinite alérgica.

- Ah...

Bom, de qualquer forma eu continuava tirando o meu chapéu para a resignação de Pá.

- Dyllan tem algum amigo legal e solteiro? – Pá perguntou desanimada.

- Pior que tem. – pensei em Mark, sabendo, no entanto, que eles não tinham nada a ver.

- Será que ele topa ser o pai do meu filho?

- Quem sabe...

- Ele é bonito?
- Depende do que você chama de bonito.
- Eu chamo de bonito o contrário de feio.

No meu padrão de beleza, Mark não era de se jogar fora. Aliás, não era mesmo. Fisicamente, eu diria até que ele e Pá se combinavam bastante. Eram ambos altos, alourados, tinham olhos azuis e cara de gente rica. Eu suspeitava, entretanto, que as afinidades não passavam das aparências. Além disso, sejamos francas, o fato de Pá estar grávida pesava muito.

- Bom, se ele quiser, em uma hora eu consigo me apaixonar perdidamente por ele. – Pá brincou esmorecida, depois acariciou a barriga de maneira infeliz. – Não consigo acreditar que isso está acontecendo comigo...

- Eu sei como você se sente, Pá. – tranquilizei-a – Mas posso garantir que vai passar. – peguei nas mãos dela – Agora vamos?

Quando recolhíamos nossas bolsas do chão e nos preparávamos para deixar o café, Olli entrou todo estrepitoso pelas portas de vidro.

- Olha só como vocês são! Marcam comigo e vão embora!

- Olliiii! – Pá se atirou no pescoço dele.

- Não senhor. – protestei – Marcamos com você há duas horas atrás.

- Eu cheguei, não cheguei? – Olli me deu dois beijinhos e nos obrigou a fazer-lhe companhia para a xícara de café latte que acabara de pedir no balcão.

Então Pá contou a Olli toda sua decepção, a maneira abrupta como tio Sukita lhe abandonara, a tristeza que sentia por se ver sozinha num momento tão importante, a pressão que sentia com a responsabilidade de ser mãe... Mas contou também estar feliz com a gravidez, satisfeita pelo resultado dos exames e, principalmente, com a perspectiva de ter alguém para sempre em sua vida. Nesse momento, Pá acariciou novamente a barriga minúscula e falou qualquer coisa terna para o bebê como, por exemplo: “Nós temos um ao outro, né, meu filho?”.

Olli ficou branco feito um papel.

- Pá, pelamordedeus, você sabe que eu sou seu amigo e que você pode contar comigo sempre. A única coisa que eu te peço é: Não seja esse tipo de grávida que fala com a barriga! Por favor! – Olli implorou – Eu acho isso tão insano. E, cá para nos, você já tem um passado maluquinho, né?

O sermão de Olli acabou exatamente no minuto em que a xícara de café esvaziou-se. Essa foi a minha chance.

- Tem Brasil e Inglaterra mais tarde. Eu e Pá estávamos indo lá em Angel assistir ao jogo no Red Lion, vamos com a gente? – propus a Olli.

- Futebol? – ele torceu o nariz – Nossa, acho que o Zico ainda estava na seleção no último jogo do Brasil que assisti...

- Vamos, Olli! – Pá insistiu – Você me faz companhia.

- Vai ser legal. Dyllan está lá com uns amigos também. – ressalttei.

- Dyllan vai estar lá? – com os olhos cheios de luxúria, Olli demonstrou interesse repentino – Por que você não falou antes? É claro que eu vou!

Não consegui controlar o riso.

- Ai, Olli, você é sofrível...

Então lá fomos eu, Olli, Pá e sua barriga de azeitona pela Regent Street em direção à estação de metrô. O calor de julho fazia seis horas da tarde parecer tão quente quanto onze da manhã. Era um típico dia de verão com todas as mazelas que isso inclui: Milhões de turistas andando a passos de tartaruga, mães perversas atropelando os pedestres com seus carrinhos de bebê, homens fantasiados de urso panda pedindo donativos para as crianças carentes do Congo e homens-placas no meio do caminho anunciando remessa de dinheiro para a Polônia e brazilian wax.

Na entrada da estação de Oxford Circus, olhei para trás e, dentre os milhares de rostos que vi, minha visão além do alcance destacou um em especial. Mal pude acreditar na minha sorte, ou melhor, na falta dela.

- Aperta o passo que ela tá atrás da gente. – avisei, puxando Pá e Olli pelo braço.

Pá entendeu na hora, mas Olli ficou boiando.

- Quem? – ele perguntou. Eu devia ter me lembrado que Olli não sabia disfarçar, porque ao invés de se camuflar na multidão, ele esticou o pescoço e chamou ainda mais atenção.

- “Malisson”! – respondi.

Imediatamente, descemos as escadas em disparada e nos esprememos entre os transeuntes que andavam em passinhos curtos, como se tivessem feito cocô na calça.

- Ela me viu, Bia! – Pá afirmou desolada e cheia de culpa.

- Não tem problema, ela vai perder a gente de vista e depois não terá certeza se realmente nos viu. – Olli encorajou-a – Vem!

Mas o plano não deu certo.

Alisson foi mais rápida que nós três e em poucos instantes nos alcançou.

Muito falsamente, fizemos cara de surpresa ao reencontrá-la e Pá não precisou nem se dar ao trabalho de inventar uma desculpa para não termos ido à suposta reunião de condomínio, pois Alisson ficara tão extasiada ante a presença de Olli que nem se tocou de nossa mentira.

- Olli! – Alisson deu-lhe um forte abraço – Você pegou meu recado? Eu estava mesmo precisando falar com você sobre o curta que vou rodar... Enfim, eu falo com você no caminho. Para onde vamos agora, meninas? – ela perguntou, abraçada a Olli e incluindo-se na jogada – Acho que já fiz esta “pergunta” para vocês hoje, né? – Novamente, ela abriu a porra das aspas com os dedinhos. – Literalmente.

(Ainda tinha essa, Alisson tinha mania de encerrar suas frases com “literalmente”. Mas na maioria das vezes, como nesse caso, por exemplo, a palavra era empregada sem o menor cabimento.)

Nossa, que irritante!

Definitivamente estávamos condenados à presença dela, pois com Olli no lance ficou mais difícil uma desculpa. Nos restou apenas aceitar o fardo e seguir em frente.

Então eu, Pá e Olli fomos mudos o caminho inteiro, enquanto Alisson falava pelos cotovelos sobre o tal curta que ia começar a rodar, intitulado “Bovinos Góticos”, sobre duas velhas siamesas que conversavam com animais, alimentavam-se de ovos e se relacionavam sexualmente com cabritos no porão de catedrais do século XI.

Ter que ouvir essa bizarrice foi resultado de uma bola fora de Pá que, sem assunto, disse a única coisa que não poderia dizer: “E então, Alisson, como vai a vida?”.

O curta teria apenas quatro minutos de duração, mas Alisson levou trinta e sete, ininterruptos, para contar o roteiro. Me dava um desespero...

Deus me livre, me perdoe, me ilumine e me proteja de todos os males, mas se algum dia eu cometesse um homicídio, havia grandes chances de a vítima ser uma pessoa como Alisson.

- E você, Olli, muito trabalho lá na Bryon? – Alisson emendou a pergunta depois de encerrar o monólogo. Já havíamos feito uma baldeação no metrô, saído da estação de Angel, andado três quarteirões e ela não parava de falar.

- Muito. – Olli esclareceu mal humorado. Pelo fato de ter puxado um cigarro, percebi que ele estava a um milímetro de perder a paciência.

- Ai, não acredito! – ela parou do nada, porque como boa chata que era, tinha dificuldades para andar e falar ao mesmo tempo – Você continua fumando?

Alisson já fora uma fumante inveterada, entretanto abandonou o vício só para ampliar seu campo de chatice e pentelhar os fumantes.

Enfim, o tema rendeu mais uma palestra: Os males do cigarro.

Na entrada do Red Lion ouvi uma voz conhecida.

- Hei, Bia! – era uma voz feminina.

Ao me virar na direção do balcão, reconheci os rostos de Laura e Kate, que também não estavam voando naquele fim de semana.

Entretanto, estávamos no meio do caminho e foi impossível parar, porque as pessoas atrás de mim já começavam a reclamar. Então sinalizei com as mãos para que as duas aderissem à caravana que se seguia atrás de mim, já composta por Olli, Pá e Alisson.

Mais à frente, do fundo do pub, bem próximo a um dos telões, Phil e Lisa acenavam na minha direção. Não consegui avistar Dyllan, mas ele certamente estaria por lá e na maior animação, pois, segundo captei das conversas paralelas, o Arsenal havia marcado 2 a 1 de virada sobre o Totenham.

Eu e minha procissão fomos abrindo caminho pelo pub e alguns minutos depois conseguimos finalmente chegar à mesa.

- Oi, gente, tudo bem? – cumprimentei Phil e Lisa. – Trouxe um pessoal para assistir o jogo com a gente: Olli, Pá, Alisson, Laura e Kate, esses aqui são Phil e Lisa. Alguns de vocês já se conhecem, né?

Dyllan realmente não estava pela redondeza e quando, enfim, pensei em perguntar por ele, senti algo me puxar pela cintura.

- De onde saiu essa gente toda, Bia? – Dyllan me perguntou discretamente, voltando do bar com Mark.

- Pois é... o pessoal foi aderindo.

Mas eu não fui a única responsável por fazer o garçom juntar as mesas, Mark também apareceu com um amigo da pós-graduação chamado Peter que ninguém nunca havia visto mais gordo.

Subitamente, na agitação do pub, olhei ao meu redor e gostei do que vi, gostei de me ver inserida naquele contexto. Era um falatório ininteligível, mas o copo de todo mundo estava cheio e isso me dava duas certezas: A primeira era que todo mundo estava se divertindo. A segunda, era que durante aqueles meses em Londres eu havia construído relações muito especiais e intensas, relações que eu queria levar para vida toda. Me senti feliz de verdade, mas ao mesmo tempo com uma tremenda saudade da Mari... *Que bom que semana que vem ela também estará aqui comigo*, pensei.

Olli, Lisa e Laura gargalhavam escandalosamente sobre algo que, suspeitei, fosse alguma pornografia. Pá mostrava seu projeto de barriga à Kate. Dyllan, Phil, Mark e Peter discutiam sobre futebol. Enquanto Alisson falava sobre seu filme ao vento.

Como eu inicialmente previra, nenhuma afinidade rolou entre Pá e Mark, mas Peter, o amigo de Mark, mesmo em outra conversa, não tirava os olhos de Pá. De meia em meia hora, Mark, por sua vez, ia ao bar buscar uma Bulmers de pêra para Laura. A julgar pela linguagem corporal de todos, a coisa prometia.

- Dois a um Arsenal, aeromoça! – Dyllan me trouxe de volta à realidade, interrompendo minha análise comportamental.

Então olhei-o mais detidamente e percebi que alguma coisa não fazia sentido.

Ri internamente.

- Que isso? – perguntei, olhando para a camisa que Dyllan vestia. Camisa essa que, por acaso, era amarela e, por acaso, do Brasil.

- Gostou? – ele estufou o peito e respondeu com outra pergunta – Minha namorada é brasileira. – ele explicou, passando a mão nas cinco estrelas.

Sem nos darmos conta, na outra ponta da mesa éramos observados por Phil que deduziu a conversa e gritou para Mark e Peter:

- Aí, ele torcer para o Brasil é mole! Queria ver se a Bia fosse coreana, ele ia torcer para Coreia.

- Eu queria ver era ele torcer para Austrália mesmo. – disparou Mark, ressentido.

Dyllan nem se abalou.

- Eles estão com raiva porque eu não tô torcendo para a Inglaterra. – disse Dyllan ao meu ouvido.

Então o juiz apitou o início do jogo e tanto o Brasil quanto a Inglaterra levaram um tempo para se achar em campo, perdendo boas chances de ataque e chutando longe do gol. No fim do primeiro tempo, entretanto, após uma cobrança de escanteio, os brasileiros subiram mais que a zaga inglesa e, de cabeça, o Brasil abriu o placar. Um a zero, Brasil. Eu e a meia dúzia de brasileiros que assistiam o jogo no Red Lion fomos ao delírio, discretamente, é claro, para não atizar a maioria inglesa que nem se abateu, pois ainda havia muito jogo pela frente. Depois do intervalo, a seleção voltou mais segura. Aos seis minutos do segundo tempo, em um contra-ataque fulminante, o Brasil avançou e tocou para frente, driblando o goleiro inglês na cara do gol. Segundo do Brasil. A torcida inglesa broxou e eu fiquei até sem graça de comemorar. O clima ficou tenso, não só no pub como também dentro de campo e os cartões amarelos começaram a aparecer.

Como já era de se esperar, o Brasil venceu a Inglaterra sem muita dificuldade por 2 X 0 , para minha alegria e de Dyllan, que chegamos em casa exaustos e alegres.

De fato, a euforia do jogo havia nos deixado mais excitados que o normal, mas no meio da noite ele disse algo que me deixou completamente alarmada e desorientada. Não exatamente pela mensagem em si, mas pela forma como foi dita.

- Beija a minha barriga! – Dyllan sussurrou ao meu ouvido.

Eu teria achado perfeitamente normal não fosse um detalhe: Ele falou a frase exatamente assim, em português.

Caramba, Dyllan está aprendendo português!, concluí sobressaltada. *Será desde quando?* Imediatamente tentei recapitular todas as baixarias e conversas inapropriadas que eu já havia tido com Olli ou mesmo com Mariana ao telefone, em português, na certeza de que ele jamais entenderia.

Foi uma pronúncia tão perfeita que eu fiquei passada e não fiz comentário nenhum. Simplesmente o beijei, matutando qual seria o nível de compreensão dele.

Sempre que acordava antes de mim, Dyllan dava um jeito de se mexer na cama até me despertar.

- Bom dia. – murmurei baixinho e ainda sonolenta, fazendo-o entender que eu já estava acordada e ele não precisava jogar a perna sobre mim, tentando me despertar.

- Bom dia! – ele respondeu super ligado.

- Se eu te pedisse um favor, você faria? – pedi com jeitinho.

- O quê?

- Primeiro você tem prometer que faria.

- Mas eu tenho que saber que tipo de favor é.

- É metade favor, metade agrado.

- Entendi, tipo um favor sexual?

- Não, tipo uma vitamina de banana. – esclareci – Aquela especial que só você sabe fazer.

Então sem reclamar, Dyllan levantou da cama, foi até a cozinha e bateu duas bolas de sorvete, três bananas, uma colher de manteiga de amendoim e meio litro de leite no liquidificador. A vitamina de banana dele era especial! Aliás, a única coisa que ele sabia fazer na cozinha. Depois voltou para o quarto trazendo também um misto quente e uma travessa de cream cracker. (Eu tenho uma explicação para o cream cracker. Muito tempo da minha vida passei fazendo dietas, na maioria delas, cream cracker era um dos únicos alimentos permitidos. Resultado: Vicieei. Podia faltar leite, pão, biscoito, até mesmo chocolate, mas cream cracker sempre tinha na dispensa. E o mais interessante é que eu comia com manteiga, geleia, presunto, margarina, nutella, requeijão, queijo... sem a menor preocupação, afinal era cream cracker, não era?)

Quando ele deixou a bandeja do lado da cama, eu fechei os olhos rapidamente e me encolhi toda sob o lençol.

- Nem vem, Bia! Se estiver com fome, vai ter que levantar para comer. – Dyllan decretou – Ninguém vai comer cream cracker em cima da cama, ok?

- Mas eu não consigo me levantar... Estou muito cansada! – fiz a cara mais sofrida que consegui, para ajudar na dramatização.

- Eu já conheço esse truque.

- Sacanagem! – desabafei – Qual a graça do meu namorado me trazer café na cama se eu não posso comer na cama?

Neste momento, o telefone da sala tocou.

- Se eu achar um farelo na cama quando voltar, você tá ferrada, Bia! – ameaçou-me.

Muito a contragosto, levantei da cama. Tomei a vitamina, comi o misto quente, me empanturrei de cream cracker com cream cheese e nada de Dyllan sair do telefone. Devia ser Martha, a mãe dele, porque ela era a única pessoa que ligava para o telefone da sala. Mas então fiz as contas e conclui que na Austrália seriam mais de dez da noite. Martha nunca ligava nesse horário. A menos que algo grave tivesse acontecido.

Preocupada, fui até a sala saber o que estava acontecendo.

- Ah, espera aí! Ela acabou de chegar aqui, vou passar para ela. – Dyllan passou-me o telefone. – Para você.

Em todo aquele tempo, eu jamais recebera uma ligação na casa de Dyllan, muito menos no telefone da sala. Peguei o telefone, achando tudo muito esquisito.

- Alô. – atendi desconfiada.

- Ai, gostei dele, amiga!

Era Mariana. Eu quis perguntar como ela arranhou o telefone de Dyllan, se nem eu mesma sabia o número, mas fiquei tão empolgada com a aprovação dela que até esqueci o que ia dizer.

- Sério? – perguntei alegre.

- Pedi para ele falar devagar e acho que ele entendeu o meu inglês escolar. Ele é fofo! – Mariana festejou e eu mais ainda por ela ter gostado dele. – Você não atendeu no celular, então liguei lá para casa do Olli e ele me deu esse número.

- É, eu moro nos dois apartamentos agora. – expliquei. – Você vai entender quando chegar aqui.

- É sobre isso mesmo que eu queria falar. Tô com a passagem na mão, amiga! – exclamou empolgada – Ficou marcado para o dia 15 mesmo. Queria te fazer uma surpresa e aparecer aí na quinta-feira, para o seu aniversário, mas dia 10 ficava muito em cima e...

- Não tem problema, Mari! O importante é que você vem. Ai, amiga, mal posso esperar para te ver...

- Daqui a doze dias. – ela fez as contas. – Outra coisa: Já arranhei um depósito lá em Botafogo para deixar os seus móveis porque vai que o apartamento aluga quando estou aí, né? Só tô esperando o cara do caminhão me confirmar o dia...

- Quanto é que ele vai cobrar para fazer a mudança?

- Depois a gente vê isso...

- Obrigada. – Mariana já tinha percebido que eu estava me enrolando financeiramente por conta das contas do apartamento – Apareceu mais alguém interessado em alugar o meu apê? – sondei.

- Ainda não.

Há quatro meses que aquele bendito apartamento estava anunciado e nada! Ninguém se interessava em alugá-lo. Entretanto, todo mês aparecia uma taxa de incêndio, uma taxa de lixo, uma cobrança de não-sei-o-quê, um imposto de não-sei-o-quê-lá e cada vez eu me atolava mais em dívidas porque boa parte do meu salário ia justamente para o Brasil, cobrir as despesas de condomínio e administração do imóvel. Além disso, eu ainda tinha o meu aluguel em Londres para pagar, ou seja, estava ficando difícil bancar duas despesas com moradia.

- Será que a administradora não tá pedindo um valor muito alto não? – indaguei, mesmo sabendo que já tinha feito a pergunta uma semana antes. – Olha, pode dizer que eu não me importo se eles reduzirem o aluguel. Desde que os locatários assumam as contas para mim está ótimo.

- Bia, você não pode esquecer que o apartamento não é só seu, né?

Era verdade.

- Eu já falei isso para eles. Toda semana, ligo para lá. Uma hora alguém vai aparecer, você vai ver.

- Eu sei... Obrigada.

- Escuta, queria ver com você se eu não podia ficar com o rack da sala. Ele é a medida certinha da minha parede.

- Claro. É seu.

- Valeu. Bom, tô indo para Manaus amanhã. No dia dez te ligo para te dar os parabéns, ok? Você vai fazer alguma coisa?

- Não. Vou deixar para comemorar meu aniversário na sexta, dia 18, quando você já estiver aqui. – expliquei – Se é que trinta anos é realmente motivo para comemorar...

- Claro que é! Lembra do meu ano passado?

Como eu me esqueceria? Nós acabamos a noite dançando forró lá na feira dos paraíba.

- Então, te espero aqui em Londres.

- Fechado!

Mais tarde, Olli nos chamou para comer o arroz com feijão que ele havia preparado. Eu suspeitava que Dyllan gostava mais do feijão de Olli que do meu, mas para não criar polêmica, eu fazia vista grossa. Durante o almoço, Olli contou que no final da noite, Peter levou Pá para casa e, ao contrário do que normalmente fazia, ela não trocou os dois últimos dígitos quando ele perguntou se podia ter o número dela. Depois que o pub fechou, Olli, Alisson, Mark, Kate e Laura foram parar na festa de um ricoço amigo de não-sei-quem. Alisson foi embora sem ninguém perceber. Olli não soube dizer se Mark ficou com Kate ou com Laura, mas havia uma grande possibilidade dele ter pego as duas. A única coisa que Olli se lembrava bem era de ter conhecido um tcheco de tirar o fôlego.

Assim que terminei de lavar a louça, o celular de Dyllan tocou. Era Phil marcando um cineminha para mais tarde. Olli não topou porque tinha “outros planos”. Em português, disse que estava esperando o tcheco. Antes mesmo que ele começasse a proferir todo tipo de indecência, alertei-o para o fato de que Dyllan talvez pudesse compreendê-lo, em português.

Olli nem se importou.

Então, à noitinha, eu, Dyllan, Lisa e Phil assistimos a mais um blockbuster americano sobre vampiros, comemos pizza napolitana com chadornay e, quase onze da noite, voltamos para a casa, cantando com os Beatles que se esgoelavam no último volume do CD player do carro. Os vidros estavam fechados.

Enfim, o fim de semana se foi, a segunda-feira amanheceu e só me restou voltar ao batente. Acordei às seis porque às nove eu embarcaria para Dubai.

Enquanto me arrumava, percebi pelo espelho que, debaixo dos lençóis, Dyllan já estava acordado e me observava atentamente.

- O que foi? – perguntei.

- Nada. – ele disse com a voz tranquila – Gosto de ver você se arrumar. – só dava para ver os olhos e a pontinha dos dedos dele para fora – Você tem mesmo que ir?

Confirmei com um sorriso desanimado e fez-se entre nós uma pausa meio chata. Viver me despedindo era a parte mais difícil da minha profissão.

Então, quando sentei na cadeira e vesti cuidadosamente a meia fina, Dyllan passou os braços por trás da cabeça e comentou:

- Nunca tinha reparado como essa cadeira era bonita.

Eu ri.

- Sossega, rapaz. Daqui a pouco você vai ter que ir trabalhar.

Novamente um silêncio instalou-se, mas eu podia sentir a inquietude dos olhos de Dyllan me acompanhando para todas as direções.

- Permissão para falar, comandante? – Dyllan encostou a mão na cabeça como se prestasse continência.

- Permissão concedida, se fechar o zíper da minha saia. – Fui até a cama e ele, obediente, subiu o fecho sem reclamar. – Pronto, agora pode falar comissário.

- É que esse é o meu primeiro voo, comandante, o avião está balançando muito... Acho que não estou me sentindo muito bem...

- Anda pelo corredor que passa. – disse, olhando-o através do espelho, enquanto penteava o cabelo.

- Já tentei, mas não melhorou. – ele fez cara de sofrimento.

- Então toma um pouco de água gelada.

- Também já tomei. Nada resolve. Acho que só uma massagem poderia ajudar.

Virei-me na direção dele, entendendo exatamente a proposta.

- Uma massagem? – me encaminhei até a cama. – Certo. E onde é que você precisa de uma massagem, comissário?

- Aqui. – ele apontou – Na virilha.

- Mas, comissário, nesse caso eu terei que retirar a sua calça.

- Tudo bem, se não tem outro jeito...

Joguei a calça dele no chão.

- É aqui?

- Mais para o lado.
- Aqui?
- Mais para o meio.
- Mas, comissário, aqui não é a virilha.
- Dane-se a virilha!

Vesti meu uniforme pela segunda vez naquela manhã e fui para o aeroporto.

43.

Passados três dias no calor descomunal de Dubai, o dia dez de julho finalmente chegou.

Era o meu primeiro aniversário em Londres e eu já esperava por uma sensação diferente. Entretanto, eu achava que o fato de me tornar uma balzaquiana fosse a coisa mais “diferente” que pudesse me acontecer àquela noite. Santa ingenuidade... Eu nem imaginava a peça que o destino estava prestes a me pregar.

Quando o avião pousou em Londres no início de tarde, ajudei uma senhora a carregar a bagagem de mão, de pelo menos dez quilos, até o final da aeronave sem ouvir sequer um “Muito obrigada”. Perfeitamente normal. Eu estranharia se ela tivesse agradecido.

Então, fui chamada na cabine de comando e... SURPRESA!

Meus colegas de voo entoaram “Happy birthday” animadamente atrás de um bolo de aniversário com o número 30 decorado em glacê rosa chá. De presente ganhei uma pashmina vermelha linda – que eu já havia visto numa vitrine lá em Dubai e amei de cara. Só não comprei por causa daquele meu probleminha de insolvência... Espero contar com a descrição de todos – e um cartão de aniversário que trazia David Cameron soprando as velinhas de um bolo com os seguintes pedidos: “an exit strategy, higher approval ratings and Osama behind the bars”, assinado por toda a equipe.

Tirando o número 30 estampado no bolo, adorei a surpresa.

Mas como sempre, após quase quatro dias longe de casa, sob o clima desértico de Dubai e com os olhos irritados pelo calor, cheguei ao Heathrow desesperada para ir para casa.

Embrulhei um pedacinho de bolo, me despedi da tripulação, peguei minha bagagem e fui para o vestiário. Enquanto eu tirava o uniforme, esbarrei em Laura – relembrando a cena agora, acho que não esbarrei coisa nenhuma, ela devia estar na minha cola, só esperando meu voo chegar.

Laura estava escalada para o Londres/ Shiraz, que por sinal era um voo que eu detestava. – tinham quatro conexões e muito tempo de espera por passageiros vindos de outros voos. – Assim que me viu, ela veio toda serelepe.

Saquei tudo.

- Bia! Feliz aniversário!
- Obrigada, querida.
- E então, você vai sair, comemorar, fazer alguma coisa...? – Laura me sondou tentando

parecer casual, mas no fundo queria mesmo saber de Mark, pressenti.

- Sim, na semana que vem. Dia 18. Lá em Holborn. Vamos?

- Claro!

- Ótimo, te espero lá então. – disse, fechando minha mala – Agora preciso ir.

- Eu te acompanho.

Então Laura veio atrás de mim pelo aeroporto, fazendo mil rodeios para só depois de muita conversa fiada, chegar ao X da questão: Mark.

- Bia, queria te contar uma coisa.

Eu já sabia o que era, mas fingi desconhecimento total e me preparei para a reação de surpresa.

- Uma coisa não. Um segredo.

Ai, tá bom... fala logo!

- Ninguém sabe, tá?

Coitada... Até parece...

- Não é nada demais, mas é que eu não gosto das pessoas falando da minha vida, entende?

Desembucha logo que você ficou com o Mark!

- Eu fiquei com o Mark.

Devo ter feito muito bem minha cara “Mentiiiiira! Jura?”, porque Laura ficou empolgadíssima com a minha reação.

- Pois é, tá rolando uma coisa super legal entre nós! – ela confirmou toda orgulhosa – O problema é que a Kate também está a fim dele e...

De repente, quando já estávamos na área de desembarque, Laura parou do nada e olhou para um ponto fixo no meio do saguão.

- Bia, aquele ali não é o seu namorado? – perguntou-me, apontando para a multidão.

Dyllan? Não podia ser...

Mas era. Encostado na pilastra, Dyllan observava-nos tranquilamente, de braços cruzados, vestindo calça preta e uma camisa social verde clarinha que ele sabia que eu adorava.

- Bom, vai lá então. – Laura, despediu-se desanimada por não ter conseguido resumir a ópera – Feliz aniversário! Depois a gente se fala.

Que raios Dyllan está fazendo aqui? , apertei o passo em direção a ele, com a pergunta piscando no meu painel de alerta.

- Parabéns, aeromoça! – ele me abraçou firme e o contato envolvente do seu corpo contra o meu, me fez sentir profundamente amada. Já nem me importava de passar a tarde toda no aeroporto se ficássemos naquele abraço.

- Como é que você me achou aqui? – perguntei impressionada porque o aeroporto estava lotado.

Ele tocou o meu rosto de maneira suave, segurou a pontinha do meu queixo e falou pausadamente como se tentasse me hipnotizar.

- Eu te acho sempre.

Era um discurso lindo, mas tremendamente inusitado porque às três e meia da tarde Dyllan só

podia estar trabalhando.

- Pedi a tarde de folga. – esclareceu-me com um olhar divertido – Mark segurou as pontas lá para mim.

- Você é louco! – acusei-o lisonjeada.

No fundo eu estava toda boba por ele ter ido ao aeroporto me buscar no dia do meu aniversário. Dyllan era mestre na arte de fazer uma mulher sentir-se especial e era exatamente dessa forma que eu queria me sentir no meu trigésimo aniversário.

- Agora vamos que a gente tem uma reserva no Renaissance. – Dyllan assumiu a direção da minha bagagem e seguimos abraçados rumo à saída do aeroporto.

O Renaissance era o novo restaurante badalado da cena londrina. Administrado por Rebecca McPhee uma chef metida a besta queridinha da high society, o Renaissance exorbitava todas os limites da frescura e dava um novo significado à palavra futilidade. Conseguir uma reserva no restaurante era mais difícil que acertar sozinho na Mega Sena. Olli, inclusive, me contara que numa ocasião Lacuena armara o maior barraco e o melhor que conseguiu foi uma mesa para dali a vinte dias.

Quando o garçom nos trouxe os cardápios, atentei para um outro detalhe que dava ao Renaissance toda pompa e circunstância – além do artista tocando Vivaldi no hall de entrada – O cardápio entregue a mim não trazia os preços. Somente a versão entregue aos cavalheiros (sim, porque no Renaissance não há homens nem mulheres, somos todos damas e cavalheiros. “A dama gostaria de deixar a bolsa no cloakroom?”, “O cavalheiro teria algum pedido especial?”) continham essas informações mundanas sobre valores e formas de pagamento.

Para mim, pirulitos de salmão com trouxinhas de alcachofra. Para Dyllan, rocambole de faisão com roquefort. De sobremesa, pêra ao vinho.

Achei o máximo tanta banalidade.

- Bom, o dia é seu! – Dyllan disse aos sairmos do Renaissance – O que você quer fazer agora?

- Um bolo de cenoura com cobertura de brigadeiro para comemorar meu aniversário com você. Só nós dois. Feito um segredo.

Então fomos ao supermercado e compramos todos os ingredientes para o bolo. Contra a minha vontade, Dyllan insistiu em botar na cestinha duas caixinhas de velinhas coloridas (duas porque em cada uma continha vinte e cinco, ou seja, eu já estava incluída na faixa etária 26-50).

Ao chegarmos no apartamento de Dyllan, haviam dois presentes sobre a cama. Não havia nada na vida que eu amasse mais do que presente de aniversário.

Entretanto, Dyllan botou regra e disse que eu só estava autorizada a abrir o maior embrulho. O menor teria de ficar para mais tarde. Concordei de primeira, na euforia de saber logo o que havia na caixa grande, embrulhada com fita e papel brilhante.

- Uau! – exclamei extasiada – São simplesmente maravilhosas!

Era um par de sandálias Jimmy Choo cereja. Altíssimas. Lindas. Eu calcei-as e ficaram perfeitas nos meus pés.

- Poxa, você devia ter me dado elas antes de irmos ao Renaissance! – protestei, olhando

admirada para as minhas pernas no espelho – Posso abrir esse aqui também? – peguei a caixinha menor, me fazendo de desentendida. Eu sabia que não podia, mas pedindo com jeitinho, quem sabe?

Não funcionou.

Há tempos eu havia prometido a Dyllan o tal bolo de cenoura com cobertura de brigadeiro. Na verdade, foi desde o dia em que comemos um donut com recheio de doce de leite na saída do cinema. Dyllan virou-se para mim e perguntou: “Existe no mundo algo melhor que donut de doce de leite?”. Eu respondi: “Sim, bolo de cenoura com cobertura de brigadeiro”. Ele duvidou e eu garanti que podia provar.

Então ralei a cenoura, bati tudo no liquidificador e botei a massa no forno para assar. Faltava, porém, o mais importante: O brigadeiro.

Em minutos, o cheiro de chocolate impregnou a casa feito um defumador. Atraído, Dyllan chegou à cozinha no momento exato em que eu me preparava para tirar o bolo do forno e aplicar a cobertura.

- O que é isso? – Dyllan apontou para o brigadeiro.

Antes que eu pensasse em responder, a marca de dedo já estava impressa na panela.

- Espera esfriar! – ralhei.

Eu estava tão ocupada enfiando palitinhos para conferir o ponto da massa que nem percebi Dyllan atrás de mim. Só senti quando alguma coisa morna começou a escorrer na parte posterior do meu ombro. Virei para trás, ele nem se preocupou em esconder o dedo sujo.

- Posso provar? – ele deu um risinho malicioso.

Então Dyllan arrastou a alça da minha blusa e lambeu meus ombros demoradamente. Aquilo me deixou completamente sem fôlego. No auge da coisa, entretanto, ele parou e disse:

- É bom sim, mas não melhor que donut com doce de leite.

Dyllan adorava esse jogo. Eu, mesmo sabendo, caía.

- É porque está faltando um detalhe importante.

- O quê?

- O champanhe.

- Putz! Eu não comprei...

- Tem uma garrafa lá na geladeira de Olli. Espera aqui que eu vou lá buscar.

Olli ainda não havia chegado em casa e considerando que estávamos a dois dias da fashion week, era provável que nem aparecesse para dormir. Aliás, ele não devia aparecer há tempos a julgar pela casa arrumada e pelo carpete recentemente aspirado. – por recentemente, entenda-se uma semana atrás – Coitado, deviam estar arrancando o couro dele.

Então avistei a luzinha da secretária eletrônica piscando, apertei o botão do “play” e a máquina informou cinco novo recados. Um de Jonas, um de Pá, um de Lisa, um de Mariana e um do próprio Olli. Todos para mim, dizendo mais ou menos as mesmas coisas: Feliz aniversário! Parabéns! Saúde! Felicidades e todas as coisas que se diz aos aniversariantes. Exceto o de Mariana que não fazia sequer menção ao meu aniversário.

Na verdade, nem entendi bem a mensagem porque a ligação estava muito ruim e ela parecia apressada. Só depois da quinta vez é que consegui compreender. Basicamente, ela perguntava se eu estava em casa e dizia que tinha algo urgente para falar.

Liguei para o celular dela na hora, mas caiu na caixa postal. Talvez porque naquele momento ela estivesse voltando de Manaus para o Rio, lembrei. Por alguma razão, pressenti que ela tinha novidades sobre o meu apartamento. Talvez ele fora finalmente alugado!

Se o meu palpite estivesse certo, seria o melhor presente de aniversário que eu podia receber, pois a estratégia de pagar a fatura mínima dos cartões de crédito não fora boa ideia e a cada mês minha dívida aumentava significativamente.

Mariana vai me contar que o apartamento foi alugado!, desejei preocupada com a minha situação financeira.

O pior é que mesmo à beira da falência, o banco não parava de me mandar ofertas de cartões de crédito e promoções. Eu desconfiava, inclusive, que houvesse alguém no HSBC responsável especialmente por me mandar propostas do Visa, porque a cada semana eu recebia pelo menos três.

Mas, enfim, era meu aniversário e eu tentei evitar que esses problemas terrenos interferissem no meu humor. Então, fui à cozinha e no momento em que peguei a garrafa de champanhe na geladeira, alguém bateu na porta.

Dyllan é muito impaciente...!, pensei.

- Entra! – gritei da cozinha.

Mas dessa vez não era Dyllan. Nem Olli. Era Arthur.

44.

Uma vez vi no Fantástico o Dr. Drauzio Varella afirmar que antes da pessoa enfartar, ela sente uma pontada no coração que vem acompanhada de enjoos e tonturas fortes. Foi exatamente isso que eu senti. Eu nem sabia, mas talvez estivesse enfartando ali no meio da sala.

Percebi nitidamente cada pelinho do meu corpo se eriçar de pânico, como se eu estivesse diante de uma pessoa morta. Minhas pernas bambearam, meu coração acelerou e, embora minha mente fervilhasse, não consegui formar nenhum pensamento lógico.

Por um instante me ocorreu que eu estivesse tendo uma alucinação, mas eu nem tinha bebido nada. Ele usava um terno cinza chumbo muito bem cortado, com uma gravata azul e uma camisa branquíssima. Entretanto, não parecia cuidar muito bem da barba e do cabelo, bem mais longos que de costume. Foram justamente os pequenos detalhes que me convenceram de que a visão de Arthur parado na porta era mesmo real. Eu quis dizer alguma coisa, mas não soube o quê. Fiquei estática, pregada no chão feito um poste.

Na minha mudez estava impressa toda a perturbação que me abatia.

- Feliz aniversário, Bia! – ele quebrou o gelo, falando com voz macia – Posso entrar?

Nem lembro o que respondi. Talvez nem tenha dito nada. O fato é que no instante seguinte, Arthur encostou a porta atrás de si, adentrou a sala e veio em minha direção. Chegando bem perto, segurou minha mão e me beijou no rosto de uma forma bastante delicada. Com certeza,

percebeu que eu estava trêmula.

Então, ele deu uns três passos em direção à janela, olhando tudo ao redor como se fosse um comprador interessado no imóvel. Já do outro lado da sala, virou-se e disse com um sorriso confiante:

- Ficou ótimo.

- O quê? – consegui falar, finalmente.

- O seu cabelo. – ele disse.

- Nossa... – suspirei – Já faz tanto tempo que eu cortei...

- É. – ele reconheceu, meio sem graça – Faz alguns meses que a gente não se vê.

- Sete. – o cálculo preciso saiu sem querer.

- Quase sete. – ele corrigiu.

Eu não estava entendendo absolutamente nada. Queria saber as coisas óbvias tipo o que ele estava fazendo ali, como foi que me achou em Londres... mas quando me preparei para estas e outras perguntas, as palavras morreram na minha boca. O perigo mais previsível e inevitável de todos aconteceu: Dyllan irrompeu pela porta.

Não houveram cumprimentos, nem apresentações. Nada precisou ser dito porque a cena falava por si. Era tudo muito claro e auto explicativo. Dyllan já tinha ouvido falar de Arthur e se ligou no ato que era ele ali na sala. Arthur, por sua vez, já podia esperar que após tanto tempo, era muito possível encontrar uma figura masculina na minha vida.

O clima de rivalidade que se instalou de repente foi tão hostil que tive medo. Um vaso de flores teria murchado na hora, tamanha carga negativa no ar.

Durante toda a fase pós-separação, eu vivia imaginando o dia em que eu e Arthur nos reencontraríamos. Criava mil situações e torcia para que quando isso acontecesse, ele me visse linda, recuperada e, de preferência, acompanhada de um homem maravilhoso, para ele ver que eu dera a volta por cima.

Agora, no entanto, que eu estava exatamente naquela situação, daria o dedo mindinho para não estar porque simplesmente não sabia como agir ou o que dizer.

Dyllan olhou de mim para Arthur e de Arthur para mim com uma expressão questionadora. Seus olhos injetados de cólera exigiam uma explicação que eu não tinha para dar e, assim como ele, também queria muito. Arthur, encostado na janela, estufou o peito e me lançou um olhar sério como quem diz: “se você não falar, eu falo!”

- Eu... eu preciso conversar com ele... – gaguejei para Dyllan, num tom de voz quase inaudível – a sós.

A frase não era para soar como uma escolha, mas no final das contas foi assim que soou. Dyllan espremeu os olhos numa expressão surpresa e indignada, como se não pudesse crer nas minhas palavras e na situação diante de si. Me senti mortificada por saber que o magoava.

- É isso mesmo, Bia? – ele perguntou incrédulo.

- Te explico mais tarde. – prometi assustada.

Então Dyllan não disse mais nada e saiu furioso, mas não sem antes tomar bruscamente a garrafa de champanhe da minha mão. O tempo todo Arthur mantivera-se calado e seguro, com as mãos no bolso do paletó, porém, no instante em que a porta bateu atrás de Dyllan, sua

confiança deixou a desejar.

- Quem é esse cara? – O tom austero de Arthur me intimidou e eu travei – Me diz quem é esse cara? – ele insistiu nervoso.

- Um... um vizinho. – respondi envergonhada pela minha covardia em não assumir Dyllan como namorado.

- Você toma champanhe com os vizinhos agora? – ele questionou entre irritado e irônico.

Peraí um momentinho!, meu cérebro alertou-me. Tinha alguma coisa errada naquela estória. Cobranças de Arthur àquela altura dos acontecimentos não faziam o menor sentido.

- O que você veio fazer aqui, heim? – perguntei de uma vez, sem deixar que ele revertisse o jogo.

Ponto para mim.

Arthur entendeu a mensagem e baixou a bola. Depois, olhou para os lados, respirou fundo e, recuperando o tom calmo e seguro de minutos antes, prosseguiu.

- Você quer dizer aqui em Londres ou aqui na sua casa?

- Os dois. – me mantive firme, para não me deixar confundir.

- Bom, estou em Londres a trabalho. Um cliente vai assinar um contrato com uma companhia inglesa e eu estou responsável pelo caso. – ele fez uma pausa e eu tive a impressão de que seu semblante ficou um pouco mais carregado – E na sua casa eu vim porque precisamos conversar.

- Pode falar.

- Posso pelo menos me sentar?

Apontei para o sofá e sentei na ponta da mesinha de centro curiosa para saber o assunto que trouxera Arthur até mim. Quando então ele começou a dizer que havia pensado muito antes de decidir me procurar e que não foi fácil me achar em Londres, nosso diálogo foi interrompido pelo telefone.

Era Jonas.

Parte da minha vida acabou ali.

45.

A notícia era dura, fria e cruel: Um Boeing 737-800, que fazia o trajeto Manaus – Rio de Janeiro naquela quinta-feira sumira do espaço aéreo. A população de uma aldeia indígena situada na divisa do Mato Grosso com o Pará, afirmava ter visto um avião fazendo manobras incomuns no ar e alguns confirmavam, inclusive, ter ouvido um forte estrondo.

O detalhe: Mariana estava na tripulação do voo.

Jonas nem tinha terminado de falar e a minha decisão já estava tomada: Ia para o Brasil naquele momento.

Através de uma combinação perfeita entre telefonemas eficazes e amizades influentes, consegui uma licença por prazo indeterminado e descobri que havia um voo partindo para Brasília naquela noite mesmo, levando peritos ingleses e especialistas em desastres aéreos para auxiliar nas buscas do Boeing. Com a ajuda de Richard, consegui levantar o nome e o contato

do piloto escalado para o voo. Jeremias, um português muito gentil que topou me dar carona até o Brasil. A única ressalva era: Eu tinha que estar no aeroporto o mais rápido possível, pois o voo partiria a qualquer momento.

- Claro! – concordei afobada – Estou indo para aí nesse instante. Muitíssimo obrigada!

A notícia me deixara completamente desnorreada e aflita. Se não fosse a ajuda de Arthur, acho que estaria até agora tentando arrumar a mala e chamar um táxi. Entretanto, o banho me ajudou a clarear as ideias e eu percebi que precisava estar sozinha para pensar melhor.

Nem foi preciso explicar isso a Arthur. Quando voltei à sala, ele já estava de pé, encostado na porta. Desejou-me boa sorte com um beijo na testa e despediu-se garantindo que me procuraria assim que chegasse ao Rio.

Me engana que eu gosto..., um risinho me escapou. Foi sem querer mesmo, não deu para segurar. É que numa fração de segundos, lembrei que da última vez que ele me fizera essa promessa, eu esperara o mesmo tempo que Lucy, a múmia de três milhões de anos encontrada durante escavações na África.

- Pode esperar! – ele enfatizou. – Eu vou te ligar sim!

Obviamente, eu não contava com isso. Mas naquele momento eu não tinha nem cabeça para pensar no assunto.

Antes de partir, passei no apartamento de Dyllan. Queria explicar o que havia acontecido, queria, no fundo, um abraço ou uma palavra de ânimo, se ele não estivesse chateado demais para isso, é claro. Em todo caso, já me contentaria olhar nos olhos dele e pedir as minhas mais sinceras desculpas.

Mas nem isso foi possível.

O bolo de cenoura continuava sobre o fogão, a panela de brigadeiro ainda com as marcas de dedo, mas nem sombra de Dyllan. Tirando a garrafa de champanhe jogada no sofá, não havia nenhum sinal dele pela casa.

Pensei em deixar um bilhete, mas a estória era longa demais. Além disso, eu escreveria o quê? “Fui para o Brasil!”? Por mais que eu explicasse, ele com certeza relacionaria o fato à aparição repentina de Arthur e entenderia tudo errado.

Eu ligo de lá, decidi.

Entrei no táxi sentindo a cabeça latejar. Eu entendia exatamente a dimensão de um avião desaparecido, mas por alguma razão não acreditava que aquele caso fosse assim tão grave ou pelo menos não tanto quanto parecia. Vasculhei minha bolsa atrás de um analgésico. Um não, dois! Enfiei tudo na garganta e senti o comprimido descer amargo pelo meu esôfago. Para me livrar da tensão, me mantive ocupada fazendo tentativas para o celular de Dyllan, mas ele devia ter desligado o telefone porque nem a opção para recados entrava. Mesmo assim, não desisti. Apertava o botão “redial” de forma tão contínua e automática que levei um susto quando, de repente, o meu celular tocou. Era Jonas.

- Consegui arranjar um voo direto para Brasília. – expliquei – Já estou a caminho do aeroporto.

- A que horas você chega aqui?

- Não sei ao certo, mas acho que de manhã cedo, antes das oito, estou aí.
- Vou estar lá em Brasília, te esperando nesse horário então.
- Não, Jonas, não precisa!
- Eu vou acompanhando Walter e Clarisse.
- Mas não tem necessidade...
- Tem sim, Beatriz! – ele afirmou com veemência – Que Deus te proteja. Até amanhã.

Nem vou tentar descrever a tortura que foi aquele voo porque isso seria lugar comum. Também não vou contar que não consegui pregar o olho nem por um minuto porque o detalhe é óbvio. Nada nesse mundo era capaz de ocupar minha mente e tranquilizar o meu espírito. Tudo que eu mais queria era que o dia amanhecesse e aquele bendito avião pousasse em Brasília. Eu, que jamais bebia café, tomei litros naquela noite, – e acabei descobrindo sem querer o quanto era ruim o café que servíamos – mas o mais interessante é que em momento algum chorei.

Apesar de estar uma pilha de nervos, no fundo do meu coração morava a certeza absoluta e confortadora de que Mariana estava salva. É que a nossa ligação era forte demais. Com certeza eu sentiria se algo de ruim tivesse acontecido a ela, entendem?

Inclusive, como já mencionei antes, a comunicação sem palavras era uma coisa comum entre nós. Por inúmeras vezes, eu e Mariana sentimos que podíamos nos conectar sem os meios normais de comunicação. Como se uma mente pudesse projetar um pensamento e a outra fosse capaz de recebê-lo. Tudo bem, pode parecer viagem minha... Mas não é não. Quando uma coisa não dava certo para uma de nós, por exemplo, a outra ligava só para ter os detalhes, a essência da questão de alguma forma já sabíamos e as vezes nem era preciso explicar.

Nunca procuramos maiores informações sobre essa sintonia, fenômeno, sugestão mental, transmissão de pensamento ou seja lá o nome que se dê a isso. O fato é que as coisas entre nós funcionavam assim.

Mas voltando ao assunto do acidente... O que eu estou querendo dizer é que de alguma forma – que não sei explicar – eu sentia que Mariana escapara ilesa. Talvez, ela nem tivesse chegado a embarcar no voo e muito provavelmente quando eu pousasse no Brasil, ela já teria feito contato. De repente, ela mesmo estaria lá no aeroporto esperando por mim.

Eram sete em ponto quando o avião aterrissou em Brasília, uma hora antes do que eu previra, constatei ajustando o relógio ao fuso horário brasileiro.

Caminhando pelo aeroporto, percebi o quão enganada eu estava.

Eu tinha quase dez anos de aviação, mas confesso que jamais vira nada parecido: Mães desesperadas correndo com as mãos na cabeça, filhos desolados mostrando fotos dos pais desaparecidos, idosos amparados pelas equipes médicas, a multidão insatisfeita com a falta de informação e os funcionários, amedrontados, insistindo na estória batida da queda do sistema.

Será que Mariana já chegou?, pensei aflita, olhando de um lado para o outro na esperança de localizá-la. Onde será que ela está...?

Mariana infelizmente não consegui avistar, mas o rosto de Jonas surgiu na minha frente logo assim que apontei no desembarque.

– Mariana já chegou? – esse foi o meu “bom dia” para Jonas.

Ele, no entanto, respondeu-me com notícias de Clarissa e Walter, os pais de Mariana. Não entendi nada. Mas dado o clima de confusão, qualquer coisa era compreensível.

- Ela está bem. – eu mesma fiz questão de responder – Daqui a pouco ela entra em contato.

Assim como a maioria, notei que Jonas tinha os olhos fundos de quem também não pregara o olho à noite, disse que havia chegado no início da manhã e, com sorte, conseguiu o último quarto no hotel disponibilizado às famílias dos passageiros. Contou que a lista oficial com o nome dos desaparecidos até aquele momento não havia sido divulgada, mas que, segundo boatos, havia cento e quarenta e oito pessoas a bordo.

Então, sem muito mais o que dizer, Jonas pegou minha mala e nós furamos a barreira de fotógrafos ávidos por cenas impactantes e seguimos pelo aeroporto, até a parte reservada aos familiares dos desaparecidos. (Até aquele momento, ninguém sequer ousava mencionar a hipótese de o avião ter caído. Para todos os efeitos o avião estava desaparecido, e isso basicamente incluía a possibilidade otimista de um pouso de emergência.)

Assim que me viu, tia Clarissa ficou desorientada de tanta alegria, numa demonstração nítida de desequilíbrio e desespero. Tive pena dela. E a piedade que senti me deu vontade de chorar.

Foi barra... Parece que a dor das mães é sempre mais triste.

- Bia, que bom que está aqui! – ela me abraçou eufórica, mas meio grogue por conta dos sedativos – Mariana está na aula de ballet!

- Eu sei. – balbuciei segurando o choro.

- Falei para o Walter ir buscá-la, mas ele falou que ela já está vindo. Você acha que ela vai acertar o caminho? – percebi que para ela a verdade era impossível.

- Vai sim. – não menti, eu realmente achava que sim.

- É que ela ainda tem que fazer o dever de casa. – informou-me com a razão dos enlouquecidos.

Foi só quando senti o gosto salgado nos lábios, que percebi que estava chorando.

Assustou-me também ver tio Walter transtornado, sentado no canto, com a expressão infeliz e derrotada. Justamente ele que eu sabia ser um homem tão bem humorado e piadista. Mas assustou-me ainda mais a sacolinha plástica que ele trazia consigo, repleta de fotos, radiografias, exames médicos e da arcada dentária de Mariana.

Será que eles estão pensando mesmo que..., preferi nem concluir um pensamento tão macabro e absurdo.

Sentei-me ao lado de tio Walter e abracei-o com todo o meu amor, garanti que Mariana ia aparecer sã e salva a qualquer momento, era só uma questão de tempo e paciência. Num visível gesto de incredulidade, ele ficou calado e apertou as vistas com os dedos.

- Tio Walter, confia em mim! – tentei convencê-lo, olhando dentro de seus olhos marejados – Eu sentiria se algo de mal tivesse acontecido a ela. Talvez, eles tenham feito apenas um pouso de emergência em algum lugar. Aliás, se bobear Mariana nem embarcou no avião.

- Ela embarcou, Bia. – tio Walter argumentou com a voz baixa e arrastada.

- Como é que o senhor sabe se a lista oficial ainda nem foi divulgada? – repliquei – Ela pode muito bem ter sido escalada para outro voo na hora H ou ter passado mal... sei lá. Essas coisas

acontecem. Já ligaram para o celular dela?

Um silêncio incômodo se instalou entre nós e minha pergunta ficou pendurada no ar.

- Heim? – insisti – Alguém já ligou para o celular dela?

Tio Walter não me respondeu. Sequer conseguiu olhar no meu rosto. Apenas me deu dois tapinhas nas costas e saiu.

Compreendi que naquela situação, esperança era artigo de luxo. Quem tinha, tinha. Quem não tinha, pirava. Eu, portanto, agarrei-me à minha confiança de que Mariana estava bem até porque ela havia me ligado lá de Manaus minutos antes do embarque do voo e na semana seguinte eu a esperava em Londres, ou seja, um acidente não faria o menor sentido.

No entanto, apesar de toda a minha confiança, a manhã seguiu tensa e sem novidades. Mariana não ligou, nem mandou nenhum e-mail (eu entrei num Internet Café para checar minha caixa de entrada).

Ante a falta de notícia dela, achei por bem escrever alguma coisa.

De: bia.felizardo@hotmail.com

Para: marimari21@yahoo.com

Assunto: Cadê vc?

Mariana, onde foi que vc se meteu?

Tá todo mundo louco te esperando aqui no aeroporto de Brasília (até seu pai e sua mãe!).

Vem logo porque estão achando que vc estava no avião desaparecido!

Bj,

Bia

Alguns minutos depois que eu cliquei no botão “enviar”, Mariana respondeu. Jonas, sentado ao meu lado, arregalou os olhos e ficou boquiaberto. Olhávamos sem acreditar para a mensagem em negrito no alto da tela.

Mariana Goulart

RES: Cadê vc? 13:36

Embora o tempo todo eu soubesse que ela estava bem, uma mensagem de Mariana àquela altura representava um grande alívio, independentemente do que ela tivesse para nos dizer.

- Olha aí! Não falei?! Eu sabia! – era tanta empolgação que eu mal consegui controlar o mouse com os dedos trêmulos e a mão molhada de suor – Não falei que ela ia entrar em contato?!

Assim como eu, Jonas vibrou eufórico.

De: marimari21@yahoo.com

Para: bia.felizardo@hotmail.com

Assunto: RES: Cadê vc?

Estarei fora durante os dias 7, 8, 9 e 10 de Julho, com acesso restrito ao computador. Caso tenha algum assunto urgente, favor contatar-me pelo telefone.

Obrigada

Mariana G.

**Esta é uma mensagem automática. Por favor, não responda.*

Meu entusiasmo despencou feito uma jaca madura. A alegria interrompida deu até vertigem. Constatar que o e-mail de Mariana não passava de uma mensagem automática foi tão frustrante que Jonas sentiu pena de mim. Ele não disse nada, foi seu olhar de compaixão que me revelou isso.

Ainda assim, me recusei a desistir de acreditar.

Mais cedo ou mais tarde ela ia entrar em contato. Ia sim. Eu sabia que ia.

A assessoria de imprensa da Infraero raramente aparecia para dar informações. E quando aparecia, nunca trazia a notícia que tanto aguardávamos. No início da tarde, entretanto, minha esperança balançou. A lista com os nomes dos desaparecidos no voo finalmente saiu e, como já se comentava, haviam cento e quarenta e oito nomes.

Lamentavelmente, o de Mariana estava lá.

Meus olhos de tão úmidos, desaguaram. Senti um mal estar e por um instante, achei que fosse desmaiar, mas infelizmente continuei de pé, sofrendo a desgraça.

A partir dali, continuar acreditando num milagre ou aceitar a morte passou a depender somente da minha fé. Os mais céticos, como tio Walter, entraram em estado de agonia, mas botaram um ponto final na espera, por entenderem que naquele cenário a morte era certa. Outros, como eu, seguiram firmes na convicção de possíveis sobreviventes, afinal milagres acontecem.

Olhei para Jonas aterrorizada e sem que eu tivesse qualquer controle, as lágrimas me lavaram o rosto.

Presenciando o meu desespero, o mais convencional seria Jonas me consolar, como todos os pais e filhos ali presentes, não?

- Come alguma coisa, Bia! – foram estas as palavras dele ao descobrirmos que Mariana havia se esborrachado na selva. Só que ele disse isso da forma mais nervosa e descontrolada possível.

Por um instante mínimo, tive vontade de rir. Lembrei que essa era sua segunda frase predileta (a primeira era: “Saco vazio não para em pé!”). Meu pai era neurótico com alimentação e na época da morte de mamãe, vivia me empurrando comida como forma de compensação à tristeza. Não foi à toa que engordei quase dez quilos na época.

Então, no meio do caos, Jonas tirou sei lá de onde dois sanduíches (um deatum e o outro de peito de peru com queijo) e uma garrafinha de Gatorade. Eu estava há tempos sem botar algo no estômago, mas só de olhar para os sanduíches uma gosma quente e amarga se deslocou automaticamente na direção do meu esôfago, bloqueando minha garganta.

- Saco vazio não para em pé! – Jonas disse com a voz entrecortada, segurando o choro.

Eu o conhecia razoavelmente bem e não tive a menor dúvida, ele estava desesperado.

- Depois, Jonas.

- Depois não. Come agora, vai.

Era a forma dele dizer que as coisas iam entrar nos eixos. Eu compreendi e até tentei, mas não deu. O mundo desmoronando ao meu redor e o sofrimento alienado das pessoas me tiraram totalmente o apetite. A única coisa que desceu foram os analgésicos para dor de cabeça, mas mesmo assim demoraram muito a fazer efeito ou talvez a dor de cabeça é que fosse forte demais. Tão forte que nem prestei atenção na gangue de sentimentos infelizes que me rondavam e ameaçavam roubar-me a sanidade.

A noite já havia caído quando surgiram as primeiras notícias de que os destroços da aeronave haviam sido localizados nas imediações da região amazônica, porém ainda haviam muitos boatos. Então quando o telejornal começou, todas as vozes imediatamente calaram-se.

- Boa noite. – cumprimentou a repórter na tv, iniciando a notícia sobre o desastre aéreo com a seguinte informação: – Não há sobreviventes.

Senti um ódio mortal daquela mulher imbecil dando a notícia com a mesma naturalidade que informava os índices da Bovespa. Tive vontade de esmurrar a televisão porque só desligá-la não me deixaria em paz. Mais que isso. Desejei ter uma marreta para golpear o aparelho reduzindo-o a cacos insignificantes até que a notícia desgraçada virasse poeira.

- Como é que alguém pode afirmar uma coisa dessas? – protestei indignada virando-me para a pessoa mais próxima, que por acaso era Jonas. – As buscas nem começaram direito!

- As buscas começaram há quase quarenta e oito horas. – ele declarou cauteloso.

Foi o que eu disse: As buscas nem começaram direito!, pensei, mas só pensei, não disse nada.

Ante o meu silêncio, Jonas arriscou:

- Bia, nem sempre a nossa vontade consegue interferir no universo... – ele afirmou com muito cuidado, mas deu para perceber que a frase estava pronta há tempos na cabeça dele. – Você precisa aceitar, minha filha.

- Tudo bem. – Jonas estava sendo tão legal comigo que eu concordaria com qualquer coisa que ele dissesse.

- Você compreende o que eu digo?

- Acho que sim.

- Então por que você continua negando a verdade?

- Mas eu não estou negando nada.

- Você entende que o avião caiu, não entende?

- Entendo.

- Você entende que Mariana estava lá dentro, não entende?

- Mas que pergunta..! – exclamei por fim – É claro que eu entendo tudo isso! Só estou preocupada com Mariana perdida no meio de uma floresta, cheia de cobras, aranhas e sabe-se lá Deus mais o quê. Eu conheço Mariana, Jonas, ela deve estar desesperada. Qualquer um estaria.

Sem saber o que dizer, Jonas respirou fundo e passou as mãos no cabelo de forma preocupada.

O que será que eu havia falado de tão absurdo assim?

- Eu sei o que você e todo mundo estão pensando. – provoquei-o – Você acha que Mariana morreu, não acha? – ele arregalou os olhos. Até ali, ninguém sequer ousara tocar na palavra “morte” – Eu sei que você pensa isso, só que é impossível porque semana que vem, ela está indo para Londres passar vinte dias comigo, entende?

Jonas deu um longo suspiro e desistiu.

- Entendo, Bia. Entendo sim... – concordou por fim – Bom, já são quase onze da noite. As pessoas estão indo embora... Vamos para o hotel? – Jonas sugeriu, entregando-me uma garrafinha de suco de maçã. Ele tinha praticamente uma cesta de mantimentos na bolsa.

- Pode ir. – disse, após um gole de suco – Eu vou ficar.

- Mas, Bia, qualquer novidade vão nos avisar lá no hotel. – insistiu.

- Eu sei, mas quero que ela me veja aqui quando chegar.

Então Jonas não disse mais nada, apenas me deu um beijo e saiu levando junto a minha mala.

Boa parte da madrugada passei zanzando pelo aeroporto e encontrando conhecidos que não via há séculos. Quase sempre as pessoas não me associavam à Mariana e então diziam: “Nossa, Bia, quanto tempo! O que você tá fazendo aqui?”. Ao que eu respondia: “Pois é, tô esperando Mariana chegar. Ela estava nesse Boeing que caiu...” e ainda completava dizendo “Pior que a gente não consegue nem falar com ela porque o celular não pega lá na selva, né?”.

A reação das pessoas também era quase sempre a mesma. Uns perdiam a fala e se mandavam, outros me davam um abraço longo e apertado, quase sufocante.

A Renata Soares, do check-in, que eu não via desde quando seu cabelo era enrolado, ou seja, praticamente em outra encarnação, chegou a se emocionar. Abraçou-me com tanta força que quase morri asfixiada com o formol remanescente de sua última progressiva.

- Hei, fique calma. Também não é assim! – falei mastigando os cabelos dela – Vai ficar tudo bem, você vai ver!

Obviamente, valendo-me da profissão eu também tentava angariar mais informações. Porém, ninguém sabia muito. Falava-se que o acidente fora causado por um avião de pequeno porte que chocara-se com o Boeing. Falava-se também que as equipes de emergência já haviam localizado os primeiros corpos, mas devido a mutilação, as famílias só seriam chamadas depois que todas as informações cruzadas batessem com a vítima e não restasse dúvida de que as famílias não seriam expostas à cenas chocantes desnecessariamente.

Aqueles boatos todos me deixaram tão enjoada que precisei de um pouco de ar.

Ventava bastante do lado de fora do aeroporto, mas não era exatamente uma noite fria. Andei sem rumo pela calçada do aeroporto e atravessei o estacionamento, com a brisa forte agitando os meus cabelos. As folhas secas arrastadas pela ventania atraíram minha atenção e essa visão me remeteu a um outro pensamento: Qual seria a sensação de estar num avião caindo? Eu fizera tantos treinamentos, assistira a tantos vídeos, mas agora me perguntava se realmente compreendia a extensão do problema. Então, essa incerteza me transportou para questões bem pertinentes e eu me pus a imaginar as possibilidades de salvamento e os limites de

sobrevivência de cada um, mas no fim das contas todas essas hipóteses me soaram improváveis e absurdas demais para serem verdade.

Sentei no meio-fio abraçando os joelhos e olhei para o céu. *Onde é que você se meteu, Mari?*, perguntei baixinho olhando para cima. Em algum lugar ela tinha que estar. Minhas vistas ardiam tanto... Fechei e abri os olhos algumas vezes e sem nem me dar conta adormeci por uns cinco ou dez minutos, não sei bem. Ao acordar, percebi que estava no meio do estacionamento e era no mínimo perigoso dormir ali. Mas o que poderia ser pior que a tragédia que eu já vivia? Sem nenhuma cerimônia, deitei o corpo sobre o asfalto ainda morno, repousei a cabeça no meio-fio do canteiro e me deixei levar mais uma vez pelo sono. A diferença é que dessa vez tive um sonho. Quer dizer, nem sei se podemos chamar de sonho... É possível sonhar com alguma coisa que já aconteceu? Enfim, o fato é que sonhei com o dia em que Maradona, um periquito que eu e Mariana ganhamos na feira de filhotes fofinhos, morreu.

Havíamos dado a ele o nome de Maradona não em homenagem ao craque argentino. Na verdade, copiamos o nome do cachorro do Evandro Mesquita na novela Top Model, da qual eu e Mariana éramos fãs incondicionais. O mais engraçado é que tempos depois, quando descobrimos que o periquito era na verdade uma “periquita”, mantivemos o nome, afinal Maradona já era no feminino mesmo.

Mas vamos ao caso de Maradona. O crime aconteceu numa manhã de sexta-feira. Fatinha, a diarista, acabara de chegar para a faxina semanal. Tia Clarissa e tio Walter já tinham ido para o trabalho, eu e Mariana estávamos na escola e só Maradona estava em casa.

Embora, tivesse uma cliente para cada dia, incluindo os sábados e domingos, quem quisesse encontrar Fatinha à noite tinha de ir lá na Estudantina, onde ela batia ponto como dançarina de lambada.

Naquela época, especificamente, Fatinha andava com a cabeça nas nuvens – se bem que o normal de Fatinha já era a cabeça nas nuvens mesmo – por conta de um concurso de dança, cujo prêmio era uma viagem, com acompanhante e tudo pago, para um hotel fazenda em Iguaba. Então, como de costume, Fatinha botou “Adocica”, de Beto Barbosa, para rolar no toca-fita e foi fazer seu serviço, repassando os passos da coreografia com Wanderley na cabeça.

Maradona a tudo assistia atentamente. Foi então que sem se dar conta do engano, Fatinha fatiou meio queijo parmesão na tigelinha de Maradona, crente que era banana (a banana, aliás, ela fatiou na macarronada).

Não deu outra, no dia seguinte o cadáver de Maradona jazia no chão gélido de sua gaiolinha. Mariana foi quem o encontrou.

- Acorda, Bia! – ela me chacoalhou na cama, na manhã de sábado – Eu tenho que te contar uma coisa! – Aos onze anos ela já era chegada a um suspense.

Assustada, abri meus olhinhos remelentos.

- Vou te mostrar um troço, mas não é para você chorar feito boba não, tá?

De repente, de dentro do bolso da calça de moletom Mariana tirou o passarinho morto. Àquela altura, eu já tinha uma boa noção do que a morte representava, mas mesmo assim foi uma imagem chocante demais. Meus olhos encheram-se de lágrimas.

- Não chora não. Maradona foi para o céu dos passarinhos. – ela parecia muito conformada

com a nova condição do nosso periquito que parara de piar.

- Todo mundo morre, Bia, até a gente vai morrer um dia.

Eu, no entanto, continuava desolada. E a coisa só piorava a medida que ela tentava me consolar.

- Quando morrer, você vai poder ver sua mãe!

Então, a partir desse momento meu sonho metade-sonho-metade-lembrança ganhou uma dinâmica completamente diferente. Do nada, me vi caminhando pelo saguão de um aeroporto desconhecido e ao longe, Mariana, já adulta, conversava com uma mulher baixinha de enormes olhos castanhos e cabelos cacheados.

Minha mãe!, reconheci imediatamente.

Mas como em todos os sonhos, era tudo muito nebuloso e confuso. Eu corria para alcançá-las, mas não conseguia me aproximar. Elas já haviam notado a minha presença e acenavam com delicadeza, mas eu corria e não saía do lugar, como se corresse numa esteira ergométrica. Enquanto tentava alcançá-las, me questionava de onde elas se conheciam se nunca nem haviam se visto.

- Como vocês se conhecem? – gritei sem fôlego, a uma distância que julguei poder ser ouvida por elas.

- Por foto, esqueceu? – Mariana respondeu.

A claridade do dia incomodou-me a vista e eu despertei. Por alguns milésimos de segundo me senti completamente em paz. Então, olhei para aquele imenso estacionamento cheio de carros parados e não fez o menor sentido estar ali deitada, dormindo na rua. Ah... sim!, todo o desespero da angústia alucinante me veio à mente e eu lembrei. Infelizmente, lembrei. Junto com a realidade, uma outra coisa também me veio à mente: Enxaqueca. Eu precisava tomar um analgésico urgentemente.

Levantei com certa dificuldade, sentindo que havia massacrado minha coluna no asfalto e voltei para o aeroporto. Mas não sem enfrentar a muvuca de jornalistas e fotógrafos. Jonas foi o primeiro rosto conhecido que avistei perambulando na multidão.

- Onde é que você se meteu? – ele me perguntou com um tom de voz aflito.

- Tava dormindo. – respondi desanimada.

Jonas franziu a testa sem compreender.

- Mas dormindo onde se eu te procurei no aeroporto todo?

- Lá fora.

- Lá fora... – Jonas repetiu perplexo como se não pudesse acreditar – Lá fora, você quer dizer na rua?

- Não, claro que não. – tranquilizei-o – Lá fora no estacionamento.

A medida que as horas passavam, a angústia só aumentava. E aumentava. E aumentava. E aumentava. E aumentava. Se ainda me restava algum autocontrole era graças aos tranquilizantes, mas depois do terceiro dia naquela espera diabólica, eles já não surtiavam mais efeito. Depois da coleta de DNA, os pais de Mariana foram aconselhados a voltar para casa, no

Rio. Na verdade, essa sugestão foi dada a todos e a maioria das famílias acatou. Entretanto, eu me recusava veementemente a ir embora porque de alguma forma entendia que sair dali era o mesmo que me afastar de Mariana. Para sempre.

Olhei para o lado e Jonas continuava firme e forte feito uma rocha. Tinha os cotovelos apoiados nos joelhos e o queixo encaixado nas mãos entrelaçadas como se rezasse em silêncio. Expressava no corpo toda a ansiedade por uma notícia.

Verdade seja dita, Jonas foi indescritivelmente presente naqueles dias, quase como uma sombra. Passava o tempo todo ao meu lado, de olho em mim. Nunca de frente, é claro, mas de rabo de olho seguia meus passos e mesmo quando eu saía de perto, ele dava um jeito de ir atrás como se eu fosse uma criança ou, pior, uma incapaz. Cuidava também da minha alimentação – pouca –, dos meus remédios – muitos – e lia-me os jornais todas as manhãs, porque eu não tinha concentração nem para ler o alfabeto. Mas a verdade é que naquela rotina infeliz, a barra estava começando a pesar para ele também.

Meu Deus do céu, há três dias esperamos por uma notícia de Mariana e nada. Eu não quero pensar no pior porque acredito em milagres, mas para ser sincera estou com medo de enlouquecer. Por favor, Deus, mande um sinal. Só um! Faça com que alguma coisa boa aconteça. Ah, meu querido Deus, eu agradeceria muito se essa coisa pudesse acontecer agora!

46.

E aconteceu.

Mariana finalmente apareceu.

Com um choque que me imobilizou da cabeça aos pés, avistei-a saindo da sala de desembarque no outro lado do saguão. Ela estava usando seu uniforme preferido. Tailleur azul marinho com saia muito justa. Os cabelos louros presos num rabo de cavalo balançavam feito um pêndulo, a medida que caminhava, do mesmo jeitinho de sempre! Eu a vi de longe, mas não tive a menor dúvida de que era ela. Meu coração disparou tanto que achei que ele fosse saltar pela boca e quicar pelo chão feito uma bolinha de ping-pong.

- Bia, você tá me ouvindo? – Jonas que lia para mim uma matéria no jornal, perguntou.

Me faltou fôlego para responder. Levantei do banco vagorosamente como se tivesse entrado em transe. Acompanhei de longe ela saindo pelas portas de vidro e provavelmente indo em direção aos táxis. Não sei o que me deu na hora. Simplesmente corri. Foi incrível porque foi exatamente como no sonho daquela primeira noite.

O aeroporto inteiro parou para me observar. Ninguém entendeu absolutamente nada. Principalmente Jonas que, mesmo assim, correu atrás de mim.

A medida que eu me aproximava dela, melhor podia reconhecê-la. O andar rebolado e o jeito de empurrar a mala eram únicos, só Mariana era assim. Se bem que a mala eu não me lembrava de já ter visto. Talvez fosse nova, afinal há mais de seis meses eu não a via.

Quando finalmente alcancei-a, agarrei seu braço com o desespero de um náufrago ao avistar um bote salva-vidas.

- Amiga! – exclamei ofegante.

Um enorme sorriso abriu-se para mim, mas não era o de Mariana.

Foi frustrante, decepcionante e atormentador perceber o meu engano.

- Você deve estar me confundindo. – explicou a mulher simpática – Isso sempre acontece, acho que tenho um rosto muito comum. – disse divertida.

Ela não tinha um rosto muito comum, mas também não tinha nada a ver com Mariana. Não consegui entender como fiz a confusão e senti que o telhado de vidro que protegia a minha esperança trincara formando uma serie de outras rachaduras por onde a infelicidade começou a se infiltrar.

Então Jonas me abraçou como se houvesse algo a ser entendido. Foi um abraço tão forte que doeu.

- Pelo amor de Deus, Beatriz, vamos embora desse lugar! – Jonas me segurou pelos ombros.

Pelo olhar interessado das pessoas à nossa volta, percebi que estávamos chamando a atenção.

- NÃO! – gritei, querendo na verdade me atirar ao chão, mas nem energia para isso eu tinha. – Você tá achando que ela não vai aparecer, não tá? – me atrevi a perguntar.

Jonas não me respondeu.

- Me diz! – eu queria ouvi-lo.

Ele continuou mudo.

- Fala comigo, pai! – gritei desesperada – Fala que a minha espera é em vão!

Num lampejo de lucidez, entendi que ninguém poderia me dar a notícia que eu tanto queria. Eu estava esperando por alguém que jamais chegaria. Me senti tola e ao mesmo tempo infeliz. Balbuciei qualquer coisa, mas minha voz falhou dando lugar a uma crise de choro compulsivo que me fez perder as forças e os sentidos. Minhas pernas me faltaram e, lentamente, caí de joelhos no chão do aeroporto.

Naquele momento eu fui ao inferno.

47.

Dormi por mais de vinte e quatro horas.

Também pudera, a quantidade de calmante que os paramédicos me fizeram ingerir teria dopado um manicômio inteiro. Despertei em meio a nuvens difusas e translúcidas que me obscureciam as vistas e retardavam a compreensão. Estava numa cama desconhecida, num ambiente completamente estranho. Felizmente, antes que eu tivesse outro colapso, reconheci a figura cansada de Jonas prostrado no sofá-cama.

Ah tá, estou no hotel, compreendi.

Me ajeitei na cama com muita dificuldade, sentindo-me pesada e lerda feito um rinoceronte, porque tranquilizantes sempre me davam a impressão de que o mundo andava em câmera lenta. Então, Jonas sorriu cansado e contou que em virtude do choque, tive uma febre emocional tão alta que os paramédicos acharam por bem me deixar em observação na unidade de emergência instalada no aeroporto e somente no início da madrugada fui liberada e trazida para o hotel numa ambulância.

Fiquei pasma com a quantidade de coisas que haviam acontecido sem que eu tivesse o menor

conhecimento. Sequer uma vaga lembrança.

Jonas inclinou a cabeça indicando a mesa com bolachinhas, cereais, frutas e água ao lado da cama.

- Eu não vou conseguir... – murmurei cansada, embora tivesse acabado de acordar – Eu não vou conseguir suportar a saudade.

- Tente pensar que ela está com você. – Jonas disse solidário.

Hesitei um pouco.

Então Mariana realmente partiu... Não por vontade própria, mas da forma mais definitiva de todas, fiquei pensando. E nessa de um pensamento que leva a outro, me dei conta de que aquele não era o tempo certo. A velhice sim seria.

Até então eu nunca havia imaginado o fim de nossas vidas, mas se era a lei da vida e tinha que acontecer um dia, que ela pelo menos esperasse ficarmos velhinhas e que fosse também por uma causa comum, sei lá, dormindo ou vítima de uma doença incurável, como a maioria das pessoas. Não se escafedendo no ar. Inclusive, nós tínhamos planos para nossa velhice. Havíamos combinado que depois dos setenta aprenderíamos a pilotar motos e viraríamos velhinhas marrentas. Puxa, falamos nisso tantas vezes... Como é que Mariana me fez o papelão de morrer tão antes de mim? Se bem que eu também podia estar com os dias contados e nem saber... Mas aí já seria contar demais com a sorte.

- Coloca o termômetro debaixo do braço para a gente medir sua febre. – Jonas entregou-me o termômetro e um copo d'água – Você deve estar com a boca seca por causa da Cloripramina, não? – tive certeza de que ele estava repetindo as palavras do paramédico.

Mas eu não estava nem um pouco preocupada com esta bobagem de febre emocional. Era Mariana, ou melhor, a lacuna que ela deixava na minha vida que me roubava a paz. Eu revirava os baús da minha consciência e encontrava de tudo, mas consolo e conformação não haviam disponíveis. A verdade é que a dor da tristeza me endurecia o coração e a cada minuto sem ela eu morria um pouco mais. O triste é que eu sequer tinha outra escolha.

- Que dia é hoje? – perguntei desgostosa.

- Segunda-feira. – Jonas levantou o meu braço e recolheu o termômetro cuidadosamente – A febre cedeu, graças a Deus!

Deus era outro com quem eu andava bastante chateada. Aliás, chateada era apelido. Eu cortara relações de vez com ele e só o fato de ouvir seu nome em expressões como “se Deus quiser” ou “fé em Deus” me deixava cega de irritação.

- Graças a Deus uma ova! Deus não existe coisa nenhuma! – declarei, desafiando todas as forças sobrenaturais a me provarem o contrário – Se existe, nos despreza pois qual é a explicação para ele deixar uma pessoa boa, jovem e trabalhadora explodir no ar?

- Não fale assim, Bia. – Jonas me repreendeu – De onde Mariana estiver, vai estar te olhando.

- E eu? – perguntei revoltada – Olho para ela de onde?

Por todos os ângulos que eu visse a situação, a realidade era a mesma: De uma maneira trágica Mariana saía da minha vida para se perpetuar como um conflito eterno e insolúvel. Eu repetia para mim mesma: “Mariana morreu! Mariana morreu! Mariana morreu!” como se fosse um desabafo, só que não era. Eu apenas me esforçava para assimilar de uma vez por todas sua

nova condição de falecida. Mas essas palavras soavam apenas como palavras porque eu já tinha compreendido que Mariana estava morta. O que eu não compreendia de jeito nenhum era que nunca mais voltaria a vê-la.

- Bia, eu entendo exatamente o que você está sentindo. – Jonas sentou-se do meu lado na cama e eu apoiei minha cabeça em seu colo.

Havia, no entanto, uma pergunta que eu queria fazer, mas estava sem coragem. Ensaiei umas três ou quatro vezes, mas a frase entalou na minha garganta. Não sei se Jonas percebeu, o fato é que num dado momento esclareceu-me que o corpo de Mariana ainda não havia sido localizado.

Em quatro dias de buscas, um reforço de cento e vinte militares, mais da metade dos corpos identificados já haviam sido retirados para sepultamento, mas nenhum sinal de Mariana.

Quer dizer sinais haviam sim. Tia Clarisse e Tio Walter foram chamados para fazer o reconhecimento dos pertences e por terem identificado um número considerável de objetos da filha, os dois estavam muito inclinados a seguir com o velório simbólico, afinal de contas com o avançar dos dias, era certo que o estado de decomposição do corpo, caso encontrado, não permitiria um velório comum.

- Velório? – ecoei, como se ouvisse a palavra pela primeira vez na vida. – Nossa...! Quando eu penso que não dá mais para piorar... – desabafei.

- Bia, a única forma de superar uma perda é tocando a vida para frente. – Jonas mexeu afetuosamente nos meus cabelos. – Mas por ora sabe o que eu acho que você precisa fazer? – fez uma pausa – Chorar.

Jonas sabia das coisas.

Quando fechei os olhos novamente, me dei conta de que já estava chorando. Foi então que descobri que chorar era muito mais tranquilizador que os tranquilizantes. Os soluços sufocados e as lágrimas quentes rolando pelo meu rosto desfigurado eram um carinho, um alívio tão confortável que eu podia passar o resto da vida chorando.

Alguns minutos depois, ele lançou meio encabulado:

- Bia, tem uma outra coisa que eu queria falar... – Eu já até sabia o que era. Naturalmente, o discurso de sempre: “Vamos embora para casa. Aqui ou lá no Rio não vai fazer diferença alguma...” Eu podia apostar que ele ia dizer isso. – Toma um banho, minha filha. Você ainda não tomou nenhum desde que chegou.

Então depois de chegar ao fundo do poço, a ponto de precisar ser lembrada sobre hábitos básicos de higiene, peguei uma maçã no frigobar e fui até a sacada ver a vida passar. Estava uma manhã ensolarada de céu azul claro e nuvens esparsas. Se não fosse a desgraça que me abatia, podia-se dizer até que era um dia bonito.

Me debrucei no parapeito, fechei os olhos e feitei uma flor, inclinei a cabeça na direção do sol, o calor no meu rosto tinha um efeito muito acolhedor e naquela altura do campeonato qualquer coisa que não me botasse para baixo, era válida.

Jonas pôs-se ao meu lado a fim de iniciar o Sermão da Montanha, mas nem foi preciso me convencer de que era inútil continuarmos ali porque, no banho, eu mesma decidira que era hora de ir embora. Permanecer naquela rotina infeliz seria uma afronta ao bom-senso.

Quando ele abriu a boca, lancei:

- Vamos voltar para o Rio?

Era a frase que ele tanto ansiava ouvir.

Jonas segurou minhas mãos com carinho e me sorriu de leve, validando minha decisão.

- Vai ser melhor, Bia, pode acreditar.

- Vai sim. – concordei, com o olhar perdido no movimento lá fora – Vamos lá fora, dar uma andada, tomar um pouco de ar e comer alguma coisa que não seja sanduíche? – propus – Depois a gente faz o check-out e pega o primeiro voo para o Rio.

Jonas adorou a ideia.

Então caminhamos sem rumo pelas redondezas do hotel e depois paramos no restaurante para almoçar, embora ainda fosse onze e vinte da manhã.

Minha cabeça estava completamente ligada em Mariana e no acidente. Jonas sabia disso e tentou me reanimar indo até a cozinha e pedindo ao chef que preparasse o feijão tropeiro que, na verdade, era o prato do dia das quartas e não das segundas. Depois tentou uma mudança de foco, puxando assuntos que pudessem levantar o meu astral.

Foi pior a emenda que o soneto.

Quando me vi contando os detalhes da minha vida em Londres, me dei conta de que tinha muito mais problemas do que imaginava.

Eu estava completamente atolada em dívidas. Pela lógica, deveria voltar para o trabalho o mais rápido possível. Bom, pelo menos essa seria a atitude de uma pessoa sensata. A questão, entretanto, era justamente essa, eu não era uma pessoa sensata.

- Vou largar minha profissão, Jonas. – afirmei, no momento em que ele me perguntou quando eu voltaria ao trabalho – Aliás, na prática eu já larguei, né?

Jonas me lançou um olhar de choque. Provavelmente, não esperava a resposta.

Mas não tinha mais como continuar voando depois do acidente de Mariana e de maneira nenhuma estava nos meus planos voltar para Londres, porque estar no Brasil era a única forma de continuar perto dela. Eu, no entanto, precisava decidir se ia a Londres buscar minhas coisas e me demitir ou se simplesmente não dava mais as caras até que decretassem o meu abandono de emprego.

Bom, mas ainda tinha Dyllan...

- Esse cara é o seu namorado? – Jonas indagou-me no momento em que mencionei o nome dele.

Essa era uma boa pergunta. Era?, ou melhor, será que ainda era? Dyllan devia estar furioso, me odiando profundamente, talvez nunca mais quisesse me ver... Com certa razão até. Na confusão dos acontecimentos, eu saí às pressas, sem dizer nada. Simplesmente arrumei as malas e fui para o Brasil, como se fosse uma foragida. Para completar, ainda teve o lance de Arthur que ficou totalmente sem explicação... Eu tinha a mais plena convicção de que minha atitude não fora correta e pretendia corrigi-la, botando tudo em pratos limpos. Não seria fácil, eu sabia. Mas eu também não podia sumir assim do nada, sem dar uma satisfação. Decidi que assim que terminasse o almoço, ligaria para Olli porque, obviamente, eu precisava sondar o terreno antes de enfrentar a fera.

Então quando eu e Jonas saímos do restaurante, esbarrei num homem alto que vinha muito apressado na direção contrária. O impacto foi tão grande que minha bolsa caiu no chão.

- Perdão! – ele desculpou-se, enquanto eu catava minhas coisas. – Espero que eu não tenha quebrado nada de ti? – Foi o “s” assoviado e o pronome oblíquo que me chamaram a atenção. Imediatamente reconheci a voz.

Era o Chima, ou Marquinho Chimarrão, amigo de Arthur e namorado – quer dizer, a esta altura marido – de Raquel.

Cumprimentei-o com um abraço caloroso e apresentei-o a Jonas.

- Que tu fazes aqui, guria? – ele perguntou com satisfação – Não estavas em Londres?

- Pois é, perdi minha melhor amiga nesse desastre do avião. – expliquei cabisbaixa.

- Sinto muito. – Chima deu-me as condolências – Também estou aqui por causa do acidente, mas vim a trabalho, vou cobrir as fotos.

Tanto tempo não o via, nem me liguei que seria mesmo muito provável encontrá-lo por ali. Chima era um fotógrafo renomado, especializado na cobertura de grandes eventos. Suas fotos valiam uma grana e há tempos ele trabalhava para uma agência de fotojornalismo que prestava serviços para as editoras mais importantes do país. Muitas fotos de Chima já haviam estampado as capas dos jornais e revistas mais influentes do Brasil. Foi dele, por exemplo, a cobertura da posse do segundo mandato de Lula e o pentacampeonato da seleção brasileira.

- Então você está indo fotografar lá no aeroporto? – pensei em Chima como mais um entre as dezenas de fotógrafos que se multiplicavam na entrada do aeroporto e se estapeavam por uma furo jornalístico.

- Não, não. Estou indo para o local do acidente.

Aquela revelação acendeu uma luz dentro de mim. Jonas, aterrorizado, pareceu ler meus pensamentos.

- Eu daria tudo para ir até lá...

- Bom, se não te importas de pegar uma estrada de barro toda esburacada, podes vir comigo porque o meu assistente me deu o cano. – explicou – Tem um helicóptero me esperando lá na Serra da Orelha. Eu vou e volto hoje mesmo.

Nem pensei duas vezes.

- Ok. Onde te encontro? – só me dei conta do que estava fazendo, quando vi a incredulidade impressa no rosto de Jonas.

- Bia, nós íamos embora hoje à tarde, esqueceu? – Era a última cartada de Jonas para me demover da ideia.

Mas foi em vão.

- Desculpa... Eu preciso ir até lá.

Então Jonas respirou fundo, baixou a cabeça, passou a mão no cabelo e falou para Chima:

- Tem mais uma vaga sobrando aí nesse helicóptero?

Não foi fácil chegar lá.

Os destroços do avião encontravam-se no raio de um quilômetro das imediações da Fazenda Patuá, localizada na divisa do Estado do Mato Grosso com o Pará.

Basicamente, para chegar lá atravessamos o estado de Goiás de carro (diga-se de passagem, um Ford K mil cilindradas) até o asfalto acabar. Então, através de uma estrada de terra batida por onde caminhões e tratores faziam o transporte de madeira e outros produtos que sabe lá Deus a legalidade, seguimos na direção da Serra da Orelha.

Chima ao volante, Jonas, munido de guias e mapas, no carona e eu, atrás.

Por sorte tínhamos a luz do dia para nos guiar, se fosse à noite as coisas seriam complicadas porque iluminação ali era alta tecnologia e o mais próximo de vida humana que avistei foi um rebanho de gado vindo na nossa direção. Nunca na vida havia visto tanta vaca junta e eu nem tinha certeza se vacas mordiam ou não.

Quando finalmente chegamos à base aérea da Serra da Orelha, estacionamos o carro e seguimos num helicóptero cheirando a querosene, alugado pela agência de notícias para qual Chima trabalhava, até a Fazenda Patuá, onde a base de apoio militar havia sido montada.

De lá, finalmente, embarcamos num outro helicóptero, o AH-1 Cobra, disponibilizado pela Força Aérea Brasileira especialmente para a imprensa fazer – de longe – a cobertura das buscas.

Lá de cima, os destroços do avião pareciam folhas de papel ofício amassado sobre um imenso tapete verde. A perícia afirmava que o avião havia se partido em três e as pessoas haviam sido arremessadas no ar, como uma chuva de gente, por isso os corpos não estavam carbonizados e a maioria era encontrada sem as roupas que, naturalmente, perderam-se na queda.

Foi degradante imaginar toda a cena e, pior, saber que um dos corpos era o de Mari.

Sobre as árvores, haviam fileiras de poltronas e parte do bagageiro retorcido, próximo à asa direita, estava o trem de pouso e uma montanha de bagagens e retalhos.

Sobrevoar a área do acidente e presenciar a busca dos corpos foi um soco no estômago.

Era muito estranho aceitar a ideia de fragilidade que aquelas peças ali, soltas e avariadas representavam porque até então não havia para mim nada mais seguro que um avião.

Foi como a quebra de um mito. Subitamente, o quadro diante dos meus olhos não se encaixou nos meus conceitos e eu não soube dizer se o equivocado eram os meus conceitos ou a cena diante de mim.

Então o Cobra começou a perder altitude, chegando quase ao nível do solo. O ruído do motor misturado ao barulho das máquinas fotográficas dos repórteres me questionavam se fora mesmo boa ideia ver a desgraça tão de perto. Inicialmente, eu achara que ir ao local do acidente me traria conformação. E trouxe. Só que de uma maneira muito dura porque agora minha imaginação ganhara tanto realismo que não havia mais lugar para a esperança. Depois de assistir o ritmo acelerado dos militares transportando de um lado para o outro sacos plásticos que eu sabia conter pedaços humanos dentro, não dava mais para continuar mantendo a visão romântica de que Mariana, quem sabe, tivesse resistido. Se lá no fundo ainda me restava alguma dúvida, agora ela estava sepultada porque definitivamente não havia sobreviventes.

Talvez fosse melhor viver na ilusão.

Jonas segurou minhas mãos o tempo todo, enquanto Chima e os demais jornalistas não paravam de fotografar, muito embora a autorização para a mídia tivesse restrições rígidas quanto ao distanciamento e conteúdo das imagens que em hipótese alguma poderia ser chocante. Além disso, no intuito de preservar todos os detalhes para a perícia, os jornalistas estavam terminantemente proibidos de descer do Cobra na hora do pouso. As fotos deveriam ser feitas de dentro da aeronave mesmo.

- Mais um memory! Rápido! – pediu Chima assim que a porta do Cobra se abriu, tirando da câmera o memory card cheio. Já era o quarto que ele descarregava. – Preciso aproveitar a luz!

Quando Jonas soltou minha mão, reparei o quanto ele estava nervoso. Me senti culpada por fazê-lo passar por uma experiência tão desagradável.

Igualmente desagradável, só mesmo o cheiro forte dos corpos em decomposição.

Dizia-se que havia mais de cinquenta armazenados nos três caminhões frigoríficos ligados à rede elétrica do Instituto Médico Legal. Mas possivelmente ainda havia muitos outros debaixo da fuselagem. A julgar pelo odor indescritivelmente insuportável, certamente.

Engoli em seco, travei a boca e trinquei os dentes com toda a força sem saber até quando conseguiria controlar as contrações furiosas do meu estômago disposto a botar todo o almoço para fora. Senti a cabeça e o coração latejarem de dor.

Eu chegara no meu limite.

Foi um verdadeiro alívio voar de volta para a Fazenda Patuá. A vontade de me isolar estava me deixando alucinada. Pelo menos por alguns minutos, eu precisava parar, pensar e ficar comigo mesmo para arrumar as ideias na cabeça.

- Só um minuto que preciso ir ao banheiro. – avisei a Jonas e Chima, assim que descemos do Cobra.

- Tudo bem. – Chima olhou para o relógio – O helicóptero que vai nos levar de volta à Serra da Orelha deve chegar em quinze minutos. É o tempo que preciso para fazer umas fotos por aqui e tratar o material antes de mandar para a redação.

- Ok. – concordei – Em quinze minutos estou de volta.

Disfarçadamente e sem que eu pedisse, Jonas me passou a caixinha de Lexotan às mãos. Na certa, ele entendeu que eu estava surtando, mas precisava ficar sozinha.

Então apertei o passo e entrei no banheiro desesperada. Com movimentos precisos e bruscos, fechei a portinha, levantei a tábua do vaso, me debrucei no sanitário e quase vomitei o meu estômago em jatos ácidos e ruidosos. O cheiro de carne podre continuava em mim e eu percebi que ele jamais sairia porque impregnara na minha alma.

O esforço me fazia suar em bicas, a tristeza me fazia chorar compulsivamente e a angústia me fazia soluçar de agonia. De tanto chorar e vomitar ao mesmo tempo, engasguei e tive uma crise de tosse. Porém com as mãos apoiadas na cerâmica fria do sanitário, observei como o meu corpo era perfeito. Eu vomitava, chorava, soluçava, suava, tossia e de quebra respirava, simultaneamente. Mas apesar do meu organismo funcionar tão maravilhosamente bem, um dia ele também cheiraria mal.

Eu nunca tinha pensado nisso, ou pelo menos não dessa forma, mas o fato é que um dia eu também estaria morta e isso era tão inevitável quanto estar viva.

Me senti perdida e completamente infeliz, foi difícil reunir forças, mas, com muito sacrifício, me obriguei a levantar do chão sujo, dei descarga e fui até a pia me lavar. A figura que de repente vi surgir no caco de espelho pregado na parede assustou-me. Eu estava completamente desfigurada pelas noites em claro, pelos tranquilizantes e pela tristeza, mas ainda assim não me incomodei com a minha nova figura, porque sempre tive um talento incrível para me adaptar às desgraças.

Neste momento alguém bateu na porta, sinalizando que eu precisava liberar o banheiro. Rapidamente, enfiei na garganta os comprimidos de Lexotan e saí.

Um pouco adiante, dei de cara com Jonas e Chima apavorados e não era para menos. A bomba da tarde: O helicóptero que nos levaria de volta à Serra da Orelha, onde deixáramos o carro, teve um problema mecânico e não poderia nos buscar. Ou seja, teríamos de dar nosso jeito para sair dali.

Mais essa...

- Vamos pedir uma carona! – Jonas sugeriu no impulso – Não é possível que não tenha alguém aqui indo lá pra aquelas bandas.

Não dava nem para avaliar se a ideia era boa ou má porque era a única que tínhamos. Ato contínuo, avistei na pista de pouso, um helicóptero preparando-se para levantar voo. A bordo, ia um dos jornalistas que sobrevoara a região do acidente conosco. Eu o reconheci porque ele me pedira para segurar seu equipamento e, muito simpático, me dera inclusive seu cartão de visita.

Não tive dúvida, aquele homem era a salvação da lavoura!

- Ali aquele cara entrando no helicóptero! – exclamei, como quem acaba de fazer uma grande descoberta para a humanidade.

Automaticamente, corremos os três desesperados até a pista de pouso improvisada pela clareira aberta na direção do helicóptero. Com agilidade, tirei do bolso o cartão de visitas que ele me dera. Augusto Sanches, era o nome do nosso salvador.

- Sim, estou indo para a base aérea da Serra da Orelha. – o fotógrafo afirmou amável – Mas, infelizmente, só tem um lugar sobrando.

Eu, Jonas e Chima olhamos um para a cara do outro sem saber o que dizer. Eu não entendia bem de helicópteros, mas não era preciso ser expert para ver que ele estava mentindo. Um bimotor de médio porte como o helicóptero que ele estava devia ter capacidade para, pelo menos, uns seis passageiros.

Tentei argumentar, pedi para falar com o piloto, mas ele sempre muito amável deixou claro: Só dava carona se fosse para mim.

Jonas também tentou negociar e ofereceu racharmos o custo do voo e o que mais ele quisesse, mas o problema era justamente esse, ele não queria nada. Ou melhor, queria sim. Queria complicar o lado de Chima para aumentar as próprias chances de ter suas fotos publicadas nos jornais do dia seguinte.

Então, com um cinismo da melhor qualidade, ele nos desejou boa sorte e embarcou no helicóptero, dando-nos tachauzinho pela janela. Nós nos afastamos e observamos desolados, a

aeronave ganhar o céu que, por sua vez, começava a escurecer.

- Bah! Tô ferrado! – Chima botou a mão na cabeça. – Se essas fotos não chegarem a tempo do fechamento, eu vou perder o emprego.

- Péra aí, cara! – Jonas tentou reanimá-lo – A gente vai dar um jeito!

Mas não havia muito jeito a dar. A noite já estava caindo. O céu começava a escurecer e de acordo com o Cabo Josué, um militar de fala mansa e tom sóbrio, sem uma aeronave, a única chance de chegarmos à Serra da Orelha era pegando carona com algum caminhoneiro na estrada de barro, mas para chegar à tal estrada, teríamos de enfrentar uma caminhada de uma hora pela antiga trilha dos garimpeiros e, obviamente, nos expor aos riscos de animais selvagens, insetos peçonhentos e nativos pouco amistosos.

- Se vocês quiserem, posso arranjar um lugar aqui no alojamento para vocês passarem a noite. – ofereceu o Cabo Josué.

Essa não era exatamente a minha primeira opção, mas era a última de Chima e ele foi taxativo.

- Não, a gente vai nessa, né? – ele propôs, buscando nossa anuência.

O pânico de Chima era o fechamento da edição. Basicamente, ele temia perder um furo de reportagem, caso suas fotos não chegassem às redações dos jornais mais importantes do país até o final do dia.

Foi só quando o Cabo Josué nos recomendou cautela sobre o risco de assaltos, que ele parou e pensou um pouco. Perder a vida até ia lá, mas perder as fotos nem pensar!

Eu e Jonas estávamos exaustos, arrasados e dávamos qualquer coisa para voltar para o hotel, mas ante o cair da noite e todos os perigos que desbravar a mata oferecia, nos inclinamos a aceitar a oferta do alojamento e partir na manhã seguinte, com o dia claro, quando o primeiro helicóptero partisse para a base aérea da Serra da Orelha.

- Se quiserem ficar, podem ficar, tchê! Eu tenho que ir embora hoje! – disse Chima, botando a mochila com o equipamento fotográfico nas costas.

Eu e Jonas trocamos um olhar de negociação. Por mais que quiséssemos ficar, estava fora de cogitação deixá-lo sozinho.

- A gente tá junto, Chima. – Jonas afirmou – Como é que faz para pegar a trilha que leva até a estrada de barro? – Jonas perguntou ao Cabo Josué.

Então, depois de vermos o mapa da região, recebemos do Cabo um litro de água, um pacote de bolachas, uma caixa de fósforos e uma lanterna.

- Levem isso. Vocês podem precisar.

E lá fomos nós por entre árvores do tamanho de prédios, desafiando todas as armadilhas naturais de uma trilha na mata. Eu estava apavorada só de imaginar os perigos a que estava sujeita, mas não podia e nem queria demonstrar minha fraqueza. O relógio marcava dez para as sete, o céu já estava escuro e de tempos em tempos uns clarões se abriam ao longe, mas obviamente que eu nem me atrevi a pensar que uma tempestade se aproximava.

Não, não, é claro que não!

De repente, um grito.

- Hei!!!

Olhamos para trás e o Cabo Josué vinha correndo em nossa direção.

- Tem um helicóptero nosso partindo agora lá para a base aérea da Serra da Orelha! Eu falei com o piloto e tem lugar para vocês! Venham!

Infelizmente eu não estava enganada. Havia uma tempestade se aproximando e foi só pousarmos na Serra da Orelha, entrarmos no carro para o pé d'água cair. Jonas ainda tentou convencer Chima a esperar a chuva estiar, mas ele estava tão obcecado no fechamento da edição que teimou em pegar a estrada.

Quando o primeiro trovão ecoou, percebi que a volta seria muito mais complicada que a ida, pois se de manhã eu achara a estrada esburacada e mal iluminada, à noite e chovendo, ela era o cenário de um filme de terror. Chima praticamente jogava o carro em cima das árvores para desviar dos enormes trechos alagados.

Nenhuma viva alma passava por ali, nem os caminhões e tratores que víamos mais cedo. Entre nós, apenas a ira dos trovões, o chiado da chuva e o ranger do para-brisa.

- Está chovendo muito! Vamos parar debaixo de uma árvore e esperar um pouco. – Jonas ponderou mais uma vez, observando o que há tempos todos nós já sabíamos – A gente pode acabar... – ele não conseguiu nem terminar a frase e o que tanto temíamos aconteceu – Atolando.

No desespero, Chima acelerou.

- Não! – Jonas exclamou. – Não acelera!

- Mas a gente atolou, tchê... – no que Chima acelerava, uma chuva de lama respingava dos pneus patinando.

- Para de acelerar! – Jonas gritou – Não vê que a gente tá afundando cada vez mais?!

- O que eu faço então? – Chima perguntou nervoso, desligando o carro.

- Primeiro me ouve! – ordenou Jonas, com autoridade – Você tem alguma coisa no porta-malas que sirva de encaixe e dê tração às rodas?

- Não sei... esse carro é alugado.

- Abre o porta-malas que eu vou lá conferir então.

Sob a chuva forte, Jonas saiu do carro e revirou tudo lá atrás. Achou uma pipa, uma caixa de ferramentas do Paraguai, um par de chinelos e uma toalha. Ou seja, nada que pudesse servir de encaixe para as rodas.

- Vamos ter que achar alguma coisa na mata! – ele disparou com voz ativa. – Bia, você vem para o volante enquanto a gente sai para procurar algo.

- Mas eu posso ajudar vocês lá na mata.

- Você fica no carro.

- Mas eu também posso...

- Você fica no carro, ouviu?!

O tom firme e decidido na voz de Jonas me situou e eu acatei prontamente.

Meu Deus do céu... e agora?, estávamos atolados numa estrada deserta, na fronteira do nada com o lugar nenhum, debaixo de um dilúvio, totalmente vulneráveis e cercados de riscos por todos os lados. Comecei a rezar baixinho, mas não conseguia sair do “Pai nosso que estás no céu”, quase quebrei os dedos da mão de tanto estalá-los.

Do lado de fora, a chuva não dava trégua para Jonas e Chima que andavam de um lado para o outro, sem encontrar nada. Contra eles, se impunha ainda o breu absoluto, pois o farol do carro não dava vazão na escuridão.

O pânico fazia meu coração bater tão forte que meu corpo trepidava. De repente, num relance, avistei um objeto pontudo submerso numa das poças d'água ao nosso redor. Talvez fosse algo sólido, intuí. Sem que Jonas me visse, saí do carro e fui até o outro lado da margem chafurdando os pés na lama. Examinei a coisa pontuda e, ao chutá-lá, senti que de fato era algo sólido e, portanto, poderia nos servir. Mais de perto, detectei tratar-se de uma telha, mas o problema é que estava tão enterrada ao solo que quando puxei, ela nem se moveu. Então, tomada pela vontade desesperada de sair dali, agachei-me na água barrenta e enfiei as duas mãos na poça de lama, apalpando a telha até encontrar sua base enterrada ao solo. Próximo, notei haver vários outros cacos de telha que provavelmente caíram de algum caminhão.

Foi o nervosismo que me deu forças.

- Achei uma coisa! – gritei, ostentando a telha e as mãos enlameadas.

Completamente encharcados, Jonas e Chima vieram em minha direção e segundos depois, pedaços de telha já estavam cuidadosamente encaixados sob as rodas dianteiras. Chima propôs empurrar o carro, mas Jonas garantiu que isso nos atolaria ainda mais.

- Eu vou contar até três, ok? – Jonas determinou com voz ativa – No três você acelera, Bia, que eu e Chima vamos suspender o carro.

Olhei pelo retrovisor, preendi a respiração e assenti com a cabeça.

- Um... – senti uma fisgada na perna – Dois... – meu coração capotou.

Antes que ele prosseguisse no três, levei o susto do século! Meus olhos bateram na parte interna do meu pulso esquerdo e quase caí dura.

- Socooooooooorro! – gritei em pânico, abandonando o carro e sacudindo o braço de maneira perturbada e insana.

Imediatamente, Jonas veio me acudir.

- O que houve? – ele perguntou aflito e eu estendi o braço em sua direção – Calma! É só uma sanguessuga!

Só uma sanguessuga? Calma? Como assim? Eu estava completamente desorientada com um parasita grudado no braço, como eu podia ter calma?

- Puxa que sai! – sugeriu Chima, a voz da experiência.

- Tira isso de mim! – implorei aos prantos. – Tira! Tira! Tira!

- Se eu tirar, pode arrebentar e uma parte da bicha ficar lá dentro.

- Tira! Tira! Tira esse troço do meu braço! – clamei em pânico.

- Eu tô aqui, fica calma! – Jonas tentou em vão me tranquilizar.

- Tira! Tira! Tira! Tiraaaaaaa! – a imagem da sanguessuga cravada no meu braço, se alimentando do meu sangue era aterrorizante.

- Para com esse chilique, Beatriz! Você é uma comissária de bordo! – Jonas me chacoalhou.

- Não sou mais! – rebati, no desespero – Será que você não percebeu?!

- O isqueiro do carro está funcionando? – Jonas perguntou a Chima.

- Acho que não... – ele respondeu.

Eu sentia toda minha força se esvaír, como se ao invés do sangue a parasita me sugasse a energia. Por um instante, achei que fosse desmaiar.

- Me passa a caixa de fósforos então! – Jonas pediu a Chima – Rápido!
- O que você vai fazer? – perguntei em pânico.
- Vou tirar essa coisa do seu braço, ué!

Não houve nem tempo para me refazer do susto. Depois de Jonas incinerar a sanguessuga, voltei ao volante e no “três”, graças a Deus, o carro desatolou. A pedido de Chima, Jonas assumiu a direção e com a chuva mais fraca, rapidamente a paisagem mudou. As árvores enormes deram lugar à vegetação do cerrado e na sequência, avistamos o início do asfalto. Instantaneamente, o clima de tensão se dissipou e nós três festejamos o fim do pesadelo. Chegamos até a rir lembrando o cinismo do fotógrafo que nos negou a carona de helicóptero. Graças à habilidade de Jonas, passava pouco das dez quando chegamos ao hotel. Chima finalmente conseguiu enviar as fotos para a redação e ao botar os pés no quarto, eu e Jonas fomos logo tratando de arrumar as malas para partir na manhã seguinte.

Antes de dormir, Jonas deu um suspiro aliviado e comentou:

- É... foi um bom treino para o Paris-Dakar...

49.

Duas coisas muito importantes aconteceram na manhã seguinte: As fotos de Chima ilustraram quase todas as matérias sobre o acidente e eu voltei para o Rio.

Entrar no meu apartamento, depois de tanto tempo, foi uma sensação indescritivelmente estranha. Ruim, para dizer a verdade. Aliás, para início de conversa, saltar do táxi na porta do prédio foi devastador. As minhas mãos suavam e tremiam tanto que não consegui achar a chave na bolsa.

Percebendo minha tensão, Jonas me ofereceu ajuda, mas eu recusei. Abrir a porta do meu apartamento depois de tanto tempo não era simplesmente abrir a porta do meu apartamento depois de tanto tempo. Havia toda uma simbologia naquele ato, era um ritual que eu não podia simplesmente repassar.

Então, finalmente, quando enfiei a chave e girei a maçaneta tudo pareceu absurdamente distorcido e equivocado. Algumas casas são entulhadas de objetos e móveis, o meu apartamento era entulhado de sentimentos.

Embora Mariana fosse lá regularmente, tudo continuava exatamente do jeito que deixei. O sofá, o tapete, a mesa, os quadros. Até o rack da sala que ela me pedira, continuava lá. Não houve tempo...

Entretanto, todas essas coisas embora me pertencessem, não pertenciam mais à minha vida e eu me senti um erro completo ali dentro, como a personagem inapropriada para a estória, a Rapunzel num filme do Tarantino.

Imediatamente os sentimentos de tristeza, dor e desesperança dos primeiros meses do ano

grudaram em mim como criancinhas que passaram o dia longe da mãe. Talvez eles jamais tivessem me abandonado, pensei, apenas comportavam-se tão bem que eu nem os percebia, mas o tempo todo me habitavam.

O cheiro do apartamento fechado foi outra porrada.

Caminhando pelos cômodos, tive a impressão de que eles haviam triplicado de tamanho, ou quem sabe eu que diminuía. E de tão pequena, me tornara sozinha. Por alguma razão inexplicável, percebi que passava a vida a perder pessoas. Foi assim com minha mãe, Arthur, Mariana e, certamente, Dyllan.

Não era exagero, era fato.

Botei as mãos no rosto e chorei tanto que precisei sentar no sofá porque não consegui me manter de pé. Caí em prantos, literalmente. E a coisa foi tão feia que Jonas teve que me segurar. Eu estava destruída por dentro. Mas dessa vez, não era somente por causa de Mariana. Eram também as imagens traumatizantes dos meus últimos dias naquele apartamento que me atormentavam covardemente.

- Toma um banho, filha. – Jonas andava muito preocupado com essa questão do banho. – Vai te fazer bem.

E fez mesmo.

Mas quando saí do banheiro e me deparei com sua expressão apreensiva – quero dizer, mais apreensiva que de costume – percebi que lá vinha bomba...

- O que foi dessa vez?

Jonas hesitou.

- Fala. – insisti. Nem eu mesma sabia que o conhecia tão bem.

- O velório simbólico de Mariana foi marcado para amanhã, às onze. – ele falou sem respirar, atropelando as palavras.

Embora o corpo de Mariana continuasse desaparecido, a identificação de seus objetos pessoais não deixava dúvida de que ela de fato estava a bordo do Boeing. Ante a incerteza de que as equipes militares seriam capazes de resgatar todos os corpos, tio Walter e tia Clarissa resolveram fazer o enterro simbólico da filha.

- Tudo bem. – assenti pacificamente.

Por incrível que pareça, apesar do choque, não chorei, nem me descontrolei. Sequer precisei de tranquilizantes. De certa forma, até achei bom porque depois do velório as coisas não poderiam ficar piores. Seria uma espécie de ponto final. Então tudo o que fiz foi beber um copo de água e aceitar os fatos já que não me restava outra opção. Até Jonas espantou-se com o meu equilíbrio. Mas temendo mais uma seção de choro compulsivo, tratou logo de mudar de assunto.

- Acho que tem recado para você na secretária eletrônica.
- Possivelmente. Mas eu não estava a fim de ouvir ninguém.
- Então, de repente, senti somatizar no meu corpo todo o cansaço e estresse dos últimos dias.
- Vou dormir um pouco, Jonas.

Deitada na cama, meus pensamentos vagaram por terras muito distantes. Mas especificamente, na Europa. Precisamente, em Londres. Há quase uma semana eu não tinha notícias de Dyllan. Será que Olli vira o meu bilhete? Será que ele falara com Dyllan? Será que Dyllan ainda estaria mito chateado? Serázzzzzzzz.

50.

Acordei com o barulho insistente do telefone.

Olhei para a janela, o céu já estava escuro, acenando com o início da noite.

Nossa! Por quantas horas dormi?

Ainda sonolenta, olhei para o telefone com a seguinte questão: Atendo ou não atendo? Fosse quem fosse, era alguém muito insistente, mas minha demora e indecisão acabaram por fazer a pessoa do outro lado desistir e eu continuei rolando na cama, sem nenhum objetivo e o pensamento em qualquer lugar.

Já devia estar chorando há algum tempo quando me peguei entre soluços, numa tristeza muito tranqüila, com as lágrimas brotando pelos meus olhos feito a cera de uma vela queimando, um processo doloroso e lento, porém muito calmo e natural.

Jonas não estava em casa e, para clarear as ideias, me pus a andar a esmo do banheiro para a sala, da sala para a varanda, da varanda para a cozinha, da cozinha para a sala até que de repente avistei um bilhete sobre a mesa.

Fui dar uma volta.

Já volto.

Jonas

OBS: Tem comida no forno.

Como eu não tinha mais o que fazer, abri a geladeira para pensar na vida, mas nem deu para pensar muito porque a coitada estava mais vazia que eu, embora Jonas tivesse feito umas compras (1 caixa de leite, 1 cartela de danoninho, 1 pé de alface, 1 copo de requeijão light, 1 caixa de Ades de uva, meia dúzia de maçãs). Então quando comecei a matutar outra coisa para fazer, o telefone voltou a tocar.

Só uma pessoa no mundo conseguia transmitir no “alô” tanta formalidade e segurança. Ele mesmo, Arthur.

- Chima me contou sobre a aventura de vocês. Fiquei preocupado.
- É, não foi fácil...

- Você tá bem? Quer que eu vá até aí?
- Não, meu pai tá aqui comigo.
- Seu pai? – ele questionou surpreso. Qualquer pessoa que me conhecesse minimamente, teria a mesma reação.
- A gente acabou se reaproximando com o acidente. – expliquei.
- É... – ele suspirou – Acho que o momento é favorável às reaproximações.

De repente eu parei e me dei conta da realidade. Era Arthur do outro lado da linha! Depois de tanto tempo, tanta expectativa, tanto sofrimento, eu finalmente falava com o homem que virara a minha cabeça a ponto de me fazer deixar o país!

- Queria te ver.
- Tudo bem.
- Hoje.
- Hoje não dá.
- Então amanhã.
- Pode ser.
- Eu passo aí às sete e meia.
- Não precisa, eu te encontro em algum lugar.
- Eu passo aí.
- Mas não tem necessidade...
- É meu caminho...

Depois de uns cinco minutos no jogo de insistência eu-faço-questão-não-precisa, saí vencedora e ficou combinado que no dia seguinte nos encontraríamos às sete e meia no “mesmo lugar de sempre”, também vulgarmente conhecido como Cobal do Humaitá.

Ao chegar de sua corrida na praia, Jonas garantiu que minha aparência estava ótima. – sinceramente, não era isso que o espelho me dizia... – Então, ele me preparou um prato de arroz, salada e frango grelhado e eu comi com a fome de uma retirante da seca nordestina.

Jonas estava sendo incrível, muito generoso e presente. E olha que nem sequer tínhamos essa proximidade toda, mas a verdade é que ele estava sendo absurdamente participativo.

- Muito obrigada, pai. – fiz questão de chamá-lo assim.
- Estava bom? – ele fez questão de fingir que não percebeu.
- Não estou só agradecendo pela comida. – declarei num misto de gratidão e timidez – Não sei como teria sido todos esses dias sem você.
- Que nada... – ele também ficou sem graça – Você é forte.

Até parece...

Então fez-se um silêncio cheio de intenções. Sem o pretexto da morte de Mariana, as coisas eram difíceis entre nós porque havia muito a ser dito. Tanto, que a gente sempre optava por não dizer. De repente, me ocorreu uma ideia que jamais me ocorrera antes e eu não pude evitar o sentimento de culpa. Subitamente, fui assaltada pela sensação de que eu dificultava a nossa relação.

Apesar de não saber exatamente como, algo me dizia que eu devia deixá-lo saber disso.

- Queria pedir desculpas pela forma como eu falei com você ontem, quando a sanguessuga grudou no meu braço... Você sabe... Enfim, eu estava nervosa e acabei me alterando. Desculpa.
- havia muitas outras situações incluídas naquele meu pedido de desculpa.
- Esquece. – ele desconversou – Foi até engraçado.

Nós rimos, baixamos a cabeça e um hiato se formou.

Senti vontade de abraçá-lo, mas o buraco continuava entre nós e não dava para simplesmente ignorá-lo. Qualquer gesto de afeto assim, de cara limpa, sem a desculpa de um fato alheio, era muito difícil. Então, vítimas da nossa própria falta de tato, ficamos deslocados sem saber o que fazer ou dizer, até que ele tentou qualquer coisa.

- Arthur ligou para você! – informou-me para quebrar o gelo – Não atendi porque não sabia se era para atender. Mas ouvi quando ele deixou o recado na secretária eletrônica.
- Tudo bem, já falei com ele.

Com a minha resposta, mais uma vez, nossa conversa caiu no vale sombrio das coisas que ficam por dizer. Então, para disfarçar a fraqueza, tivemos a mesma ideia e apelamos para as artimanhas que se lança mão quando se está numa situação embaraçosa, sem a menor ideia do que fazer: Catucar a unha, esfregar o nariz, enrolar o cabelo no dedo...

Do nada, Jonas desembestou a falar.

- Essa feirinha aí da praça até que dá para o gasto, né? Eu fui lá e fiz umas compras, você viu? Eu não sabia onde você guardava as coisas, então enfiei tudo na geladeira e nos armários. O peixe estava bonito, eu comprei uma peça de atum e botei no freezer. Atum é bom que tem Ômega 3. Também passei no mercado e comprei suco, frutas, legumes... Ah, por falar em legumes, eu encontrei o Horta. Lembra dele? Um careca, baixinho, com cara de bravo que me treinou lá no Botafogo... Você era muito pequeninha, não vai lembrar... Ele falou que mora aqui no bloco 3. Gente boa o Horta... – Jonas já não sabia mais o que inventar. Então, riu meio sem graça e levantou-se para pegar a mala, encostada no sofá – Acho que já tô falando demais, né? Isso significa que é hora de ir para casa...
- Pai! – hesitei um pouco e ele me olhou com expectativa – Será que dava para você dormir aqui hoje?

Ele me lançou um olhar contemplativo, parecendo revistar a própria alma. Depois, baixou a cabeça e levantou novamente, abrindo um sorriso terno. Então, eu me levantei e fiz menção de me aproximar dele, mas não me aproximei muito. Jonas fez menção de abrir os braços, mas não abriu tanto. E nossos atos continuaram assim, interrompidos e incompletos, perdendo-se no meio do caminho até que de repente a coisa engrenou e nós nos abraçamos com todo afeto do mundo, como se jamais tivesse sido diferente.

- É claro que eu fico, querida.

Para agradar meu pai e mostrar que eu estava quase recuperada – eu disse, quase – tomei mais um banho. Dessa vez, sem que ninguém precisasse me lembrar. Porém, ao chegar à sala, eis que uma imagem assustadora se expôs de maneira contundente diante dos meus olhos. Fiquei tão chocada que perdi a voz.

Jonas sentado no sofá, assistindo a um programa esportivo, tinha nas mãos um largo copo de vidro, com pedrinhas de gelo e uma bebida de cor âmbar que eu sabia muito bem não ser guaraná.

O choque me atingiu como uma raquetada na cabeça. Numa fração de milésimos de segundos, fechei e abri os olhos para me convencer de que eu estava vendo coisas. Eu só podia estar! Mas ao me ver, Jonas levou o copo lentamente à boca e deu um longo gole, sem tirar os olhos de mim, mostrando-me que a cena não era fruto da minha imaginação, mas sim a mais pura realidade. Definitivamente, eu não estava vendo coisas. Foi impossível impedir que lembranças lamentáveis e desastrosas ressuscitassem dos sarcófagos da minha consciência. Entretanto, compreendi também que não podia cair na cilada da nostalgia porque estávamos em outro tempo, outra realidade, outro contexto. Foi então que a minha ficha caiu. Meu pai mudara e há tempos abandonara a imagem do homem fraco, bêbado e sofredor que eu tinha cristalizada desde a infância. Há tempos ele havia recuperado completamente o autocontrole e a capacidade de beber socialmente, só eu não percebera.

Subitamente, um sentimento de admiração me tomou por dentro e eu observei maravilhada a figura do homem recuperado e bem sucedido que vi diante de mim, porém mais que a recuperação em si, o que me orgulhou mesmo foi o fato de que aquele homem era meu pai.

- Um para mim também! – pedi, celebrando minha descoberta – Sem gelo, por favor.

51.

"Concedei-nos, Senhor, a serenidade necessária para aceitar as coisas que não podemos modificar. Coragem para modificar aquelas que podemos e sabedoria para distinguir umas das outras.

Pensem em Mariana com a saudade convertida em oração e as preces de amor representarão acordes de esperança e devoção.

Quando puderem, realizem por ela as tarefas que estimaria prosseguir em vida porque isto lhes servirá de refúgio e inspiração nas atividades que nos prendem ao plano terreno.

Quando te disponhas a buscar os entes queridos domiciliados no Mais Além, não te detenhas na terra que lhes resguarda as experiências do plano material. Contemplem os céus em que mundos inumeráveis nos falam da união sem adeus e ouvirás a voz de Mariana em vossos corações, a dizer-te que não caminhara na direção da noite, mas sim ao encontro de um Novo Despertar."

Este foi o discurso fúnebre dedicado à Mariana. "Aceitação".

Como se tivéssemos outra alternativa...

Por mais que o orador falasse, não consegui me concentrar em outra coisa que não fosse Mariana servindo de banquete para milhões de vermes e micro-organismos debaixo da terra e das ferragens do avião.

Eu ficava me perguntando se Deus era assim tão justo.

A verdade nua e crua é que aos trinta anos, Neil Armstrong já havia pisado na lua, Bill Gates já

havia fundado a Microsoft, Che Guevara já era um líder revolucionário e Mariana estava morta. MORTA! Não há no mundo nenhuma tristeza mais relevante que o desaparecimento físico de uma pessoa que amamos.

- Eu não acredito mais em Deus. – cochichei baixinho para Jonas na hora do sermão, grudada ao seu braço como uma criança no primeiro dia de aula.

- Não tem problema, ele acredita em você mesmo assim. – Jonas sussurrou de volta, com o olhar fixo no orador.

Então, enquanto o sermão prosseguia, olhei para o caixão branco e foi de certa forma tranquilizador constatar que ele estava vazio. Ou melhor, que no lugar de Mariana, havia apenas alguns de seus objetos pessoais numa representação simbólica ao corpo ainda não encontrado.

Sem chamar a atenção de ninguém, me aproximei do caixão e acariciei o uniforme que ela tantas vezes vestira. Talvez, ainda tivesse o seu cheiro... Ato contínuo, olhei detidamente para o sorriso dela congelado na foto, que nem o batom rosa choque, auge da moda na nossa adolescência, conseguiu enfeiar e apavorou-me a ideia de que em poucos minutos tudo aquilo estaria para sempre debaixo da terra, trancafiado numa caixa que jamais voltaria a se abrir.

Mariana partiu, faleceu, descansou, foi dessa para melhor, fez a passagem, foi para o andar de cima... todo mundo tinha um amplo vocabulário para designar a nova condição de Mariana sem mencionar a palavra morte, como se isso mudasse a realidade ou atenuasse a dor. Outros, em contrapartida, se apegavam ao fato de que a rapidez do acidente tornava a coisa menos sofrida.

- Estão dizendo no jornal que a queda do avião foi mais rápida que um tiro de revólver. – ouvi a irmã de tio Walter comentar com o marido.

- Bom, pelo menos ela não teve nem tempo de sofrer. – o marido concluiu.

Quanta bobagem...

Com dor ou sem dor, Mariana estava morta e isso era uma condição imutável, porque nada no mundo jamais poderia trazê-la de volta. Nos restava apenas o trunfo da memória que, obstinada, nos faria a gentileza de manter Mariana viva ainda que sua ausência insistisse em provar o contrário.

O meu maior temor, no entanto, era justamente que ela, a memória, me traísse com brancos ou lapsos de esquecimento quando eu a solicitasse. Eu tinha medo de esquecer o rosto de Mariana ou não conseguir mais lembrar de sua voz, das coisas que me dizia e assim sucumbir à saudade.

Fechei os olhos por trás dos óculos escuros e então, obediente e disponível, minha mente não falhou. Mais que isso, mostrou-me que era pau para toda obra desfilando uma série de imagens, desde a nossa infância aos anos mais recentes, nas quais Mariana surgia exatamente como era. Feliz e cheia de vida.

Que bom! Porque ainda que eu tivesse namorados, ou quem sabe, marido e filhos, sem uma melhor amiga eu jamais viveria.

Na hora que o caixão desceu, tio Walter tentou amparar tia Clarissa, mas ela resistiu.

- Vai com Deus, filha! A mamãe vai te amar para sempre! – gritou a plenos pulmões, fazendo o meu mundo desmoronar mais um pouco.

Sofri por mim e por ela. Quem não sofreria? A voz cansada e seu desespero contagiante eram de cortar o coração. Eu me perguntava se tendo perdido a única filha, tia Clarisse continuava sendo mãe. Mas por pura covardia, passei praticamente todo o velório me esquivando dela porque nem para mim mesmo eu tinha uma palavra de conforto. Como podia eu consolá-la estando inconsolável? A revolta intensa me impedia de tentar camuflar o sofrimento com uma frase feita, então justamente por isso planejei estrategicamente deixar a capela logo após o sepultamento, certa de que no tumulto ninguém notaria a minha ausência.

E foi o que eu fiz, ou melhor, o que tentei fazer.

Eu e Jonas já cruzávamos o portão da capela quando fomos interceptados por tia Clarissa que olhou bem nos meus olhos e disse que precisava ter uma conversa comigo, em particular.

Gelei. Uma conversa com ela, a sós, era tudo o que eu não precisava.

Jonas me lançou um olhar do tipo “eu avisei, não avisei?” e eu voltei para o interior da capela com o rabinho entre as pernas. Entretanto, lá dentro, o cheiro de flores misturado à tensão prévia de uma conversa com tia Clarissa me provocou uma mega enxaqueca. Eu estava tão saturada de ouvir a expressão “meus sentimentos” que tive uma crise de riso nervoso quando uma vizinha lá da Tijuca trocou as bolas e desejou “meus pressentimentos” ao tio Walter.

Foi uma gargalhada completamente desproporcional e ninguém entendeu minha reação. Ri incessantemente, numa clara demonstração de perturbação. Me faltou ar. Jonas me catucava, roxo de vergonha, mas eu não conseguia parar de rir. Chorava de rir. Morria de rir e as pessoas ao redor me olhavam com um misto de pena e estranhamento.

- Vou lá para fora! – disse entre lágrimas e risos neuróticos.

Então, no jardim, com um pouco de ar fresco, olhei para o céu, fechei os olhos e comecei a chorar, sentindo um nó na garganta ao lembrar de Mariana. *Por que você se foi?*, eu perguntava em vão na esperança de ouvir algo em resposta.

Minutos depois, tia Clarisse apontou no jardim.

Putz, isso vai ser difícil..., previ.

- Gostei de ver você e seu pai juntos.

- É, a gente tá se acertando...

- Você é uma boa menina.

Olhamos uma para a outra e ficamos caladas por alguns segundos, apenas compartilhando a nossa perda. Ao abraçá-la reparei que tia Clarissa devia ter perdido pelo menos uns cinco quilos desde a última vez que a vira no aeroporto.

- Não é fácil, Bia...

- Eu sei.

Eu olhava para os seus olhos sofridos e me identificava completamente com a tristeza que via lá dentro.

- Eu te chamei aqui para entregar uma coisa.

Assenti com a cabeça.

- Você soube que eu fui fazer o reconhecimento dos objetos encontrados no avião, não soube?

- É, meu pai falou.

- As coisinhas da minha filha estavam todas lá, Bia... as roupinhas, a carteira, o telefone, até a medalhinha de Nossa Senhora que eu dei na formatura eu encontrei.

Ela chorou mais um pouco e eu realizei exatamente o martírio que aquela mulher vivia, podia mensurar exatamente o quão doloroso fora todo o processo do reconhecimento.

Ela então prosseguiu.

- Eu achei isso na carteira dela. – disse, puxando do bolso do casaco preto um pedacinho de papel. Um guardanapo, na verdade, todo dobradinho – Reconheci sua letra, dá só uma olhada.

Era mesmo a minha letra e essa foi a experiência mais marcante, mais incrível, mais impressionante, mais absurda e mais inexplicável de toda a minha vida!

Embora meus olhos pudessem ver, minha mente não conseguia atinar.

“Entre por esta porta agora...”

Imediatamente, lembrei do dia em que Mariana me pedira para escrever a letra da música. Não tínhamos papel e ela improvisou o guardanapo. Era dia trinta e um de dezembro. Sete meses antes.

“E diga que me adora...”

Fiquei em êxtase, completamente atordoada, sem palavras e sem um pensamento lógico que pudesse explicar a experiência daquele papel voltar para mim após a morte de Mariana.

“Você tem meia hora...”

Como um pedaço de papel tão frágil podia ter resistido ao tempo e à queda de um avião? Aliás, haveria algum significado em receber minhas próprias palavras depois de tanto tempo ou deveria eu interpretar tudo como uma grande coincidência?

“Para mudar a minha vida...”

De fato eu havia escrito aquelas linhas, entretanto, havia feito a mando de Mariana. Se a mensagem fosse um recado para mim, tratava-se de um recado meu para mim mesma ou de Mariana para mim?

“Vem, vambora...”

Minha ficha caiu!

“Porque o que você demora, é o que tempo leva...”

Esse era o sinal que eu tanto esperara!

Onde quer que estivesse, Mariana estava rindo da minha cara.

Ela estava bem e por isso eu não sentira nada de anormal, a certeza vinha do meu coração e eu não tive dúvidas. Pela primeira vez em todos aqueles dias, me senti em paz. Entendi que eu e Mariana estávamos atreladas para sempre, porém agora de uma maneira diferente. Era como acordar um dia depois do fim do mundo e descobrir que o mundo não havia acabado.

Compreendi que foi porque teve que ser, mas isso não era necessariamente algo triste.

Talvez, tia Clarisse precisasse de mais tempo para receber sua mensagem ou talvez já tivesse recebido, mas não compreendera. Eu, por minha vez, não poderia explicar, porque essas coisas não se explicam, sentem-se. Mas o problema é que as vezes para encontrar a esperança é necessário ir muito além do desespero.

Novamente abracei tia Clarisse com todo o meu amor e sorri o sorriso das pessoas que

descobrem que é justamente quando a noite está mais escura que melhor podemos ver as estrelas.

De todas as coisas que a morte de Mariana me ensinou, a mais importante foi que eu estava viva. E apesar de todas as tragédias, ainda valia a pena seguir em frente. Valia porque eu ainda tinha muito amor para dar a outras pessoas como tia Clarissa, Jonas, Dyllan...

Meu Deus... Dyllan! Eu preciso falar com ele agora!

52.

Depois de passar tantos dias à minha disposição, Jonas teve que voltar para casa para resolver uns problemas – minha antena parabólica captou que o problema dele atendia pelo nome de Suzana – Entretanto, ficou combinado que nos encontraríamos no sábado à noite para tomar um chopp e jogar conversa fora.

Da maneira mais improvável, eu me descobrira fã do meu pai, admirava seu jeito forte, as vezes um pouco bronco, mas sempre doce e protetor. Entre muitos whiskies, gelos e guaranás na noite anterior, ele me contou histórias hilárias – muitas, inclusive, eu desconfiava que não fossem verdadeiras – e finalmente convenceu-me a não desistir da minha profissão, porque não se desiste do que se ama.

Justamente por ter segurado minha onda num momento em que eu estava prestes a jogar tudo para o alto, me descobri encantada por ser filha de um cara tão experiente, especial e, assumo, bonitão. Sim, eu confesso, eu estava louca para exibi-lo por aí.

Entre por esta porta agora e diga que me adora

Você tem meia hora para mudar a minha vida...

Após ler e reler a mensagem no guardanapo, cheguei em casa com a seguinte missão: Ia falar com Dyllan naquela tarde mesmo, custasse o que custasse.

O que eu não esperava, entretanto, é que ele não fosse querer falar comigo.

Liguei para o celular, para a casa, para o trabalho e nada.

No Jornal, a recepcionista teve a cara de pau de me pedir um instante para verificar se ele podia atender e depois voltou dizendo que ele não estava no momento. Como assim “não estava no momento”? Não estava naquele momento, mas no próximo, para outra pessoa, estaria?, quase perguntei.

- Você quer deixar recado?

- Não, tudo bem. – o que eu podia fazer? – Obrigada.

A ideia de que magoara Dyllan me enlouquecia de culpa porque eu sempre achei a decepção que causamos a alguém muito mais imperdoável que as que nos causaram. Eu só queria me explicar, expor minhas razões e pedir que ele não me odiasse para sempre. Mas ele nem sequer me dava essa chance.

No final da tarde, liguei mais umas duas ou três vezes para o Jornal, mas era sempre a mesma recepcionista que atendia. Então quando da última vez ela reconheceu minha voz, achei melhor dar um tempo.

Pensei em pedir para falar com Mark. No sufoco, me ocorreu até pedir para chamar Fiona, mas desisti. Fiquei insegura. Envolver outras pessoas só ia piorar o meu lado.

Sem muitas alternativas, deixei um recado no telefone da casa dele porque o celular ele, obviamente, desligou. Então, telefonei para Olli que, por sua vez, estava no meio de um desfile da fashion week.

- Malôôôca! Que que deu em você? Eu vi seu bilhete, te mandei um monte de e-mails, você não respondeu...

- Ai, Olli, tanta coisa...

- Alô...

- Olli?

- Alôôô!

- Olli!

- Alô, alô, alô, alô...

- Olli, tá me ouvindo?

- Agora tô. A ligação tá picotando... A recepção aqui no backstage é péssima...

- Olli, só me diz uma coisa: Você falou com Dyllan?

- Não te ouço bem... Você tá no Brasil?

- Tô. Você falou com Dyllan?

- William? Que William?

- Não tem William nenhum, Olli! Eu tô perguntando se você falou com o DYLLAN!

- Ah tá... falei.

- E ele?

- Ah, Bia, sei não... Na hora... zrchrcrhruruchu... nem eu... zrchcrhuruchuru... virou as costas... zchchuruchuru...

- Olli?

- zchurzzxuzcszshururchshurru.

- Olli! Não tô te ouvindo!

A ligação caiu.

Droga! Eu precisava desesperadamente saber o que Olli tinha dito. Liguei novamente e ouvi o barulhinho da conexão telefônica sentindo o coração bater na garganta de tanta ansiedade, enquanto a cabeça viajava em milhões de possibilidades. Quando finalmente a ligação completou, Olli disse “alô” e a linha caiu. Fiquei tonta de frustração, mas não desisti. De cinco em cinco minutos, lá ia eu para o telefone.

Atende, Ollizinho, atende, vai...!

Foram tantas milhões de tentativas que nem vi a tarde passar.

De repente já eram sete da noite e do nada o telefone tocou.

Era Arthur perguntando se eu não queria mesmo que ele passasse lá para me buscar.

Putz... O Jantar na Cobal!

Vestindo jeans justo, salto alto e uma camiseta escrita “I told you I was trouble” fui me

encontrar com ele (A camiseta não tinha nenhuma segunda intenção, foi apenas a única que encontrei limpa e sem precisar passar). Quando o meu táxi parou na porta da Cobal, eram exatamente sete e trinta e cinco e Arthur já estava lá. Fiquei realmente impressionada porque não me lembrava dele ser assim tão pontual.

- Te fez bem a temporada em Londres – elogiei – Pontualidade britânica.

Ele riu.

Rever Arthur pela segunda vez, depois do encontro desastroso lá em Londres, foi bem diferente. Agora, sem o elemento surpresa, eu tinha mais consciência da imagem que queria passar e, modéstia a parte, me sentia orgulhosíssima por passá-la tão bem. Eu desejava mostrar a Arthur que, embora ele tivesse me rejeitado, embora tivesse me dado o fora e me magoado em proporções estratosféricas, eu era uma mulher forte, segura e fabulosa, capaz de dar a volta por cima com tanta dignidade que não ficara nenhuma pontinha de rancor. Prova disso era eu ali, jantando com ele e, se fosse o caso, até fingindo uma gargalhada da boa sacanagem que ele me fez.

Arthur também me pareceu bem e, como de costume, estava muito elegante. Provavelmente, viera direto do trabalho, intuí pela calça e camisa social que mais cedo, com certeza, estiveram acompanhadas de um blazer e uma gravata igualmente sofisticados.

- Você está ótima! – Arthur me olhou dos pés a cabeça, no momento em que trocamos dois beijinhos civilizados.

Agradei gentilmente e sentei-me na ponta da poltrona. Então pedimos os drinques e quando o garçom trouxe o menu, ele engatou um papo sobre ser vegetariano, disse que estava tentando mas que era uma decisão muito difícil porque em algumas ocasiões acabava parecendo anti social. Num determinado momento dessa estória, o nome de Ruth veio à baila.

Ele ficou passado com o deslize.

- Desculpe, eu não devia ter dito...

- Imagina. – dei de ombros. Só Deus sabe o quanto eu me controlei...

- Eu e ela não estamos mais juntos. – ele disse sem graça.

- Sinto muito. – comentei educada.

A partir daí, as máscaras da casualidade caíram e a nossa conversa ficou menos hipócrita.

- Bia, muito obrigada por ter vindo aqui. – ele disse, chegando um pouco mais perto de mim.

- Vim porque eu quis, Arthur. – deixei claro que não estava fazendo favor nenhum.

Ele respirou fundo e prosseguiu com um ar pesaroso.

- Me segurei muito antes de ir atrás de você, sabia? – eu não duvidava disso – Quando fui embora, acabei não deixando as coisas muito claras para você, porque nem para mim mesmo elas eram, mas eu não queria ficar lembrando de tudo que aconteceu... – declarou depois de uma pequena pausa em que me olhou fixamente – Eu queria falar do que não aconteceu, entende?

Fiquei calada, concatenando as palavras dele.

Arthur continuou.

- Talvez você não acredite, mas não foi fácil para mim. Eu passei um tempão tentando me convencer das mentiras que criei até que um dia percebi que eu podia enganar todo mundo,

mas não a mim mesmo. Não dava para continuar negando sentimentos e me escondendo numa relação que não fazia o menor sentido só porque eu não tinha coragem suficiente para virar o jogo.

A cada frase dele minha incompreensão aumentava até que de repente se transformou numa grande confusão. Provavelmente, isso transpareceu no meu semblante.

- Não sei se estou conseguindo me fazer entender...

- Na verdade não. Desculpa.

Então uma pausa cheia de expectativa colocou-se entre nós, como aqueles cinco segundos que antecedem o anúncio da vencedora do concurso de Miss Universo.

- Bia, eu estou tentando dizer que... – ele hesitou um pouco – Eu estou tentando dizer que, apesar do meu erro, estou disposto a passar o resto da minha vida compensando o que fiz.

Comequié?, tive a ligeira impressão de ter perdido alguma parte da conversa.

Pensei em alguma coisa para dizer, mas não me veio nada à cabeça. Arregalei os olhos e virei a taça de Martini com tanto impacto que quase destronquei o pescoço.

- Não precisa dizer nada. – ele disse baixinho.

Então, de uma maneira muito delicada, Arthur tocou minhas mãos sobre a mesa, segurou-as com carinho e beijou-as com os olhos fixos em mim. Depois, chegou mais perto, tão perto que eu podia sentir o calor do seu corpo, e subiu suas mãos pelos meus braços, acariciando de leve o espaço entre os meus ombros e a minha nuca. Em seguida, acariciou meu rosto, segurou minha cabeça, inclinou-se e fechou os olhos, vindo lentamente na minha direção até que seus lábios ficaram a ponto de tocar os meus.

- Péra aí! – exclamei.

- O que foi? – ele levou um susto.

- Não é assim! – eu o afastei perplexa. – Você foi frio, Arthur. Você não me ligou, você sumiu, você sequer atendeu minhas ligações! Há sete meses atrás você terminou tudo, juntou suas coisas e simplesmente foi embora sem sequer... – nem pude terminar a frase.

- Eu te amo, Bia! – Arthur invocou o amor, o mais forte dos argumentos.

Ok. Eu assumo. Era legal sentir-me novamente desejada por Arthur, especialmente depois de tudo que acontecera. Mas vamos recapitular a frase. Ele disse: “Eu-te-a-mo-Bia!”. Eu devia ter ficado feliz, não devia? Não era essa a frase que por meses a fio desejei ouvir? Não entendi porque, ao contrário disso, me senti tão desconfortável com a revelação.

Então, para não permitir que ele revertisse o jogo, coisa que ele fazia muito bem, continuei batendo na mesma tecla.

- Arthur, você não pode me magoar, sumir e reaparecer meses depois achando que as coisas estão resolvidas só porque você mudou de ideia. – Talvez ele não tivesse noção disso.

- Eu estava confuso!

- Confusa estava eu que nem sabia o que pensar! – garanti na defensiva, porém de forma enérgica.

Arthur baixou a cabeça com ar triste e eu respirei fundo para recobrar o equilíbrio. De repente, senti as mãos dele novamente sobre as minhas. Então nossos olhares se cruzaram e poucos segundos depois eu quebrei o silêncio com uma pergunta que incluía muitas outras questões.

- Por que, Arthur?

- Você só vivia viajando, Bia. – ele disse com um tom sufocado – Ficava dias, as vezes semanas inteiras fora de casa. No meu aniversário, no natal... nunca sobrava tempo para gente. Estávamos juntos, mas eu vivia sozinho. Sei lá... Daí eu via os caras solteiros levando uma vida muito mais divertida, quer dizer eu pensei que fosse muito mais divertida... Achei que seria melhor para mim, porque eu já me sentia sozinho mesmo. – ele assumiu e depois pareceu arrepender-se – Só que não combinou comigo. Eu amo você, Bia, a única coisa que eu quero é ter você de volta, do jeito que era. Do jeito que nunca deveria ter deixado de ser.

Pronto. Era o trem da minha vida parado na plataforma de portas abertas, só esperando eu embarcar. Eu, no entanto, não tinha tanta certeza se queria ir. Se embarcasse, ficaria no Brasil e tentaria ressuscitar meu casamento falido. Se recusasse, voltava para Londres e continuava tocando a vida, provavelmente sem Dyllan, vale lembrar, já que estamos falando de assuntos do coração.

Mas havia um detalhe muito importante a ser esclarecido.

- E Ruth? Era ela sentada no banco do carona no dia que Diogo foi lá em casa te buscar?

Arthur pareceu não saber do que eu estava falando, então eu lhe refresquei a memória.

- Eu vi o Diogo te esperando lá embaixo, no dia trinta e um, quando você foi embora. Você entrou no carro dele pela porta traseira. Era Ruth sentada no banco da frente? – me arrependi da pergunta um segundo depois.

- Não, eu sentei no banco traseiro porque Diogo havia tirado o banco da frente para me ajudar com a mudança um dia antes – afirmou envergonhado e para não perder o fio da meada emendou numa outra explicação – Depois que eu me cansei do vazio de ir a sete festas por semana, eu tentei me envolver com alguém. Podia ser qualquer mulher desde que não fosse aeromoça. Eu tentei, Bia, juro que tentei te esquecer e me apaixonar por ela. Se eu tô aqui agora é porque a sua falta se tornou realmente insuportável.

Eu observava-o com o choque de não poder reconhecer nele o brilho que o tornara um dia tão especial. Era Arthur, mas não era mais o meu Arthur. Ali conversando comigo, era apenas um homem que em nada se parecia com a lembrança que eu tinha dele. Aliás, será que ele sempre fora assim tão dramático? E o nariz era grande daquele jeito mesmo?

- Mas eu continuo sendo aeromoça, Arthur. Se a gente tentar, mais uma vez não dará certo e daqui a alguns meses tudo vai se repetir.

- Não vai não, Bia, porque agora eu sei exatamente o quanto é ruim não ter você.

De certa forma, pensando racionalmente, valia a pena tentar porque de fato eu o amara e fora muito feliz com ele. Tínhamos um apartamento e um monte de planos que poderiam com boa vontade ser restituídos. Porém, naquele momento, por alguma razão, essa ideia não me pareceu assim tão boa. Arthur ficou calado, aguardando ansiosamente o que eu tinha a dizer.

- Você tá me falando exatamente tudo o que eu sempre quis ouvir. – admiti – Só que com sete meses de atraso.

- Me deixa consertar então, Bia. – identifiquei nele um leve tom de desespero.

Lamentavelmente, não tinha como. Todo aquele papo de amor e segunda chance só me fizeram pensar numa pessoa: Dyllan. Cada investida de Arthur me fazia compreender que eu precisava voltar para Londres, precisava voltar a voar e precisava falar com Dyllan o mais rápido

possível. Ali, naquele momento, decidi que meu lugar era em Londres e eu estava disposta a passar a madrugada inteira ligando para Dyllan até gastar todo o espaço de memória de sua secretária eletrônica se ele insistisse em não me atender.

- Preciso ir andando. – disse da maneira mais cordial possível, porém, já me levantando.
- Espera aí, eu te amo! Eu quero que a gente volte a morar junto!
- Não dá mais tempo Arthur.
- Não finja que você não está orgulhosa!
- Eu realmente preciso ir.
- A gente se casa do jeito que você sempre quis!

Com essa eu tive que rir.

- Mas você sempre odiou casamento! Você me corrigia toda vez que eu me referia a você como marido.

- Agora é diferente...

- Para mim também – concordei – Agora é muito diferente.

- Eu já tô péssimo, Bia, para que me punir mais ainda?

- Eu lamento que você esteja péssimo. Lamento por tudo que você disse, mas sinceramente lamento muito mais pelo que você NÃO disse quando eu tanto quis ouvir. – recolhi minha bolsa na cadeira e botei-a no ombro – Agora eu realmente preciso ir, Arthur.

Se dissesse que não me doeu agir daquela maneira, estaria mentindo. Mas saí do restaurante com a convicção de que não existia nenhum sentimento capaz de me unir novamente a Arthur. Nenhum mesmo.

- Você me liga? – ele perguntou aflito quando eu já cruzava a porta.

Foi exatamente a pergunta que fiz quando ele me deixou há exatos sete meses. Achei aquilo uma puta ironia do destino.

- Te ligo sim, Arthur. – Na verdade, eu quis dizer: “Ao contrário de você, ligo sim.”

A brisa fria e intensa de julho balançava as folhas das árvores, entretanto a revolução de pensamentos e impressões me convenceram a voltar para a casa a pé porque sempre achei que andar e abrir a geladeira eram as melhores formas de pensar na vida.

Naquela noite, especificamente, haviam muitas coisas para pensar, muitas emoções para catalogar e muitos sentimentos para jogar na lixeira. Eu ficara espantada como Arthur não exercia mais nenhum poder sobre mim. Porém, a saudade que senti de Dyllan tornou-se ainda mais intensa, quase uma dor física. Eu desejava tanto estar com ele outra vez, ouvir sua gargalhada escandalosa, emaranhar nossos pés, a simples lembrança do cheirinho dele em mim quando fazíamos amor era o bastante para me fazer perder a cabeça e a linha.

Submersa nesses pensamentos, entrei no prédio absorta e nem percebi quando um homem baixinho, magrinho e orelhudo saiu da portaria e veio na minha direção.

- A paz do Senhor!

- Oi?

- Meu nome é Joselito. – ele estendeu-me as mãos – Eu sou o novo porteiro.

Bem que eu tinha notado a ausência de Firmino.

- Olá. Bia, muito prazer. – apertei-lhe a mão – Eu sou a moradora do...

- 501.

- Isso!

- Eu sei porque tô fazendo um cadastro das pessoas que ainda não compraram o meu CD e só tá faltando a senhora.

- CD?

- Eu sou cantor em cristo e estou lançando o meu primeiro CD gospel. – ele tirou do bolso um saquinho plástico, com uma xerox colorida e mostrou-me – Aqui está, chama-se “Bonde de Jê”.

- Jê?

- Abreviação para Jesus.

- Ah, claro.

- O CD traz também a participação do “Bonde dos Ungidos” e da Bispa Nicéia, que é um vaso abençoado no Senhor.

- Puxa, que ótimo! – Não ficou claro se era uma pessoa ou um objeto de decoração, mas tudo bem...

- R\$ 15,00. – ele deu o preço – Com esse CD, Dona Bia, a senhora quebra tudo que for encosto, obra de macumbaria e maldição que estiver na sua vida.

- Não tem nenhuma obra de macumbaria na minha vida não, Joselito. – desconversei.

- Nunca se sabe, né? – havia um tom de agouro na voz dele – Quantos CDs a senhora vai querer?

- Eu não estou com a minha carteira aqui agora...

- A senhora sai na rua sem carteira, Dona Bia?

- É que eu fui ali pertinho...

- Sei como é que é... eu vou orar para Jesus repreender o demônio da preguiça na vida da senhora.

- Eu não sou preguiçosa não! – era só o que me faltava, um pastor fanático me dando lição de moral. – E agora você me dá licença, que eu preciso subir.

De dentro do elevador, ainda pude ouvir a voz dele.

- Preguiça, *pãodurice*... é tudo obra de Satanás.

53.

Embora eu quase tenha ficado rouca de tantos recados que deixei na secretária eletrônica de Dyllan, ele não me atendeu. Aliás, nem ele, nem Olli, nem Pá – que no desespero eu também recorri. – Talvez ele não estivesse em casa, tentei me convencer para não pirar, mas uma hora, mais cedo ou mais tarde, ele ouviria meus recados.

Sexta-feira à noite... Sexta-feira à noite..., minha cabeça maquinava o que Dyllan poderia estar fazendo em Londres naquele momento. Só de imaginar a possibilidade dele estar conhecendo

outra mulher, me dava dor de barriga.

A boa notícia, entretanto, foi que consegui reservar minha volta para Londres para a quinta-feira seguinte. Um pouco longe, eu sabia, mas era a data mais próxima disponível.

De qualquer forma, mesmo que até lá Dyllan insistisse em me ignorar, o jogo dele estava com os dias contados porque na semana seguinte, quando eu pusesse os pés em Londres, estava disposta a me plantar na porta dele e só sair de lá depois que ele abrisse ou chamasse a polícia.

De repente, a repetição da secretária eletrônica tornou-se algo insuportavelmente perturbador. Uma irritação transcendental roubou minha paz e, como consequência, me vi desesperada para conversar com um ser humano de verdade, alguém com quem eu pudesse travar diálogos e não somente falar após o sinal.

Meu pai foi a minha salvação. Só de ouvir a voz dele, respirei aliviada.

Ao fim da nossa conversa eu já estava ótima e pronta para encarar novamente a secretária eletrônica de Dyllan.

A fim de me distrair um pouco liguei a televisão, no Globo Repórter passava uma reportagem interessantíssima sobre a influência das mudanças climáticas no ciclo menstrual dos orangotangos fêmeas. Tão interessante que, vencida pelo cansaço e pelo tédio, caí num sono profundo com o telefone numa mão e o controle remoto na outra.

No meio da madrugada, porém, acordei sobressaltada com um barulho na cozinha. Um barulho oco, de alguma coisa pesada caindo no chão. Meu sangue gelou. Será que ouvi mesmo ou foi impressão minha? Liguei o abajur e me encolhi debaixo do lençol. Tentei ouvir mais alguma coisa, mas além do meu coração batendo desorientado, não ouvi nada. Tudo pareceu calmo e na mais perfeita ordem. Quando, por fim, me convenci de que o barulho não passava de um pesadelo, tive a mais plena certeza de ouvir passos no corredor.

Nenhum ladrão em sã consciência perderia tempo em me assaltar. Meu apartamento só podia estar mal assombrado, amaldiçoado, ou as duas coisas, sei lá. *Por que eu não comprei o CD de Joselito, meu Deus?* Além de mim, só Mariana tinha a chave do meu apartamento. Será que...

Foi então que pensei no óbvio. Talvez Mariana estivesse querendo fazer contato. Eu já tinha ouvido muitas histórias de pessoas que não se conformavam com a morte e ficavam vagando pelo mundo dos vivos. Comecei a rezar baixinho até tomar coragem para me levantar e ir ao encontro dela lá na sala.

Pensei em acender a luz, mas tive medo de me assustar com a figura dela, porque eu não sabia se os espíritos apareciam com a forma que tinham em vida ou com a forma que ganharam após a morte. Então, com as luzes apagadas, me levantei e andei lentamente até o banheiro, pé ante pé, me escorando pelas paredes para não tropeçar no escuro, abri a gaveta e apalpei até encontrar as velas e a caixa de fósforos.

Na sequência, segui pelo corredor entoando mentalmente todas as orações que eu sabia, pedindo a Deus que eu não me assustasse e nem assustasse Mariana. Minhas mãos trêmulas e úmidas pela transpiração nervosa, mal conseguiam segurar a vela. Quando finalmente cheguei no meio da sala, senti que não estava sozinha. Corri o olhar ao redor procurando pelo espírito de Mariana, mas fui interceptada por um susto! O vento frio que soprava as cortinas apagou a vela, deixando-me na escuridão. No breu absoluto tudo pareceu muito mais assustador.

Pode aparecer, Mari, eu não vou ter medo. Estou preparada para te encontrar, eu repetia

inconscientemente com as pernas bambas e o coração aos solavancos. Foi quando então ela se manifestou e eu vi um vulto passar na cozinha.

Senti um calafrio na espinha.

- Bia! – uma voz sussurrou bem baixinho.

- Sim. Estou aqui. – respondi no mesmo tom, com o corpo todo suado e a adrenalina a mil.

- Posso acender a luz? – a voz perguntou num tom quase que inaudível.

Eu devia estar enganada, obviamente que os espíritos buscavam a luz e não a escuridão.

Quando então ouvi o barulhinho do interruptor, dei um grito de pavor. Meus olhos não podiam acreditar no que viam.

- O que você tá fazendo aqui? – atrolei as palavras, explodindo toda a tensão acumulada. Eu bem esperando o espírito de Mariana e quem me aparece? Arthur! – Olha o susto que você me deu!

- Desculpa, não foi minha intenção... – ele ficou tão passado com a minha reação que não soube o que fazer. Na dúvida, me trouxe um copo d'água com açúcar da cozinha.

Levei uns cinco minutos para me refazer do baque e recuperar o controle das minhas mãos e pernas que não paravam de tremer.

- Desculpa o jeito que eu falei com você. – me desculpei, um pouco mais calma – Fiquei nervosa... Foi isso.

- Tudo bem.

Então, enquanto eu tomava a água com açúcar, Arthur veio por trás do sofá e massageou de leve os meus ombros.

- Posso?

Lembrei o quanto eu gostava da massagem dele. Assenti com a cabeça e ele então começou a tocar o meu pescoço com movimentos circulares, descendo os polegares até o meio das minhas costas. Curiosamente, nem a massagem dele era mais a mesma. Olhei para o meu relógio jogado sobre a mesa e reparei que já eram vinte para as três da manhã. Olhei para a Arthur e reparei que, pelo cabelo despenteado, pela voz meio pastosa e pelo cheiro de álcool, ele bebera além da conta.

- A propósito, o que você tá fazendo aqui uma hora dessas? – perguntei levantando-me do sofá só para me esquivar da massagem.

- Vim saber se você pensou nas coisas que eu te disse.

- Arthur, são quase três horas da manhã... – descobri.

- Só quero saber se você vai dar mais uma chance para gente. Só isso.

- Eu tô voltando para Londres na semana que vem.

Claramente, Arthur não gostou das minhas palavras. Olhou-me de um jeito muito esquisito, meio agressivo até. Por um instante o estranhei.

- Isso é sério? – ele perguntou.

- Claro que é, eu tenho que trabalhar.

A partir desse momento não o reconheci mais. Num gesto ágil e preciso, ele veio para cima de mim furioso e torceu meu braço, machucando-me conscientemente. Não sei dizer se foi pior a dor física ou a sensação de impotência.

- É o seu trabalho ou aquele cara que eu vi lá na sua casa? – ele estava prestes a quebrar o meu braço.

- Me solta!

- Responde! É o seu trabalho ou o gringo? – ter sido contrariado atçou um instinto violento de Arthur, que eu desconhecia completamente.

- Você tá louco?!

- Aquele cara é um idiota, Bia! Você mandou ele sair da sala e ele saiu numa boa. Você não acha que se ele realmente te valorizasse teria resistido?

Para falar a verdade eu não tinha pensado nisso, mas a dor no meu braço estava tão insuportável que eu só pensei em gritar.

- Você tá me machucando, Arthur!

Então, num lampejo de lucidez, ele deu-se conta da loucura de seu ato e me empurrou contra a parede. Eu bati com a cabeça e no minuto seguinte, ele pareceu completamente arrasado e arrependido.

- Me desculpa! Me desculpa! Me desculpa! – ele pedia transtornado – Pelo amor de Deus, me desculpa!

Eu ficara tão chocada, tão assombrada e tão chateada, que por um instante bloqueei, fiquei muda e não reagi.

- Fala comigo, Bia, por favor! Me desculpe! Eu perdi a cabeça...

- Sabe o que é pior? – criei coragem para dizer, segurando o choro – É que conhecer agora a verdadeira pessoa que você é, faz tudo parecer mentira.

- Você faz ideia do quanto tá sendo cruel comigo? – ele perguntou sentido.

De tão perplexa, meu choro encubado se transformou numa vontade de rir, porque era quase cômica de tão irritante a maneira como Arthur se colocava sempre como a vítima da situação.

Compreendi, porém, que além das contas para pagar, o apartamento me vinculava a ele. E, pior, contra a minha vontade. Era quase como um filho, eu jamais conseguiria me ver livre dele enquanto fôssemos proprietários do elefante branco.

Respirei fundo tentando achar uma saída.

- Arthur, – disse, sentando-me ao lado dele no sofá – Vamos vender esse apartamento? – sugeri com a suavidade de uma pluma.

- Vender esse apartamento? – ele levantou a cabeça e ecoou minhas palavras, como se achasse a ideia uma estupidez – Mas isso seria uma perda de patrimônio!

- Há perdas muito piores... – e haviam mesmo, mas era uma péssima hora para pensamentos filosóficos. Recuperei o tom. – É que a gente já tá tentando alugar esse imóvel há tanto tempo, né? Ninguém aparece então...

- O apartamento não está para alugar. – ele revelou-me.

- Como não? – questioneei surpresa.

- Pensei que Mariana tivesse te contado... – ele ficou em dúvida se continuava ou não, mas meu olhar inquisitivo o obrigou a seguir em frente – Há três meses pedi à administradora que tirasse o anúncio do imóvel, mas não contasse nada à Mariana. Eu não queria que você soubesse – admitiu sem graça – Só que nos últimos tempos, ela começou a desconfiar, fazer

um monte de perguntas... até que ligou para lá se passando por uma pessoa interessada no apartamento.

- E daí? – eu quis saber.

- E daí disseram a ela que os proprietários haviam desistido da locação e ela descobriu toda a verdade.

- Você sabe quando foi isso?

- Poucos dias antes dela morrer.

Putz! Então era isso que Mariana tinha de urgente para me falar no dia do meu aniversário...! Ela descobrira que Arthur estava sabotando a locação do apartamento e me ligou para contar.

- Mas por que você não quer mais alugar o apartamento? – perguntei serena, sentindo porém o sangue borbulhar dentro de mim. Nem um eremita teria tido tanto autocontrole.

- Porque eu gosto de vir aqui as vezes. – confessou, olhando tudo ao redor – Quando sinto saudade.

Das duas uma: Ou Arthur estava completamente pirado ou ficara rico e eu não sabia. Onde é que já se viu uma pessoa manter um apartamento fechado só para poder visitar de vez em quando? E essa brincadeira toda saía do meu bolso, que todo mês tinha que mandar minha parte no condomínio, no IPTU, na taxa de sei-lá-o-quê... até o telefone eu pagava porque a administradora me convencera de que apartamento com telefone instalado era mais valorizado.

- Sabe o que é, Arthur? – insisti pausadamente, como se conversasse com uma criança – Eu sou uma assalariada, eu não ganho bônus astronômicos de contratos milionários que nem você, entende? Então para mim, essa grana do apartamento que eu mando todo mês pesa no orçamento. – O golpe vinha agora, prestem atenção – Mas já que você gosta de vir passear aqui de vez em quando por que você não compra a minha parte então? Se você não tiver o dinheiro todo, eu divido em suaves prestações.

Com as sobrancelhas arqueadas e um tom ácido ele esbravejou:

- Eu não quero comprar a sua parte, Bia! Eu quero que a gente volte a morar aqui! Juntos! Como sempre foi, entendeu?

Não.

54.

O sábado amanheceu ensolarado, com céu azul e nenhuma nuvem. Nem parecia uma manhã de julho. Às onze, o interfone tocou. Era o meu pai.

Logo de cara notei que tínhamos um sábado esportivo porque em sua bolsa detectei duas raquetes de frescobol, uma bolinha, uma bola de vôlei e um frisby. Isso sem contar o tênis de dois andares que ele estava usando, com sistema exclusivo de amortecimento para corrida em terrenos arenosos.

Taí, um tênis que me deixasse mais alta era interessante. Vou ver se compro um desses..., mas imediatamente lembrei da minha situação financeira e mudei de ideia.

- Vamos à praia? – ele perguntou empolgado, dando-me um beijo na testa e indo direto à cozinha deixar uma bolsa de frutas e verduras.

Ao contrário de mim, que cambaleava de sono, Jonas estava na maior disposição.

É que Arthur me alugara até seis da manhã com sua crise existencial e eu não conseguira dormir depois, com o dia claro. Por outro lado, era sábado, ou melhor, meu último sábado no Brasil antes do retorno para Londres. Cada minuto com o meu pai era precioso demais para ser desperdiçado. Então, recrutando toda energia de plantão, me enfiei num biquíni, peguei uma bicicleta no condomínio e lá fui eu pedalando atrás de Jonas.

- Chega, pai! – desci da bicicleta no Leme, com metade da língua para fora – Vamos ficar por aqui mesmo, antes que eu tenha uma síncope!

- Mas a gente não pedalou nem uma hora!

- Para mim pareceu duas. – resmunguei.

De comum acordo, nos instalamos entre uma rede de futevôlei e um chuveirinho de água doce. Estendi minha canga na areia e me estirei sob o sol absolutamente extasiada com o cheiro da maresia. Há tempos não ia à praia, já tinha até esquecido como fazia bem o barulho do mar.

- Vou dar um mergulho. – avisou Jonas.

O vento batendo no meu rosto e a sensação do sangue pulsando pelas veias eram revitalizantes. Fechei os olhos e apertei um pouco de areia nas mãos, sentindo os grãos compactarem-se e logo depois escorrerem pelos meus dedos. Apesar da partida de Mariana, apesar de não ter um tostão furado, apesar de ter perdido o namorado, eu estava viva e, embora esse fato fosse aparentemente banal, era também um milagre, porque a vida vale muito mais a pena quando a gente se toca que ela não dura muito.

Entre por esta porta agora e diga que me adora,

Você tem meia hora para mudar a minha vida...

Nos últimos dias, essas frases ecoavam na minha cabeça feito um sino. Lembrei de Mariana e meus pensamentos perderam-se nela e nas coisas que ela jamais voltaria a me dizer. Era a saudade batendo ponto na manhã de sábado.

Desde o enterro, eu havia parado completamente de acompanhar as buscas dos corpos. Decidi não associar a partida de Mariana a uma ideia trágica. Queria poder lembrar dela do jeito que ela era, feliz e vibrante, sem a penúria da espera angustiante. Portanto, toda vez que o noticiário informava sobre o acidente, eu mudava de canal. Toda vez que alguém puxava o assunto, eu desconversava. Mas muito embora evitasse, eu sabia muito bem que o corpo de Mariana ainda não havia sido encontrado.

Era tão esquisito pensar em Mariana como um corpo.

Aliás, essa era justamente a questão que martelava na minha cabeça. Eu podia aceitar o fato de que Mariana não havia sobrevivido, podia compreender que o corpo dela havia se desintegrado, mas e quanto às suas vontades, seus sonhos, sua alegria, sua personalidade, seu jeito de enxergar possibilidades? Essas coisas não poderiam simplesmente ter sumido, poderiam? Pois é. Em algum canto tinham que estar.

Abri os olhos e a imensidão de céu azul quase me engoliu. Meu pai já havia voltado do mar e eu nem tinha percebido.

- Eu gosto de olhar para o céu... – falei, com os olhos perdidos no azul mágico. – Lá em

Londres, mesmo em dia de chuva eu passo um tempão olhando para cima.

Jonas sacudiu o cabelo molhado, sentou-se junto a mim, inclinou o corpo para trás, apoiou os cotovelos na areia e olhou para o alto, na mesma direção que eu.

- É que você não tem uma filha comissária de bordo. – opinou – Se tivesse, você olharia para o céu e pensaria: Onde será que ela está agora...?

Houve uma mudança sutil em sua expressão, que poderia ter sido um brilho nos olhos. Depois, ele virou-se para o lado, jogou a camisa nos ombros e abraçou os joelhos como se não tivesse dito nada demais. Era o jeito do meu pai, sempre camuflando a mais ínfima demonstração de afeto.

Eu, ao contrário, não camuflava nada e, descaradamente, me pus a olhar para o rosto dele tentando achar nossas similaridades. Os olhos amendoados eu havia herdado da minha mãe, mas o nariz pontudo talvez eu tivesse puxado dele – sem contar, é claro, a simpatia pelo álcool. – Então, esse pensamento me trouxe uma intuição. O aspecto saudável e a atitude decidida de Jonas deviam fazer muito sucesso entre as mulheres. Que tipo de mulher Jonas atraía? Seriam mulheres de trinta como eu ou mulheres mais maduras como ele? Elegantes ou esportivas? Frágeis ou decididas?

- Quem é Suzana? – perguntei na lata.

A gargalhada de Jonas foi o maior indício de que eu o deixara sem graça. Na certa não esperava que eu fosse tão enxerida.

- De onde você tirou esse nome?

- Ouvi você falando no telefone. – afirmei com a cara mais lavada.

- Meu Deus, você é terrível!

Sem que eu pudesse entender exatamente o porquê, Jonas ficara visivelmente tímido. Eu, por minha vez, vi naquela conversa a chance de entender melhor questões que jamais compreendi.

- Você nunca conseguiu esquecer minha mãe, não é? – toquei na ferida.

- Sua mãe não me largou, Bia – meu pai afirmou sem traumas – Ela tá comigo sempre.

- Então você acha que ela tá aqui agora?

- Aqui? Agora? – Jonas repetiu para certificar-se da minha pergunta – Não tenho a menor dúvida.

Será?, perguntei-me. Eu gostaria tanto de poder acreditar que sim...

Então fez-se uma pequena pausa e ele prosseguiu.

- Com o passar dos anos, você tá ficando a cara dela, sabia?

Acho que Jonas associava minha mãe à qualquer situação de carinho em que se visse envolvido. Desde o início, eu sabia que não avançaríamos muito sem que ele trouxesse sua paixão sufocada à tona. Isso não me incomodava. Ao contrário, por não ter convivido tanto com Dona Beatriz, me interessava muito histórias sobre ela. Fotografias eu já tinha visto todas, mas detalhes sobre sua personalidade, gostos e opiniões sempre haviam a serem descobertos.

- Beatriz era especial... – ele afirmou com os olhos brilhando de devoção – Não foi fácil convencer seu avô, aquela praga, que Deus o tenha, a me casar com sua mãe. Eu não tinha muito tempo porque a cada ano a Aeronáutica mandava seu avô para um canto diferente e eu tinha medo de que um dia ela fosse embora de vez.

- Mas, Jonas, vocês só tinham dezoito anos! – eu achava esse detalhe incrível – Mal tinham como se sustentar.

- Pois é. – ele reconheceu – Naquela época, eu já estava jogando aqui no Rio. Não ganhava a grana que os jogadores de hoje em dia ganham, mas tinha um dinheiro guardado que dava para dar de entrada numa casa. Além disso, tinha outros caras fechando o cerco em cima dela e a qualquer momento seu avô poderia se mudar para um interior desses da vida... Eu queria Beatriz mais que qualquer outra coisa na vida e sabia que ela também me queria.

- E foi então que vocês se casaram? – eu já conhecia a estória de trás para frente, mas adorava ouvi-la na mesma proporção que Jonas adorava contá-la. Talvez, eu fosse a única pessoa no mundo com quem ele ainda pudesse dividir esses detalhes.

- Foi. Mas não pense que foi de qualquer maneira não. Fiz tudo direitinho, como manda o figurino. No papel e na igreja. – Suspeitei que Jonas não remexia nessas lembranças há séculos – E depois de um ano ela ficou grávida de você.

Jonas fez um silêncio repleto de saudade, como se revivesse a narrativa.

Assim que ele deu uma brecha, indaguei:

- Pai, você era tão novo... por que não conheceu outra pessoa?

Jonas olhou-me com olhar desafiador.

- Quem disse que eu não conheci? Eu conheci um monte de “pessoas” – sua expressão então ganhou um tom malicioso – Você não faz nem ideia de quantas “pessoas” conheci.

- Então quem é Suzana. – segurei o riso.

- Me respeita, garota, eu sou seu pai!

Como um bom espécime da classe masculina, Jonas me enrolou e não abriu o jogo. Mas eu não me fiz de rogada e continuei a abordagem até que de repente fomos interrompidos.

- Barbaridade..! Olha só quem está na praia, tchê!

Viramo-nos para trás e demos de cara com Chima. Vê-lo de camiseta e sunga de banho, descontraído e fora do contexto do caos foi reconfortante.

Só não foi melhor porque logo atrás dele, de shortinho e camiseta, vinha Raquel.

- Como vai, Bia?

- Muito bem, obrigada. E você, Raquel?

- Igualmente.

Mais formal e frio que o nosso cumprimento, só se tivéssemos numa reunião de negócios na Finlândia.

Durante todo o tempo que passei com Chima em Brasília, não toquei no nome de Raquel. Não por raiva ou ressentimento. Era vergonha mesmo. No auge da minha infelicidade culpei-a por uma situação em que não havia culpados. Fui injusta, imatura e desequilibrada, assumo. Porém, fazia tanto tempo e a coisa já estava tão sepultada que não dava mais para desenterrar a amizade falecida. Melhor deixar tudo como estava mesmo e seguir em frente cinicamente, como se nada tivesse acontecido.

Então, como parte de um acordo tácito, eu e Raquel simplesmente ignoramos o fato de que um dia fomos grandes amigas a ponto de trocar as mais íntimas confidências e passamos a fingir com toda convicção que éramos duas estranhas que mal se conheciam.

Me senti muito esquisita agindo assim.

Tirando os pêsames pela morte de Mariana, ela não me dirigiu a palavra. Eu, tampouco, perguntei como fora o casamento. Enquanto Chima e meu pai conversavam como velhos amigos – sobre futebol, naturalmente – nós tentamos desesperadamente nos incluir na conversa deles para nos livrar da saia justa de ter que agir amistosamente uma com a outra.

Num belo momento, Chima e meu pai inventaram de jogar futevôlei.

Instantaneamente, eu e Raquel pressentimos o mesmo perigo: Nós duas a sós. Ligeiramente aflita, Raquel tentou a todo custo arrastar Chima da praia, alegando que eles precisavam passar no mecânico para ver o carro na revisão.

- Tu queres ir ao mecânico agora? – Chima questionou surpreso – Bah...essa é boa!

Mesmo assim a coitada insistiu. Até eu dei uma força, lembrando que no sábado as oficinas mecânicas fechavam mais cedo. Mas não colou.

Sob a alegação de que seria apenas uma “partidinha”, eu e Raquel ficamos a ver navios enquanto eles seguiram em direção à rede na maior empolgação.

Tudo bem, já fiz coisas bem mais difíceis na vida, garanti a mim mesma, completamente sem graça pelo embaraço da situação. O clima era tão chato quanto uma etiqueta pinicando na roupa apertada. Algo invisível, porém presente e incômodo.

Para nossa sorte, um ambulante passou vendendo jornais. Num ato de libertação e desespero, nós duas acenamos desorientadas.

- Me vê um jornal, por favor, moço?

- Um para mim também!

- Só tenho O Globo, O Dia acabou.

- Tudo bem.

- Vai ser um só então?

- Não, dois.

- Vocês vão comprar dois jornais iguais? – o jornaleiro questionou intrigado.

- Exatamente.

Pela primeira vez na vida li todo o caderno de esporte e de economia. Isso porque eu já tinha conferido o segundo caderno, a revista da tevê, os anúncios fúnebres e os classificados. Para nossa desesperança, a “partidinha” de futevôlei ganhara novos adeptos e não estava com a menor cara de terminar.

Embora Raquel tenha armado sua cadeira de praia, estrategicamente, a uma certa distância de mim, o tiro saiu pela culatra porque vez ou outra nossos olhares se cruzavam e éramos obrigadas a disfarçar o mal estar com sorrisinhos falsos e cretinos.

Num dado momento, o cinismo tornou-se tão absurdamente desagradável que não deu mais para continuar.

- Bia, eu preciso te falar uma coisa... – Raquel tomou a iniciativa, jogando o jornal de lado.

- Ótimo porque eu também preciso te falar uma coisa. – juro que não ia dizer nada, mas já que ela puxara o assunto...

- Fala você primeiro.

- Não, você começou.

- Pode falar. – ela insistiu.

- Tudo bem, eu falo então. – respirei fundo – Queria dizer que tô morrendo de vergonha por estar agindo dessa maneira infantil e ridícula, como se não te conhecesse.

Notei que Raquel tinha no rosto uma expressão meio estranha, meio contorcida, talvez um pouco emocionada. Isso me encorajou.

- Eu queria pedir desculpa por aquele dia ao telefone e... – a vergonha rachou minha cara – Também por ter xingado sua irmã. Naquela época, eu não andava com a cabeça no lugar.

Com a voz falhada, Raquel disparou:

- Posso te dar um abraço?

Óbvio que podia.

Aliás, abraçá-la me fez sentir incrivelmente melhor, uma sensação de leveza e tranquilidade. Não que eu convivesse com o remorso de termos rompido a amizade, mas talvez por reflexo das últimas experiências, expor minha humildade me fez sentir nobre

- Você sabe que Arthur terminou com a minha irmã? – ela questionou.

- Sei sim. – seria muita falsidade fazer cara de surpresa e fingir desconhecimento.

- Arthur foi lá em Londres te procurar, não foi?

- Foi – admiti.

- Eu sabia! Ele jurou que não tinha ido, mas eu sabia! – Raquel exclamou com rancor – Eu é que devia ter ido acompanhar o cliente na assinatura dos contratos lá em Londres, porque o caso era meu. – queixou-se – Mas como sempre Arthur deu um jeito de manipular as coisas e eu fui afastada do caso, só para ele ter uma desculpa para ir a Londres.

Não fiz nenhum comentário e mantive no rosto a expressão impávida.

- Minha irmã está arrasada, Bia. – Raquel não escondeu o desapontamento – Arthur sumiu do nada exatamente como fez com você. Só que todo mundo já sabe que ele tá te procurando. – afirmou com honestidade – Inclusive Ruth.

Eu entendia perfeitamente que Raquel tomasse as dores da irmã, mas entendia melhor ainda o pesadelo que Ruth devia estar vivendo, coitada.

- Vocês vão voltar? – Raquel pareceu interessada – Pode falar a verdade.

- Nunca! – a possibilidade me soou como um total absurdo – Eu tenho um namorado lá em Londres, – fiz uma pausa e pensei melhor – quer dizer, nem sei se tenho mais... Mas de qualquer forma, reatar com Arthur está fora de cogitação.

- Sério? – Raquel ficou impressionada com tanta convicção. Acho que até eu fiquei. – Você namora um inglês?

- Não. Ele é Australiano.

Então, nossa conversa ganhou uma dinâmica mais leve, intimista e colorida, exatamente como sempre fora.

- Bia, eu quero saber todos os detalhes da sua vida lá em Londres porque eu passei esses meses todos fuçando o seu facebook e você não postou nenhuma foto, sua bandida! – Raquel disse eufórica.

- Não, não. – recusei-me – Só falo depois que você me contar tudo sobre sua festa de casamento!

Foi muito engraçado quando duas horas depois, Chima e Jonas voltaram e nós tentamos convencê-los a jogar mais uma “partidinha”.

- Mas meu braço está tri dolorido... – Chima reclamou.

- Joga futebol. – Raquel recomendou.

- Tô sentindo umas fsgadas na coxa também...

- Então joga xadrez. – sugeriu Raquel.

- Mas, Raquel, tu não falaste que querias passar no mecânico?

- A gente pode passar na segunda.

- Claro! – Chima debochou – Daí na segunda-feira tu trabalhas e a responsabilidade sobra para quem está de folga: Eu. – reclamou – Não senhora, o carro é teu.

Muito a contragosto, Raquel saiu da praia arrastada, mas não sem antes prometer aparecer lá em casa no final da tarde com o vídeo e as fotos do casamento para assistirmos juntas.

Eu, particularmente, achava que poucas coisas na vida eram tão chatas quanto assistir vídeo de casamento. Mais chato que vídeo de casamento, só vídeo de formatura. Mas no caso de Raquel, eu estava disposta ao sacrifício porque sabia o quanto era importante para ela.

- Tô te esperando lá em casa mais tarde.

- Eu apareço. – ela garantiu.

Quando nossas vistas já não podiam mais enxergar Chima e Raquel misturados às pessoas no calçadão, meu pai quis saber:

- Qual era a encrenca entre você e essa moça?

Então fitei Jonas e sua expressão questionadora por alguns segundos e disparei com ar severo.

- Me conta quem é Suzana que eu te falo.

55.

Assim que cheguei ao meu prédio, Joselito esticou o pescoço comprido para fora da portaria e me chamou.

- Dona Bia! – ele veio, abanando um monte de correspondências na minha direção – Tem umas cartas aqui para o apartamento da senhora.

Peguei o bolinho de correspondências envolvido num elástico e separei as minhas. A maioria era para Arthur.

- Obrigada. – disse, entregando a Joselito as cartas que não me pertenciam. – Essas daqui são do falecido. – brinquei.

Eu e meu pai seguimos então na direção dos elevadores e quando dei por mim, Joselito vinha atrás de nós com os olhos arregalados.

- Desculpa importuná-la, Dona Bia. – disse Joselito assustado – Mas aquele rapaz que vinha aí de vez em quando no apartamento da senhora foi para a glória? – nem sempre eu compreendia as expressões idiomáticas que ele empregava – Aquele rapaz morreu, Dona Bia?

- Só para mim, Joselito. Só para mim.

No entanto, a conversa sobre defuntos veio bem a calhar porque lembrei-me da aparição

fantasmagórica de Arthur na noite anterior e me dei conta de que certamente Joselito poderia ajudar.

- Joselito, como é aquele lance do seu CD mesmo, heim? Eu queria saber se funciona para qualquer tipo de encosto.

Então, Joselito derramou sobre nós todo seu profundo conhecimento sobre forças ocultas e eu me convenci tão completamente que aproveitei a promoção e levei dois CDs por R\$ 20,00 só para garantir – O “Bonde de Jê” e o “Glória três vezes” do grupo de pagode gospel SPA – Só Para Abençoar, que Joselito estava empresariando.

Meu pai não entendeu muito bem, mas no embalo da lavagem cerebral também comprou um CD, o “Ora que melhora” do Pastor Cleobaldo Malaquias.

Para minha sorte, Jonas se ofereceu a fazer o almoço. Portanto, ao sair do banho, minha única tarefa era botar a mesa e temperar a salada.

Fácil, não?

Seria, se eu não tivesse atendido o telefone.

- Como você disse que ia ligar e não ligou, eu tô ligando! – nesses termos, nem preciso dizer que era Arthur, preciso? – Qual é o seu problema, Bia? Por que é tão difícil para você falar da gente?

Não era difícil, era chato.

- Arthur, não faz nem doze horas que te vi! – argumentei desanimada.

- Eu não vou tomar seu tempo, pode ficar tranquila. – entendi que o telefonema iria ser bem mais longo do que eu imaginara – Só estou ligando porque tomei uma decisão.

- Ok.

Fez-se uma pausa de três segundos e ele voltou ao ataque.

- Você não vai perguntar qual foi a decisão?

- Eu devo saber?

- Deve! – Arthur afirmou autoritário – Vou voltar para Ruth.

Eu não tinha a menor ideia do que ele esperava que eu dissesse, então falei a primeira coisa que me veio à cabeça.

- Legal.

- Não é apenas “legal”, é MUITO legal, sabe por que? – ele nem esperou minha reação – Porque ela não é tola e deslumbrada como você!

Pouco me importava a opinião dele, mas achei que o momento era bem propício para a pergunta que não queria calar:

- Então você pensou sobre comprar minha parte no apartamento?

- Que inferno, Bia! Será que você só pensa nisso? – vociferou – Como você é materialista!

Nesse instante, meu pai chegou à sala e eu fiquei completamente sem graça. Tive vergonha que ele percebesse a maneira grosseria como eu estava sendo tratada por um homem.

- Eu... hum... preciso desligar agora, tá? – falei com toda a educação.

- Nem pense em desligar esse telefone, tá ouvindo?

- Eu tenho que ir... – repeti tão baixinho que nem sei se ele me ouviu.

- Não seja ridícula, Bia! – Arthur gritou atropelando a minha fala. – Eu tô falando sério!

O rosto pegando fogo e a voz esganiçada me entregaram. Jonas não tinha nascido ontem e deduziu tudo. Compreendeu que a pessoa do outro lado, um homem provavelmente, estava me esculhambando e eu, disfarçadamente, tentando não deixar que ele percebesse. Fiquei tão constrangida, que simplesmente desliguei e mal consegui olhar para o meu pai.

Menos de um minuto depois o telefone voltou a tocar. Meu primeiro reflexo foi ignorar porque embora pudesse ser qualquer pessoa, 99,99% das chances apontavam para Arthur.

Então, fui à cozinha, peguei uma toalha, estendi sobre a mesa, abri a gaveta, peguei os talheres, abri o armário, peguei dois pratos, dois copos e alguns guardanapos. Depois, levei tudo para a sala e comecei a arrumar a mesa do almoço, fingindo que não ouvia o toque estridente do telefone. Jonas no meio da sala, pareceu subitamente interessado na minha reação.

Olhei para ele completamente desolada. Eu me arrependia amargamente das noites em claro que passei desejando um telefonema de Arthur, tornara-me vítima da minha própria inconsequência ao implorar o universo por um sinal de Arthur. Se tivesse sido mais cuidadosa e pensado que os meus pedidos podiam realmente se realizar, não estaria vivendo situação tão incômoda.

- Você acredita que eu já rezei por um telefonema desse cara? – eu mal podia acreditar – Agora eu rezaria uma missa para ele me esquecer!

- Mas a melhor forma de enfrentar um problema é encarando-o de frente, você sabe disso.

É verdade, eu sabia.

E foi acreditando nessa máxima que cruzei a sala e apertei o botão do play. (bem, confesso também que havia uma forte esperança de que pudesse ser Dyllan retornando um dos milhões de recados que eu deixara na noite anterior)

- Amor? – Dyllan jamais me chamaria de “amor”.

- Fala Arthur – murchei na hora.

- Eu fui horrível com você agora há pouco. – o tom de coitadinho que ele emprestou a sua voz me irritou profundamente – passa uma borracha em tudo o que eu disse, tá?

Impressionante como uma pessoa que um dia foi tão especial pode de repente transformar-se em alguém tão desagradável.

Respirei fundo para buscar paciência no além e abstraí o fato de que Jonas presenciava a cena.

- Arthur, olha só, você não tem o direito de ligar para cá e ser desagradável comigo, entendeu?

Do outro lado, ele expirou o ar com tanta força que eu tive de afastar o telefone do ouvido para não ficar surda.

- Eu estou ligando para a MINHA casa!

- Sua não, NOSSA! – corrigi.

- Você acha que vai voltar para Londres e o gringo vai estar te esperando, não acha? – Arthur provocou.

- Não te interessa o que eu acho.

No momento em que pensei em bater o telefone, Arthur foi mais rápido.

- Eu gostaria que a gente pudesse pelo menos continuar sendo amigos. Vou aí para a gente

conversar melhor.

- Por favor, não venha.

- Bia, eu gosto de você e sei que você também gosta de mim. Se a gente não resolver isso agora, depois pode ser tarde demais.

Sinceramente, não sei onde Arthur escondia tanta arrogância e prepotência.

- Escuta, vou te falar pela última vez: Foi bom enquanto foi, mas já era. Eu tô voltando para Londres na quinta-feira e de você só quero uma coisa: Resolver a situação desse apartamento.

- Eu quero ver você falar isso na minha cara. Eu vou aí!

- Por favor, não venha! – desliguei.

Na sequência, interfonei para a portaria.

- Paz do senhor! – Joselito atendeu.

- Joselito, sou eu, Bia.

- Eu sei, dona Bia, eu vejo o número dos apartamentos aqui no identificador de chamadas.

- Ah tá. Escuta uma coisa: Eu vou receber a visita de uns amigos mais tarde. Você pode mandar subir direto. Mas se o Sr. Arthur aparecer aqui diz que eu não estou, ok? De maneira nenhuma deixe-o subir. Se ele insistir, você me liga imediatamente.

- Copiado e firme na rocha.

- Ok – seja lá o que isso venha ser.

Então, depois do almoço, – frango grelhado com salada e arroz, especialidade do Jonas – fiz um comentário indecoroso.

- Preciso de um homem, pai!

Jonas captou a mensagem e com toda sua sabedoria perguntou:

- Para consertar, desentupir ou pregar o quê?

Quase isso. Eu precisava tirar de cima do armário a caixa de fotos antigas para levar para Londres.

Então eu e Jonas passamos a tarde remexendo em fotos e dando gargalhadas dos cortes de cabelo dos anos oitenta.

- Olha só para isso! – ele pegou uma das fotos mais medonhas. Era uma foto minha e de Mariana vestidas de havaianas num carnaval em Cabo Frio. Devíamos ter uns doze ou treze anos. Naquele verão, eu e Mariana cismamos de copiar o corte de cabelo do Yahoo, mas no nosso cabelo ondulado ficamos a cara do Caramelo, o poodle da tia Marta.

Eram fotografias deliciosamente vexatórias. Ombreiras, tênis bamba, festinha americana, vestido trapézio, camisas pichadas no último dia de aula, boinas, show do Bon Jovi no Maracanã, festas de quinze anos das amigas, blocos de carnaval, primeiros namorados... Mariana estava em praticamente todas as fotos, mas apesar da saudade dilacerante, eu ri mais do que chorei.

- Puxa, pai... Olha essa! – disse, fungando e rindo ao mesmo tempo. Era eu e Mariana naquele mesmo carnaval, usando uma bandana rosa fluorescente da Pakalolo. A mão direita segurava uma pranchinha de morey boogie, a esquerda fazia o símbolo de hang loose para a câmera. Era a nossa fase surfista, com cabelo de poodle. – Você, na qualidade de pai, tem uma parcela de

culpa pelo equívoco do meu corte de cabelo, não acha?

- Sinto muito, filha, mas nessa época eu estava enfrentando sérios problemas com o alcoolismo. Se o seu cabelo tivesse ficado por minha conta, talvez seu trauma tivesse sido ainda maior.

Dei uma risada com vontade, Jonas deu outra, meio sem graça. Eu, porém, achei que havia algo de muito engraçado na falta de jeito dele. Então, minha risada transformou-se numa gargalhada. Eu olhava para a foto, o meu cabelo medonho, depois olhava para a cara de Jonas e seu sorriso meio culpado. Não consegui parar de rir. Me joguei na cama, com a foto na mão. Minha barriga doía, minhas bochechas ardiam, eu tentava falar, mas a crise de bobeira não permitia. Era tudo muito, muito, muito ridiculamente engraçado.

Pelo menos para mim.

Quando finalmente consegui recuperar o fôlego para relembrar meu pai o corte asa-delta que ele ostentava na época, o interfone tocou. Saí correndo pelo corredor e o deixei protestando sozinho.

Devem ser Raquel e Chima!, gritei da sala. Porque eu estava num clima tão harmônico que me recusei a acreditar que Arthur tivesse a cara de pau de aparecer.

- Sua visita chegou, Dona Bia, já mandei subir.

- Valeu, Joselito! – agradei.

Deixei a porta da sala aberta e corri de volta ao quarto, onde Jonas continuava entretido com as fotos.

- Eles chegaram! – avisei a Jonas – Ah... vê se pelo menos disfarça o fruto do roubo porque dá para ver as fotos caindo aí do seu bolso, pai.

Obviamente eu não me importava.

Ele resmungou qualquer coisa, mas eu dei de ombros porque ouvi o barulho do elevador chegando no andar e corri para a sala.

- Nem ouse aparecer aqui na sala mostrando essas fotos, ouviu? – ameacei de longe.

Como é que eu explico o que aconteceu a partir de então? Bom, vamos lá...

- Dyllan! – meu coração deu um solavanco ao vê-lo surgir pela porta.

A sala entrou em erupção. O chão – ou talvez, as minhas pernas – começou a tremer. Entretanto, juro por Deus que vê-lo ali não foi exatamente uma surpresa porque essa remota possibilidade já havia me passado pela cabeça, eu só não levei fé que ele, falando apenas duas palavras de português, beijo e barriga, fosse conseguir me achar numa cidade tão grande como o Rio de Janeiro.

Meu cérebro levou alguns milésimos de segundos para processar a imagem dele com as bochechas mais coradas pelo calor, ali tão perto, depois de eu ter passado os últimos dias desesperada atrás dele. De camisa branca, bermuda cargo e tênis, ele estava irresistivelmente lindo, mas engoli o suspiro porque não identifiquei nele a descontração de sempre. No lugar da alegria ele ostentava uma seriedade tensa.

- Cheguei ontem. – ele abriu a boca e eu percebi que estava ansioso. – Estou hospedado num hotel lá em Laranjadas.

- Laranjeiras. – corriji. Em outro contexto eu teria achado graça, mas o tom dele era tão seco e frio que me deixei contagiar pela tensão.

- Desculpe vir sem avisar, mas você não deu notícias então...

Uma voz ao fundo impediu que ele completasse o pensamento.

- Boa tarde. – disse meu pai chegando à sala, muito cabreiro por dar de cara com um homem desconhecido, falando inglês. Ele coçou o queixo numa prova inequívoca de que, como diria Olli, não estava entendendo xongas.

A expressão de Dyllan – que já era péssima – desfigurou-se automaticamente no momento em que ele bateu os olhos em Jonas. Naturalmente que o meu pai não tinha a menor cara de pai. Sem camisa então... Estava muito longe da ideia "senhor distinto" que se esperava de um pai de família e foi exatamente essa mensagem equivocada que Dyllan captou.

- Pelo visto tô atrapalhando, né? – Dava para ver o decepção e a raiva transcenderem o olhar dele – Aliás, eu não sei onde eu estava com a cabeça quando resolvi vir aqui... – disse ignorando Jonas solenemente, virando as costas e partindo.

- Dyllan! – chamei-o de volta – Posso te apresentar meu pai? – apressei-me.

Ele arregalou os olhos, mortificado. Gaguejou mil palavras para tentar disfarçar a gafe indisfarçável de ter insinuado que meu pai fosse meu amante.

- Quem é esse cara aí, Bia? – Jonas perguntou com voz grossa e cara de poucos amigos.

- Esse é o... humm... Dyllan... o cara australiano que eu te falei, lembra?

Jonas entendeu tudo na hora, o que não era necessariamente bom.

- Ah... então é esse aí o malandro? – meu pai disse pausadamente, com o peito estufado e a cabeça balançando. Dyllan, mesmo sem falar português, compreendeu o lance e também se inflou. Quem visse de fora, jurava que eram dois mafiosos de quadrilhas rivais.

Jonas não era um ogro, mas, sendo franca, também não era nenhum modelo de boas maneiras. Meu pai era um atleta, um homem expansivo, acostumado a lidar com limites. Gentilezas e amabilidades não tinham muito espaço em seu modo de agir.

- Gladi tu miti you. – Foi praticamente falando português que papai cumprimentou Dyllan em inglês, estendendo-lhe a mão direita.

Ao que Dyllan retribuiu com um forte aperto de mãos ornamentado por um sorriso de menino de boa família.

- It`s a pleasure, Sir!

- Bia, traduz umas coisas aí para mim. – Jonas me pediu sem tirar os olhos de Dyllan que por sua vez manteve-se firme.

- Jonas, olha lá o que você vai falar... – sussurrei para o meu pai, tentando não aparentar aflição, mas ele não estava nem aí para as minhas recomendações.

- Fala para esse camarada aí que você é minha única filha e a única pessoa que eu tenho nessa porra de vida. – disse com autoridade.

- Ele sabe disso, pai. – falei evitando o olhar questionador de Dyllan, ávido pela tradução.

- Traduz logo, Beatriz! – ordenou, chamando-me pelo meu nome, o que nunca é bom sinal para quem tem apelidos.

Eu não podia traduzir uma coisa daquelas até porque nem sabia o que Dyllan fora me dizer.

Mas a expressão curiosa dele me forçava a dizer qualquer coisa. Eu precisava de uma boa ideia e rápido.

- Hum... hum... – pigarreei – Meu pai está dizendo que... hum... – pigarreei novamente – está muito feliz por você estar aqui conosco! – inventei qualquer coisa em inglês.

Dyllan então abriu um sorriso cativante e falou:

- Diga a ele que é uma honra.

- Ele está dizendo que é uma grande honra te conhecer, pai. – traduzi para Jonas, forçando um pouco a barra, na esperança de que palavras amistosas lhe adoçassem.

- Bom para ele. – Jonas respondeu, estufando-se ainda mais – Agora fala para ele ficar esperto porque se eu souber que ele fez alguma coisa errada. Qualquer coisinha. Eu arrebento a cara dele.

Só Deus sabe o quanto desejei ser um avestruz naquele momento.

- Por favor, vamos manter a linha, Jonas. – sussurrei entre dentes parecendo um ventríloquo. De maneira nenhuma eu queria que Dyllan percebesse que tínhamos ali uma conversa paralela.

- Anda logo, Beatriz! – vociferou – Mas fala assim, exatamente do jeito que eu tô falando.

Era basicamente uma ameaça o que Jonas queria que eu traduzisse. Só no mundo do meu pai mesmo... Eu não ia falar uma coisa daquelas nem amarrada. Principalmente naquele contexto, com a minha batata assando.

A situação ficou insustentável quando Dyllan me cobrou a tradução e eu me enrolei toda para explicar, havia perdido completamente a capacidade de inventar uma boa mentira.

- Hum... meu pai... espera que... – pensa rápido, Bia, pensa rápido – Hum... meu pai, na verdade... espera que você goste do Brasil e também que faça uma boa viagem de volta. É isso.

- Thank you very much! – Dyllan agradeceu.

- Ele está agradecendo, pai. – apressei-me em esclarecer.

- Eu sei. “Thank you very much” eu entendo, né?! – murmurou meu pai – Ele já tá avisado então?

- Sim, avisadíssimo. – concordei torcendo para que Jonas desse logo o fora dali.

- Vou dar um pulo no Horta então. – disse meu pai tirando finalmente os olhos de Dyllan e voltando-os para mim – Para esse camarada ter vindo de tão longe, deve ter algo de importante para dizer. – Jonas fez um leve meneio com a cabeça – Vou lá dentro botar uma camisa.

Ufa! Foi com alívio que assisti Jonas desaparecer pelo corredor. Então, voltei-me para Dyllan e reparei que ele parecia ainda mais bronzeado. E mais bonito. E mais sexy. Tão irresistível que enfiei as mãos no bolso do meu short jeans para não sucumbir à vontade suicida de tocá-lo. Apertei as mãos com tanta força que senti minhas unhas cravarem na palma da mão. Eu nem precisava beijá-lo, juro, só o cheiro e a sensação quentinha de seu abraço já me bastariam.

Entretanto, não havia o menor clima para isso.

- Você tem certeza que traduziu corretamente tudo o que seu pai falou? – Dyllan perguntou-me assim que Jonas saiu de cena.

- Tenho. – garanti na defensiva. – Por que?

- Porque a expressão dele não me dizia nada do que você disse. – explicou-me.

- Impressão sua. – descartei totalmente sem graça.

Dyllan inclinou a cabeça para o lado, torceu os lábios e disse com ar distraído:

- Seu pai deve ser um cara diferente então.

- Por que? – fiquei curiosa.

- Eu esperava ouvir alguma coisa como “muito cuidado ou eu lhe arranco os dentes!” ou quem sabe “vacila só para ver se eu não te quebro as pernas!” – falou divertido – Bom, pelo menos foi isso o que ouvi de todos os pais de mulheres bonitas que já conheci até hoje.

- Bom, neste caso...

Rimos um sorriso super estranho, meio tímido, meio falso, mas acima de tudo nervoso. O elogio quebrou um pouco o clima, mas seria imprudente interpretá-lo como um bom sinal, porque a expressão de Dyllan continuava carregada e a tensão ainda era forte. Talvez fosse por termos tanto o que falar e estarmos discutindo algo completamente irrelevante.

- Eu não sabia que seu pai era tão novo. – disse com a voz grave.

- Ele só é vinte e um anos mais velho que eu. – esclareci.

Falando nele, para meu pesadelo Jonas reapareceu na sala.

- Tem mais uma coisa que eu quero que você traduza para ele, Bia. – disse Jonas encarando Dyllan. Meu rosto corou. – Fala para ele que para gente se entender cem por cento, eu acho bom ele virar flamenguista.

- Ele já é, pai. – mantive o rosto sem expressão.

E Dyllan perdeu essa tradução, porque recusei-me a fazer.

- Ótimo. – Jonas se despediu de mim com um beijo na testa e para Dyllan, sobrou um tapa nas costas que quase lhe deslocou a clavícula.

Então, quando a porta bateu atrás de Jonas, restaram apenas eu, Dyllan e um monte de coisas por dizer. Detestei o silêncio que se formou. Era Dyllan ali na minha frente, uma pessoa da minha total intimidade, o homem que eu amava desesperadamente, com quem há dias eu desejava falar. Porém, agora me apavorava o fato de que ele estivesse chateado demais para me perdoar. Meu coração se apertou de medo. Eu o conhecia suficientemente bem para saber que ele era capaz daquela viagem só para botar um ponto final na nossa relação e tocar a própria vida em frente.

Em fração de segundos, milhões de possibilidades me passaram pela cabeça, mas nenhuma muito otimista.

- Eu te liguei. – afirmei baixinho e apreensiva.

Dyllan me lançou um olhar tão fulminante que até o meu fígado doeu.

- Não se preocupe, eu não vim te pedir nenhuma explicação. – disse sombrio.

Pronto. Agora era fato. Ele não estava disposto a me perdoar. Fiquei zozona, perdi o chão completamente.

Ele prosseguiu:

- De qualquer forma, acho que esse tipo de coisa não se fala pelo telefone. – Dyllan me torturou mais um pouco – Por isso eu vim pessoalmente.

Esbocei um pedido de desculpas, mas eu estava tão nervosa que tive medo de não segurar a onda. Fosse o que fosse, eu precisava ser forte.

- Eu consegui o seu endereço numas correspondências que você deixou lá em casa. Desculpa

ter mexido nas suas coisas, mas foi a única forma que encontrei. – Não era o Dyllan de sempre e isso fez aumentar ainda mais minha agonia. – Também te mandei alguns e-mails, mas você não respondeu. Falei com Olli, Pá e ninguém tinha notícias suas. Liguei para o serviço telefônico aqui no Brasil, mas ninguém quis me dar o seu número, é claro, afinal eu sou o que seu? Namorado? Como é que uma pessoa liga para o serviço telefônico para pedir o telefone da namorada? – deu para ver que ele estava muito magoado comigo.

Pior que a morte lenta de saber o que me aguardava, era a sensação de vê-lo chateado. Isso era péssimo. Eu jamais me perdoaria.

- Me desculpa, Dyllan! – eu estava na verdade implorando o seu perdão – Eu posso te explicar tudo.

O problema é que ele não parecia querer ouvir.

- Escuta, Bia, eu sei muito bem que aquele cara lá na sua casa era o... era o... era o Arthur – disse querendo não ter dito o nome dele – Eu não sou idiota! É claro que eu faço uma ideia do que esse cara quer indo atrás de você lá em Londres porque... – ele não terminou.

Do nada, Dyllan parou e ficou completamente mudo. Então passou as mãos no cabelo, olhou para o lado, respirou fundo, mordeu o lábio e recuou. Eu não sabia o que esperar nos quinze tensos segundos que se seguiram.

– Esquece, não é nada disso. – ele voltou atrás, me deixando sem entender nada – Esquece tudo o que eu falei!

Então houve outra mudez, outra passada de mão no cabelo, outra olhada para o lado, outra respirada funda e uma mordida aflita na ponta do lábio inferior. Finalmente Dyllan continuou:

– Enfim, Bia, eu vim até aqui te mostrar que eu também tô no páreo. Se esse cara foi até lá te dizer que quer você de volta, eu vim aqui dizer que eu também quero. – declarou decidido – Se você disser que eu tenho alguma chance, é claro. – ponderou – Se eu tiver, Bia, você pode marcar o duelo porque minha espada tá aqui no bolso e o cavalo branco eu estacionei lá embaixo.

Eu não sabia se ria ou se chorava de alívio.

- Você entendeu tudo errado.

- Como assim?

- Eu nunca tive a intenção de esconder de você que aquele era Arthur, eu só...

- Ele mora aqui, não mora? – Dyllan interrompeu-me, senti que a pergunta estava entalada com ele.

- Não mora mais. – garanti, entendendo exatamente onde ele queria chegar – Eu não faria isso, Dyllan.

- Mas no seu aniversário você fez! – acusou-me cheio de mágoa, porém no instante seguinte pareceu ligeiramente perturbado e arrependido – Foi mal. Eu não disse essa estupidez.

- Da maneira que você fala, parece que eu fiz uma escolha. – me defendi – Não foi assim.

Houve uma pequena pausa, porque certamente era daquele jeito que Dyllan via as coisas, mas obviamente não admitiria isso.

- Eu me senti o maior otário do planeta quando você me pediu para sair da sala. – desabafou – Talvez tenha sido loucura vir até aqui, mas eu precisava saber.

- Eu só te pedi para conversar com ele. – esclareci. – Só isso.

- Eu não vim falar disso. – desconversou – Só quero saber como é que vai ficar agora.

Por mais que ele não quisesse tocar no assunto, era importante para minha consciência deixar tudo claro. Então eu insisti:

- Depois que ele foi embora, eu fui no seu apartamento, mas você não estava mais.

- Eu saí. – Dyllan esclareceu – Fiquei com tanta raiva, me senti em desvantagem, sei lá. Fui para uma boate com o Mark e uns amigos dele. Tomei um porre, perdi o telefone e só no dia seguinte entendi que eu estava morrendo de ciúme. Mas aí quando fui te procurar não achei ninguém em casa. Fiquei umas quatro noites quase que acampado na escada, esperando você chegar, até que encontrei Olli e ele me falou que você tinha vindo embora para cá, para o Brasil. Na hora eu pirei.

- Ele não te contou sobre o acidente?

- O avião que caiu?

- É.

- Não, mas eu soube pelo jornal.

- Eu só voltei para o Brasil por causa disso. – tomei fôlego para seguir em frente – Mariana morreu no acidente.

- Quê? – Dyllan ficou em choque. – Mariana morreu? – repetiu para se certificar. – A sua amiga morreu?

Assenti com a cabeça.

- Eu sinto muito, Bia. Sinto muitíssimo. Eu não sabia... – de repente, quase que foi possível ouvir as peças do quebra-cabeça se encaixando no cérebro de Dyllan. – Isso quer dizer que você não voltou para o Brasil por causa dele, você voltou por causa de Mariana?

Balancei a cabeça em sinal positivo.

Dyllan fora ao Brasil tão preparado para uma disputa que perdeu a fala quando entendeu que não havia com quem competir.

- Não mudou nada, Dyllan. – garanti – Se é que você me entende.

Então, com toda sua presença hipnótica, ele se aproximou de mim, me envolveu em seus braços de um jeito muito especial, um jeito só dele. Não porque fosse irresistivelmente lindo ou sedutor, mas porque me revelava a todo momento o quanto era necessário na minha vida.

Ele emaranhou as mãos no meu cabelo e sussurrou bem baixinho ao meu ouvido:

- Eu te amo você. – Dyllan arriscou a frase em português e se enrolou com os pronomes.

Nem corrigi. Há tanto tempo esperava ouvir aquela frase...

- Love you too.

Então ele me abraçou ainda mais forte.

- Não some mais não, tá? – ele deu um longo suspiro, como se implorasse – Se não eu vou ter que instalar um chip de monitoramento via satélite em você e isso vai me custar muito caro.

- Nunca mais! – prometi, fazendo questão de olhar bem dentro dos olhos dele.

Dyllan era aquele tipo raro de homem a quem se podia confiar os mais verdadeiros sentimentos.

- Então me beija para eu saber que tá tudo bem. – ele disse e eu me derreti feito um picolé.

Dyllan se curvou na direção do meu rosto, enfiou as mãos por dentro da minha blusa, eu segurei o rosto dele e o beijei de uma maneira firme, intensa e apaixonada. Amor, certamente. De repente, aquele instante se bastou e a única coisa que precisamos fazer foi deixar a intenção fluir. Por mim, o mundo poderia ficar suspenso lá fora, sem acontecer. Simplesmente. Duas pessoas sempre sabem quando se pertencem. Eu e Dyllan sabíamos.

Alguns bons minutos depois, ele quebrou o silêncio, como se tivesse acabado de lembrar de algo muito distante.

- A minha mãe dizia lá em casa, para mim e para os meus irmãos, que no dia que uma garota roubasse a minha paz, eu teria que me casar com ela. – de repente, o rosto de Dyllan ganhou uma expressão mais séria – Bia, eu não durmo desde que você foi embora.

A minha primeira reação foi uma explosão de alegria porque depois dos trinta, eu já considerava essa hipótese muito mais para impossível que para remota. Entretanto, havia uma grande possibilidade de Dyllan estar empolgado pelo calor do momento e nem ter pensado direito no que disse. Até porque jamais havíamos tocado no assunto casamento antes. Por via das dúvidas, achei mais prudente não me animar.

- E o meu pai falava lá em casa que eu jamais deveria aceitar um pedido de casamento que não viesse acompanhado de um anel cravejado com nada inferior a diamante.

- É, eu sei... minha mãe mencionou esse lance do anel também, – disse, parecendo meio aéreo – mas nos últimos dias, eu só tive cabeça para arrumar malas, pedir visto no consulado brasileiro, trocar libras por reais, comprar guias do Rio de Janeiro, reservar hotel... – de repente, ele desfez o ar distraído e pareceu sério novamente – O problema é só o anel?

- É brincadeira ou é sério?

- Eu queria fazer parte da sua vida de verdade. Só isso.

- Mas a gente se conhece há tão poucos meses...

- Quantos meses são necessários? – ele perguntou, sabendo que eu não teria uma resposta objetiva – Eu não preciso de nem mais um dia para saber que eu quero.

- Nem eu, mas...

- Eu não quero mudar as coisas entre nós, Bia. Só acho que chegou a hora dessa brincadeira evoluir para a realidade.

É claro que eu também queria, mas o meu medo era que indo tudo bem, fosse tudo mal e o peso do casamento tirasse o brilho do nosso sentimento.

- Vamos fazer o seguinte, – propus – quando a gente voltar para Londres, tocamos novamente nesse assunto.

Ele pensou um pouco antes de responder.

- Combinado.

- Mas não esquece do anel.

- Interesseira!

Eu curtia uma sensação de alegria tão intensa que parecia que o meu coração ia partir. Porém, de repente o telefone tocou, e a alegria deu lugar a uma onda de pânico. Sob a ameaça de uma

visita surpresa de Arthur, tirei Dyllan de circulação com o pretexto de mostrar-lhe o pôr do sol em Ipanema.

Ele ficou fascinado.

Quem não fica?

Andando pelo calçadão, porém, percebi que a administração de um homem como Dyllan dava ainda mais trabalho numa cidade como o Rio de Janeiro. Foi preciso segurar-lhe forte pela mão para que nenhuma mulher o tirasse de mim. Dyllan, entretanto, não tinha a menor consciência de seu magnetismo, muito mais encantado ficou pelo biscoito O Globo – o salgado, porque o doce ele não gostou – e pela pelada dos garis no fim de tarde.

- Posso te pedir uma coisa? – Dyllan perguntou com os olhinhos verdes transbordando entusiasmo.

- Claro.

- Me ensina a falar português? – ele pediu entre animado e tímido.

Então nossa conversa foi abruptamente interrompida por um objeto voador não identificado. Mas dada a gritaria e a quantidade de homens correndo em nossa direção, entendi se tratar da bola de futebol. Dyllan se levantou e correu para pegá-la com tanto afinco que os caras foram perguntar se ele não estava a fim de completar o time.

Nem precisei traduzir e ele aceitou na hora com um largo sorriso, feliz por se sentir incluído, feliz por se socializar.

- Segura minhas coisas que eu vou lá jogar! – declarou, levantando-se apressado e tirando moedas, carteira e um embrulho todo amassado do bolso.

- O que é isso? – perguntei referindo-me ao embrulho.

- Sei lá. – disse Dyllan, tirando a camisa e jogando-a sobre mim – Mas só depois que eu paguei R\$ 20,00 por esse troço, seu porteiro me deixou subir. – finalizou, já afastando-se na direção dos garis.

Abri o pacotinho e não acreditei no que vi. “Bonde de Jê!”.

Das duas uma: Ou Joselito ia ficar rico vendendo CD ou pobre, perdendo o emprego.

Voltei o olhar para o jogo e Dyllan corria, chutava, caía e ainda assim mantinha um brilho próprio e especial. Não era só eu que achava isso. O grupo de mulheres atrás de mim repentinamente interessou-se pelo futebol dos garis e, de onde eu estava, podia ouvi-las especular obscenidades sobre sua performance entre gargalhadas e risinhos indecentes. Eu não as condenava. Dyllan era apaixonante. Muito mais do que elas podiam imaginar.

Mas era meu.

Que pena não ter tido a chance de apresentá-lo à Mariana...

Olhei para o céu, como sempre fazia, mas não com a tristeza ou a nostalgia de quem aguarda por respostas. Subitamente uma sensação de alegria plena se espalhou por todas as células do meu corpo. Não era uma alegria eufórica, nem momentânea, mas sim um sentimento contido de algo permanente e não passageiro.

Eu estava feliz. Muito feliz.

E P Í L O G O

Finalmente, Mariana chegou a Londres.

Depois que o médico garantiu que ela já estava totalmente recuperada, fora de perigo e pronta para fazer viagens longas, pegamos um voo direto e desembarcamos ontem à noite no Heathrow.

Acho que foi a melhor viagem que já fiz na vida. Viemos as duas de mãos dadas e eu não parava de falar, queria contar tudo, explicar minuciosamente todos os detalhes da vida que ela encontraria por aqui. Mas ela, coitada, estava tão cansada que dormiu a maior parte da viagem. Muitas vezes, no meio das minhas histórias. Eu nem me importei porque vê-la viva fazia qualquer coisa parecer bobagem.

Infelizmente, Dyllan não veio conosco porque pintou um assunto urgente no trabalho e ele teve que voltar para Londres uma semana antes da gente. Aliás, ele foi escolhido para assumir uma posição de chefia lá no Jornal e ficou super contente com a promoção. Merecida, por sinal.

Mas só Deus sabe os dias de agonia e expectativa que passamos de prontidão lá no hospital aguardando por notícias de Mariana. Os médicos disseram que foi um verdadeiro milagre ela ter sobrevivido e, o mais surpreendente, sem nenhuma sequela.

O apoio de Jonas foi fundamental porque quando resolvi ter o bebê no Brasil, meu pai fez questão que eu e Dyllan nos hospedássemos no apartamento dele. E quando Mariana nasceu, prematuramente, aos seis meses e meio, Dyllan ainda nem tinha chegado no Brasil. Foi Jonas quem me deu todo suporte prático e emocional.

Aliás, passado o impacto da primeira impressão, ele e Dyllan se deram maravilhosamente bem. Na véspera do nosso casamento lá da Austrália, Jonas até começou a colecionar os fascículos de um curso de inglês que vinha no jornal de domingo, só para poder se comunicar melhor com a família de Dyllan. Eu digo “nosso casamento lá da Austrália” porque na verdade foram três casamentos: Um na Austrália, um no Brasil e um em Londres.

Exatamente nessa ordem.

E desde então, meu pai todos os anos vai à Austrália. Acho que só se convence a voltar para o Brasil porque o Horta, que morava lá no Bloco 3, o convidou para trabalhar no Flamengo e ele está felicíssimo com a oportunidade. Do contrário, acho que ele ficaria lá pela Austrália mesmo. Também pudera, Dennis, o irmão mais novo de Dyllan, me contou que Jonas faz o maior sucesso com a mulherada em Sunshine Coast. Talvez o curso de inglês em fascículos tenha funcionado.

Agora deixe-me contar sobre família de Dyllan. Martha, minha sogra, é uma completa desmiolada. Eu, imaginando que ela fosse uma pessoa normal e de gosto mediano, cometi a

imprudência de deixar a decoração da cerimônia na Austrália por sua conta. No dia do casamento, quase tive um treco quando entrei na igreja e me deparei com a decoração. Lilás e marrom. Dá para ver minha cara de pânico nas fotos. O padre celebrava o casamento e eu só pensava: “Meu Deus do céu, de onde essa maluca tirou essa combinação?”.

Bernard, o pai de Dyllan, também não fica muito atrás no quesito irresponsabilidade e me deixou tensa sumindo com meu pai, Dyllan, Darwin e Dennis, os irmãos de Dyllan, no dia do meu casamento. Finalmente, quando voltaram, uma hora antes da cerimônia, os cinco juraram que estavam pescando. Quem acreditou?

Claire, a esposa de Dennis, o irmão que vive nos Estados Unidos, ficou tão pau da vida que deu um barraco digno de novela das oito. Taí, gostei dela, a única pessoa normal da família. Eu, no embalo, também dei um chega para lá em Dyllan. Em português, porque àquela altura ele já tinha uma compreensão muito boa. Boa o bastante para compreender – e falar – todos os xingamentos disponíveis no idioma e entender perfeitamente a pendenga judicial que se transformou o meu apartamento de Botafogo, mesmo quando eu falo em código com os advogados, para ele não compreender que Arthur continua dificultando a venda do imóvel.

Outro dia Raquel me ligou contando que Arthur e Ruth se deram uma segunda chance, mas não se acertaram mesmo. Ruth acabou arranjando um emprego em São Paulo enquanto Arthur se entregou de vez ao estilo de vida oba-oba, aparecendo no escritório com olheiras profundas, ressaca e mau humor.

Porém, no dia do meu casamento do Brasil aconteceu um lance inusitado. Sem mais nem menos, Arthur apareceu no salão de beleza que eu estava me arrumando. Levou flores, me desejou felicidades e me deu um abraço muito carinhoso. Nem tocamos no assunto do apartamento e eu confesso que gostei de vê-lo. Nunca entendi como ele me achou lá, mas fiz questão de esquecer o fato. Inclusive, obriguei todas as minhas amigas presentes, incluindo as surtadas da Daise e da Claudia – essas aí continuam na mesma – a jurarem nunca comentar o lance com ninguém, sob a ameaça de não botar o nome delas debaixo da saia do meu vestido.

Tio Walter e tia Clarissa ainda não conseguiram superar o trauma. Talvez nunca consigam. Mas logo depois do acidente, os dois filiaram-se a uma entidade que ajuda pessoas a lidar com perdas e o trabalho assistencial tem sido muito positivo para a própria recuperação deles. Aliás, por falar no acidente, dois meses depois da queda do avião, o último corpo foi localizado, era o de Mariana. Apesar desse fato não mudar nada, tive uma crise de choro quando recebi a notícia. Na verdade, o acidente até hoje me faz chorar. Principalmente quando lembro que, mesmo condenados judicialmente, os pilotos responsáveis pela queda do Boeing continuam livres, vivendo tranquilamente em seus países e, pior, voando para insegurança total da aviação.

É lamentável...

A cobertura do acidente rendeu a Chima o prêmio de fotografia do ano e ele estava radiante no meu casamento do Brasil. Não só pelo prêmio em si, mas também porque estava prestes a ser papai. Raquel, linda num vestido vermelho cintado, exibia toda orgulhosa a barriguinha de quatro meses. Na época eles nem podiam imaginar que não era um, mas sim dois bebês! Tais e Gabriel, um casal de gêmeos muito fofo.

Quem também ganhou um prêmio foi Olli e agora ele é tão celebridade quanto as celebridades

que maquia. Recentemente, fechou contrato com uma revista feminina e assina uma coluna sobre dicas de maquiagem e moda. Acho que dá para imaginar o quanto ele está se achando, néam?

Lacuená até hoje procura um assistente pessoal para botar no lugar dele e reza a lenda que o que durou mais tempo ficou na Bryon por quinze dias.

Enquanto isso, Fleur foi a falência. Parece que ele aparou o cabelo de uma modelo-e-atriz mais do que devia e ela deu um chique indo a todos os tabloides britânicos culpar Fleur pela carequice que, segundo fontes, a fez perder o papel principal no novo filme do Woody Allen. A partir daí descobriram que Fleur não era francês coisa nenhuma e ele foi deportado para a Albânia.

Eu e Pá tivemos que arranjar outro cabeleireiro, Gerson, um baiano que jura que é italiano (também não entendo, acho que é coisa de cabeleireiro).

Pá se dedicou com afinco à carreira de mãe. Depois que Dante nasceu, ela engravidou novamente e já está no sétimo mês de gravidez. Dessa vez espera uma menina, vai se chamar Camille. Ah claro, já ia esquecendo de dizer... O pai do bebê é Peter, aquele amigo de Mark que apareceu no pub no dia do jogo do Brasil. Sim, o romance deles engrenou e tio Sukita, tiosukitamente, foi visto na maior tiosukitice na saída de um show da Britney Spears.

Depois de muita confusão, o triângulo amoroso formado por Mark, Laura e Kate quase terminou em barraco no meu casamento de Londres. Ninguém nunca soube exatamente o que houve, porque os três contam histórias diferentes, mas, basicamente, Mark se relacionava com Kate e Laura ao mesmo tempo, sem que uma soubesse da outra. No dia da cerimônia do meu casamento, com as duas no mesmo ambiente, ficou difícil segurar e se não fosse a fineza de Lisa e Phill para contornar a situação, minha festa de casamento teria estampado as páginas policiais do The Sun.

Ah... Outra coisa! Adivinhem quem pegou o buquê do meu casamento de Londres! Ela mesmo. Feiona, quer dizer, Fiona. Mas até agora não casou. Bom, parando de secar o meu marido, eu já me dou por satisfeita.

Ontem, quando cheguei no aeroporto de Londres, li na revista a crítica de um filme que acabou de estreiar. De acordo com a sinopse, o filme conta a saga de uma andrógena que retira quatro costelas para praticar sexo oral em si própria. Antes mesmo de ler o nome do roteirista, eu já suspeitara que Alisson estava na parada.

Agora sucesso mesmo foi o “Bonde de Jê!” que virou hit nas rádios de todo o Brasil. Joselito é a revelação do ano! Durante a semana se divide entre as gravações do programa de televisão e palestras motivacionais para empresas. Já aos sábados e domingos, se apresenta em cultos, shows e showmícios (para promover os políticos de sua Igreja). Até o fim do ano, sua agente – a bispa Nicéia, que fazia participação no seu CD, mas não bombou tanto quanto ele – está batalhando o lançamento de um livro. Deve se chamar: “Joselito, um homem de Jê”.

Eu e Dyllan agora moramos em Bayswater. Nos mudamos para uma casa maior e com jardim para Mariana brincar quando ficar maiorzinha.

Amanhã é meu aniversário de 32 anos e, embora seja impossível não associar este fato à partida de Mari, esse ano será diferente porque tenho minha filhinha comigo. Além disso, Dyllan disse que me preparou uma surpresa.

Aliás, eu e Dyllan estamos ótimos e um monte de coisas aconteceu nestes dois anos.
Mas aí já seria estória para um outro livro.
Quem sabe eu não escrevo...?

Para baixar mais livros como esse, acesse: e-Livros.xyz